

ISABEL ROBOREDO SEARA

DA EPÍSTOLA À MENSAGEM ELECTRÓNICA

METAMORFOSES DAS ROTINAS VERBAIS



TESE DE DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA

**UNIVERSIDADE ABERTA
LISBOA, 2006**

ISABEL MARIA LOUREIRO DE ROBOREDO SEARA

DA EPÍSTOLA À MENSAGEM ELECTRÓNICA

METAMORFOSES DAS ROTINAS VERBAIS

Tese de Doutoramento em Linguística,
na especialidade de Linguística Portuguesa,
sob a orientação da Professora Catedrática
Maria Emília Ricardo Marques

UNIVERSIDADE ABERTA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS
LISBOA, 2006

“Da epístola à mensagem electrónica - Metamorfoses das rotinas verbais” é um estudo que tem como objectivo reflectir sobre a problemática do género epistolar, preterido nas análises linguísticas em Portugal.

A análise do texto epistolar reveste-se, contudo, de uma grande complexidade, a que não é alheio o carácter de confluência disciplinar subjacente à natureza do próprio texto.

A versatilidade do *modus epistolaris*, desta expressão nómada do pensamento, renitente e insubmissa quanto à sua classificação, incita a um entrecruzamento de olhares que, no caso presente, são tributários da história da literatura, da epistolografia, da retórica, e de diferentes correntes de análise linguística. O modelo de análise AICE (Análise Interactiva do Discurso Epistolar) que foi concebido, no âmbito desta investigação, corrobora essa perspectiva e pretende integrar e consolidar esse rumo.

Evidencia-se, neste trabalho, a importância dos textos epistolares, encetando, numa atitude prospectiva, a divulgação de textos esquecidos, letárgicos ou descurados de consagrados epistológrafos portugueses.

A investigação visa, assim, perscrutar as metamorfoses das rotinas verbais em textos epistolares, quer apontando a negligência da estrutura clássica e rígida da epístola, quer evidenciando a imutabilidade de algumas rotinas e a concomitante volubilidade de outras, em consequência da distinta e específica temporalidade da forma electrónica.

A partir da defesa e comprovação da hipótese, inicialmente traçada, do “renascimento” ou do “reconhecimento” do género epistolar, a investigação pretende contribuir para a edificação de uma teoria do *modus epistolaris*.

«De l'épître au message électronique – Métamorphoses des routines verbales» est une étude qui se propose de réfléchir sur la problématique du genre épistolaire négligé dans le cadre des analyses linguistiques au Portugal.

Cependant, l'analyse du texte épistolaire se revêt d'une grande complexité en partie due à la confluence disciplinaire sous-jacente à la nature du texte lui-même.

La versatilité du *modus epistolaris* – expression nomade de la pensée, insoumise et obstinée, résistant ainsi à toute classification -, incite dès lors à un croisement de regards qui, dans ce cas, font converger l'histoire de la littérature, l'épistolographie, la rhétorique et plusieurs tendances de l'analyse linguistique. Le modèle d'analyse AICE (Analyse Interactive du Discours Épistolaire), conçu dans le cadre de cette recherche, confirme cette perspective et prétend intégrer et consolider cet itinéraire.

Cette étude met en relief l'importance des textes épistolaires, ébauchant, à travers une attitude prospective, la divulgation de textes oubliés, ensevelis, ou négligés de certains épistoliers portugais renommés.

La dissertation s'emploie à scruter les métamorphoses des routines verbales au sein des textes épistolaires, soulignant soit les écarts par rapports à la structure rigide et classique de l'épître, soit l'immutabilité de certaines routines ou leur extrême volubilité due à une temporalité différente qui émane de la forme électronique.

Cherchant à soutenir l'hypothèse de départ selon laquelle il existe une "renaissance" ou une "reconnaissance" du genre épistolaire, cette recherche prétend contribuer à édifier une théorie du *modus epistolaris*.

“Da epístola à mensagem electrónica - Metamorfoses das rotinas verbais” is a study that aims at discussing the epistolary genre, a field of research which has been overlooked by linguistic analysis in Portugal.

The analysis of epistolary texts is rather complex, not least because of the confluence of different disciplines in the very nature of the text.

The versatility of the *modus epistolaris* - this nomadic expression of thinking, rebellious and resisting classification - invites a multiply focused approach. In my analysis, literary history, epistolary literature, rhetoric, and different approaches of linguistic analyses were used. The model of analysis IAED (Interactive Analysis of Epistolary Discourse), which was conceived in the course of this doctoral research, stresses this perspective, and intends to integrate and strengthen this kind of approach.

This work shows the relevance of epistolary texts of celebrated Portuguese writers, and undertakes, prospectively, the publication of their often forgotten and neglected epistles.

The goal of this dissertation is to investigate the metamorphosis of verbal routines in epistolary texts, indicating either the abandonment of the classical and rigid structure of the epistle, or the immutability of some routines and the resulting volatility of others, as an effect of the distinct durability of the electronic form.

Rooted in the proof and defence of the hypothesis of a «renaissance» and «reconnaissance» of the epistolary genre, this research aims at contributing to the construction of a theory of the *modus epistolaris*.

Resumo/ Abstract/Résumé

In Limine i-x

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| 1. Epistolar: a transumância da palavra | |
| 2. Objectivos | 5 |
| 3. O <i>corpus</i> em análise | 7 |
| 4. Apresentação do quadro metodológico | 10 |
| 5. Organização dos capítulos | 12 |

PARTE I

O GÉNERO EPISTOLAR: *A PROFECIA DA PALAVRA*

| | |
|---|-----|
| Introdução | 17 |
| Capítulo 1 – O Conceito de Epistolar | 19 |
| Capítulo 2 – Teorias do Epistolar: recensão crítica | 37 |
| 1. Estudos de filiação histórico-literária | |
| 2. Estudos de reflexão sociológica e antropológica | 68 |
| 3. Estudos de complementaridade pragmático-linguística | 73 |
| Capítulo 3 – Para uma breve história da epistolografia | |
| 1. Os grandes epistológrafos da Antiguidade Clássica | |
| 1.1. A epistolografia grega | 82 |
| 1.2. A epistolografia latina | 88 |
| 1.3. A epistolografia cristã | 103 |
| 2. A primitiva epistolografia portuguesa | 117 |
| 3. A epistolografia na época de Quinhentos | 126 |
| 4. O Renascimento da literatura epistolar no século XVII | 143 |
| 5. O apogeu da carta no século XVIII | 154 |
| 6. Os epistológrafos modernos e contemporâneos | 161 |
| Conclusão | 187 |

PARTE II**ESCREVER, COMUNICAR, CORRESPONDER-SE? A SIMBIOSE DA PALAVRA**

| | |
|---|-----|
| Introdução | 191 |
| Capítulo 1 - A comunicação omnipresente | 193 |
| 1. Teorias positivistas | |
| 1.1. Teoria matemática da informação | 195 |
| 1.2. Teoria da comunicação em 2 etapas (<i>two-step flow</i>) | 198 |
| 2. Teorias sistémicas | |
| 2.1. O modelo sociométrico | 199 |
| 2.2. O modelo transaccional | 200 |
| 3. Teorias estruturais | |
| 3.1. Modelo saussuriano | 203 |
| 3.2. O modelo de Jakobson | 205 |
| 4. Teorias psicológicas | |
| 4.1. Teorias de Bloomfield e Morris | 207 |
| 5. Teorias interaccionistas | 208 |
| 6. Teorias etnometodológicas | 212 |
| Capítulo 2. Apresentação do modelo AICE | |
| 1. Pressupostos metodológicos da concepção do novo modelo | 216 |
| 2. Rotinas verbais e sua dimensão configuracional | 233 |
| Capítulo 3. Validação do modelo AICE | |
| 1. Análise de textos epistolares | 245 |
| 1.1. Carta de amor | 246 |
| 1.2. Carta de condolências | 274 |
| 2. Rotinas verbais | 278 |
| 2.1. Rotinas de abertura | 281 |
| 1. Acto de localização espaço-temporal | 282 |
| 2. Expressão apelativa conjuntiva | 287 |
| 3. Comentário sobre o quadro espaço-temporal | 290 |
| 4. Acto de acusação de recepção | 293 |
| 5. Acto de pedido de desculpa | 294 |
| 5.1. Realização directa do acto do acto de pedido de desculpa | |
| 5.2. Realização indirecta do acto de pedido de desculpa | 295 |
| 6. Acto de justificação | |
| 6.1. Referências à saúde | 297 |
| 6.2. Referências ao estado do tempo atmosférico | 298 |
| 6.3. Atrasos da posta e/ou serviços | 299 |
| 7.A. Acto de agradecimento | 299 |
| 7.B. Acto de reprovação | 301 |

| | |
|---------------------------|-----|
| 2.2. Formas de tratamento | 303 |
| 2.3. Rotinas de pré-fecho | 311 |
| 2.4 Rotinas de fecho | 315 |
| 3. <i>Topoi</i> | 329 |
| Conclusão | 356 |

PARTE III

CORREIO ELECTRÓNICO – *O SORTILÉGIO DA PALAVRA*

RENASCIMENTO E/OU RECONHECIMENTO DO GÉNERO EPISTOLAR?

| | |
|--|-----|
| Introdução | 358 |
| Capítulo 1 - Para uma breve história do correio electrónico | |
| 1. A @ventura digital: a construção da nova interactividade | 361 |
| 2. O correio electrónico e as outras formas de CMC | 366 |
| 3. Género epistolar electrónico e outras formas de comunicação pré-numéricas: comparação | 374 |
| 4. A emergência da modalidade oral | 383 |
| Capítulo 2 - Especificidades do correio electrónico: <i>o hibridismo da palavra</i> | |
| 1. Estatuto ambíguo de uma variante emergente | 391 |
| 2. Elementos estruturais do discurso epistolar electrónico | |
| 2.1. Designação | 397 |
| 2.2. Elementos peritextuais | 398 |
| 2.3. Elementos do corpo da mensagem | |
| 2.3.1. Sequências de abertura | 403 |
| 2.3.2. Sequências de fecho | 404 |
| 2.4 Assinatura electrónica | 405 |
| 3. Especificidades do correio electrónico | |
| 3.1. Elevada interactividade | 406 |
| 3.2. Hibridismo | 408 |
| 3.3. Efemeridade | 410 |
| 3.4. Informalidade | 412 |
| 3.5. Carácter espectral: identidades reais ou fictícias? | 413 |
| 3.6. Carácter interdialogico | 414 |
| 3.7. O paradoxo da solidão interactiva | 415 |
| 3.8. A dinâmica da sequencialidade | 416 |
| 3.9. Desmaterialização textual | 417 |
| 3.10. Conexidade | 419 |
| 3.11. Evanescência electrónica e/ou ilusão da sincronia | 420 |
| 3.12. Dinamismo | 422 |

| | |
|--|-----|
| Capítulo 3 - Estratégias de enunciação na mensagem electrónica: | |
| <i>a conversão da palavra</i> | 424 |
| 1. Pontuação múltipla e expressiva | 427 |
| 2. (Des)respeito das regras ortográficas e tipográficas | 430 |
| 3. Presença de neologismos e neografias | 431 |
| 4. Citação automática | 433 |
| 5. Aberturas e fechos na mensagem electrónica | 435 |
| 6. Didascálias electrónicas | 437 |
| Conclusão | 440 |
| Conclusões: O epistolar como género discursivo | 442 |
| Bibliografia | |
| 1. <i>Corpora</i> epistolares e trabalhos sobre epistolografia | 450 |
| 2. Epistolar | 465 |
| 3. Geral | 494 |
| 4. Epistolar Electrónico | 535 |

In Limine

Aprendi a escrever cultivando esses contagiosos gestos epistolares que meu pai, desde cedo, me desvelou, me ensinou e me incutiu. Essas missivas que consagram a escrita como aproximação, que inscrevem, na alvura da página, persistente e dialogicamente o outro e que buscam, de forma errante e fugidia, a comunhão de encontros e de sentidos.

O facto de ter estudado aspectos hermenêuticos e retóricos das rotinas epistolares impele-me a não descurar ou ignorar o seu lado convencional, obrigando-me a recorrer a lugares-comuns e, em particular, ao topos da sinceridade, pois é esse, decerto, o único que permite provar aqui, justamente, o meu reconhecimento sincero.

Escrever uma tese, ainda que, em singulares momentos, dê a sensação de ser um acto individual de criação, descoberta e conquista, é um trabalho continuamente sujeito aos assaltos da dúvida, aos perigos de esmorecimento, aos riscos de solidão. Consola, por isso, constatar que, em muitos momentos da investigação, em infinitos atalhos do percurso, foram inúmeras as vozes amigas, múltiplos os alentos que fizeram brotar e/ou ressurgir a força para a prossecução.

*Assumindo o desvio relativamente à norma de apresentação das palavras prévias de agradecimento, que trivialmente inauguram os trabalhos académicos, ousou manifestar, **sob forma epistolar**, a minha enorme gratidão a todos quantos contribuíram para que esta tese visse a luz. Manifestá-la-ei assim, já que foi essa a forma que cultivei em exclusividade nos últimos anos, não apenas por exigências da investigação como, inopinada, malograda e coincidentemente, a forma exclusiva e única de diálogo com meu pai, meu mestre de vida e da “ars epistolaris”, através da qual continua a estampar e a assinar a sua contagiante força de viver.*

Lisboa, 10 de Outubro de 2006

Estimada Professora Catedrática Maria Emília Ricardo Marques,

A si será sempre devido o agradecimento inaugural e principal. A si, porque lhe devo, querida Professora, a inspiração e a direcção dos primeiros passos, desde os seus inolvidáveis seminários de mestrado em Linguística Aplicada (ou seria Implicada?) até à forma como me recebeu e me acompanhou no Departamento de Língua e Cultura Portuguesas, encorajando-me sempre a encetar novos percursos e a aceitar ousados desafios. A si, Caríssima Professora, que aceitou orientar este trabalho que pacientemente leu e questionou; a si que, com a sua enorme simplicidade e benevolência me honrou sempre com a partilha do seu saber, desde o remoto e valioso Método de Escrever Cartas, que perscrutou para mim num recôndito alfarrabista, até às mais recentes notas sobre a interacção electrónica - conservá-los-ei como testemunhos do seu generoso apoio à minha investigação.

Para si, querida Professora, pela inestimável presença e paciência, sempre apostada em aceitar os meus repetidos adiamentos, em compreender as minhas infinitas dúvidas e em sugerir caminhos de reflexão sempre mais seguros, fica o meu bem-haja sincero.

Ex.^{mo} Senhor Magnífico Reitor da Universidade Aberta, Professor Catedrático Carlos Reis,

Desejo, sincera e reconhecidamente, agradecer-lhe a oportunidade que a Universidade Aberta me concedeu para a transferência da minha inscrição da tese de doutoramento da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a nossa Universidade, as condições facultadas durante o precioso período de licença, o apoio sempre incondicional nas deslocações a congressos nacionais e internacionais e, ainda, a delicadeza que manifestou na compreensão das circunstâncias particulares que protelaram a fase final da redacção do texto. Muito obrigada pela confiança em mim depositada.

Ex.^{ma} Directora do Departamento de Língua e Cultura Portuguesas, Professora Doutora Isabel Barros Dias, queridíssima amiga:

A missão de dirigir o departamento é um desafio que só uma pessoa com elevado espírito de serviço à comunidade e dever ético-profissional pode desempenhar com perfeição. Senti sempre pelos teus gestos discretos, pelo teu espírito sereno e conciliador que era possível prosperarem novas energias no DLCP. Ficarei sempre em dívida para contigo pela força e o apoio que incessantemente me deste, sobretudo, em momentos de maior fragilidade. Agradeço-te também teres-me ajudado a descobrir quão próximo e vital é o convívio dos estudos medievais e dos estudos epistolográficos.

Queridíssima Amiga Isabel Falé

Foram os trabalhos académicos que nos aproximaram e que proporcionaram que estreitássemos esta amizade que, de tantas cumplicidades, faz com que, aos olhos de muitos, pareçamos aquelas “manas” da linguística.

Querida amiga, não sei como dizer-te tudo o que representas para mim, nem como agradecer-te o entusiasmo constante e contagiante que transmites, a disponibilidade total que gratuitamente mes confias, a generosidade, a paciência e o rigor com que aceitaste sempre corrigir os meus escritos, o apoio exclusivo e milagroso nas mil e uma agonias informáticas...

Agradeço-te, Isabel, a partilha e a cumplicidade diárias na realização deste trabalho, presentes no ombro sempre amigo, pronto a suster os meus inúmeros desânimos e vicissitudes e sempre disposto a tranquilizar-me e a encorajar-me.

Sinto, sem dúvida, que é um enorme privilégio ser tua Amiga.

Querida Amiga Susana Mântua

A concepção e maturação deste trabalho são, em muito, devedoras, da tua ajuda. Ajuda preciosa, porque tu és e serás sempre a Amiga do peito, a confidente, a cúmplice.

Inesquecíveis foram todos os momentos que vivemos na Universidade em busca de mais e mais referências bibliográficas, memoráveis os dias que passámos em Paris, sempre à volta do “épistolaire”, na memória ficarão para sempre as lágrimas que sorrateiramente enxugámos quando juntas, por tudo e por nada, nos comovemos.

Senti que comungaste sempre, desde o primeiro momento, do interesse desta minha investigação e os teus gestos singulares de me ofertares aqueles peregrinos e recônditos exemplares de epistolários antigos, desvelados nos alfarrabistas do Largo do S. Carlos, testemunham bem do quanto porfiaste, sempre em prol de uma amizade que eu nem sei merecer nem gratificar.

Tenho também a certeza de que te devo a atenção e generosidade com que leste o trabalho, corrigindo erros, gralhas e demais imperfeições que, com todo o rigor que te caracteriza, sempre foste encontrando e denunciando.

Ficar-te-ei eternamente grata pelo que fazes por mim!

Querida amiga e conterrânea, Artista, Ana Cristina

Não sei como redigir o meu agradecimento para contigo: se a nossa comungada ascendência e vivência beirãs, que sempre partilhámos com orgulho e empenhamento, nos uniu desde a infância, estou certa de que a amizade que, gratuitamente, ao longo destas décadas de vida me tens dedicado, não se pode agradecer nem retribuir.

Tenho, todavia, a certeza, de que este trabalho é totalmente devedor da tua atenção, da tua generosidade, que permitiu transformar um texto simples e despojado num trabalho primoroso de criatividade artística. Foste tu, querida amiga que o salvaste do naufrágio que estive, várias vezes, na iminência de sofrer e que, com uma paciência infinita, lavraste todos os grafismos que, com todo o teu elevado sentido artístico, o puderam valorizar. Contigo

aprendi muito: a importância do sentido estético, para mim árduo e inacessível, mas, sobretudo, o valor autêntico da amizade.

Caro Amigo, Paulo Nunes da Silva,

A tua generosidade, a tua amizade, o teu olhar metódico, a tua paciência, constituíram sempre uma fonte de constante motivação em todos os trabalhos que tenho desenvolvido. Desde as nossas audaciosas aventuras pelo Portugal profundo a ensinar Introdução aos Estudos Linguísticos, aos congressos da APL, até aos múltiplos projectos que concebemos juntos, pude comprovar que, tal como nos textos epistolares com que te importuno frequentemente, a distância não impede que edifiquemos este trabalho colaborativo e profícuo.

Muito obrigada, sobretudo, pela tua confiança e pela tua tolerância aos delírios retóricos dos meus escritos.

Estimados Professores e Colegas da Universidade Aberta e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa,

O vosso testemunho intelectual, a vossa amizade, têm sido para mim, ao longo de todos estes anos, um verdadeiro estímulo e desafiam-me constantemente a saber merecer-vos e honrar-vos. Aqui fica registada a minha profunda gratidão por tudo o que me têm ensinado, sobretudo, o reconhecimento constante da incompletude do meu próprio saber:

Ao Carlos Carreto, pela partilha abnegada e constante dos seus dons: o da escrita sedutora com que me deslumbras e inspiras, o das traduções exímias com que, em múltiplas situações de aflição, me brindas, o das palavras cativantes que me tranquilizam.

*À **Hanna Batoréo**, pela confiança em mim depositada nesta aventura da Linguística, desejo, sobretudo, agradecer-lhe os estímulos positivos constantes que sempre me dirige após as minhas prestações públicas, e que muito me têm honrado, assegurando-lhe o firme compromisso de, num futuro próximo, me aprestar dos seus doutos fundamentos cognitivistas.*

*À **Ana Nascimento Piedade**, com quem partilho a cumplicidade da estética literária e, nomeadamente, epistolográfica, o meu tributo de gratidão pelos seus gestos amigos, pelo seu auxílio bibliográfico inestimável para este trabalho. Sinto que, em muitas circunstâncias, comungamos do mesmo fascínio modernista e contemporâneo e espero poder continuar a aprender com os seus múltiplos e lapidares escritos.*

*À **Ângela Barreto Xavier**, não posso deixar de agradecer a amizade e a ajuda preciosa nestes anos de investigação, sobretudo nos passos mais difíceis e vacilantes. Devo-te esse estímulo constante no diálogo interdisciplinar, na partilha de gostos, de experiências e de desafios que me mostraram o quanto tenho a aprender com o teu entusiástico e vastíssimo conhecimento histórico e sociológico.*

Às amigas Paula Mendes Coelho, Ana Rita Padeira, Maria João Branco, Teresa Nobre de Carvalho, Ana Isabel Vasconcelos, Rosário Lupi Bello, Helena Malheiro, Glória Bastos, Helena Manuelito, Isabel Saraiva, Isabel Rego e Fátima Silva desejo expressar, de um modo muito especial, a minha gratidão pela amizade que, podemos comprová-lo, é possível edificar no seio da comunidade universitária.

São devidas igualmente umas palavras de gratidão às investigadoras da Association Interdisciplinaire de Recherche sur l'Épistolaire que sempre me acolheram e me estimularam a prosseguir, pese embora a forma solitária das minhas perseverantes presenças nesses encontros:

Chère Professeur Geneviève Haroche -Bouzinac,

Je voudrais vous dire toute ma gratitude pour votre aide précise, dont vos conseils et vos encouragements ont été grandement profitables. Je voudrais vous rendre ici un témoignage spécial de reconnaissance et d'admiration.

Chère Professeur Odile Richard-Pauchet,

Je voudrais vous témoigner ma vraie reconnaissance pour votre amabilité, votre générosité, vos encouragements et vos innombrables et patientes précisions.

Meus queridíssimos Pais,

Sois — sabeí-lo bem — arautos, paladinos, mestres dos valores da família, do trabalho, da união e do amor. Sois meus insígnies mestres de vida!

Tenho consciência que tudo vos devo e, incapaz de agradecer e retribuir as vossas inestimáveis lições de vida, resta-me professar aqui, de forma penhorada, impregnada da minha costumada emoção, o meu bem-hajam sincero.

Amo-vos muito.

Querida Judite e querido mano,

Sabeis quanto vos admiro por serdes exímios e brilhantes no exercício profissional — verdadeiros exemplos do espírito mais nobre de missão e serviço aos outros!

Para além de vos agradecer a muita erudição que recebo continuamente de vós, o que quero aqui expressar-vos é a minha eterna gratidão pela amizade que me dedicam, pela ajuda e incentivo permanentes.

Querido Carlos,

A gratidão para contigo é ilimitada e a sua expressão mais adequada ficará fiel e confididamente selada nos nossos escritos íntimos, de que tu és, sem dúvida, o maior entusiasta e cultor.

Procurei cumprir este sonho lutando, trabalhando, porfiando. Os dons eram escassos, os propósitos temerários e as contingências imprevisíveis e tu ajudaste-me sempre a ultrapassar as minhas precárias fraquezas e a ser firme neste caminho.

Para ti que, desde o início te entusiasmate com o modus epistolaris, que tens sido também meu orientador, que acreditaste, mais do que eu própria, nas minhas poucas

capacidades e me demonstraste sempre, com infinito amor, os valores da coragem e da persistência, sobretudo nos momentos de desânimo, creio que, para ti, este trabalho é a única forma que tenho de amortizar, sem remir, esta dívida de gratidão e a única recompensa que posso dar-te é a certeza da comunhão da nossa vida.

Kridas filhas,

Este trabalho cresceu convosco. Porque, com a graça de Deus, partilhamos a vida de forma intensa, sinto que fostes sempre interlocutoras presentes e privilegiadas de toda esta vivência de aturada investigação e de complexa e interminável redação. Não fosse a vossa incomensurável compreensão da minha permanente necessidade de ascetismo, a pacífica aceitação da turbulência das minhas sucessivas oscilações de humor, não fosse o vosso amor abnegado e vosso devotado carinho, teria sido, decerto, vítima das minhas mil fraquezas.

Gostaria de ter correspondido, com igual devotamento, a todas as expectativas que em mim depositastes, mas tenho de reconhecer humildemente que nem sempre consegui estar à altura dos vossos desejos.

Fica, porém, a consolação de que a “ars epistolaris” nos aproximou e nos ensinou a ser melhores e mais cúmplices.

Hoje, o meu obrigada sincero vem acompanhado da promessa - desta vez para valer - que poderemos, doravante, continuar aquelas conversas que a mãe tantas vezes interrompeu ou adiou...

Por fim, é-me grato reconhecer também que a realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Camões, do Centro Nacional de Cultura, dos Centros de Linguística das Universidades de Lisboa e do Porto, da Fundação de Alorna e Fronteira que, por me terem concedido bolsas e/ou me terem proporcionado excelentes condições de trabalho, me honraram com privilégios que me sinto incapaz de retribuir.

Durante o período que desenvolvi a investigação e a redacção deste estudo tive a honra de poder apresentar e discutir algumas das análises parcelares nas “Journées d’études” promovidas pela Association Interdisciplinaire de Recherche sur l’Épistolaire, nos anfiteatros da Universidade Sorbonne Paris VII, nos seminários da École des Hautes Études en Sciences Sociales, nos colóquios da LADA, International Association for Dialogue Analysis e, ainda, no seio do grupo de Lyon, GRIC (Groupe de Recherches sur les Interactions Communicatives), liderado por Catherine Kerbrat-Orecchioni. As participações nestes encontros internacionais revelaram-se de extrema importância no desenrolar do trabalho, na medida em que pude responder a questões, agradecer as preciosas observações críticas e, assim, ressarcir os escritos finais.

Obrigada a todos os dilectos amigos de todas as horas.

Introdução

Meu amigo:

Escrevo-te para daqui a um século, cinco séculos, para daqui a mil anos... É quase certo que esta carta te não chegará às mãos ou que, chegando, a não lerás. Pouco importa. Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque é ela a forma de comunicação mais directa que suporta uma larga margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo. Além disso, seduz-me o halo de aventura que rodeia uma carta: papel de acaso, redigido numa hora intervalar, um vento de acaso o leva pelos caminhos, o perde ou não aí, o atira ao cesto dos papéis e do olvido, ou o guarda entre os sinais da memória.

Vergílio Ferreira, *Carta ao Futuro* (1985: 9-10)

1. Epistolar: a transumância da palavra

Savoir qu'on n'écrit pas pour l'autre (...)

Savoir que l'écriture est précisément là où tu n'es pas

C'est le commencement de l'écriture.

Roland Barthes¹

Numa acepção filosófica, Gilles Deleuze, a propósito da noção de sujeito, afirmou “un mot ne veut dire quelque chose que dans la mesure où celui qui le dit

¹ Roland Barthes, *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977, p. 116.

veut quelque chose en le disant”² e é esse o desejo de explicar a motivação e a concomitante intenção na escolha deste título, ambíguo porque literário, incerto porque metafórico, obscuro porque semanticamente vacilante.

A nossa vivência beirã – ousamos aqui invocar o nosso elo obstinadamente amarrado às origens – é indissociável de algumas manifestações que, silenciosa e sub-repticiamente, ficam, de uma forma indelével, marcadas na memória.

Estes movimentos sazonais de rebanhos que abandonam as suas terras para serem apascentados, durante uma temporada, em pastos com condições orográficas e climáticas mais favoráveis, esta actividade transumante dos rebanhos (exemplarmente descrita por Ferreira de Castro³) eram rotinas de um quotidiano beirão, serrano, de uma agricultura e pecuária - que teimam em permanecer – de resignada subsistência.

Da transumância em Portugal pouco mais resta do que as reminiscências etnograficamente celebradas em rituais avulsos. Escasseiam pastores e rebanhos, mas é certo que onde falha o costume, sobra a memória.

E aqui reside a analogia com o texto epistolar, esta forma igualmente proscrita que constitui o objecto, por excelência, da nossa investigação.

O carácter migratório da palavra - que ruma em silêncio em busca de interlocutor atento, fiel e confidente - em tudo se assemelha à dos rebanhos, por canadas e veredas, à procura de lugar ameno, farto e fausto de pastagem.

A transumância, tal como a escrita epistolar, segue regras de comportamento, de estruturação, não vá o cordeiro tresmalhar-se ou o lobo sorrateiramente atacar. A imprevisibilidade da chegada, da recepção preside também à interacção epistolar, passando pelos acasos insondáveis da circulação.

² Gilles Deleuze, *Nietzsche et la Philosophie*, Paris, PUF, 1970, p. 84.

³ Ferreira de Castro descreve estas ambiências serranas em dois romances: *A Lã e a Neve* (1947) e *A Terra Fria* (1934).

A ideia dual subjaz a este movimento transumante: do rebanho e do pastor, do sopé para o cume da serra, da segurança e do risco, da minguagem e da fartura.

A díade, presente na génese epistolar, revela-se igualmente na conversão do pensamento em palavra inteligível, conjuga-se na impressão volátil e peregrina da palavra com a contingente ou efectiva possibilidade de perpetuidade.

A escrita epistolar, vagabunda, desenha esta geometria discursiva, do *eu* e do *outro*, do aqui e do aí, do agora e do depois, simbolizada na imagem do *boomerang*, descrita por Diaz⁴.

Por outro lado, a ideia de ganho e de fortalecimento configura na transumância a necessidade vital de subsistência, revigorando e fortalecendo os anhos, da mesma forma que, no epistolar, justifica e consubstancia a relação entre correspondentes.

Os textos epistolares são objectos discursivos paradoxais: intimamente amarrados às pessoas e à sua história, coleccionados fervorosamente, editados, comentados, queimados, violados, nómadas, vagabundos, reduzidos ao estatuto subalterno de dados biográficos ou sociológicos, o seu interesse é inestimável.

Prisioneiro do gesto de comunicação que presidiu ao seu nascimento e do desejo que o conduziu àquele destinatário único, o texto epistolar reivindica-se como um espelho da alma, metáfora já presente em Demétrio⁵.

O texto epistolar é, no plano semiótico, um objecto composto. Diferentes perspectivas de análise, linguística, histórica, sociológica, ideológica, biográfica, são possíveis graças à polimorfia e à plurifuncionalidade intrínsecas a este género discursivo.

⁴ Brigitte Diaz, *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002, p. 58.

⁵ *Apud* Geneviève Haroche-Bouzinac (dir.), *Lettre et Réflexion Morale. La lettre, miroir de l'âme*, Paris, Klincksieck, 1999.

Segundo perspectivas plurais, pode ser analisado como um texto, como um documento, como um testemunho, como um discurso, como um facto, sendo, na sua génese, a amálgama de todas estas realidades.

O texto epistolar – como o texto literário que parece imitar ou refutar – é o prolongamento, o reflexo, o eco, o simulacro, intencional ou espontâneo do texto literário. Uma literatura interior e privada, uma “literatura da alma”, segundo Lanson⁶.

Na tradição clássica, definiu-se sempre epistolar como a conversa entre ausentes, um diálogo diferido que, por razões contingentes, usava a palavra escrita.

Todavia, a análise pragmática contemporânea contribuiu para a redefinição das relações entre comunicação epistolar e comunicação face a face, mostrando que aquela se constrói através de modalidades enunciativas relativamente diferentes das que caracterizam a conversação.

Na sequência de Derrida⁷, de Violi⁸ e de Orecchioni⁹, a crítica contemporânea interrogou-se pertinentemente sobre o modo conversacional presente na comunicação epistolar: falamos uns com os outros através da carta?

Reside aqui um dos equívocos epistolares mais perturbadores, singularmente evidenciado por Kaufmann¹⁰. A comunicação epistolar tem este ideal de se dirigir a um outro, imaginário, diferente dele próprio, mas semelhante à imagem construída ou sonhada pelo emissor. Ainda que encerre um pedido ao outro, a sua adesão, o seu reconhecimento, a escrita epistolar será uma actividade de resistência ao outro.

⁶ Gustave Lanson exclamava a propósito desta escrita da intimidade: “Qu’est-de qu’une lettre, sinon quelques mouvements d’une âme, quelques instants d’une vie, saisis par le sujet même et fixés sur le papier?”, “Introduction”, *Choix de Lettres du XVII^e siècle*, Paris, Hachette, 1895, reediado numa edição conjunta dos artigos de G. Lanson, *Essais de méthode, de critique et d’histoire littéraire*, Paris, Hachette, 1965, p. 283, *apud* Brigitte Diaz, *L’épistolaire ou la pensée nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p.31.

⁷ Jacques Derrida, *La carte postale de Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Aubier-Flammarion, “La philosophie en effet”, 1980.

⁸ Patrizia Violi, Présence et absence. Stratégies d’énonciation dans la lettre” in *La Lettre, Approches Sémiotiques*, Actes du VI Colloque Interdisciplinaire de Fribourg, Éditions Universitaires de Fribourg, 1988, p. 27 a 37.

⁹ Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’interaction épistolaire” in *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 15-36.

¹⁰ Vincent Kaufmann, *L’équivoque épistolaire*, Paris, Éditions de Minuit, 1990.

Escapando ao laboratório narcísico de si próprio, o texto epistolar é acção sobre o outro e sobre o mundo e institui-se como equivalente de fazer. Escrever o texto, destiná-lo, enviá-lo é agir a distância, é acreditar na virtude performativa do discurso, sendo evidentemente uma das formas do agir comunicacional..

O princípio que preside à escrita epistolar assenta num hibridismo de intencionalidades e, na sua essência, poder-se-á invocar a lógica da interface em que se correspondem, na realidade, não só as pessoas – como seríamos tentados a pensar – mas, sobretudo, discursos e posturas enunciativas. Todas as conexões são possíveis na rapsódia epistolar, onde mesmo os estereótipos e os lugares-comuns se podem converter numa inovadora criatividade, tecendo assim seu carácter intrinsecamente oximórico¹¹. Jogando constantemente entre realidade e virtualidade do destinatário, oscilando segundo um ritmo pendular entre *a epifania do eu* e *a epifania do outro*¹², o texto epistolar parece votar-se *a priori* à procura do outro e mesmo do seu culto. O destinatário – como presumível destinador em pujança – participa plenamente desta circulação diferida da palavra.

2. Objectivos

Tendo em conta a finalidade da nossa investigação, atrás especificada, propomo-nos atingir os seguintes objectivos:

- Reflectir sobre uma forma de discurso, de comunicação, manifestação específica de um género, o epistolar, preterido nas análises linguísticas em Portugal.

¹¹ Nas palavras de Diaz: “D’où le caractère oxymorique de l’écriture épistolaire qui s’impose à la fois comme un champ d’invention langagier où chacun peut s’ébrouer à sa guise et comme une écriture des lieux communs, *op. cit.*, p. 16.

¹² Brigitte Diaz, *op. cit.*, p. 152.

- Evidenciar a importância dos textos epistolares, encetando, numa atitude prospectiva, a divulgação de textos esquecidos, ou negligenciados, de consagrados epistológrafos portugueses.
- Estabelecer uma tipologia para a classificação dos textos epistolares demonstrando a importância, de um ponto de vista sinóptico, da diversidade desta prática discursiva/comunicacional.
- Propor um novo modelo de análise do discurso epistolar, conhecidas as limitações dos modelos existentes e dada a natureza discursivo-pragmática peculiar desta situação comunicativa (modelo AICE).
- Identificar as rotinas verbais presentes nos textos epistolares (canónico e electrónico).
- Recensear os usos discursivos mais comuns da comunicação epistolar.
- Cotejar as estratégias de enunciação que se evidenciam neste tipo de discursos, em particular os jogos e ambiguidades dos mecanismos de presença/ausência.
- Inferir as metamorfoses que se operam, apontando a negligência da estrutura clássica e rígida da epístola e evidenciando a deserção ou elipse das rotinas (formas de abertura e de fecho) em consequência da instantaneidade da forma epistolar electrónica.
- Enunciar as especificidades da forma electrónica da comunicação, relativamente aos aspectos: espaço-temporal, estrutura da mensagem, interferência dos mecanismos de oralidade.

- Validar a hipótese inicialmente adiantada que admitia a possibilidade do “renascimento” ou do “reconhecimento” do género epistolar, contribuindo para a edificação de uma teoria do *modus epistolaris*.

A investigação que nos propomos encetar pretende, pois, perscrutar as metamorfoses que ocorrem nas rotinas verbais, em texto escrito, de carácter epistolar.

Para tal, questionar-nos-emos sobre a validade do género epistolar, para muitos considerado menor, mas amplamente glorificado quando é necessário a ele recorrer para esclarecer aspectos biográficos vitais ou para fazer algumas incursões em movimentos literários.

É, todavia, inegável que a escrita de uma carta (e, hoje em dia, de uma mensagem electrónica) é, por vezes, a única forma pseudo/para literária que cada um de nós utilizou, pelo menos, uma vez na sua vida.

O género epistolar é, pois, um legítimo e autêntico manancial de investigação, bastando para tal associá-lo ao carácter performativo da linguagem utilizada: é este poder da palavra que confere a passagem de uma prática ritualizada e individual da escrita a um simulacro social.

Desta forma, o ponto de partida deste estudo foi descortinar a evolução deste género, numa perspectiva diacrónica, para poder descobrir quais as rotinas utilizadas. É precisamente esta noção linguística (na senda dos trabalhos de Goffman 1967, 1981 e 1988) que desenvolveremos para mostrar a imutabilidade de algumas formas e a concomitante volubilidade de outras.

3. O *Corpus* em análise

Como dissemos anteriormente, o género epistolar é vulgarmente considerado senão um género menor, pelo menos um género secundário e minoritário. O público de leitores de correspondências publicadas é constituído por especialistas,

historiadores, sociólogos, antropólogos, críticos literários, cujas motivações se prendem quase sempre com a busca de elementos subsidiários que visam esclarecer, desmistificar ou apoiar determinados juízos sobre os epistológrafos em questão.

Comungando das ideias expressas por Andréa Rocha, no prefácio da sua obra *A Epistolografia em Portugal*, “confrange ver desconhecido um manancial tão rico e original, e que tanto poderia contribuir para a compreensão profunda duma literatura e dum povo, infelizmente periféricos em relação à Europa”¹³, encetámos este trabalho com o ensejo de colmatar esta falta de interesse pelo “espelho multifacetado das correspondências”¹⁴.

Este empenho pelo estudo das correspondências foi, em boa hora, despertado e reactivado pela Professora Geneviève Haroche-Bouzinac, que nos ofertou um magnífico número da *Revue de L’AIRE*¹⁵ no Colloque *Politesse et Idéologie*¹⁶. A leitura subsequente da obra magistral de Andréa Rocha, a releitura de *Novas Cartas Portuguesas*¹⁷ e, talvez, a memória de uma infância e juventude em que as cartas familiares assumiram sempre uma reveladora importância no estreitar de laços, conjugaram-se com a pretensão e a ambição de valorizar, dignificar e elevar o género epistolar à categoria dos géneros discursivos mais influentes e mais relevantes.

Reunimos para este efeito cartas familiares publicadas, escritas em língua portuguesa, em prosa¹⁸, ao longo dos séculos. Limitámo-nos ao domínio do familiar,

¹³ André Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985, 2ª. Ed., p. 9.

¹⁴ *ibidem*, p. 10.

¹⁵ AIRE, Association Interdisciplinaire de Recherche sur l’Épistolaire.

¹⁶ Colloque International *Politesse et Idéologie - Rencontres de Pragmatique et de Rhétorique Conversationnelles*, que se realizou na Université Catholique de Louvain-la-Neuve, Faculté de Philosophie et Lettres-Département d’Études Romanes, Institut de Linguistique, na Bélgica, de 4 a 6 de Novembro de 1999. Participámos neste colóquio, a convite do professor Michel Waution.

¹⁷ Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Futura, 1974.

¹⁸ Eliminaram-se as epístolas em verso, pela mesma razão apresentada em Andréa Rocha, *op. cit.*, p. 10.

porque tal como afirma Vaillancourt¹⁹ “si la persuasion a pour objet le rapprochement d’un locuteur et de son interlocuteur, la lettre familière apparaît d’abord comme emblématique du procès rhétorique puisqu’elle tend à abolir toute distance, qu’elle soit géographique, hiérarchique, affective ou idéologique. Elle veut informer, séduire et émouvoir le destinataire, mais elle aspire aussi à se perpétuer dans un échange égalitaire susceptible de maintenir la proximité»²⁰.

Equacionado a problemática nuclear da nossa tese – metamorfoses das rotinas verbais – e orientada por uma perspectiva diacrónica, reunimos epistológrafos ou autores de cartas²¹, que vão desde o século XV até ao século XX, para explicitar os temas, as estratégias argumentativas, os *topoi*²², as formas de tratamento e de delicadeza, os actos ilocutórios dominantes, as estruturas que se mantêm incólumes e aquelas que se vão apagando ou metamorfoseando ao longo do tempo.

A convicção de que o meio electrónico altera as práticas escritas aflora não só da simples observação do quotidiano, como emerge da multiplicidade de investigações que se têm desenvolvido, sobretudo, na novel área da comunicação

¹⁹ Luc Vaillancourt, *La Lettre familière au XVI^e siècle, Rhétorique humaniste de l'épistolaire*, Paris, Honoré Champion, 2003, p. 11.

²⁰ Esta definição de «familiar» é aqui utilizada, na senda do que afirma Goffman “une composante importante de la familiarité est la confiance, c’est à dire l’exercice de la liberté de pénétrer les réserves d’information d’un autre...», Erving Goffman, *La Mise en scène de la vie quotidienne*, Tomo 2 (*Les Relations en public*), Paris, Les Éditions de Minuit, 1973, p.185.

²¹ Roger Duchêne propôs a distinção de dois tipos de epistológrafos: “ Pour clarifier les idées, nous appellerons épistolier celui qui ne tient pas compte de l’existence du public et auteur épistolaire celui qui, au contraire, se soucie plus d’un public éventuel que de celui à qui est censé d’écrire. Les lettres du second appartiennent, par définition à la littérature épistolaire». «Diderot, l’autre de la lettre», *Conversation et correspondance* in Bernard Bray (dir.), *Art de la Lettre. Art de la Conversation à l’époque classique en France*. Actes du Colloque de Wolfenbüttel, Outubro 1991, Klincksieck, 1995, p. 357.

²² Considera-se aqui *topoi* no sentido aristotélico de lugar-comum, como catálogos, “armazéns de formas plenas”, como afirmaram R. Barthes e J.-L. Bouttes no artigo “Lugar-comum”, in *Einaudi*, Vol. 11, Oral/Escrito. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 266-277. Toda a análise dos *topoi*, empreendida no âmbito da Teoria da Argumentação na língua, cujos principais mentores são J.-C. Anscombe e O. Ducrot e que desenvolvem uma abordagem linguística do discurso argumentativo não foi considerada pertinente para a nossa análise. Cf. Anscombe, J.C. e O. Ducrot, *L’Argumentation dans la Langue*, Liège, Pierre Mardaga Éditeur, 1983 e Anscombe, J.C. et al., *Théorie des Topoi*, Paris, Kimé, 1995.

mediada por computador (CMC)²³. Algumas mensagens electrónicas analisadas revelaram a urgente necessidade de minuciosa investigação linguística sobre formas electronicamente mediadas e é com base na análise desse sub corpus epistolar electrónico que se constrói a terceira parte desta investigação que tenta evidenciar a lídima pertença ao género epistolar, conquanto se aceitem as oscilações decorrentes do evoluir dos tempos e das mentalidades.

4. Apresentação do Quadro Metodológico

Uma vez definido o objecto da nossa investigação – o discurso epistolar – imperioso se tornou delimitar um enquadramento teórico que possibilitasse uma análise interaccional das rotinas em estudo.

A nossa análise será tributária da linguística, principalmente da Pragmática e da Análise do Discurso, dada a constatação que o domínio epistolar é praticamente inexplorado sob esta perspectiva, sendo inequivocamente um terreno privilegiado para o estudo das rotinas linguísticas e das suas metamorfoses, quando investigamos a correspondente vertente electrónica. Não sendo nosso propósito circunscrevermo-nos a um único modelo, propomo-nos articular instrumentos teórico-operatórios aplicáveis aos diferentes níveis de análise. Assim, convocaremos alguns conceitos da teoria literária (noções de texto e de género literários, de

²³ A comunicação mediada por computador (*Computer Mediated Communication*) tem suscitado, nas últimas décadas, os mais diversos estudos empíricos, mais ou menos divergentes. De entre uma multiplicidade, destacaremos os que relevam de uma perspectiva linguística que nos interessa na presente investigação, a saber: N. Baron, « Writing in the Age of Email: The impact of Ideology versus Technology », *Visible Languages* 32, pp. 35-53 e da mesma autora, *Alphabet to Email: How written English Evolved and Where It's Heading*, London e New York, Routledge, 2000; K.Ferrara, H. Brunner & G. Whitmore, “Interactive written discourse as an emergent register”, *Written Communication* 8 (1), 1991; S. Herring, *Computer Mediated Communication. Linguistic, Social and Cross Cultural Perspectives*, Amsterdam, Benjamins, 1996; M. E. Murray, “The context of oral and written language. A framework for mode and medium switching”, *Language in Society*, 17 (3), pp. 35-173 e L. Strate & R. Jacobson, *Communication and Cyberspace. Social Interaction in an Electronic Environment*. Cresskill, N. J.; Hampton Press, 1996.

Adoptamos igualmente, a este propósito, a perspectiva de R. Panckurst, apresentada em *La communication médiatisée par ordinateur: ou la communication médiée par ordinateur? Terminologies Nouvelles* 17,1997, pp. 56-58, disponível em <http://alor.univ-montp3.fr/umr5475/publications/tn/tn.pdf>, em que autora explicita as razões que levam à utilização do participio “mediado” em detrimento do “mediatizado”. Ver também «La Communication médiée par ordinateur: un discours autre ?», *L'autre en discours*, J. Brès, Delamotte-Legrand R., Madray F., Siblot P (ed.), Dyalang-Praxiling, Service des Publications de l'Université Paul-Valéry Montpellier 3, 1999, pp. 307-331.

paratexto, de intertextualidade, de diafonia e de auto-representação), outros do vasto domínio da teoria da recepção (noção de pacto) e ainda alguns dos mecanismos da análise retórica (modelos estilísticos da expressão, recursos metafóricos, *topoi*), para além da legítima perspectiva da análise pragmática do discurso que se impõe como paradigma do nosso questionamento ontológico.

Concebemos um modelo que denominámos **AICE** - Modelo de **Análise Interaccional da Comunicação Epistolar**.

Este modelo pretende aplicar à análise do discurso epistolar diferentes pontos de vista teóricos, resultantes de diferentes níveis de análise textual, retomando categorias propostas, predominantemente, pela análise conversacional, pela psicologia social, pela sociolinguística, pela análise do discurso, pela retórica, pela teoria da literatura, etc.

A comunicação epistolar é um modo de comunicação assíncrono, específico, cuja análise deve estar estreitamente relacionada com a análise da situação: a problemática contextual, o quadro espaço-temporal e a situação dos interlocutores ou participantes que releva da categoria social e dos papéis relacionais. Como mostra Cosnier para a conversação, estes dados permitem aos participantes fazer “*hypothèses anticipatrices sur la suite possible de l’interaction*” (1987: 308).

Num nível mais interno, analisar-se-ão os mecanismos da dinâmica textual: o quadro normativo, que definiremos como o conjunto das prescrições e proscricções convencionais, que compreende as exigências e as normas sociais, sejam as regras de negociação sejam as de delicadeza; a co-enunciação epistolar e o objectivo da interacção, no sentido de Brown&Fraser (1979: 33- 62) que, apesar de preexistir à interacção, é construído permanentemente no desenrolar da correspondência.

O último nível de análise será aquele que tradicionalmente se opera nos estudos epistolares, confinando-se, por vezes, à análise da superfície discursiva. Considerando insuficiente o modelo de análise das unidades sequenciais de Jean-Michel Adam e o modelo de turnos de escrita, apresentado por Kerbrat-

Orecchioni²⁴, propomos que esta análise da superfície discursiva contemple duas vertentes:

- Um nível pragmático-enunciativo, em que analisar-se-ão as marcas idiossincráticas da interação epistolar, as formas de abertura, de fecho, de tratamento, de delicadeza e o dispositivo deíctico;
- Um nível pragmático-argumentativo, em que destacar-se-ão os actos de fala mais significativos no *corpus* epistolar em análise (correspondência familiar de epistológrafos portugueses), e avaliar-se-á a importância de alguns aspectos retóricos, e identificar-se-ão os *topoi* presentes, ao longo dos séculos, neste tipo de correspondência.

5. Organização dos Capítulos

A estrutura da dissertação contempla três partes. A primeira parte explica os principais fundamentos do género epistolar; uma segunda parte em que este é abordado na sua dimensão de acto de comunicação; e uma terceira parte, em que discutimos e defendemos a filiação da mensagem electrónica no género epistolar.

A divisão tripartida irá manter-se no seio de cada uma das partes, justificando-se pela necessidade de coesão e coerência.

Assim, delineámos, na primeira parte, três capítulos: no capítulo I, apresentamos o conceito de epistolar, clarificando-o à luz das suas especificidades discursivas e mostrando que estes “fragmentos felizes”²⁵ nos ajudam a perseguir um

²⁴ Estas análises de Jean-Michel e de Catherine Kerbrat-Orecchioni surgem naturalmente na sequência das teorias que têm vindo a ser defendidas por estes analistas do discurso e porque foram apresentadas exclusivamente para o discurso epistolar são aqui referidas. Constam da obra conjunta *La lettre, entre réel et fiction*, Jürgen Siess (dir.), Paris, Sedes, 1999.

²⁵ Christian Meurillon, “La lettre au coeur de l’écriture pascalienne”, *Revue de Sciences Humaines* n.º. 195, juillet-septembre, 1984, pp. 5- 18. Esta expressão de Meurillon é retomada por Manuela Parreira da Silva na “Reflexão Prévia sobre o discurso epistolar” com que inaugura a sua investigação sobre a biografia epistolar de Fernando Pessoa.

tempo perdido, concorrem para esclarecer momentos privilegiados, arquivos ímpares de memórias e permitem-nos, ainda, nos seus interstícios, desvendar o pacto de comunicação, subvertendo ou violando²⁶, assim, a relação fechada, secreta, ou mesmo íntima, entre os correspondentes.

No segundo capítulo, propomo-nos traçar uma síntese crítica das principais teorias do epistolar, até hoje desenvolvidas, quer com o objectivo de sustentar o nosso pensamento, quer com a finalidade de contestar determinadas posições linguísticas que descuram o entrecruzamento de olhares interdisciplinares. Nesse sentido, explicitaremos os múltiplos estudos de filiação histórico-literária, passaremos em revista os trabalhos que decorrem de reflexão sociológica e antropológica e realçaremos alguns outros, embora parcos, que têm surgido na última década, baseados numa complementaridade pragmático-linguística.

Tecidas estas considerações preliminares sobre o conceito basilar e as teorias que lhe conferem pertinência teórica, foi nosso propósito, no capítulo III, rever a história da epistolografia portuguesa. Sentimos a necessidade de perceber as origens, de esclarecer por que razão não existem estudos teóricos sobre esta matéria, e perante a complexidade e extensão que uma abordagem deste tipo implica, foi necessário pautarmo-nos por rigorosos critérios de selecção dos principais epistológrafos que, em nossa opinião, devem perpetuar, na história, a importância e a grandeza deste gesto de escrita. Não procuramos fixar a história detalhada da epistolografia, mas esta abordagem que, poderá parecer despicienda numa investigação linguística, visa sobretudo promover a reflexão sobre a sua génese e a sua evolução. Numa fase inicial da investigação, pensámos que poderíamos, a partir da síntese histórica, constituir um *corpus* epistolar familiar que fosse, suficientemente vasto e diversificado para ser representativo e, razoavelmente circunscrito e homogéneo para se evitar a dispersão. Esta pesquisa longa e exaustiva foi

²⁶ As ideias de “desvio” e de “violação”, da carta como invólucro do silêncio são usadas por Carlos Clamote Carreto no artigo “Palavras desviadas, palavras violadas. A carta e o percurso mortal do significante no romance arturiano”, *Correspondências - O género epistolar*, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp. 23-55, que, por sua vez, retoma e recria as expressões poéticas de Jacques Derrida, *La Carte Postale. De Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Aubier-Flammarion, 1980.

igualmente norteada pelo propósito de indagar as origens e de traçar, de forma diacrónica, o enraizamento do epistolar. Assim, os autores e os exemplos textuais aqui referidos funcionam “não como repositório de textos a analisar, mas preferencialmente como recolha significativa de material empírico, parcial e sectorialmente sujeito a observação na Parte II deste trabalho”²⁷.

A Parte II da dissertação é consagrada à análise do epistolar como texto de interacção e de comunicação. No capítulo I traçamos a síntese das principais teorias que explicam o fenómeno comunicativo, apresentando uma súmula, em quadros ilustrativos, das questões que têm pre(ocupado) os investigadores ao longo dos tempos.

Constatadas as limitações e os constrangimentos dos modelos, propomo-nos, no capítulo II, um duplo objectivo: inovar, ao construir o nosso modelo de análise, específica e detalhadamente concebido para aplicação em textos epistolares e, concomitantemente, realçar a importância das rotinas verbais que, cerceando e aniquilando a espontaneidade, são marcas de uma escrita que, “apesar de codificada e legitimada, se abre inteiramente à transgressão”²⁸. Seguidamente, impunha-se a validação do modelo concebido (que realizamos no capítulo III), a partir da análise de diferentes textos epistolares. Prosseguindo esse objectivo, sistematizamos as rotinas verbais que configuram o género epistolar, fazendo uso de exemplos dos epistolários familiares e encerramos, conferindo maior ênfase à explicitação dos *topoi* que permanecem estáveis e inalteráveis nesta correspondência.

Ao longo da investigação, as interrogações e as hipóteses hermenêuticas que colocámos para o género epistolar foram surgindo sub-repticiamente, sempre que nos confrontávamos com o domínio emergente e dominador das interacções electrónicas e, nomeadamente, o das mensagens electrónicas.

²⁷ Esta foi também a metodologia de trabalho adoptada por Ana Cristina Macário Lopes, na sua dissertação de doutoramento, *Texto proverbial português, Elementos para uma análise semântica e pragmática*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992.

²⁸ Manuela Parreira da Silva, *op. cit.*, p. 36.

Durante séculos, a correspondência impôs-se como uma prática social, um espaço de escrita livre, ainda que os manuais recolhessem, fornecessem e instituíssem modelos formais. E agora, os *e-mails* diários, mimetizam as cartas de outrora, ou transformam os nossos hábitos, cultivando-se progressivamente este *modus vivendi interactivo*²⁹? Na Parte III da nossa dissertação, questionamo-nos, por isso, relativamente à filiação das mensagens electrónicas no género epistolar. De forma similar ao que empreendemos na Parte I, delineamos, no capítulo I, a noção de epistolar electrónico, definindo as suas especificidades e os seus elementos estruturais. Na senda dos mais recentes trabalhos de investigação nesta área³⁰, após traçarmos a história hodierna e sucinta desta forma de comunicação, que desenvolvemos no capítulo II, encetamos um estudo comparativo, elencando as demais formas de comunicação mediada por computador. No último capítulo perscrutamos as estratégias de enunciação recorrentes nesta “forma intensiva de correspondência”³¹, neste prazer nómada de comunicar, liberto dos constrangimentos espaciais, geográficos, materiais e apenas ilusoriamente temporais.

A perspectiva interdisciplinar que percorre esta reflexão revelou-se particularmente útil e eficaz para perscrutarmos a pluralidade de sentidos que o epistolar nos colocou. Embora, como afirmámos no início, a sedução pelo epistolar esteja intrinsecamente ligada à nossa vida, muitas foram as dúvidas e as hesitações

²⁹ Trata-se da expressão usada por José Machado Pais no estudo “Afectos virtuais: em busca de conexão”, que integra a sua obra *Nos rastros da solidão. Deambulações sociológicas*, Porto Âmbar, 2006, p.205.

³⁰ Os trabalhos de índole comparativa mais relevantes são os que aproximam a interacção epistolar tradicional e privada do correio electrónico (Cf. B. Melançon, *Séviigné& Internet*, Montreal, Fides, 1996; Nadia Ivanova, “Courrier électronique: renaissance du genre épistolaire”, <http://izuminka.free.fr/mailomanie/expose1.html>, 1999; Simeon Yates, “Oral and written linguistic aspects of computer conferencing. A corpus based study”. Herring, S. C. (ed.), *Computer-mediated communication. Linguistic, social and cross-cultural perspectives*, Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins, 1996, pp.29-46; Naomi .Baron, “Letters by phone or speech by others means: the linguistics of email”, *Language&Communication*, 18, 1998, pp. 133-170; Hélène Labe e Michel Marcoccia, “Communication numérique et continuité des genres. L'exemple du courrier électronique”, <http://www.revue-texto.net/Inedits/Labbe-Marcoccia.html>, consultado em 12.10.2005.

³¹ Questionando-se sobre a correspondência na era da Internet, Jean-Rémi Gratadour assinala as características do que designa por “escrita numérica”, afirmando: “De ce point de vue, l'écriture numérique peut apparaître comme une forme intensive de correspondance. (...) À sa manière, cette écriture généralise la performativité de l'énoncé, c'est à dire, sa valeur d'acte, tout comme elle systématise son caractère phatique en installant un besoin de réassurance permanent de l'état de réceptivité du destinataire”, “Les correspondances à l'âge d'Internet”, *TDC, Textes et Documents pour la classe - La Correspondance*, n.º. 859, septembre 2003, pp. 18-19.

que estes textos – fragmentos frágeis e efêmeros – nos assaltaram ao longo destes anos.

Temos plena consciência de que o presente trabalho constitui uma incursão – quiçá demasiado precoce, ou talvez excessivamente ambiciosa – num campo de estudos que está, ainda, em boa medida, por desbravar, sobretudo se se tiver em conta o estado dos estudos epistolográficos que privilegiam análises literárias e sociológicas, em vez das linguístico-discursivas que empreendemos.

Quer as resenhas para ancoragem histórico-literária dos textos epistolares mais relevantes no panorama nacional, quer o modelo proposto e a sua validação, merecem naturalmente provas mais consistentes e reflexões mais aturadas. Ainda assim, cremos que o véu que, a seguir, solevamos permitirá, no futuro, aprofundar devidamente, o *modus epistolaris*, sendo, esta, apenas, a nossa possível e modesta contribuição.



Metsu, Gabriel
Man Writing a Letter
1662-65
Oil on canvas
National Gallery of Ireland, Dublin

Introdução

Haverá decerto muitas formas de abordar o género epistolar. Bernard Bray, um dos fundadores e teorizadores dos estudos epistolográficos europeus, aconselhar-nos-ia, provavelmente, a uma definição e delimitação do conceito, no pressuposto de que o gesto epistolar é, manifesta e transversalmente, um gesto privilegiado: livre, mas ritualizado, íntimo e público, oscilando entre os domínios do segredo, da confidência e a arte da convivialidade, da sociabilidade¹. Os textos epistolares, maioritariamente fechados na origem e descerrados, fortuita e indiscretamente, por exemplo, quando ganham o privilégio de entrar no património epistolar público e de referência (no qual, nós leitores e investigadores no situamos), interessam-nos para atingir um conhecimento partilhado dos mecanismos individuais e sociais que os produzem, permitindo, através da análise linguística, compreender as suas singularidades e, porventura, indagar analogias com outras realidades.

Por seu turno, um estudo linguístico sobre o epistolar não pode ignorar o extenso legado teórico que diversas áreas do saber souberam perscrutar e que tiveram o mérito de demonstrar como, em perfeita sintonia com outros sistemas comunicativos, o epistolar encerra virtualidades e singularidades.

Na verdade, muitas foram as abordagens teóricas do discurso epistolar ao longo dos séculos e vários têm sido os trabalhos de mérito que seria pertinente recensear. A análise do texto epistolar reveste-se, contudo, de uma grande complexidade, a que não é alheio o carácter de confluência disciplinar subjacente à natureza do próprio texto.

¹ Reflecta-se, a este propósito, sobre o sucesso editorial, das mais recentes compilações de cartas de escritores, de que citamos, a título de exemplo: *Correspondência Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena* (1959-1978), Lisboa, Guerra e Paz Editores, 2006; *D'este viver aqui neste papel descripto - Cartas de guerra*, de António Lobo Antunes, organização de Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2005; *Cartas ao léu, Vinte e duas cartas de Luiz Pacheco a João Carlos Raposo Nunes*, organização e notas de António Cândido Franco, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2005; *António José Saraiva e Óscar Lopes: Correspondência*, edição de Leonor Curado Neves, Lisboa, Gradiva, 2004.

A maior atenção concedida, nos últimos decénios, ao texto epistolar permitiu reconhecer que – embora frequentemente esquecido ou evitado por ser acidental e espúrio, e ultrapassadas as limitadas funções ilustrativas, heurísticas e subsidiárias a que frequentemente era relegado – pela sua pregnância, se revela adjutório e configurador da comunicação, emergindo como género discursivo de pleno direito.

No segundo capítulo procedemos a uma revisão sucinta das teorias básicas do epistolar, realçando aquelas que se revestem de particular interesse para uma abordagem linguística. Assumindo a necessidade de uma síntese, este capítulo versa perspectivas variadas, desde as concepções histórico-literárias, até às importantes implicações teóricas da sua dimensão pragmática, fundadas na natureza prototipicamente comunicativa deste discurso.

No terceiro capítulo desta primeira parte, traçamos uma resenha histórica e, dada a pluralidade, a maleabilidade e a imensidade de usos do modo epistolar ao longo dos séculos², restringimos essa panorâmica às cartas de tipo familiar, enviadas (escritas para serem enviadas, relegando as de cariz ficcional), posteriormente publicadas e que constituem marcos importantes na história da epistolografia portuguesa, que urge realizar. Não pretendemos estabelecer uma história detalhada, projecto ingente, dada a vastidão do tema, e frequentemente dificultado pelo acesso directo às fontes autênticas, mas a análise diacrónica desta prática escrita visa, sobretudo, traçar uma panorâmica abrangente do género e, mormente, promover o estudo da sua evolução, contribuindo, assim, para a constituição de uma teoria do *modus epistolaris*.

² Na “Apresentação” da obra conjunta *Correspondências – usos da Carta no século XVIII*, Lisboa, Fundação das Casas de Alorna e Fronteira, 2005, pp. 9-10, Vanda Anastácio refere igualmente “(...) a variedade, a maleabilidade e a pluralidade dos usos do modo epistolar no contexto do século XVIII (...)”, que nos parece ser extensível a toda a história da epistolografia.



Vermeer, Jan
Girl Reading a Letter at an Open Window (detail)
1657
Oil on canvas
Gemäldegalerie, Dresden

Capítulo 1 - O Conceito de Epistolar

“Rex tam multiplex propeque ad infinitum varia”¹.

Erasmus, *De Conscribendis Epistolis*, 1502

Esta definição de Erasmo anuncia a multiplicidade de abordagens e evidencia a complexidade da evolução histórica e estética do género epistolar.

O género epistolar, ultrajado pela teoria da literatura, relegado para a periferia da esfera literária, onde é admitido apenas de uma forma assaz problemática, constitui um testemunho ímpar da autenticidade das relações pessoais, culturais e sociais de uma época ou de um autor. Se a função da obra literária é problematizar a vivência de uma cultura, o discurso epistolar quotidiano traduz a vivência dessa cultura. É a visão pessoal e a narração dos momentos vividos numa tripla acepção: o passado memorizado, o presente vivido e o futuro, esperado e desejado.

A escrita epistolar cuja natureza é a de substituir o descontínuo (a ausência, a separação) é propícia à análise de práticas sociais que se articulam numa continuidade narrativa. Todo o texto epistolar pensa no outro: “Penso em ti”, “o meu pensamento está aí”.

Definições precisas sobre o texto epistolar são raras. R. Duchêne, em 1973, define-o como “a expressão directa e complexa de um sujeito que, colocado numa situação concreta e determinada, necessita e se socorre da escrita para comunicar com o outro”².

A situação de enunciação é dada através da escrita e traduz-se por um esforço de anular a distância entre os interlocutores sendo, como tradicionalmente é referido, uma conversação *in absentia*.

¹ “*De Conscribendis Epistolis*”, 1502, *Opera Omnia Desideri Erasmi Roterdami*, Jean Claude Margolin (ed.), Amsterdam, North-Holland Publishing Company, VII, 1971, pp. 152-579. A citação é da página 209.

² Roger Duchêne, “Commentaire historique. Lettre (sens épistolaire)”, Robert Escarpit (ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*, Paris et la Haye, Mouton, 1973, p.29.

A escolha deste objecto específico de análise teve por base razões de carácter prático e metodológico. O critério que presidiu foi o da evidente acessibilidade das cartas, a sua publicação organizada e os estudos já realizados sobre as mesmas.

Aliás, a investigação sobre correspondências continua infelizmente a servir o mesmo objectivo há já largas décadas, ficando balizado aos universos literário, histórico e sociológico e sendo sobretudo exploradas como fontes documentais com o fim de apoiar, confirmar ou ilustrar outros géneros do discurso.

Valorizar uma postura discursiva orientada para o interlocutor, escolher um percurso intelectual que nos motive e nos obrigue ao confronto de opiniões, testemunhar uma disposição moral que se caracteriza pela abertura ao outro, são alguns dos aspectos que criam a especificidade desta situação interlocutiva.

As investigações sobre o epistolar, apesar dos progressos notáveis no plano da poética e da crítica literária³, não conheceram ainda uma análise pragmática que propusesse uma teoria sólida e coerente para o estudo deste imenso manancial sociológico (e, particularmente, sociolinguístico) onde se inscreve.

Em 1982, Janet Altman, na sua obra *Epistolary, Approaches to a Form*⁴ propõe a descrição de um novo conceito, o de epistolaridade (“*epistolarity*”). Ainda que esta obra teorize sobre o que vulgarmente se designa “romance epistolar” (define-se a natureza de textos ficcionais, o que não se integra no âmbito do nosso trabalho), a origem da criação de novos significados através desta tipologia textual aplica-se indistintamente a todo o texto epistolar.

Ora, na origem destes textos, há uma ausência⁵.

O texto epistolar serve como intermediário, como mediação e surgem pela primeira vez associadas as expressões metafóricas para esta qualificação (a ponte, como metáfora da intimidade e o fosso, prelúdio e metáfora da separação e da indiferença).

³ Cf. H. R. Jauss, *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.

⁴ Janet Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982.

⁵ *Ibid*, pp. 127-128, 135, 140 e 150.

En tant que moyen de communication entre le destinataire et le destinataire, la lettre enjambe le gouffre entre l'absence et la présence; les deux personnes qui se "rencontrent" grâce aux lettres ne sont ni totalement séparées ni totalement unies. La lettre se situe à mi-chemin entre la possibilité d'une communication totale et le risque de l'absence totale de communication⁶.

Para que funcione eficazmente, este tipo de interacção deve encerrar confidencialidade, um misto de confiança e confidência, talvez confissão, dado tratar-se de uma actividade privada.

Ao invés de outras formas em que o enunciador é um "eu", o texto epistolar destina-se a alguém identificável no próprio texto, mesmo se o destinatário não seja, numa primeira instância, aquele que o texto representa: "O que é profundamente epistolar neste texto é a progressiva descoberta de si através do outro"⁷.

O leitor tem, por conseguinte, um peso efectivo e real no texto epistolar, quer como destinatário, quer como figura do texto, desempenhando assim um papel central na narração (entre o leitor, como narratário e o autor, no seu papel de narrador). Desta forma, a interacção epistolar é uma experiência recíproca dominada pelo desejo de troca⁸.

Dans une large mesure, c'est cela le pacte épistolaire, l'attente d'une réponse provenant d'un lecteur précis à l'intérieur du monde du correspondant. La plupart des autres aspects du discours épistolaire étudiés ici sont subordonnés à cette donnée fondamentale⁹.

E, para além destas características de pacto epistolar, de representação específica da escrita e da leitura acrescem outras do domínio estrutural.

⁶ *Ibid*, p. 43, na tradução de Benoît Melançon, Diderot Épistolier, *Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Québec, Fides, 1906, p.33.

⁷ *Ibid*, p. 45, nota 14.

⁸ *Ibid*, pp.88-89.

⁹ Janet Altman, *op. cit.* p. 89, na tradução de Benoît Melançon , p. 34.

No discurso epistolar (discurso, no sentido que lhe foi conferido por Émile Benveniste¹⁰) assiste-se ao domínio da relação *eu/tu*. O “*tu*” encerra uma especificidade, na medida em que vai desempenhar um papel activo – a tal reciprocidade que faz que o “*tu*” original se torne no “*eu*” de uma nova enunciação, sendo as formas pronominais reversíveis – que se torna essencial à prossecução da troca epistolar¹¹.

Contrariamente a outras formas, onde o sujeito enunciador é um “*eu*”, o discurso epistolar destina-se sempre a alguém identificável no próprio texto, com um peso real.

Por outro lado, Altman considera que o presente do discurso epistolar é impossível, dado que traduz apenas uma ponte entre o passado (a retrospectão) e o futuro (a antecipação)¹².

O efeito de imediatismo e de espontaneidade, apanágio do discurso epistolar, é criado pela “escrita do instante”¹³, mas restringe-se a uma pura ilusão textual.

Lugar de polivalência temporal, o discurso epistolar encerra esta mistura de tempos diversos: o da história passada, o da selecção da informação, o da escrita, o do envio, da recepção, da leitura, da releitura. É esta confusão de planos temporários, esta ambiguidade e pluralidade temporal que despoletou, em nós, o desejo de ensaiar uma explicação para a especificidade desta relação.

Mesmo que possamos ser levados a pensar que a leitura de cartas apenas interessa como elemento subsidiário para o estudo da história das mentalidades e para a história social, a epistolografia proporciona, para além de um inestimável capital de recordações e de um documentário vivo da existência, valiosos elementos de estudo.

Todas as ansiedades, todas as inquietações, todos os desenganos dos indivíduos, pulsam, latejam e vivem nas cartas que êles escrevem. As cartas são o espelho das

¹⁰ E. Benveniste, *Problèmes de Linguistique Générale I*, Paris, Gallimard, 1976, pp. 237-250.

¹¹ Janet Altman, *op. cit.* p.118.

¹² Benoît Melançon, *op. cit.*, nota 37 da página 35.

¹³ Janet Altman, *op. cit.*, p.124 e pp. 128-129.

almas e o reflexo das sociedades, porque, revelando o homem, denunciam os bastidores da complexa vida social¹⁴.

Qualquer carta – e não apenas aquelas que recenseámos ou aquelas que merecem menção nas histórias da literatura ou nos manuais epistolográficos – é uma forma de comunicação e todos sentimos, mesmo os que são alheios a preocupações estilístico-literárias, o cuidado e o apuro que empregamos na escrita de missivas, ainda que familiares e triviais. Assim, há sempre por trás da escrita de missivas o embrião de um escritor que se revela.

Jean Rousset publicou, em 1986, uma poética do diário. A definição que este autor apresenta de género, apesar de minimalista, pode servir para melhor situarmos este conceito que será recorrente em todo este trabalho:

Le genre est une classe de textes dotée par convention bien établie de traits communs propres à cette classe seule (...) chaque texte particulier y est conçu – et lu – dans sa relation avec tous ceux qui lui ressemblent; le genre préexiste donc à l'œuvre individuelle; il est un “modèle d'écriture” (Todorov) et tout autant un modèle de lecture¹⁵.

Retomando os termos de Raymond Jean - a carta é “autant celle de la communication démonstrative que de la lucidité introspective”¹⁶ -, é efectivamente a comunicação que provoca a distinção do modelo formal da correspondência, sendo a actividade epistolar uma prática específica na qual a introspecção, se existe, é simultaneamente um reflexo do esforço de comunicação destinado ao outro.

Colocam-se, assim, de forma pertinente, algumas questões:

O que é uma epístola? O que é uma carta? O que é uma correspondência?

É um género literário? É um género discursivo?

¹⁴ Mário Gonçalves Viana, *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa, Ensaio histórico-crítico*, Porto, Editora Educação Nacional, 1940, p.7.

¹⁵ Jean Rousset, *Le lecteur intime. De Balzac au journal*, Paris, José Corti, 1986, p. 14, *apud* Melançon, p.7.

¹⁶ Jean Raymond, *Un portrait de Sade*, Arles, Actes du Sud, 1989, p. 201.

Para estas questões, levantadas insistentemente pela crítica nas últimas décadas, surgiu uma heterogeneidade de respostas, quer numa interrogação permanente sobre a intencionalidade do autor, quer numa tentativa de estabelecer relações com obras que a crítica comumente considera como literárias (o romance, a poesia, o teatro), quer ainda descrevendo práticas específicas num esforço de descortinar o carácter mais ou menos literário do género.

Cremos que, para além destas considerações de natureza teórica, importa questionarmo-nos sobre a possibilidade de isolar determinados traços formais e/ou temáticos que permitam caracterizar a especificidade do género.

Sobre o discurso autobiográfico e diarístico temos à disposição muitos e valiosos trabalhos, entre outros, na literatura francófona, e mesmo no panorama nacional¹⁷.

Em contraste com este acervo, os estudos sobre epistolografia, apesar de notórios e consideráveis, se considerarmos os contributos de investigadores franceses, suíços e canadianos, são parcos em língua portuguesa¹⁸.

A questão dos géneros e dos tipos discursivos é delicada, complexa e criadora. Delicada, porque exige a distinção dos níveis de apreensão do texto que permitem apreender e diferenciar uma categoria na situação de comunicação.

É complexa porque, se por um lado, cada uma destas categorias compreende variáveis cuja combinação institui tipologias, por outro, as diferentes tipologias

¹⁷ Philippe Lejeune, *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975.

Alain Girard, *Le journal intime*, Paris, PUF, coll. Bibliothèque de Philosophie contemporaine, 1963.

Béatrice Didier, *Le journal intime*, Paris, PUF, coll. Littératures Modernes, 12, 1976.

Jean Rousset, *Le lecteur intime. De Balzac au journal*, Paris, José Corti, 1986.

Pierre Pachet, *Les baromètres de l'âme. Naissance du journal intime*, Paris, Hatier, coll. Brèves Littérature, 1990.

Daniel Poirion, «Le Journal Intime et ses formes littéraires», *Actes du Colloque*, septembre 1975, Genève, Paris, Librairie Droz, 1978.

Georges May, *L'autobiographie*, Paris, PUF, 1979.

Michel Beaujour, *Miroirs d'encre*, Paris, Seuil, 1980.

Georges Gusdorf, «L'autobiographie, échelle individuelle du temps», in *Leituras do Tempo*, Lisboa, Universidade Internacional, 1990, pp. 85-108.

Clara Rocha, *Máscaras de Narciso, Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina, 1992.

Antónia Margarida de Castelo Branco, *Autobiografia*, Lisboa, INCM, 1984.

¹⁸ Andréa Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, INCM, 2ª. Ed., 1985 é o estudo considerado há décadas como bíblico para a epistolografia portuguesa. Destaco, contudo, outros trabalhos de doutoramento que se revelam cruciais: o de Manuela Parreira da Silva, importante não só para o conhecimento da teorização do epistolar, como também para a epistolografia pessoana: *Realidade e ficção. Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2003; e o estudo de Teresa Sousa Almeida: *Para uma estilística da Carta – La Nouvelle Héloïse*, dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1998.

podem igualmente combinar-se entre si. Por exemplo, a categoria informativa numa situação de comunicação mediatizada pode conduzir a um género textual jornalístico.

É criadora, na medida em que a possibilidade de classificação textual é ilimitada, dados que os textos devem ser apreendidos como fenómenos de produção social e devem efectivamente ser interpretados e analisados a partir da descrição das práticas sociais que os instanciam.

Com o desabrochar de novas formas de abordagem textual, nomeadamente com os trabalhos no âmbito da Pragmática, a Linguística foi conduzida ao nível da textualidade, sendo conferido especial relevo ao espaço, ao lugar onde decorrem os factos de realização da língua e, conseqüentemente, ao campo da actuação social.

Epistemologicamente, o objecto da investigação linguística foi ampliado e foi necessário explicitar as diferentes situações sociais desses eventos discursivos. A inclusão da textualidade, dessa produtiva dimensão textual, na imensa complexidade linguístico-social implicou igualmente a sujeição à heterogeneidade e à fluidez que encerra todos os tipos da actuação humana.

Se, por um lado, se alargavam as perspectivas de apreensão do objecto textual, por outro, entrava-se num domínio frágil de contingências e mesmo de indeterminações das práticas sociais.

Na verdade, as abordagens do tema “género textual” florescem, sem que, contudo, se tenham conseguido resolver algumas questões terminológicas e epistemológicas importantes e complexas.

À compreensão da natureza da linguagem como comunicativa ou como enunciativa acresce o problema da transdisciplinariedade na discussão sobre géneros e, frequentemente, formas como *discurso*, *texto* e *enunciado* são portadores de incontáveis sentidos.

Enquanto não chegarmos ao texto – enquanto patamar da realização linguística – não se atinge a língua em acção e as suas inerentes propriedades textuais.

O consenso tem-se, todavia, estabelecido em redor do facto de que a língua, do ponto de vista da sua *práxis*, reflecte, principalmente através do género, os padrões culturais e, também, interaccionais da comunidade.

É, pois, necessário ultrapassar o imanentemente linguístico do texto e indagar o que lhe confere, de facto, propriedade e relevância. É necessário sondar e perceber, não só ao nível das práticas sociais, como ao nível das práticas discursivas. Só dessa forma é que se poderá perceber que os textos:

1. diferem enormemente na dependência da multiplicidade de propósitos que objectivam;
2. se revelam como modelos, que resultam de convenções mais ou menos explícitas definidas pelas comunidades em que circulam;
3. se organizam em estruturas prototípicas;
4. encerram elementos obrigatórios e elementos opcionais, o que permite a sua filiação, ou inclusão, em determinada classe.

É neste sentido que, embora partindo de bases teóricas diversas, muitos autores são unânimes em considerar que os géneros textuais são estruturas discursivas, modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas teóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso.

O conceito de “género textual” retoma e amplia um pressuposto básico da textualidade: o agir comunicacional constitui uma forma de comportamento social.

As pessoas cumprem determinadas actos sociais através de meios verbais e tais actuações realizam-se a partir de normas em que a recorrência de certos elementos lhes confere esse carácter estabelecido, social e culturalmente tipificado, regular.

Com base neste consenso, a tipicidade do discurso decorre de uma tipicidade anterior, a das situações e dos contextos em que esses discursos são produzidos e onde circulam, sendo as situações culturalmente construídas (cf.

Halliday & Hasan¹⁹). Podem, pois, prever-se comunicações tipificadas, protótipos textuais, caracterizados, quer por regularidades da estrutura, quer por constantes léxico-gramaticais.

Em 1976, Todorov escrevia: “Numa sociedade, a recorrência de certas propriedades discursivas é institucionalizada e os textos individuais são produzidos e percebidos em relação às normas constituídas por esta codificação. Um género, literário ou não, é esta codificação de propriedades discursivas”²⁰.

A actual divisão da linguística em dois paradigmas científicos, o enunciativo (escola francesa e suíça do discurso) e o comunicacional (teorias anglo-saxónica e alemã da comunicação) impõe duas abordagens: a discursiva e a textual. Importa, pois, debater os aspectos teóricos pertinentes para precisar o conceito “género”.

Com o propósito de estabelecer um ponto de discussão, partimos do conceito de género estabelecido por Swales, autor que tem sido a base teórica principal dos estudos sobre esta matéria: “género é uma categoria distintiva de discurso de algum tipo, falado ou escrito, com ou sem propósitos literários”²¹. Para Swales, um género é algo concreto que emerge de uma interação comunicativa enraizada numa determinada comunidade linguística. O género diz respeito à forma e ao conteúdo característicos de um texto, aos propósitos comunicacionais que o modelam e ao seu percurso social. Apresenta cinco características:

- representa eventos comunicativos;
- serve um certo conjunto de propósitos comunicativos partilhados;
- apresenta variação de prototipicidade entre seus exemplares;
- possui conteúdo, posicionamento e forma limitados por conhecimentos e convenções relativas à totalidade dos seus elementos;
- apresenta um nome específico dentro da comunidade discursiva.

¹⁹ M. A. K Halliday & Hasan, R., *Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective*, Oxford, Oxford University Press, 1989, p. 55.

²⁰ Tzvetan Todorov, “Les genres littéraires”, in Todorov, *Introduction à la littérature fantastique*, Paris, Seuil, 1976, p. 172.

²¹ J. M. Swales, *Genre Analysis: English in Academic and Research settings*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, p. 33.

Por seu turno, se atentarmos em Baeugrand e Dressler²², veremos que estes teorizadores apontam sete factores de textualidade responsáveis pela existência de um texto:

1. coesão: as dependências gramaticais responsáveis pela unificação dos enunciados;
2. coerência – a configuração dos conceitos e das relações na estrutura profunda do texto;
3. intencionalidade – o preenchimento das expectativas do emissor;
4. aceitabilidade – a relevância para o receptor;
5. informatividade – a especificidade da informação;
6. situacionalidade – a relevância para uma dada situação;
7. intertextualidade – a dependência de outros textos produzidos anteriormente.

Daí que assumamos o epistolar como género discursivo.

Uma das tarefas que se impõe é, por conseguinte, a definição de discurso epistolar.

Jacques Rougeot²³, em 1978, apresentou uma definição de carta, baseando a sua definição na seriação de cinco traços distintivos:

1. é um meio de comunicação;
2. aparece como o substituto das palavras que podem ser trocadas entre dois interlocutores numa situação de conversação;
3. trata-se de uma forma escrita;
4. desenrola-se a partir das intenções únicas do seu autor, enquanto uma conversa se desenrola segundo os impulsos dos diferentes interlocutores e o seu destinatário é conhecido;
5. é frequentemente determinada por condições exteriores (acontecimentos especiais, celebrações, etc.).

²² R. Beaugrand & W. Dressler, *Introduction to Text Linguistic*, London, Longman, 1981.

²³ Jacques Rougeot, “La littérature épistolaire”, *Littérature et genres littéraires*, Paris, Larousse, coll. Encyclopoche Larousse, 42, 1978, p. 169.

Parecem-nos, contudo, insuficientes e, na essência, discutíveis, alguns dos traços apresentados por J. Rougeot, sendo igualmente pouco operatórios.

Somos todos epistológrafos e importa pensar que o género epistolar é, como aliás o demonstram os teóricos R. Duchêne, B. Bray, J. Altman, V. Kaufmann, D. Rougeot, G. Haroche-Bouzinac, uma das práticas discursivas mais generalizadas. Sucintamente, e porventura de uma forma minimalista, partiremos, então, da seguinte definição de texto epistolar:

É a expressão escrita de um “eu” não metafórico (quem assina corresponde ao sujeito enunciador) que se dirige a um destinatário também não metafórico, tendo esta dupla restrição a finalidade de eliminar desta nossa análise a ficção epistolar. Forma de comunicação e de troca, o texto epistolar une, num projecto comum, duas instâncias (destinador e destinatário) postulando-se o conceito de reciprocidade. Nascido de uma ausência conotada negativamente, o texto epistolar tem amiúde uma função metonímica e testemunha, de forma eloquente, a coalescência de diversas temporalidades²⁴.

Apresentamos, agora, os traços distintivos que consideramos pertinentes para a definição e consagração do género:

- Na origem, há uma ausência;
- trata-se de um meio de comunicação escrita;
- traduz uma actividade singular /individual/privada;
- pressupõe um dispositivo externo relativo à especificidade da situação de comunicação que implica e impõe o seu uso;
- a comunicação epistolar desenrola-se em situação não partilhada que motiva o emissor à especificação, através de determinados elementos peritextuais (envelope, datação, localização, assinatura) e textuais, da sua identidade, a da(s) do(s) seu(s) destinatário(s) e do quadro espaço-temporal em que se inscreve a sua actividade;

²⁴ Esta definição é inspirada na de Benoît Melançon, sendo a tradução e a adaptação nossas. B. Melançon, *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familiale au XVIII^e siècle*, Bibliothèque Nationale du Québec, Éditions Fides, 1996, p. 47.

- o destinatário é identificável no texto (mesmo que o verdadeiro interlocutor não seja, em última instância, aquele que a situação enunciativa representa);
- é uma experiência recíproca, dominada pelo desejo de troca;
- pressupõe uma noção importante - a de pacto epistolar, ou seja, existe a expectativa de uma resposta;
- é um lugar de polivalência e de ambiguidades temporais, decorrente de uma interação descontínua;
- constrói-se com base numa sucessão de hiatos (temporais, espaciais, etc.);
- constitui, no plano social, uma recriação pessoal de um espaço codificado de comunicação social. É uma escrita codificada, normalizada que releva contudo da expressão espontânea. Escrever um texto epistolar não é a simples transcrição de fórmulas canônicas registadas em qualquer manual ou "secretário". Bernard Beugnot designa-a como uma escrita "à la manière de soi»²⁵.
- representa, no plano ontológico, um intermediário insubstituível entre presença e ausência. Tem por finalidade dizer da nossa existência, da nossa saúde, das nossas notícias e sobretudo da suposta ou pretensa exigência da reciprocidade. (*Espero que esta carta te encontre de boa saúde, que eu estou bem, com a graça de Deus*) O texto epistolar situa-se, assim, entre a nostalgia da presença abolida e a antecipação ansiosa de um regresso. O campo lexical da temporalidade (*ontem, hoje, quando, em breve*) e o estilo hiperbólico (*milhões de beijinhos*) conjugam-se com a especificidade dos tempos verbais. Pela ausência, a escrita de um texto epistolar, na realidade, é, *ab initio*, uma escrita de ficção;
- situa-se entre o permitido e o interdito. É portador de confidências, de segredos, de comprometimentos, daí que por vezes o emissor jogue, habilmente, com a necessidade do anonimato;

²⁵ Essa mesma designação consta do título do seu artigo "De l'invention épistolaire: à la manière de soi", *L'Épistolarité à travers les siècles, Geste de communication et/ou d'écriture* - Colloque Centre Culturel de Cerisy la Salle, Mireille Bossis e Charles A. Potter (org.), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, pp. 27-38.

- revela, a nível antropológico, uma estreita articulação entre o individual e o social. Como discurso ritualizado, como porta-voz de estratégias sociais, afectivas, culturais, o discurso epistolar é revelador de uma relação intrínseca entre duas entidades: a pessoa e a sociedade. Basta pensarmos nas cartas do século XIX, para facilmente descortinarmos as atitudes comportamentais que revelam as normas sociais: os rituais de noivado e de casamento, de educação, de condolências, etc.;
- a distância que separa emissor e receptor, virtualmente presente em todo o texto, torna-se uma modalidade de organização textual e inscreve-se nela com a especificidade que decorre da sua função comunicativa;
- a assumpção de um eixo comunicativo (loc →aloc) produz um efeito de distância mostrando o referido aspecto diferido da comunicação epistolar. Um dos seus elementos identificadores é o facto de as localizações espácio-temporais assumirem, como ponto de referência, o lugar e o tempo da situação de enunciação.

Tal como afirma Landowski, a carta define-se, não pelo seu conteúdo (qualquer que ele seja), mas, sobretudo, por um determinado dispositivo externo, relativo à situação de comunicação que implica o seu uso e em que se enraíza:

Point n'est besoin d'insister sur le fait que la lettre, indépendamment des contenus qu'elle a pour objet de transmettre sur la dimension cognitive, est d'abord, en elle-même, un objet-message, au sens littéral du terme, destiné à passer de main en main, et qui met par conséquent en jeu les spécificités inhérentes à toute circulation de valeurs sur la dimension pragmatique. (1988:19)

No discurso epistolar tradicional existe, *ab initio*, uma disjunção pragmática que constitui a base da definição do conceito. Esta disjunção entre a distância, num plano espacial, que se mede, que se aspectualiza e que corresponde ao afastamento físico, real e efectivo entre os correspondentes e a distância num eixo temporal,

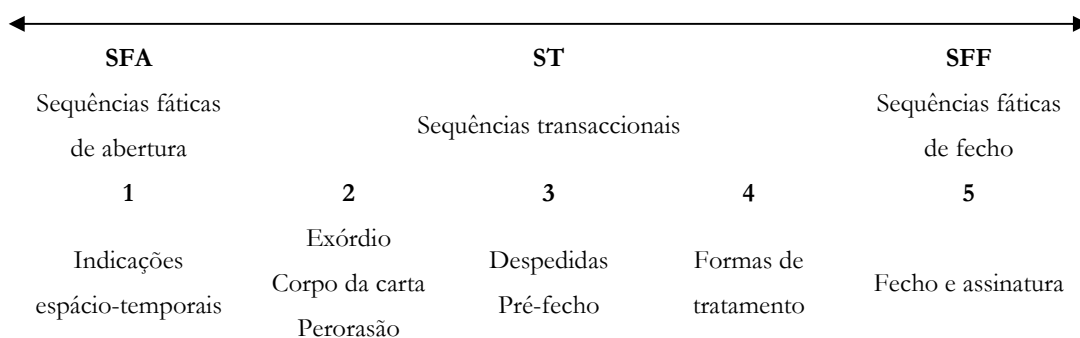
retomando aqui a definição canônica de comunicação diferida (Violi 1988 e Roulet 1993).

O discurso epistolar exhibe constantemente a sua própria situação de enunciação através de referências explícitas às categorias de pessoa, tempo e lugar (Violi 1988: 28).

Em detrimento de uma inegável diversidade, o discurso epistolar apresenta um número de constantes composicionais que integram a sua macro-estrutura. (Bastará lembrar as cinco partes que constituíam a tradição medieval da carta: *salutatio, captatio, benevolentiae, narratio e petitio*).

À semelhança dos estudos de Sacks *et al* (1974) para a análise conversacional, que mostraram a complexidade dos mecanismos de alternância nos turnos de fala, destacamos na escola francesa, J.-M. Adam que, seguindo uma perspectiva pragmática e textual, analisa a estrutura das formas epistolares, partindo da existência de uma macro-unidade : o texto dialogal. (Adam 1998: 41).

Distinguiremos, desta forma, três tipos de sequências:



Perspectivámos a investigação a partir de princípios teóricos da Análise do Discurso. Ao pretendermos analisar as características do discurso epistolar, não foi impunemente que escolhemos este percurso, em detrimento de muitos outros empregues por diferentes especialistas da comunicação epistolar.

Se, relativamente à especificidade do epistolar, poucas dúvidas se colocam, relativamente ao conceito de discurso, percebe-se que este é indubitavelmente uma questão basilar que tem despoletado acesos debates na comunidade linguística.

Tal como afirma Maria Aldina Marques, “a opção teórica pelo discurso não significa abandonar o domínio do enunciado, antes se trata de ir além dos limites deste para depois aí regressar de uma nova forma, num movimento pendular que vai do global ao particular e vice-versa” (2000: 57).

Perfilhamos a definição de discurso dada por Maingueneau (1998: 37-43) que apresenta oito traços identificadores desta noção, com base numa perspectiva pragmática da comunicação verbal. Assim, podemos considerar que o discurso

- é uma organização supra-frásica;
- é orientado;
- é uma forma de acção;
- é interactivo;
- é contextualizado;
- reporta-se a um sujeito;
- rege-se por normas;
- integra-se num interdiscurso.

Durante muito tempo, a correspondência foi considerada como o reflexo, o prolongamento ou a antecipação de uma comunicação oral, face a face²⁶.

Este *topos* é actualmente alvo de investigação, e esta questão das relações de continuidade, simetria ou oposição entre correspondência e conversação reveste-se de uma pertinência e de uma actualidade iniludíveis, se pensarmos que presenciamos uma revolução nas formas e nos modos de comunicação entre os povos. Apesar de tudo e, de um modo geral, a troca epistolar é considerada como uma forma específica de interlocução e interacção.

Afirma-se secularmente que a carta é uma conversação escrita, que substitui ou recria, representando-a, a presença do outro.

Oponha-se “comunicação face-a-face” e “comunicação epistolar”, a partir de algumas dicotomias:

²⁶ Cf. Jürgen Siess, *La Lettre entre le réel et fiction*, p.111.

| Comunicação face-a-face | Comunicação epistolar |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> Utilização do oral (signos linguísticos, suprasegmentais e paralinguísticos, unidades mimo-gestuais, entoações) | <ul style="list-style-type: none"> Utilização do escrito, excluindo-se os elementos não linguísticos referidos |
| <ul style="list-style-type: none"> Carácter espontâneo e improvisado no decurso da comunicação | <ul style="list-style-type: none"> Carácter premeditado (possibilidade de rasurar, de auto-corriger, de apagar) |
| <ul style="list-style-type: none"> O mesmo quadro espaço-temporal: acessibilidade perceptiva mútua | <ul style="list-style-type: none"> Quadro espaço-temporal não partilhado-consequente obrigatoriedade de recurso ao paratexto (local, datação, identificação, importância dos deícticos espaço-temporais) |
| <ul style="list-style-type: none"> Há <u>alocução</u>: o discurso destina-se a destinatário(s) concretos <i>in praesentia</i> | <ul style="list-style-type: none"> Há <u>alocução</u>: a carta é dirigida a um ou mais destinatários concretos <i>in absentia</i> |
| <ul style="list-style-type: none"> Há <u>interlocução</u>: alternância de papéis entre emissor e receptor | <ul style="list-style-type: none"> Há <u>interlocução</u>, dado que o emissor coincide com o destinatário seguinte e reciprocamente |
| <ul style="list-style-type: none"> Há <u>interacção</u>: ao longo da comunicação há trocas, há interferências, há mudanças, influências, há adaptações | <ul style="list-style-type: none"> Há <u>representação</u> de situações dialógicas através dos seguintes procedimentos: <ol style="list-style-type: none"> resposta paráfrase citação: idêntica ou modificada resumo alusão |
| <ul style="list-style-type: none"> O outro está fisicamente presente, no imediato | <ul style="list-style-type: none"> O outro está presente como alocutário, mesmo se fisicamente ausente |

Considerando este tipo de distinções essenciais, julgamos, contudo, que o discurso epistolar não pode ser obcecadamente²⁷ analisado com base na dicotomia entre o modelo face-a-face e a forma escrita que o singulariza²⁸.

Retomemos o exemplo de Altman²⁹: “Eu sinto”, enunciado pelo emissor, não tem como equivalente no destinatário “tu sentes”, mas sim “ tu sentias, no momento em que escreveste”.

O tempo e o espaço são, sabêmo-lo desde Kant, formas apriorísticas da nossa sensibilidade. Assim, todas as formas de comunicar se inscrevem num contexto do que anteriormente comunicáramos. Invocamos ou repetimos, evoluímos ou regredimos, certificamos ou desdizemos, concordamos ou refutamos.

²⁷ Como reitera Altman: “obsessed with its oral model”, Altman, *op. cit.* p. 135.

²⁸ Cf. Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’interaction épistolaire”, *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 15-36.

²⁹ Janet Altman, *op. cit.* p. 129.

Dependendo, por certo, da ausência que invoca, lastima e dissimula, o tempo é um tema explícito no discurso epistolar, alicerçando mesmo a sua estrutura. A carta pode servir para matar o tempo e, mesmo esta expressão deve ser entendida, não só no seu sentido metafórico, mas também na sua significação literal: suprimir a ausência e substituí-la por uma presença plena, a presença do texto epistolar.

A nível do campo semântico, o número de termos e de expressões invocadas é vasto e, mesmo que não nos detenhamos num estudo lexicométrico, o número significativo de ocorrências convida à reflexão sobre a importância das referências temporais como estruturadoras das sequências textuais.

Este tipo de discurso pode ser definido, de um modo funcional, como diálogo diferido, ou seja, como uma troca comunicativa caracterizada por uma ausência física de interlocutor. Definir o discurso epistolar como forma dialógica, cujo traço específico é a ausência do destinatário, significa intrinsecamente caracterizá-lo pela sua função comunicativa, que, neste caso específico, se inscreve na própria superfície textual. O interesse da análise deste tipo discursivo não é, pois, a função comunicativa que se estabelece via uma dimensão interaccional extra-textual, mas aquela que se assume e organiza nas próprias sequências textuais³⁰.

Um dos elementos caracterizadores deste género é, também, como dissemos, a localização espaço-temporal que remete para a situação de enunciação, o tempo e o lugar da narração. Depois desta focagem espaço-temporal, a localização desenvolve-se no interior do próprio texto através de mecanismos deícticos. A presença de marcadores deícticos “*hic et nunc*” da situação de enunciação e a co-presença do tempo da narração e do tempo da história concorrem para a especificidade deste tipo discursivo.

L’alternance entre le temps de la narration et le temps de l’histoire est décrite par Genette au moyen d’une analogie avec le reportage radiophonique télévisé: la lettre unie constamment, ainsi qu’il le dit, ce que dans le langage radiophonique on appelle émission directe et émission

³⁰ Cf. Patrizia Violi, “Présence et absence: stratégies d’énonciation dans la lettre”, *La Lettre, Approches Sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Suisse, Éditions Universitaires Fribourg, 1988, pp.28-35.

diféree, c'est-à-dire les quasi-monologue intérieur et la description des événements mêmes ont eu lieu³¹.

Assim, a presença de deícticos e a referência à situação quer espaço-temporal da narração, quer à situação do enunciador implicam, da parte do leitor, uma actualização da situação inicial de enunciação. Todavia, esse cenário é comum a todo o texto escrito: o destinatário tem de reconstruir, através de um processo de leitura, de interpretação e de compreensão do dispositivo enunciativo, produzindo-se, desse modo, um efeito de presença.

A distância que separa emissor e receptor, este último virtualmente presente em todo o texto, torna-se modalidade dominante na organização discursiva.

Se é verdade que o discurso epistolar pressupõe constitutivamente uma distância, é também verdade que a sua escolha, a sua utilização pode ser motivada para criar essa distância³².

Cícero distinguia dois tipos de cartas: um, “*severum et grave*” e outro “*familiare et jocusum*”³³. É neste segundo grupo que se inserem as que foram objecto do nosso estudo. Distinguem-se dos outros tipos, não apenas pelo facto de poderem ser categorizadas como documentos pessoais e individuais, íntimos, para além de se revelarem socialmente construídos (evidenciando-se no respeito pelos códigos sociais vigentes, no primeiro contacto, na declaração, na mudança nas formas de tratamento), permitem sobretudo mostrar a construção da relação amigável ou familiar.

³¹ Violi, *op. cit.* p. 31.

³² *Ibid.*, pp. 34-35.

³³ Geneviève Haroche-Bouzinac, “Familiar comme une épître de Cicéron, familiarité dans la lettre au tournant du XVII^e siècle et XVIII^e siècle”, *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, p. 17.



Vermeer, Jan
Lady Writing a Letter with Her Maid
1670
Oil on canvas
National Gallery of Ireland, Dublin

Capítulo 2 - Teorias do Epistolar

1. Estudos de Filiação histórica/literária

1.1.

Um dos artigos mais relevantes para a problemática da teoria epistolar foi publicado na *Revue d'Histoire Littéraire de France* e intitula-se “Débats autour du genre épistolaire”. Esse texto de Bernard Beugnot, que fôra objecto de uma comunicação na IV Conferência anual de investigadores americanos sobre o século XVII, em Minneapolis (1972), resume as fases de um aceso debate travado entre Bernard Bray e Roger Duchêne, a propósito especificamente do estatuto das cartas de Madame de Sévigné e versando, genericamente, a história do género epistolar.

Trata-se da síntese da discussão entre dois dos mais reconhecidos especialistas do epistolar francês, contenda essa em torno da distinção entre “autor epistolar” e “epistológrafo”, encerrando a primeira designação a preocupação do “fazer” literário, do escrever para um público, da submissão a uma retórica, ao passo que, na segunda, reside a marca, a presença obsidiante e dominadora de um destinatário.

Perante a questão colocada em 1966 – pode uma correspondência privada possuir o estatuto de obra literária? – Roger Duchêne responde negativamente, pois, para este especialista, as cartas de Madame de Sévigné não são literatura, mas “réalité vécue”, considerando ele ser a marquesa uma epistológrafa espontânea e não uma autora epistolar à guisa de Guez de Balzac².

¹ *Revue d'Histoire Littéraire de France*, mars/avril, 1974, n.º. 2, Paris: Armand Colin, pp. 195-202.

² Para entender cabalmente esta acesa polémica devem ler-se os seguintes artigos e obras:

Bernard Beugnot, “Débats autour du genre épistolaire: réalité et écriture”, *RHLF*, 74: 2, mars-avril 1974, pp. 195-202;
Bernard Bray, J. Chapelain. *Soixante dix-sept lettres inédites à N. Heinsius*, La Haye, Nijhoff, 1966;
Bernard Bray, “Quelques aspects du système épistolaire de Madame de Sévigné”, *RHLF*, 1969, 3-4, pp. 491-505;
Roger Duchêne, “Du destinataire au public, ou les métamorphoses d’une correspondance privée”, *RHLF*, 76: 1, janvier- février 1976, pp. 29-46;
Roger Duchêne, “Réalité vécue et art épistolaire: *Madame de Sévigné et la lettre d’amour*”, Paris, Bordas, 1970;
Roger Duchêne, “Réalité vécue et art épistolaire: le statut particulier de la letter”, *RHLF*, 1971, 2, pp. 177-194;
Louise K. Horowitz, “The Correspondance of Madame de Sévigné: Letters or Belles-Lettres?”, *French Forum*, 6: 1, janvier 1981, pp. 14-18;

Elle n'a jamais voulu, ainsi que l'avance B. Bray, "exploiter toutes les ressources d'un genre récemment mis à la mode" car, pour elle et ses contemporains qui ont écrit des lettres sans être des écrivains de profession, il n'y avait pas grand-chose de commun entre ce qu'ils faisaient et le genre épistolaire codifié, celui des doctes comme celui des auteurs galants³.

1.2.

Merece também especial destaque, neste conjunto de obras colectivas, as Actas do Colóquio Internacional *Les Correspondances* (1983)⁴, em que se debateram questões essenciais e que, apesar de englobar inúmeras comunicações de análise estritamente literária de correspondências⁵, anuncia igualmente algumas abordagens pluridisciplinares, questionando os dispositivos do que se denomina "pragmática libidinal"⁶, na medida em que encerra o prazer e o ódio de escrever, assim como o realce dado ao carácter performativo da carta que, como objecto material, permanente, susceptível de múltiplas leituras, se deixa submeter, mais do que qualquer outro enunciado oral, à interpretação⁷.

A reflexão proposta por Simone Lécointre⁸, articulando conceitos da pragmática, da semiótica e da psicanálise, visa questionar o género epistolar como género literário.

English Showalter, "Authorial Self- Consciousness in the Familiar Letter: The case of Madame de Graffigny", *Yale French Studies*, 71, 1986, pp. 113-114.

³ Roger Duchene, *Madame de Sévigné et la Lettre d'Amour*, Paris, Klincksieck, 1992, p. 322.

⁴ Cremos inovadora e muito profícua a ideia de reunir todas as intervenções ocorridas nos períodos de discussão e debate que enriquecem enormemente este volume de actas, para além da inclusão das comunicações apresentadas nas duas mesas redondas: 1. Editar porquê? e 2. Correspondências: enunciação, recepção e ainda de três dos seis ateliers propostos.

⁵ Refram-se a título de exemplo as comunicações de Renate Karst-Matausch, "De la lettre aux lettres. Reflexions sur la genèse de l'écriture épistolaire chez G. Sand" pp. 146-165, e de Nicole Treves-Gold, "La Correspondance de Montaigne et les *Essais*: problématique d'une étude intertextuelle", pp. 268-286, *Les Correspondances, problématique et économie d'un genre littéraire*, Actes du Colloque International *Les Correspondances*, Publication de l'Université de Nantes, 1983, sob a direcção de Jean-Louis Bonnat e Mireille Bossis.

⁶ Cf. Ouverture de J.L. Bonnat, *Les Correspondances*, *op.cit.*, p. 10.

⁷ Veja-se o artigo de Simone Lécointre, "Contribution à une théorie du texte des Correspondances", *op. cit.*, pp. 195-212.

⁸ *ibid*, p.197.

Mais “genre littéraire”, non. Une correspondance d’écrivain, si elle se doit, pour être correspondance, de respecter les lois de l’échange par lettres, n’est nullement tenue, pour être littéraire, de s’inscrire *a priori* dans un contexte d’orthodoxie. Elle se caractérise par la totale liberté qu’elle peut afficher vis-à-vis du conventionnel littéraire (...)⁹.

Demonstrando que uma correspondência não se define exclusivamente pelas leis da pragmática discursiva, a autora prova que aquela é uma produção imaginária comandada pelo desejo, mimando a interação oral, o que lhe confere o estatuto de experiência textual. Sintetiza alguns elementos do contexto de enunciação que despoletam esse desejo: o acto da escrita, propriamente dito, no sentido físico e material encerra gestos de inscrição do desejo: o traçar, o imprimir grafismos numa folha virgem de papel. Daí que não seja de estranhar a valorização que frequentemente é dada ao suporte material que recebe o indizível do desejo, valorizando-se a textura, a cor, a grafia. Por outro lado, o facto de congregar no mesmo espaço fechado da carta, o *eu* e o outro, um através da assinatura, o outro através do endereço, relega para o destinatário uma particularidade essencial: como ausente, é reduzido a um papel no enunciado, enfraquecido pelo processo diferido.

1.3.

A reflexão sobre o epistolar, desencadeada com o primeiro colóquio de Nantes prosseguiu uma década depois com a realização de um colóquio (Centre Culturel International de Cerisy la Salle, entre 8 e 18 de Julho de 1987), cujo tema foi *L’Épistolarité à travers les siècles*, desta vez com uma direcção franco-americana, assumida por Mireille Bossis, das Universidade de Nice e por Charles Porter da Universidade de Yale. Neste colóquio foram lançadas duas perspectivas de análise que podem ser apreciadas nas duas partes distintas das respectivas actas: a perspectiva literária, em que participaram Roger Duchêne, Bernard Beugnot, Bernard Bray, Vicent Kauffmann, entre outros e as perspectivas histórica e

⁹ *ibid*, p. 210

sociocultural, com os contributos de Janet Altman, Cécile Dauphin, Pierrette Pezerat, Marie Claire Grassi e Michelle Perrot, entre os demais conferencistas.

Nas mesas redondas debateram-se temas bastante díspares, mas que encerravam originalidades por provirem de investigações de horizontes divergentes. Realçamos os seguintes: **La lettre d’amour**, com o contributo de Bernard Bray, profusamente citado e referência incontornável para quem estuda os *topoi* das cartas amorosas, “Treize propos sur la lettre d’amour” (pp. 39-47); **Écriture privée/Écriture Littéraire**, onde se debateram as condições em que a escrita privada, de natureza epistolar, despoleta e fecunda a escrita literária, discutindo-se particularmente o caso dos escritos de Flaubert¹⁰ e de Musset¹¹. Outra das mesas redondas, sobre **Les correspondances familiales**, serviu para evidenciar os vestígios de práticas sociais comuns na burguesia que, distantes da escrita literária, servem contudo para relatar, comunicar e comungar experiências e acontecimentos do quotidiano.

Os historiadores analisaram igualmente a correspondência como discurso do privado, concluindo, da análise das correspondências familiares, que o discurso do privado não coincide forçosamente com o discurso intimista, servindo preferencialmente para estabelecer laços de família e de amizade. Entre os trabalhos apresentados no seio desta discussão, destacamos o de Marie Claire Grassi, “La Correspondance comme discours du privé au XVIII^e siècle”¹², em que a autora fez uma análise de cartas particulares, manuscritas, da nobreza francesa entre 1760 e 1860, mostrando a importância da forma, do fundo e da estrutura da carta para a definição de um novo conceito de epistolar, no século das luzes: a expressão do despontar do “eu”.

¹⁰ Amélie Schweiger, “L’épistolaire flaubertien comme problématique voie d’accès au littéraire”, *L’Épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, Colloque sous la direction de Mireille Bossis et de Charles A. Porter, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, pp. 87-91.

¹¹ Loïc Chotard, “Musset, janvier – mars 1835”, *L’Épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, Colloque sous la direction de Mireille Bossis et de Charles A. Porter, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, pp. 82-86.

¹² Marie Claire Grassi, “La Correspondance comme discours du privé au XVIII^e siècle”, *op. cit.*, pp. 180-183. Os resultados apresentados nesta mesa redonda foram extraídos da tese de doutoramento *Correspondances intimes (1700-1860). Étude littéraire, stylistique et historique*, Nice, Université de Nice, 1985.

1.4.

Desde o primeiro colóquio, em Nantes, anteriormente referido (Outubro de 1982), até ao que decorreu no Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, em 1987, é óbvio que a reflexão sobre o epistolar prosseguiu e que alguns ecos estão patentes nos inúmeros artigos dados à estampa nessa década.

Na sequência destes dois importantes acontecimentos, o Institut National de la Recherche Pédagogique organizou, em Paris, em Dezembro de 1992, um novo colóquio subordinado ao tema “**La lettre à la croisée de l’individuel et du social**”, colóquio que suscitou grande interesse por parte da comunidade científica, porque, como afirma Mireille Bossis, “le geste d’écriture épistolaire comme geste de communication avec l’autre, a donné son unité au colloque en insistant sur ses composantes individuelles et sociales. La lettre est ce lieu d’écriture spécifique qui nous interroge dans sa pratique multiséculaire sur l’évolution de notre devenir individuel et de nos mentalités”¹³.

Sendo a carta um documento reputado de verdadeiro, um testemunho que pertence, preferencialmente, à esfera do privado, objecto de estudo privilegiado dos historiadores que monopolizaram o seu conteúdo informativo, sem o submeterem ao filtro crítico das ciências humanas e em detrimento de uma análise textual que descodificasse as não coincidências entre as palavras ditas, as escritas e a representação ou idealização dos acontecimentos, importante se tornava dar este passo no sentido de uma abordagem pluridisciplinar.

Partindo do pressuposto de que “la lettre peut accueillir une infinité de thématiques: on peut affirmer sans aucun risque de se tromper qu’elle n’en exclut aucune”¹⁴, constatamos que é essa multiplicidade de temáticas - de que cada época tem o reportório próprio - que se inclui nas diferentes análises apresentadas: desde o conceito de familiaridade epistolar nos séculos XVII e XVIII, no estudo de Geneviève Haroche¹⁵ à abordagem psicológica de cartas de adolescentes em

¹³ Mireille Bossis, *La Lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, p.9.

¹⁴ Mireille Bossis, *op. cit.*, p. 12.

¹⁵ Geneviève Haroche, “*Familier comme une épître de Cicéron, familiarité dans la lettre au tournant du XVII^e e XVIII^e siècle*”, *La Lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, pp.17-24.

depressão por Marie-Françoise Chanfrault-Duchet¹⁶. Poder-se-á facilmente constatar a variedade das abordagens, que se estratificam em três grandes domínios: a emergência da carta como género, nos séculos XVII e XVIII, a diversificação das práticas epistolares no século XIX, onde aparece um curioso estudo sobre o correio das leitoras de Balzac¹⁷ e, ainda, a evolução das práticas no século XX.

1.5.

Ainda referindo actas de colóquios cuja temática central se relaciona com o domínio epistolar, devemos citar cinco obras distintas, da Honoré Champion (Paris), editora que muito tem apoiado e incentivado estes trabalhos.

Expériences limites de l'épistolaire é um tema provocador que, partindo da premissa de que a distância e a separação são elementos constitutivos da escrita epistolar, questiona o efeito das condições de experiências e de existências gravosas em que a distância e a separação se impõem sob a forma de perda, ruptura e alienação. Como recorda André Magnan, na apresentação desta obra “ici la lettre repare; là, elle separe davantage. *“Il me semble que chaque ligne de ma lettre m'éloigne de vous”*, écrit Voltaire à sa nièce aimée en apprenant d'elle l'exil”¹⁸, as experiências limite afectam, determinam e alteram as práticas epistolares extremas e excessivas. Acerca desta temática do exílio, Roger Duchêne escreve sobre a expressão da homossexualidade nas cartas de Proust¹⁹. Pascal Dethurens, por seu turno, debruça-se sobre as cartas do exílio de Paul Claudel²⁰, tentando mostrar que, contrariamente ao que se poderia pensar, para o poeta são os outros, os seus correspondentes que

¹⁶ Catalin Mamali, “Vivre et l'Écrire. Lettres d'adolescents en détresse: énonciation du moi et représentations sociales”, *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, pp.186-193.

¹⁷ Christiane Mounoud-Anglés, “Le courrier des lectrices de Balzac (1830-1840): stratégies identitaires”, *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, pp. 98-104.

¹⁸ André Magnan, “Présentation”, *Expériences limites de l'épistolaire, Lettres d'exil, d'enfermement, de folie*, Textes réunis et présentés par André Magnan, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1993.

¹⁹ Roger Duchêne, “L'expression de l'homosexualité dans les lettres de Proust” - *Expériences limites de l'épistolaire, Lettres d'exil, d'enfermement, de folie*, Textes réunis et présentés par André Magnan, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1993, pp. 59-75.

²⁰ Pascal Dethurens, “Lettres d'exil de Paul Claudel: la grâce dévoratrice”, *op. cit.*, pp. 51-57.

estão exilados, permanecendo surdos relativamente às suas palavras e às palavras de Deus.

1.6.

Utilizando os recursos permitidos pela forma epistolar, a intimidade que possibilita, o jogo de resposta que pode provocar, os testemunhos da vida política que pode encerrar, a temática *La Lettre et la Politique* constituiu, sem dúvida, um repto para os intervenientes no colóquio de Calais (1993) que exploraram correspondências (publicadas e inéditas) para, assim, questionar as relações que se estabelecem entre testemunhos e reflexões, veiculados estritamente pela forma epistolar. Ao afirmar na Introdução a esta obra, “Les correspondances mettent alors en évidence des réseaux de pensées et d’actions, des vecteurs informels de l’information et des idées”²¹, Danièle Pouban explicita os dois grandes eixos de organização deste volume. O primeiro, que engloba a posição dos escritores face à cena política (no papel, ora de actores, ora de testemunhas) e o segundo, que encerra o jogo dos autores face aos destinatários (anónimos ou dissimulados). Impondo a forma epistolar uma expressão particular, impele, mais do que o artigo de imprensa, por exemplo, a uma familiaridade, a uma confessionalidade, a uma expressão do “eu” e das ideias pessoais, instituindo-se, assim, uma aliança entre correspondência e segredo. Merece destaque, nesta recolha, a análise de cartas dirigidas aos jornais, cartas que constituem um grupo específico no seio da produção epistolar. Não sendo radicalmente diferentes de determinadas correspondências particulares, visam, no entanto, a divulgação de formas de pensar, a difusão do pensamento, alargando ao público leitor, a eficácia política e, sobretudo, a vanglória pessoal²². Outro artigo a realçar pela actualidade do *corpus* analisado e pela originalidade da investigação intitula-se “Lettres au Président de la République”²³. Neste estudo foram analisadas

²¹ Danièle Pouban, *La Lettre et le Politique*, Actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993, Paris, Honoré Champion, 1996, p. 23.

²² Leiam-se, a este propósito, os artigos de Christophe Cave e Denis Reynaud, “*La fausse lettre au journal en 1793, La Lettre et le Politique*, Actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993, Paris, Honoré Champion, 1996, p. 239-249 e de Françoise Chenet-Faugeras, “Lettres aux journaux. L’Univers et l’Université (1842-1846)”, *ibid*, pp. 249-261.

²³ Annie Vénard-Savatosky, “Lettres au Président de la République”, *ibid*, pp. 67-77.

220 cartas recebidas pelos serviços de correio do Eliseu durante a semana de 2 a 9 de Maio de 1993, numa média de 1100 cartas por dia, indexadas em duas grandes categorias: opiniões e pedidos. A autora justifica não se tratar de uma verdadeira correspondência, na medida em que as relações de reciprocidade são desiguais e largamente imaginárias (os correspondentes duvidam, explicita ou implicitamente, da resposta do seu interlocutor, Monsieur le Président Mitterand), constituindo, quer as cartas de opinião, cuja função é preferencialmente crítica, quer as cartas de pedido (pedidos de intervenção junto da banca, do tribunal, de determinada entidade superior) a expressão de um direito legítimo e natural dos cidadãos, conferido pela democracia²⁴. O trabalho analisa as figuras do imaginário político francês contemporâneo, reveladas através das representações da função presidencial, tal como esta pode ser entendida através do registo epistolar.

1.7.

No mesmo ano de 1993, o Centre Pluridisciplinaire de Recherche, d'Étude et d'Édition des Correspondances du XIX^e siècle, criado na Universidade de Paris IV, organizou, na sequência do que já fizera em anos anteriores (em 1980, sobre as correspondências literárias e musicais, com a colaboração do Professor Henri Mitterand, director do Centro Zola do CNRS; e em 1986, àcerca das correspondências históricas e literárias) um colóquio internacional - **Nouvelles Approches de l'Épistolaire, Lettres d'artistes, Archives et Correspondants**²⁵ - sobre correspondências artísticas, cujo campo de investigação se alargou posteriormente às perspectivas metodológicas nas correspondências administrativas, industriais e comerciais, graças à colaboração da École de Chartres. Estes documentos epistolares, de outro cariz, oferecem aos investigadores testemunhos irrecusáveis sobre a vida literária, artística, científica e social, ressuscitando amiúde as turbulências da época, as angústias, os caprichos, e até as paixões de juízos estéticos

²⁴ *ibid*, p. 69.

²⁵ *Nouvelles Approches de l'Épistolaire, Lettres d'artistes, Archives et Correspondants, Actes du Colloque International* tenu à la Sorbonne, les 3 et 4 décembre 1993, Université de Paris-Sorbonne, Centre de Correspondances du XIX^e siècle, Textes réunis par Madeleine Ambrière et Loïc Chotard, Paris, Honoré Champion.

arrojados mas autênticos. Segundo Madeleine Ambrière, que prefacia estas Actas, “ainsi les correspondances artistiques du XIXe siècle font-elles revivre, par exemple, les splendeurs et les misères des marchands de tableaux, les vicissitudes du marché de l’art, ainsi que la véridique histoire d’un mouvement tel que le surréalisme, qu’enrichissent d’éléments nouveaux les lettres d’André Masson, modifiant sensiblement l’histoire officielle de ce mouvement”²⁶.

Merece também especial atenção, nesta recolha, o artigo de Bruno Delmas sobre as especificidades da correspondência administrativa. O Centro de Correspondências do século XIX, atrás referido, especializou-se, assim, na investigação e posterior publicação de importantes e volumosos *corpora* de correspondências de personalidades. Considerando que, nos arquivos privados, o mais interessante, o mais procurado, porque pleno de informações, o mais desejado, porque atreito ao prazer de coleccionar, o mais esmiuçado, porque espicaça uma curiosidade indiscreta, são as correspondências, constata-se que, em oposição, nos arquivos públicos, nos fundos de arquivos, o interesse reside na constituição e conservação de ficheiros de correspondências com funções determinadas²⁷. Sabendo que, na correspondência administrativa, o carácter pessoal da correspondência privada se dilui por trás de formalismos administrativos que impõem uma formatação clássica e *quasi* imutável, de uma intenção objectiva e explícita e de uma função utilitária da comunicação, facilmente se compreendem as razões desta classificação.

Primeiramente, na correspondência administrativa há uma necessidade de assegurar a regularidade e a homogeneidade, em detrimento da diversidade; em seguida, deve existir a possibilidade de efectuar controlo em conformidade a um modelo previamente conhecido dos correspondentes; e, por fim, deve subsistir a preocupação de facilitar a leitura e a exploração rápida do documento²⁸. O autor

²⁶ Madeleine Ambrière, *Avant-propos, Nouvelles approches de l'épistolaire*, Paris, Honoré Champion, 1996, p. 11.

²⁷ Bruno Delmas especifica essas funções: “En effet, les documents qui composent un fonds d’archives sont conservés pour assurer au moins l’une des quatre fonctions suivantes: prouver, se souvenir, traiter, communiquer”. “Correspondances et Fonds d’archives Administratifs: Typologie et Aspects Particuliers”, *Nouvelles approches de l'épistolaire*, Paris, Honoré Champion, 1996, p. 136.

²⁸ *ibid*, p. 137.

recenseia os principais traços linguísticos que caracterizam a correspondência administrativa analisada, quer a nível lexical (com o emprego sistemático de expressões estereotipadas: “*j’ai l’honneur de; on ne sous-estime pas*”, etc), quer a nível sintáctico (com o recurso a frases longas dominadas pela subordinação), quer a nível sociolinguístico (dado através do emprego da forma de tratamento da segunda pessoa de plural e do emprego sistemático da terceira pessoa para designar o próprio signatário, para além do estrito e escrupuloso cumprimento das formas de delicadeza e de agradecimento)²⁹.

1.8.

O estudo, de que seguidamente damos conta, *L’Épistolaire, un genre féminin?*³⁰, editado por Honoré Champion, é o resultado do trabalho desenvolvido ao longo de um seminário da AIRE (Association Interdisciplinaire de Recherche sur l’Épistolaire), entre Novembro de 1992 e Junho de 1994 e surge da urgência de reflexão, por parte da crítica literária francesa, sobre as transformações ocorridas, numa perspectiva diacrónica, no género epistolar³¹. Trata-se, para além da sempiterna e banalizada discussão sobre a questão da escrita feminina, da reflexão sobre o sentido da convocação do género feminino neste domínio do epistolar que, recordemos, abarca não só o conjunto das cartas publicadas, mas também todas as cartas ficcionadas, nomeadamente aquelas de acesa e discutida autoria (como as *Lettres Portugaises*) e, ainda, os romances epistolares.

Roger Duchêne, no começo do seu artigo “La lettre: genre masculin et pratique féminine” afirma: “On admet généralement que la lettre est un des genres littéraires, pour ne pas dire le genre littéraire, dans lequel les femmes ont trouvé un (premier) moyen de s’exprimer, d’entrer dans la littérature et par là même se

²⁹ *ibid*, p. 140.

³⁰ *L’Épistolaire, un genre féminin?*, Études réunies et présentées par Christine Planté, Paris, Honoré Champion, 1998.

³¹ Duas reflexões importantes sobre esta temática já tinham sido anteriormente levadas a cabo por Fritz Nies, “Un genre féminin?”, R.H.L.F., n.º. 6, número especial sobre “La Lettre au XVII^e siècle”, nov-déc.1978, pp. 994-1003 e, mais recentemente, *Les Femmes de Lettres. Écriture féminine ou spécificité générique? Études réunies et présentées* par Benoît Melançon et Pierre Popovic, Département d’Études Françaises, Université de Montréal, 1994.

libérer”. Este pensamento articula-se com a célebre discussão travada entre Duchêne e Bernard Bray, anteriormente referida, sobre a distinção entre autor epistolar e epistológrafo, concluindo aquele historiador que, no século XVII, apenas tinham relevância algumas epistológrafas, ou seja, senhoras que praticavam a escrita de cartas, de cartas autênticas. Na origem, afirma Duchêne, o género epistolar é um género masculino, dado que se filia no género herdado dos clássicos, seguindo o seu modelo³². Ora, como já afirmara Fumaroli, no seu artigo “Genèse de l’épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre de Pétrarque à Juste Lipse”³³, valorizando a importância da carta como género literário, impõe-se o modelo eminentemente masculino, dado serem os homens os únicos qualificados para tratar géneros literários. Todavia, quando se trata de publicar correspondências autênticas, cartas verdadeiramente privadas, ilustração de uma prática social não literária desses gestos de escrita, as mulheres ocupam aí o seu lugar, bastando a referência cimeira de Madame de Sévigné.

Se parece difícil definir uma estabilidade no carácter feminino epistolar, do estudo de *corpora* tão diferentes como os que foram trabalhados neste seminário, pode contudo exarar-se um juízo conclusivo: as cartas constituíram, muitas vezes, para as mulheres, o único meio – o menos interdito – de aceder a espaços ou a actividades a que não tinham acesso, pois lhes estavam vedadas. E Christine Planté exemplifica, na Introdução, referindo a actividade intelectual para Henriette, misteriosa leitora e correspondente de Rousseau, ou para Manon Philipon, futura Madame Roland³⁴.

Esta controvérsia em torno da feminilidade da carta assume o seu auge no século XIX, como tão bem ilustram as referências nos dicionários e enciclopédias da época.

³² Roger Duchêne, “La lettre: genre masculin et pratique féminine”, *L’Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 29.

³³ Marc Fumaroli, “Genèse de l’épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre de Pétrarque à Juste Lipse”, R.H.L.F., nov-dec. 1978, tendo surgido, posteriormente, com o título “De l’Age de l’éloquence à l’Age de la conversation: la conversation de la rhétorique humaniste dans la France du XVII^e siècle”, *Art de la lettre Art de la conversation à l’époque classique en France*, Actes du Colloque de Wolfenbüttel, Outubro 1991, publicadas por Bernard Bray e Christoph Strosetzki, Paris, Klincksieck 1995, pp. 25-45.

³⁴ Christine Planté, Introduction, *L’Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 17.

Les femmes devaient réussir dans le genre qui demande le plus d'abandon et de délicatesse; c'est à elles qu'appartiennent l'éloquence des émotions et la grâce des détails: il n'y a peut-être pas de femme qui, douée de quelques facultés d'esprit, n'ait eu l'occasion d'écrire dans sa vie des modèles de style épistolaire³⁵.

Ou ainda,

En générale, chez nous, ce sont les femmes qui tiennent le sceptre du genre épistolaire: cette sorte de causerie sans prétention semble convenir parfaitement à la vivacité de leur esprit, à la mobilité de leurs impressions³⁶.

Danièle Pouban, ao abordar o lugar das mulheres numa correspondência familiar do século XIX, corrobora a opinião de Diaz, afirmando que o século XIX privilegiou a imagem do gesto da pena em mão feminina, desprezando os magotes de escribas engravatados³⁷.

Este gesto da escrita epistolar feminina é herdado claramente do século das luzes, esse glorioso século XVIII francês em que, não só se pretendia que o género fosse feminino, como se tornava feminino ao ser ensinado e transmitido, numa perspectiva pedagógica, na educação das jovens de sociedade. Evocando esse uso, profusamente difundido, do ensino da escrita epistolar, Brigitte Diaz sublinha-o como forma de libertação:

Jugée sans doute inoffensive et propre à insuffler aux plus rétives les normes mondaines, la lettre a souvent rempli sa mission, transmettant de femme en femme les images conventionnelles d'une féminité édulcorée, mais elle a aussi été pour d'autres, a n'en pas douter, l'alternative, un peu sage, il est vrai, à leur infantilisation

³⁵ Étienne de Jouy, artigo "Épistolaire" (Style), *Encyclopédie moderne ou Dictionnaire abrégé des lettres et des arts*, M. Coutin, t. XII, Paris, 1828, pp. 65-66, *apud* José-Luiz Diaz, "La Féminité de la Lettre dans L'Imaginaire Critique au XIX^e siècle", *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, 1998, pp.153-177.

³⁶ Champagnac, artigo "Épistolaire" (genre), *Dictionnaire de la conversation et de la lecture*, t. XXV, Paris, Belin-Mandar, 1836, p. 24, *apud* José-Luiz Diaz, "La Féminité de la Lettre dans L'Imaginaire Critique au XIX^e siècle", *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 153.

³⁷ *Cf.* Danièle Pouban, "Écriture et rôle social. La place des femmes dans une correspondance familiale au XIX^e siècle", *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 215.

sociale, l'instrument d'une prise de conscience et d'une prise de parole et surtout le premier geste d'une émancipation"³⁸.

1.9.

A interrogação que abre a obra que agora recenseamos, “Est-il possible de dire, de décrire l'intime?”, consubstancia, de forma sumária, a temática discutida no colóquio de Brest, em Outubro de 1997, *Les Écritures de l'intime, La correspondance et le journal*, que, evocando os diários de grandes escritores, as suas correspondências, e os seus escritos privados e intimistas, debatendo estes jogos de intertextualidades, lançou o repto: clarificar as diferentes tipologias da escrita íntima.

O estudo comparado da correspondência e do diário conduz à dúvida sobre a autenticidade de cada uma dessas formas de escrita do “eu”. Será o diário mais sincero do que a carta? “Loin d'être toujours sincère, la correspondance semble favoriser le non-dit"³⁹. Neste sentido, este colóquio serviu justamente para sublinhar a autenticidade, a sinceridade das correspondências, relativamente aos diários, dado ser o registo diarístico concebido sigilosamente, para uma possível publicação e, por isso, continuamente confrontado com a presença, mesmo que ulterior, de um destinatário leitor.

A propósito da correspondência de Stendhal, Loïc Chotard sublinha, utilizando um termo da informática, que mais do que uma polifonia textual, estamos em presença de um hipertexto, inscrevendo-se, associando-se e articulando-se nesta designação elementos textuais assaz díspares, “une espèce de porosité s'instaure d'un document à l'autre"⁴⁰.

³⁸ Brigitte Diaz, “Les Femmes à l'École des lettres“, *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, 1998, p.146.

³⁹ Pierre-Jean Dufief, “Introduction“, *Les Écritures de l'intime. La correspondance et le journal*, Actes du Colloque de Brest, 23, 24 e 25 octobre 1997, textes rassemblés et présentés par Pierre-Jean Dufief, Paris, Honoré Champion, 2000, p. 10.

⁴⁰ Loïc Chotard, “Archive“, “Correspondance Générale“, “Écrits Intimes“, Quelques réflexions méthodologiques sur le “cas-Vigny“, *Les Écritures de l'intime. La correspondance et le journal*, Paris, Honoré Champion, 2000, p. 22.

1.10.

No mesmo ano de 1997, e sob o patrocínio da AIRE, realizou-se um colóquio que, como o volume das actas largamente documenta, lançou um desafio pioneiro nas abordagens das teorias epistolares, *Penser par lettre*. Tratou-se, sobretudo, de um fórum de reflexão sobre as relações que se estabelecem entre uma forma de escrita (a carta) e o pensamento que lhe subjaz, ao longo dos séculos, em espaços diferentes e sob diferentes condicionalismos. Uma tentativa de definir ou redefinir uma ligação, um elo, frouxo, ou talvez inexistente, entre o rigor subjacente ao percurso cognitivo e intelectual, por um lado, e a correspondência, por outro, sendo esta prática de escrita, considerada, por uns, demasiado mundana e vulgar ao passo que, por outros, demasiado íntima para pretender aceder à universalidade do pensamento⁴¹.

A transversalidade destes trabalhos pode constatar-se através da co-organização deste evento que pôde reunir, no castelo d’Azay-le-Ferron, perto de Tours, investigadores franceses e canadianos, estes últimos membros do *Centre Universitaire de Lecture Sociopoétique de l’épistolaire et des correspondances (CULSEC)* do Departamento de Estudos Franceses da Universidade de Montreal, do Canadá. José Luiz Diaz, Jean M. Goulemot e Benoît Melançon, os organizadores, agruparam as comunicações em três secções: primeiramente surge:

Penser le social: de la médiation épistolaire, em que mais do que pensar a correspondência como uma actividade de dois pólos (o epistológrafo e a sociedade), importa perceber quais as estruturas, os espaços, as figuras que tornam possível essa representação da sociedade e que configuram essa “mediação epistolar”⁴².

La République des Lettres é a segunda secção desta obra colectiva, em que se inserem trabalhos em que se detecta a evolução, real ou ficcionada, de um espaço

⁴¹ Brigitte Diaz, “Penser la littérature. Le dialogue épistolaire Sand-Flaubert 1866-1876”, *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, p. 359.

⁴² Cf. Benoît Melançon, “Présentation”, *Penser par lettre*, Actes du Colloque d’Azay-le-Ferron, publiées sous la direction de Benoît Melançon, Québec, Fides, 1998, p.8.

intelectual colectivo, alicerçado na circulação de textos epistolares, um espaço de partilha do pensamento.

Por último, a parte respeitante a *Une pensée duelle* em que, mais do que celebrar o carácter colectivo do pensamento epistolar, se reúnem análises centradas na importância do destinatário que levam a explicar a ideia que emana da prosa epistolar: pensar epistolarmente é, na sua mais elementar acepção, pensar a dois. Segundo Geneviève Haroche-Bouzinac, “la particularité de la forme épistolaire consiste à permettre la naissance d’une pensée adressée”⁴³.

Numa leitura crítica dos textos apresentados, José Luis Diaz redige um texto de abertura, intitulado “Il est interdit de penser par lettre” que merece um especial destaque, na medida em que estabelece o marco histórico na mudança da mentalidade epistolar, apontando o fenómeno Sévigné como o despoletar da mutação histórica do imaginário e da prática da escrita. Antes de Sévigné, afirma Diaz⁴⁴, era o reino dos formulários, do “cerimonial”; posterior à referência Sévigné, inicia-se a promoção da carta como género mundano e de socialização, o que acarreta consequências importantes. A escrita epistolar torna-se uma actividade de escrita mais liberta, menos conforme às normas e às exigências formais, menos submissas aos protocolos retóricos, admitindo alguns desvios. Manifesta-se igualmente a necessidade de abandonar a procedência literária e a admissão de um género, dando a primazia a uma prática de comunicação, sobrevalorizando a relação em detrimento da mensagem, o efeito social, para além do texto. Trata-se, pois, de um movimento duplo de socialização e de feminilização da carta⁴⁵.

Na senda da investigação que vem desenvolvendo sobre manuais epistolares no século XIX⁴⁶, Cécile Dauphin traça uma analogia entre o uso dos lugares comuns

⁴³ Geneviève Haroche-Bouzinac, “Penser le destinataire: quelques exemples“, *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, p. 279.

⁴⁴ José Luis Diaz, “Il est interdit de penser par lettre“, *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, p. 14.

⁴⁵ *ibid*, p. 16.

⁴⁶ Para além do artigo em questão “Une pédagogie du lieu commun dans les manuels épistolaires du XIX^e siècle, *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, p.63-73, vejá-se os seguintes trabalhos desta investigadora do CNRS: Cécile Dauphin, “Mise en scène du geste d’écriture“, *La lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Kimé, 1994, pp. 126-133; *Prête-moi ta plume, Les Manuels Épistolaires au XIX^e siècle*, Paris, Éditions Kimé, 2000.

nos manuais epistolares e a análise dos *clichés*, desenvolvida por Ruth Amossy⁴⁷. Para ilustrar o seu trabalho, escolheu, como campo de análise, as cartas de condolências, manifestamente uma recolha inovadora, tendo recenseado cinco tipos diferentes de *topoi*: a maioria dos enunciados propostos refere a morte sem a nomear: “a perda cruel; a perda irreparável; o infortúnio, a desventura”, uma série de perífrases que se esquivam ao espectro da morte; o mesmo procedimento aplica-se à figura do defunto, em torno do qual se focaliza a redacção do texto: as suas virtudes, o seu exemplo, o seu talento, a estima que o rodeava servem para adornar o morto com uma áurea de santidade. Relativamente à expressão da consolação, propriamente dita, os autores destes manuais epistolares, ou secretários, recomendam impreterivelmente que se tire o máximo partido da crença mística ou religiosa, servindo os eufemismos - usados para designar quer a morte quer o defunto - para preparar a reflexão piedosa ou a invocação da providência divina e para ilustrar essa atitude de resignação. Simultânea a esta expressão de consolação religiosa, a expressão do luto e do pesar deve aliar-se à manifestação da dor, em que as lágrimas e o choro se revestem de um poder curativo da partilha do luto. Esta síntese dos lugares-comuns nas cartas de condolências mostra eficazmente que, embora seja sucinto o carácter das mensagens disponíveis nos manuais, permite o acesso a um discurso pré-construído, maleável, eficaz, que não releva da criatividade, mas que remete para o já-dito, já-conhecido⁴⁸.

Outro dos artigos que, pela sua importância, destacamos encerra uma ideia que gostaríamos de transpor e de aproveitar para o nosso país, constatada a anarquia que reina na organização de muitas das correspondências de escritores portugueses, quer a nível da inventariação dos espólios existentes na Biblioteca Nacional, quer a nível da categorização das diferentes tipologias dos escritos da intimidade. Trata-se da constituição de um atlas electrónico de correspondências, exposto neste colóquio

⁴⁷ Ruth Amossy, *Le discours du cliché*, Paris, CDE e CDES, 1982.

⁴⁸ Cécile Dauphin, “Une pédagogie du lieu-commun dans les manuels épistolaires du XIX^e siècle”, *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, pp. 71-73.

por Georges Dulac⁴⁹. Esse sonho de dispor de um instrumento que permitisse congregar e reunir grande parte das correspondências de uma época, de modo a que fosse possível considerá-las como um conjunto disponível para diversas formas de investigação, suscitou, no autor, dois sentimentos contraditórios: uma certa frustração perante a riqueza e a vastidão dos materiais à disposição nos arquivos e a insuficiência dos meios electrónicos, estatísticos e outros para a sua completa exploração; e, numa perspectiva mais optimista, a esperança de que os novos instrumentos informáticos, as novas formas de digitalização e de armazenamento de dados permitam minimizar e ultrapassar os problemas colocados que respeitam unicamente à imensidão e à complexidade dos materiais. E os objectivos do delinear deste projecto (em execução, à data da publicação destas Actas) foram definidos por Dulac, na conclusão do seu artigo:

Les propositions avancées ici ne prétendent nullement à une portée pratique immédiate: mais si, au-delà des services documentaires qu'on peut en attendre, les deux fonctions principales de l'instrument envisagé sont, d'une part, de faciliter l'étude du fonctionnement interne des correspondances restreintes, notamment en offrant des possibilités de comparaison, et, d'autre part, de rendre observables dans le plus grand ensembles des phénomènes de transmission indirecte, de réceptivité ou de solidarité, ainsi que certaines formes d'intervention pratiques, il faudra sans doute songer à y introduire d'autres informations que celles qui caractérisent de pures relations⁵⁰.

Este projecto, aqui sucintamente apresentado, inspirou-nos no início deste trabalho de investigação. Delineámos, com rigor e detalhe um projecto similar que designámos EPISTOL@R que visava a constituição de *corpora* para investigação linguística, guardando, na altura, uma secreta esperança de conciliar e harmonizar ambas as tarefas. Foram várias as razões por que fomos obrigadas a abandonar tal trabalho, tendo preponderado claramente, na nossa decisão de adiamento, o

⁴⁹ Georges Dulac, "Le projet d'un Atlas de la communication manuscrite à l'âge classique", *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, pp. 219-240.

⁵⁰ Georges Dulac, "Le projet d'un Atlas de la communication manuscrite à l'âge classique", *Penser par lettre*, Québec, Fides, 1998, pp. 239-240.

conselho experiente da nossa orientadora que nos alertou para a sobreposição com o trabalho de investigação para doutoramento. Esperamos, um dia, poder repensar este projecto, com expectativas mais elevadas e apoios mais coesos do que os que tivemos à época.

1.11.

Uma longa tradição na abordagem dos textos epistolares equaciona a aproximação à conversação, bastando para tal referir a afamada e difundida máxima de Demétrio, da carta como conversação com os ausentes, também presente na célebre definição de Quintiliano, segundo a qual a carta é *absentium amicorum quasi mutuus sermo*. Neste sentido, a temática do colóquio ***Art de la lettre, Art de la conversation à l'époque classique en France***, que decorreu em Wolfenbüttel, em Outubro de 1991, foi uma excelente manifestação do interesse desta abordagem que saiu enriquecida graças à cooperação internacional, cultural e universitária e ao diálogo franco-alemão estabelecido nessas jornadas de trabalho.

A reflexão de Isabelle Landy-Houillon⁵¹ sobre a carta e a oralidade persiste na discussão sobre se, estruturalmente, uma troca de correspondência continua a poder ser considerada uma conversação. A sua investigação teve como base dois eixos reflexivos: partiu do princípio que existia uma diferença entre duas situações de enunciação, considerando-as absolutamente distintas (a palavra partilhada e a escrita solitária); e, por outro lado, pressupôs que a utilização de distintos materiais linguísticos não visa as mesmas finalidades discursivas. Enquanto troca organizada de enunciados entre dois ou mais interlocutores, a conversação pressupõe uma interacção verbal, representando a dimensão pragmática uma componente essencial no modelo ou no protocolo do diálogo, conferindo-lhe mesmo as condições e as coordenadas da sua enunciação. Ora, se a troca epistolar integra, como a conversação, o quadro da palavra partilhada com o destinatário da carta, então obedece a alguns impositivos como sejam a necessidade de verbalizar, ou melhor,

⁵¹ Isabelle Landy-Houillon, “Lettre et oralité”, *Art de la Lettre, Art de la Conversation à l'époque classique en France*, Paris, Klincksieck, pp. 81-91.

explicitar, a situação de conversação natural que implicitamente reproduz. Assim, o texto epistolar necessita de textualmente compensar esses vazios que a ausência pressupõe e que, efectivamente, é necessário preservar para a configuração do género.

1.12.

Para homenagear o Professor Bernard Bray, uma das ínclitas referências da teoria do epistolar, organizou-se um volume *Sur la plume des vents*⁵² que reúne artigos dos mais destacados investigadores neste complexo campo disciplinar.

Merece especial realce a “Laudatio” que foi proferida na Universidade de Sarre, a 9 de Junho de 1993, em que Yves Giraud exalta as competências do homenageado, citando várias passagens dos seus múltiplos artigos, destacando a excelência da sua postura intelectual e realçando duas ideias-chave, caras a B. Bray, e que são constantes na quase centena de títulos da sua bibliografia sobre epistolar. Porque as subscrevemos, *lato sensu*, neste trabalho de investigação, sintetizá-las-emos em duas máximas: as obras do passado constituem indubitavelmente o sustentáculo e a chave para a compreensão do presente, justificando e interiorizando, desta forma, a legitimação do recurso à história e crítica literárias; e, por outro lado, a afirmação que a nossa relação e familiaridade com o outro começa na compreensão da sua forma de vida, da sua inserção social, explicando-se, deste modo, a inegável subserviência da leitura epistolar a áreas disciplinares complementares.

Afirma Bray:

Le statut ambigu de la lettre, fiction profondément engagée dans la réalité, fragile support matériel d'un système de signes aléatoires, comme aussi l'aspect dérisoire des vieilles correspondances empoussiérées, jaunies, illisibles, oubliées, quelle que fût l'importance de leur signification première (comme dans certaines natures mortes de l'art classique dites vanités): toutes ces marques de l'impuissance humaine à sortir du relatif et à vaincre le temps, nous devons les associer à l'enquête

⁵² *Sur la plume des vents: Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Textes réunis par Ulrike Michalowsky, Paris, Klincksieck, 1996.

que l'homme ne cesse de poursuivre avec l'inquiétude sur lui-même et sur les autres, à travers les miroirs déformants de son imagination⁵³.

Por seu turno, o artigo de Isabelle Landy-Houillon fornece dados interessantes para a leitura das trocas epistolares de carácter familiar, realçando que a comunicação não deve reduzir-se a uma troca de informações e que deve ser entendida como campo de ambiguidades, de rupturas, de omissões, através das quais prolifera, ou se volatiliza, o sentido. Partindo de uma noção simplista de heterogeneidade que define como a marca do outro no discurso, ou seja, a expressão da polifonia que constitui, em toda e qualquer actividade de construção do sentido, a integração do discurso de outrem, do já-dito, singular ou colectivo, exposto ou oculto, a investigadora estuda essas marcas linguísticas nas cartas de Madame de Sévigné⁵⁴. É interessante realçar a variedade de sinais recenseados, de heterogeneidade discursiva, que vão desde a citação simples, à imbricação sintáctica da citação, sempre subtil, em Sévigné, ao discurso relatado, à paráfrase, à contestação sob a forma de modalidades, ou interrogativa, ou negativa, ou, ainda, metadiscursiva, e que testemunham sempre a eficácia do registo aliada à extrema sensibilidade da epistológrafa.

Anuncia-se igualmente muito interessante o artigo da investigadora de Orléans, Geneviève Haroche-Bouzinac, que, ao mostrar a importância do papel da correspondência no processo de elaboração de uma obra literária, dissecas as metáforas associadas à criação e à redacção literárias de Voltaire e justifica: “la métaphore devient pour Voltaire passerelle vers une fiction, dans l'ordre de l'épistolaire”⁵⁵.

⁵³ Bernard Bray, “L'enquête des correspondances”, *Dix-Septième Siècle et la recherche*, Marseille, Archives Communales, 1977, p. 75.

⁵⁴ Isabelle Landy-Houillon, “L'hétérogénéité du langage dans quelques lettres de Madame de Sévigné”, *Sur la Plume des Vents, Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Paris, Klincksieck, 1996, pp. 109- 119.

⁵⁵ Geneviève Haroche-Bouzinac, “Voltaire, “ouvrier en paroles”. Quelques métaphores de la création littéraire dans la Correspondance”, *Sur la Plume des Vents, Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Paris, Klincksieck, 1996, p. 216.

1.13.

Num registo de cariz mais didáctico, com uma forte componente de análise estilístico-literária de cartas de grandes epistológrafos franceses, importa referir o livro de Sabine Gruffat, *L'Épistolaire*, dado à estampa em 2001. A autora retoma, sistematicamente, algumas noções fundamentais da teoria do epistolar, partindo de uma concepção deste tipo de texto como realidade cultural e histórica que situa na tradição literária e que, simultaneamente, se enraiza numa hierarquia de géneros. Destaca a eficácia pragmática e estilística da escrita epistolar, mostrando as marcas da implicação enunciativa do destinatário e a presença do destinador, fazendo a recensão das características que fazem deste discurso um discurso edificador, difusor de ideias e de sedução⁵⁶. Quando pensamos a carta como um instrumento edificador, privilegamos a carta didáctica que corresponde, sem dúvida, a uma situação tradicional e alicerçada na retórica clássica. Neste caso, a carta não pode ser entendida como uma interacção, no seu sentido dual, dado que o destinatário (o filho, o pupilo, o discípulo) é considerado, apenas, como um receptor que deve escutar os conselhos e os ensinamentos do destinador, o que impõe marcas de enunciação discretas, sendo considerada próxima do discurso didáctico.

A ênfase dada por Gruffat à relação da carta com a literatura é posteriormente discutida, quando se estabelece a distinção entre as diferentes formas de inserção do texto epistolar na obra literária: como elemento pontual e significativo (a carta inserida), ou enquanto parte constitutiva da narração (no caso do romance epistolar). Neste caso, na medida em que releva de uma focalização interna e que implica um discurso directo, a carta, inserida numa obra ficcional permite simular um efeito real e criar a ilusão de uma correspondência autêntica.

⁵⁶ Sabine Gruffat, *L'Épistolaire*, Paris, Éditions Ellipses, 2001, p. 44. Na mesma senda foi recentemente publicada outra obra *L'Épistolaire*, de Jean-Paul Brighelli, Paris, Magnard, 2003, que, com o objectivo de preparar os estudantes de *bac* em França, recenseia os factores históricos determinantes do género e propõe um estudo circunstanciado de algumas dezenas de missivas, seleccionadas pela sua qualidade literária e pelo seu interesse pedagógico.

1.14.

Todos os contributos de carácter histórico são percursos das novas teorias pragmáticas do epistolar. Neste sentido, o presente estudo, *L'Épistolaire au XVI^e siècle* (2001)⁵⁷, oferece-nos reflexões curiosas sobre as cartas de humanistas publicadas na época, quer as que foram conservadas nos arquivos, quer as de um domínio mais íntimo ou familiar, quer as dos manuais *in utraque lingua* destinadas a um público mais vasto. Os especialistas que deram o seu contributo explicam o panorama da edição e da leitura (teórica, histórica, política e religiosa) e sintetizam as suas reflexões sobre a investigação epistolar no Renascimento.

Comprova-se que, redescoberto o interesse das cartas de Cícero, divulgadas por Petrarca, em 1390, e das missivas de Plínio, o Jovem, é fundamentalmente a estes epistológrafos clássicos que os humanistas vão buscar um novo modelo epistolar, distinto das *artes dictaminis* da Idade Média⁵⁸.

1.15.

Para uma síntese das reflexões sobre os problemas de definição e de sistematização de conceitos primordiais, reservámos um lugar especial, dedicado aos trabalhos desenvolvidos pelos investigadores franceses que posteriormente se congregaram e formaram a Association Interdisciplinaire de Recherche sur l'Épistolaire e as investigações produzidas pelo grupo canadiano, CULSEC, nomeadamente pelo professor Benoît Melançon. Um dos trabalhos que evocaremos por consistir um manual imprescindível para o estudo do género epistolar, dado o seu carácter pedagógico, é a síntese de Geneviève Haroche-Bouzinac⁵⁹, investigadora

⁵⁷ *L'Épistolaire au XVI^e siècle*, Paris, Éditions Rue d'Ulm, 2001.

⁵⁸ Bénédicte Boudou, "Le Commentariolus de Henri Estienne sur la Correspondance de Cicéron", *L'Épistolaire au XVI^e siècle*, Paris, Éditions Rue d'Ulm, 2001, p. 33.

⁵⁹ Desta investigadora, gostaria de realçar as seguintes publicações: *Voltaire dans ses lettres de jeunesse (1711-1733): La formation d'un épistolier au XVIII^e siècle*, Paris, Klincksieck, 1992, que é a versão impressa da sua tese de doutoramento, apresentada na Universidade de Paris IV, Sorbonne; *Lettre et Réflexion Morale, La lettre, miroir de l'âme*, estudos reunidos e apresentados por Haroche-Bouzinac, Paris, Klincksieck, 1999; "Les métaphores de la lettre dans la théorie épistolaire au XVII^e siècle", *XVII^eme*, juillet-septembre, 1991, n.º. 172, pp. 243-247. Creio, também importante, destacar a originalidade das temáticas que propõe na organização dos colóquios, no âmbito da AIRE, particularmente os mais

da Universidade de Orléans, que, para além dos múltiplos artigos que regularmente apresenta em congressos da especialidade, publicou *L'Épistolaire* (1995), obra em que debate o estatuto da carta, como género menor e aborda as suas dimensões material e social, opondo a ideia de “espelho da alma”, criadora e inovadora, às normas clássicas sugeridas pelos secretários e pelos manuais retóricos. Para Haroche-Bouzinac, que cita Vaumorière⁶⁰ quando este grande codificador do género, laconicamente responde à pergunta sobre o que é uma carta, dizendo que “é um escrito que enviamos a uma pessoa ausente para lhe fazer saber o que nós lhe diríamos se estivéssemos na sua presença”, a carta é, efectivamente, uma “mensagem que irrompe do quotidiano”. Contudo, esta definição aplica-se não somente às missivas, ou seja, às cartas realmente enviadas, como às cartas abertas que não são objecto de envio. Assim, a expedição não pode constituir um critério definitório para a distinção entre este e outros tipos de textos. Será, pois, necessária uma definição mais exacta e minimalista que, ultrapassada a variedade temática e tópica das cartas, torne relevantes as suas características idiossincráticas. Haroche-Bouzinac realça, porém, algumas características que nos parecem ajudar à definição pretendida. Se, por um lado, a carta se constitui como um texto frágil, “écrite pour un destinataire dont elle devient l'entière propriété, la lettre est soumise aux hasards de la conservation”, pode, por outro lado – e isso acontece comumente – ser utilizada com fins históricos e biográficos, integrando, assim, um reportório documental mais vasto que inclui textos autobiográficos e peças de arquivo⁶¹.

Tributária das condições de conservação e/ou destruição, espalhada entre o efémero e o duradouro, a autenticidade e a usurpação, a carta sujeita-se e sofre o destino precário dos escritos fragmentários. Evocar o género epistolar como um género estável, cujas características histórico-literárias actuais radiquem num

recentes: “Mélancolie et genre épistolaire”, *Revue de l'AIRE, Recherches sur l'Épistolaire*, n.º. 27, hiver 2001, Paris: Honoré Champion e “Les Supercheries Épistolaires”, *Revue de l'AIRE* n.º. 28, hiver 2002, Paris: Librairie Honoré Champion.

⁶⁰ Vaumorière, *Lettres sur tous les sujets*, avec des avis sur la manière de les écrire et des réponses à chaque espèce de lettre, Paris, t. I, 1689, capítulo 2, intitulado “Ce qu'est une lettre”.

⁶¹ Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995, pp. 12-14.

momento preciso da história literária, é certamente uma ilusão de perspectiva. Philippe Lejeune reforça esta ideia quando afirma:

Il n'y a pas une essence éternelle de la lettre, mais l'existence fluctuante et contingente d'un certain mode de communication par écrit, qui, combiné avec d'autres traits, a pu remplir des fonctions différentes dans des systèmes différentes⁶².

Antes de ser um objecto de escrita, uma carta é, primeiramente, um objecto de troca, sendo apresentada como beneficiante, porque confere uma ilusão, uma ilusão de presença, uma ilusão de diálogo, uma voz recreada no silêncio de uma leitura silenciosa. A sua força advém da compensação que tenta produzir, donde a expressão "colmatar a ausência" seja fecunda no discurso epistolar⁶³.

1.16.

É, sem dúvida, louvável e de inteira justiça vincar, pela importância da investigação realizada, o êxito e o reconhecimento dos trabalhos de Benoît Melançon e do grupo canadiano, CULSEC, que dirige. Apesar da multiplicidade de estudos apresentados⁶⁴, da actualização permanente do vasto índice bibliográfico na sua página pessoal na Internet⁶⁵, distingue-se a sua tese de doutoramento pelo importante contributo dado à história da teoria epistolar. Género paradoxal, o texto epistolar é descrito a partir de uma das suas especificidades mais representativas: a ausência, vivida como experiência disfórica e eufórica. Concede-se uma atenção particular às diferentes temporalidades que configuram este tipo discursivo, "parce que l'épistolier investit la lettre de la mission d'assurer une simultanéité par-delà l'absence, il se donne souvent à voir au moment de l'écriture de la lettre, de sa

⁶² Philippe Lejeune, *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1976, pp. 315-316.

⁶³ Cf. Haroche-Bouzinac, *op.cit.*, p. 70.

⁶⁴ Benoît Melançon, "Le malentendu épistolaire. Note sur le statut de la lettre dans *Les Confessions*", *Littérales*, Paris, 17, 1995, pp. 77-89; "Diderot: l'autre de la lettre. Conversation et correspondance", Bernard Bray e Christoph Strosetzi, *Art de la Lettre. Art de la conversation à l'époque classique en France*, Actes du Colloque de Wolfen Büttel, Outubro de 1991, Paris, Klincksieck, 46, 1995, pp. 355-369.

⁶⁵ *Séguin@Internet, Remarques sur le courrier électronique et la lettre*, Montréal, Éditions Fides, 1996.
<http://mapageweb.umontreal.ca/melancon/>, última consulta em Junho 2004.

réception ou de sa lecture, du contact physique avec ce qui remplace l'absence ou est appelé à le remplacer, lui, auprès de cet absent”⁶⁶. Para reforço e ampliação da distinção da carta relativamente a outros géneros, ditos íntimos (o diário, a autobiografia, o auto-retrato, as memórias, as confissões), explicita-se a noção, muito produtiva em trabalhos ulteriores, de auto-representação. O autor retoma o conceito de Janet Paterson⁶⁷ e justifica a escolha desta designação (em detrimento dos termos auto-referência, auto-legitimação, auto-reflexividade) e define-a como o processo pelo qual um texto se representa a si próprio⁶⁸.

A mais importante forma de auto-representação epistolar é, todavia, a presença constante de reflexões sobre o pacto que se estabelece entre os correspondentes, sobre as modalidades da interacção, sobre o respeito do contrato, implícito ou explícito.

La lettre parle d'elle même: c'est un de ses traits fondamentaux. L'autoreprésentation épistolaire impregne divers niveaux du texte et rapproche clairement la lettre d'autres pratiques intimes (...)⁶⁹.

Por seu turno, o contributo de Melançon para a compreensão das semelhanças e das dicotomias entre a interacção epistolar e a interacção oral é perspectivado com base nos conceitos de convivência e reciprocidade. Para este investigador, o traço que aproxima, de uma forma mais profunda e mais imediata, os dois tipos de interacção é o cumprimento do referido pacto através de meios diversos que vão desde a resposta à paráfrase, à citação (idêntica ou modificada), à simples alusão.

O autor consagra ainda um capítulo da sua investigação à análise da triangularidade da carta no século XVIII. Enquadrando e desenvolvendo este novo

⁶⁶ Benoît Melançon, Diderot Épistolier, *Contribution à une poétique de la lettre familière au XVII^e siècle*, Montréal, Fides, 1996, p. 97.

⁶⁷ Janet Paterson, “L'auto-représentation: formes et discours”, *Texte*, 1, 1982, p. 177.

⁶⁸ Benoît Melançon, Diderot Épistolier, *Contribution à une poétique de la lettre familière au XVII^e siècle*, Montreal, Fides, 1996, p. 123.

⁶⁹ *ibid*, p. 215.

conceito a partir do *corpus* de missivas de Diderot, essa necessidade de inclusão de um terceiro na carta pode ser interpretada como um fenómeno da época, inscrevendo-se, conseqüentemente, numa retórica de conveniência: “L’on voudrait montrer que, plus qu’un thème de la lettre, c’est une de ses structures profondes: la nécessité d’être trois pour dire le rapport à deux”⁷⁰.

1.17.

Na esteira do legado canadiano para os estudos epistolares surge o contributo de Jane Everett que no colóquio *Lettres des années trente*⁷¹, em Ottawa, e respondendo ao repto lançado, deliberadamente *naïf*, de considerar o texto epistolar como pertencente à esfera do privado, se interrogou sobre a função dos elementos convencionais que integram a carta, apesar de fisicamente distantes do corpo da mesma, tais como as formas de tratamento, as formas de saudação, a assinatura e o *post-scriptum*. A análise foi empreendida num *corpus* de cartas de Camile Roy, dos anos trinta. Julgamos, contudo, que as considerações conclusivas apresentadas se podem estender a outras análises, dada a similitude no cumprimento dos modelos epistolares. Como Everett aponta, há uma enorme variabilidade: uns correspondentes respeitam as convenções e os valores sociais que lhes estão subjacentes, ao invés de outros que se demarcam, fazendo pressupor que as ignoram ou, de outros ainda que, incongruente, as desconhecem.

1.18.

Os contributos até agora recenseados foram quase na sua totalidade produzidos por investigadores franceses ou francófonos, ao que decerto não é indiferente a profusão e a prodigalidade, quer das correspondências, quer das teorias

⁷⁰ *ibid*, p. 370.

⁷¹ *Lettres des Années Trente*, sob a direcção de Michel Biron e Benoît Melançon, *Actes du Colloque tenu à L’Université d’Ottawa*, 1995, Ottawa, Le Nordir, 1996.

sobre o epistolar, que, de uma forma percursora, continuada e consistente, foram desenvolvidas no seio das culturas francesa e canadiana.

Nem sempre, no entanto, se manifesta esta omnipresença, antes, existem, por vezes, trabalhos isolados que, muito significativamente, são considerados sólidos e meritórios.

Neste sentido, referiremos *El Discurso Epistolar*⁷², publicação da Universidade de Cádiz que, na esteira dos trabalhos em língua francesa, prossegue a reflexão sobre este domínio.

Compreender as relações de proximidade entre o texto epistolar canónico e outros tipos textuais adjacentes ou circunvizinhos é o objectivo da investigação de Juan Herrero Cecilia⁷³ que se propõe, através da pragmática textual e de análise do discurso, perspectivar em que medida os anúncios de amor na imprensa e na Internet podem ser considerados como o grau zero do discurso epistolar, indagando, posteriormente, quais as características linguísticas e discursivas deste tipo de textos e quais as estratégias enunciativas, retóricas e argumentativas que orientam esta peculiar interacção comunicativa.

Considerando a dimensão eminentemente dialógica da carta e do intercâmbio epistolar, consubstanciada na relação interlocutiva específica dos dois interlocutores, o autor justifica a sua categorização do anúncio de amor como hipogénero do epistolar, apartando, porém, o carácter breve, compactado, que condensa uma panóplia de estereotípias e *clichés*.

Aquí el género estudiado pertenece a la práctica social del discurso mediático, pero los textos producidos funcionan también como los pertenecientes al discurso epistolar, aunque sea en el nivel de grado cero (...) ⁷⁴.

O interesse deste artigo reside na recensão das estratégias pragmáticas e retóricas que determinam um curioso e complexo dinamismo discursivo, presente,

⁷² *Estudios de Lengua y Literatura Francesas, El Discurso Epistolar*, Servicio de Publicaciones, Universidad de Cádiz, 2001.

⁷³ Juan Herrero Cecilia, “Un grado cero del discurso epistolar: retórica y pragmática del anuncio de amor en Internet y en la prensa francesa e española”, *Estudios de Lengua y Literatura Francesas, El Discurso Epistolar*, pp. 27-74.

⁷⁴ *ibid*, p. 40.

quer nas fórmulas de distanciamento enunciativo de cariz neutro, convencional e impessoal, quer nas implicações intersubjectivas, por meio de enunciações elocutivas e/ou alocutivas de estilo expressivo e pessoal.

1.19.

Ya sea como modelo comunicativo, ya sea como convención genérica, la epístola ofrece un indiscutido interés, del que dan buena cuenta algunas excelentes indagaciones de las últimas décadas. La universalidad de la carta, su permanente y proteica presencia a lo largo de la historia, justificaría ya, de entrada, el renovado interés que suscita⁷⁵.

Este primeiro parágrafo de apresentação de outra obra em língua espanhola, *La Epístola*⁷⁶ condensa a indiscutível preocupação em ampliar os estudos sobre esta forma universal da comunicação humana. A maior parte dos trabalhos que constam desta compilação antecipa leituras de epístolas poéticas, profusamente cultivadas no *Siglo de Oro*, em que a floração do género consolida a morfologia textual estabelecida. Uma das variedades abordadas é a da epístola moral, em tercetos, cujos princípios estruturantes assentam na formulação da *aurea mediocritas*, tão em voga na época.

1.20.

Importa também sublinhar a importância da obra de Marie-Claire Grassi que, na sua obra *L'Épistolaire*, propõe pistas de leitura para o género epistolar, perspectivando de forma distinta a abordagem de cartas reais e a sua transposição na escrita de cartas ficcionais. Concebendo a escrita epistolar como um acto de comunicação a distância, datado, circunstancial, ancorado numa cronologia

⁷⁵ Begoña López Bueno; “El canon epistolar y su variabilidad”, *La Epístola, V Encuentro Internacional sobre Poesía del Siglo de Oro*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 2000, p. 11.

⁷⁶ *La Epístola, V Encuentro Internacional sobre Poesía del Siglo de Oro*, Edição dirigida por Begoña López Bueno, Sevilla, Universidad de Sevilla, 2000.

discursiva, codificado, para a autora, entender o género epistolar consiste em compreender a articulação entre uma prática de escrita - cujo objectivo primordial é a comunicação de informações - e uma poética, que representa uma recreação desta prática com uma finalidade estético-literária⁷⁷.

Grassi, partindo da apresentação das diferenças etimológicas e, posteriormente semânticas, entre carta, epístola, missiva e bilhete, assume que o género epistolar, como género ambíguo, se pode definir como “un espace entre deux”⁷⁸. Dá conta igualmente da problemática, ao longo dos séculos, contenciosa, da expressão do epistolar como literatura marginal, expressão de uma sensibilidade feminina e cita as opiniões de Roger Duchêne⁷⁹ e Fritz Nies⁸⁰ que refutaram a hipótese de tal superioridade feminina.

1.21.

Outro dos nomes de referência, na análise do epistolar, é o de Brigitte Diaz⁸¹ que, ao analisar as formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores franceses do século XIX, na obra *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade* (2002), apresenta um capítulo primeiro, intitulado “Pour une brève histoire de la lettre”, em que, alegando o carácter paradoxal das cartas, prisioneiras do gesto de comunicação que as despoleta e do desejo que as transporta junto do seu destinatário de eleição, reforça o percurso “zigzagueante” do género⁸².

⁷⁷ Marie-Claire Grassi, *Lire l'épistolaire*, Paris, Dunod, 1998, *Avant-propos*, p. IX.

⁷⁸ *ibid*, p. 3.

⁷⁹ Roger Dchêne, “Le mythe de l'épistolière: Madame de Sévigné”, in *L'Épistolarité à travers les siècles*, F.S. Verlag, Stuttgart, 1990. Este historiador, no artigo “La Lettre: Genre masculin, pratique féminine”, *L'épistolaire, un genre féminin?* Paris, Honoré Champion 1998, pp. 27-50, opõe, a propósito das correspondências do século XVII, a masculinização tradicional do género epistolar, como género literário, à feminilização de uma prática privada.

⁸⁰ Fritz Nies, “Un genre féminin?”, “*La Lettre au XVIIe siècle*” *Revue d'Histoire Littéraire de France*, 1978, n.º. 6 novembre/décembre, em que o autor, apoiado em argumentos estatísticos contesta a ideia da feminilização do género, mostrando que no século XVII, apenas 2% das mulheres trocavam correspondências. Interessante sobre esta problemática é a compilação organizada por Christine Planté, *L'épistolaire, un genre féminin?* Paris, Honoré Champion 1998.

⁸¹ Recentemente eleita Presidente da já referida associação AIRE.

⁸² Brigitte Diaz, *L'épistolaire ou la pensée nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 7.

Briaz recorda que “toute correspondance s’offre à qui veut l’analyser comme un carrefour de problèmes linguistiques, historiques, idéologiques. La polymorphie et la pluri-fonctionnalité intrinsèques de ce genre infidèle à lui-même donnent prise à de multiples approches, qui vont de l’histoire de la vie privée à celles des pratiques des écritures de soi, en passant par la sociologie de la littérature, la génétique littéraire, la pragmatique de la communication à distance, etc”⁸³. Perante as diferentes possibilidades de descodificação deste objecto compósito, Diaz defende que a carta, consoante os modelos de análise, pode ser tratada como um documento, como um texto, como um discurso, como um “fazer”, reunindo, conjuntamente cada uma destas especificidades. Como documento, a carta testemunha uma realidade histórica, sociológica, política ou literária. Bastará ler as edições das correspondências de escritores ou de políticos para facilmente constatar que esta perspectiva foi sempre a que despertou maior interesse por parte de críticos e analistas. As cartas são manifestamente relevantes como documentos literários, na medida em que participam – e nos impelem a participar *a posteriori* – da génese, da redacção e da recepção da obra literária, permitindo, por vezes, esclarecer muitas dúvidas que se colocam no plano da análise literária da obra do escritor⁸⁴.

Como documento histórico, foi-lhe reconhecido o seu valor documental sobretudo a partir do século XIX, sendo a partir de então possível exumar alguns factos que se suspeitava encerrarem uma débil veracidade histórica. Deve pensar-se e tratar a carta como um testemunho de primordial importância que pode inelutavelmente ressuscitar e repor a verdade sobre o passado e perseguir o ensejo de “vérité locale et particulière”, como afirma Gustave Lanson⁸⁵. Documento sociológico, porquanto é sobretudo através da correspondência que se pode perceber a dimensão autêntica, a verdade humana, descortinar, numa espécie de prelúdio, aspectos biográficos remotamente olvidados. Que entenderíamos de

⁸³ *ibid*, p. 49.

⁸⁴ Cito apenas como exemplo as cartas de Sebastião da Gama que muito ajudam a descodificar a sua obra poética e diarística.

⁸⁵ Gustave Lanson, *Introduction au Choix de Lettres du XVII^e siècle*, Hachette, 1895, publicado numa recolha de artigos de G. Lanson, reunidos por Henri Peyre, *Essais de méthode, de critique et d’histoire littéraire*, Paris, Hachette, 1965, p. 268, *apud* Diaz 2002: 5.

Queiroz e de Pessoa se as suas correspondências não tivessem sido publicadas e não tivessem chegado aos nossos dias? Já no século XVII Lanson afirmava "Voilà les incontestables, les seuls *documents humains*"⁸⁶.

Apesar das reticências e das diferentes teorias que continuam a florescer, a carta afirma-se igualmente como um texto, repleto de intenções, mesmo que provindo de epistológrafos neófitos, há representações discursivas que indiciam flagrantemente tendências estéticas, por vezes, de talentos em gestação. Segundo a metáfora utilizada por C. Dauphin, P. Lebrun-Peyzerat e D. Doublan, a carta releva sempre um esforço de "*bricolage* textual": "En dernier ressort, la question serait de comprendre comment, à travers des énoncés usuels et des stratégies banales, l'épistolier ordinaire révèle, restitue et s'approprie, en la "bricolant", la culture épistolaire"⁸⁷.

Que a carta seja real ou virtualmente um texto ou um enunciado, que exceda pela sua poeticidade, ou literariedade, o horizonte funcional e pragmático da comunicação, há decerto imensos exemplos que comprovam quão inoperante e forçada é esta distinção entre estas duas abordagens, quer a de texto como objecto de prazer, quer a de documento como suporte de informação.

Subscrevemos as ideias de Diaz quando defende o carácter por excelência da carta que se impõe como discurso, justificando que, através das análises pragmáticas contemporâneas, a comunicação epistolar se constrói a partir de modalidades de interacção discursivas relativamente distintas das que fixam a "cenografia" conversacional⁸⁸. É assim, deste modo, que se afirma a identificação do discurso epistolar com o "fazer", mostrando a ênfase que desejamos conferir a esta vertente performativa do discurso.

⁸⁶ Gustave Lanson, *op. cit.*, p. 288.

⁸⁷ C. Dauphin, P. Lebrun-Peyzerat e D. Doublan, *Ces bonnes lettres. Une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris Albin Michel, 1995, p. 103.

⁸⁸ Sobre estas recentes abordagens do epistolar, veja-se a obra *La Lettre, entre réel et fiction*, sob a direcção de Jürgen Siess, Paris, Sedes, 1998 e, nomeadamente os artigos de Kerbrat Orecchioni, "L'interaction épistolaire", pp. 15-36 e de J.-M. Adam, "Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives", pp. 37-53.

Il arrive en effet qu'échappant au laboratoire narcissique de soi, la lettre se rêve action sur l'autre et sur le monde, et se veuille l'équivalent d'un faire. Écrire la lettre, l'adresser, l'envoyer, c'est tenter d'agir à distance, croire en la vertu performative du discours épistolaire"⁸⁹.

Comprender a natureza do discurso epistolar implica igualmente descortinar esse carácter oximórico da escrita que se impõe, em concomitância, como um campo de invenção discursiva e como escrita de imitação, de transcrição de lugares comuns, como adiante defenderemos.

Então subsiste a dúvida: Como analisar o discurso epistolar?

Consagrado o seu percurso sinuoso, enredado numa complexa teia de caminhos e bifurcações do “eu” e do “outro”, objecto delicado susceptível de se adaptar a todos os discursos - como de resto se irá mostrar na breve história da epistolografia -, de responder a todos os desejos, de reter na memória (inscrevendo-se esta no seu genoma retórico) todos os factos, de se prestar a todas as insurreições e ressurreições, é justamente esse género híbrido que urge dissecar⁹⁰.

2. Estudos de reflexão sociológica/antropológica

2.1.

Para compreender os usos da carta no século XIX é imperiosamente necessária a leitura da obra colectiva *La Correspondance, Les usages de la lettre au XIXe siècle*. O século XIX marca um tempo decisivo para a multiplicação dos gestos epistolares, graças aos progressos da alfabetização e ao desenvolvimento económico-social que multiplica as circunstâncias em que a escrita de cartas se torna uma necessidade ou uma obrigação. Os usos da escrita, na sua variabilidade, são primordiais para compreender, quer numa trajectória histórico-cultural, quer num

⁸⁹ Brigitte Diaz, *op. cit.* p. 61.

⁹⁰ Cf. Diaz 63-65.

tratamento sociológico, como se processa esse gesto livre e codificado, íntimo e público, espriado entre o singular e sigiloso ou o social e público, expressão por excelência dos laços sociais e da subjectividade que estes encerram. Na conclusão, da autoria de Roger Chartier e Jean Hébrard, “Entre public et privé: la correspondance, une écriture ordinaire”⁹¹, explicam-se as razões que se destacaram aquando da intenção de ler e estudar correspondências antigas, proscritas ao abandono, estas missivas banais, da autoria de pessoas comuns, nem da burguesia, nem da aristocracia, mas sim do povo. Considerando a escrita de cartas como uma das formas de escrita do quotidiano, como integrando um conjunto de práticas sociais, privadas, distintas, multifacetadas (caderneta, agenda, livro de receitas ou de canções, etc.), avalia-se, através da investigação, a importância das práticas de escrita na organização da vida privada, no século em questão. A correspondência, comandada por datas ritualizadas (votos de bom ano), por acontecimentos especiais (nascimentos, casamentos e, sobretudo, falecimentos), leva à produção de escritos codificados e estereotipados⁹², não excluindo, todavia, a redacção de cartas espontâneas, originais e personalizadas.

2.2.

Roger Chartier prefacia também esta outra obra conjunta de alguns dos historiadores e sociólogos que haviam participado na anterior (referida no ponto 12), *Ces bonnes Lettres, Une correspondance familiale au XIX^e siècle*. Como se afirma, na contra-capá da mesma, a vida de uma família burguesa, no século XIX, não se pode conceber sem intercâmbio de cartas, quer estas sejam ditadas pela imperiosa necessidade de dar notícias, quer sejam dominadas por estados de solidão ou melancolia, quer encerrem a intenção de mudar o curso de vida de alguém. Trata-se da análise de um *corpus* interessantíssimo, conservado religiosamente pela

⁹¹ Roger Chartier e Jean Hébrard, “Entre public et privé: la correspondance, une écriture ordinaire”, *La Correspondance, Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, Paris, Fayard, 1991, pp. 451-458.

⁹² Vejam-se, a este propósito, os capítulos II e IV, respectivamente “La norme épistolaire, une invention médiévale”, de Alain Boureau (pp. 127-157) e “Les manuels épistolaires au XIX^e siècle”, de Cécile Dauphin, (pp.209-272), A. Boureau, R. Chartier, C. Dauphin, J. Hébrard, P. Lebrun-Pezzerat, A. Martin-Fugier, D. Pouban, *Correspondances, Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, Paris, Fayard, 1991.

família Froissart. Estudar uma correspondência familiar é, em primeiro lugar, reconstruir toda uma série de intenções e de decisões, é estudar o pacto epistolar⁹³, cumprido ao longo de gerações, é participar na cultura de uma época legada através da linguagem, das técnicas, das atitudes, das crenças religiosas e filosóficas na medida em que todas estas funções se incluem no património, na herança social dos indivíduos que integram uma comunidade específica. Trata-se de uma abordagem de carácter antropológico que indicia uma reflexão atenta do quotidiano. Respeitadas as regras de *savoir-vivre* e as fórmulas epistolares canónicas e protocolares, esta correspondência familiar gera o seu próprio ritual que foi investigado sob três perspectivas de análise: a primeira, reunindo as referências espaciais e cénicas, revela a encenação da escrita; a segunda, examinando os procedimentos retóricos que traduzem a estrutura relacional, prognostica os elos do pacto epistolar; a terceira que, agrupando as modalidades expressivas que designam os gestos de solidariedade e de fusão entre os correspondentes, deixa adivinhar a construção da união familiar⁹⁴.

2.3.

Il y a peu d'événements qui ne laissent au moins une trace écrite. Presque tout, à un moment ou à un autre, passe par la feuille de papier, une page de carnet, un feuillet d'agenda ou n'importe quel autre support de fortune (un ticket de metro, une marge de journal, un paquet de cigarettes, le dos d'une enveloppe, etc) sur lequel vient s'inscrire, à une vitesse variable et selon les techniques différentes selon le lieu, l'heure ou l'humeur, l'un ou l'autre des divers éléments qui composent l'ordinaire de la vie⁹⁵.

É com esta citação de Georges Perec que abre a obra conjunta sobre a antropologia da escrita, obra que analisa as mais inusitadas formas de escrita do

⁹³ Este conceito de pacto foi desenvolvido por Philippe Lejeune, *Le Pacte Autobiographique*, Paris, Éditions du Seuil, 1995.

⁹⁴ Todo o capítulo terceiro desta obra diz respeito ao ritual. Ver C. Dauphin, P. Lebrun-Pézerat, D. Pouban, *Ces bonnes lettres, Une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Éditions Albin Michel, 1995, pp. 99-190.

⁹⁵ Georges Perec, *Espèces d'espaces*, Paris, Éditions Galilée, 1974, *apud* Daniel Fabre, *Écritures Ordinaires*, Éditions P.O.L./Centre Georges Pompidou, 1993, p. 9.

quotidiano, onde obviamente se incluem cartas e bilhetes: *Écritures Ordinaires*. São decerto inumeráveis as ocasiões de escrita, na nossa vida quotidiana, revelando esta prática o seu carácter paradoxal: se, por um lado, se manifesta a submissão a um imperativo social que impele, estimula ou obriga à escrita, por outro, constitui um acto de fé, afirmando e expondo as suas singularidades. Aqui se apresenta um dos primeiros estudos sobre correio electrónico, desenvolvido por Josiane Bru que estudou as relações de comunicação entre cerca de quinhentas pessoas a trabalharem num laboratório universitário em Barcelona, mostrando os diferentes níveis de utilização dos sistemas de comunicação, os níveis de rejeição, de adesão e mesmo de indiferença de um, à data (1993), muito recente sistema de comunicação⁹⁶.

2.4.

Cartas, papéis administrativos, bilhetes, rascunhos, são algumas das formas do que hoje se costuma designar de escritos comuns, do quotidiano. Espontâneos ou reflectidos, impostos ou escolhidos, despreziosos ou cuidados, acompanhando-nos no nosso quotidiano, testemunham da nossa existência, exprimem os nossos pensamentos, as nossas opiniões, conferindo ao acto da escrita uma importância relevante. Na sequência da obra anteriormente apresentada, é numa perspectiva, predominantemente etnográfica, que surge a obra *Par Écrit, Ethnologie des écritures quotidiennes* que acompanha dezasseis “terrenos de escrita”: desde a maneira como os Tsiganes entrelaçam o oral e o escrito⁹⁷, até ao correio presidencial⁹⁸; desde uma aparente circunspecção das cartas tipo⁹⁹ até à análise dos princípios pragmáticos, sociais e emocionais que subjazem as práticas de escrita num

⁹⁶ Josianne Bru, “Messages éphémères”, *Écritures Ordinaires*, Éditions P.O.L. /Centre Georges Pompidou, 1993, pp. 315-350.

⁹⁷ Patrick Williams, “L’écriture entre l’oral et l’écrit, Six scènes de la vie tzigane en France”, *Par Écrit, Ethnologie des écritures quotidiennes*, sob a direcção de Daniel Fabre, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1997, pp. 59-103.

⁹⁸ Béatrice Fraenkel, “Répondre à tous. Une enquête sur le service du courrier présidentiel”, *idem*, pp. 243-271.

⁹⁹ Salientamos, a este propósito, o artigo de Ariane Bruneton-Governatori e Bernard Moreux, “Un modèle épistolaire populaire: Les lettres d’émigrés béarnais”, *idem*, pp. 79-103.

atelier de escrita¹⁰⁰, são contempladas diferentes situações de escrita que atestam rituais assimilados pelas comunidades em estudo.

2.5.

Cécile Dauphin serve-se curiosamente de um dos versos da canção popular gaulesa para intitular a sua investigação. Bastará evocar o estribilho dessa música familiar (*Au clair de la lune/Mon ami Pierrot/ Prête-moi ta plume/ Pour écrire un mot...*) para perceber a importância da metáfora da pena. E, por detrás do pedido de empréstimo da pena para escrever, adivinha-se o desejo da escrita, a necessidade de partilhar sentimentos e emoções. Embora ainda hoje os possamos encontrar nas nossas livrarias, por entre as prateleiras dos livros práticos ou utilitários, os manuais epistolares já existiam na época medieval, ocupando, contudo, no século XIX, um lugar estratégico no panorama cultural francês, como a autora pretende demonstrar. A pedagogia do lugar-comum, presente nos manuais epistolares analisados, é explicada pela necessidade de possuir um molde pré-fabricado que permita ao utilizador servir-se dele e melhorá-lo de uma forma eficaz e personalizada. Considerando, pois, como primordial esta função pedagógica dos lugares-comuns, demonstra-se que os modelos das cartas de amor legitimam um espaço comum de argumentos e de significações. Fragmentado, reciclado, deturpado, o discurso amoroso, herdeiro desde a Antiguidade, passando indistintamente por todos os géneros da literatura e da tradição oral, espraia-se sob todas as formas nos manuais. Reproduzem-se as citações de Ovídio e da sua *Arte de Amar*, multiplicam-se as imagens dos cenários de amor, do simbolismo da carta como objecto, dos formulários românticos a imitar, a copiar, ou a reformular¹⁰¹.

¹⁰⁰ Michel de Fornel, “La peine à écrire”, *idem*, pp. 105-124.

¹⁰¹ Cécile Dauphin, “Prête-moi ta plume...” *Les Manuels Épistolaires au XIX^e siècle*, Paris, Éditions Kimé, 2000.

3. Estudos de complementaridade pragmático/linguística

3.1.

A emergência de uma nova teoria do epistolar, a reiterada tentativa de compreender a natureza da circularidade dessa comunicação, não obstante a análise ter sido empreendida na descodificação do epistolar de ficção, conduziu Janet Gurkin Altman à criação de um novo conceito: epistolaridade.

Na sua obra *Epistolarity, Approaches to a Form*¹⁰², Altman postula que a epistolaridade consiste em “the use of letter’s formal properties to create meaning” e mostra a filiação da ficção epistolar no seu congénere autêntico, respeitando as suas especificidades formais e funcionais.

Ao explorar os domínios da mediação epistolar, a autora reflecte sobre as especificidades do discurso epistolar e sintetiza os seus traços linguísticos mais relevantes.

Epistolary discourse is distinguishable from other types of discourse – such as the memoir, diary, rhetoric, or theater – by certain basic pronominal and predicative traits. No one of these traits alone defines epistolarity, and none is applicable only to the letter, but taken together they constitute what is unique to its language¹⁰³.

Retomando a distinção de Benveniste entre *discours* e *histoire* ¹⁰⁴, Altman cataloga a carta na primeira categoria, justificando essa escolha pelo domínio da relação eu/tu e pela presença preponderante do presente do indicativo, em detrimento do pretérito, referindo, todavia, que no interior da categoria discursiva existem particularidades determinantes. No discurso epistolar, como já anteriormente notáramos, a categoria “tu” instaura uma reciprocidade que lhe advém do seu papel activo.

¹⁰² Janet Gurkin Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Ohio State University Press, Columbus, 1982.

¹⁰³ Janet Gurkin Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Ohio State University Press, Columbus, 1982, p.117.

¹⁰⁴ Émile Benveniste, *Problèmes de Linguistique Générale*, I, Paris, Gallimard, 1976, pp. 237-250.

The status of epistolary discourse as both first-person and second person narrative derives from the reversibility of the *I-you* pronouns. The *you* of any *I-you* statement can, and is expected to, become the *I* of a new text. (...) Because the notion of reciprocity is such a crucial one in epistolary narrative (...) ¹⁰⁵.

A esta reversibilidade dos pronomes pessoais, que é sem dúvida um dos traços distintivos da interação epistolar, vem acrescentar-se a idiosincrasia da escrita do tempo presente em que a autora nega a possibilidade de existência desse tempo: “the only possible present is the most immediat past – be it the last contact or the last letter”¹⁰⁶, realçando o papel do texto como *pivot* entre um passado, retrospectivo, e um futuro, por antecipação¹⁰⁷.

Esta polivalência temporal, esta amálgama de tempos - o do gesto, o da escrita, o do envio, o da recepção, o da leitura, o da releitura -, esta interação descontínua, este “time-lag aspect of epistolary discourse”¹⁰⁸, esta ambiguidade temporal, emergem de uma série de hiatos, quer temporais, quer espaciais, representando também o lugar por excelência da busca de uma nova presença que visa anular as discontinuidades por eles provocadas¹⁰⁹.

Apesar da análise de Altman não ser aplicável a todo o tipo de cartas, é inegável constatar a importância das suas reflexões linguísticas sobre as formas de fechamento epistolares, no capítulo 5¹¹⁰ da referida obra e sobre as modalidades de composição do mosaico epistolar, no sexto capítulo.

¹⁰⁵ Altman, *op. cit.*, p. 121.

¹⁰⁶ *ibid.*, p. 132.

¹⁰⁷ Cf. Benoît Melançon, *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Montréal, Fides, 1996, 31-40.

¹⁰⁸ Altman, *op. cit.*, p. 133.

¹⁰⁹ *ibid.*, pp. 140-141 e 189.

¹¹⁰ Afirma a este propósito: “In the subdivisions of any work of literature (scene or act in the theater, chapter in the novel, stanza in poetry), the closing lines can be a privileged moment of emphasis, summary, retrospective illumination, or simply a playfull punch line”, *ibid.*, p. 145.

Concluindo que “the definition of epistolarity is thus charged with paradox and contradiction”¹¹¹, foram recenseados neste trabalho os parâmetros e paradoxos da epistolaridade e sintetizados em seis eixos:

- bridge/barrier (distance breaker/distance maker): the letter’s meddiatory property makes it an instrument that both connects and interferences;
- confidence/non confidence – These distinctions, as wells the blurring of these distinctions, are a function of the letter’s dual potential for transparency (portrait of soul, confession, vehicle of narrative) and opacity (mask, weapon, event within narrative);
- writer/reader – The epistolary situation evokes simultaneously the acts of writing and reading, as correspondents alternate, often within the same letter, between the roles of narrator and narratee, of encoder and decoder;
- I/you, here/there/now/then. Letter narrative depends on reciprocity of writer-addressee and is charged with present-consciousness in both the temporal and the spatial sense;
- closure/ouverture; discontinuation/continuation of writing. The dynamics of letter narrative involves a mouvement between two poles: the potential finality of the letter’s sign-off and the open-endedness of the letter seen as a segment within a chain of dialogue;
- unit/unity; continuity/discontinuity; coherence/fragmentation - The letter’s duality (...) make it an apt instrument for fragmentary, elliptical writing and juxtaposition of contrasting discrete units, yet at the same time the very fragmentation inherent in the letter form encourages the creation of a compensating coherence and continuity on new levels¹¹².

Defendendo o epistolar como meio de comunicação, inter-relacionando-o com a conversação e, ainda, com o diálogo teatral, valorizam-se os traços sintácticos mais recorrentes, como o emprego dos pronomes pessoais e o emprego verbal, e

¹¹¹ *ibid*, p. 187.

¹¹² *ibid*, pp. 185-187.

destacam-se os aspectos estruturais mais relevantes, como o fechamento de missiva, o seu carácter fragmentário e descontínuo, reforçando, assim, as potencialidades que lhe advêm do seu estatuto singular de mediação.

Para esta investigação, já tivemos ocasião de o realçar, é lapidar a importância deste conceito de epistolaridade, na medida em que subjaz ao modelo de análise que vamos propor para o estudo de um *corpus* diacrónico de cartas familiares.

3.2.

Para além do grande interesse que o epistolar despoleta nos estudos literários, patente nos numerosos contributos aqui equacionados, tem também suscitado, principalmente a partir de 1980, a curiosidade dos linguistas. Nesta perspectiva, a obra de referência *La Lettre, approches sémiotiques* deve ser referida como marco pioneiro: concebendo o texto epistolar como “objecto semiótico compósito”, instauram-se novas formas de análise fundadas em duas ideias inovadoras: a carta como forma específica de interacção e como fenómeno sociocultural.

Nesta obra encontramos as primeiras leituras pragmáticas do texto epistolar, nomeadamente as noções de estratégias de enunciação e de dialéctica proximidade/distância (Patrizia Violi), a identificação da comunicação epistolar como um modo particular de interacção (Jacques Geniasca) e a concepção da carta como objecto pragmático, representante metonímico do destinador (Éric Landowski).

Éric Landowsky, numa perspectiva semiótica, afirma que, independentemente do conteúdo, uma carta se define, à primeira vista, por um determinado dispositivo externo, relativo precisamente à situação de comunicação, decorrente do seu uso.

Point n'est besoin d'insister sur le fait que la lettre, indépendamment des contenus qu'elle a pour objet de transmettre sur la dimension cognitive, est d'abord, en elle-même, un objet-message, au sens littéral du terme, destinée à passer de main en main,

et qui met par conséquent en jeu les spécificités inhérentes à toute circulation de valeurs sur la dimension pragmatique¹¹³.

Este autor detém-se na importância que a carta, enquanto objecto pragmático, assume, defendendo que, aos olhos do receptor, ela se assume como representante metonímico do expeditor, actualizando, de uma certa forma, uma simulação da presença real dos parceiros da comunicação. O correspondente deve, para poder escrever, e, principalmente, se o quiser fazer num registo diferente do meramente informativo, construir a imagem do seu correspondente, torná-lo “presente” através da sua competência semiótica.

3.3.

La lettre, entre le réel et la fiction constitui um contributo pioneiro para a análise linguística do epistolar, ensaiando alguns percursos de conceptualização e de descrição deste discurso e propondo instrumentos de análise, quer para linguistas, quer para teóricos da literatura, atentos à construção de uma poética do epistolar.

Esse esclarecimento preliminar é dado por Jürgen Siess que, na introdução da obra, justifica a urgência de uma “teoria da carta”: “La profusion des matériaux historiques, la richesse des analyses ponctuelles, font plus que jamais sentir la nécessité de trouver des principes d’organisation et de conceptualiser cet objet mouvant et protéiforme qu’est la correspondance. D’où le besoin d’une “théorie de la lettre”, ou tout au moins de modèles et de concepts opératoires¹¹⁴.”

Na esteira do contributo pragmático desenvolvido anteriormente por Violi e Geninasca¹¹⁵, perfilam-se novos modelos de análise que convergem, a partir das noções de interacção, de género discursivo, de cena da enunciação, reiterando as interrogações contrastivas entre conversação e interacção epistolar. Surge nesse

¹¹³ Éric Landowski, “La Lettre comme acte de présence”, *La Lettre, approches sémiotiques, Les Actes du VI Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Éditions Universitaires de Fribourg, 1988, p. 19.

¹¹⁴ Jürgen Siess, “Introduction”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 5.

¹¹⁵ Patrizia Violi, “Présence et absence. Stratégies d’énonciation dans la lettre”; Jacques Geninasca, “Notes sur la communication épistolaire”, in Aljirdas J. Greimas e Jean-Blaize Grize et al., *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI Colloque Interdisciplinaire*, Fribourg, Éditions Universitaires, 1998.

sentido, o contributo de Kerbrat-Orecchioni¹¹⁶ que elenca as características gerais da comunicação epistolar, confrontando-as com as da comunicação face-a-face, para concluir que a primeira se pode considerar ser constituída por uma alocação e por uma interlocução, não se adequando, contudo, o termo interação, na medida em que este pressupõe que, ao longo da troca, os participantes interajam, exercendo uns e outros, formas diversas de controlo e de influência, negociando sentidos, edificando, assim, aquilo que os investigadores de análise conversacional, denominam “construção colectiva”. No caso da comunicação epistolar, ainda que a carta seja redigida em função da imagem que o destinador faz do seu destinatário, este não detém nenhuma forma de intervenção directa no ofício da escrita, apesar de, algumas vezes, poderem ocorrer alguns processos de *pseudo-negociação* na relação interpessoal, principalmente através dos deícticos pessoais, como adiante exemplificaremos. Catherine Kerbrat-Orecchioni, advogando a importância das sequências fortemente ritualizadas, procede a uma sistematização das estratégias de abertura e de fecho, questionando também a organização sequencial em turnos de escrita¹¹⁷.

O contributo de Jean-Michel Adam, no âmbito da pragmática textual, consiste em mostrar singularmente como a visão pragmática, retoma e explicita os implícitos teóricos da tradição retórica, quando despojada da sua dimensão normativa. Fazendo jus à tradição medieval da composição em cinco partes (*salutatio, capatio benevolentiae, narratio, petitio e conclusio*), e partindo da existência de uma macro-estrutura, o linguista concebe como unidades interaccionais cinco sequências, distinguindo as sequências fáticas de abertura e de fecho das que constituem o corpo da interacção e que denomina sequências transaccionais. Procede igualmente a uma tentativa de classificação dos géneros do discurso epistolar, estabelecendo as seguintes categorias: a correspondência íntima, onde destaca a importância da correspondência amorosa, das cartas de amizade e das cartas familiares; a

¹¹⁶ Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’interaction épistolaire”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp.15-36.

¹¹⁷ Para entender o funcionamento do “turn system”, na oralidade ou na escrita, vejam-se os trabalhos de Teun de Rycker, “Turns at Writing: The Organisation of Correspondence”, in J. Verschuren, e M. Bertuceli-Papi, ed., *The Pragmatic Perspective*, Amsterdam-Philadelphia, Benjamins, 1987, pp. 613-647.

correspondência socialmente distanciada, em que a esfera mais vasta e distante das relações sociais implica práticas sócio-discursivas onde a distância entre os correspondentes é certamente maior do que na categoria anterior; a correspondência administrativa, em que a brevidade e a limitação ao objecto do discurso são ainda mais rigorosas; a correspondência aberta, em que podem distinguir-se dois tipos: a missiva, destinada a um interlocutor ou destinatário colectivo, como é o caso das epístolas bíblicas, referidas no capítulo III desta Parte I, em que se desmultiplica o pólo enunciativo do destinatário e, por outro lado, as cartas abertas que, por trás de um endereço a um destinatário único se esconde invariavelmente uma comunidade de leitores, um auditório mais alargado; por fim, Adam refere a literatura epistolar, a obra que ficciona os actores da interacção epistolar e expõe, num quadro romanceado, uma prática das práticas do quotidiano.

A abordagem do género epistolar que Dominique Maingueneau propõe em *Scénographie épistolaire et débat public*¹¹⁸ pretende ser uma aplicação de noções, explicitadas em pretéritos trabalhos do autor, tais como *cena e cenografia*¹¹⁹. Analisando as cenografias da carta privada nos discursos públicos, quer na persuasiva carta *Lettre à tous les Français* de François Mitterrand, quer na polémica do panfleto das *Provinciales* de Pascal, Maingueneau aborda o que denomina um hipergénero epistolar em que podem ocorrer as mais diversas cenografias discursivas, participando assim de um interdiscurso. O carácter privado da relação epistolar pode ser explorado, de uma forma diferente, na medida em que implica uma intimidade entre membros de uma comunidade natural (*Lettre à tous les Français*), ou pela sua capacidade transversal a espaços circunscritos a discursos fechados, políticos ou religiosos¹²⁰.

Esta confluência discursiva é também identificada por Ruth Amossy, quando situa a correspondência amorosa na interacção de dois tipos de discurso: obedecendo aos imperativos do discurso epistolar, reproduz, concomitantemente, as

¹¹⁸ Dominique Maingueneau, “Scénographie épistolaire et débat public”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp. 55-71.

¹¹⁹ Cf. Dominique Maingueneau, *Pragmatique pour le discours littéraire*, Paris, Bordas, 1990; *Le Contexte de l'oeuvre littéraire*, Paris, Dunod, 1993; *Les termes clés de l'analyse du discours*, Paris, Seuil, Collection Mémo, 1996.

¹²⁰ *ibid*, p. 71.

formas e os temas do discurso amoroso que lhe fornecem, como afirma a linguista, uma panóplia de cenários: declaração, sedução, solicitação, querela, recusa, ruptura, etc.¹²¹. Retomando as noções de interação e de cenografia, caras ao seu mestre Maingueneau, Amossy ensaia uma explicação do dispositivo enunciativo da carta de amor, insistindo, na sequência dos seus reputados trabalhos sobre *ethos*¹²², na construção discursiva de uma imagem do locutor e do alocutário.

L'interaction se réalise à travers la construction d'une image de soi et de l'autre appropriées aux buts spécifiques de l'échange épistolaire. Dans ce cadre, la posture adoptée par le sujet de l'énonciation, la représentation qu'il donne de lui-même dans son discours sont désignés par le terme d'*ethos* (repris à la rhétorique d'Aristote, où il désigne la personne de l'orateur et l'autorité qu'elle confère à l'argument)¹²³.

Paralelamente, esta mesma questão, relevante a nível pragmático, do dispositivo de enunciação específico do discurso epistolar e da sua ficcionalização, é abordada por Françoise Voisin-Atlani que defende a carta privada como uma forma específica de enunciação onde a subjectividade se constrói através de uma relação recíproca entre locutor e alocutário. Valorizando o contributo formal enunciativo de Benveniste para o seu estudo, mostra que a carta é a forma enunciativa mais próxima da enunciação falada que Benveniste denominava diálogo, podendo e devendo os co[r]respondentes co-referir de uma forma idêntica, explicitando os parâmetros enunciativos. “enfin, si à l'oral l'interlocuteur peut identifier le *je* qui lui parle, le lettre, en revanche, doit l'expliciter. C'est ainsi que l'adresse manifestée permet de *vous* identifier, tandis que ma signature donne un sens à cette place vacante qu'est le *je*”¹²⁴.

¹²¹ Ruth Amossy, “La Lettre d'amour du réel au fictionnel”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 73.

¹²² Ruth Amossy, *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, Paris, Nathan, 1997 e R. Amossy e Anne. Herschberg Pierrot, *Stéréotypes et clichés*, Paris, Nathan Université, 1997.

¹²³ *ibid*, p. 76.

¹²⁴ Françoise Voisin-Atlani, “L'instance de la lettre”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p.100.

Cremos poder concluir que as teorias do epistolar, aqui apresentadas, constituem contributos incontornáveis na abordagem do tema, tendo, contudo, influências distintas na consecução desta investigação. Se as teorias de Diaz (2000) e Kerbrat-Orecchioni (1998) constituem os pilares teóricos da abordagem que propomos, o contributo de Vaumorière, ao estudar em exclusivo, a epístola familiar, e a revisão empreendida por Altman, ofereceram-nos pistas para a concepção do modelo de análise, como defenderemos na Parte II.



Fragonard, Jean-Honoré
The Love Letter
1770
Oil on canvas
Metropolitan Museum of Art, New York

Capítulo 3 - Para uma Breve História da Epistolografia

“Le premier souci quand on écrit, c’est d’être attentif à la personne à qui l’on s’adresse: seul moyen de déterminer la matière, le ton et les autres circonstances de la lettre (...). En sorte que le travail est double: il faut tenir compte de la personne à qui l’on a intention d’écrire et des sentiments qui l’animeront au moment où elle aura la lettre sous les yeux.”

Pétrarque, *Lettres familières*, I, 1¹

1. Os Grandes Epistológrafos da Antiguidade Clássica

1.1. A Epistolografia Grega

A questão das origens e dos primórdios da epistolografia associa-se à curiosidade em explicar quem escreveu a primeira carta e qual foi o seu tema. A origem da carta como objecto útil que possibilita a transmissão de uma mensagem através de signos escritos é um facto de impossível datação. Segundo Pedro Martín Baños, “no es casual que la primera mención griega de una carta en un conocido pasaje homérico sea también la primera mención de la escritura en Grecia”. (Martín Baños 2005: 27). Em 1935, em Mari, cidade da antiga Mesopotâmia, foram descobertas cerca de cinco mil cartas do tempo de Hammurabi e sabemos, igualmente, que já desde o terceiro milénio a. C., no Antigo Oriente (Babilónia, Síria, Egipto, Assíria, Pérsia, Judeia), a carta era usada com assiduidade em contextos

¹ Petrarque, *Aux amis. Lettres Familières*, Cristophe Carraud (trad.), Grenoble, Éditions Jérôme Million, 1998, p. 29-30, *apud* Vaillancourt, Luc, *La Lettre familière au XVI^e siècle, Rhétorique humaniste de l’épistolaire*, Paris, Honoré Champion, 2003, p. 12.

diplomático, militar e, inclusivamente, literário². Como afirma Vaillancourt (2003: 39), tudo indica que a invenção da carta seguiu a par e passo a da escrita, aproximadamente no fim do quarto milénio, seguindo da Mesopotâmia para o Egipto³.

As primeiras missivas foram, sem dúvida, constituídas por símbolos icónicos e, posteriormente, por breves mensagens gravadas em tábuas de cerâmica, pedra ou de madeira que se enviavam a alguém ou que se faziam circular com o objectivo de comunicar uma informação importante. A carta, tradução visual do dito, supria assim uma ausência e era de natureza eminentemente informativa, dadas as restrições do suporte material que impeliam a uma enorme brevidade. Essa forma de fixação encerrava uma enorme vantagem, na medida em que, para além da efectiva preservação da mensagem, permitia sempre a sua transmissão integral⁴.

Se a escrita de cartas foi, primeiramente, um privilégio de uma elite de escribas, a alfabetização e os progressos subjacentes, tais como a utilização de papiros e o recurso às tintas, nomeadamente na população grega da época clássica, permitiriam a generalização desta prática.

Sendo a origem da tradição epistolográfica na Grécia desconhecida, sabemos, todavia, que na Época Arcaica, o poder político dispunha de chancelarias que

² Cf. J.M. Durand (ed), « Les documents épistolaires du Palais de Marais », Paris e Parpola, S. (ed.), *Letters from Assyrian and Babylonian Scholars*, Helsinki, 1993.

³ Uma lenda antiga, coligida por F.X. J. Exler em *The Form of the Ancient Greek Letter: A Study in Greek Epistolography*, Washington D.C., 1923, atribui à princesa persa Atossa, filha de Ciro, o Grande, esposa de Dario I e mãe de Xerxes, a invenção da carta no século VI a.C., sendo talvez ela a primeira a utilizar o papiro. Acredite-se ou duvide-se desta lenda, certo é que as interacções epistolares existiam já há muito tempo. Para perceber a teoria e prática epistolográficas na Antiguidade podem consultar-se os seguintes artigos de referência:

G.A. Gerhard, “Untersuchungen zur Geschichte des griechischen Briefes I. Die Anfangsformel”, *Philologus* 64, 1905, pp. 27-65;

H. Koskenniemi, *Studien zur Idee und Phraseologie des griechischen Briefes bis 400 n. Chr.*, Helsinki, Suomalainen Tiedekatemia, 1956;

Abraham J. Malherbe, “Ancient Epistolary Theory”, *Ohio Journal of Religious Studies*, V. 2, 1977, pp. 3-77;

Stanley K. Stowers, *Letter-Writing in Greco-Roman Antiquity*, Philadelphia, West-Minster Press, 1986.

⁴ É interessante atentar na nota de Vaillancourt (2003: 40) que cita uma passagem de Eurípedes em que são dados alguns indícios sobre a prática epistolar: “Mais toi-même tu as allumé une lampe pour écrire sur cette tablette, que tu tiens encore entre tes mains, puis tu effaces au contraire l'écriture. Tu y mets ton cachet, puis tu le romps et tu jettes à terre la tablette de pin, en versant un flot de larmes.” (Eurípedes, *Ifigénie à Aulis*, François Jouan (trad.), Paris, Les Belles Lettres, 1983, p. 19).

decerto produziam missivas, embora respondendo a imperativos utilitários. É sobretudo com o desenvolvimento da retórica, no século V a.C., que se desenvolve e enriquece, sob a alçada dos sofistas, a prosa eloquente. Sabe-se que, para além do ensino da eloquência por parte dos sofistas, estes praticavam também a escrita de cartas como género literário⁵.

O reduzido número de cartas que encontramos nesta civilização circulava fundamentalmente entre os filósofos e os seus discípulos, tendo como principais autores Sócrates, Platão, Aristóteles, Demóstenes e Isócrates.

Como afirma Vaillancourt, “ignora-se a data da publicação da primeira correspondência, mas sabe-se que as cartas, desde que dissessem respeito a assuntos públicos, eram recopiadas várias vezes – mais do que abandonadas às eventualidades da livre circulação – com o fim de assegurar a sua difusão” (2003: 41). Por vezes, a carta pessoal, à discrição do destinador, do destinatário ou do mensageiro, podia ser lida em público ou circular de mão em mão. Muitas das cartas que chegaram até aos nossos dias são cartas familiares, ou seja, cartas destinadas a parentes, amigos ou servos, que encerram formas de saudação e de delicadeza que são reproduções fiéis das saudações empregadas nos encontros quotidianos, na medida em que a carta procura mimar a conversação, busca na oralidade essas expressões e obedece às mesmas regras de deferência hierárquica. Nas epístolas gregas, observam-se, assim, duas formas distintas: se o destinador se dirige a um familiar, coloca habitualmente o seu nome antes do do destinatário, seguindo-se a fórmula habitual de saudação *chairein*. (X à Y *chairein*)⁶.

Se, por outro lado, a carta se destina a uma pessoa hierarquicamente superior, a cortesia obriga a que o seu nome se posponha ao nome do destinatário. Por seu

⁵ Stanley K. Stowers estabelece contudo a precisão de que “such aestheticism belonged to an extremely small group of writers, who lived in rarefied world of elite sensitivities. (...) The social context for such literary letters is a small circle of intimate aristocratic friends who share advanced rhetorical educations.” (*Letter-Writing in Greco-Roman Antiquity*, *op. cit.*, pp. 34-35, apud Vaillancourt (2003: 41).

⁶ F.X.J. Exler, *The Form of Ancien Greek Letter: A Study in Greek Epistolography*, *op. cit.*, p. 24.

turno, as fórmulas de fecho ou de *valédiction* mais comuns são “boa sorte” e “comporta-te bem”⁷.

Sabe-se que na época clássica, filósofos como Platão, Aristóteles e Epicuro enviavam cartas aos seus discípulos em que abordavam problemas relativos ao ensino, à política, à ética, fazendo igualmente considerações de carácter doméstico e familiar.

Apesar de não terem chegado aos nossos dias senão fragmentos de cartas de Aristóteles e pouco conhecermos das cartas de Platão, sabemos, através de outros escribas, que elas gozaram de uma notabilidade considerável: as cartas VII e IX de Platão são especialmente citadas por Ático.

É, não obstante, incontestável a transformação da carta num marco cultural florescente, a evolução de um tipo de comunicação num género de grande vitalidade: o género epistolar. Para além do uso oficial da carta pública, propícia à complexa administração helenística, a carta surge ligada à educação, ao pensamento, à transmissão de cultura, cumprindo o seu uso pragmático, aparecendo também a carta literária. A diversificação da forma epistolar explica o surgimento de cartas didácticas e doutrinárias, cartas de propaganda política, cartas-dedicatória e, inclusivamente, “cartas do céu”⁸.

Não deve estranhar-se que a epístola, enquanto expressão escrita, tenha recebido atenção, embora marginal, na óptica da retórica, havendo manifesta confluência entre epistolografia e retórica. Na sua origem, a epístola não apresentava diferenças consideráveis das mensagens orais que substituíra: numa época em que a leitura mental era um hábito desconhecido, a carta mais não era do que uma ajuda para o heraldo que recitava ou lia, de viva voz, o seu conteúdo. A carta como “conversação por escrito” (tema tratado adiante na rubrica *topoi* epistolares) mostra

⁷ Ver Hannah Cotton, “Greek and Latin Epistolary Formulae: Some Light on Cicero’s Letter-Writing”, *American Journal of Philology*, 105, 1984, pp. 409-425.

⁸ Trata-se de cartas “reveladas” ou de origem divina, presentes em 1500 a.C. no Livro dos Mortos egípcio. Cf. Barrio Veja, M. L. Del “*Algunos problemas de la epistolografia grega. Es posible una clasificación epistolar?*”, *Minerva*, 5, 1991, pp. 123-137.

essa aproximação à comunicação oral. De forma inversa, a retórica não oculta as suas relações e, inclusivamente, as suas dependências da escrita. Por um lado, o hábito de escrever (e o exercício de redacção é, por excelência, a composição epistolar) outorga ao orador a facilidade expressiva, o *copia dicendi*, sendo escrever bem a condição indispensável para alcançar a eloquência. Segundo Cícero, a pena é o melhor “dicendi effector ac magister”⁹.

Devemos, igualmente, assinalar a importância de que se revestiram os primeiros tratados sobre arte epistolar atribuídos a Demétrio: o primeiro *Typoi epistolikoi* que estabelece vinte e uma espécies de cartas¹⁰ e o segundo *Peri hermeneias*, cuja versão latina *De Elocutione* data de 100 d.C., consagrando uma secção específica ao epistológrafo (*epistole*). Os primeiros testemunhos da inclusão de considerações epistolares em tratado retórico surgem em Demétrio, na sua obra *De elocutione*¹¹: baseando a sua análise fundamentalmente na carta privada, considera que o estilo que convém a uma epístola deve ser simples, elegante e deve revestir-se de maior elevação quando o destinatário for o rei ou uma pessoa de Estado. Para Demétrio, na concepção de uma epístola são fundamentais o sentimento amistoso e a expressão da interioridade ou o carácter de quem escreve. Apesar de este tratado enfermar de problemas de sistematização, sendo reiteradamente qualificado de repetitivo, digressivo e, por vezes, de ambíguo, revela-se de grande importância para os estudos epistolográficos: trata-se do primeiro exemplo de vinculação da teoria epistolar à retórica e, de forma precursora, sintetiza, em poucos parágrafos, as ideias mais recorrentes dos tratados epistolográficos posteriores. Igualmente, no seu

⁹ Cícero, *De oratore*, W. Sutton y H. Rackman (ed.), 2 vols., Cambridge, Mass, 1942, 1. 33. 150.

¹⁰ Curioso será mostrar a forma inovadora como Demétrio distingue vinte e uma espécies de cartas que define em função das intenções: amizade, alegórica, recomendação, censura, injúria, consolação, censura, admoestação, ameaça, vitupério, louvor, conselho, súplica, interrogação, réplica, instrução, acusação, defesa, felicitação, ironia, agradecimento, sendo cada um dos tipos acompanhado de um exemplo sugestivo.

¹¹ Os parágrafos, da obra citada de Demétrio, dedicados a este tópico são os 223 a 235. Veja-se também a edição crítica de Chiron e a discussão sobre a epístola e a sua filiação retórica. Cf. Chiron, P. *Un rhéteur méconnu: Démétrios (Ps Démétrios de Phalène. Essai sur les mutations de la théorie du style à l'époque hellénistique*, Paris, 2002.

tratado *Peri hermeneias*¹², Demétrio insiste na dimensão escrita da palavra, na senda do que já anteriormente Aristóteles defendera:

“Il ne faut pas ignorer que chaque genre (oratoire) s’accommode d’un genre différent d’élocution. On n’emploie pas le même dans le discours écrit et dans le discours débité en public (...). L’élocution écrite est celle qui a le plus de précision: celle des débats se prête mieux à l’action (...) Ainsi, par exemple, l’absence des conjonctions et les répétitions sont désapprouvées, à bon droit, dans un écrit; tandis que, dans une œuvre faite pour le débat, les orateurs même peuvent recourir à ces procédés, vu que ce sont des ressources pour l’action”¹³.

É célebre também a recomendação de Demétrio que aconselha para a escrita honesta de uma carta o meio-termo entre a elegância oratória e a conversação familiar que encoraja, segundo o autor, a dimensão familiar:

«La lettre doit faire une large place à l’expression des caractères, comme d’ailleurs le dialogue. Car c’est presque l’image de son âme que chacun trace dans une lettre. S’il est possible que toute autre espèce de texte laisse voir le caractère de son auteur, on ne voit nulle part aussi bien que dans une lettre»¹⁴.

Esta metáfora da carta como *eikón psychês* (ou *imago cordis* nos latinos) tem, segundo Vaillancourt (2003: 45), uma ressonância de uma enorme actualidade. Este investigador cita, a este propósito, o prefácio de Pierre Chiron, que consta da edição francesa do tratado de Demétrio, para realçar a importância desta metáfora desde a Antiguidade:

¹² A edição consultada foi a tradução francesa: Démétrius, *Du style*, Pierre Chiron (trad.), Paris, Les Belles Lettres, 1993.

¹³ Aristóteles, *Rhétorique*, III, 1-2, Paris, Librairie Générale Française, 1991.

¹⁴ Demetrius, *op. cit.*, IV, p. 227, *apud* Vaillancourt 2003: 45.

“La lettre, et en général le style, comme miroir ou image de l’âme, est un motif qui revient très souvent dans la littérature épistolographique, et dans la littérature tout court”¹⁵.

1.2. A Epistolografia Latina

Evocar a filiação da carta latina na epistolografia grega será uma trivialidade. Identificam-se, pois, com relativa facilidade, a tipologia, os formulários, os lugares-comuns que os mestres gregos de retórica, que afluíam a Roma, ensinavam e difundiam.

Devido, em grande parte, às influências helénicas, o mundo romano atingiu um grau de individualidade, um nível de distinção pessoal que nenhuma civilização posterior foi, durante muitos séculos, capaz de ultrapassar. E é estranho que tendo os romanos haurido da civilização grega ensinamentos que apreenderam e usaram com mestria, nas formas literárias a que me refiro, mostraram mais variedade. Neste campo, foram discípulos diligentes dos mestres gregos¹⁶.

Através das cartas de São Jerónimo podemos concluir que os *casci* deverão ter sido os primeiros habitantes do *Latium* a trocar correspondência:

«Ces hommes (...) avant l’emploi du papier et du parchemin se correspondaient fréquemment par échange de lettres, soit sur des tablettes de bois rabotées, soit sur des écorces d’arbres; c’est pourquoi ils appelaient les facteurs “tabellaires” et les écrivains “libraires”, du liber des arbres”¹⁷.

¹⁵ Demetrius, *op. cit.*, p. XCVII.

¹⁶ António de Aguiar Ferreira, *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, p. 4.

¹⁷ Jérôme, *Lettres*, VIII, 1, Jérôme Labourt (ed), Paris, Les Belles Lettres, 1949. Deve também confrontar-se com a ideia defendida por M.A. Marcos Casquero, “Epistolografia romana”, *Helmantica*, 34, 1983, pp. 377-406.

Em comparação com a grega, a epistolografia latina começa relativamente tarde, pois não há conhecimento de nenhum epistolário anterior a Cícero e os escassos exemplos de epístolas dos séculos III e II a.C. são, com frequência, fragmentários e chegaram, aos nossos dias, de forma indirecta e sob suspeita de posteriores reformulações ou, mesmo, deturpações.

As cartas de Cícero constituem, pois, um verdadeiro ponto de partida do género epistolar latino¹⁸, tendo-se rapidamente convertido num modelo de imitação. Assim, o emprego do *modus epistolaris* generaliza-se total e rapidamente: para além do uso do quotidiano, a escrita das cartas é uma actividade corrente dos juristas que a ela recorrem nas suas *Responsae* para esclarecer questões de direito, para os médicos e os eruditos que, através desta forma epistolar, expõem as suas descobertas, para os escritores que discutem, de forma delicada ou veemente, as suas ideias e, no último século da República, verifica-se mesmo a sua utilização maciça como utensílio de propaganda política.

Seguindo ainda de perto a investigação de Vaillancourt sobre a origem e desenvolvimento da retórica epistolar, constata-se que formalmente não existe diferença considerável entre as cartas gregas da época clássica e as romanas do Império (2003: 49). As fórmulas de abertura, de fecho e de datação são sensivelmente as mesmas.

A saudação inicial inclui três partes: 1) *intitulatio*, que agrega o nome do destinatador e o seu título, caso o possua; 2) *inscriptio*, que engloba, da mesma forma, o nome do destinatário e o seu título; 3) *salutatio* que consiste numa das seguintes formas: *salutem*, *salutem dicit* ou *salutem dicit plurimam*¹⁹.

¹⁸ Vejam-se os estudos de Hutchinson, G.O., *Cicero's Correspondence*, Oxford, 1998.

¹⁹ Ver Carol Dana Lanham, "Salutatio Formulas in Latin Letters to 1200: Syntax, Style and Theory", *Münchener Beiträge* 22, 1975, p.7.

As fórmulas de cortesia fixaram-se rapidamente e passaram a escrever-se de uma forma abreviada no início das cartas. Assim, S.V.B.E. (*si vales, bene est*), S.V.B.E.E.V. (*si vales bene est; ego valeo*) ou S.V.E.Q.V.B.E.E.Q.V. (*si vos exercitusque valetis bene est; ego quoque valeo*). A fórmula de fecho habitual é *Vale*, com algumas variantes: *Bene vale et me dilige*, *Etiam atque etiam vale* ou ainda, em cartas familiares: *Cura ut valeas et me, ut amas, ama*.

O lugar e a data inscrevem-se no final, como neste exemplo de Cícero: *Scribeam Antii a. d. XV Kal. Mai. Anno 695 A.U.C. (ab Urbe condita)*²⁰.

Dos epistológrafos latinos, iremos realçar aqueles que constituíram marcos indeléveis para o estabelecimento do cânone epistolar: Cícero, Séneca, Quintiliano e Plínio, o Moço.

É a compilação das cartas de Cícero a primeira que se conserva na epistolografia romana e que chegou até aos nossos dias graças ao zelo dos seus amigos e correspondentes, Tíron e Ático que as publicaram após a sua morte. Sabe-se que Cícero (106 – 143 a.C.) foi um epistológrafo prolixo, tendo sido conservadas novecentas e trinta e uma cartas, o que constitui indubitavelmente a maior e mais importante colecção privada de cartas antigas. As cartas foram agrupadas segundo as pessoas a quem foram endereçadas e, assim, temos as seguintes colecções: *Ad Atticum*, *Ad Familiares*, *Ad Quintum fratrem* e *Ad Brutus* que nos dão a conhecer os seus amigos, a mulher Terência, o irmão Quinto e os filhos Marco e Túlia.

A publicação póstuma das cartas *Ad familiares* foi assegurada pelo seu secretário pessoal que já havia preparado a edição, em vida do autor. Como se pode constatar, na história da literatura latina, “em 68 teve início a célebre correspondência com Tito Pomponio Ático, coligida em dezasseis livros, que vão até ao fim de 44, quer dizer, que acompanham e comentam (...) toda a vida de Cícero”²¹. A correspondência *Ad Atticum* foi publicada provavelmente entre 57 e 66

²⁰ Cícero, *Ad At*, 2, 8.

²¹ Ettore Paratore, *História da Literatura Latina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1987 (13ª. ed.), p. 197.

d.C. e patenteia um certo tom humorístico que ele próprio considerava adequado para este género. Devemos a sua conservação a Petrarca que descobriu e copiou o manuscrito em 1345²². “A espontaneidade desconcertante e a frescura com que Cícero revela, no epistolário, as mais íntimas pregas da sua alma, eram acompanhadas por uma expressão igualmente familiar e corrente, rica de máximas, de facécias, de modos de dizer populistas, toda quebras e sobressaltos”²³.

Outras compilações que agrupam as cartas *Ad Marcus Brutum* e *Ad Quintum fratrem* circulavam provavelmente nessa mesma época. Os críticos destacam na correspondência de Cícero o seu carácter extremamente variado que abarca desde missivas de simples negócio, a sérias discussões filosóficas, passando também pela comunicação informal, mais familiar ou, ainda, a redacção mais elaborada destinada à *res publica*, sendo obrigatoriamente uma fonte preciosa para a história dos derradeiros tempos da república, permitindo desenhar uma galeria de retratos dos seus correspondentes²⁴.

Relativamente às suas cartas familiares, redigidas dia após dia, é curioso notar que: “elles ont une grâce et un charme tout particuliers. Cicéron était passé maître dans l’art délicat des coquetteries du style; il y a des caresses délicieuses d’expression, une remarquable souplesse et un abandon parfait. Ces qualités, que l’on voudrait trouver plus souvent chez l’orateur, contrastent heureusement avec le ton un peu guindé, l’aspérité un peu sèche de quelques-uns de ses correspondants”²⁵.

²² in <http://remacle.org/bloodwolf/livres/litterature/romainelivre2a.htm>, consultado em Fevereiro de 2003.

²³ Ettore Paratore, *op. cit.*, p.198.

²⁴ Jean Bayet, na obra *La littérature Latine*, Paris, Armand Colin, 1996 afirma: «Le naturel et la variété font de cette correspondance un rare chef-d’œuvre de la littérature universelle, son intérêt historique en fait un document de première importance pour une période décisive».

²⁵ in <http://remacle.org/bloodwolf/livres/litterature/romainelivre2a.htm>, em Fevereiro de 2003.

Torna-se importante assinalar na correspondência de Cícero o apurado grau de reflexão que já atingira o *modus epistolaris*. Revela-se amiúde o epistológrafo preocupado em não confundir géneros oratórios e em explicitar a necessidade de cumprir as máximas de brevidade, evidenciando assim o cumprimento estrito de alguns lugares-comuns que ditavam as regras da escrita epistolar:

“Il m’arrive bien des fois de t’adresser ce genre de lettres, toutes taillées sur le même patron, pour te remercier de déférer si attentivement à mes recommandations (...)”²⁶.

Para ilustrar de forma paradigmática esses *topoi* milenares, e querendo mostrar a importância da presença espiritual do destinatário, afirma “*Ut quasi coram adesse videare*”²⁷ (tu pareces estar presente diante de mim) ou “*te totum in litteris vidi*”, ou seja, (vi-te ou senti-te completamente nas tuas palavras)²⁸.

Uma das passagens que celebrizará este epistológrafo e que irá figurar em vários manuais de epistolografia ao longo dos séculos foi extraída da compilação *Ad familiares*, mais propriamente de um bilhete datado de 53, onde Cícero conceptualiza, de forma clara e concisa, os primeiros esboços de uma teoria do epistolar:

“Il y a, tu ne l’ignores pas, plus d’un genre de lettres; mais entre tous le plus authentique, c’est celui auquel on doit l’invention même des lettres, celui qui est né du désir d’informer des absents, quand il était intéressant pour eux ou pour nous qu’ils fussent instruits de quelque chose²⁹. Ce n’est certainement pas une lettre de ce genre que tu attends de moi; car sur tes affaires domestiques, ta maison te fournit des correspondants et des messagers; et quant aux miennes, rien de neuf. Il y a deux

²⁶ *Ad fam*, 13, 27, *op. cit.*

²⁷ *Ad fam*, 15, 16, *op. cit.*

²⁸ *Ad fam*, 16, 16, 2 *op. cit.*

²⁹ No fundo, uma máxima latina para a definição da finalidade da carta: «*ut certiores faceremus absentes, si quis esset, quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset*», *Ad fam.* 2, 4, *apud* Schmitz, Dietmar, «*La théorie de l’art épistolaire et de la conversation dans la tradition latine et néo-latine*» *Art de la Lettre Art de la conversation*, Bernard Bray e Christoph Strosetzki (dir.), Klincksieck, 1995, p. 12.

autres genres de lettres, et qui font mes délices: l'un familier et plaisant, l'autre sérieux et grave. Je ne vois pas lequel des deux me convient le plus"³⁰.

Estes são os dois tipos principais de cartas: o *genus familiare et iocosum* (familiar e jocoso), destinado à comunicação informal e doméstica (aqui no sentido etimológico, *domesticorum*, ou seja, às pessoas da casa, da família, os servos, os amigos, os próximos) e, por outro, o *genus severum et grave* (sério e grave) reservado aos assuntos sérios, à troca de ideias políticas.

A carta obedece, pois, a uma finalidade, a uma necessidade concreta e, apesar da generacidade desta afirmação, é importante lembrar que a epístola é, sobretudo, concebida em termos comunicativos e pragmáticos, cumprindo a finalidade de servir denexo informativo entre ausentes. Cícero afirma que o que é próprio da epístola é dar a conhecer à pessoa a quem se escreve aquelas coisas que ela ignora: "*Epistolae proprium est ut is ad quem scribitur de his rebus quas ignorat certir fiat*"³¹. Na prática, é muito tênue a fronteira entre a forma canónica e a forma literária, não excluindo a teoria clássica que o género epistolar pressupõe uma origem meramente comunicativa. Em certa medida, porém, o objectivo da carta parece ser, não a mensagem propriamente dita ou a necessidade comunicativa, mas, preferencialmente, o estabelecimento ou o restabelecimento do contacto que a distância ou o tempo fizeram obnubilar. Assim, independentemente do seu conteúdo, a própria escrita epistolar é um símbolo *per se*: de interesse, de amizade, de comunhão com o destinatário.

Com Cícero, a carta tornou-se espelho da vida, lugar de transparência da natureza humana, consequência da função primeira cumprida pelas suas cartas familiares, sobretudo as dirigidas a *Marcus Pomponius Atticus*. Esta correspondência

³⁰ *Ad Fam*, 2, 4, *op. cit*

³¹ Cícero, *Ciceronis Epistolae adAtticum, Brutem (et) Q. Fratrem ... de provincia recte administranda, et in eam F. Hotomani commentarius.*, Lyon, Lugduni, 1564 1.1. 37.

com Ático é de uma importância inestimável para o conhecimento íntimo da história desta época, não deixando de constituir uma verdadeira história da amizade.

“Journal à sa manière, à une époque où l’on n’en tient pas, les lettres à Atticus révèlent le besoin impérieux d’écrire et de dialoguer pour se sentir penser – et la pensée y brille, d’une lucidité politiquement incorrecte et d’autant plus rafraîchissante³².

O epistológrafo, filósofo e conselheiro de Nero, Séneca (4 a.C. – 65 d.C.) exprimiu nas suas cartas, de feição similar, uma teoria sobre o *modus epistolaris*. Como afirma Schmitz³³, Séneca compreendeu, de forma distinta do famoso orador, anteriormente exposto, a função da carta e considerou que a função informativa era muitíssimo rara, servindo esta preferencial e magistralmente para interpretar temas, na perspectiva da filosofia estóica-epicurista.

Séneca, no primeiro século da nossa era, conduz epistolarmente o seu jovem correspondente e amigo Lucílio a uma conversão filosófica. Inspirado nas cartas de Epicuro aos seus discípulos, Séneca serve-se da carta como modo de acção filosófica e moralista, visando conduzir, numa irrepreensível progressão pedagógica, o seu destinatário à vida verdadeira, facto que se comprova na passagem das missivas curtas e incisivas da fase inicial aos tratados longos e retoricamente ambiciosos das fases subsequentes.

Quando Séneca escreve as cartas a Lucílio, de 63 a 65, sabe certamente que redige “o grande testamento espiritual”³⁴ da sua vida. Tratando de domínios filosóficos e excluindo a esfera pessoal, a publicação destas missivas só é seriamente

³² Cf. Chantal Labre, “Les tablettes de Cicéron”, *Magazine Littéraire*, n.º. 442, Maio 2005, p. 45.

³³ Dietmar Schmitz, *op. cit.* p. 14.

³⁴ Esta a designação de Paratore (*op. cit.*) para a obra de Séneca *As Cartas a Lucílio*.

perspectivada a partir da carta número vinte e um, na qual Séneca promete ao seu correspondente a imortalidade³⁵.

Da mesma forma que Cícero, Séneca reflecte sobre a concepção do género epistolar e nas suas cartas a Lucílio afirma, a dado trecho:

“Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo. (1991: 136).

O estilo de Séneca, como afirma Grassi³⁶, é bem distinto do de Cícero, pois caracteriza-se por ser um género conciso, expressando um pensamento breve, surpreendente e brilhante, *clara sententia*. Séneca recorre a fórmulas estereotipadas, comuns a toda e qualquer correspondência privada: como saudação inicial usa *s.d* (*salutem dicit*) e a fórmula de conclusão é, frequentemente, *vale*. As *Cartas a Lucílio* apresentam-se como um esboço de um novo género, conjugando a correspondência privada - caracterizada pela transmissão de informações sobre os factos da vida quotidiana - com a correspondência filosófica, comentário solicitado sobre qualquer ponto preciso da doutrina estoicista. Seguem, porém, as regras da *suasoria*, ou seja, uma frase de introdução anuncia o tema em discussão e traça o plano de desenvolvimento, com um objectivo seriamente didáctico. Seguidamente, o epistológrafo entra directamente no assunto, evocando uma pequena história da

³⁵ Cf. L.D. Reynolds, *The Medieval Tradition of Seneca's Letters*, London, Oxford University Press, 1965.

³⁶ Marie-Claire Grassi, *Lire l'Épistolaire*, Paris, Dunod, 1998, p. 20.

vida de Lucílio, sendo utilizados todos os procedimentos retóricos: *exempla, loci* ou *topoi*, citações para apoiar as teses defendidas, quer na introdução quer na conclusão³⁷. Saliente-se também um facto curioso que mostra como Séneca era capaz de proceder à desestruturação progressiva do discurso epistolar. Na introdução da Carta 15, Séneca resolve fazer uma paródia, uma crítica divertida e a respeito das fórmulas estereotipadas iniciais afirma:

“Costumavam os antigos (e o uso conservou-se até ao meu tempo) escrever logo a seguir à epígrafe das cartas estas palavras SVBEEV (*si vales bene est, ego valeo*)“ *Se estás de boa saúde, tanto melhor; eu estou de boa saúde*”. Quanto a nós teremos antes razões para dizer: SPBE (*si philosopharis bene est*) “Se te aplicas à filosofia, tanto melhor!” De facto é na filosofia que reside a saúde verdadeira³⁸.

As cartas a Séneca são marcadas por um tom de exortação, na medida em que, despoletadas a pedido de Lucílio, revestem-se de uma forma propedêutica e didáctica que visa principalmente convencer o amigo a trilhar a senda da sabedoria estóica e a adoptar, conseqüentemente, uma postura filosófica capaz de guiar e orientar a sua vida.

Atente-se neste exemplo que ilustra esta formulação exortativa:

«Renonce désormais à ce qui fait courir les hommes, renonce aux richesses qui constituent un danger ou une charge, renonce aux voluptés du corps et de l'esprit...»³⁹.

Para Séneca, a escrita epistolar devia ser despojada de artifícios retóricos e daí a sua defesa intransigente de uma utilização crescente de fórmulas epistolares similares àquelas empregadas na conversação quotidiana⁴⁰. Tal como afirma

³⁷ Cf. Catherine Sales, “Les Lettres de Sénèque à Lucilius, De l'épître-exhortation à la lettre-confession” , *Les Lettres dans la Bible et dans la Littérature*, CADIR, Paris, Les Éditions du Cerf, 1999, pp. 233-249.

³⁸ Lúcio Aneu Séneca, *Cartas a Lucílio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, Carta 15, p. 50.

³⁹ *Apud* Grassi, op. cit, p. 20.

⁴⁰ Ep. 75, 1: “qualis sermo meus esset, si una desideremus aut ambularem, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas volo, quae nihil habent accersitum nec fictum”.

Segurado Campos, na Introdução à edição das *Cartas a Lucílio*⁴¹, “as cartas de Séneca (...) são uma correspondência real entre dois amigos em que, na quase totalidade dos casos, são desenvolvidos por Séneca diversos problemas de índole filosófica” (1991: X).

É certo que a correspondência encerra uma motivação profunda, dado Séneca ter decidido encarregar-se da direcção espiritual de Lucílio e ter como objectivo converter o amigo às teses estóicas, sendo, por isso, ultrapassada a mera vertente de troca de informações quotidianas ou a rotineira transmissão de notícias. “Tal como os seus restantes tratados, também as cartas de Séneca a Lucílio, para além dos traços já apontados e que fazem delas cartas autênticas, revelam com maior ou menor intensidade a influência da diatribe cínica em alguns aspectos da sua estrutura”⁴².

Se atentarmos no estilo do filósofo de Córdova, estamos em crer que ele reflecte uma característica que vai disseminar-se ao longo da evolução do género epistolar: o dialogismo que privilegia o tratamento por “tu”, abolindo, assim, a distância social entre os correspondentes e adoptando um estilo sincopado, com o recurso constante a interrogativas e exclamativas:

“Queres que eu te descreva integralmente tudo quanto faço em cada dia de manhã à noite. Quer isto dizer que fazes um bom juízo a meu respeito, pois não imaginas que eu possa ter algo a esconder-te. É assim mesmo que nós devemos viver: como se a nossa vida decorresse à vista de todos. (...) De que nos vale esconder dos outros alguma coisa se à divindade nada permanece oculto?” (1991: 369)

Séneca reclama para si uma *simplicitas* que está mais de acordo com a meditação filosófica do que com a eloquência teatralizada do *forum*, encorajando, por

⁴¹ Lúcio Aneu Séneca, *Cartas a Lucílio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, com tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado Campos.

⁴² *ibidem*, p. xv.

isso, o uso de metáforas e de comparações, a utilização de máximas, recorrendo, sobretudo, à doxografia de Epicuro, de Zenão ou de Platão.

“Posso citar-te como exemplo um caso passado com Epicuro. Numa carta a Idomeneu, que era então ministro do poder real e encarregado de importantes responsabilidades, Epicuro, para o afastar dessa vida de ilusória grandeza e o aliciar para a glória certa e firme da sabedoria, disse-lhe: “Se estás interessado na glória, as minhas cartas dar-te-ão renome superior a esses cargos que tu procuras – e que tornam a tua pessoa tão procurada”(Epicuro 132) . Será que Epicuro se enganou? Quem conheceria hoje Idomeneu se o filósofo o não citasse na sua correspondência? (...) São as cartas de Cícero que não deixam esquecer o nome de Ático. De nada lhe serviria ter tido como genro Agripa. (...) O mesmo que Epicuro prometeu ao seu amigo, eu to prometo a ti, Lucílio: a posteridade há-de recordar-se de mim, hei-de fazer com que alguns nomes perdurem por estarem ligados ao meu”. (1991: 74-75)

Relativamente a uma censura de Lucílio relativa a essa *negligentia diligens*, Sêneca returque da seguinte forma:

“Tens-te queixado de receber cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo que sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferia mostrar-te o que sinto, em vez de o dizer”. (1991: 305)

Por último, nestas *Epistulae morales ad Lucilium* merece realce a forma aguda e pertinente da fixação de uma escala rigorosa e universal de valores, destes exercícios espirituais que reflectem não só a sua forma de meditação filosófica como, primordialmente, a infatigável necessidade de os difundir e transmitir pedagogicamente aos seus vindouros.

Diz estas palavras aos outros, para que, ao dizê-las, as escutes também, escreve-as, para que, ao escrevê-las, também as leias, tirando de tudo proveito para a tua formação moral, para a repressão das paixões nocivas. Estuda, em suma, não para saberes mais, mas para saberes melhor. (1991: 438)

Na época clássica, persistem poucas teorizações sobre o género, as normativas sobre a redacção das cartas são menos importantes do que as da escola grega, destacando-se desta incipiente retórica epistolar, a indicação de Quintiliano que introduz uma discussão sobre a *oratio soluta*, ilustrando com a epístola e a conversação familiar (*sermo*). **Quintiliano** provinha, tal como Séneca, da Espanha Tarraconense e viveu aproximadamente entre os anos 35 e 95. Sabe-se que o seu ensino em Roma ajudou a formar os melhores escritores e intelectuais do seu tempo, como Tácito, Plínio, *o Moço*, Suetónio e Juvenal que “estabeleceram um travão à decadente corrupção e amaneiramento do estilo romano, paulatinamente mais afastado do modelo clássico ao qual Quintiliano continuamente se remete”⁴³.

A obra de Quintiliano que o absorveu quase toda a vida, *Institutio oratoria*, desenvolve-se em doze livros e é considerada um manual de pedagogia para futuros oradores, sendo particularmente importantes o L. I e o L. X, versando o primeiro notícias sobre a importância da aprendizagem da pronúncia e da gramática e o segundo veiculando a importância do estudo e da leitura dos autores gregos e latinos que marcaram o apogeu da cultura romana. Quintiliano não se subtrai à tendência de todas as culturas tradicionalistas e propõe sempre como modelo supremo Cícero.

Merece um lugar na história da epistolografia, na medida em que as suas recomendações sobre a *captatio benevolentiae* e as suas definições de *brevitas* e de *apte dicere* vão alicerçar a doutrina clássica e vão ser abundante fonte inspiradora da retórica epistolar medieval (Vaillancourt 2003: 60).

Marie-Claire Grassi (Grassi 1998: 21), ao recensar os grandes epistológrafos da Antiguidade, citando R. Martin⁴⁴, afirma que “Plínio, *o Moço* (62- 113) “est à la littérature latine ce que Madame de Sévigné est à la littérature française”, o que atesta da importância deste nome na epistolografia latina.

⁴³ Iáñez, Eduardo, *As Literaturas Antigas e Clássicas*, Lisboa: Planeta Editora, 1992, p. 207.

⁴⁴ Martin, R. e J. Gaillard, *Les Genres Littéraires à Rome*, Paris, Nathan, 1990.

São dez os volumes de cartas deste aluno de Quintiliano, admirador de Cícero, episcurista, orador e epistológrafo: aos nove, publicados pelo próprio, foi acrescentado um décimo livro que compreende as cento e vinte e duas cartas trocadas entre Trajano e Plínio, escritas a partir do ano 96. (cf. Paratore 1983: 753)

Segundo Vaillancourt (2003: 60), a correspondência de Plínio marca o surgimento de uma prosa epistolar artística, em que o utilitarismo da correspondência familiar dá lugar à assunção da *persona* literária⁴⁵.

Nas cartas, maioritariamente escritas a amigos ou próximos, o epistológrafo admite, a dado trecho que “*écrire pour un ami n’est pas écrire pour le public*”⁴⁶ e revela sempre o seu carácter de “grande senhor bonacheirão e acomodaticio” (Paratore 1983: 753), preconizando, para além do estilo rápido e escorreito, de familiaridade espontânea que apropriou do seu mestre Quintiliano, um artifício literário, uma eloquência “*serrée et drue, mais en même temps abondante, (...), divine et céleste*”⁴⁷ que indubitavelmente indiciam a sua pretensão de rivalizar com a prosa ciceriana. As cartas de Plínio contêm um especial valor documental dado que nos revelam, na perfeição, a sociedade romana de Trajano, de quem foi amigo pessoal, correspondente, permitindo discorrer sobre o tratamento a dispensar aos cristãos e, surpreendentemente, as duas cartas a Tácito constituem uma fonte importantíssima para a compreensão da erupção do Vesúvio⁴⁸. Este aspecto documentativo é reiterado por Júlio Castilho, na sua obra *Os Dois Plínios*, quando afirma que as cartas de Plínio, *o Moço* são “um livro que enche a alma”, porque feito

⁴⁵ Para Jean Bayet, as cartas de Plínio «allient à une affectation et à une réelle éloquence, beaucoup de finesses spirituelles allant jusqu’à la préciosité.» *La Littérature Latine*, Paris: Armand Colin, 1996.

⁴⁶ Pline, *Correspondance*, Paris, Les Belles Lettres, 1953-1959, 4. Vol., vol VI, 17, 22.

⁴⁷ Pline, *Correspondance*, Paris, Les Belles Lettres, 1953-1959, 4. Vol., I, 20, 22.

⁴⁸ Cf. Iáñez, Eduardo, *As Literaturas Antigas e Clássicas*, Lisboa: Planeta Editora, 1992, p. 208.

de memórias íntimas e de pequenos/grandes nada que geralmente escapam ao historiador”⁴⁹.

Virgínia Soares Pereira cita o prólogo desta obra para distinguir a importância de Plínio para o filho de Feliciano de Castilho:

“As cartas deste excelente homem são, com efeito, uma das leituras leves e brilhantes que nos legou a Antiguidade Clássica; palpita ali a crónica inteira da cidade, a sua gazetilha forense, o seu necrológico, as suas ocupações intelectuais, e a sua civilidade cumprimenteira, coisas essas que os volumes de outro género não souberam nem puderam transmitir. A esses predicados, juntam outro: a moral mais pura”⁵⁰.

Um outro aspecto que se torna pertinente na presente investigação é mostrar de que forma Plínio, *o Moço* emprega já muitos dos *topoi* que vão ser dominantes e recorrentes no género epistolar. Assim, o *topos* de que a carta pode trazer consolação e, em simultâneo, avivar as saudades, ou outro, muito arreigado que confere um valor de objecto digno de veneração, raiando mesmo o *fétiche*, estão presentes em muitas passagens da sua correspondência. “Je ne cesse de relire vos lettres et, de temps en temps, je les prends en main comme si elles venaient d’arriver”⁵¹. Outro dos lugares comuns do género epistolar (e que explanaremos na Parte III deste trabalho, quando abordarmos a metáfora economicista) é expresso pela constatação permanente dos atrasos na correspondência e os pedidos consequentes e veementes, visando convencer o destinatário da importância de que se revestem os laços de amizade, transmitidos por escrito. É paradigmático neste exemplo que transcrevemos:

Pline à son cher Julius Sevianus salut.

⁴⁹ Júlio Castilho, *Os Dois Plínios*, p. 510, no Post Scriptum, *apud* Virgínia Soares Pereira, *Leituras da Antiguidade: Os dois Plínios*, Ágora, Estudos Clássicos em Debate 3, 2001, p. 157-181.

⁵⁰ O artigo de Virgínia Soares Pereira está igualmente disponível em <http://www.dlc.ua.pt/classicos/castilhos.pdf>. p.11, consultado em Março 2003.

⁵¹ Pline, *Correspondance*, Paris, Les Belles Lettres, 1953-1959, 4. Vol., VI, 7.

*Serait-ce parce que tout va bien que vos lettres se font depuis si longtemps attendre? Serait-ce que tout va bien, mais que vous n'avez pas de loisirs? Serait-ce que vous avez de loisirs mais que l'occasion d'envoyer vos lettres est rare ou manque? Mettez fin à mon anxiété que je ne puis plus supporter; mettez-y fin, fût-ce en envoyant un courrier tout exprès. C'est moi qui paierai le voyage, qui paierai même la gratification, mais qu'il apporte les nouvelles que je souhaite! De mon côté, je suis en bonne santé, si c'est être en bonne santé que de vivre dans l'inquiétude et l'angoisse, dans une attente de tous les instants et en redoutant pour l'être qu'on aime le mieux tous les accidents auxquels est sujet l'humanité. Adieu*⁵².

Por último, não podemos mascarar a importância da primeira sistematização feita por C. Julius Victor⁵³ que, ao redigir um tratado sobre arte retórica, consagrou uma secção inteira ao *modus epistolaris*. Nessa parte intitulada *De epistolis*, o autor começa por distinguir dois tipos de cartas, afirmando que os ornamentos só são tolerados no âmbito estrito do género:

*Epistolarum species duplex est; sunt enim aut negotiales aut familiares. Negotiales sunt argumento negotioso et gravi. In hoc genere et sententiarum pondera et verborum lumina et figurarum insignia compendii opera requiruntur atque omnia denique oratoria praecepta, una modo exceptione, ut aliquid de summis copiis detrahamus et orationem proprius sermo explicet*⁵⁴.

Para este teorizador, as cartas de negócio (*negotiales*) tratam assuntos sérios e podem englobar todo e qualquer preceito retórico, ao invés das cartas familiares que devem ser breves (“*in familiaribus litteris primo brevitatis observanda*”) (Vaillancourt 2003: 65). Preconiza igualmente o emprego de fórmulas preambulares (*praefationes*) e de

⁵² Pline, *Correspondance*, Paris, Les Belles Lettres, 1953-1959, 4. Vol., III, 17, apud Vaillancourt 2003: 63.

⁵³ C. Julius Victor, *Ars retórica*, Remo Giomini e Maria Silvana Celentano (ed.), Leipzig, Teubner, 1980, p. 105, apud Vaillancourt 2003: 65.

⁵⁴ C. Julius Victor, *Ars retórica*, Remo Giomini e Maria Silvana Celentano (ed.), Leipzig, Teubner, 1980, p. 105.

fórmulas de delicadeza (*subscriptiones*) como forma de diferenciar o grau de amizade ou de posição hierárquica⁵⁵.

Uma das recomendações para a escrita epistolar é que as *praeefationes* e as *subscriptiones* sejam ajustadas à dignidade do destinatário e à sua relação com o destinatário e que, se possível, cumpram as fórmulas ritualizadas em uso na época:

«*Praefationes ac subscriptiones litterarum computandae sunt pro discrimine amicitiae aut dignitatis, habita ratione consuetudinis* »⁵⁶.

Na teoria epistolar antiga, diferentemente do que ocorrerá nas teorias medieval e renascentista, apenas existiam referências aos elementos que constituem uma carta (*partes epistolae*), como já referimos: a *salutatio* ou *praescriptum* inicial que incluía as fórmulas de contacto (*si vales bene est, ego valeo*); o corpo da carta que desenvolvia os motivos ou argumentos desencadeadores da escrita e, finalmente, concluía com variadas expressões de fecho ou despedida (*vale, cura ut valeas*, etc.).

1.3. A Epistolografia Cristã

Dans la Bible, comme dans la littérature, la présence des lettres peut être le rappel de la particularité d'un écrit où se trouve conservée, pour être recueilli par qui la lira, la parole.

François Martin, *Pour une théologie de la lettre. L'inspiration des écritures*, Édition du Cerf, 1996.

É, sem dúvida, ambicioso e porventura inexequível processar uma síntese da epistolografia cristã e recensear os inúmeros trabalhos de investigação que, ao longo dos tempos, têm sido elaborados, quer no âmbito dos estudos teológicos, quer no

⁵⁵ Como não cabe no âmbito deste estudo a evolução das Artes Retóricas, dos Manuais, dos Tratados ou dos Secretários, fizemos aqui este breve referência para mostrar a importância deste reflexão pioneira na Antiguidade Clássica.

⁵⁶ Júlio Victor, *Ars Rhetorica*, Giomini y M. S. Celentano (ed.), Leipzig, 1980, 448.

domínio da análise semiológica, para descodificar, desmiudar e expandir o pensamento cristão.

É inevitável que, logo que pronunciamos a palavra “epístola”, pensemos nas epístolas bíblicas, que nos despertaram *ab initio* um grande interesse. No fundo, constituem um terço do Novo Testamento⁵⁷.

O que encontramos de específico nas epístolas para que a sua importância seja crucialmente destacada quer no campo literário quer no bíblico?

A questão da natureza das epístolas não se coloca. Estamos manifestamente em presença de textos de correspondência real e efectiva, escritos na primeira pessoa do singular, um “eu” real e verdadeiro. Os textos epistolares encerram ostensivamente as marcas canónicas da enunciação⁵⁸.

As epístolas bíblicas nunca foram um êxito de livraria, mas, apesar da dificuldade da multiplicidade de leituras e interpretações, continuam a ser lidas desde há vinte séculos. Sem entrarmos numa reflexão teórica sobre o conhecimento bíblico, cremos que algumas destas epístolas (lembramos a este propósito o consenso universal que a coloca no lugar mais eminente, a Carta de S. Paulo aos Romanos) evidenciam a importância do género epistolar nos primeiros séculos da era cristã, em que a grande luta foi clarear a doutrina. Julgamos que será oportuno, neste momento, reflectir sobre esta noção de epístola e indagar da sua filiação, parentesco ou exclusão relativamente à carta.

Segundo Burnet⁵⁹ (2003: 21-30) foi Adolf Deissmann⁶⁰ o primeiro a tentar estabelecer relações entre os papiros e os escritos cristãos, conduzindo-o a uma

⁵⁷ Cf. *Les lettres dans la Bible et dans la Littérature*, Lectio Divina 181, Centre pour l'Analyse du Discours Religieux, *Actes du Colloque de Lyon* (3-5 Julho de 1996), sob a direcção de Louis Panier. Paris: Cerf, 1999, p. 15.

⁵⁸ *ibid*, p. 165.

⁵⁹ Burnet, Régis, *Épîtres et Lettres Ier-IIe siècle, De Paul de Tarse à Polycarpe de Smyrne*, Lectio Divina, Paris, Les Éditions du Cerf, 2003.

⁶⁰ Adolf Deissmann (1865-1936) foi o representante de uma geração de teólogos filólogos que foi figura dominante da universidade alemã, onde ensinou, quer em Heidelberg, quer em Berlim. Exerceu uma enorme influência no movimento ecuménico das igrejas.

definição da carta nos primórdios do cristianismo. Expôs esta distinção entre epístola e carta em duas obras, constantemente citadas: *Bibelstudien*⁶¹ publicada em 1895 e *Lichtvom Osten*⁶², em 1908.

Para Deissmann, a distinção entre carta e epístola afirma-se com precisão e transparência quando estabelece as seguintes definições:

Qu'est-ce qu'une lettre? La lettre est quelque chose de non littéraire, elle sert à maintenir les relations entre gens éloignés. Intime et personnelle dans son essence la plus profonde, elle s'adresse uniquement au destinataire ou aux destinataires, et non au public ou à un public. La lettre est non littéraire, à l'instar d'un contrat de location ou un testament. Elle ne se distingue pas de manière essentielle du dialogue oral; on pourrait la décrire comme l'ancêtre de la conversation téléphonique, et ce n'est pas à tort qu'elle fut nommée la moitié d'un dialogue. Elle ne concerne que celui qui l'a écrite et qui celui qui doit l'ouvrir. (...) La forme de la lettre est elle aussi très diverse; toutefois, au cours des siècles, certaines particularités formelles se sont profilées et il n'est pas rare de retrouver les mêmes formes devenues des formules dans des domaines culturels apparemment indépendants les uns des autres⁶³.

Na página seguinte contrapõe a definição de epístola, afirmando:

Qu'est-ce qu'une épître? Une épître est une forme artistique littéraire, un genre de la littérature, comme, par exemple, le dialogue, le discours, le drame. Elle ne partage avec la lettre que la forme épistolaire, mais cela mis à part, elle a si peu en commun avec la lettre que l'on peut oser la formule paradoxale suivante: l'épître est le contraire de la lettre véritable. Le contenu

⁶¹ Adolf Deissmann, *Bibelstudien*, Malbourg, Elwert, 1895.

⁶² Adolf Deissmann, *Lichtvom Osten*, Tübingen, Mohr-Siebeck, 1908.

⁶³ Adolf Deissmann, *Lichtvom Osten*, Tübingen, Mohr-Siebeck, 1908, p. 158.

de l'épître est destiné à être publié, il veut intéresser le "public". Si la lettre est un secret, l'épître est une marchandise, chacun peut et doit la lire. Puis elle trouve de lecteurs, mieux elle remplit son office. Ce qui constitue l'essentiel de la lettre, l'adresse et le détail proprement épistolaire, est un simple ornement extérieur dans le cas des épîtres, par lequel l'illusion de la forme épistolaire doit être conservée. (...) L'épître se distingue de la lettre comme le dialogue de la conversation, le drame historique de l'histoire, l'oraison funèbre soigneusement composée des mots de consolation hésitants d'un père à son fils qui a perdu sa mère – comme l'art de la nature. La lettre est une tranche de vie, l'épître un produit de l'art littéraire⁶⁴.

As longas definições transcritas justificam-se pela necessidade de mostrar quais as oposições que lhes subjazem de forma a, posteriormente, as podermos rebater.

A primeira oposição estabelecida por Deissmann é de carácter estilístico, contrapondo o estilo quase natural da carta a uma produção artística intrínseca à epístola. Para este teorizador, a epístola é *ipso facto* um género literário. (Burnet: 2003: 25). Utiliza igualmente a dicotomia público/privado, afirmando que a carta apenas prevê um leitor único, o destinatário, ao passo que a epístola se destina a uma pluralidade de leitores. A outra distinção capital refere-se à oposição convenção/ornamento, associando a convenção ao processo epistolar clássico, sendo forçoso que para a compreensão da mensagem se conheçam o expeditor e o destinatário e se cumpra a distância entre os correspondentes. Contrariamente, esses detalhes não configuram o género literário e apenas representam ornamentos, de cariz imitativo, destinados a criar a ilusão epistolar, dando ênfase à oposição hermenêutica real/artificial.

⁶⁴ *ibidem*, p.159.

Quando questionado relativamente à natureza dos escritos de Paulo, Deissmann quis provar aos exegetas que Paulo escreveu cartas autênticas, justificando:

Les lettres de Paul ne sont pas littéraires: ce sont des véritables lettres et non des épîtres; elles ont été écrites par Paul pas pour le public ou la postérité, mais pour ses destinataires⁶⁵.

A escolha lexical utilizada pelo investigador alemão, para além do pendor polémico à época, não se revela hoje em dia pertinente, sendo, nos estudos bíblicos, utilizadas ambas as designações indistintamente. Os seus argumentos, as suas noções de confidencialidade não resistiram à análise histórica e, nomeadamente a noção de “privado” deve ser abordada com algumas precauções, sobretudo quando nos reportamos à Antiguidade. Não obstante as correcções que foi necessário integrar, a posição deste professor alemão revela-se, todavia, fecunda pelo mérito de discutir, com clareza, o problema da epistolaridade dos primeiros textos cristãos, (Cf. Burnet 2003: 29), destacando as principais dificuldades de análise: apontar a disparidade existente no seio dos textos epistolares referidos e compreender a diferença entre a generalidade dos temas abordados e as particularidades das comunidades a quem eram endereçados.

Perante este problema teórico, forçoso se torna concluir que a epístola cristã tem um carácter autónomo que, para além de ser, justa e pertinentemente, ao longo dos tempos, um instrumento ao serviço da doutrina, pedra angular da teologia cristã, é, simultânea e necessariamente uma forma específica de enunciação.

O Cristianismo, até ao século IV *religio illicita*, recorreu à predicação e à comunicação escrita para exprimir, defender e difundir os seus princípios

⁶⁵ *ibidem*, p. 163.

(Vaillancourt 2003: 66)⁶⁶, tendo as epístolas contribuído indubitavelmente para a fixação da doutrina e a sua célere canonização.

Na Antiguidade prevalecia uma arraigada tradição de escrita de cartas, como temos vindo a assinalar e Paulo inscreve-se nesta prática, apropria-se dela e renova-a (Burnet 2003: 71).

As epístolas de Paulo merecem especial atenção, sobretudo desde a Reforma, e nomeadamente, a Carta aos Romanos chega a ser qualificada de *christianae religionis compendium*, por ser assaz diferente dos outros escritos do apóstolo e por constituir uma espécie de testamento:

Ce grand texte résume et développe les thèmes et les pensées les plus importants du message et de la théorie pauliens, il fait passer la théologie de situations et de conflits limités vers la sphère de la théologie éternellement et universellement valide, la lettre aux Romains est l'expression de la volonté ultime de l'apôtre Paul et son testament⁶⁷.

A epístola aos Romanos⁶⁸ abre com uma saudação inabitual, porque demasiado longa, visando esta dilatação assegurar a autoridade do destinatário e captar, concomitantemente, a benevolência dos ouvintes, o que é assegurado pelo carácter oficial e pela pompa e gravidade do estilo (Vaillancourt 2003: 68).

Na época helenística o endereço de uma carta incluía a menção do remetente e do destinatário, seguida de uma breve saudação, em geral “*Chaire*”, em grego,

⁶⁶ Como sublinha Stanley K. Stowers, “something about the nature of early Christianity made it a movement of letters writers. We possess more than nine thousand letters writing by Christians in Antiquity. Twenty-one of the twenty-seven writings in the New Testament take the form of letters”, *Letter-Writing in Greco-Roman Antiquity*, Philadelphia, Westminster, 1986, p.15.

⁶⁷ G. Bornkamm, “The Letter to the Romans as Paul’s Last Will and Testament”, in K. P. Donfried (ed), *The Romans Debate*, Edimburgo 1991, p. 27-28, *apud Les Lettres dans la Bible et la Littérature*, p. 123.

⁶⁸ Como afirma Philippe Gruson no Editorial “o interesse de muitos leitores pela Carta aos Romanos esfriou bastante, a partir do momento em que se tornou o centro da pregação de Lutero, por altura de 1516”. Múltiplos são os textos de análise desta epístola. Entre muitos outros, citaremos este número dos *Cadernos Bíblicos* 42 em que Charles Perrot, professor da teologia de S. Paulo no Instituto Católico de Paris aclara e renova a interpretação tradicional desta carta, verdadeiramente ecuménica: *A Carta aos Romanos*, *Cadernos Bíblicos*, Fátima: Difusora Bíblica 1993.

como assinalámos anteriormente. Nesta carta, Paulo amplia extraordinariamente o endereço:

*Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, e que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de David, segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo Nosso Senhor, por quem recebemos a graça e a missão de pregar, para louvor do deus nome, a obediência da fé, entre todos os gentios, dos quais fazéis parte também vós, chamados de Jesus Cristo, a vós todos os que estais em Roma, amados de Deus e chamados à santidade, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo*⁶⁹.

A Carta aos Romanos foi escrita na Grécia, provavelmente em Corinto, durante os meses da estadia de Paulo, entre os anos 55 e 58, portanto, na época de Nero.

Uma leitura atenta dos artigos de Jean-Pierre Lémonon “L’Écrit de Paul aux Romains est-il vraiment une lettre?”⁷⁰ de Chantal Reynier “L’Investissement passionnel de Paul dans l’épître aux Romains”⁷¹, e, ainda, da tese de doutoramento de Régis Brunet⁷² cujas investigações se debruçam, quase exclusivamente, sobre análises linguísticas, semiológicas e sociológicas das cartas de Paulo e demais apóstolos, permitem-nos concluir que, pela sua organização, aparentam-se com as cartas da Antiguidade, ressaltando no texto a omnipresença, singularidade reivindicativa e o empenho total do locutor que estrategicamente funciona como uma substituição simbólica da presença do apóstolo. Culturalmente, as cartas de

⁶⁹ Adoptámos esta tradução da Bíblia: *A Bíblia de Jerusalém*, S. Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1995, p. 2118.

⁷⁰ Comunicação apresentada no Colóquio de Lyon (3-5 de Julho de 1996) publicada nas Actas pelo Centre pour l’Analyse du Discours Religieux, *Les Lettres dans la Bible et dans la Littérature*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1999, pp. 121-1333.

⁷¹ *ibidem*, pp. 147-163.

⁷² Régis Brunet, *Épîtres et Lettres – I^{er} – II^e siècles. De Paul de Tarse à Polycarpe de Smyrne*, Paris, Les Éditions du Cerf, 2003.

Paulo obedecem às indicações convencionais de uma sociedade essencialmente dominada pela oralidade, lastimando-se persistentemente da distância que o impedia de contactar directamente com as comunidades a quem se dirigia. Teologicamente, as cartas foram concebidas como expressão da comunhão que existia entre as igrejas e o seu fundador, sendo o apóstolo, em exclusivo, a encarnação da palavra divina, expressa inspiradamente através das epístolas⁷³. Relativamente às grandes epístolas (1 e 2 aos Coríntios e aos Romanos), as duas pequenas cartas aos Tessalonicenses parece terem menos interesse do que as outras, dados os grandes temas paulinos não aparecerem nelas tão nitidamente ⁷⁴.

No entanto, invocá-la-emos aqui para mostrar a autenticidade das cartas – embora a maior parte das epístolas tenham sido ditadas, assinando o apóstolo no final, como de resto era costume – que está patente numa explicação no corpo do próprio texto:

*O Senhor da paz vos conceda a paz, em todo o tempo e lugar. O Senhor esteja com todos vós. A saudação é de meu próprio punho. É este o sinal que distingue as minhas cartas. Aí está a minha letra!*⁷⁵

Outro dos sinais interessantes desta comunicação a distância e da ansiedade que despoleta o afastamento que, como veremos adiante constitui um dos *topoi* epistolares, é a negação da máxima “longe da vista, longe do coração”, provando que a distância quando colmatada através da escrita, pode suplantar todas as vicissitudes. Atente-se na preocupação do apóstolo:

Nós, porém, irmãos, órfãos de vós por breve tempo, longe da vista mas perto do coração, redobrámos esforços para rever o vosso rosto, porque tínhamos um ardente desejo.

⁷³ Cf. Brunet 2003, pp. 175-176, que faz um excelente resumo do capítulo “La pratique paulienne”, pp.71-176.

⁷⁴ Cf. Michel Trimaillé, m.e.p., *A Primeira Carta aos Tessalonicenses*, *Cadernos Bíblicos* 71, Fátima: Difusora Bíblica 2000.

⁷⁵ *Segunda Epístola aos Tessalonicenses*, III, 17, *A Bíblia de Jerusalém*, op. cit., p. 2225.

Por isso tínhamos decidido ir ter convosco. Eu, Paulo, mais que uma vez, mas Satanás não-lo impediu⁶.

A Carta aos Gálatas, apesar de ser relativamente pequena, ocupa um lugar de primeiro plano entre as cartas paulinas⁷⁷, deixando transparecer o carácter ardente do apóstolo e permitindo traçar, nas suas grandes linhas, as etapas principais da sua vida. Apresenta problemas variados de interpretação e suscitou sempre imensos comentários e, nesta carta, estranhamente, Paulo não respeita o esquema tradicional da saudação inicial, pois não louva nem elogia os seus destinatários, chamando a atenção a secura da fórmula, tendo substituído a saudação grega comum “*chairien*” pelos votos de graça e paz.⁷⁸ A partir do século XVIII começou a dar-se o nome de cartas pastorais aos bilhetes ou pequenas cartas escritas por Paulo aos seus discípulos Timóteo e Tito. Estas cartas, de maneira diferente das outras endereçadas às comunidades a que anteriormente nos referimos, estão escritas em forma de cartas pessoais, assim como o bilhete a Filémon, daí o interesse que têm neste nosso trabalho. Estas cartas são geralmente pouco conhecidas, sobretudo porque não é fácil reconhecê-las como tendo sido escritas por S. Paulo, o que tem desencadeado uma veemente controvérsia, e mesmo um aceso debate, entre os defensores da autenticidade paulina das Pastorais⁷⁹ e os seus opositores que as julgam falsas ou menos interessantes⁸⁰.

Na primeira epístola a Timóteo, Paulo evoca tudo o que o liga à família de Timóteo, convidando depois o seu discípulo a dar testemunho do Senhor.

⁷⁶ A citação que aqui aparece da *Primeira Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses* foi retirada do *Caderno Bíblico 71, op. cit.*, p. 42.

⁷⁷ Cf. Edouard Cothenet, *A Carta aos Gálatas, Cadernos Bíblicos 32*, Lisboa: Difusora Bíblica 1991.

⁷⁸ Ver James D. G. Dunn, *The Epistle to the Galatians*, Londres, Hendrickson Publishers, 1993, p. 31.

⁷⁹ Particularmente o Padre C. Spicq, cuja obra monumental *Les Épîtres Pastorales, Études Bibliques*, Gabalda, 1969.

⁸⁰ Deve-se a Benjamim Fiore, jesuíta americano, ter estabelecido uma comparação sistemática entre as Cartas pastorais e as Cartas sócráticas numa tese intitulada: *The Function of Personal Example in the Socratic and Pastoral Epistles*, Roma, 1986.

Abundam, tal como numa correspondência privada, as notícias pessoais e conselhos privados:

A ti mesmo, conserva-te puro. Não continues a beber somente água; toma um pouco de vinho por causa do teu estômago e das tuas frequentes fraquezas⁸¹.

Outro pedido pessoal curioso que se pode apreciar-se na Segunda Carta a Timóteo, é respeitante às últimas recomendações:

Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil no ministério. Eu enviei Tíquio a Éfeso. Traze-me, quando vieres, o manto que eu deixei em Tróade, na casa de Carpo, e também os livros, especialmente os pergaminhos⁸².

As recomendações práticas e as saudações amigas e familiares repetem-se na Carta a Tito, mostrando, à semelhança das duas epístolas a Timóteo que a situação do autor é, em tudo, similar. O apóstolo tenciona passar o Inverno em Nicópolis, onde Tito deverá encontrar-se com ele. A sua insistência para que venha o mais depressa possível advém do estado grave em que se encontra, da solidão pós-cativeiro. E escreve:

Mandarei ao teu encontro Ártemas ou Tíquico. Quando tiver chegado aí, faz o possível para vir ter comigo em Nicópolis, onde resolvi passar o inverno. Esforça-te por ajudar a Zenas, o jurista, e a Apolo, de modo que nada lhes falte. Todos os da nossa gente precisam de aprender a praticar o que é bom, de sorte que se tornem aptos a atender às necessidades urgentes, e, assim, não fiquem infrutíferos.

Todos os que estão comigo te saúdam. Saúda a todos os que nos amam na fé. A graça esteja com todos vós!⁸³

Um dos elementos definitórios da carta é a sua proximidade de elementos da oralidade, por mimar, aparente ou efectivamente, o diálogo face-a-face, decalcando

⁸¹ Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo, *A Bíblia de Jerusalém, op. cit.* p. 2230, 23-24.

⁸² Segunda Epístola de S. Paulo a Timóteo, *A Bíblia de Jerusalém, op. cit.* p. 2234, 12-13.

⁸³ Epístola a Tito, 3, 12-15, *A Bíblia de Jerusalém, op. cit.*, p. 2239.

deste a simplicidade e a clareza. Num trabalho recente, Casey Wayne Davis⁸⁴ a partir dos trabalhos de Ong (*vide* nota anterior) que anteriormente delimitara e definira os traços distintivos de oralidade⁸⁵. Importa contextualizar para perceber que a sociedade de Paulo se definia como uma sociedade “manuscrita”, possuindo, contudo, uma oralidade residual. (Burnet 2003: 91). Segundo os estudos de William Harris⁸⁶ (1989: 248-251) apenas 2 a 4% da população sabia ler e a utilização mais frequente da escrita restringia-se aos domínios da administração e do comércio. Como muito poucos liam, recorria-se frequentemente a leitores públicos, mostrando ainda o domínio da oralidade, o que acontecia também na maioria das trocas comerciais que se realizavam exclusivamente pelo diálogo.

Estas considerações concorrem para colocar uma questão pertinente sobre as epístolas bíblicas: para que serviam então, no seio de uma comunidade e de um mundo, parcialmente iletrados?

Os analistas respondem a esta dúvida, explicando que as difíceis epístolas paulinas, para além de serem correspondências banais, cumpriam sobretudo um papel de suporte à predicação. Como bem ilustra Burnet (2003: 92), se tomarmos o exemplo da epístola de S. Paulo aos Gálatas, endereçada a uma comunidade de gauleses pouco civilizados e sem contactos com a cultura helenística e judaica, será lógico questionarmo-nos sobre a efectiva compreensão da argumentação subtil e

⁸⁴ Casey Wayne Davis, *Oral Biblical Criticism*, Sheffield, JSOT Press, Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 172, 1999. São igualmente importantes os trabalhos no âmbito da antropologia de Walter Ong, *The Oral and Written Gospel*, Philadelphia, Fortress Press, 1993 e as investigações de historiadores sobre a oralidade e a textualidade nos textos da Antiguidade, como Rosalind Thomas, *Literacy and Orality in Ancient Greece*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

⁸⁵ Ong (1982) lista nove características destacáveis: a) um estilo mais coordenativo do que subordinativo; b) um estilo agregativo e pouco analítico; c) a existência de numerosas redundâncias; d) um estilo preferencialmente conservador tendo em atenção que as ideias originais ou pouco repetidas pereciam; e) um objectivo geralmente pragmático; f) o tom geral é agnóstico; g) a referência ao auditório é preponderante; h) o estilo é “homestático”; i) o autor privilegia situações concretas em detrimento das abstrações.

⁸⁶ William W. Harris, *Ancient Literacy*, Cambridge/London, Harvard University Press, 1995, pp.248-251.

rebuscada do apóstolo. Van der Bergh van Eysinga⁸⁷, que aproveitou este argumento para concluir da inautenticidade da carta, ironicamente comentou: o mesmo que Hegel a fazer uma conferência para os arborígenes das Índias Orientais!”

Em suma, face a este primado teológico absoluto da oralidade, a esta capacidade de convocar a presença do destinatário, comprovamos que, ultrapassando a forma de substituto presencial já presente no *modus epistolaris* dos séculos anteriores, Paulo acrescenta-lhe uma forma peculiar num uso mimético que ultrapassa as regras do género. As epístolas de Paulo afirmam-se como configurações que para além de procurarem transmitir conteúdos, principalmente teológicos – o anúncio evangélico - visam despoletar uma confrontação com pensamentos e ideias anteriormente veiculados.

As epístolas de S. João

O estilo simples e desprovido de ornamentos das epístolas joânicas contrasta com a eloquência rebuscada e floreada, com o ímpeto e riqueza exuberantes, com a apologética de belo vigor oratório das epístolas de Paulo, anteriormente tratadas. São epístolas muito breves, expressas em linguagem familiar, inaugurando, assim, uma retórica epistolar mais próxima de espíritos menos cultos e, como tal, mais apta a espargir a doutrina pelo povo⁸⁸.

Se, de alguma forma, da prática epistolar paulina tivéssemos retido a ideia de que era necessário impor uma nova visão do género epistolar, dignificando-o e actualizando-o, ao lermos as epístolas joânicas somos levados a afirmar o contrário.

⁸⁷ G.A. Van Den Bergh Van Eysinga, “The Spuriousness of Socalled Epistles Exemplified by the Epistle to the Galatians” in *Radical Views about the New Testament*, London, Watts, 1912, p. 59-90, também disponível em www.depts.drew.edu/jhc.

⁸⁸ Ver Vaillancourt 2003:70.

(Burnet 2003: 334). Trata-se de uma comunicação simples entre um expeditor único para um destinatário único, uma comunicação breve e simples, fiel às regras clássicas, uma comunicação pessoal e privada.

A Terceira Epístola de S. João, dirigida a Gaio (nome muito frequente e que designa um discípulo fiel) é o escrito mais curto do Novo Testamento, mas revela-nos muita informação sobre a vida das comunidades joânicas e sobre as dificuldades que encontraram os primeiros pregadores⁸⁹, em que Gaio “é louvado por aquilo que faz, encorajado a continuar e convidado a discernir o comportamento negativo de Diótrefes”⁹⁰.

A saudação inicial respeita os cânones do epistolar, apesar de se estranhar a ausência do nome pessoal. A forma preferida foi:

O Ancião ao caríssimo Gaio, a quem amo na verdade. Caríssimo, desejo que em tudo prospere e que a tua saúde corporal seja tão boa como a da tua alma ⁹¹.

Em sintonia com os lugares-comuns do epistolar tradicional, insiste-se na indicação da insuficiência do *medium* escrito para a transmissão da mensagem, apelando a um reencontro pessoal, presencial.

Embora tenha muitas coisas para vos escrever, não quis fazê-lo com papel e tinta. Mas espero estar convosco e vos falar de viva voz, para que a nossa alegria seja perfeita ⁹².

Da mesma forma, no epílogo da Terceira Carta, o apóstolo antevê o reencontro:

Teria muitas coisas a te escrever, mas não quero fazê-lo com tinta e pena. Espero ver-te em breve e então falaremos face a face. Que a paz esteja contigo! Teus amigos te saúdam. Saúda os nossos, cada um por seu nome ⁹³.

⁸⁹ Michèle Morgen, *As Cartas de S. João, Cadernos Bíblicos* 49, Lisboa: Difusora Bíblica, 1994, p. 66. Uma excelente análise das Cartas de S. João foi realizada por Pierre Bonnard, *Les Épîtres Johanniques*, Genève, Labor e Fides, 1983.

⁹⁰ *ibid*, p. 67.

⁹¹ Terceira Epístola de S. João, 1-2, *Bíblia Sagrada de Jerusalém, op. cit.*, p. 2295.

⁹² Segunda Epístola de S. João, 12, *Bíblia Sagrada de Jerusalém, op. cit.*, p. 2294.

Em suma, a consagração da carta ou epístola como forma privilegiada de comunicação, como manifestação de persuasão, como exercício retórico e o seu uso generalizado por parte dos filósofos, dos homens de estado, dos doutores e dos evangelizadores cristãos, nobilita e engrandece o negligenciado *modus epistolaris*. Tal como a expressão oral permite tratar todas as modulações temáticas, estilísticas e afectivas, assim a forma epistolar permite exteriorizar, com cerimónia, com ostentação, com jactância ou com lhanza todos os temas, todos os usos. Considerada como um semi-diálogo (Aristóteles), como um diálogo dos ausentes (Demétrio, Séneca, Plínio), como uma reflexão filosófica (Séneca) como uma conversa didáctica (Séneca, Quintiliano) ou, ainda, como exortação à fé cristã (Apóstolos) a carta é apenas remotamente um produto da espontaneidade, sendo reiteradamente uma construção progressiva necessariamente fragmentária (devida à distância espaço-temporal) e que edifica um pacto entre os correspondentes que pode afastar-se ou aproximar-se dos usos quotidianos.

Segundo Vaillancourt (2003: 76), o impulso da epistolografia na Antiguidade coincide com o desenvolvimento da retórica e esta contaminação directa do epistolar através dos ideais da arte oratória (*docere, delectare, movere*) faz com que o género esteja em voga, estimulando, conseqüentemente, a reflexão sobre estratégias discursivas mais elaboradas, mais arrojadas, mais minudentes.

⁹³ Terceira Epístola de S. João, 1,13-15, *Bíblia Sagrada de Jerusalém, op. cit.*, p. 2295.

2. A Primitiva Epistolografia Portuguesa

Se as cartas não fossem cartas, muitas vezes escreveria a V.M. como desejo, mas porque o são o não ousou fazer, pois as não leva o vento, como palavras e plumas, antes se guardam tão bem, que a todo o tempo se pode pedir razão de como se escreveram e porque as escreveram.

Carta de Garcia de Resende a D. Francisco de Castelo Branco, 20 de Novembro de 1535.

A cultura ocidental, na Idade Média, herda de Roma um imenso legado cultural e literário, onde se inclui o género epistolográfico. Um claro exemplo da integração da cultura latina é precisamente a recepção dos epistolários latinos, sabendo-se que o epistolário de Séneca, nomeadamente as epístolas a Lucílio, gozaram de uma enorme difusão, tendo-se mesmo convertido numa filosofia de sentenças e máximas que se adequavam na perfeição ao espírito moralizador e cristão da literatura da época. Por sua vez, e ao invés do que seria de esperar, Cícero, o epistológrafo latino por excelência, é primordialmente conhecido pelos seus textos retóricos (*De inventione*).

A carta, na Idade Média, estava bem longe da nossa concepção actual. Reservada a uma minoria, era ditada e redigida em latim, sendo, em simultâneo, um documento parcialmente público, porque destinado a ser lido por várias pessoas⁹⁴.

A carta privada ou familiar, objecto do nosso estudo, praticamente não existiu antes do século XIV. Na Idade Média, o facto, propriamente dito, de escrever ou de ditar uma carta, é revelador da pertença a uma minoria culta que conhece o latim. Desta forma, o discurso epistolar começou por adoptar as regras

⁹⁴ Cf. Étienne Wolff, “À l’ombre d’Héloïse et Abélard”, *Magazine Littéraire*, n.º. 442, Maio 2005, pp.46-48. Neste artigo afirma-se: “Au Moyen Âge, la lettre est un document partiellement ou quasiment public, destiné souvent à être lu par plusieurs personnes. Elle devait être élégante plutôt qu’originale ou personnelle, et obéissait à des modèles ou du moins à des règles”(p. 46).

que a retórica antiga havia definido para o discurso oratório, respeitando uma disposição determinada, admitida quer nas cartas oficiais, quer nas familiares e que consistia na obediência aos cinco pontos, que aqui voltamos a elencar:

1. *salutatio* – a fórmula de saudação que deveria incluir o nome do destinatário, acompanhado dos seus títulos e o nome do autor da carta;
2. *exordium* ou *captatio benevolentiae* – chamada de atenção para assegurar a benevolência do leitor;
3. *narratio* – a apresentação do assunto que motivou a composição da epístola;
4. *petitio* – a parte em que o autor exorta o destinatário a dar cumprimento ao que lhe é solicitado e que pode revestir-se dos mais variados tons: didático, ameaçador, suplicante, exortativo, admoestador, advertente;
5. *conclusio* – recapitulação e conclusão da carta.

Relativamente à produção epistolar medieval, pode afirmar-se que o género vive um período áureo, sobretudo a partir do século XI, em que proliferam todo o tipo de cartas, desde as privadas às doutriniais, passando por cartas de cruzadas, cartas-dedicatória, cartas-prólogo, epistolários amorosos (o mais célebre foi, sem dúvida, o de Abelardo e Eloísa), até “cartas do céu”⁹⁵.

A complexidade crescente nas urbes e na organização do ensino religioso, o desenvolvimento das comunicações, a aparição mais tarde das universidades, são alguns dos factores que provocam este notável florescimento do género epistolar. E, neste ambiente propício à escrita de cartas, é pertinente a referência à *ars dictaminis* medieval.

Na Antiguidade, os escritores não se ocupavam materialmente da escrita, pois, é sabido que ditavam as suas obras a escribas ou secretários qualificados. Essa

⁹⁵ Cf. Martín Baños 2005: 93.

prática que persiste e se intensifica na Idade Média, contribui para que a forma verbal *dictare*, o frequentativo de *dicere*, assumia o significado metonímico de “pôr por escrito” ou “compor” qualquer tipo de texto. *Dictamen* equivale, assim, a composição ou escrito e, subsequentemente, *ars dictandi* ou *dictaminis*, persistindo na etimologia, é a arte que ensina, genericamente, a compor ou a escrever.

“The *ars dictaminis*, the, may be defined as that department medieval rhetoric which taught the rules for composing letters and other prose documents”⁹⁶.

As *artes dictaminis* ocupam-se, então, das doutrinas da escrita, constituindo-se como manuais de composição escrita e, apesar de incluírem o estudo de três tipos de *dictamen*⁹⁷, na prática, são quase exclusivamente tratados epistolares, sendo os preceitos recomendados para a escrita das cartas, em muitos casos, extensíveis a qualquer variedade de prosa, ou, inclusivamente de *dictamen*.

Na classificação clássica de epístola, que anteriormente focámos, individualizavam-se certos elementos caracterizadores que, para além de integrarem as formulações teóricas, podiam, na prática, reconhecer-se em qualquer dos epistolários. A carta era descrita, em resumo, como (a) uma conversa escrita, (b) um nexa entre ausentes, (c), um vínculo amistosos e (d) um meio de comunicação por excelência.

Na Idade Média, a caracterização básica da carta coincide logicamente com as especificidades da epístola clássica, havendo, contudo, alguns pequenos ajustamentos ou acertos. Com efeito, na epístola clássica, a equiparação da carta à conversa por escrito pressupunha uma finalidade elocutiva essencial – a carta devia aproximar-se, no que diz respeito ao estilo, da linguagem do quotidiano. Ora, esta recomendação não consta da teoria das *artes dictaminis*, pois, numa perspectiva retórica, estas representam a primazia da linguagem escrita, devendo a carta ser

⁹⁶ Camargo, Martín, *Ars Dictaminis, Ars Dictandi*, Typologie des Sources du Moyen Âge occidental, Fasc. 60., Turnhout, Brepols, 1991, p. 20.

⁹⁷ Consideram-se três tipos de *dictamen: metricum, rithmicum e prosaicum*, incluindo-se, neste último o *dictamen epistolare*. Cf. Martín Baños 2005: 130-131.

superior, em dignidade, à mensagem oral. Também no que se refere à noção de epístola como interacção amigável, a doutrina medieval afasta-se, de novo, da concepção clássica, na medida em que a epístola medieval não é privilegiada como veículo de expressão de sentimentos, sendo preterida pela observância meticulosa dos códigos sociais que se estabelecem entre remetente e destinatário.

De resto, a finalidade da epístola permanece igual: a sua função pragmática, o cumprimento da função comunicativa e o seu carácter utilitário e instrumental.

Assim se afirma num tratado epistolar medieval:

Epistola fuit inventa duabus de causis: prima fuit ut amicorum secret per eam celentur, unde dicitur ab epistolo quod est abscondo. Segunda causa fuit, ut melius quam nuntius exprimat que mandatur. Nuntius enim de omnibus recordari non possit; nam omnium habere memoriam (...) potius est divinitatis quam humanitatis. Si non esset epistola, quo modo possent esse inter duo secreta, que scientie nuntio dicerentur?⁹⁸

No que diz respeito aos assuntos epistolares, referimos que na teoria clássica, se consideram dois tipos: os *familiares*, simples, próprios da conversação espontânea (Demétrio opinava até que eram estes os únicos assuntos idóneos para uma carta) e os *negotiales*, que encerravam maior peso e gravidade. Acrescentava-se inclusivamente a esta diferença outra de carácter estilístico, como vimos em Cícero: o tom jocoso e distendido do primeiro tipo, opunha-se ao tom severo e elevado do segundo⁹⁹.

Ora, na Idade Média, esta reflexão teórica sobre os assuntos epistolares é muito escassa. As *artes dictaminis* ocupavam-se preferencialmente das epístolas e das cartas, ou seja, dos documentos enviáveis (*missivae*), dedicando-se, por seu turno, a

⁹⁸ Guido Famma, *Summa Dictaminis*, Ed. A. Gaudenzi Il Propugnatore n. 5, 1890: 297, *apud* Martín Baños 2005:138. Ou seja: “A epístola foi inventada por duas razões: a primeira, para que os amigos guardem, através dela, os seus segredos, daí a afirmação que procede de epistolo que significa esconder. A segunda causa foi para que expressasse melhor ao mensageiro o conteúdo da mensagem. O mensageiro não podia memorizar tudo, porque isso é apanágio das divindades e não dos homens”. (trad. nossa).

⁹⁹ Cf. Página 91 deste mesmo capítulo.

ars notaria ao ensino da escrita de outros tipos, mais formais, de documentos (testamentos, sentenças, contratos, privilégios, etc.).

É notória uma formalização crescente na adoção de regras epistolares, marcada pelos tratados *dictamen* ou *ars dictandi* que sistematizavam e codificavam essas regras.

The medieval *dictatores*, or teachers of the *ars dictaminis* frequently began their *artes dictandi*, in fact, by distinguishing among the various types of *dictamen*. They always specified as least *dictamen prosaicum* and *metricum*, more often adding *rythmicum* as a third type, and occasionally *prosimetricum* as a fourth. Having excluded the others types of composition, the *dictatores* frequently went on to subdivide *dictamen prosaicum* into its various subspecies, from which ***epistola*** was been selected as the particular concern of the ***ars dictaminis***¹⁰⁰.

Como afirma António Manuel Ribeiro Rebelo no verbete “Epístola”¹⁰¹, é precisamente na Idade Média que surge uma nova corrente que coloca a composição da carta – não apenas em prosa, mas também em verso – no centro da produção literária: a chamada *ars dictaminis* desenvolvida na Abadia de Monte Cassino, nos finais do século XI.

“The earliest surviving remarks of the sort by a medieval writer occur in two late eleventh- century Works on the traditional rhetoric of the arts curriculum by the monk Alberic of Monte Cassino”¹⁰².

Alberic de Monte Cassino é o primeiro grande teorizador do novo género, dedicando-se sobretudo à carta em prosa. Muitos dos praticantes da *ars dictaminis* aplicavam à epístola em prosa o *dictamen* métrico e o ritmo da poesia, o que levou a

¹⁰⁰ Martin Camargo, *Ars Dictaminis, Ars Dictandi*, Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, Fasc. 60, Turnhout, Belgium, Brepols, 1991, p. 17.

¹⁰¹ António Manuel Ribeiro Rebelo, “Epístola”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol II, Lisboa, 1997, pp. 322-328.

¹⁰² Martin Camargo, *ibidem*, p. 20.

que o *cursus*, ou seja, o ritmo da prosa, se tornasse uma das características fundamentais do estilo da composição epistolar. Foi Alberic que, na esteira do que fora postulado por Cícero, fixou em quatro as partes do epistolar, embora com a evolução do *dictamen*, os manuais postulem as cinco, anteriormente referidas. As *ars dictaminis* caracterizavam-se precisamente pela rigidez da *dispositio* epistolar, impondo também regras estilísticas detalhadas, que estipulavam desde os vícios a evitar às virtudes a cultivar.

“A groupe of general *vitia* – *prolixitas, obscuritas, similitudo* – is often discussed as well, though usually in conjunction with the corresponding *virtutes* – *brevitas, claritas, varietas*. The ideal of *brevitas*, perhaps the most distinctive stylistic feature of the medieval *modus epistolaris*, is emphasized in virtually every extant *ars dictandi*”¹⁰³.

A carta ganhou, pois, uma importância literária ao longo da Idade Média, como justamente sublinham Aníbal Pinto de Castro e Maria Aparecida Ribeiro no verbete “Epistolografia”¹⁰⁴, graças à voga que alcançaram as Heroïdes de Ovídio e as cartas amorosas de Abelardo e Heloísa.

Nos tratados epistolares medievais é concedido um destaque especial à *salutatio*. Paradoxalmente discute-se a pertença das *salutatio* como parte constitutiva da carta, invocando uns a sua pertença às *partes epistolae* e refutando-a, outros. Esta controvérsia assenta na confusão que se estabelecia entre a *salutatio* e o *titulus extrinsecus* ou *superscriptio* (o endereço que constava da parte exterior da missiva).

Os tratados epistolares medievais consideram na *salutatio* os mesmos elementos que os que lhe estavam reservados na Antiguidade: os nomes do remetente e do destinatário (*inscriptio* e *intitulatio*) que surgem em nominativo e dativo, respectivamente, seguida da chamada *affectio millentis* que é a declaração de afecto ou saudação propriamente dita. Há manifestamente uma clara continuidade

¹⁰³ Martín Camargo, *Ars Dictaminis, Ars Dictandi*, Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, Fasc. 60, Turnhout, Belgium, Brepols, 1991, p. 24.

¹⁰⁴ Aníbal Pinto de Castro e Maria Aparecida Ribeiro “Epistolografia”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol II, Lisboa, 1997, p. 329.

relativamente à tradição clássica. A própria definição de *salutatio* confirma a preocupação inequívoca de cumprir as regras do *decoro* retórico.

«Est ergo salutatio brevis oratio que salutis affectum continet et a statu non dissidet personarum»¹⁰⁵.

A função da saudação medieval é, pois, captar a benevolência do destinatário, constituindo uma parte importantíssima da carta que merece uma especial atenção nas *artes dictaminis*.

Da mesma forma que na Antiguidade, as *artes dictaminis* medievais recomendam algumas virtudes que devem ser respeitadas: *elegantia* (*congruitas*) que preceitua a correção gramatical; *dignitas* ou *colores rhetorici* (conjunto de figuras de dicção e pensamento que alcança um enorme sucesso, relacionando-se esta noção de *dignitas* ou *ornatus* com a intenção de adornar o estilo, de enriquecê-lo, de colorir-lo com artifícios retóricos); *brevitas* (sendo esta uma das mais importantes virtudes que, por sua vez, recomenda o desvio, a fuga, tanto da concisão excessiva, que possa provocar obscuridade, como da tediosa prolixidade, aconselhando o respeito pela medida justa. (Cf. Martín Baños 2005: 179)

“The ideal of *brevitas*, perhaps the most distinctive stylistic feature of the medieval *modus epistolaris*, is emphasized in virtually every extant *ars dictandi*. It was considered absolutely essential in *narratio*, but was often applied to the letter as a whole”¹⁰⁶.

A partir do reconhecimento de determinadas características recorrentes nos tratados medievais, é possível concluir que o *dictamen epistolare* está no cerne da instrução retórica (Cf. Martín Baños 2005: 193) e a escrita de textos epistolares constitui um apreciado exercício escolar, reconhecendo-se, primariamente, a sua utilidade na aquisição de primor expressivo (gramatical, primeiro, e só depois

¹⁰⁵ *Ars Dictandi Palentina*, ed. A. M. Gómez-Bravo, “El latín de la clerecía: Edición y estudio del *Ars Dictandi Palentina*, Euphrosyne, n.s. 18, 1990, p.127. Ou seja: a saudação é uma frase breve que inclui um desejo de saúde e que não encerra discrepância relativamente ao estatuto das pessoas”. (trad. nossa). Cf. Martín Baños 2005: 151.

¹⁰⁶ Camargo, Martin, *Ars Dictaminis, Ars Dictandi*, Typologie des Sources du Moyen Âge Occidental, Fasc. 60, Turnhout, Brepols, 1991, p. 24.

retórico) e, em fases mais avançadas da aprendizagem, na atribuição de competências profissionais, na medida em que o domínio desse saber e dessa capacidade de redacção constituíam uma porta de acesso a postos burocráticos e administrativos socialmente reconhecidos.

É precisamente na Idade Média que a epístola surge no centro da produção literária e, embora incipiente, em Portugal, continua a ganhar importância literária graças à voga que, sob a designação de *Epístolas* alcançaram as *Heroïdes* de Ovídio, citadas por **Fernão Lopes**, na *Crónica de D. Pedro*¹⁰⁷ e também devido ao sucesso do epistolário amoroso de Abelardo e Heloísa, atrás referido. Isto mesmo é salientado por Aníbal Pinto Castro: “Assim se compreende que, desde muito cedo, a forma de comunicação epistolar adquirisse, aos olhos de escritores e de críticos, uma provada qualidade estética e um valor documental imprescindível para o conhecimento da individualidade do criador literário e dos mecanismos actuantes no seu trabalho de criação”¹⁰⁸.

Mário Gonçalves Viana, no seu ensaio histórico-crítico, *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa*, afirma ser a epistolografia portuguesa, nos primeiros tempos da nacionalidade, pouco rica¹⁰⁹. As duas cartas atribuídas a **Egas Moniz Coelho** e que seriam dirigidas à sua dama Violante são hoje consideradas documentos apócrifos.

Um dos primeiros epistológrafos portugueses é inquestionavelmente o **Infante D. Pedro**, Duque de Coimbra, que escreveu, em 1426, uma famosa carta ao

¹⁰⁷ No capítulo XLIV desta Crónica, a propósito da morte do rei D. Pedro e da transladação de D. Inês para o Mosteiro de Alcobaça, afirma-se: “E se algum disser que muitos foram já que tanto e mais que el amarom, assi como Adraina e Dido e outras que nom nomeamos, segumdo se lee em suas epistolas (as tais do poeta latino Ovídio), os quaase alguuns autores abastados de eloquencia e florecentes em bem ditar ordenarom segumdo lhes prougue, dizendo em nome de taaes pessoas razoões que numca nenhuuma della cuidou; mas falamos daquelles amores que se contam e leem nas estórias, que seu fundamento teem sobre verdade”. Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro I*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1963, p. 105.

¹⁰⁸ “Epistolografia”, Aníbal Pinto Castro, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. 2, Lisboa, S. Paulo, Editorial Verbo, 1997, p. 329.

¹⁰⁹ Mário Gonçalves Viana, *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa, Ensaio histórico-crítico*, Porto, Editora Educação Nacional, 1940, p.10.

rei D. Duarte, como bem assinala Andréa Rocha que lhe confere a primazia da abertura do seu compêndio sobre a epistolografia portuguesa¹¹⁰.

A carta ficou famosa, porque é um verdadeiro breviário político, no qual recomenda a aliança entre o poder e a sabedoria. Exige, explicitamente, *que príncipe e sabedor sejam uma só cousa*¹¹¹. Interessa-nos, todavia, realçar que D. Pedro, como homem viajado, culto e sensato, escreve missivas de carácter familiar a seu irmão D. Duarte, não só exprimindo ponderadas advertências quanto à governação, como também ajudando-o com as suas próprias reflexões pessoais, opinando e auxiliando-o nos tempos em que aquele escrevia o *Leal Conselheiro*.

Nesta célebre carta, D. Pedro tece considerações sobre uma tradução da obra latina de Cícero *De Amicitia*:

Mui alto e mui excelente Príncipe, e muito poderoso Senhor

O portador da presente leva a vossa Mercê o livro, que mandastes tornar em esta linguagem ao Prior de S. Jorge, o que foi muito deteudo em tornar por a minha partida de Coimbra, e por as festas que se seguiram. A Vossa Mercê praça de o haver perdoado. Eu corri, Senhor, este tratado e parece-me que há nele muitas razões bem ditadas de amizade; mas não me parecem tais nem tantas que mais e melhores não visse obrar a Vossa Senhoria, e bem creio que se deste quiserdes fazer livro, por aquele que a Vossa Mercê pratica e praticou, o podereis escrever de muitos e maravilhosos notados¹¹².

De forma agreste, critica a falta de cultura da administração do Estado português, frisando D. Pedro que mais fortes são as nações que se impõem pela cultura e prestígio dos seus colégios e universidades e aponta como modelo as de Paris e Oxford. Demonstra igualmente ter ideias muito claras sobre política

¹¹⁰ Vide Andréa Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 39 e seg.s.

¹¹¹ Cf. http://www.vidaslusofonas.pt/infante_d_pedro.htm, consultado em Dezembro de 2004.

¹¹² Carta de D. Pedro a D. Duarte, in *Provas da História Genealógica I*, Livro III, p. 117, A. C. de Sousa, *apud* Andréa Rocha, *op. cit.*

financeira e social, eclesiástica, militar e judicial, quando exige que se calem os interesses privados quando está em jogo o bem geral do país.

Há igualmente conhecimento de quatro cartas, “memoráveis” (Rocha 1978: 47) que **Lopo de Almeida** escreveu de Itália, em 1452, ao rei D. Afonso V, contando as suas impressões da viagem. Lopo de Almeida tinha viajado no séquito da Infanta D. Leonor, irmã do Rei, que casara com Frederico III, imperador da Alemanha. O casamento celebrou-se em Roma e os principais festejos realizaram-se em Nápoles. É destes eventos que o fidalgo português faz a narração, exibindo um espírito observador e crítico que foi sempre muito apreciado. Estas cartas são propriamente, não uma obra literária, mas um documento jornalístico do século XV, como afirma Rodrigues Lapa, no prefácio da edição crítica, em que admiramos “os chiste das alusões, a observação maliciosa e aquele ‘orgulho de ser português’, que caracteriza de modo tão particular os homens desta época”¹¹³.

3. A Epistolografia na Época de Quinhentos

Agora, começando a entrar na leitura das regras, saibamos que cousa é carta missiva ou mandadeira, e o que para que foi inventada, que pola definição de Marco Túlio, a quem todos seguem, é ãa mensageira fiel que interpreta o nosso ânimo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos que eles saibam das nossas cousas, ou das que a eles lhes revelam.

Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia* ¹¹⁴

¹¹³ Rodrigues Lapa, prefácio da edição crítica das *Cartas* de Lopo de Almeida, Lisboa, 1935, *apud* Jacinto Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, 1º. Volume, Porto, Figueirinhas, 1978, p. 41.

¹¹⁴ Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Introdução, Notas e Fixação do texto de José Adriano Carvalho, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 89-90.

Efectivamente é no século XV, como anteriormente explicitámos, que renasce a epistolografia, em bases sólidas, considerando-se que esse renascimento começou em Inglaterra, onde encontramos o primeiro epistolário importante: as *Paston Letters* (1422-1509), tratando-se da correspondência da família Paston, estas cartas têm mais interesse histórico e arqueológico do que literário.

Em 1483, Antonius Sorg publica em Ausburgo, e em alto alemão, um preceituário epistolar com numerosos exemplos, que intitulou *Formulari darinne begriffen sind allerhand brieff auch rethoric*. O êxito desta publicação obrigou a fazer cinco edições antes do fim do século.

Em 1487, apareceu em Veneza outra obra do mesmo género com o título *Formulario de epistole vulgare missive et responsive altri fiori de ornati parlamenti*, cuja autoria é atribuída, por uns, a Bartolommeo Miniatore, por outros a G. Landino¹¹⁵.

Também, em Portugal, este século viu nascer a literatura epistolar. Nesta altura, distinguem-se cartas de quatro autores:

Frei João Álvares escreve de Bruxelas e de Burgos para os monges do mosteiro de Paço de Sousa, onde era abade, três excelentes cartas que versam matérias respeitantes ao aglomerado cenobita.

De D. Afonso V temos uma carta, em resposta a outra de Gomes Eanes de Azurara, que se tinha deslocado a Alcácer-Ceguér a fim de colher elementos para fazer uma historiografia mais exacta. Mostra o monarca extremamente amável para com Zurara e, ao mesmo tempo, a sua bondade e o espírito afectuoso.

Lopo de Almeida contribui para o género epistolar com quatro cartas de grande merecimento histórico que são endereçadas a D. Afonso V.

De D. Pedro, como vimos anteriormente, possuímos uma carta, escrita de Bruges, a D. Duarte. É um documento curiosíssimo onde o príncipe mostra, com grande esclarecimento de espírito, os defeitos de várias camadas superiores da

¹¹⁵ Cf. António de Aguiar Ferreira, *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, p.13.

população. É interessante notar a actualidade desta carta onde D. Pedro adverte o príncipe herdeiro do vício da prosápia que atrai tanta gente à corte, na esperança de aí conseguir um lugar.

O período do Renascimento é fértil em documentos epistolares.

Com os Descobrimentos, a carta adquire uma nova dimensão como forma de comunicação social e política. A Carta de **Pêro Vaz de Caminha**, datada de 1 de Maio de 1500 e que noticia ao rei D. Manuel o achamento do Brasil é, para muitos estudiosos de literatura, a referência única, primeira e exemplar de um texto epistolar. Isso mesmo é reiterado por Andréa Rocha que, em parágrafo inaugural do artigo que lhe dedica, escreve: “Não creio que a epistolografia de nenhum outro país do mundo se honre de possuir um documento comparável à única carta que se conhece de Pêro Vaz de Caminha”¹¹⁶.

Afastando qualquer propósito de polémica, discordamos, em absoluto, desta classificação do texto de Caminha como documento charneira da epistolografia lusa. O texto desta *Carta* é, em nossa opinião, um relato que, em termos de tipologia da narrativa, se enquadra nas narrativas das viagens de expansão, relacionadas com a expansão territorial e do Império. Deve justamente ser considerada, não como uma carta, mas como um diário, inaugurando, assim, um paradigma posteriormente desenvolvido por outros¹¹⁷. Defendemos, em contrapartida, que o texto se filia no género diarístico, fazendo aqui ressaltar, apropriando-nos da justificação de Ana Paula P. Dias, o facto de “a viagem se institui como um operador cognitivo, capaz de levar à ruptura epistemológica que permite a passagem de uma geografia fantástica, mítica e maravilhosa, típica da Idade Média e dos primeiros relatos de viagem, a uma geografia do “real”, empírica e moderna – e como o alargamento do

¹¹⁶ Andréa Rocha, *op. cit.*, p. 56.

¹¹⁷ Eugénio de Castro, *Diário de navegação de Pêro Lopes de Sousa*, vol. I e II, 2ª. Edição, Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, Rio de Janeiro, 1940; Cristóvão Colombo, *A descoberta da América, Diário de Bordo da 1ª. Viagem (1492-1493)*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d., entre outros.

espaço geográfico acarretou o alargamento do espaço literário e subverteu o conceito de literatura ao pôr em causa, então como actualmente, os modelos literários clássicos”¹¹⁸.

Sendo unanimemente incluída no género de relato ou narrativa de viagem (actualmente na literatura de viagens), a *Carta* narra sobretudo os factos vivenciados por ele e por outros tripulantes, explanando as impressões, as sensações e o deslumbramento perante uma nova realidade. Essa *Carta* é ao mesmo tempo um documento descritivo e narrativo, detalhado e preciso, desse acontecimento, acompanhado de comentários sobre as peripécias que pontuaram as primeiras relações entre portugueses e ameríndios na «Terra de Vera Cruz», nome dado por Cabral a essa «terra nova», que não sabia ainda se era uma ilha mais a emergir no oceano ou um vasto continente. Essa carta tornar-se-ia, como lapidarmente a caracterizou Jaime Cortesão, o «*auto oficial do nascimento do Brasil e do Novo Mundo*»¹¹⁹, evidenciando, para além do seu estatuto de documento histórico, uma grande qualidade literária.

Estamos perante um discurso que releva arquitetualmente de vários registos, desde o do género epistolar, de que se reclama, ao narrativo ou mesmo poético, passando pelo que hoje designaríamos como etnológico ou antropológico¹²⁰. É esse *hibridismo* discursivo, para que chamou a atenção Maria Alzira Seixo, abonando-se na acepção dialógica bakhtiniana do termo, que dá à literariedade da *Carta* todo o seu efeito aliciante, como testemunho do comportamento dos ameríndios no contacto com os Portugueses, nesse instante privilegiado de uma descoberta mútua¹²¹.

¹¹⁸Ana Paula P. Dias, “Diário de navegação de Pêro Lopes de Sousa: a representação do real e os filtros da representação”, in <http://web.ipn.pt/literatura/letras/ensaio/39.htm>

¹¹⁹ Jaime Cortesão, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, 1967, p.129.

¹²⁰ Cf. no mesmo sentido M. Viegas Guerreiro, “Introdução a Pêro Vaz de Caminha”, *Carta a El-Rei D. Manuel*, Lisboa, 1974, pp. 20-23.

¹²¹ Maria Alzira Seixo, «Sobre a Carta de Pêro Vaz de Caminha», *Poéticas da Viagem na Literatura*, Lisboa, 1998, p. 108.

Não obstante, a época quinhentista é caracterizada pela produção de epístolas que expõem temas de natureza moral, política, filosófica ou literária, que se dirigem a um destinatário determinado, de forma semelhante à carta tradicional. Esta epístola poética, um género caro aos homens de Quinhentos, é uma forma de origem clássica e, na senda do classicismo greco-latino, apresenta-se subjugada a formalismos rígidos de natureza poética.

Ao estudar a epístola poética, do século XVI, Isabel Almeida (1989: 60) dá conta da importância da componente tópica, de uma rede de lugares-comuns que percorrem estes epistolários poéticos e que permitem provar um certo mimetismo. Quando se comparam os epistolários de Sá de Miranda, de António Ferreira, de Pedro de Andrade Caminha e de Diogo Bernardes, encontram-se reiteradamente menções de carácter metaliterário, a defesa de uma concepção da poesia como actividade só acessível a uma elite, a exaltação da fama, a perenidade do nome do escritor decorrente do carácter “eternizante” da escrita.

*Caem as estátuas, gastam-se as pinturas,
Aquele brando canto é só mais forte
Contr’o tempo, que ferro ou pedras duras
Contra o fogo, contra a água e contra a morte
Fica soando sempre (...) ¹²²*

António Ferreira (1527-1568), o famoso autor da tragédia *Castro* e que foi o único poeta quinhentista que, segundo afirmam os críticos, escreveu todas as suas composições em português, redigiu igualmente variadíssimas epístolas poéticas, de métrica precisa e impecável, cantando a excelência do retiro campesino, tendo sido, por esse motivo, cognominado de Horácio português¹²³.

¹²² António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, com prefácio e notas de Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, p. 72.

¹²³ Cf. Andréa Rocha, p. 115.

Ferreira foi o escritor português que mais cultivou a epístola e que mais próximo se manteve das regras clássicas. Uma das epístolas mais notáveis teve como destinatário Pedro de Andrade Caminha e ficou célebre pela defesa acérrima e patriótica que faz da língua portuguesa, cujos versos finais, que perduraram na nossa memória colectiva, patenteiam o louvor apoteótico da língua portuguesa, evidenciando a actualidade da sua reflexão.

*Mostraste-te te'agora tam 'squecido,
Meu Andrade, da terra em que nasceste,
Como se nela não fôras nascido.
Ésses teus doces versos, com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, a estranha gente os deste...*

*Cuida melhor de quanto mais honraste
E em mais tiveste essa língua estrangeira
Tanto a esta tua ingrato te mostraste.
Volve, pois, volve, Andrade, da carreira
Que errada levas (com tua paz o digo)
E alcançarás tua glória verdadeira.*

.....
*Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva.
Se até esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram
Esquecimento nosso e desamor!¹²⁴*

¹²⁴ Mário Gonçalves Viana, *op. cit.*, p. 21.

Seguindo as pisadas de outras nações - em Itália, Pietro Bembo defendera a língua vulgar, em França Du Bellay reabilitara o francês, em Espanha, Juan Valdés exaltara as virtudes da língua materna¹²⁵ – em Portugal acendeu-se o debate sobre a situação de bilinguismo que era fomentado pela situação política, e a urgência da escolha da língua portuguesa como língua de escrita literária.

António Ferreira revela-se um leitor atento e um estudioso das epístolas antigas, explanando em considerações várias, por exemplo, o seu tributo a Horácio e à sua *Arte Poética*. Ferreira adopta a mesma organização textual do fragmento da *Epístola aos Pisões*, formulando a questão de fundo e emitindo posteriormente um parecer pessoal. Segundo Isabel Almeida (1989: 69) o decalque do pensamento horaciano prova-se nos versos “Scribendi recte sapere est et principium et fons” (v. 309) aproveitados por Ferreira quando opina “Do bom escrever, saber primeiro é a fonte/ Enriquece a memória de doutrina/ Do que um cante, outro ensine, outro te conte.”

A Infanta D. Maria, filha do terceiro matrimónio do Rei Venturoso, é uma das figuras que, em nossa opinião, deveria com justiça e rigor, integrar a história do Renascimento literário português, destacando-se como epistológrafa. Assim mesmo o entendeu Thereza Leitão de Barros, que ao invés do que aconteceu com todos os restantes teóricos da epistolografia portuguesa, a incluiu na sua obra *Escritoras de Portugal*, tendo esmiuçado traços biográficos pertinentes para explicar as necessidades que a impeliam à escrita e elogiando a forma dos seus textos epistolares:

¹²⁵ Pietro Bembo, *Prose della Volgare Lingua*, 1525, *Déffense et illustration de la langue françoise*, Du Bellay, 1549 e *Dialogo de la lengua*, Juan Valdés, *apud* Isabel Almeida, *Doces, brandos, graves e doutos, versos: Para um estudo da epístola poética no século XVI*, Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1989, p.70.

Gramaticalmente, as cartas da Infanta são impecáveis de correcção, deixando adivinhar mais a preocupação de conseguir uma sintaxe de cunho perfeitamente latino do que a vontade de reproduzir as idéas pelas palavras que ao seu sentido melhor se ajustassem¹²⁶.

Uma das cartas escritas em latim pela Infanta D. Maria foi dirigida à rainha D. Leonor, calculando-se, através da leitura das indicações da sua ilustre biógrafa, D. Carolina Michaëlis, que essa missiva teria sido redigida entre 1535 e 1537, quando a Infanta teria aproximadamente quinze anos. (...) Nela se agradecem os bons desejos maternos que a impeliram para o caminho do saber e do estudo que, sendo a princípio, rude e enfadonho, é depois tão fértil em brandos gosos¹²⁷.”

Sá de Miranda, “admirável espírito, que foi um exemplo vivo de honestidade, coragem moral e aprumo intelectual, escreveu algumas epístolas notabilíssimas, tôdas elas cheias de uma sã filosofia”¹²⁸ foi estranhamente esquecido por Andrée Rocha, na única recensão sobre a epistolografia portuguesa. É considerado uma das figuras mais austeras da história nacional, o que provoca a comparação com Herculano. Alcançou grande renome entre os seus contemporâneos que o consultavam sobre assuntos poéticos, que o ouviam, que o imitavam, mesmo depois de se ter refugiado na sua Quinta da Tapada, no Minho.

Sá de Miranda revela nas suas *Cartas* (1626) o seu ideário e, sobretudo, a sua intenção moralizante, mostrando a sua preferência pela autenticidade e pela liberdade da vida rústica, professando, assim, um tema típico da antiguidade clássica, a concepção horaciana da *aurea mediocritas*, bem patente na carta que escreveu ao seu amigo António Pereira, senhor de Basto, quando se retirou da corte para o campo.

¹²⁶ Thereza Leitão de Barros, *Escritoras de Portugal, Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, s/ed., 1924, p. 53.

¹²⁷ *ibid*, p. 52.

¹²⁸ Cf. Mário Gonçalves Viana, *op. cit.*, p. 15.

Aborda igualmente outros temas caros à literatura renascentista: a superioridade do culto das letras em detrimento da exclusiva dedicação às armas (na Carta a João Roiz de Sá Meneses, escrita em estrofes de nove versos e redondilha maior), a incitação ao estudo e ao culto dos modelos estrangeiros (na mesma Carta) e, quando escreve a El-Rei D. João III manifestando o seu desdém pela cobiça, pela lisonja e pela vulgaridade e incitando-o mesmo à composição de um poema heróico de assunto português. Gonçalves Viana, ao comentar alguns trechos das cartas do “bom Sá” (como era cognominado) destaca “o desassombro de que se reveste a carta a D. João III e as advertências sinceras que o epistológrafo dirige ao monarca¹²⁹.”

Diogo Bernardes (1520-1605) também explorou a epístola poética, incluindo no seu *Lima* vinte élogos e trinta e três epístolas que encerram filosóficos ensinamentos. Só se conhece uma única carta em prosa dirigida a António Castilho, então guarda-mor da Torre do Tombo.

Há, nesta época de Quinhentos, na concepção das epístolas poéticas, uma longa tradição que deve aqui ser assinalada: a imitação que constituiu um factor determinante na fixação da carta em verso de matriz horaciana. Isabel Almeida (1989:52) aclara contudo este conceito de imitação que, na sua complexidade, ultrapassa a simples imitação dos modelos do Venusino, para englobar as composições de autores mais modernos, por sua vez, já tributários dos mestres clássicos. Estas epístolas poéticas apresentam características análogas às das epístolas que de Horácio temos conhecimento: entre um sujeito e um destinatário nomeado e interpelado (criando uma proximidade que pode ser mais ou menos desenvolvida) circula um texto onde, filtrada pela presença pessoal do poeta, surge a

¹²⁹ Carta III, publicada pela primeira vez e comentada por Xavier da Cunha no *Boletim das Bibliotecas e Arquivos Nacionais* de 1904, p. 26 e segs. e que consta da página 249 da colectânea *Luís de Camões, Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Volume III, 1946.

explicação de questões de âmbito universal¹³⁰. Isso mesmo está patente nas cartas que Diogo Bernardes dedica a António Ferreira em que este é apelidado de “certa e fiel guia”¹³¹, reiterando os pedidos de ajuda e de emenda.

Luís de Camões (1524?- 1580)

São apenas cinco as cartas em prosa que, do grande épico, se conhecem, pelo menos com visos de autenticidade¹³². Escritas ainda numa prosa um pouco tosca e difícil, mas tentando já ser popularizante e floreada, estes documentos dão-nos um esboço do quadro de costumes da época¹³³.

Aquela que escreve de Lisboa a um amigo¹³⁴ e que é indubitavelmente uma das mais conhecidas, comentadas e anotadas cartas camonianas reflecte, desde o seu início, aquela questão secular do ócio, “revelando porventura uma nostalgia sincera dessa vida cuja estilização se comprazia em sublinhar”¹³⁵.

Õa vossa me deram, a qual, pelo descostume, me pôs em tamanho espanto como contentamento, em saber novas de quem tanto as desejava; mas nem com esta vos forrareis do esquecimento que de mim tivestes em me não escreverdes antes de vos irdes.

¹³⁰ Isabel de Almeida, *op. cit.*, p.53.

¹³¹ Diogo Bernardes, Carta II ao Doutor António Ferreira, *Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Marques Braga, Volume II, *O Lima*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1946, p.164.

¹³² Cf. Mário Gonçalves Viana, *op. cit.*, p. 23.

¹³³ Cf. António de Aguiar Ferreira, *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, p. 17. Escreveu: Ester de Lemos, no *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Fasc. 5, p. 238: “Das principais colecções de cartas com interesse literário que se conhecem em língua portuguesa, citaremos em primeiro lugar as de Camões, enviadas da Índia. São apenas cinco ...” Acontece, porém, que só temos quatro de autoria certa de Camões. Quanto à quinta carta há várias hipóteses quanto ao seu autor. Além disso, as quatro de autoria indiscutível não foram, todas enviadas da Índia: duas foram-no de Lisboa, uma de Ceuta e apenas uma da Índia”. Veja-se *Obras Completas de Luís de Camões*, Coleção Clássicos Sá da Costa, Vol. III, pp. 225-264.

¹³⁴ Carta III, publicada pela primeira vez e comentada por Xavier da Cunha no *Boletim das Bibliotecas e Arquivos Nacionais* de 1904, p. 26 e segs. e que consta da página 249 da colectânea *Luís de Camões, Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Volume III, 1946.

¹³⁵ Esther de Lemos, *Estudos Portugueses*, Porto, Elementos Sudoeste, 2003, p. 28.

*Entre algũas novas que mandastes, vi que me gabáveis a vida rústica, como são: águas claras, árvores altas, sombrias, fontes que correm, aves que cantam e outras saudades de Bernardim Ribeiro, quae vitam faciunt beatam. Não vos nego a enveja que dela vos tenho, nem o pouco conhecimento que dela tendes, pois me dizeis que vos enfada já*¹³⁶.

Damião de Góis (1502-1574), cronista do reinado de D. Manuel I, foi uma grande figura da historiografia do século XVI, foi uma alta figura do quinhentismo português e foi preponderante na história da feitoria portuguesa da Flandres, onde desempenhou um papel crucial para a compreensão dos mecanismos comerciais e económicos do império português, na sua fase áurea.

Sabe-se que no decurso das missões diplomáticas e comerciais que desempenhou no norte da Europa, contactou com figuras fundamentais do humanismo, tais como Erasmo, Lutero, Dürer e Melanchton. Pouco haverá a acrescentar à imensa e profícua investigação, conduzida pelo Professor Amadeu Torres, sobre a epistolografia goisiana e que colmatou na fixação, na edição crítica e na versão da variada correspondência de Damião de Góis¹³⁷.

Estas cartas de Damião Góis que, nesse trabalho de investigação, são apresentadas na sua tradução portuguesa e detalhadamente comentadas, testemunham a variedade de trocas espirituais e culturais que este autor renascentista manteve com personalidades proeminentes da Europa do seu tempo, testemunhando a sua importância como figura do quinhentismo português. Significativo exemplo se encontra na carta dirigida a Desidério Erasmo de Roterdão, de quem se sabe ter sido hóspede no ano de 1534¹³⁸.

¹³⁶ *Luís de Camões, Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Volume III, 1946, pp. 250-251.

¹³⁷ Amadeu Torres (Castro Gil), *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana*, As Cartas latinas de Damião de Góis, Tese de Doutoramento, Braga, 1979 (consultámos a versão policopiada, apesar de sabermos existir a edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1982, que fixa o trabalho académico referido).

¹³⁸ Fidelino de Figueiredo, *História Literária de Portugal*, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 3ª. Edição, 1966, p.152.

Damião de Góis a Desidério Erasmo de Roterdão muito saudar

Pádua, 22. XII. 1535

Já há muito que vos mandei uma carta por intermédio dos mercadores de Lucas Rem, a qual receio não vos haja sido entregue, não só porque ainda grassa a peste em Augsburgo, mas sobretudo porque oiço dizer estar o mesmo Lucas Rem nas termas em consequência da apoplexia. Juntei à dita carta a ordem de suplicio de Tomas More. Também inclusas na missiva vossa iam cartas para Bonifácio Amerbach, Froben, Hervágio, Segismundo e Gilberto; se ainda não lhes chegaram às mãos, pelo menos desejaria eles soubessem que não fui negligente em responder.

*Nenhuma outra razão tenho agora para escrever, senão o desejo de saber da vossa saúde. E, em verdade, parece-me razão máxima esta, por muitos motivos que, para não ser prolixo, omito aqui, especialmente porque deverão dizer-se noutro lugar e tempo. Dessa saúde e imobilidade vossas peço me informeis epistolarmente, se não achardes excessivo (...)*¹³⁹

Outra das mais ilustres figuras do humanismo português e das menos estudadas é a **D. Jerónimo Osório**, Bispo de Silves, lente da Universidade de Coimbra e secretário e mestre do prior do Crato, que nos legou as suas *Cartas Portuguesas*, assim designadas em oposição às que escreveu, em latim, a Isabel de Inglaterra, exortando-a a regressar à fé católica. A sua vasta obra, escrita num latim que lhe granjeou o epíteto de “Cícero português”, é composta igualmente por tratados de filosofia moral e política.

Este prelado, segundo Fidelino de Figueiredo, foi uma das figuras mais ilustres do humanismo português e lamentavelmente uma das menos estudadas, tendo sido as suas obras de grande importância para a Historiografia, para a História

¹³⁹ Carta de Damião de Góis a Erasmo de Roterdão, in Amadeu Torres, *op. cit.*, p. 263.

da Filosofia, para a do Direito e ainda para o uso literário da língua latina, na qual brilhou entre os seus contemporâneos¹⁴⁰.

São cinco as Cartas Portuguesas: a primeira carta é dirigida a D. Sebastião para o dissuadir do cometimento a Alcácer-Quibir; a segunda é dirigida ao mesmo soberano para o aconselhar a tomar esposa na casa real de França; a terceira¹⁴¹, endereçada ao Pe. Luís Gonçalves da Câmara, confessor jesuíta do rei D. Sebastião, evidencia a preocupação com a política geral do reino e as influências nocivas que sobre o jovem soberano se exerciam; a quarta missiva, reveladora de um grande poder argumentativo e persuasivo, é endereçada a D. Catarina da Áustria, regente do reino na menoridade de D. Sebastião, solicitando-lhe que desistisse de abandonar o país; a última carta, ainda dirigida ao rei, é despoletada por um conflito entre os direitos reais e as imunidades eclesiásticas.

Em suma, transcrevemos as palavras de Andrée Rocha que faz a seguinte síntese:

“Seja como for, o epistolário de D. Jerónimo Osório revela muita convicção, muita clarividência, um nobre e corajoso desejo de acudir a tempo às catástrofes que antevia, e um subtil conhecimento da alma humana. Voz no deserto, com um vigor de jovem e uma prudência de velho, clama até morrer. E, simbolicamente, morre com a pátria, em 1580”¹⁴².

Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622)

Trata-se de um caso curioso, porque não entra neste campo literário por ter escrito, como os outros, boas cartas, mas apenas, porque estudou o problema da sua importância e forneceu normas para a sua redacção. Na *Corte na Aldeia* (1619) trata o

¹⁴⁰ Cf. Fidelino de Figueiredo, *História Literária de Portugal*, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 3ª. Edição, 1966, p.193.

¹⁴¹ Andrée Rocha coloca algumas dúvidas na atribuição desta carta a D. Jerónimo Osório, por não vir assinada. Ver Rocha 1985, p.95.

¹⁴² Andrée Rocha, *op. cit.*, p.96.

problema das relações sociais e detém-se, com certa demora, no estudo de um meio importante dessas relações – aquilo a que ele chama “carta missiva”. Depois de estudar a parte externa da carta – fórmulas de tratamento, endereço, caligrafia, etc. – expõe o que pensa acerca da índole da missiva. Defendendo a simplicidade de expressão, diz que: “devemos usar (nela, ou seja, a carta) o que na prática costumamos, que é a brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios, e propriedade sem metáforas nem translações”¹⁴³.

Partidário do estilo sóbrio e desafectado, recomenda a clareza e a propriedade no emprego dos termos. Pronuncia-se sobre o vocabulário epistolográfico, aconselhando o uso de termos polidos e bem conhecidos, com exclusão de termos técnicos e eruditos. Estas considerações são tanto mais interessantes quanto aqui aparecem pela primeira vez em Portugal.

Ao passo que no século XVI tinha dominado a epístola propriamente dita, ou seja, a forma literária em verso, expressão de temas de natureza moral, política, filosófica ou literária, no século seguinte, os escritores do período gongórico assumem a sua preferência pelas cartas em prosa. Francisco Rodrigues Lobo, para além de ser considerado um dos principais poetas seiscentistas, o último grande poeta da época camoniana e um espírito profundamente influenciado pela literatura castelhana, foi o primeiro a fixar os princípios teóricos a que um epistológrafo devia obedecer. Justamente nesta época em que os salões de Paris honraram a correspondência epistolar com foros de género literário, em que a teoria Richelet chegou a fixar as normas em código, nos finais do século XVII, em Portugal, Fidelino de Figueiredo considera ter acontecido o inverso, pois, antes de se notabilizarem os textos epistolográficos mais significativos a nível literário, Rodrigues Lobo estabeleceu os princípios teóricos e retóricos do seu tratado de civilidade, em *A Corte na Aldeia* (1619).

¹⁴³ *Ibidem*, pp. 32-33.

Os especialistas são, porém, unânimes em considerar que a primeira tentativa de sistematização estilística da epistolografia, em Portugal, foi iniciada por Francisco Rodrigues Lobo que, na sua *Corte na Aldeia* (1619), estabeleceu a história mítica da carta e os preceitos, formais e de conteúdos para se escreverem “cartas missivas” (Diálogos II e III). Esta sua obra, de estrutura profundamente dialógica e que encerra dezasseis pequenos tratados em forma de diálogo (na classificação do seu autor) teve uma “relativa fortuna” no século XVII¹⁴⁴ justificada pela “lograda técnica de síntese e resumo da literatura anterior e pelo inusitado sub-título – Noites de Inverno – que remete para um quotidiano intimista, em que o autor, através dos seus cortesãos, debate os movimentos e as finalidades da carta, os modos e o decoro no conversar, a arte de dizer “bons ditos” e sentenças, os gestos que se identificam com comportamentos cortesões.

É curioso notar, no Diálogo II “Da polícia e estilo das cartas missivas”, a pormenorizada informação sobre a etimologia e formas primitivas da carta que era, no fundo, um lugar-comum obrigatório em todos os que escreviam e publicavam cartas ou regras de *ratione conscribendi epistolas* e a exaltação da língua portuguesa que conserva uma terminologia particular:

“E na nossa língua, a que chamam limitada, não faltou nenhũa destas diferenças, antes houve maior perfeição, porque a ãas chamaram cartas mandadeiras; às que tinham menos papel escritos; e às cartas de Itália, letras, que são as de Roma e às de câmbio, porque deviam ter o mesmo princípio (...) De maneira que o nome de carta, quanto à sua origem, é geral e comum e, entre nós, particular das cartas missivas¹⁴⁵.”

Tal como os futuros *Manuais* e *Secretários* vão impor em séculos futuros, estabelecem-se aqui um sem número de regras que, se à primeira leitura, poder-se-ão

¹⁴⁴ José Adriano de Carvalho, Introdução à obra *Corte na Aldeia*, Francisco Rodrigues Lobo, Lisboa, Editorial Presença, 1991, p.7.

¹⁴⁵ Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Lisboa: Editorial Presença, 1991, p.75.

considerar miudinhas e despiciendas, à medida que prosseguimos na leitura do diálogo perceberemos, não só a necessária disposição legal das mesmas (são “normas mais ou menos consuetudinárias apoiadas na hierarquização social”, como o interesse do preceituário da carta cortesã e da carta familiar, na senda ainda de Cícero. Neste diálogo, para além das notas etimológicas já referidas, estabelecem-se os princípios relativos à escrita dos sobrescritos, da cortesia, das letras, do sinal, das dobras e do selo.

Porque constatamos quão arredada se encontra das leituras actuais esta obra notável de F. Rodrigues Lobo, merece para nós transcrição este excerto curiosíssimo que atesta da forma como se deviam firmar e assinar as cartas e do acompanhamento desse sinal (assim se designavam à época os apostos que se pospunham à assinatura):

(...) é o nome do sinal do que escreveu a carta que nem há-de estar junto das letras que pareça sôfrego delas, nem no meio do papel como quem escolheu o melhor lugar, nem tão apartado que fique ausente das regras, nem tanto na ponta do fim que pareça que se amou àquele canto; mas com um meio ordinário, como é assinar-se um pouco abaixo das regras, mais inclinado à parte direita que à esquerda, que é ãa certa modéstia e humildade de quem escreve.

- E que dizeis (preguntou o Doutor) do acompanhamento do sinal? Porque há uns que se nomeiam servidor de vossa mercê, outros, vassalos; outros, cativo; outros, seu N., e há nisto muita variedade e ignorância.

Do Diálogo III – Da maneira de escrever e da diferença das cartas missivas – importa reter a fecunda definição de carta missiva ou mandadeira e o seus três géneros.

E o diálogo entre Leonardo e D. Júlio prossegue, enunciando o primeiro a regra de ouro da *ars dictaminis* cortesã e que será largamente desenvolvida em outros diálogos, ao longo da obra, sobretudo naqueles dedicados à arte da conversação entre os cortesãos (Diálogo XVI, pp. 291-292). Leonardo manifesta-se relativamente à aplicação da *ars dictaminis* medieval à carta missiva cortesã, cujo modelo poderiam ser as epístolas familiares de Cícero quando afirma: “(a carta) ... é um aviso e ãa relação que lhe não podemos fazer em presença, fazendo-o por meio de ãa carta,

devemos usar nela o que na prática costumamos, que é brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios e propriedade sem metáforas nem translações .

Na discussão relativa à noção de brevidade na carta, Leonardo aconselha, por um lado, o uso de relativos e subsequentes que, sem nomear as palavras as repetem e, por outro, o recurso a sentenças e adágios que, sem as decifrar, as ilustram e clarificam.

Citando a opinião de um homem insigne do Reino, coteja desta forma eloquente, discorrendo sobre o enfeite ou afeitação das cartas missivas:

(O enfeite) é o cuidado sobejo de enfeitar as palavras por elegância, ou por via de epítetos, ou de escolha de lugar para as sílabas fazerem melhor som aos ouvidos. E, em favor desta opinião, dizia um homem insigne deste Reino e que teve nele os melhores lugares da república eclesiástica e secular, que a carta e a mulher muito enfeitadas, em certo modo eram desonestas; e eu antes seguira este voto que o de alguns retóricos que deram à carta missiva cinco partes de oração, convém a saber: saudação, exórdio, narração, petição e conclusão; e, se houvéssemos de seguir o seu estilo, mudaríamos de todo o das cartas. (p. 91)¹⁴⁶.

Só muitos anos mais tarde iremos encontrar alguns autores que se debruçam sobre a poética do género epistolar, tentando, inspirados nos modelos clássicos, expor essas reflexões teóricas iniciadas por Rodrigues Lobo.

¹⁴⁶ À época de Rodrigues Lobo, os formulários consagrados e divulgados eram: *Arte de Excribir Cartas familiares* (Madrid 1589) de Tomás Gracián Dantisco; *Formulario y Estilo Curioso de Excribir Cartas Missivas segun el Orden que al presente se guarda* (Madrid 1599), de Juan Vicente Pelligero e ainda o *Formulário de Cartas familiares, segun el gobierno de Prelados e Señores temporales* (Madrid 1600), de Geronimo Paulo Manzanares.

4. O Renascimento da literatura epistolar no século XVII

De todos os actos de entendimento nenhum é tão expresse retrato da alma, como a carta de cada um, por uma natural reverberação do espírito, que faz reflexo no papel de todos os afectos que no ânimo do homem estão guardados e só ali circunstantes: o que não é no livro, na prática, nem no discurso, onde o artifício serve sempre de liga ao mais fino ouro do melhor entendimento.

D. Francisco Manuel de Melo,
Cartas Familiares

Parafraseando Hernâni Cidade, cremos poder afirmar que se em Quinhentos é predominante a agitação, decorrente dos Descobrimentos, dos contactos com novas culturas, se, por seu turno, no século XVI predomina o esforço reflexivo, a meditação filosófica, o século XVII não deve ser considerado como muitos críticos o fazem, um século decadente, devendo-se lembrar a consolidação da autonomia nacional como a importantíssima produção literária e, especificamente, decorrente da expansão da sociabilidade e da cultura, estimulada pelos progressos nas comunicações, o culto da epistolografia, sendo, desta segunda época do nosso classicismo, os vultos mais elevados.

O século XVII português é justamente considerado o “século da prosa”. A prosa portuguesa, quase exclusivamente cultivada por eclesiásticos, culminando com o génio impetuoso de Vieira, com a gracilidade ondeante de D. Francisco Manuel de Melo, com a brandura cristalina e rústica de Rodrigues Lobo¹⁴⁷.

¹⁴⁷ Cf. António Álvaro Dória, *Prefácio* José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1944, p. XL.

O impulso dado à epistolografia, para fins literários ou da vida social ou de relação, no século XVII, foi atribuído por Hughes¹⁴⁸ a cinco factores:

- a importância dada no *curriculum* escolar à tradução e à imitação das epístolas latinas;
- a moda da carta familiar, em França e em Inglaterra;
- o aperfeiçoamento do sistema postal, na segunda metade do século, facilitando e estimulando a correspondência;
- a publicação de jornais e outros periódicos em forma de carta;
- a publicação de numerosos manuais epistolares.

É fácil compreender que estes elementos foram decisivos para um aumento substancial do progresso da carta¹⁴⁹.

Neste século, a voga da epistolografia não se estendeu apenas a França e a Inglaterra. Também em Portugal houve alguns cultores de mérito.

D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666)

D. Francisco Manuel de Melo foi um epistológrafo fecundo. Afirmam A. J. Saraiva e Óscar Lopes: “As *Cartas Familiares*, com o seu misto de sofrimento vivido e de amaneiramento académico, espelham-se logo na maneira como o autor se lhes refere, ao dizer que “as mais foram escritas com sangue, enxutas com lágrimas,

¹⁴⁸ Helen Hughes, *English Epistolary Fiction before Pamela, The manly Anniversary Studies in Language and Literature*, Chicago, University of Chicago Press, 1923, p.156.

¹⁴⁹ *Apud* António de Aguiar Ferreira, *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, pp.18-19.

dobradas com singeleza, seladas pela desgraça, levadas pela mofina”¹⁵⁰. Foram escritas na prisão, ajudando-o a iludir a falta de convívio. Conservou este escritor cópia da sua correspondência, e quando publicou aquela riquíssima colecção epistolográfica, fez algumas alterações no texto, se bem que tais modificações não fossem em geral além do aperfeiçoamento do estilo e a supressão de quaisquer passagens a que não conviria dar publicidade¹⁵¹. Fidelino de Figueiredo também considera que D. Francisco Manuel de Melo fez da carta um género familiar no estilo, uma espécie de conversa escrita que da fala tinha a variedade e a simplicidade, o tom ora amistoso ora cerimonioso, instrumento das relações sociais para cultivar a amizades, para iludir a solidão e para ele, também, a melancolia do cárcere”¹⁵².

As suas *Cartas Familiares*, pela primeira vez publicadas em Roma, em 1664, são quinhentas e foram escritas entre 1634 e 1660, tendo o epistológrafo inclusivamente declarado que nos primeiros seis anos de cárcere escrevera vinte e duas mil e seiscentas cartas.

Maria da Conceição Morais Sarmiento que prefacia e anota a edição por nós consultada, explicita detalhadamente a edição e posteriores publicações das *Cartas*, mostrando que D. Francisco não devia ter intenção de as publicar, tendo-o feito a pedido de um seu amigo e professor de Humanidades, António Luís de Azevedo, que as colecionava fervorosamente para posteriormente as dar à estampa¹⁵³.

A familiaridade presente nestas cartas está bem patente no exemplo que a seguir transcrevemos:

¹⁵⁰ António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 4ª. Edição, p.453.

¹⁵¹ Cf. História da literatura portuguesa, desde as origens à actualidade, capítulo VII, dedicado à Literatura Epistolar, Feliciano Ramos, Braga, Livraria Cruz, 1956, (2ª. Edição), p.441.

¹⁵² Fidelino de Figueiredo, *História da Literatura Clássica*, 3ª. Época, 2ª. Edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1931, p. 88.

¹⁵³ Maria da Conceição Morais Sarmiento, *Prefácio* da obra de D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas Familiares*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, p.15.

*Senhor meu. Por penitencia de não haver estes dias sabido de V M deixe V M meu proprio erro, mas eu ja disse que a boa amizade era como a serpente: vela com os olhos cerrados, dorme com elles abertos. O meu animo esteve e estará sempre muyto esperto para o serviço de V M. Nem seja contradição desta promessa a falta que me parece hei feito, em deixar de obrar em serviço de V M e conveniencia mjnha na intervenção de aquelle negocio do Brasil; e foy a causa o tersse aquij por sem duvida que o Conde da Atouguia deixava de ir ao Brazil, por ir á porta da Igreja: cousa que ainda crem os mais. Logo males e desgraças comuns, e meus, me fizeram mais remiso do que devia nesta resposta. Do Sr D Rodrigo recebj esse maço há dous correos; e porque eu asisto á dias (...)*¹⁵⁴.

Segundo Gonçalves Viana, *As Cartas Familiares* de D. Francisco Manuel de Melo consagram a epistolografia como género literário, constituindo uma das manifestações mais sugestivas e completas da literatura portuguesa daquela época, pois, além de serem modelares e notáveis pela beleza do estilo e primor dos conceitos, também retratam admiravelmente a época a que dizem respeito, versando, com naturalidade e superior elegância, os mais variados e interessantes assuntos”¹⁵⁵. N’ *As Cartas Familiares* (1664), de carácter claramente autobiográfico, lêem e sentem-se as tristezas, os desgostos, os momentos de abatimento e os desenganos do autor, acometido pela desgraça, de que só conseguiu tréguas no final da vida. Deixou esparsas nas suas cartas familiares muita daquela compungida tristeza que lhe amargurou a existência, aqui e além indicações literárias, políticas e sociais, de valor a aproveitar para quem empreender o estudo desta época¹⁵⁶.

¹⁵⁴ *Cartas de D. Francisco Manuel de Melo a Duarte Ribeiro de Macedo*, publicadas com um estudo introdutório por Virgínia Rau, Lisboa, Publicações da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1968, Carta XII, p. 55. Mantivemos a grafia da época.

¹⁵⁵ Mário Gonçalves Viana, *op. cit.*, p. 28. A propósito das Cartas de D. Francisco Manuel de Melo, refira-se o artigo de Maria do Céu Fonseca, “Notações histórico-teóricas sobre textos epistolares do século XVII. As Cartas Familiares de D. Francisco Manuel de Melo”, *Correspondências, O Género Epistolar*, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp. 71-88.

¹⁵⁶ *Cf. História da Literatura Portuguesa. das origens à actualidade*, Mendes dos Remédios, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, 1930, 6ª. Edição.

Deste autor ficou-nos ainda uma outra obra em estilo epistolar: *A Carta de Guia de Casados*. Dirigindo-se ficticiamente a um amigo, D. Francisco dá na *Carta* uma opinião sobre vários assuntos da vida de casado. Com grande habilidade ventila toda a gama de problemas, desde os mais simples aos mais complexos, esmiuçando bem todos eles¹⁵⁷.

Padre António Vieira (1608-1697)

Ficou reconhecidamente consagrado na história cultural portuguesa como o nosso maior e mais incansável epistológrafo. No entanto, o interesse que hoje granjeia no panorama escolar e o conhecimento da sua obra queda-se pela leitura apressada de alguns dos seus mais difundidos textos como pregador. De acordo com a pesquisa de José Esteves Rei¹⁵⁸, na obra *Logares Selectos dos clássicos Portuguezes nos Principais Géneros de Discursos em Prosa para Uso das Escolas*¹⁵⁹, que era, em meados do século XIX, o mais divulgado manual de aprendizagem, apresentavam-se, de entre as vinte e quatro cartas escolhidas como modelares, vinte e duas da autoria de Vieira. Ousemos fazer hoje a análise dos nossos manuais escolares para certificar quão apartadas e desprezadas têm sido as eloquentes missivas de Vieira!

“As cartas de Vieira têm sido lidas principalmente como documento histórico, o que é perfeitamente justificado pela riqueza de informações que contêm acerca da vida do autor e da sua época”¹⁶⁰. Assim, o ilustre vieirista, J. Lúcio de

¹⁵⁷ António de Aguiar Ferreira, *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, p. 33.

¹⁵⁸ José Esteves Rei, “As Cartas do Padre António Vieira e a retórica comunicativo-funcional. Uma dimensão pedagógica”, in *Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*, Congresso Internacional, Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1999, pp. 1635-1646.

¹⁵⁹ A. Cardoso Borges de Figueiredo, *Logares Selectos dos clássicos Portuguezes nos Principais Géneros de Discursos em Prosa, para Usos das Escolas*, Coimbra, Livraria de J. Augusto Orcel, 1865, 8ª. Edição.

¹⁶⁰ Maria Lucília Gonçalves Pires, “A epistolografia de Vieira. Perspectivas de leitura”, *Vieira Escritor*, organização de Margarida Vieira Mendes, Maria Lucília Pires e J. Costa Miranda, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 24.

Azevedo, que organizou a edição das cartas do jesuíta, compilando setecentas e dezanove cartas, dadas à estampa em 1928¹⁶¹, aproveitou o imenso manancial epistolográfico para traçar o percurso biográfico do servo da Companhia de Jesus. Para percebermos a importância das suas cartas como expressão do seu empenhamento social e político, lembramos a curiosidade do seu espírito apaixonado que, com perto de noventa anos, quase cego e completamente surdo, persiste em continuar a ditar as suas cartas, desenrolando nelas os seus mais preciosos combates ideológicos. Para além de serem obviamente consideradas documentos históricos por excelência, servem, na leitura de Maria Lucília Pires, como construção de um auto-retrato¹⁶², mostrando o autor não como simples narrador, mas como protagonista da acção narrada, a maioria das vezes transmitindo um ar emotivamente trinfante, outras, porém, emanando uma imagem enfraquecida.

António Vieira é, reconhecidamente o primeiro epistológrafo setecentista. Nas cartas de Vieira colhem-se subsídios valiosos para o estudo da história político e social do século XVII, como também se deparam informes respeitantes à vida económica e militar da época¹⁶³.

É muito frequente vê-lo, em epístolas, endereçadas aos reis D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, a solicitar providências em defesa dos indígenas e a pugnar, com infatigável desvelo, pela causa dos interesses temporais dos índios brasileiros¹⁶⁴.

A amargura que transluz em diversas cartas dos últimos tempos da sua vida vem às vezes acompanhada de referências ao seu estado de saúde. Em carta à rainha D. Catarina de Inglaterra, escrita da Baía aos 25 de Setembro de 1695, lê-se este

¹⁶¹ *Cartas do Padre António Vieira*, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, 3 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928, reeditado por Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1970.

¹⁶² Maria Lucília Gonçalves Pires, *op. cit.*, p. 25.

¹⁶³ *Cf. História da literatura portuguesa, desde as origens à actualidade*, capítulo VII, dedicado à Literatura Epistolar, Feliciano Ramos, Braga, Livraria Cruz, 1956, (2ª. Edição), p.443.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 444.

passo: “*Aqui estou ainda vivo, já quase desacompanhado de mim mesmo, na falta de quase todos os sentidos*”¹⁶⁵.

Os documentos epistolares de Vieira aludem aos perigos e sofrimentos do missionário que, ora tem contra si as privações materiais, a doença e até a praga de mosquitos, ora tem de haver-se com a hostilidade dos íncolas do sertão. “Enfim, as cartas de Vieira revelam, numa linguagem franca, sincera e desafectada, a vida terrestre e a estrutura afectiva e religiosa do homem que as escreveu. Contam, por vezes, lances dramáticos e emocionantes, também espelham orgulho e independência ou, então abeiram-se da humildade e da resignação cristã”¹⁶⁶.

Se as cartas de Vieira não têm lugar primordial na nossa investigação é apenas porque as consideramos mui longínquas do domínio familiar que privilegiámos, comprovada essa distância pela identidade da maioria dos destinatários que não são amigos comuns e esquecidos pela história, “mas o escol da sociedade do tempo, as mais altas preeminências do Estado desde os reis e rainhas”¹⁶⁷.

Lettres Portugaises Cartas de Mariana de Alcoforado (1640-1723) configurou, para a posteridade, aos olhos dos estrangeiros os traços distintivos da forma portuguesa de amar¹⁶⁸. É de extrema complexidade a problemática existente em torno das *Lettres Portugaises*, resultante não só do problema da autoria (Gabriel de Guilleragues ou a freira de Beja, Mariana Alcoforado?) Hoje, cremos que não subsistem dúvidas, nem quanto à autenticidade do texto francês, nem quanto à

¹⁶⁵ Pe. António Vieira, *Obras Escolhidas*, prefácio e notas de António Sérgio, Vols I e II Cartas, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1997 (2ª. Edição).

¹⁶⁶ Cf. *História da literatura portuguesa, desde as origens à actualidade*, capítulo VII, dedicado à literatura Epistolar, Feliciano Ramos, Braga, Livraria Cruz, 1956, (2ª. Edição), pp. 4435-446.

¹⁶⁷ Fidelino de Figueiredo, *História Literária de Portugal*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966, p. 278.

¹⁶⁸ Luísa Alves, “Mariana Alcoforado e o ‘Amor Português’ na Ficção Actual em Língua Inglesa”, F.S.C.H. – U.N.L., consulta on line, http://www.fcsh.unl.pt/congrssoceap.Mariana_luisaalves.doc. Deve, igualmente, consultar-se o trabalho de Carlos Aparecido Ferreira, *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua Imagem e seus Questionamentos através do Género Epistolar*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, S. Paulo, 2002.

língua em que originalmente terão sido escritas, nem quanto ao problema da ordenação das cartas e do seu destinatário. A obra foi publicada pela primeira vez em Paris, no ano de 1669, e a primeira edição portuguesa data de 1819.

Essas cartas influenciaram largamente a literatura europeia. Edmund Gosse vai mais longe no reconhecimento dessa influência, ao afirmar:

“Brief and unobtrusive as was the volume of *Lettres Portugaises* published in Paris in 1699, it exercised an influence on the sentimental literature of Europe which was very extraordinary, and to which we have not yet ceased to be subject”¹⁶⁹.

Por outro lado, Manuel Ribeiro, num estudo sobre a vida da Madre Mariana Alcoforado¹⁷⁰, relata a grande polémica acerca da autoria das cartas e tece considerações acerca da veracidade da obra portuguesa quando afirma:

“As cartas da Freira denunciam pois um caso pessoal, drama vivido duma alma mortificada, desabafando em queixas e recriminação contra o ente cruel que a perdeu e desgraçou. Se elas alcançam a categoria de obra literária não é porque as tenha escrito uma pena experiente e apurada. Um mestre de composição aponta nela muitas faltas. A crítica acha-as fora dos cânones consagrados e não pode recomendá-las como modelos de arte de bem escrever. As cartas valem porque são belas, independentes da forma em que foram vasadas. Valem porque são verdadeiras, desartificiosas, naturais, ditadas antes pelo coração do que pelo espírito”¹⁷¹.

Jean-Jacques Rousseau manifestou em *Carta a d’Alembert* a sua convicção que se tratava de um autor masculino, dado que para ele as mulheres eram incapazes de descrever e sentir o amor:

“As mulheres em geral não prezam nenhuma arte, nenhuma as prende e não têm génio nenhum. Podem brilhar nas pequenas obras que exigem apenas leveza de espírito, graça, às vezes alguma filosofia e raciocínio. São capazes de adquirir

¹⁶⁹ Edmund Gosse, *Selected Essays*, London, The Travellers Library, 1929, p.133, *apud* Aguiar Ferreira 1959, p.133.

¹⁷⁰ Manuel Ribeiro, *Vida e Morte de Mariana de Alcoforado*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1940.

¹⁷¹ *Apud* Manuel Ribeiro, *op. cit.*, p. 283.

ciência, erudição, cultura, e tudo o que se alcança à força de aplicação. Mas este fogo celeste que aquece e abrasa a alma, este génio que consome e devora, esta eloquência estuante, estes transportes sublimes que levam os seus encantos até ao fundo dos corações não os achareis jamais nos escritos de mulheres. Todos frios e bonitos como elas. Terão o espírito que quiserdes: alma é que nunca. Serão cem vezes mais razoáveis do que apaixonadas. As mulheres não sabem descrever nem sentir o verdadeiro amor. (...) Apostaria tudo quanto há no mundo em como as *Cartas Portuguesas* foram escritas por um homem”¹⁷².

O investigador e crítico António Gonçalves Rodrigues¹⁷³, indispensável para a descodificação destas célebres *Cartas*, aponta muitas evidências para a autoria francesa atribuída ao Conde de Guilleragues.

Seguindo de perto a postura da nossa inspiradora nesta recensão dos principais textos epistolográficos portugueses, consideramos ser necessário referir a importância das *Lettres Portugaises* no panorama literário internacional, embora nos escusemos a entrar nas eternas e fastidasas polémicas de que anteriormente apenas levantámos o véu. Gostaríamos, porém, de mostrar que ainda hoje nos colóquios internacionais cuja temática é o epistolar e onde temos apresentado trabalhos, se continua a sentir o mito das cartas amorosas e se persiste em adjectivar uma determinada escrita, sedutora e veementemente apaixonada, como portuguesa¹⁷⁴.

Violante do Céu (1602-1693), freira do convento de Nossa Senhora do Rosário, foi, para além de reputada epistológrafa, poetisa profana e mística que

¹⁷² *Apud* Manuel Ribeiro, *op. cit.*, p. 289.

¹⁷³ António Gonçalves Rodrigues, “Mariana Alcoforado – História e crítica de uma fraude literária”, *Biblos*, 1931, v. XI, pp. 85-136.

¹⁷⁴ Esse mesmo comentário é tecido por Linda Kauffman quando afirma: “The letters had such a phenomenal impact on both sides of the English Channel that to write “à la portugaise” became a veritable code for a certain style of writing-to-the-moment, at the height of passion and distress”. Linda Kauffman, *Epistolary Modes in Modern Fiction*, Chicago, Chicago University Press, 1992, p.105.

“entretinha os seus ócios da vida monástica escrevendo cartas às senhoras da sua amizade” (Viana 1940: 82). Segundo Teresa Leitão de Barros, Violante do Céu “correspondeu-se com as maiores notabilidades do tempo e a colecção de cartas que dirigiu à duquesa de Medina Celi – e que se guarda em lugar incerto – deveria fornecer subsídios inestimáveis para os que têm pretendido aclarar a imprecisa paisagem da sua época literária¹⁷⁵.

Sóror Violante do Ceo (como assinava) ficou conhecida na história literária do século XVII como uma das mais ilustres representantes da poesia mística ou ascética, que Teófilo de Braga rispidamente classificou como “a expressão mais completa do lyrismo sesicentista, enquanto ao quietismo quasi sensual com que traduz as suas efusões de amor divino que muitas vezes encobre alegoricamente paixões de intrigas freiraticas”¹⁷⁶.

A epistolografia portuguesa no século XVII não se queda, contudo, nas cartas femininas (embora hoje saibamos da verdadeira autoria masculina *das Lettres Portugaises*) sobre amores profanos. Ficaram célebres as *Cartas Espirituais*, de **Frei António das Chagas** (1631-1682), que são, segundo Rodrigues Lapa, a perfeita demonstração de que a cultura não era um capricho passageiro, mas um vinco espiritual: “escritas em qualquer poiso do caminho das missões, ordinariamente à pressa, porque os correspondentes eram muitíssimos, ainda assim a frase saía-lhe conceituosa e brilhante”¹⁷⁷. Os temas das suas *Cartas Espirituais* relacionam-se estritamente com os caminhos místicos da união com Deus, em contraste com a sua produção mundana, produzida entre 1631 e 1662, em que freneticamente conta as delícias pecaminosas da sua mocidade. Considerado uma personalidade de extremos,

¹⁷⁵ Teresa Leitão de Barros, *op. cit.*, pp.119-148.

¹⁷⁶ Teófilo de Braga, *Curso de História da Literatura Portuguesa*, Edição de 1886, p. 295, *apud* Teresa Leitão de Barros, *op. cit.*, p. 127.

¹⁷⁷ Rodrigues Lapa, *Prefácio*, Frei António das Chagas, *Cartas Espirituais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1939, p. XXX.

após a sua conversão, tenta resgatar os pecados passados e defende, com grande vigor e eloquência, o desapego do mundo, a humildade absoluta e a absorção cabal do espírito divino. Isso mesmo se pode testemunhar no início e no *terminus* de muitas das suas missivas:

Eu fico com saúde, seja Deus bendito. Mal empregado é este benefício em quem tão mal como eu o serve e lho agradece; mas muito se deixa ver quais são suas misericórdias; porque, se faz estes favores aos mais indignos, aos que não fôrem que fará?

Amai-o vós muito, com todo vosso coração, com tôda vossa alma, com tôda a vossa vontade, que isto é só o que êle quer por paga de quanto lhe deveis¹⁷⁸.

Nas cartas de Frei António Chagas se transluz uma efervescente espiritualidade, assim como a realização de uma prosa correnteia, mas não inteiramente liberta dos enfeites gongóricos então correntes. As cartas preconizam rumos espirituais, convidam à penitência e “revelam o mestre de vida interior, o homem de oração, o conhecedor de almas e da natureza humana, ondulante e vária”¹⁷⁹.

José da Cunha Brochado (1652-1735) foi um dos mais ilustres diplomatas de finais de Seiscentos que, no desempenho das suas funções de enviado e secretário de embaixada em Paris, em Londres e em Madrid, se revelou possuidor de dotes epistolográficos pouco vulgares entre os diplomatas da época. As suas cartas, apesar de numerosas, não podem ser consideradas superiores às dos seus contemporâneos, embora, alguns críticos tenham afirmado, num tom elogioso hiperbólico, característico da época, que “as cartas de Brochado alcançaram o

¹⁷⁸ Frei António das Chagas, *Cartas Espirituais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1939, Carta 7, p. 17.

¹⁷⁹ Cf. R. Richard, *La Doctrine Spirituelle de Frei António Chagas*, Lisboa, 1949, *apud História da literatura portuguesa, desde as origens à actualidade*, Feliciano Ramos, Braga, Livraria Cruz, 1956, (2ª. Edição), p. 447.

principado no estilo epistolar excedendo em número, e ainda na discrição as cartas de Plínio e Séneca, tão aplaudidas pela venerável antiguidade”¹⁸⁰.

5. O apogeu da carta no século XVIII

A bondade e o honroso acolhimento com que V.A.R. tem recebido as minhas cartas e as representações que me inspirou o vivo zelo do seu serviço e da sua glória, imprimem no meu ânimo uma gratidão eterna e uma paixão sublime pela sua paz e felicidade.

Carta da Condessa de Oeynhausen,
Marquesa de Alorna, ao Príncipe Regente,
1801.

No século XVIII, o interesse pela arte epistolar é ainda maior do que no anterior. Esse interesse manifestou-se, não só pela produção contínua de preceituários, mas também pelo desenvolvimento que tiveram outros ramos epistolares. Este século foi sempre justamente considerado como o século do furor epistolográfico. Além do aparecimento do ensaio, o grande interesse pela epistolografia faz publicar e estudar a correspondência de grandes figuras, tanto modernas como antigas¹⁸¹. Foi um século de extraordinária e fecunda elaboração no campo da intelectualidade, em qualquer dos seus rincões filosófico, literário ou científico. Teve um cunho iniludivelmente francês, pois nesta época a França foi a verdadeira mentora intelectual da Europa.

¹⁸⁰ Cf. António Álvaro Dória, *Prefácio* José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1944, p. XLIII.

¹⁸¹ Cf. António de Aguiar Ferreira, *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959, p.38.

As cartas foram muito apreciadas como instrumento literário em todo o século XVIII, em todos os países. Nos salões franceses, como o do Hotel de Rambouillet, muitas reuniões se passavam na leitura de cartas em que, com requintes de estilo afectado, se tratavam os mais variados assuntos, desde as críticas de trabalhos literários até apreciação de costumes e acontecimentos e aos temas do amor. Entre nós também a epistolografia teve cultores notáveis¹⁸².

António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783) foi um notável homem da ciência, reconhecido médico e um grande pedagogo, tendo escrito numerosas cartas versando problemas educativos, tendo sido sua a sugestão de criar o Colégio dos Nobres. A sua influência, o seu valor literário e epistolográfico, as suas ideias e os seus planos de ensino, explanadas em *Cartas sobre a Educação da Mocidade* estiveram na base da reforma pombalina do ensino público. Para além destas cartas que lhe conferiram lugar na história da literatura portuguesa, enquanto exilado, residente no estrangeiro, escreveu numerosíssimas cartas particulares que “confirmam o seu vigor espiritual e os seus dotes de escritor”¹⁸³.

Francisco Xavier de Oliveira, por antonomásia, **Cavaleiro de Oliveira** (1702-1783) escreveu as *Cartas Familiares* na Áustria e na Holanda, que foram compiladas e impressas em Amsterdão em 1741. Aquilino Ribeiro, que prefacia e anota a edição que consultámos, realça a humilde sinceridade com que o Cavaleiro aceita publicar as suas missivas e cita as suas palavras: “Quando eu transcrevia, inovava ou compunha estas *Cartas*, não era com intento de imprimi-las. Se presentemente as dou à luz, não é com a presunção de adquirir o nome de escritor

¹⁸² Agostinho Fortes e Albino Forjaz Sampaio, *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular, 1936, p.268.

¹⁸³ Andréa Rocha, *op. cit.*, p.186.

para alcançar fama, é com a necessidade de exercer o ofício de escrivão para ganhar de comer”¹⁸⁴.

Cavaleiro de Oliveira, obrigado pela necessidade, publica em vida três volumes de correspondência. Esta atitude não é pioneira, já que D. Francisco Manuel de Melo anteriormente publicara a sua, intitulada *Cartas Familiares*, que decerto influenciou este epistológrafo. Nesta correspondência mostra-se inseguro na língua portuguesa, não apenas pelo longo exílio, mas sobretudo pela ausência de convívio com seus conterrâneos, o que resulta “em construções eivadas de galicismos, alguns de pôr os cabelos em pé e fazer uma cruz”¹⁸⁵.

É, todavia, Francisco Xavier de Oliveira, conhecido pelo seu pendor para a forma epistolar ao invés dos seus outros dotes como prosador, já que era muito criticado não só pelas deficiências linguísticas que patenteavam os seus escritos, como pela falta de originalidade das suas ideias. Andréa Rocha considera, contudo, que o jeito afrancesado do seu espírito, as constantes contaminações sintáticas e lexicais contribuem para um uso da língua atrevido, castiço e galhofeiro que conferiu à epistolografia portuguesa um contributo original¹⁸⁶. Fidelino de Figueiredo elogia o estilo de Oliveira afirmando que “não obstante a sua defeituosa linguagem, a nossa literatura clássica não ostenta outro epistológrafo, com tal sal de graça, tal versatilidade espiritual, tão flexível digressão, tão pessoal nos seus juízos, tão avançado sôbre o tempo por isso nêle tão isolado”¹⁸⁷, impondo-o como legítimo precursor de Eça de Queiroz.

¹⁸⁴ Cavaleiro de Oliveira, *Cartas*, Selecção, Prefácio e Notas de Aquilino Ribeiro, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982, 3ª. Ed., *Prefácio* de Aquilino Ribeiro, p. XXXII.

¹⁸⁵ *Prefácio* de Aquilino Ribeiro, p. XXXIII.

¹⁸⁶ Andréa Rocha, *op. cit.*, p191-194.

¹⁸⁷ Fidelino de Figueiredo, *op. cit.*, p. 281.

Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839), a famosa **Marquesa de Alorna**, arcaicamente apelidada de Alcipe, deixou uma valiosa colecção de cartas, umas importantes para o estudo das invasões francesas, outras elucidativas para o conhecimento dos hábitos sociais da época e dos seus costumes e outras, ainda, valiosas para o estudo biográfico da autora, porque repletas de conceitos filosóficos e com acutilado pendor pedagógico. Retida, com sua mãe no convento de Chelas, à ordem do Marquês de Pombal, correspondeu-se amiúde com o pai, que estava preso no Forte da Junqueira, sob acusação no atentado contra D. José I. A juvenil Alcipe correspondeu-se com os espíritos mais esclarecidos da época e as suas cartas familiares são dignas de minuciosa atenção¹⁸⁸. Afirma Hernâni Cidade, na Introdução dos *Inéditos* da epistológrafa: “As cartas de D. Leonor de Almeida realizam, sem modelos anteriores, nem sugestões alheias, êsse tipo de comunicação naturalmente elegante. A nota irónica ou áspera; a simples narrativa, tanto como a eloquência que é apenas a vibração mais tensa dum sentimento – tudo ocorre a uma pena mais do que nenhuma até então dir-se-ia que somente sensível aos movimentos do coração”¹⁸⁹.

A facilidade de comunicação está bem patente neste início de carta que dirige a seu pai:

Meu querido pai e meu Senhor do meu coração

Esta facilidade de nos comunicarmos a miúdo dá-me um gosto incrível, faz-me bem à saúde e dá-me um saque enorme à melancolia. Estou melhor; e, como no dia de anos de V. Ex.^a tive a consolação de receber uma carta sua, quando acabava de enfeitar-me, tive com isto uma espécie de

¹⁸⁸ Cf. Mário Gonçalves Viana, op. cit. pp. 43-44.

¹⁸⁹ Marquesa de Alorna, *Inéditos, Cartas e outros escritos*, Seleção, Prefácio e Notas do Prof. Hernani Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, pp. XLVI e XLVII do Prefácio. Ver também, a propósito da Marquesa de Alorna, o estudo de Aníbal Pinto de Castro, *Uma carta inédita da Marquesa de Alorna*, Separata da *Revista de História Literária de Portugal*, vol. IV, Coimbra, Coimbra Editora, 1975, pp. 405-412.

*ilusão agradável, que me fêz entender que, saindo do toucador, ia beijar a mão a V. Ex.^a e dar-lhe os meus parabéns, como era natural*¹⁹⁰.

Andrée Rocha destaca a sua fabulosa personalidade, as suas meditações sobre autores latinos, franceses, ingleses ou portugueses, a sua clarividência, o seu pensamento imbuído de ideias enciclopédicas, a sua sensibilidade aberta às novidades pré-românticas das letras germânicas, a clareza da sua correspondência que contribuiu para o desabrochar do romantismo português¹⁹¹.

Uma particularidade dos seus estados de alma é revelada através da leitura das suas cartas, em que para além das inúmeras referências à saúde (ou mesmo à sua ausência) que são um dos mais frequentes *topoi* epistolares, prolifera um carácter melancólico ao qual se associa a descrição de um estado de alma angustiado, abatido. No entanto, a dor, a moléstia, as fragilidades tornam-se muitas vezes em força criadora, transformando-se em oportunidades de convívio epistolar familiar ou ainda em momentos de criação poética¹⁹².

2 de Dezembro de 1775

Querido mano

*Apanha-me o correio com uma importuna dor de cabeça que me proíbe o gosto de te escrever uma carta comprida*¹⁹³.

Ou, ainda, nesta outra missiva dirigida a seu pai, onde podemos perceber a correspondência como bálsamo:

Meu querido pai e meu Senhor do meu coração:

¹⁹⁰ *ibidem*, p. 25.

¹⁹¹ Cf. Andrée Rocha, *op. cit.*, p. 220.

¹⁹² Cf. Maria Manuela Parda Krühler, “Escrita e Melancolia: As Cartas de Alcipe”, *Correspondências, O Género Epistolar*, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp.89-94.

¹⁹³ Marquesa de Alorna, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, Selecção, Prefácio e Notas do Professor Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1941, p. 19.

A última carta que recebi de V. Ex.^a deu-me uma consolação inexplicável, e só um coração como o de V. Ex.^a podia produzir um papel semelhante, onde se pode admirar o juízo, a ternura e a virtude, obrando de concôrto. Não imagine V. Ex.^a que eu, fixa no que V. Ex.^a me diz a mim, me não ocupe de outra cousa ¹⁹⁴.

Um dos nomes mais críticos e um dos mais influenciados pelo pensamento francês foi **Luís António Verney** (1713-1792) que, sob o pseudónimo de Frade Barbadinho, escreveu dez cartas cuja temática dominante de cariz literário se estendeu também a uma crítica disfarçada a D. Francisco Manuel de Mello, relativamente à educação e ao papel da mulher. Nessa obra, discutidíssima, controversa e muito polémica que apareceu sob forma epistolar – *O Verdadeiro Método de Estudar para ser útil à República e à Igreja* (1746) – o autor lançou críticas aceradas e até injustas (tendo inclusivamente criticado Luís de Camões). Apesar desse pendor crítico, maugrado a prosa nem sempre correcta e exemplar, a obra de Verney teve grande influência na remodelação do ensino em Portugal.

Conhecem-se também as vinte cartas que Verney escreveu ao seu mestre Muratori, debatendo alguns temas ligados às polémicas iluministas.

As cartas menos conhecidas de Verney são duas cartas, escritas em português, recenseadas também por Andréa Rocha¹⁹⁵, que foram escritas a um amigo (do qual não se conhece a identidade, concluindo-se apenas dessa amizade pela familiaridade das formas de tratamento) e que se encontram no espólio da Biblioteca Nacional¹⁹⁶.

¹⁹⁴ Marquesa de Alorna, *op. cit.*, p. 12.

¹⁹⁵ Andréa Rocha, *op. cit.*, pp. 204-205.

¹⁹⁶ Deve consultar-se, a este propósito, o artigo de Hernâni Cidade, “Cartas Inéditas de Verney”, *Biblos*, vol. XVI, Coimbra, 1940.

Padre Franscisco Manuel de Nascimento (1734-1819), Filinto Elísio

O seu racionalismo indefeso levou-o a empreender uma campanha contra a influência francesa na nossa língua.

O mais notável da sua obra foi a defesa do ideal clássico horaciano¹⁹⁷ e a sua apologia da pureza da língua¹⁹⁸.

Filinto Elisio não quis deixar passar a oportunidade de revelar aos nacionais uma obra-prima de rara beleza e só uma leitura mais demorada do leitor pode expor a pujança das palavras trocadas entre Sórora Mariana Alcoforado e o Cavaleiro de Chamilly. Fernando Moreira refere-se-lhe na "Introdução" de modo bastante sugestivo: “Cheira a erotismo, a paixão estreme em cada frase das *Cartas*; tresanda a desafio, a transgressão, cada parágrafo que a religiosa supostamente escreveu”¹⁹⁹.

No século XVIII surge um novo teorizador do género epistolar: **Cândido Lusitano**, com o *Secretário Portuguez Compendiosamente Instruído no Modo de Escrever cartas* (1745) é a obra em que José Freire (Cândido Lusitano) manifesta a sua reacção anti-barroca e onde não apenas são fixadas as “regras de secretaria” e os “formulários de tratamentos”, como ilustrativamente se dão exemplos de toda a sorte de missivas. Cândido Lusitano dispôs as cinco virtudes: segredo, erudição, generalidade, reflexão e eloquência e aponta os cinco vícios: demora, prolixidade, aspereza, ignorância e opacidade.

¹⁹⁷ Teófilo Braga na obra *Filinto Elísio e os dissidentes da Arcádia*, Porto, Lello&Irmão, 1901, p. 135, escreve “O culto de Filinto por Horácio era quasi um fetichismo”. Corroborando essa opinião, Hernâni Cidade, em *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*, Coimbra, 1929, p. 166 aponta: “O que marcava para a crítica do tempo, a superioridade de Filinto, seria a perfeição da sua imitação horaciana”.

¹⁹⁸ Teófilo de Braga, no seu estudo dedicado a Filinto (ver nota anterior), afirma “A paixão pela língua portuguesa, o culto pelos modismos e locuções populares do meio em que nascera, e da idade feliz da sua existência que passara, eram a preocupação exclusiva do seu espírito. (...)”, *op. cit.*, pp. 361-362. O seu principal biógrafo, A. Sané, em *Poésie Lyrique Portugaise*, Paris, Chez Cérioux Jeune, 1808, p. XI, *apud Obras Completas de Filinto Elísio*, Edição de Fernando Moreira, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1998, p. XXIV, acrescenta “Il aspirait à parler et à écrire la véritable langue portugaise”.

¹⁹⁹ *Obras Completas de Filinto Elísio*, pseudónimo do Padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), Edição de Fernando Alberto Torres Moreira, Braga, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 2001, p. XVII.

6. Os epistológrafos modernos e contemporâneos

É por isso que eu tenbo pena de que n'esta rápida corrente que hoje nos arrasta – entre telephones, automoveis, animatographos fallantes, aeroplanos, o demonio – já não haja quem tenha tempo de escrever cartas em que, pondo a nú a sua alma, deixasse para os vindouros algum documento bem authenticico da alma do seu tempo!...

Seria uma cousa bem interessante o colleccionar todas as cartas que no mundo se têm publicado desde a Antiquidade até hoje, e fazer só com isso uma biblioteca! Só co isso, digo eu! Quantos salões seriam necessarios para arrumar essa preciosa colleção!...

E aquelles que a lessem ficariam sabendo da alma humana muito mais do que se houvessem devorado todos os outros livros preparados, trabalhados em vista do publico pelos seus auctores.

Maria Amália Vaz de Carvalho,
Impressões de História, 1910, p.
137.

Sob designação de período contemporâneo abrangemos o período que decorre do fim do último quartel do século XVIII até aos nossos dias.

João Baptista da Silva Leitão de **Almeida Garrett** (1799-1854) foi um dos grandes valorizadores da epistolografia nacional. Uma das cartas mais conhecidas, comentadas e que constitui um exemplo de rara delicadeza literária é uma carta ficcionada que integra as suas encantadoras *Viagens na minha Terra*. Trata-se de uma carta de Carlos a Joanninha que é considerada pelos críticos literários, como um valioso documento autobiográfico, dada a revelação de uma alma contraditória, a reconstituição do espírito dom-juanesco e a expressão exuberante dos sentimentos amorosos, da instabilidade e do fatalismo.

No seu *Tratado da Educação*, constituído por doze cartas endereçadas a D. Leonor da Câmara, o autor justifica a escolha da forma epistolar, porque sendo

“mais singela e dasataviada, mais se dá com a facilidade do estilo e sinceridade da expressão, e melhor quadra ao natural pouco dogmático de um autor despresumido de si, que antes propõe como quem duvida, do que assevera como quem sabe”²⁰⁰.

As suas missivas particulares contrastam em absoluto com a sua produção literária, sendo opinião unânime, explanada e justificada, crítica mas singularmente, por Andréa Rocha, que adianta que escrita de uma carta constitui, para Almeida Garrett, uma actividade à margem da literatura, “à qual não dedica senão uma parcela muito reduzida do seu talento”²⁰¹. Uma das justificações avançadas pela investigadora para explicar a fraca sintonização do autor com o género epistolar e o seu nulo esforço de aprimorar a pena prende-se com a situação quase contínua de inferioridade em que se encontra quando redige essas missivas particulares: fá-lo porque está exilado e necessita de ajuda económica ou porque se encontra numa situação dúbia e aflitiva de carácter relacional, sendo necessário salvaguardar a sua honra e a sua reputação. É conhecida a sua célebre carta a D. João de Castro em que o remetente, condenado a um enorme estado de penúria, empenha as suas próprias barbas à Câmara de Goa, gesto que fica na memória dos seus leitores. Para Garrett, a actividade epistolar não parece constituir sério motivo para apurar a pena. Como se afirma no *Dicionário* “os vários sectores de correspondência garrettiana não proporcionam ao leitor nada do que se conhece do seu talento de dramaturgo ou de ficcionista. Do dia-a-dia, o escritor fala da maneira mais chã, e confina-se a assuntos mais pragmáticos: angariação de subscritores para os livros em projecto, pedidos de ajuda pecuniária, injustiças sofridas, quotidiano familiar, etc.”²⁰².

Só para a Viscondessa da Luz reserva, em termos que por vezes desmentem o equilíbrio e o gosto das suas obras, o arrebatamento duma paixão avassaladora.

²⁰⁰ *Apud* Andréa Rocha, p. 231.

²⁰¹ *ibidem*, p. 232.

²⁰² *Cf. Dicionário do Romantismo Português*, coordenação de Helena Carvalho Buescu, Lisboa, Caminho, 1997, Verberte “Epistolografia”, da autoria de A. Crabbé Rocha, pp.169.

Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875) foi um profícuo epistológrafo e entre as magníficas epístolas que escreveu sobressai a sentida Epístola a Sua Majestade a Imperatriz do Brasil, escrita em verso, que ficou no rol das mais memoráveis, por se tratar de um documento repleto de eminente grandeza moral, através do qual o escritor solicitava a comutação da pena de doze de trabalhos forçados a que fôra condenado um português.

Igualmente exímia é a sua correspondência particular e íntima em que o estilo é aprimorado e os ensinamentos e os conselhos reveladores de um grande humanismo.

Castilho dedicou, em moldes bastante acadêmicos, grande parte do seu epistolário, a defender a missão pedagógica a que meteu ombros, mas não é insensível à qualidade literária das cartas alheias, nomeadamente às de Camilo.

A *Correspondência Camilo-Castilho*, trocada entre 1864 e 1870 merece especial referência, na medida em que revela uma atitude de elevado valor moral se atentarmos que Castilho, cego conformado, tenta constantemente atenuar o sofrimento causado pelo avanço progressivo da doença de Camilo e, simultaneamente, tem palavras de louvor para as novas obras camilianas.

Alexandre Herculano (1810-1877) também explorou o género epistolar. Merecem uma citação especial as suas famosas *Cartas sôbre a História de Portugal*, em número de cinco, publicadas em 1842 na Revista Universal Lisbonense, cartas essas que marcam uma nova fase na historiografia nacional e definem as concepções de Herculano sobre história, à semelhança do que fizera o mais célebre historiador francês e, provavelmente seu mentor, Thierry, que havia publicado, em 1837, as suas *Lettres sur l'Histoire de France*, algumas difundidas pelo *Courrier Français*.

Herculano foi um dos mais altos espíritos da literatura portuguêsã e do seu tempo, não só pela importância da obra realizada, mas também pela sólida variedade

da sua cultura, pelo ascendente social que conquistou, pela solícita consagração à coisa pública e pela integridade exemplar de que repetidamente deu provas²⁰³.

Interessam-nos, contudo, as suas cartas particulares, que são em elevadíssimo número e cujo pendor natural é para serem extensas, versando assuntos tão díspares que vão em resposta às inúmeras solicitações que o seu espírito enérgico, lúcido e douto desencadeia. Chega a lamentar-se “O meu destino é morrer amarrado a um tinteiro”²⁰⁴.

Atente-se neste início de uma das missivas endereçadas a Oliveira Martins:

Val-de-Lobos (Santarém), 10 de Dezembro, 1870

Em Lisboa, onde uma das manifestações do caruncho dos 60 annos me obrigou a residir mez e meio, no uso de banhos de mar, recebi a sua carta, que me remeteram daqui. Quis responder logo, correspondendo assim á fineza de se lembrar de mim na terra estrangeira; mas sabe o que é avida de Lisboa, quando não fazemos della deserto, sumindo-nos numa agua-furtada. Não pude. Quando cheguei a val-de-Lobos começava a colheita da azeitona, que este anno é extarordinária. É negócio que exige do larrador muitas atenções e cuidados. Ocupado principalmente com isto, não só a resposta á sua carta, mas outras obrigações não cumpridas, foram-se adiando para os serões ao pé do lume, nas longas e frias noites de inverno Chegaram; e o dever de uma resposta a V. S.^a é um dos primeiros que cumpro gostoso²⁰⁵.

A vastíssima correspondência de Herculano é o preço a pagar pelo seu afastamento da vida pública, mas também uma via para prosseguir na tarefa de mentor literário, político ou religioso. É o exílio interior de Vale de Lobos que,

²⁰³ Fidelino de Figueiredo, *op. cit.*, p. 335.

²⁰⁴ *apud* Andréa Rocha, p. 247.

²⁰⁵ Alexandre Herculano, *Cartas*, Lisboa, Livraria Bertrand, Tomo I, 5ª Edição, s/d, p. 207-208.

isolando-o da capital e do convívio imediato com amigos e literatos, motiva a parte mais essencial do seu epistolário.

Apesar da “invicta preguiça epistolar”, a que se refere inúmeras vezes, Herculano escreveu cartas quase diariamente, e deixou-nos um espólio a todos os títulos notável, escrevendo cartas extensas, de grande fôlego intelectual, onde perpassa a sua fina ironia e o seu ímpeto polémico.

Estes documentos conferem ao escritor um lugar de destaque como cultor do género epistolar e trazem subsídios de valor, não só para o seu estudo biográfico e, mas ainda para a compreensão da sua actividade literária²⁰⁶.

Camilo Castelo Branco (1826-1890) é um dos epistológrafos mais prolíficos do panorama nacional. É interessante concluir de todo o seu manancial epistolográfico que, não foram os homens de letras, seus contemporâneos, os eleitos, os contemplados com as suas cartas, à excepção de Castilho com quem mantém uma aturada correspondência. Os preferidos da sua abnegada cordialidade foram, sobretudo, os seus editores, os seus admiradores e todos os humildes que a ele se dirigiam em tom de súplica, apelando à sua generosidade.

Camilo recorre com surpreendente frequência a esse modo de comunicar em diferido, mercê de incessantes deslocações no país ou, pelo contrário, mercê do isolamento em S. Miguel de Ceide.

A necessidade de desabafar, de dar ou pedir conselhos, de expor doutrina ou de narrar peripécias existenciais dependerá, mais em última análise, de peculiaridades de índole, de ideário e de comportamento perante a vida do que de preceitos de escola literária, pelo que a ligação entre a obra e epistolografia nem sempre é de perfeita harmonia²⁰⁷.

²⁰⁶ Cf. *Dicionário do Romantismo Português*, coordenação de Helena Carvalhão Buescu, Lisboa, Caminho, 1997, Verberte “Epistolografia”, da autoria de A. Crabbé Rocha, p.169.

²⁰⁷ *ibidem*, pp.168-170.

De todos os epistolários deixados pelos escritores românticos, o de Camilo é certamente o mais vasto, o mais variado, o mais pungente e, por que não dizê-lo, o mais divertido”. Quer essa fecundidade epistolar se deva a constantes deslocções por praias, termas ou grandes cidades, quer se destine a mitigar a solidão de Ceide, Camilo pega na pena com indisfarçável gosto, esforçando-se por informar, comover, fazer rir ou indignar o destinatário²⁰⁸.

A epistolografia do romantismo obedece, como era de esperar, às normas gerais que regem tal actividade e como sucedera já em relação a muitos epistológrafos de períodos literários do passado, a época romântica brindou os seus escritores com exílios, prisões, retiros voluntários, viagens ou missões profissionais que tornaram imperativo esse modo de comunicação²⁰⁹.

Ramalho Ortigão (1836- 1915)

“Se alguma vez houve pena incisiva na literatura portuguesa, essa pena foi usada pela mão desembaraçada de Ramalho. Nem se deixou adormecer com ela na mão, nem a prosa franca, original, ginasticada, pictórica, que dele escorreu, jamais operou de narcótico no espírito dos eus leitores, sempre muitos e muito ávidos do que nela se exprimia”²¹⁰.

Ramalho foi, fundamentalmente, um moralista activo que surpreendia os casos sociais em flagrante e imediatamente os comentava, deles tirando as ilações que comportavam, a eles aplicando a moralidade que na emergência convinha. Foi sentinela vigilante da sociedade portuguesa.

²⁰⁸ *História da Literatura Realista (1871-1900)* Fidelino de Figueiredo, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1914, p.170.

²⁰⁹ Cf. *Dicionário do Romantismo Português, op.cit.*, p.168.

²¹⁰ *Ramalho Ortigão - ensaio*, Cruz Malpique, Porto, Editora Educação Nacional, 1957, p.92.

Cite-se, a título de exemplo, este excerto de uma carta de Ramalho Ortigão para o seu amigo Conde Sabugosa

“Querido Amigo

Para aqui estou há quatro dias tão humilhado por uma angina como por quatro pontapés que me houvessem sido dados no traseiro por um sicário. E é para nos virem destas, a uns pelas pernas e a outros pela garganta que a gente anda a tomar a sério este vale de lágrimas! Sinto-me um pouco melhor. No lugar da garganta, onde não tinha buraco nenhum, começo agora a ter um buraquinho assim – O - . É o suficiente para entrar algum alimento e sair muita banalidade. Estou resignado, e a única coisa que sinto é não poder ir lá abaixo dar-lhe um agradecimento e um cordeal abraço. Temos muito que falar. Até bem breve.

Todo seu do c.

Ramalho²¹¹

A publicação das cartas explica-se porque a correspondência, mesmo particular, de escritor da suma evidência de Ramalho Ortigão, contém por vezes pormenores e anotamentos que muito servem para melhor se avaliar das condições e do ambiente em que esse espírito se formou, despido das roupagens de conveniência literária e da fantasia, para nos aparecer, naturalmente, singrando através da situação modesta, por vezes desfavorável, do meio, e rompendo contra todos os obstáculos e contrariedades²¹².

Os homens da Geração de 70 praticaram, em larga escala esse culto, da amizade. A correspondência entre eles trocada é a prova incontestada, e incontestável, da nossa afirmativa. (...) Eça de Queiroz, com Ramalho, é a viva exemplificação desse culto. As cartas que esses dois formosíssimos espíritos trocaram concretiza, amplamente, o belo culto da amizade que os ligou²¹³.

²¹¹ P. Moreira das Neves, *O Grupo dos Cinco*, p. 319, Lisboa, 1945, *apud* Cruz Malpique, *op. cit.*, pp.38-39.

²¹² Carta transcrita em *Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, Rememoração e esclarecimento de factos de ordem literária e jornalística*, de Júlio d'Oliveira, Porto, 1945, p. 14.

²¹³ Cruz Malpique, *Ramalho Ortigão* - ensaio, Porto, Editora Educação Nacional, 1957, p.158.

As cartas de Eça para Ramalho acusam quase sempre o desejo de retomar, de viva voz, conversas interrompidas, ou de, amigavelmente, dizer, *tête à tête*, aquilo que, por escrito, não chega quase que a ter calor. São, geralmente, rematadas com os mais efusivos cumprimentos, no estilo daquela que Eça escreve a Ramalho, em 19-XII-1888, datada de Paris: “*Longo, apertado, carinhoso, repetido abraço do seu Queiroz*”. Se grande era a amizade que ligava Eça de Queiroz a Ramalho, não era menor a que o ligava ao seu querido amigo Joaquim Pedro (de Oliveira Martins), ao Conde de Resende, que veio a ser seu cunhado, e a tantos outros.

Júlio Dinis (1839- 1871)

No prólogo à edição das *Cartas e Esboços Literários de Júlio Dinis*, Egas Moniz escreve: “As cartas dos homens célebres são compiladas com carinho, por poderem mostrar certas facetas dos seus talentos, ainda ignoradas”. Egas Moniz disserta sobre a importância da leitura de correspondências e sobre os seis volumes de correspondência de Jean Jacques Rousseau, e o imenso espólio epistolográfico de Voltaire trazendo à colação estas referências para tentar despertar o estímulo para a “colheita destes elementos, mais apreciados como autógrafos do que como material de estudo sério”²¹⁴.

As cartas de Júlio Dinis são bastante numerosas. A mais conhecida, dirigida a seu pai, foi classificada por Sousa Viterbo como “a jóia das mais preciosas do escritório epistolar português” e é uma prova concludente de que, apesar do seu carácter manifestamente reservado, era terno e afectuoso, lembrando-se, na hora decisiva do triunfo, ao ascender à cátedra, de endereçar a seu pai as primeiras palavras de alegria e reconhecimento.

²¹⁴ Egas Moniz, Prólogo, *Cartas e Esboços Literários de Júlio Dinis*, Porto, Livraria Civilização, 1946, p.12.

Entre as cartas familiares abundam as dirigidas à sua sobrinha D. Ana Gomes Coelho da Silva que mostram a afectividade do romancista e o carinho pela criança que foi acompanhando no seu desenvolvimento e predilecções²¹⁵. Atente-se nesta passagem:

Anitas

Antes de mais nada vou ralhar contigo; mas não te assustes que é trovoada que passa depressa. Vou ralhar contigo, por me estares na tua carta a repetir a cada passo que me não esqueça de ti. Isto faz-me acreditar que pudeste supor que, sem a tua recomendação, tal coisa me poderia acontecer.

São também curiosas as cartas escritas a seu primo, com referências às suas preocupações literárias e outras, por ocasião dos aniversários, escritas em verso. Júlio Dinis publicou ainda correspondência com o pseudónimo “Diana de Aveleda”, primeiro apreciada pelos leitores do *Jornal do Porto*, hoje admirada pelos que as possuem nas colecções.

Antero de Quental (1842-1891)

Foi inequivocamente Antero de Quental um dos maiores e mais prolíferos epistológrafos do século XIX e, tal como Eça defendia - “talvez de entre todos aquele que mais confessadamente se declarou seu discípulo e o “canonizou” de forma magistral em “Um Génio que era um Santo”²¹⁶ - foi o mais sóbrio, o mais puro, o mais clássico dos prosadores de língua portuguesa que deveria ser revelado no seu íntimo.

“Dos grandes espíritos do século XIX, Antero de Quental é o que menos padece do desgaste do tempo. Descobre-se, sem dúvida, o vinco indelével da

²¹⁵ *ibidem*, p.16.

²¹⁶ Eça de Queiroz, “Um Génio que era um Santo”, *Antero de Quental in Memoriam*, Porto Mathieu Lugan Editor, 1896, *apud* Ana Maria Almeida Martins “A década de ouro de Vila do Conde (1881-1891), *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, Isabel Pires de Lima (coordenação e organização), *Actas do Colóquio Internacional do Centenário da sua morte*, Lisboa, Edições Asa, 1993, pp. 165-171,

contemporaneidade em muitas páginas da sua obra, porém pela consciência das antíteses morais e vicissitudes do seu pensamento Antero conquistou, como nenhum outro escritor da grande centúria, um sentido profundo de actualidade²¹⁷. Embora escritor, Antero não viveu nunca para o público, preferindo à notoriedade as delícias do convívio e as doçuras da amizade.

As suas cartas tornam-se assim verdadeiras páginas de um diário íntimo, pela sincera confissão das suas preocupações morais e intelectuais que agitaram o seu espírito. Nada lhes falta, desde o informe biográfico até à vivência dos mais puros sentimentos, desde o transporte das inquietações sociais e políticas de um ser activo, até à perspicácia do ideal e às agonias lentas de taciturnas meditações solitárias²¹⁸.

Foi Joaquim de Araújo quem primeiro teve ideia de publicar a correspondência de Antero de Quental e começou a reunir as cartas do poeta que conhecia ou de publicações ou de as saber nas mãos das pessoas a quem haviam sido dirigidas. São mais de sete centenas de cartas que se conhecem, a primeira das quais escrita aos dez anos de idade.

A correspondência de Antero era pelos seus amigos considerada como parente integrante da sua obra.

No próprio volume *In Memoriam*, no Apêndice, em que vêm publicadas cartas de Antero, Joaquim de Araújo escreve:

“Disse-se atrás que na correspondência de Anthero de Quental estava, como n’um thesoiro íntimo, toda a sua alma. Para que se avalie da justeza desta affirmação. E se faça uma ideia approximada do alto valor dessa correspondência, damos em seguida um pequeno fragmento della.

O homem íntimo transparece ahi crystalinamente: as cruciantes luctas do seu espírito, buscando, quasi hallucinadamentte, a Verdade e a Certeza; o stoicismo da sua grande alma, sempre vencedora dos soffrimentos phisicos e sempre, resignada

²¹⁷ Joaquim de Carvalho, “Prefácio”, *Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*, publicadas por Francisco de Assis de Oliveira Martins, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. v.

²¹⁸ *ibidem*, p. vi e vii.

e forte, afirmando o Bem, entre todos os males e todas as dores; a ternura, quase feminina, do seu coração, para quem o amor não teve limites e para quem a amizade foi uma cousa santa – tudo isso se verá, vivo e palpitante, n’esse maço de cartas que abrimos perante os leitores, justificando, para quem não o conheceu de perto, a lenda de grandeza moral que se fez em volta do seu nome e a adoração que lhe votaram os seus mais íntimos amigos”²¹⁹.

“Em todas as cartas respira, numa bela e desassombrada comunhão de ideas, a mais profunda, forte sã amizade”²²⁰.

Antero, na sua epistolografia, não se interessa geralmente pelas questões materiais da vida, nem pelas contingências dos negócios ou outros aspectos insignificantes que constituem frequentemente o objecto da correspondência comum. Viveu intensamente os seus problemas à luz dos problemas cruciais do seu tempo e reflecte-os nas suas relações íntimas com os amigos. E um dos principais, senão o principal, foi Oliveira Martins.

É frequente encontrar nas suas cartas confissões como esta:

“Tenho recebido as suas cartas e grande bem me têm feito. Não só o seu espírito afina pelo meu, mas a sua consciência alumia-me, e bem sabe que preciso dessa luz no meio das minhas fraquezas morais” (Carta do Minho, Maio-Junho 1872)

ou noutra ainda dirigida a Oliveira Martins:

“As suas palavras têm o poder de levantar o meu moral fraco ou enfraquecido. O que me diz, com tanta rectidão, veio confirmar e dar consciência ao que a consciência vagamente me segredava, mas que eu não tinha forças de precisar em ideias e numa resolução (Carta de 22 de Novembro de 1871)”²²¹.

²¹⁹ Teixeira de Carvalho, “Prólogo”, *Cartas de Antero de Quental*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921, p. vii.

²²⁰ *Ibidem*, pp. xxiv e xxv.

²²¹ *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga, 1996, p. 27. Consultar também *Antero de Quental, subsídios para a sua biografia*, José Bruno Carreiro, Vol.s I e II, Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada Lisboa, Livraria Morais, 1948.

“As cartas de Antero, no seu todo, não precisam de críticas nem de comentários elucidativos; impõem-se por si, apesar da repetida afirmação do seu autor em se considerar mais declamador do que escriba (*“Cada vez me custa mais e aborrece esta maneira de comunicar o pensamento. Nasci peripatético e declamador, não escriba”*)²²².

Em muitos pontos, a correspondência representa como que um diário do escritor, pois o Homem está inteiro nelas, confiando-nos o seu coração, as suas preocupações filosóficas e pessoais, já que as cartas contemplaram muitos destinatários, os mais diversos, e serviram intenções e objectivos muito variados. Talvez inesperados sejam os pormenores relativos à mudança para Vila do Conde, com as indicações precisas da maneira como os objectos deveriam vir acomodados, mas não se esqueça que Antero “tinha a ordem e o asseio de uma freira velha”.

A influência meteorológica aparece muitas vezes: *“Estou tonto com o frio que faz”* (3-2-1882); *“os temporais não me têm deixado escrever”* (14-11- 1886), *“o tempo eléctrico* (14-7-1882), etc.²²³

Muitas vezes, vêmo-lo consolar os amigos pela morte de entes queridos, como na bela carta a João Machado de Faria e Maia: *“A nossa vida é só a vida da nossa alma, do misterioso e sublime Eu que somos no fundo”*.

Importa igualmente assinalar que Antero utilizou deliberadamente a forma epistolar em algumas das suas obras, nomeadamente em *Sentimento da Imortalidade*, que escreveu aos 23 anos, dirigida a Anselmo Andrade.

Em 1865 publicou um opúsculo Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal, com a seguinte dedicatória: “A todos os católicos sinceros e convictos. A todos os hereges sinceros e convictos. Testemunhos de boa fé”.

²²² Ana Maria Almeida Martins, “Prefácio”, *Cartas de Vila do Conde* de Antero de Quental, Introdução, organização e notas de Ana Maria Almeida Martins, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1981, p.17.

²²³ *Ibidem*, p.18.

E foi também em 1865, com a publicação de outro opúsculo que se desencadeou a verdadeira tempestade literária, denominada a Questão Coimbrã. Intitulava-se: *Bom-senso e bom-gosto*, Carta ao Ex.mo Senhor António Feliciano de Castilho, carta onde Antero defendia a independência dos jovens escritores, apontando a necessidade dos poetas e escritores serem os arautos dos problemas ideológicos da actualidade. Foi porventura a decisão de fugir de Lisboa, “capital da baratária”, para o seu refúgio em Vila do Conde que ditou a maior produção epistolográfica deste escritor.

Outro dos textos mais ardentes e polémicos que Antero assinou, na opinião de Carlos Reis, “foi a Carta ao Ex.mo Sr. António José d’Ávila, presidente do ministério quando do episódio do encerramento das Conferências do Casino”²²⁴.

Eça de Queiroz (1846-1900)

A correspondência de Eça é a única entrada que possuímos para a sua intimidade.

“Ainda assim, procurando deixar de lado todo o carácter biográfico, as cartas de Eça permitem entrever de sua verdadeira fisionomia muito ângulo característico, revelam um homem simpático, afectuosos, sem as agudezas faiscantes do seu perfil literário”²²⁵.

A produção epistolográfica de Eça é não só muito vasta como muito diversificada. Maria João A. F. Simões, na introdução do seu trabalho de investigação sobre a correspondência do escritor, justifica esta vasta produção pela

²²⁴ Carlos Reis, “Antero e a consciência da poesia”, *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, Isabel Pires de Lima (coordenação e organização), Actas do Colóquio Internacional do Centenário da sua morte, Lisboa, Edições Asa, 1993, pp. 247-254.

²²⁵ Lúcia Miguel Pereira, “Eça de Queiroz visto através das suas cartas”, *Livro do Cinquentenário de Eça de Queiroz*, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys, Lisboa, Edições Dois Mundos – Portugal – Brasil, 1945, p.269.

vida agitada, tanto intelectual como profissional, reflexo do seu percurso existencial²²⁶.

A necessidade de diálogo está patente em toda a sua correspondência, o que espontaneamente se justifica e se compreende, se situarmos Eça como um dos grandes mentores da sua geração, geração essa extremamente interventiva e crítica na vida social, cultural e intelectual.

O primeiro traço que ressalta das cartas – aliás já notado pelos seus biógrafos – é o seu amor a Portugal. Metia-o a ridículo, denunciava-lhe sem piedade todas as fraquezas, justamente porque o amava, e se revoltava não o ver como queria, respeitado e audaz. Mas, fora dele, tinha saudades “da infecção do Chiado, “do enxurro do Rossio”. “*Você não compreende decerto este sentimento*”, dizia, de Havana, a Ramalho, “porque nunca esteve exilado”. *O exílio importa a glorificação da pátria. Estar longe é um grande telescópio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa. Assim, eu, de Portugal, esqueci o mau – e constantemente penso nas belas estradas do Minho, nas aldeolas brancas - e frias! - no bom vinho verde que eleva a alma, nos castanheiros cheios de pássaros, que se curvam e roçam por cima do alpendre do ferrador...!*

Note-se que, ausente do país, em virtude das suas funções consulares, proclama-se “exilado”, como se o tivessem banido, num exagero que só se explica pela deformação sentimental.

Fora do país, revela nas suas cartas que não é só do convívio que sente um falta desesperada. Necessitava para estar bem, dos velhos costumes de sua terra, da casa, da comida portuguesa. “*E sabe-se cá fazer o bacalhau de cebolada!*”, comunica a ressumar conforto, em carta escrita pouco depois de casado²²⁷.

²²⁶ Maria João A. F. Simões, *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas*, Dissertação de mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1987, p.1.

²²⁷ *Ibidem*, p. 269.

Sem dúvida, além das lusitanas saudades, escrevia aos amigos dando conta das incertezas da sua vocação, demonstrando sempre uma grande humildade de espírito.

“Com efeito, pela sua correspondência se vê como viveu sempre em apertos financeiros, atormentado pela urgência de extrair da literatura recursos com que cobrisse as deficiências dos vencimentos consulares”²²⁸. As suas cartas a Ramalho Ortigão tratam frequentemente de empréstimos.

Saliente-se que as suas cartas aos amigos são eloquentes.

A carta que abre o volume da sua correspondência com Ramalho Ortigão é, sob este ponto de vista, das mais significativas. Parece responder a queixas do companheiro, e fá-lo chamando-o, logo no cabeçalho, de “*Il.mo e Ex.mo Sr. Burro e Amigo*”. Sim, explica, “*burro é que me parece melhor; mas se V. preferir “camelo”, não tenho a menor dúvida*”.

“Que diabo de carta me escreve V., numa letra miúda e num estilo sibilino? – a propósito do meu rancor e de outros sentimentos sujos?”

Não percebi nada. Dar-se-á o caso – que V. imaginasse, grosso simplório, que eu estava “amuado”? Devia está-lo: V. não se tem dignado pensar que existe algures um velho camarada que pode precisar de vez em quando, duma boa palavra!”²²⁹.

Eça recorreu com frequência à forma epistolar, em correspondência de índole jornalística ou romanesca (*Cartas de Inglaterra, Cartas Familiares e Bilhetes de Paris, A Correspondência de Fradique Mendes, Cartas Inéditas de Fradique Mendes*) ou em prefácios a obras alheias; (...) por outro lado, a inclusão de cartas dele nas *Prosas Bárbaras*, nas *Últimas Páginas* e nas *Notas Contemporâneas* mostra que não passou despercebida aos compiladores a qualidade literária dessas epístolas²³⁰.

²²⁸*Ibidem*, p. 275.

²²⁹ *Ibidem*, p. 278.

²³⁰ Cabbré Rocha, *op. cit.*, p. 328.

“No rol das heranças estimáveis, nada mais precioso do que as cartas íntimas, relíquias que as famílias tinham por costume conservar em caixas próprias, com especiais ataduras e cuidados, particularmente no século XIX, século epistolar por excelência”²³¹. A importância das cartas de amor era, à época, enorme, a ponto como afirma A. Campos Matos, de se saber de cor a primeira carta de declaração de amor ou de pedido de casamento.

Causa justificada perplexidade aos nossos olhos de leitores o requinte da escrita epistolográfica de Eça, mesmo na correspondência *Eça entre os seus*, em que alude sobretudo a pormenores da vida doméstica, o que nos impele a considerá-lo um dos mais brilhantes epistológrafos portugueses.

Se o público a conhecesse, como a conhecem os seus amigos, o público adorar-a-hia, porque V. é verdadeiramente nas letras, de nós todos o melhor. Nenhum padeceu com mais orgulho, nenhum resistiu com mais valor, nenhum trabalhou com mais alegria, nenhum triunfou com mais modestia.

Ramalho Ortigão, carta-prólogo das *Chronicas de Valentina* de M^{ra}. Amália Vaz de Carvalho

A grande escritora **Maria Amália Vaz de Carvalho** (1847-1921) nasceu ao findar a primeira metade do século XIX, numa época em que a vida intelectual feminina em Portugal era, como justamente afirma Thereza Leitão de Barros, “qualquer coisa de irrisório e de artificial”²³². Em 1887, Maria Amália publicou em volume *Serões no Campo*, os seus primeiros estudos de crítica literária, discorrendo sobre a vida e obra da reputada epistológrafa Madame de Sévigné ou sobre a

²³¹ A. Campos Matos, “Introdução”, *Eça de Queiroz – Emília de Castro, correspondência epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, organização, introdução e notas de A. Campos Matos, Porto, Lello Editores, 1996, 2^a. Edição, p.11.

²³² Thereza Leitão de Barros, *Escritoras de Portugal, Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa*, Volume II, Lisboa, 1924, p. 223.

complexa personalidade da escritora e a morte da escritora Georges Sand ou, ainda, sobre a personalidade literária de Castilho.

Em todo o seu labor, a imensa actividade intelectual e a dispersa produção literária de Maria Amália Vaz de Carvalho estendem-se desde a historiografia (*Em Portugal e no Estrangeiro – Ensaios Críticos*, 1899), crítica literária (género em que foi insigne mestre e onde discutiu criticamente os perfis dominantes da cultura portuguesa, em *Serões do Campo* (1877), *Arabescos* (1880), *Pelo Mundo Fóra* (1896), *Figuras de Hoje e d'Hontem*, *Alguns homens do meu tempo* (1902), *Ao correr do tempo* (1906), poesia (poema em quatro cantos a que Castilho deu o título de “Uma Primavera de Mulher” (1867) e *Vozes do Ermo*, (1876), artigos de carácter político, social e filosófico.

Elegemos como primado da obra de Maria Amália o livro *Impressões de História* em que, a par de sínteses evocativas da fisionomia política e social de extensos períodos históricos, vincando os acontecimentos mais notáveis da evolução das mentalidades no nosso país, a historiadora faz também uma série de estudos sobre políticos ingleses e sobre a civilização brasileira e redige com especial interesse o capítulo VIII que intitula Literatura Epistolar²³³.

É impressionante a actualidade destas suas reflexões:

As condições inteiramente transformadas da vida moderna, as mudanças radicais de costumes, hábitos, idéas, sentimentos, deram cabo de muita cousa boa do passado.

Uma das cousas que acabou inteiramente foi a correspondencia epistolar, entre amigos, conhecidos, parentes, e Deus me perdôe, entre namorados!...

As pessoas correspondem-se por telegrammas, postaes illustrados e bilbetes. Fallam-se, atravez de grandes distancias, pelo telephone; sabem umas das outras pelos jornaes. Pelos jornaes se fazem declarações, e pleos jornaes se dizem cousas desagradáveis...

A litteratura de todos os tempos (exceptuando o nosso) está cheia de cartas íntimas deliciosas. Dede Plinio e Cicero, as cartas são a revelação mais sincera e palpitante que uma alma pôde ter de outra alma extranha.

²³³ Maria Amália Vaz de Carvalho, *Impressões de História*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 1910 /1911, nomeadamente o Capítulo VIII “Literatura Epistolar”, pp. 133-162.

Quando são aquelles que as escrevem, ellas dãoos a substancia e o sangue, o cerebro e o coração, a alma e a vida dos seus auctores. Quando são espirituosos ellas dão-nos a quinta essencia do seu espirito. Ha muito pouco quem minta em cartas. Ha muito mais quem minta em palavras. A penna é quasi sempre de uma sinceridade rebelde a qualquer artificio; ella trabe no sentido da verdade a aquele que o maneja.

Mas essa cousa deliciosa acabou. Ninguén n'esta vida de azafama, de tumulto, de vertiginoso rodopio se lembra de pôr dentro de uma carta a um amigo ausente um pedaço do seu coração e do seu espirito! Quando muito, escrevem impressões de viagem... para os jornaes²³⁴.

As *Cartas a Luíza (Moral Educação de Costumes)*²³⁵ integram uma dedicatória a Luíza de Almeida e Albuquerque, escrita em Colares, em Outubro de 1885, em que Maria Amália Vaz de Carvalho explica a razão da publicação das cartas: tratando as cartas de assuntos de interesse exclusivamente feminino, ela exalta o nome da sua interlocutora (“*a ti, formoso talento feminino illuminado por todas as chammas multicores da graça e da bondade, da ironia e da razão*”), distingue-a pelas suas qualidades éticas e morais e desculpa-se pelas imperfeições da obra redigida (“*É de certo indigno de ti, porque não tem a unidade d’uma obra de moral, nem a belleza d’uma obra de arte, mas sei que ha de merecer-te um acolhimento affavel, porque traduz uma convicção e uma fé, porque reflecte, mal formulado embora, um sonho de justiça e de verdade*”) e termina formulando um pedido que é simultaneamente um rasgado elogio (“*Que esta intenção lhe faça perdoar os defeitos do pensamento e os defeitos da forma, e que o teu nome lhe seja auspicioso agoiro da estima e da sympathia das suas outras leitoras*”)²³⁶. Nestas *Cartas a Luíza*, a educadora defende as suas ideias sobre os direitos da mulher, comenta a criação dos liceus femininos franceses e formula votos para que Portugal conceda, do mesmo modo, à mulher portuguesa, essa “carta de alforria” a partir da sua inteligência, do

²³⁴ Maria Amália Vaz de Carvalho, *Impressões de História*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 1910 /1911, pp. 133-134.

²³⁵ D. Maria Amália Vaz de Carvalho, *Cartas a Luíza (Moral, Educação e Costumes)*, Porto, Barros & Filha Editores, 1886.

²³⁶ *ibidem*, as páginas da dedicatória não estão numeradas.

seu estudo e do seu esforço, evidenciando as condições favoráveis em que a mulher culta se encontra em relação à ignorante²³⁷.

As *Cartas a uma Noiva* foram consideradas “o mais fértil guia de educação moral escrito em língua portuguesa”²³⁸. Nesta obra, como menciona Thereza de Barros, Maria Amália começa por manifestar uma superior compreensão do justo equilíbrio de supremacia e de dependência em que a mulher deve conservar-se dentro do lar, descreve a família-tipo, evocando reminiscências da sua feliz vivência conjugal, e frisa o papel benéfico da literatura. Na segunda parte da colectânea, a escritora que perscrutou com tão intensa curiosidade os problemas educativos do seu tempo – e assinala-se ainda hoje a actualidade destas suas reflexões - critica irónica e asperamente os monstruosos programas oficiais que atrofiavam os cérebros infantis²³⁹.

Não é, pois, necessário justificar o valor e a importância da correspondência de uma personalidade como a de Maria Amália. Porque viveu da escrita, nem sempre escreveu da forma mais criativa e reveladora do seu carácter. Muitas vezes escreveu sem o sentir verdadeiramente; sim, escrever é um acto onde o problema da verdade se coloca sempre. Ficção e realidade, verdade e fingimento, objectividade e idealidade – um mundo complexo onde o escritor se movimenta a muito custo, sempre com um grande sofrimento interior.

Nas suas cartas, Maria Amália refere-se a este dilema em que se viu envolvida e, várias vezes, nos mostra que gostaria de escrever uma obra plena de autenticidade. Por conseguinte, as cartas são um manancial de informação a seu respeito para que a possamos compreender, desde a sua natureza de mulher apaixonada, para que

²³⁷ Cf. Thereza Leitão de Barros, *op. cit.*, pp. 263-264.

²³⁸ *ibidem*, p. 265.

²³⁹ E, em conformidade com essa crítica, procede ela própria à escrita e compilação de histórias infantis modelares. Em colaboração com Gonçalves Crespo, Maria Amália publicou o volume *Contos para os nossos Filhos*, uma colecção de narrativas infantis, escolhidas entre as de maior alcance educativo na obra dos grandes mestres da literatura infantil, como Andresen e os Irmãos Grimm.

percebamos melhor as suas ideias e lhe decifremos o carácter²⁴⁰. Ela própria afirma acerca da importância da correspondência epistolar:

“(...) um thesouro inexplorado de cartas, que seriam uma revelação e constituiriam o mais valioso subsídio para a História dos nossos costumes domésticos, que ainda está por fazer.” (...) “As cartas escrevem-se au jour le jour, só para um, para aquela que nos ama, nos compreende, e nos perdõa. Quanta maior espontaneidade quanto mais simples franqueza elles respiram” E contém pequenas cousas que ninguém se atreve a entregar á publicidade, temendo que não interessem. E são as pequenas cousas as que mais interessam afinal de contas à posteridade!”²⁴¹

Teixeira de Pascoaes (1877-1952) *Epistolário Ibérico*

A correspondência de Teixeira de Pascoaes com Unamuno²⁴² vai de 1905 a 1934 e é formada por trinta e uma cartas de grande alcance literário, biográfico e mesmo político. A explicação da tragédia do assassinio do rei D. Carlos, na carta de 17 de Fevereiro de 1908, merece ser atentamente meditada. Noutra carta, de Outubro de 1908, o poeta das sombras, escreve textualmente:

“Portugal é um mistério. É impossível a gente calcular o que virá a ser dele! É uma Pátria que a noite envolve, entregue aos morcegos e às aves agoireiras. Aqui, não se vê um palmo adiante do nariz; é tudo confusão e sombra. Quem está longe talvez veja mais claramente; e, por isso, espero ansiosamente o seu livro que há-de fazer alguma luz”²⁴³.

Fernando Pessoa (1888-1935)

²⁴⁰ Amaro Carvalho da Silva, *Esboço da Vida e Obra de Maria Amália Vaz de Carvalho*, Lisboa, Edição E.S.M.A.V.C, 1997, p. 229.

²⁴¹ Maria Amália Vaz de Carvalho, *Impressões da História*, 1910, Parceria A.M. Pereira, 1910 /1911, pp. 134, 136 e 138.

²⁴² *Epistolário Ibérico, Cartas de Pascoaes a Unamuno*, prefácio de Joaquim de Carvalho e Manuel Garcia Blanco, Nova Lisboa, 1957.

²⁴³ *Epistolário Português de Unamuno*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1978, Introdução, leitura e notas de Angel Marcos de Dios, p. xvii.

“O tom das relações epistolares entre Fernando Pessoa e os directores da Presença é diferente do que caracteriza a correspondência com representantes da sua geração”²⁴⁴. Pessoa nutria consideração por Régio, afirmando-lhe reiteradamente a sua admiração pelas qualidades artísticas e intelectuais do autor dos Poemas de Deus e do Diabo. Com João Gaspar Simões a correspondência é mais assídua e serve amiúde para sublinhar a necessidade de aperfeiçoar alguns textos ou para elaborar algumas críticas literárias a livros enviados. Com Adolfo Casais Monteiro, as cartas são mais espaçadas e são dedicadas principalmente à oferta de livros e à explanação dos respectivos comentários.

Fernando Pessoa envia as suas missivas a um círculo de amigos, literatos ou intelectuais que, segundo Manuela Parreira da Silva, “podem distribuir-se segundo uma hierarquia não despicienda. A correspondência trocada deixa perceber o lugar ocupado por Alberto da Cunha Dias, Ferreira Gomes, Armando Côrtes-Rodrigues, Raul Leal, Mário de Sá-Carneiro”²⁴⁵.

Por outro lado, a correspondência amorosa de Pessoa mostra a vulnerabilidade do Poeta, o seu receio de não ser correspondido e, em nossa opinião, a autenticidade. É nesta linha interpretativa que David Mourão-Ferreira descodifica estas cartas, ou seja, como “anti-ficções”, como “documentos de evidente e maciça autenticidade”²⁴⁶. Esta ideia é rebatida por Parreira da Silva quando afirma: “que é nos interstícios do amor e da expressão desse amor, isto é, na mediação epistolar, que se abre um espaço para a ficção”²⁴⁷.

²⁴⁴ Enrico Martines, “Introdução”, *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*, Edição e estudo de Enrico Martines, Lisboa – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. II, 1998, p.28.

²⁴⁵ Manuela Parreira da Silva, *Realidade e Ficção - para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p.72.

²⁴⁶ Cf. David Mourão-Ferreira, *Posfácio “Estas “cartas de Amor” de Fernando Pessoa”*, *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Edições Ática, 1978, pp. 177-222.

²⁴⁷ *ibidem*, p. 97.

O acervo da correspondência de negócios de Pessoa é imenso e decorre obviamente da sua profissão de tradutor e correspondente estrangeiro que tem como principal função a de servir de intérprete de negócios das casas comerciais a que está ligado. No entanto, o que se constata é que ele não desempenha o simples papel de intermediário, sendo, efectivamente interventivo nesses diálogos comerciais²⁴⁸.

Foi recentemente publicada toda a correspondência conhecida de Fernando Pessoa, onde se incluem novas cartas inéditas provenientes quer do espólio pessoano da Biblioteca Nacional, quer de um pequeno espólio em posse da família do poeta, como explica em nota prévia, a organizadora, Manuela Parreira da Silva²⁴⁹. É igualmente da autoria desta investigadora o exaustivo estudo sobre a biografia epistolar de Fernando Pessoa que após uma brilhante reflexão teórica o discurso epistolar, procede à categorização temática de todo o acervo, ilustrando com múltiplas passagens desses diferentes diálogos com o mais diversos correspondentes.

Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)

*“Eu nunca pude fundir o corpo e a alma numa proporção normal. O meu corpo andou sempre separado, independente da alma... e como materialmente corpo e alma formam um todo... daí a minha inquietação incessante”*²⁵⁰.

Este excerto de uma missiva de Mário de Sá-Carneiro a Ricardo Teixeira Duarte resgata já um pouco da personalidade deste poeta que não pode ser esquecido como importante epistológrafo.

²⁴⁸ Cf. Parreira da Silva, *op. cit.*, p. 144-147.

²⁴⁹ Em dois volumes: *Correspondência Fernando Pessoa (1905-1922)* e *Correspondência Fernando Pessoa (1923-1935)*, edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.

²⁵⁰ Esta carta foi publicada por Fernanda Toriello, *La Ricerca Infinita, Ommagio a Mário de Sá-Carneiro*, Bari, Ed. Lusitania/Libri, 1987, p. 30, *apud* Galhoz 1990, p. 13.

É imperioso realçar a importância do conhecimento da correspondência de Mário de Sá-Carneiro, como, de resto, oportunamente destacou Maria Aliete Galhoz: “A primeira grande fonte, posteriormente dada a conhecer, confirmando a obra de Mário de Sá-Carneiro e, mais ainda, acutilantemente reveladora do homem e do artista que foi, consistiu sem dúvida na correspondência de amigos que manteve, de alma a alma, com Fernando Pessoa”²⁵¹.

Essa correspondência que dá conta da inquietação interior do Poeta, “votado que estava ao fulgor e à brevidade”²⁵², é um retrato do seu infeliz e decadente percurso de vida e é simultaneamente um aceno constante, uma súplica de afecto, de amor e carinho. As cartas de Paris, cidade onde compôs grande parte da sua obra e de onde escreveu ao seu confidente Pessoa revelam o seu lado boémio, inadaptado, instável.

Esta valorização da correspondência trocada entre 1912 e 1916 é corroborada por Ana Nascimento Piedade quando afirma: “É precisamente aqui que escreve a maior parte das cartas a Fernando Pessoa, documento imprescindível para observar como o Poeta frui este contacto mais directo com a arte e a literatura modernas que a circunstância de estar onde as coisas acontecem lhe propicia”²⁵³.

As cartas que trocou com Pessoa entre 1912 e a data do seu suicídio dão conta das suas frustrações interiores, do seu desequilíbrio emocional, dos seus excessos, das suas alucinações, num registo de escrita muito próximo ao de um diário.

Atente-se nesta passagem de uma das últimas cartas escrita no dia 17 de Abril de 1916:

²⁵¹ Maria Aliete Galhoz, “Itinerário humano de Mário de Sá-Carneiro”, *Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)*, Biblioteca Nacional, Presidência do Conselho de Ministros e Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.15.

²⁵² *ibidem*, p.15.

²⁵³ “Mário de Sá-Carneiro ou a reposição permanente dos enigmas”, *Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)*, Biblioteca Nacional, Presidência do Conselho de Ministros e Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.48.

“ (...) Não sei onde isto há-de ir parar. Porque a minha situação – encarada de qualquer forma – é insustentável. Um horror. Perturbante, arrepiante, o que me conta do seu estado de alma nos meus dias agudos. Mas natural. Se eu penso em você? Mas a todos os momentos, meu querido Amigo. Em quem eu hei-de pensar senão em você?”²⁵⁴

Também Fernando Pessoa escreve a outro grande amigo Armando Côrtes-Rodrigues, informando-o do abalo que lhe provocara a morte do amigo:

“Meu querido Côrtes-Rodrigues

Não lhe tenho escrito. Tenho atravessado uma enorme crise intelectual. E agora estou muito pior, com a enorme tragédia que nos aconteceu a todos.

O Sá-Carneiro suicidou-se em Paris no dia 26 de Abril.

Não tenho cabeça para lhe escrever mas não quero deixar de lhe comunicar isto.

Claro está que a causa do suicídio foi o temperamento dele, que fatalmente o levaria àquilo.

Houve, é claro, uma série de perturbações que foram as causas ocasionais da tragédia.

(...) Uma grande desgraça²⁵⁵.

Quanto à a história da epistolografia no século XX, esta tarda em ser iniciada. Os poucos estudos teóricos em Portugal que versam o género epistolar detêm-se nos escritores modernistas. A obra de referência que citámos longamente neste capítulo, de Andrée Rocha, termina justamente com curtas referências aos epistolários de Mário de Sá-Carneiro e de Florbela Espanca.

Da mesma forma, as duas extensas entradas que a Enciclopédia *Biblos* dedica ao tema (“Carta” e “Epistolografia”²⁵⁶) terminam referindo, respectivamente, as

²⁵⁴ Mário de Sá-Carneiro, *Correspondência com Fernando Pessoa* (Agosto 1914-Abril 1916), Edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. II 2004, p.176.

²⁵⁵ *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, Joel Serrão (org.), Lisboa, Confluência, 1945, pp. 76-77.

²⁵⁶ António Manuel Rebelo, “Carta”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/ S. Paulo, Verbo, Volume 1, 1995, pp. 1000-1006. E de Aníbal Pinto Castro, “Epistolografia”, em Portugal, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/ S. Paulo, Verbo, Volume 2, 1997, pp. 328-333.

Cartas de Eco e Narciso de António Feliciano de Castilho e enumerando apenas escritores, tais como Pessoa, Sá-Carneiro, José Régio e Vitorino Nemésio.

E quando se esperava que o recente *E-Dicionário de Termos Literários*, recentemente colocado *online*, sob a égide Carlos Ceia, actualizasse este estagnado panorama nacional, constatamos que as únicas referências que aparecem relativamente à epistolografia do século XX se reportam ao romance epistolar, nomeadamente à obra *Novas Cartas Portuguesas* (1ª. Edição 1972) de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa e ainda ao romance *O defunto Elegante*, de Luísa Costa Gomes e Abel Barros Baptista (1996). A entrada “Epístola” deste dicionário antecipa, inclusivamente, a morte da epistolografia ao afirmar: “No final do século XX, a epistolografia parece ser inconsequente quando está a desaparecer cada vez mais a prática da escrita de uma carta tradicional, face ao pragmatismo do fax, do telefax, do e-mail, da videoconferência, do chat, etc.”²⁵⁷.

Em suma, traçámos uma breve panorâmica das raízes da epistolografia. Este percurso cronológico pelos mais importantes epistológrafos portugueses publicados mostra certamente esta permanente tensão que o epistolar encena: entre o público e o privado, entre a realidade e a ficção, entre a euforia do fragmento de memória conservado e vicissitude da palavra extraviada e corruptível.

Pretendemos, neste capítulo, mostrar que a epistolografia deve ser, por excelência, um repositório da história da cultura e da literatura e que os factores que motivam a escrita epistolográfica variam enormemente, de acordo com as épocas, com os papéis dos correspondentes e com as intenções dos mitentes: se as primitivas missivas portuguesas devem ser entendidas como meros documentos de administração (excepção feita à carta que D. Pedro escreveu de Bruges, em 1426, ao

²⁵⁷ Carlos Ceia, “Epístola”, *E-Dicionário de Termos Literários*, coordenação de Carlos Ceia, <http://www.fcsh.unl.pt/>

rei D. Duarte), com os Descobrimentos, a carta adquire uma nova dimensão como forma de comunicação social e política. Por outro lado, no Renascimento, sob a égide dos modelos clássicos, em especial de Cícero, Damião de Góis e D. Jerónimo Osório imprimem ao *modus* um pendor literário. O Barroco, por sua vez, constitui uma época áurea da epistolografia, explicitando Rodrigues Lobo, pela primeira vez, o preceituário teórico inerente ao género. Outros epistológrafos desta época (D. Francisco Manuel de Melo, Padre António Vieira, Frei António das Chagas) servem-se igualmente deste meio em prol da direcção espiritual dos leitores.

Como afirma Aníbal Pinto Castro “a reacção anti-barroca não diminuirá a importância do género, trazendo-lhe um novo compêndio de teoria e prática com o *Secretario Português*, de Francisco José Freire (Cândido Lusitano) onde não só se fixavam as regras de “secretaria” e os “formulários de tratamento”, como se davam exemplos de toda a sorte de missivas”²⁵⁸.

São desta época os epistolários do Cavaleiro de Oliveira e da Marquesa de Alorna que em muito contribuem para o conhecimento da sociedade da época.

A partir do Romantismo, o género epistolar ganha naturalmente um carácter mais intimista e confessional que nem sempre lhe é ditado pela espontaneidade, pois os laivos literários vão impregnar grande parte dos textos produzidos por Garrett, Herculano, Camilo, Antero, Eça, Ramalho, Pessoa, Sá-Carneiro e pelas gerações posteriores.

A história da epistolografia do século XX continua por realizar. As correspondências dispersas por arquivos, as caixas de missivas guardadas em espólios inacessíveis, mesmo em instituições públicas, ou, malgradamente, os maços de cartas e postais avulsos ignorados ou extraviados nas colecções privadas, fundam um imenso e fecundo filão que urge explorar.

²⁵⁸ Aníbal Pinto Castro, “Epistolografia”, em Portugal, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/S. Paulo, Verbo, Volume 2, 1997, pp. 328-333.

Conclusão

Nesta Parte I, procurámos desenvolver com sentido lógico três perspectivas que, embora articulando conceitos de áreas do saber díspares, mas complementares, concorrem para a descrição do que defendemos ser o género epistolar.

Procurámos rever prévia e sucintamente o âmbito terminológico do conceito de epistolar, defendendo a necessidade de o dignificar e de o elevar à categoria de género, explicitadas as múltiplas formas e manifestações do quotidiano em que se elege esta forma discursiva e comunicativa.

Posteriormente, ao pretendermos convocar para este estudo os textos epistolográficos portugueses mais representativos ao longo dos séculos, constatámos, com decepção, que existia um enorme vazio, quer relativamente ao seu simples conhecimento genérico, quer à sua proveitosa divulgação, sendo ainda menor ou quase inexistente a investigação sobre este género textual. Propusemo-nos então, seguindo uma perspectiva diacrónica, esboçar uma breve historiografia da epistolografia portuguesa. A concisão que, de início, estabelecêramos como parâmetro do percurso, foi dificilmente observada, tendo-se dilatado a sua extensão, na medida em que descobrimos - a par e passo da leitura de mais, mais valiosos e mais interessantes documentos epistolográficos - que, quer pela relevância dos seus conteúdos, quer pelo arquétipo da sua escrita, merecem figurar entre o *corpus* da epistolografia portuguesa que recenseámos.

Restringida a nossa investigação aos textos de carácter familiar, foi igualmente necessário explicitar as origens da nossa epistolografia, tendo, a esse propósito, remontado a nossa pesquisa às origens clássicas greco-latina, embrião da nossa história cultural.

Neste capítulo convocámos noções de história literária para a periodização que se exigia, de história da língua, essencial para a leitura e interpretação de muitas

missivas em análise, de crítica literária¹, no sentido de clarificar as redes de relações textuais que a vertente comunicativa institui, e, porque a investigação versa rotinas verbais, aborda mecanismos retóricos e valoriza relações interpessoais², activámos conceitos de linguística do texto³ e, particularmente, de pragmática textual⁴.

Esta abrangência de áreas complementares ilustra a importância da abordagem do fenómeno epistolar, não só como fenómeno verbal propriamente dito, mas, sobretudo, como acto comunicativo, mediado pelo carácter emergente da escrita, com um efeito perlocutório não despidendo e, conseqüentemente, como interacção cultural, marcada pela familiaridade das rotinas, códigos e normas que edificam a sua estrutura, que contribuem para a sua definição como género, independentemente dos fins comunicativos a que se destine, das temáticas que aborde, ou da tipologia que possa ser exibida.

As Teorias do Epistolar que deixamos consignadas têm pesos diferentes na consecução do nosso trabalho e compreender-se-á melhor a sua relevância, se superarmos a sua origem (os congressos que ditaram uma grande dinâmica a este nível) e se tivermos em conta a importância crescente da sua aplicabilidade no devir dos estudos sobre epistolografia.

¹ Serge Doubrosky evidencia essa actividade de decifração que subjaz a crítica, quando escreve “Puisque toute expression est à la fois manifestation et dissimulation, la critique consistera à révéler ce qui se cache et à raccorder ce qui se donne à ce qui se dérobe, dans un effort pour dégager la totalité de l’expression”, in Serge Doubrosky, *Pourquoi la Nouvelle Critique*, Paris, Denoël/Gonthier, 1966, p. 207, *apud* Carlos Reis, *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina, 1981, p. 26, nota 8.

² Convém acentuar que este interesse crescente pelas teorias da delicadeza nas interacções do quotidiano se insere num conjunto de reflexões mais abrangente que visa descrever o conjunto de procedimentos que accionamos no quotidiano para a preservação do carácter harmonioso das relações interpessoais. Cf. Robin Lakoff, «The Logic of Politenesse», *Papers from the Eight Regional Meeting*, Chicago Linguistic Society, 1973, pp. 183-228, P. Brown & S. Levinson, *Some Universals in Language Use*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983 e Goffman E., *Les Rites d’Interaction*, Paris, Minit, 1974.

³ A linguística do texto, termo primeiramente avançado por Harald Weinrich (1967) para uma das orientações mais produtivas da linguística contemporânea, concebe a textualidade como um conjunto de características, tais como a coesão e a informatividade, que se revestem de funções comunicativas específicas. Surge frequentemente sob as designações de gramática textual e de teoria do texto, sendo o texto considerado não como um produto físico, mas como um processo dinâmico de expressão e de interpretação. (*apud* Ermida 2003 : 167). Sobre estas distinções terminológicas, ver, por exemplo, Halliday, M. A. K. & Hasan, Ruqaiya, «System and Text : Making Links», *Text*, 20 (2), pp. 201-210 e no panorama nacional, Maria Antónia Coutinho, *Texto(s) e Competência Textual*, Dissertação de Doutoramento, F.C.S.H. Universidade Nova de Lisboa, 1999.

⁴ A pragmática textual, como corrente de estudo do discurso, é entendida no sentido transversal que está sintetizado no verbete «Pragmatique», que consta do *Dictionnaire d’Analyse du Discours*, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (dir.), Paris, Seuil, 2002, pp. 454-457.

As teorias de filiação histórico-literária representam contributos incontornáveis, sendo a importância assumida pelos teorizadores da escola francesa, que notavelmente se distinguiram nesta análise, reforçada quando verificamos os elementos estruturantes que caucionam e justificam a confluência das restantes teorias. Sobrelevamos a obra de Haroche-Bouzinac⁵, visto que abre caminho a uma abordagem heurística do texto epistolar, sublinhando o seu carácter de escrito pessoal⁶, fragmentário e despoletando pela primeira vez a reflexão sobre esta dúvida própria do discurso dos ausentes: “Est-elle (la lettre) un moyen d’effacer la distance ou de tenir à distance l’autre, le destinataire idéal avec lequel s’est établi un contrat épistolaire?”⁷.

Por sua vez, as teorias de reflexão sociológica e antropológica oferecem um conjunto de reflexões que privilegiam o estudo das cartas enquanto objectos de construção e manutenção de relações familiares ou sociais, e que pela frequência que exibem estes escritos possibilita uma focalização nas rotinas verbais mais relevantes⁸.

A nossa filiação no paradigma da análise comunicativa encaminhou-nos para uma decorrente dimensão pragmática em que a interacção epistolar, nos seus processos de construção e de posterior leitura e interpretação funcionam dialogicamente. Efectivamente, é fundamental considerar, numa tentativa de análise integrada, os princípios comunicativos subjacentes ao estabelecimento do contacto, em detrimento da descontinuidade espaço-temporal.

⁵ Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995.

Consciente desta mesma problemática, Vincent Kaufmann tenta dilucidar as motivações atinentes à ausência em *L'Équivoque Épistolaire*, Paris, Minuit, 1990, explicitando que a escrita epistolar é «une activité de résistance à l'Autre», p. 56.

⁶ A opção pela designação “escritos pessoais” é hiperónima relativamente ao conceito mais difundido de escritos autobiográficos. A análise destes textos conhece presentemente um certo incremento patente, por exemplo, num dos mais recentes trabalhos de Philippe Lejeune, *Les Bronillons de Soi*, Paris, Seuil, 1998 e na obra de Thomas Clerc, *Les Écrits Personnels*, Paris, Hachette Supérieur, 2001.

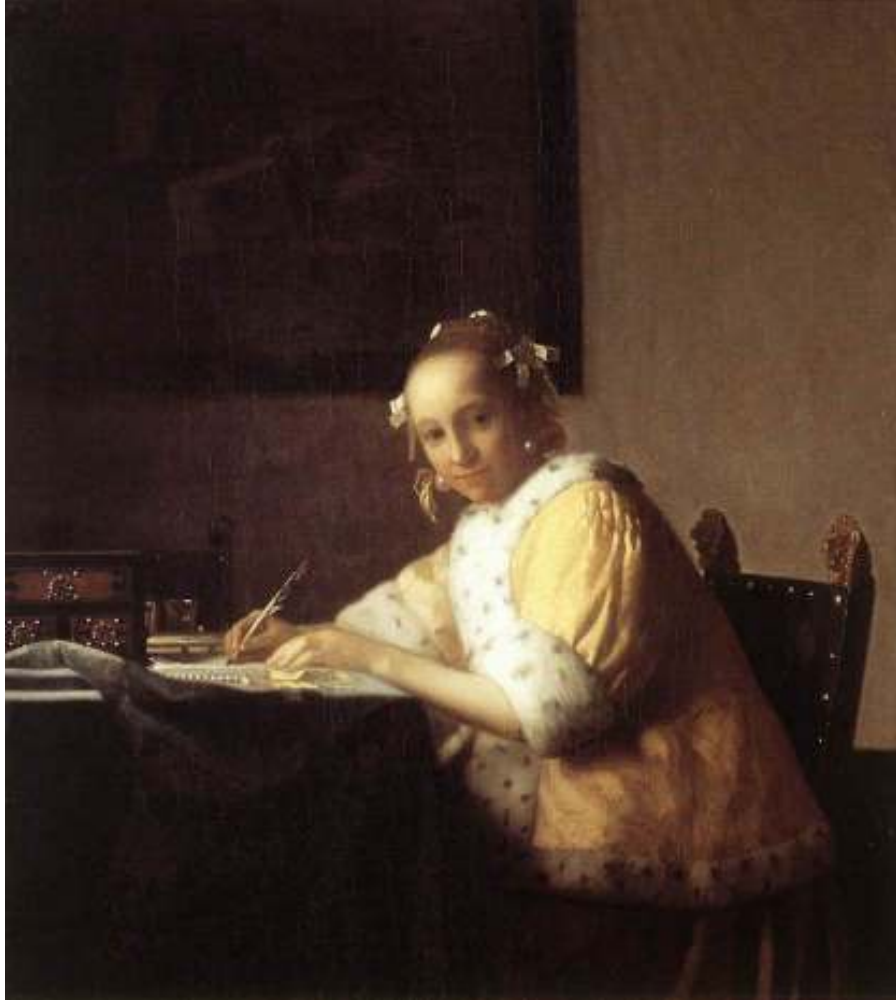
⁷ Tal como Haroche-Bouzinac (*op. cit.*) e consciente desta mesma problemática, Vincent Kaufmann tenta dilucidar as motivações atinentes à ausência em *L'Équivoque Épistolaire*, Paris, Minuit, 1990.

⁸ Como, de resto, é justificado nesta introdução “Dans cette perspective anthropologique, la correspondance familiale peut être tenue pour le produit d’une pratique ritualisée où les individus, confrontés à un ensemble de références et de modèles, doivent classifier la réalité et réévaluer leurs relations aux autres”, C. Dauphin, P. Lebrun-Pézerat e D. Poublan, *Ces Bonnes Lettres, Une Correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin Michel, 1995, p. 99.

Apesar das limitações e mau grado a escassez de abordagens linguísticas, três das que revimos advogam explicitamente a necessidade da confluência da perspectivação pragmático-retórica. No entanto, os contributos para a análise linguística da interacção epistolar não podem resumir-se a desvendar especificidades, não devem reduzir-se ao elenco de uma sucessão de estruturas sequenciais autónomas, impondo-se uma análise textual integrada. Neste sentido retomam-se algumas questões lapidares: quais os princípios estruturais e pragmáticos do discurso *in absentia* e quais as estratégias de enunciação deste discurso?

A pertinência destas perguntas mostra-nos que a análise do texto epistolar implica, na senda da contribuição de Diaz que este seja encarado como um objecto compósito: “Il fonctionne, pourrait-on dire, selon la logique de l’*interface*: il met en correspondance des éléments hétérogènes selon un système variable et souvent imprévisible d’embrayages. Mais ce que l’*interface* épistolaire met en correspondance, en réalité, ce ne sont pas des personnes – comme on serait tenté de penser – que des discours et des postures énonciatives⁹.”

⁹ Brigitte Diaz, *L’Épistolaire ou la Pensée Nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 63.



Vermeer, Jan
A Lady Writing a Letter
1665-66
Oil on canvas
National Gallery of Art, Washington

ESCREVER, COMUNICAR, CORRESPONDER-SE

Parte II

Introdução

O texto epistolar é, na sua génese, um texto de comunicação.

Utensílio de trabalho, de conhecimento e de progresso, suporte de memórias, testemunho do seu tempo, enganador da ausência, edificador de personalidades, decifrador e desvendador de sigilos, de tramas, de conflitos, são múltiplas as funções capitais da correspondência que extravasam o seu desempenho primeiro que é o de comunicar, de colocar em comum, compartilhar ideias e sentimentos, como sugere a etimologia da forma verbal.

Nesta Parte II, passamos em revista, no primeiro capítulo, as teorias e modelos que, estudando a comunicação interpessoal, a interpretam e justificam construindo explicações, quase sempre de carácter metafórico, que vão desde a máquina, ao organismo vivo, até à orquestra.

Fazendo uma retrospectiva e, cotejando os modelos da comunicação, agora recenseados, e que explicaram, ao longo de décadas o complexo processo comunicativo, com as teorias do epistolar, que expusemos no capítulo II, da Parte I, questionámo-nos sobre a aplicabilidade dos diferentes sistemas à presente investigação.

Encarar o epistolar como uma realidade fragmentada, cenário de tentativas literárias, observá-lo à luz de explicações puramente tecnológicas, valorizar o contexto, centralizar-se no receptor, sobrelevar a importância da mensagem semiótica, circunscrevermo-nos à componente interactiva (na sequência dos trabalhos de Goffman (1974), limitar-nos às análises sequenciais, na senda de Adam (1998), serviu-nos como matéria de reflexão, de análise, na medida em que a aplicação à comunicação epistolar suscitava conceitos e operações transversais a todas as teorias e não propriamente idiossincráticas a cada uma.

Esse juízo crítico levou-nos a interrogarmo-nos sobre a hipotética complementaridade, concebendo, então, fundado na manifesta flexibilidade do texto epistolar, um modelo próprio de análise, que designámos **Modelo de Análise**

Interaccional da Comunicação Epistolar - AICE, que explicitamos no segundo capítulo.

A validação do modelo teórico, por nós criado e apresentado, não segue, propositadamente, o cânone da investigação linguística. Num primeiro passo, para aferir da operacionalidade do novo modelo, este é aplicado na análise de textos epistolares, do tipo familiar, cronologicamente distantes, com temáticas díspares.

Em seguida, centrámos a atenção no núcleo da superfície discursiva e recenseámos as rotinas verbais que comprovadamente configuram o género, enfatizando ao nível pragmático-argumentativo, a especificidade dos *topoi* epistolares. Não proceder a análises repetitivas e exaustivas de cartas foi um dos critérios que definimos, em virtude de se afigurar mais significativa e esclarecedora a análise das categorias linguísticas dominantes no conjunto e que contribuem, de forma inegável, para a singularização do género epistolar.



Corot, Jean-Baptiste-Camille
The Letter
1865
Oil on wood

H. O. Havemeyer Collection, Gift of Horace Havemeyer

Capítulo 1 – A Comunicação Onnipresente: discussão dos modelos comunicativos

«D’Aristote aux sémioticiens modernes, toutes les théories de la communication ont été fondées sur un seul et même modèle, que nous appellerons modèle du code. Selon ce modèle, communiquer c’est d’abord coder et décoder des messages».

Sperber et Wilson (1989: 131)¹

«Si communiquer c’est d’abord “avoir en commun”, le monde moderne et les réseaux qui le maillent ne cessent de renouveler nos façons d’être ensemble, et de ramifier nos mondes en les morcelant.»

Daniel Bounoux²

A comunicação rege o espaço público, o espaço interpessoal, o espaço mediático.

Invoca-se a comunicação – ou a sua ausência – quando surge um desentendimento ou um conflito na vida privada, na escola e na empresa, na vida pública e política do bairro ou da cidade, nos governos dos países aliados ou inimigos.

A comunicação subjuga igualmente o nosso espaço interpessoal, governa os nossos afectos e o mais íntimo de nós.

Na sua dimensão mediática, através dos jornais, da rádio, da televisão, da Internet, a comunicação é responsável pelo nosso conhecimento do mundo e pelo nosso lugar no mundo. Determina o nosso empenho, influencia os nossos gostos, impera nas nossas decisões. Se, por um lado, ao instruir, cria representações supostamente verdadeiras, por outro, ao serviço da manipulação e da propaganda, origina representações duvidosas e falsas.

¹ Sperber D. & Wilson D., *La pertinence. Communication et cognition*. Paris, Éditions de Minuit, 1989.

² Bounoux, Daniel, «Les Territoires de la Communication», *La Communication, États des savoirs*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, 1998, p. 30.

Partimos de uma distinção banal que se observa ao nível das práticas do quotidiano e que nos conduz à utilização da forma verbal “comunicar”, quer transitiva quer intransitivamente. Podemos, desta forma, aferir que pelo menos duas acepções são comuns para esta forma:

- Comunicar alguma coisa a alguém: comunicar uma mensagem, uma opinião, um desejo, uma impressão, um juízo de valor;
- Comunicar, no sentido de estar ou iniciar um contacto com alguém, usando-se esta forma intransitivamente: “Gostava de conseguir comunicar mas não sou ouvida! É com ele que comunico melhor!”

Efectivamente, a comunicação encerra estas duas finalidades: transmitir o conteúdo de uma mensagem e definir, edificando, a relação entre os interlocutores.

Etimologicamente é comumente invocada a origem latina de comunicação *communicare*: pôr ou ter em comum, o mesmo que *comungar*³ e serve a etimologia, a evolução semântica e as acepções distintas para ilustrar as duas maneiras também dicotómicas de perceber e descodificar a comunicação. Durante mais de três séculos, a evolução do pensamento e da ciência do mundo ocidental teve como base o método analítico que consistia em compreender o real a partir do isolamento, da decomposição e da observação dos seus elementos constituintes. Hoje em dia, a análise das relações, a abordagem global, as investigações pluridisciplinares constituem as novas preocupações e sustentam os novos modos de apreensão do mundo.

Se almejamos descrever e analisar um processo de comunicação, sentimos necessidade de recensear os diferentes modelos que formalizaram este objectivo.

Os primeiros foram modelos técnicos que surgiram da necessidade de explicar a transmissão de sinais nos sistemas de telecomunicações. Estes esquemas, inspirados em funcionamentos mecânicos, mostraram-se, entretanto, insuficientes para elucidar a complexa comunicação humana que, para além de ser uma relação conversacional e linguística, assenta numa complexa relação psicossocial,

³ Machado, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, Livros Horizonte, 1987, p. 198.

patenteando o processo interactivo que lhe subjaz, perspectiva esta que está no cerne dos modelos interaccionistas que adiante desenvolveremos.

Quando sentimos necessidade de estabelecer um critério selectivo dos modelos de comunicação mais relevantes, a decisão tornou-se extremamente difícil. Esta compilação, esta escolha, que não pretende ser exaustiva, reflecte a intenção subjacente de constatar uma visão pluridisciplinar inerente ao estudo da comunicação. O modelo de Shanon corresponde a uma teoria matemática da comunicação, o da teoria da informação deve ser situado no âmbito da sociologia, o modelo transaccional é manifestamente inspirado nas teorias psicológicas, enquanto o modelo de Jakobson é subsidiário dos esquemas linguísticos. A ordem de exposição destes distintos modelos baseia-se num critério meramente cronológico⁴.

1. Teorias positivistas

1.1. Teoria matemática da informação⁵

A teoria da informação é uma teoria estática da comunicação que nasceu dos trabalhos de Hartley, Szilard, Wiener e Shanon. Antes de explicar propriamente o modelo de Shanon é interessante delimitar o âmbito da teoria matemática da comunicação e mostrar que ela se centra essencialmente na transmissão eficaz das mensagens. Esta teoria foi elaborada por matemáticos e engenheiros de telecomunicações que se interessavam sobretudo pela transmissão de sinais, independentemente do seu conteúdo. Inspirada nos esquemas de transmissão de energia desenvolvidos no âmbito das ciências físicas (ondas electromagnéticas e electro-acústicas) definiu a comunicação humana como um processo de transmissão entre uma fonte (o emissor) e um receptor, segundo um sistema simétrico. A teoria de Shanon enuncia uma fórmula que permite medir e quantificar a informação

⁴ Ver Rodrigo Alsina, Miquel, *Los Modelos de la Comunicación*, Madrid, Editorial Tecnos, 1995, cap. III.

⁵ Shannon, C. & Weaver, W. *The mathematical theory of communication*, Urbana, The University of Illinois Press, 1949. Cf. *Théorie mathématique de la communication*, Paris, Retz-CEPL, 1975. Este modelo é descrito, comentado e avaliado por diferentes autores, entre os quais destacamos Escarpit, R. *Théorie générale de l'information et de la communication*, Paris, Hachette 1976 e Miller, G. A. *Language and Communication*, New York, McGraw-Hill, 1963.

contida nas mensagens. Nesta teoria designa-se “informação” um valor matemático que possui uma relação inversa entre a probabilidade dos sinais e a informação transmitida”. As operações de codificação pelo emissor e decodificação pelo receptor são igualmente traduzidas por uma fórmula matemática, em que a informação é proporcional ao logaritmo binário da probabilidade de cada elemento da mensagem:

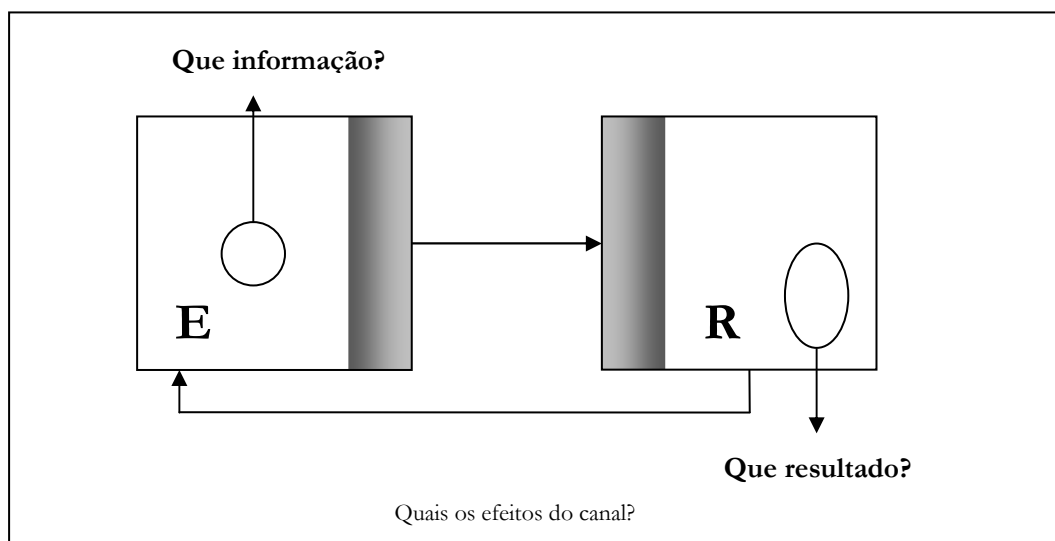
$$H = \sum \pi_i \log_2 \pi_i$$

em que H é a informação e π é a probabilidade de cada elemento. Esta fórmula aplica-se nos casos da mensagem ser formada por sinais discretos. A informação exprime-se em *bits*⁶, ou seja, é dada pelo número de alternativas necessárias para suprimir a incerteza da mensagem e suspender a ambiguidade.

A teoria de Shanon provocou rapidamente o interesse de psicólogos e, sobretudo, nos Estados Unidos, empreenderam-se variadíssimos estudos para tentar aplicar as fórmulas desta teoria à comunicação humana, perseguindo o objectivo de medir a capacidade do homem como canal de transmissão, como veículo de informação. A teoria de Shanon, apesar de linear e unidireccional, teve uma grande influência para os estudos da comunicação e algumas das causas dessa influência relacionam-se com a sua fácil extrapolação, convertendo-se num modelo de comunicação elementar (Eco 1977: 71-76)⁷, caracterizado pelas vantagens das teorias matemáticas, que vão desde a não ingerência de ambiguidades, à possibilidade de dedução estrita, até à verificação exacta dos dados observados.

⁶ Esta unidade de medição da informação foi proposta por Claude Shannon que era engenheiro na Bell Telephone e investigador no célebre Massachusetts Institut of Technology (MIT). Esta unidade, *bit* (*binary digit*) foi definida como a informação transportada por um sinal de probabilidade $\frac{1}{2}$.

⁷ Eco, Umberto *Tratado de Semiótica General*, Barcelona, Lúmen, 1977.



Esquema 1: Modelo da teoria da informação
(adaptado e simplificado de Mucchieli, *op. cit.* p. 67)

Empreenderam-se inúmeras investigações, sobretudo nos Estados Unidos, para tentar aplicar as fórmulas da teoria matemática da informação à comunicação humana. A maior parte dos trabalhos desenvolvidos tiveram por objectivo medir a capacidade do homem como veículo de informação, como canal de transmissão. Mostrou-se, desta forma, que o limite superior da capacidade de transmissão humana se situa aproximadamente em 25 bits/segundo e prosseguiu-se esta pesquisa relativamente à memória. A influência maior da teoria de Shannon foi, todavia, a generalização do emprego nas áreas da linguística e da comunicação social de termos como emissor, receptor, interferência, ruído, redundância. Efectivamente, os conceitos de base da teoria da informação são de uma tal generalidade que é possível aplicá-los a qualquer outra disciplina, desde a matemática à sociologia. Mas se Shannon apenas aplicava o termo comunicação como sinónimo de transmissão, Weaver, contrariamente, amplificou o alcance da designação e orientou os trabalhos do seu mestre, alargando-a a uma teoria do comportamento humano:

«Le mot communication sera utilisé ici dans un sens très large incluant tous les procédés par lesquels un esprit peut en influencer un autre. Cela, bien sûr, comprend non seulement le langage écrit ou parlé, mais aussi la musique, les arts plastiques, le théâtre, la danse, en fait tout comportement humain »⁸.

⁸ Shannon, C. & W. Weaver, *op. cit.* 1975. p. 31.

Provou-se, a partir de inúmeras experiências laboratoriais, que este modelo linear era limitado, inapropriado e insuficiente para pensar e explicar a comunicação, dado que fora unicamente concebido para responder a problemas técnicos das telecomunicações e estava centrado unicamente no conteúdo e na transferência da informação, não podendo o ser humano ser reduzido a um papel de mera linha telefónica ou telegráfica.

Esta teoria matemática da comunicação apresenta, pois, umas limitações epistemológicas importantes, dado que não inclui os sincretismos semióticos complexos (ex.: a proximidade espacial, a gestualidade, códigos culturais, códigos axiológicos e estéticos⁹) que fazem dos participantes comunicadores competentes, mais do que meros autómatos.

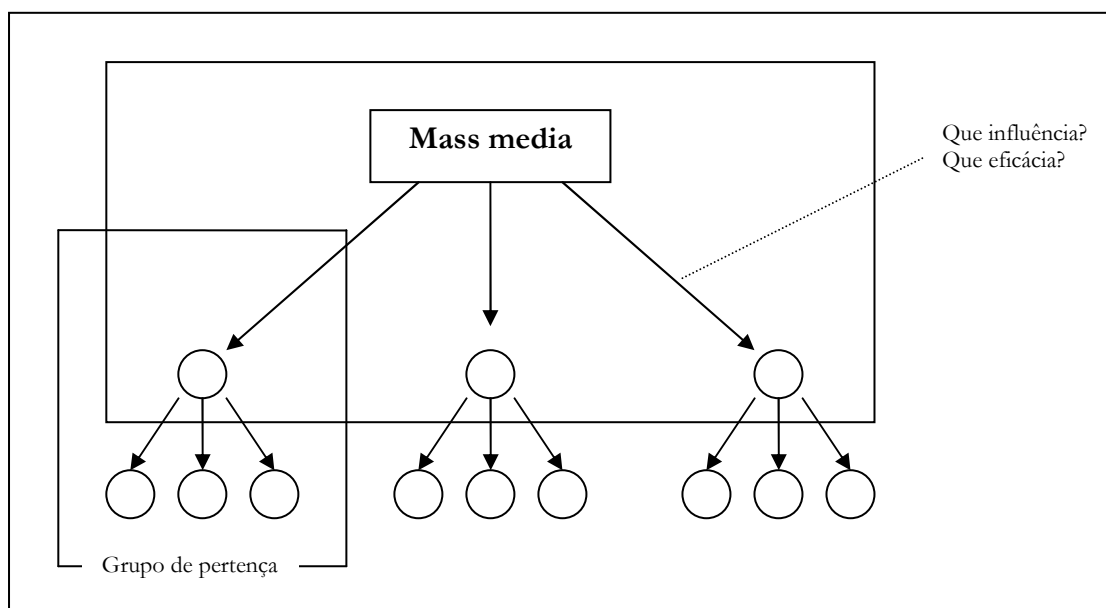
1.2. Teoria da comunicação em 2 etapas (*two-step flow*)

A aparição dos *mass media* fez modificar e ampliar as dúvidas e as interrogações sobre os processos comunicativos. A teoria matemática foi o resultado de preocupações de ordem prática, técnica e económica, mas em simultâneo, questões díspares - que dizem respeito sobretudo à importância dos *mass media*, como indústria e como fenómeno de propaganda política no pós-guerra - animam outros investigadores. Nos anos 50 surge um novo modelo – o modelo da comunicação em 2 etapas (*two-step flow*) – que foi concebido para estudar as influências que os media podiam exercer no público, tendo sido desenvolvido por ocasião das primeiras campanhas televisivas e radiofónicas para as eleições americanas. A partir de estudos empíricos de Paul Lazarsfeld e Elihu Katz¹⁰, mostrou-se que a influência dos *media* é selectiva: depende das opiniões preexistentes e da rede de relações interpessoais do receptor, sendo este sensível à opinião dos *leaders*. Os efeitos dos *media* não são directos, mas filtrados e limitados à recepção.

⁹ *Ibid*, p. 249.

¹⁰ Katz, E. e P. Lazarsfeld, 1955, *Personal Influence*, Glencoe, The Free Press.

Este esquema pressupõe duas etapas de recepção de uma comunicação mediatizada. Efectivamente, as investigações tinham evidenciado o facto de os media não actuarem directamente sobre o público-alvo, daí a sua ampla utilização no domínio publicitário. Este modelo de comunicação a dois níveis define a comunicação como um processo de influência (Mucchielli 1998: 68)¹¹.



Esquema 2: Modelo da comunicação em duas etapas
(adaptado e simplificado de Mucchielli, *op. cit.* p. 68)

2. Teorias sistémicas

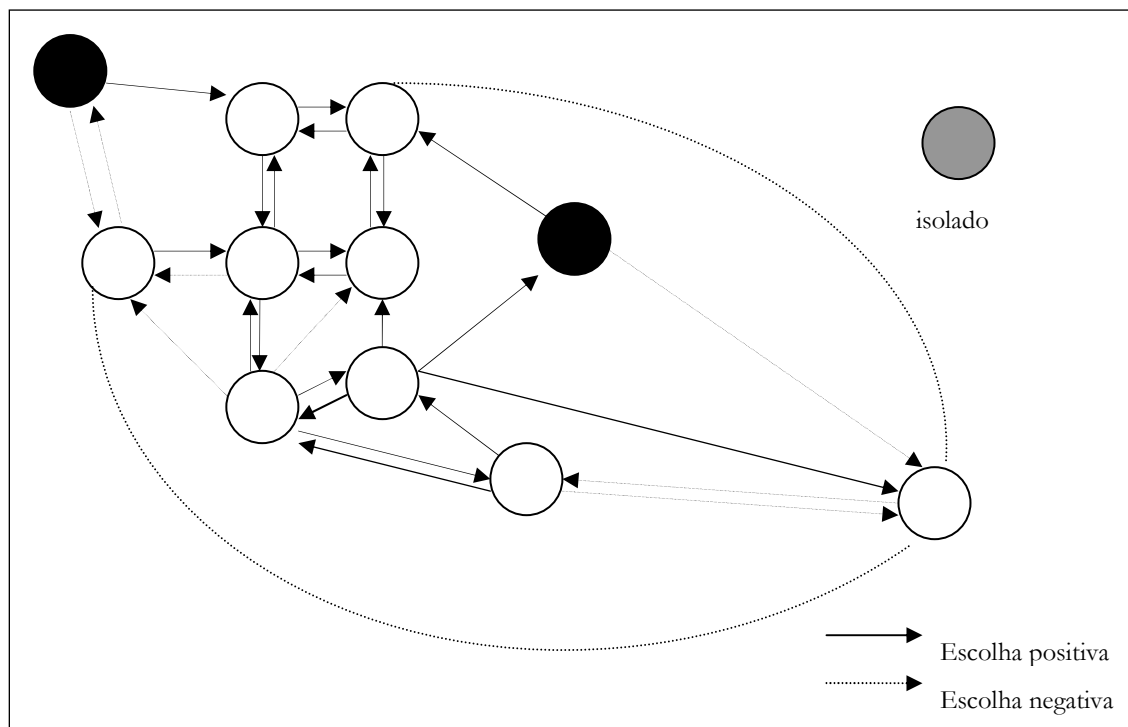
2.1. O modelo sociométrico

O modelo sociométrico, que surgiu em 1954 com a obra de Jacob Moreno, *Les Fondements de la Sociométrie*¹², marca uma ruptura epistemológica com os modelos precedentes. Este modelo apresenta, de uma forma inovadora, graficamente, a rede desenhada pelas relações informais em grupo, emergindo uma estrutura onde surge

¹¹ Mucchielli, Alex, «Les Modèles de la Communication», *La Communication, États des savoirs*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, 1998, pp. 65-78.

¹² Moreno J.L., *Who shall survive*, 1943, na trad.franc., *Fondements de la sociométrie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1954.

a noção de relação. A comunicação é aqui definida como uma relação de afinidades (positivas ou negativas) e simultaneamente como um canal suporte privilegiado da comunicação.



Esquema 3: Modelo sociométrico
(adaptado e simplificado de Mucchieli, *op. cit.*p. 70)

2.2. O modelo transaccional

Este modelo dos meados dos anos 70 inaugura uma ruptura epistemológica na análise da comunicação. Foi criado pelo psiquiatra e psicoterapeuta Éric Berne¹³. Com base na sua formação e na sua experiência clínica, Berne notou que é, sobretudo, nos contactos com o outro que se revelam os problemas de uma pessoa e modificando o seu modo de comunicação, essas vicissitudes podem ser ultrapassadas¹⁴. Cognominou a sua análise de transaccional, dado que cada troca, ainda que verbal, entre dois indivíduos, pode ser considerada como uma transacção

¹³ Ver Berne, E. *Games People play*, New York, Grove Press, 1964 e Berne, E. *What do you say after you say Hello!*, New York, Grove Press, 1972.

¹⁴ Cf. Fournier, Jean-Yves, «Les apports de l'Analyse Transactionnelle à la Communication», *La Communication, États de Savoirs*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, 1998, pp. 221-230.

(do latim *transigere*: passar através de, negociar, em sentido figurado)¹⁵. « On l'appelle transaction parce que chacune des deux parties en présence y gagne quelque chose. C'est la raison pour laquelle elles s'y livrent »¹⁶. A análise transaccional elaborou uma teoria - própria à sua origem psicológica - sobre a formação da personalidade, através da qual se tentou mostrar por que razão as pessoas estabelecem relações, umas vezes, igualitárias, outras agressivas, com os outros.

As quatro posições defendidas pela análise transaccional conjugam duas convicções dicotómicas: a primeira sobre si próprio: sou alguém com valor ou sem valor; a segunda – os outros têm valor ou não têm. As posições poder-se-ão então sintetizar no seguinte esquema:

| | |
|--------------------|---|
| Posição ++ | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoa confiante em si própria e nos outros ▪ Considera os outros como iguais, respeitando as suas diversidades ▪ Comunica mensagens e constrói transacções paralelas e horizontais |
| Posição - + | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoa sem confiança em si própria, que se desvaloriza, ▪ Pode apresentar ou um complexo de inferioridade ou uma depressão, devido à sua anulação ▪ Envia mensagens de dependência, diagonais e ascendentes, solicitando a dominação do outro ▪ Constrói transacções paralelas, diagonais e conseqüentemente desiguais |
| Posição + - | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoa revelando um complexo de superioridade ▪ Inunda os outros com mensagens de dominação, diagonais e descendentes ▪ Estabelecem transacções paralelas e desiguais |
| Posição - - | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Posição dramática pelas ideias de nulidade que representa, levando a posições trágicas e suicidas ▪ Evitam as mensagens e toda e qualquer comunicação ▪ Transacções dificilmente conseguidas e/ou inexistentes |

¹⁵ Machado, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Vol. V, Lisboa, Livros Horizonte, 1987, p. 324.

¹⁶ Fournier, *op. cit.*, p. 222.

Uma das conclusões possíveis após a leitura do esquema que traduz a base dos pressupostos da análise transaccional é que somente a posição ++ é propícia a uma comunicação eficaz¹⁷.

O modelo transaccional apreende a comunicação em termos de transacção, de troca, de acção e reacção, desempenhando cada intervenção de um locutor o papel de estímulo, desafiando este uma resposta do interlocutor¹⁸.

Inscribe-se numa perspectiva psicológica e assenta num esquema estrutural da personalidade organizado em três instâncias ou “états de moi”¹⁹:

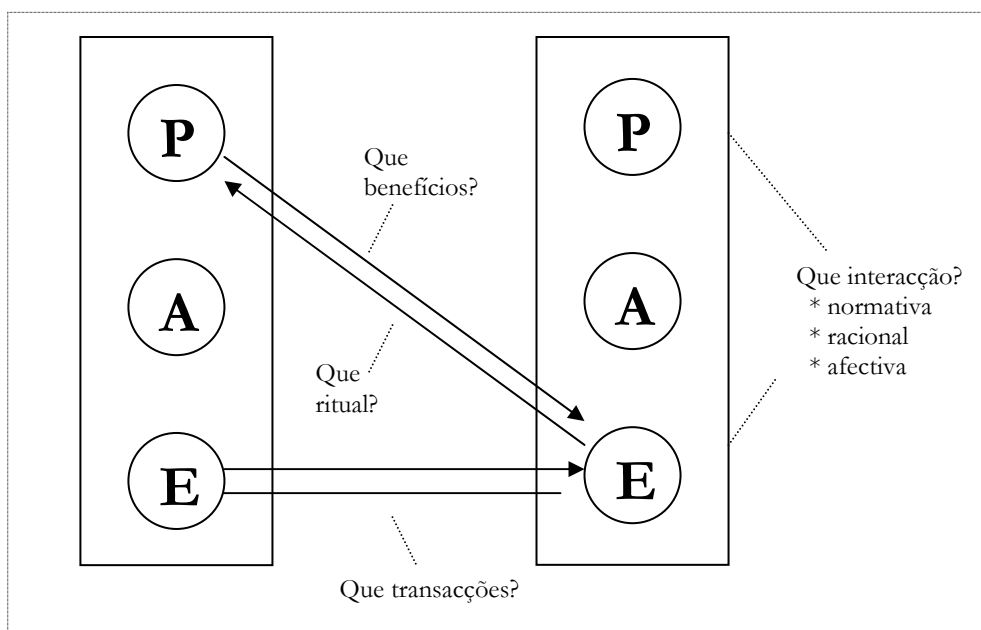
1. estado parental (P) : resulta da interiorização de atitudes parentais e de normas sociais; manifesta-se por críticas, atitudes protectoras e juízos morais
2. estado adulto (A) : orientado para a apreciação objectiva da realidade; manifesta-se por mensagens racionais e operacionais (análise objectiva)
3. estado criança (C): representa os “estados do eu” da primeira infância que podem ser :
 - 3.1.criança adaptada – submetida à influência paternal;
 - 3.2.criança natural – exprimindo espontaneamente os seus desejos, as suas necessidades, os seus sentimentos.

Em cada pessoa coexistem estes três estados que se exteriorizam alternativamente conforme as circunstâncias, os acontecimentos e as situações. Uma mensagem, no desenrolar de uma comunicação, pode, pois, caracterizar-se como provindo de um estado P, A ou C do locutor, destinando-se, por seu turno, a um dos três estados do interlocutor.

¹⁷ *Ibidem*, p. 229.

¹⁸ Cf. Marc, Edmond e Dominique Picard *L'École de Palo Alto*, Retz, 1996, p. 49.

¹⁹ Cf. Berne 1975, 1977, atrás citados.



Esquema 4 – Modelo transaccional
(adaptado e simplificado de Mucchieli, *op. cit.*p.72)

A análise transaccional, como teoria, permite compreender os fundamentos psicológicos que estruturam e dinamizam as relações interpessoais. Para o seu principal mentor (E. Berne), as transacções não são claras, transparentes e abertas, mas antagonicamente indirectas, implícitas, dissimuladas.

3. Teorias estruturais

3.1. Modelo saussuriano

A preocupação das teorias anteriormente expostas assentava primordialmente nos mecanismos de transmissão de sinais, independentemente do conteúdo da comunicação. Com as teorias estruturais e, particularmente com a linguística estruturalista, o interesse deixa de focalizar-se na questão da codificação de sinais, como preconizava a teoria matemática, anteriormente exposta, para se centrar na linguagem, enquanto objecto lógico e pleno de significado. A linguagem é analisada cientificamente como objecto autónomo, como um sistema fechado, formal, de signos abstractos, independente dos sujeitos e dos contextos

socioculturais. Radica-se este estudo no sistema-código, preferindo-se uma abordagem endógena.

O modelo linguístico estruturalista de Saussure estender-se-á ao estudo de todos os sistemas de signos (semiologias estruturalistas) e irá abarcar campos mais vastos das ciências humanas, nomeadamente a antropologia, a psicanálise e a filosofia.

O modelo de comunicação saussuriano constrói-se baseado no conceito de código, linguístico ou semiológico. Este conceito, cuja filiação no modelo telegráfico da comunicação é por demais evidente, torna-se central nesta perspectiva. Sabemos que Saussure manifestava um interesse explícito pela língua e não pela sua realização individual. “Il faut sortir de l’acte individuel, qui n’est que l’embryon du langage et aborder le fait social” (1969:30)²⁰. A língua torna-se, pois, a chave da compreensão dos fenómenos de comunicação. Ora, esta, separada dos factos concretos que constituem a sua realização, não é mais do que um código, ou um sistema de signos, um sistema de ligações estáveis entre significantes e significados²¹.

Apesar desta teoria saussuriana ser anterior à formulação da teoria matemática e apesar de a primeira ser de natureza europeia ao invés da segunda que emana da escola americana, há manifestas proximidades entre ambas²².

O esquema **E-C-R** produzido pelos engenheiros mantém-se nesta perspectiva linguística, mas de uma forma implícita, na medida em que o emissor e o receptor ocupam um lugar externo à análise. Há, contudo, uma diferença essencial que separa as duas abordagens: a questão do sentido que os teóricos da informação esvaziam, assume um carácter central para os linguistas estruturalistas porquanto importa considerar o sentido que resulta da estruturação dos signos.

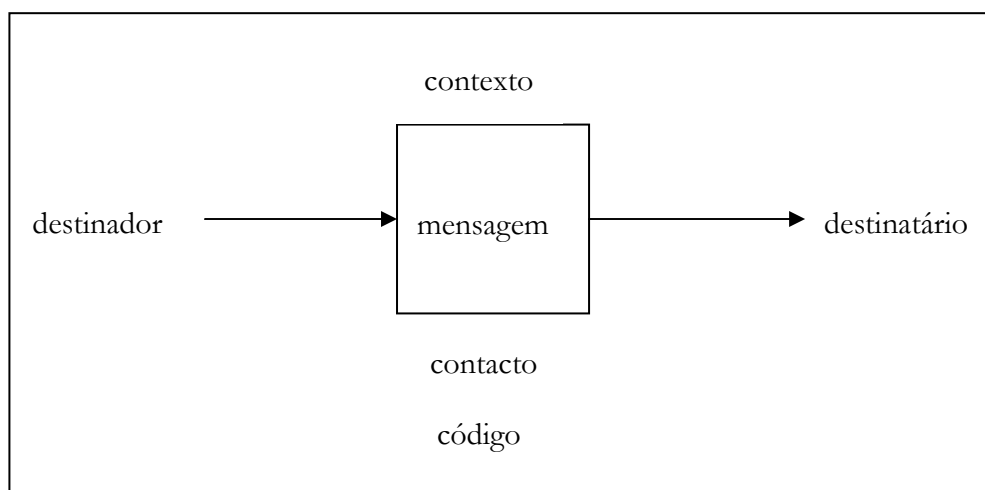
²⁰ Saussure, F. de, *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, 1969.

²¹ Cf. Meunier, Jean-Pierre e Peraya, Daniel, *Introduction aux Théories de la Communication*, Bruxelles, De Boeck Université, 1993, pp. 29-31.

²² Cf. Lohisse, Jean, *La Communication, De la transmission à la Relation*, Bruxelles, De Boeck Université, 2001, p. 44.

3.2. O modelo de Jakobson

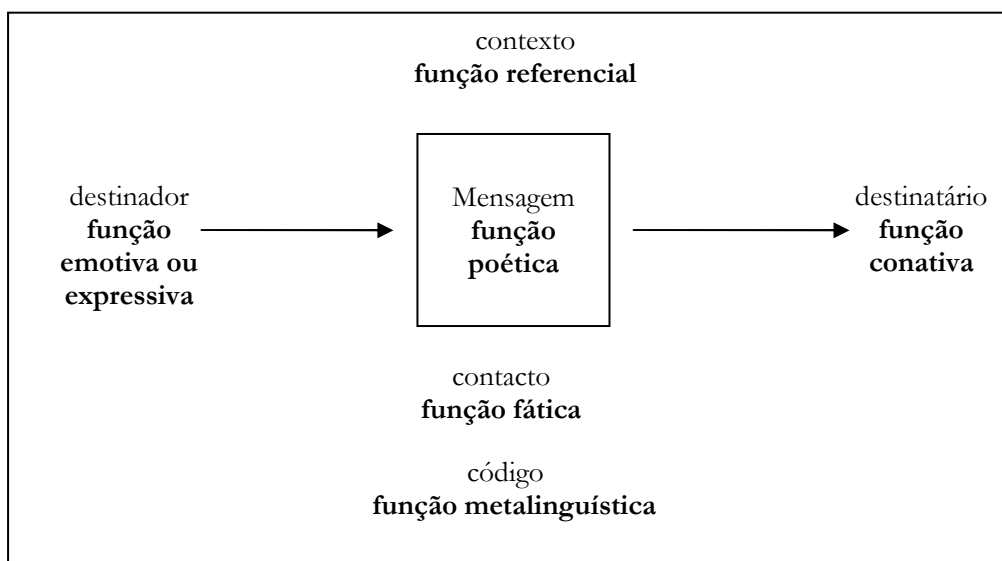
R. Jakobson, inspirando-se no esquema triádico de K. Bühler que definia a actividade linguística com base nas funções expressiva, apelativa e representativa, propôs um esquema de comunicação que é considerado uma referência incontornável e que se apresenta de uma forma simplificada:



Estes são, para Jakobson (1975: 352)²³, os factores que constituem qualquer acto de comunicação verbal. O destinador transmite uma mensagem ao destinatário. A mensagem tem um contexto de referência, um referente que o destinatário pode captar. É também necessário que ambos possuam um código comum, mediante o qual o primeiro codifica e o segundo descodifica a mensagem. O último elemento é o contacto que, para Jakobson, é “um canal físico e uma conexão psicológica entre o destinador e o destinatário que permite tanto a um como a outro estabelecer uma comunicação” (1975: 352).

Cada um destes factores determina uma função de linguagem diferente, que dá lugar a este outro esquema:

²³ Jakobson, R. “Linguística e Poética”, *Ensayos de Lingüística General*, Barcelona, Seix Barral, 1975, 347-395.



Um dos conceitos inovadores introduzidos por Jakobson foi o de destinatário. A passagem do conceito de receptor para o de destinatário é crucial, porque enquanto o receptor podia ser qualquer pessoa que recebesse a mensagem, o conceito de destinatário implica uma escolha, ou seja, é aquele que o destinador elegeu como receptor da sua mensagem. A importância do modelo de Jakobson reside, maugrado a influência determinante da teoria matemática da comunicação, na ideia de que a mensagem deixa de ser considerada uma mera transmissão de informação, descobrindo-se, assim, a sua riqueza comunicativa. Tal como foi apresentado e apesar dos melhoramentos possíveis a que podia ser sujeito, o esquema da comunicação jakobsoniano enfermava de alguns problemas. Mesmo supondo que a comunicação se desenvolve num sentido único, é óbvio que se entre o destinador e o destinatário há interacção, a troca de mensagens influencia certamente os interlocutores e modifica-os. O esquema de Jakobson parece, pois, um pouco redutor.

4. Teorias psicológicas

4.1. Teorias de Bloomfield e Morris

Com base nos princípios da tradição americana do behaviorismo e nos ensinamentos de Bloomfield²⁴, Charles Morris propõe-se desenvolver uma investigação sobre os signos, designando-a por “semiotics”²⁵. A semiótica de Morris retoma (sem reconhecer, aliás) os conceitos semiológicos anteriormente abordados por Saussure, aplicando-os à vida social e explicando que o comportamento humano pode ser descrito em termos de estímulo e resposta. Desta forma, uma acção, uma conduta humana será definida como uma reacção (resposta), ligada por uma relação de causa, a uma qualquer modificação nos acontecimentos exteriores. Note-se, contudo, que este behaviorismo não representa apenas uma psicologia da reacção, mas uma ciência do comportamento. Há, pois, duas formas de responder a um estímulo: através de uma reacção prática ($s \rightarrow R$) ou através de uma reacção linguística $S \rightarrow r-s \rightarrow R$.

Esta perspectiva é puramente mecânica, dado que a passagem do estímulo à resposta é perfeitamente linear, tratando-se apenas de uma relação de causa/efeito onde as partes são distintas e o processo sequencial.

Para Morris²⁶, todavia, toda e qualquer ciência dos signos (semiótica) inclui três componentes: a sintaxe, a semântica e a pragmática.

A dimensão sintáctica estuda as relações formais entre os signos. Interessa-se pelas regras de formação e de transformação e pela identificação da categoria a que pertence cada signo. Por seu turno, a semântica estuda as relações dos signos aos objectos a que aqueles se aplicam. Morris apresenta esta vertente como a procura de sentido das frases entendidas no seu contexto. A função essencial da regra semântica reside menos na designação do que na determinação das condições de

²⁴ Bloomfield, L. *Language*, New York, Rinehart and Wiston, 1933, trad. franc. *Langage*, Paris, Payot, 1970

²⁵ Morris, C. W., *Writings on the general theory of signs*, Paris, The Hague Mouton, 1971. Esta obra retoma, por completo, os escritos de *Foundations of the theory of signs*, de 1938 e de *Signs, language and behavior*, de 1946.

²⁶ Morris, C., *Foundations of the theory of signs*, Paris, The Hague Mouton, 1971.

uso, o que contribui para estabelecer uma circularidade entre semântica e pragmática que substitui a linearidade proposta inicialmente. Assim, a pragmática estuda as relações dos signos com os seus utilizadores.

Esta tripartição exposta em *Foundations of the theory of signs* é reformulada na obra *Signs, language and behavior*, estabelecendo-se aqui a primazia pelo estudo da pragmática.

5. Teorias Interaccionistas

Este modelo interaccionista (corresponde à comunicação teatralizada da comunicação (“la mise en scène de la vie quotidienne”), sintetizado por Christian Baylon e Xavier Mignot no capítulo 3 da Parte “Communication et Société”, da sua obra *La Communication*²⁷, nasceu com os trabalhos da Escola de Palo Alto. Pela importância de que se reveste na história da análise da comunicação e nos fundamentos da nossa investigação merecerá, da nossa parte, uma atenção peculiar. Goffman, como discípulo de Durkeim, e após a publicação das suas primeiras obras²⁸, apresenta uma tese sobre as relações interpessoais dos habitantes das ilhas de Shetland em que analisa os rituais e as conversações. Mostra-se inovador, na medida em que aplica os métodos de observação directa, característicos da antropologia cultural, às suas investigações²⁹.

Os trabalhos da Escola de Palo Alto, reunindo investigadores de áreas tão díspares, antropólogos como Bateson, Hall ou Birdwhistell, psiquiatras como Jackson ou Watzlawick e o sociólogo E. Goffman (que manteve sempre a sua independência do grupo) foram os primeiros a explicitar frontalmente as diversas

²⁷ Baylon, Christian e Xavier Mignot, *La Communication*, Paris, Nathan Université, 1999.

²⁸ Goffman, E., *Communication Conduct in na Island Community*, Chicago, 1953.

Goffmann, E., *Ritual Interaction. Essays on face-to-face Behavior*, New York, Doubleday, 1967, trad. Franc. *Les rites de l'interaction*, Paris, Éditions de Minuit, 1974.

Goffman, E., *Frame Analysis. An essay on the Organization of Experience*, New York, Harper and Row, 1974.

Goffman, E., *Forms of talk*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press 1981, trad. franc. *Façons de Parler*, Paris, Éditions de Minuit, 1987.

²⁹ A sua obra *Asilos* (1961) surge na sequência da sua permanência, durante longos meses, partilhando o quotidiano dos doentes e dos prestadores de serviços médicos de um hospital psiquiátrico. Posteriormente, em 1963, publica *Stigmates*, em que dá conta das análises das atitudes específicas que são adoptadas em presença de pessoas com deficiência. Goffman deixa de limitar-se à observação da vida em grupo, objecto dos seus estudos, para se tornar “un spectateur engagé” (p. 244 Baylon et Mignot), participando nas rotinas e nas interacções dos indivíduos que investiga.

concepções que podemos ter da comunicação. Na senda destes trabalhos, a comunicação deixa de remeter para uma teoria de mensagem (com os concomitantes processos de codificação, transmissão e descodificação) e passa a centrar-se numa teoria de comportamentos verbais e não verbais³⁰. Partilhando do pressuposto que todo e qualquer comportamento é dotado de significação e modifica a situação de interacção, esta teoria promulga em axioma a já memorável e provocatória expressão “não é possível não comunicar” (*on ne peut pas ne pas communiquer*).

Ainsi, “ce modèle de la communication n’est pas fondé sur l’image du télégraphe ou du ping-pong – un émetteur envoie un message à un récepteur qui devient à son tour émetteur, etc. –, mais sur la métaphore de l’orchestre. La communication est conçue comme un système à multiples canaux auquel l’acteur social participe à tout instant, qu’il le veuille ou non: par ses gestes, son regard, son silence, sinon son absence. (Winkin 1981: 7-8, citado por Vion 1992:33)

A teoria da comunicação elaborada pela Escola de Palo Alto assenta em três vectores essenciais:

- A essência da comunicação reside nos processos relacionais e interaccionais. O que importa são as relações e não apenas os elementos da comunicação, resultando assim uma abordagem sistémica.
- Todo e qualquer comportamento humano tem um valor comunicativo. Observando uma sucessão de mensagens em contexto horizontal (uma sequência formada por mensagens antecedente e consequente) e em contexto vertical (relações entre actores e o sistema em que a relação se insere) é possível intuir uma lógica de comunicação, ou seja, um conjunto coerente de conceitos e de regras.
- Os problemas psíquicos da personalidade podem relacionar-se com perturbações da comunicação entre o indivíduo portador de sintomas e o meio envolvente. Existe, pois, uma patologia da comunicação, cujos

³⁰ Vion, Robert, *La Communication Verbale, Analyse des Interactions*, Paris, Hachette Supérieur, 1992, p. 32.

mecanismos permitem compreender o funcionamento de alguns comportamentos patológicos³¹.

Postulando que todo o comportamento em situação de interacção possui um valor de mensagem, a Escola de Palo Alto tentou perceber a lógica³²(regras e conceitos) própria à comunicação.

Na comunicação humana, podemos designar os objectos, no sentido mais lato do termo, de duas maneiras diferentes. Podemos representá-los ou através de qualquer coisa que lhes seja similar (um desenho, por exemplo) ou designá-los por um nome, uma convenção oral ou escrita. No primeiro caso, estamos em presença de uma forma analógica de comunicação, enquanto no segundo deve sublinhar-se o carácter digital da comunicação.

A comunicação analógica tem relações mais próximas com as suas representações. Desta forma, podemos não compreender nada de uma língua estrangeira, mas apercebermo-nos de alguns sentidos através de gestos e movimentos. Na prática, podemos afirmar que uma comunicação analógica é não verbal, ou melhor, citando Watzlawick “est inséré dans le contexte qui est le théâtre d’une interaction”³³.

Se a comunicação transmite qualquer coisa, cria, estabelece e edifica uma relação. Na mensagem existe um conteúdo (o que vai ser comunicado) e uma relação (a maneira como se entende a mensagem). A esta distinção conteúdo/relação corresponde, segundo Lohisse (2001:143) a distinção digital/analógico.

| | | |
|----------|------------------------|-----------|
| conteúdo | objecto da comunicação | digital |
| relação | maneira de comunicar | analógico |

A comunicação digital é “dura” (possui uma sintaxe lógica e inequívoca); a comunicação analógica é “branda”, ambígua na sua essência: as lágrimas exprimem

³¹ Lohisse, Jean, *La Communication, De la transmission à la relation*, Bruxelles, De Boeck Université, 2001, p. 138.

³² Ver Watzlawick, P.J.H. Beavin, D. Jackson, *Pragmatics of human communication. A study of interactional patterns, pathologies and paradoxes*, New York, Norton & Co, 1967, trad. franc. *Une logique de la communication*, Paris, Seuil, 1972, pp. 45-48.

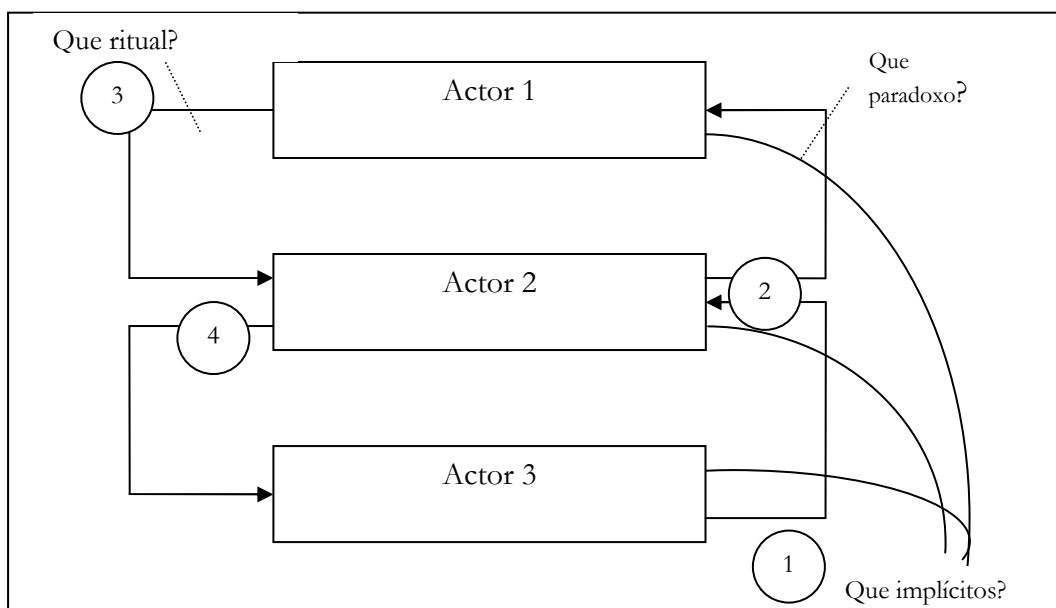
³³ *ibid*, p. 48.

mágoa ou alegria e um sorriso pode denotar simpatia ou desprezo e indistintamente combinamos estas duas formas, quer como emissores, quer como receptores.

Na sua essência, a Escola de Palo Alto aborda a comunicação partindo de pressupostos de modelos teóricos sistémicos e conjugando-os com conceitos da lógica e da linguística, daí que lhe esteja associado o modelo de orquestra. É uma metáfora bem produtiva que, pelo seu poder, combate o modelo cultural dominante emissor-receptor. A ideia primordial e inovadora desta teoria é que nós não comunicamos, mas participamos na comunicação, como o músico na orquestra. Este modelo concretiza igualmente algumas ideias sistémicas e pragmáticas: uma comunicação insere-se forçosamente num conjunto de comunicações, contexto esse de onde retira o sentido; o conjunto de comunicações que se estabelecem entre os actores de uma mesma situação é organizado (em torno de um organizador “latente” ou de uma lógica); a nível colectivo, o conjunto do sistema produz uma comunicação que adquire o seu sentido no contexto global. Esta noção de sistema de interacção acarreta consigo uma noção que vai ser cara ao nosso modelo que adiante proporemos (Modelo AICE), que é a noção de causalidade circular. Isto significa que o comportamento de cada um é entendido num jogo complexo de implicações, de acções e de retroacções.

«Comme tout échange prend nécessairement place dans un réseau d'échanges qui en constitue le contexte, on peut dire qu'un système d'interactions est donc un ensemble d'interactions qui donne un sens à une action qui s'insère en son sein». (Watzlawick 1972: 37)³⁴.

³⁴ Watzlawick, P., *Une logique de la communication*, Paris, Le Seuil, 1972, p. 37.



Esquema 5 - Modelo interacionista
(adaptado e simplificado de Mucchieli, *op. cit.*, p.73)

6. Teorias etnometodológicas

Os elos entre comunicação, homem e sociedade foram objecto de diversas abordagens etnosociológicas relacionadas directamente com a antropologia linguística anglosaxónica, nomeadamente os trabalhos dos etnólogos que se interessaram pela linguagem enquanto sistema de pensamento e de acção (Sapir 1949)³⁵. Desta forma nasceu a ideia de etnografia da fala (Hymes 1974)³⁶, uma nova disciplina que se desejava inteiramente consagrada ao estudo da fala enquanto fenómeno cultural.

Ao balbuciar preliminar da etnografia da fala sucede rapidamente outro domínio, o da etnografia da comunicação, revelado a partir do encontro de diversos investigadores, entre os quais Gumperz e Goffman, reunidos em torno dos estudos de Hymes. Importa contudo ressaltar que na tradição americana esta noção é muito

³⁵ Sapir, E., *Selected Writings of Edward Sapir in language, Culture and Personality*, University of California Press, 1949, na trad. franc. parcial *Anthropologie*, Paris, Éditions de Minuit, 1967.

³⁶ Hymes, D., “Anthropology and Sociology”, *Current Trends in Linguistics* (Sebeok, T. ed.), vol. 12, *Linguistics and Adjacent Sciences*, Paris, La Haye Mouton, 1974.

próxima da que os antropólogos designam por cultura o que conduz à equivalência comunicação=cultura.

A etnografia da comunicação “a pour but d’établir une théorie de la communication en tant que système culturel. Théorie qui se veut à la fois synchronique et diachronique: la description des pratiques langagières des divers groupes socioculturels doit tendre à un tableau comparatif, dans le temps et dans l’espace, du fonctionnement de la parole dans la vie sociale»³⁷. Esta nova disciplina vai focalizar-se nas actividades comunicativas, desenvolvendo o conceito de competência comunicativa, que se entrecruza com o de competência linguística, desenvolvido por Chomsky. Pouco a pouco estabelecem-se modelos - entre os quais o modelo de *Speaking* de Hymes³⁸ - e métodos para a análise funcional da comunicação. A etnografia da comunicação resvala, assim, para uma microsociologia da linguagem quotidiana, quando fica centrada nos implícitos, nas formas do não dito, nos mecanismos minuciosos das interacções comunicativas, tornando-se parte integrante da sociolinguística de cariz interaccionista, cujo objecto de estudo é a análise das rotinas do quotidiano em detrimento do sentido inerente aos sistemas simbólicos

A utilização desta nova forma de investigação, a etnometodologia, - “uma técnica de observação participante em que o investigador imerge numa cultura com a finalidade de compreender o vivido e as suas regras internas” (Ferin 2002: 80)³⁹ - permite não só a descrição minuciosa dos fenómenos com a apreensão na sua globalidade.

³⁷ Bachmann C., J. Lindenfeld & J. Simonin, *Language et communications sociales*, Paris, Hatier-Crédif, 1981.

³⁸ Hymes propôs, em 1964, (Hymes, D. 1964 *Language in Culture and Society*, New York, Harper and Row) uma lista de traços ou de componentes de estados comunicativos. A ideia subjacente a este modelo era a de fornecer “um guia útil que permitisse discernir os traços pertinentes”, que permitissem ao analista concentrar-se em determinado fenómeno comunicativo. Desta forma, uma conversa constitui um acontecimento de fala (*speech event*) inserida numa situação de comunicação (*communication situation*). O investigador deverá atingir o nível da unidade mínima, ou seja, o acto de fala (*speech act*), por exemplo uma saudação num início de conversação. Esta grelha de categorias permite uma observação preliminar e uma cuidada descrição da situação de comunicação. A primeira lista foi posteriormente completada e incluía 16 componentes, agrupados em oito entradas principais, cujas letras iniciais, em inglês, reconstituíam acronimamente a palavra *Speaking*: os quadros (*Setting*) físico (tempo e espaço) e psicológico; os participantes (*Participants*), locutor, alocutário, destinatário, membros presentes/ausentes/participantes no desenrolar da acção, finalidades (*Ends*), que constituem os objectivos e resultados da actividade comunicativa, os actos (*Acts*), conteúdo e forma das mensagens; a tonalidade (*Key*), canal e formas discursivas; os instrumentos (*Instrumentalities*), canais de comunicação e códigos correspondentes; as normas (*Norms*) de interacção e de interpretação e o género (*Genre*). Cf. Saville-Troike, M. 1982, *The Ethnography of Communication. An Introduction*. Oxford, Blackwell.

³⁹ Ferin, Isabel, *Comunicação e culturas do quotidiano*, Lisboa, Quimera, 2002, p. 80.

Estas teorias etnometodológicas vão criar novos conceitos que foram recenseados do pensamento e da obra de Garfinkel⁴⁰ e dos quais destacamos três: a indexalidade, a reflexividade e a descriçionabilidade.

A indexalidade significa que uma palavra, um gesto, um acto devem ser indexados a uma situação, a um contexto de forma a produzirem sentido(s). A indexalidade (*indexical expression*) surge como uma expressão que depende, quanto à sua significação, do contexto em que é produzida. Esta noção de indexalidade sugere que todas as formas simbólicas, como enunciados, gestos, regras, acções, comportam uma “franja de incompletude” que só desaparece no momento da sua produção.

Por seu turno, a reflexividade designa as práticas que descrevem e constroem o sentido, a ordem social, ou seja, trata-se da construção de uma regra, aplicando-a. Atente-se no exemplo sugestivo que é dado a este propósito: “Lorsque je prends ma place dans la file en attendant l’autobus, je montre que j’ai compris le code social et je contribue activement à le faire respecter. Ma pratique fait donc exister le code social»⁴¹.

Por último, a descriçionabilidade (*to account*), para os etnometodólogos, é o estudo dos processos (acontecimentos, relações) que se desenrolam nas interacções em situação.

Numa apreciação global destas teorias propostas pelos antropólogos da comunicação, percebemos facilmente que a comunicação não se limita apenas ao aqui e agora da interacção, inscrevendo-se nas vivências do quotidiano e na cultura de uma determinada comunidade ou sociedade. Os etnólogos da comunicação centram posteriormente a sua atenção na descoberta do carácter ritual dos discursos do quotidiano e no simbolismo social que encerra, aproximando-se do interaccionismo. A grande diferença desta abordagem antropológica da comunicação consistiu em ultrapassar a concepção da linguagem como sistema

⁴⁰ Garfinkel, H., *Studies in ethnomethodology*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, 1967. A recensão e crítica destas ideias podem apreciar-se em Heritage, J., *Garfinkel and ethnomethodology*, London, Polity Press, 1984.

⁴¹ Lapassade, G., *L’ethnosociologie*, Paris, Méridiens, Klincksieck., 1991, p. 81.

estável de símbolos para perceber que está aperfeiçoada pelas interpretações dos actores ou intervenientes no quadro de uma situação determinada.

Em suma, passámos em revista as principais teorias que estudaram a comunicação. A comunicação, como afirma Dominique Wolton, um dos mais notáveis investigadores mundiais sobre este vasto domínio, “é um dos símbolos mais brilhantes do século XX”⁴² e o seu ideal consiste não só na aproximação dos homens (como experiência antropológica de interacção com o outro ou com a sociedade), como sobretudo na necessidade de melhorar o conjunto de técnicas que permitam modernizar e fomentar essa interacção.

Equacionado em termos de comunicação e de interacção, o epistolar oscila entre várias destas abordagens para se afirmar como acto de comunicação privilegiado, como acto de substituição dos sons que lhe estão vedados pelos signos, como acto de inscrição do traço para apagar a ausência, como missão paradoxal de abolir a distância.

⁴² Dominique Wolton, *Penser la communication*, Paris, Flammarion, 1997. Na introdução, afirma-se: “La communication est l’un des symboles les plus brillants du XX^e siècle; son idéal, rapprocher les hommes, les valeurs, les cultures, compense les horreurs et les barbaries de notre époque. Elle est aussi l’un des acquis fragiles du mouvement d’émancipation, ses progrès ayant accompagné les combats pour la liberté, les droits de l’homme et la démocratie”, p.13.



Vermeer, Jan
Girl Interrupted at Her Music (detail)
1660-61
Oil on canvas
Frick Collection, New York

Capítulo 2 - Apresentação do Modelo AICE

“La lettre suppose une connivence et elle est donc par définition elliptique: je n’ai pas besoin de tout vous “dire”, puisque nous partageons un savoir et que le reste s’entend.”

Benoît Melançon, *Diderot épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Montréal, Fides, 1996, p. 292.

1. Pressupostos metodológicos da concepção do novo modelo

O Modelo de Análise Interaccional da Comunicação Epistolar, doravante designado **AICE**, pretende mostrar, numa perspectiva pedagógica, que é possível – e desejável – analisar um texto, sem que o destruamos com análises de minudências despiciendas, seguindo diferentes perspectivas que, no domínio das ciências da linguagem, têm ajudado, de forma temática e tática, a descodificar os mecanismos de construção discursiva.

Na senda de Elia-Sarfati¹ (1998), defendemos este cruzamento de linhas de análise para a interação epistolar e dessa assumida postura conciliatória dá conta a designação escolhida de análise **interaccional**².

O **AICE** pretende aplicar, à análise do discurso epistolar, diferentes pontos de vista teóricos, resultantes de variados níveis de análise textual, retomando categorias propostas pela análise conversacional, pela psicologia social, pela sociolinguística, pela análise do discurso, pela retórica, pela teoria da literatura, etc.

A comunicação epistolar é um modo de comunicação assíncrono, específico, cuja análise deve estar estreitamente relacionada com a análise da situação: a problemática contextual, o quadro espaço-temporal e a situação dos interlocutores ou participantes que releva da categoria social (classe, sexo, idade) e dos papéis

¹ Georges-Elia Sarfati, “De la mise en intrigue. Étude linguistique des lettres II et IV des Liaisons Dangereuses”, *La lettre entre réel et fiction*, Jürgen Siess (dir.), Paris, Sedes, 1998, pp. 159-176.

² Sarfati prefere a designação “intégrative” (“Ce croisement de perspectives définit les grandes lignes d’une analyse “intégrative” du texte” 1998: 159) que, em português, nos pareceu colocar alguns problemas de interpretação, dada a colagem a conceitos matemáticos.

relacionais (amigo, familiar, professor). Como mostra Cosnier³ para a conversação, estes dados permitem aos participantes fazer “*hypothèses anticipatrices sur la suite possible de l’interaction*” (1987: 308).

Num nível mais interno, analisar-se-ão os mecanismos da dinâmica textual: o quadro normativo, que definiremos, como Cosnier⁴, como “o conjunto das prescrições e proscricções convencionais” (1984: 215), que compreende as exigências e as normas sociais, sejam as regras de negociação sejam as de delicadeza; a co-enunciação epistolar e o objectivo da interacção, no sentido de Brown&Fraser⁵ (1979: 39- 40) que, apesar de preexistir à interacção, é construído permanentemente no desenrolar da correspondência.

O último nível de análise será aquele que tradicionalmente se opera nos estudos epistolares, confinando-se, por vezes, à análise da superfície discursiva. Considerando insuficiente o modelo de análise das unidades sequenciais de Adam (1998) e o modelo de turnos de escrita, apresentado por Kerbrat-Orecchioni (1998), propomos que esta análise da superfície discursiva contemple duas vertentes:

- Um nível pragmático-enunciativo, em que se analisam as marcas idiossincráticas da interacção epistolar, o dispositivo deíctico e as rotinas verbais;
- Um nível pragmático-argumentativo, em que se destacam os actos de fala mais significativos dos textos epistolares em análise (correspondência familiar de epistológrafos portugueses), e se identificam os *topoi* presentes, ao longo dos séculos, neste tipo de correspondência.

Concebemos este modelo – que se observa no **Quadro I** – articulando, de forma concêntrica, três níveis de análise que, como as setas tentam elucidar, se influenciam mutuamente.

³ Jacques Cosnier, “L’éthologie du dialogue”, C. Kerbrat-Orecchioni e C. Cosnier (ed.), *Décrire la conversation*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1987, p. 308.

⁴ Jacques Cosnier, “La psychanalyse, le langage et la communication”, *Psychothérapies* 4, 1984, pp. 212-221.

⁵ Penélope Brown e Colin Fraser, “Speech as a marker of situation”, Klaus R. Scherer e Giles, H. (ed.), *Social Markers in speech*, Cambridge, Cambridge University Press, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1979, pp. 32-62.



Quadro 1

No nível exterior, o AICE propõe a análise de quatro coordenadas fundamentais para a descodificação da interacção epistolar: a situação dos interlocutores, no sentido restritivo, também equacionada por Jürgen Siess (1998: 113), o quadro espaço-temporal em que se desenrola a interacção é que é determinante; a problemática contextual e o pacto epistolar.

O quadro espaço-temporal foi profusamente estudado por Altman (1983) que considera que a troca epistolar pressupõe sempre um tempo intervalar que não pode ser elidido:

“The meaning of any epistolary statement is determined by many moments: the actual time that an act described is performed, the moment when it is written down, the respective times that the letter is mailed, received, read and reread ⁷.

Altman destaca na produção epistolar: o momento do evento narrado, o momento da escrita da carta, o momento da leitura e atribui especial valor aos intervalos entre estes momentos. Chama de “tempo narrativo” ao espaço decorrente entre o momento do evento e o momento da escrita e “tempo de diálogo” ao intervalo entre o momento da escrita e o momento da leitura⁸.

Dissertando sobre a relatividade temporal da carta, alerta para a impossibilidade do presente na troca epistolar. Embora concorde que é a partir do presente da narração que o emissor se posiciona face ao passado e na perspectiva do futuro, a narração raramente é simultânea com o evento narrado (a não ser no caso do evento ser a própria escrita). Por outro lado, “o presente não pode permanecer

⁶ A facilidade e a rapidez com que hoje podemos escrever, enviar e receber uma carta não deve fazer-nos obnubilar as situações em séculos passados, com as acrescidas dificuldades no transporte, os longos dias ou meses de intervalo e os consequentes problemas de sigilo, devidos às demoras e ao transporte por mensageiros, aliás profusamente tematizadas. Cf. Parte II, capítulo III.

⁷ Janet G. Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982, p. 129

⁸ Janet Gurkin Altman, “The triple register: Introduction to temporal complexity in letter-novel”, in *L'Esprit Créateur*, n.º 1, Vol. XVIII, 1997, p. 302.

válido, essencialmente ao nível dos sentimentos e emoções no que se relaciona com a efectivação do “diálogo” epistolar que a carta pressupõe”⁹.

Por outro lado, a situação dos interlocutores ou participantes remete para a importância da categorização social (classe, idade, sexo) e dos papéis ou relações (pai/filho, professor/aluno, etc.). No que respeita à importância da abordagem dos correspondentes, Jürgen Siess exemplifica, de forma esclarecedora, a importância de coordenadas, tais como idade, sexo, nível sociocultural, relação de proximidade ou distância, na leitura e interpretação de cartas de amor, invocando algumas construções profundamente culturais: admite-se, por exemplo, que a diferença de idades entre um homem mais maduro e uma mulher mais jovem, autorizando a relação amorosa, embora o inverso seja socialmente menos plausível. O peso do estatuto social e a influência deste parâmetro na interacção depende, em grande medida, do peso que lhe é outorgado pela sociedade, em determinado momento histórico.

A situação dos interlocutores, que integramos neste nível exterior de análise, é reconhecidamente, muito importante no quadro comunicativo, o que corrobora as posições assumidas por Goffman (1987), Salins (1988) e Kerbrat-Orecchioni (1990)¹⁰.

As características biológicas e físicas (idade, sexo, raça, etc.), sociais (profissão, estatuto), psicológicas (constantes e efémeras) dos correspondentes e, sobretudo, as relações mútuas – grau de conhecimento, natureza do elo relacional (familiar, profissional, hierarquicamente marcado) e do elo afectivo (partilha ou não de sentimentos) determinam o desenrolar da interacção.

A distância social é uma variável de tipo binário que autoriza, contudo, estados intermediários, entre o desconhecimento dos interlocutores que certamente implica um maior grau de formalidade e o conhecimento mútuo que favorece

⁹ J. Altman 1982, p. 129.

¹⁰ Goffman, E., *Façons de parler*, Paris, Minuit, 1987, pp. 205-271; Salins, G.-D, de, *Une approche ethnographique de la communication. Rencontre en milieu parisien*. Paris, Hatier, Crédif, 1988, capítulos 3 e 4 e, ainda, Kerbrat-Orecchioni, C., *Les Interactions Verbales*, tomo 1, Paris, Armand Colin, pp. 80-81.

relações de familiaridade. Thomas (1995)¹¹ afirma que o conceito de distância social é o oposto de solidariedade, proposto por Brown & Gilman (1960)¹²:

“It is best seen as a composite of psychological real factors (status, age, sex, degree of intimacy, etc.) which together determine the overall degree of respectfulness within a given speech situation” (Thomas 1995: 128).

Por seu turno, a relação de poder social é uma relação vertical, refere-se ao estatuto relativo que existe entre os interlocutores e que pode ditar estratégias de mais ou menos autoridade entre os correspondentes, em determinadas circunstâncias enunciativas. Brown & Gilman definiram esta variável do seguinte modo:

“One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behaviour of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behaviour” (1960: 255).

Uma carta espera uma resposta, assim reza o contrato comunicativo que liga emissor e receptor de uma mensagem epistolar, que estipula que haja um direito e um dever de resposta¹³.

A noção de pacto epistolar, que introduzimos no modelo AICE, é inspirada da noção de “pacto autobiográfico”, apresentada por Philippe Lejeune¹⁴, que explica que este termo o seduziu, pois evoca imagens mitológicas, do tipo “pacto com o

¹¹ Thomas J. *Meaning and interaction. An introduction to Pragmatics*. London e New York: Longman, 1995.

¹² Brown, R. W. & Gilman A., “The pronouns of power and solidarity”, *Style in Language*, Cambridge, M.I.T. Press, 1960, pp. 253-276.

¹³ Catherine Kerbrat-Orecchioni, a este propósito, ressalva a exceção do postal ou bilhete postal que não exige essa resposta, “L’interaction épistolaire”, Jürgen Siess (dir.), *La Lettre, entre réel et fiction*, Paris, SEDES, 1998, p. 31.

¹⁴ Philippe Lejeune, *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil, 1975. Refira-se que esta obra é a publicação, quase sem modificações, de um artigo com o mesmo título, escrito em 1972 e publicado na revista *Poétique*, n.º. 14, em 1973. Uma versão inglesa desta obra, intitulada “The Autobiographical Contact” integra a obra *French Literary Theory Today, A Reader*, Tzvetan Todorov (ed.), Cambridge, Cambridge University Press e Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1982, pp. 192-222. No nosso trabalho, as referências e citações reportam-se ao artigo de releitura dos textos anteriores, ou seja, o texto revisto, ampliado e atualizado: “Le pacte autobiographique (bis)”, *Poétique* n.º. 56, 1983, Paris, Editions du Seuil, pp. 416-435.

diabo” em que se molha a pena no seu próprio sangue para vender a alma. Lejeune explica que preferiu o termo “pacto” em detrimento da palavra “contrato”¹⁵, pois, para além de este remeter para o cartório do notário, não descortina problemas no emprego analógico de ambos, pois é intrínseco a ambos que “on prend des engagements, qu’ on se réfère à des systèmes de conventions”¹⁶. Aqui retomamos a expressão “pacto epistolar” na acepção que lhe foi conferida anteriores trabalhos sobre o epistolar¹⁷, perfilhando a definição de Janet Altman:

“To a great extent, this is the epistolary pact – the call for reponse from a specific reader within the correspondent’s world. Most of the other aspects of epistolary discourse that I focus on in this study can be seen to derive from the msot basic parameter” (1982.: 89).

A centralidade do conceito de pacto epistolar mostra a importância de que se reveste este pedido de reciprocidade¹⁸, que obriga, por um lado, à obrigação de regularidade e, por outro, à recusa do silêncio ou do atraso - indiciadores ou portadores virtuais de todas as calamidades -, incentivando, assim, o ritmo da interacção e a fidelidade à relação epistolar.

Bernard Bray não o nomeia desta forma, mas explicita este acordo tácito que a interacção epistolar desencadeia ao afirmar:

¹⁵ Este termo “contrato” é utilizado por diversas correntes linguísticas e, sobretudo, em análise do discurso, é repetidamente empregue por Patrick Charaudeau, nos múltiplos trabalhos publicados e referenciados na extensa bibliografia do *Dictionnaire d’Analyse du Discours*, por si coordenado, Paris, Editions du Seuil, 2002, de entre os quais destacamos: *Grammaire du sens et de l’expression*, Paris, Hachette, 1992; “Une analyse sémiolinguistique du discours”, *Cahiers de Linguistique Française*, 17, Genève, Université de Genève, 1995, pp. 141-178 e “ Le contrat de communication dans la situation de classe”, *Interactions. L’interaction: actualités de la recherche et enjeux didactiques*, Metz, Université de Metz, pp. 121-137.

¹⁶ Philippe Lejeune, 1983, *op. cit.*, p. 421.

¹⁷ Vários têm sido os investigadores a utilizar a noção de pacto epistolar. Destacamos: Vincent Kaufmann, na sua obra *L’équivoque épistolaire*, Paris, Editions de Minuit, 1990; Jean-Louis Cornille, no artigo “L’assignation. Analyse d’un pacte épistolaire”, Jean-Louis Bonnat & Mireille Bossis (dir.), *Écrire. Publier. Lire les correspondances (Problématique et économie d’un “genre littéraire”*, *Actes du Colloque International Les Correspondances*, Nantes, Publications de l’Université de Nantes, 1983, pp. 25-52; Janet G. Altman, *Epistolary. Approaches to a form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982, e Geneviève Haroche-Bouzinac, *Voltaire dans ses lettres de jeunesse (1711-1733), La formation d’un épistolier au XVIII siècle*, Paris, Klincksieck e, ainda, em *L’épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995. Esta autora, nesta última obra referida, de carácter mais académico, prefere a designação de “contrat épistolaire” (*op. cit.*, pp. 84-85).

¹⁸ J. G. Altman afirma acerca desta noção de reciprocidade: “Because the notion of reciprocity is such a crucial one in epistolary narrative, the moment of reception of letters is as important and as self-consciously portrayed as the act of writing.” (*op. cit.*, p. 121).

“Les exigences d’un sentiment réciproque, l’échange d’une certaine sorte d’informations sollicitées de part et d’autre avec précision, l’établissement d’une cadence à peu près régulière dans l’envoi des missives, ne peuvent être que l’objet d’un accord dans lequel la voix d’aucune des deux parties ne saurait être négligé”¹⁹.

A inclusão do pacto epistolar, proposta no AICE, reforça, assim, a ideia, defendida também por Simone Lecointre²⁰, de que a correspondência é, antes de mais, uma interacção, que deve ser analisada como uma realidade pragmática e não como um texto literário ou uma escrita autobiográfica, porque se trata de uma escrita *para e com o outro*.

O modelo pressupõe igualmente a análise do objectivo da interacção, que é sinónimo de “acção projectada” (Skanck & Abelson 1977)²¹.

Adoptamos, neste parâmetro, a definição de Kerbrat-Orecchioni:

“Les buts (...) “ils sont en même temps construits dans l’interaction, et négociés en permanence entre les participants, qui peuvent avoir des objectifs divergents, et effectuer en cours de route des reconversions plus ou moins radicales”. (1990:80).

Na interacção epistolar autêntica, o objectivo é sempre fazer (re)agir o destinatário a quem o texto é endereçado. O objectivo geral será, pois, o de influenciar atitudes e comportamentos do outro, o que contribui para reiterar a característica intrínseca e prototipicamente pragmática da carta²².

¹⁹ Bernard Bray, *Chapelain, soixante-dix lettres inédites à Nicolas Heinsius (1649-1658)*, La Haye, Martin Nijhoff, 1996, p. 6.

²⁰ Simone Lecointre, “Diderot, Lettres à Sophie Volland: le dit et le non-dit”, *L’Information Grammaticale* 32, 1987, pp.17-22.

²¹ Schank, R. C. & Abelson, R. P., *Scripts, Plans, goals and understanding. An Inquiry into Human Knowledge*, Hillsdale, N. J., Erlbaum, *apud* Jürgen Siess, “Projet épistolaire et échange interculturel: la relation entre Marie-Jeanne Riccoboni et David Garrick”, *L’Analyse du Discours dans les études littéraires*, Ruth Amossy e Dominique Maingueneau (dir.), Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, p. 138.

²² Cf. Os trabalhos de Anne Jaubert, *La Lecture pragmatique*, Paris, Hachette, 1990 e “Dialogisme et interacción épistolaire”, Actes du Colloque de Cerisy, Jacques Brès, Patrick Pierre Haillet, Sylvie Mellet, Henning Nolke e Laurence Rosier (dir.), Louvain-la-Neuve, Deboeck Duculot 2005, pp. 215-230.

Ainda no nível exterior do AICE, a problemática contextual é um dos itens em análise e que é imprescindível na investigação linguística que perfilha uma perspectiva pragmática ou discursivo-textual. É precisamente este aspecto que, com mais clareza, define este tipo de estudos e, simultaneamente, os distingue dos que se realizam de um ponto de vista estritamente gramatical, pois, neste âmbito, os dados contextuais são integrados na descrição linguística.

À noção de contexto subjaz uma raiz antropológica. Malinowski, já na década de 30 do século passado, entendia a linguagem como uma actividade humana privilegiada, que assegura a transmissão cultural, que permite o controlo intelectual, emotivo e pragmático do destino das pessoas, assim como a criação artística e lúdica dos grupos de pessoas e, a propósito do estudo dessa “actividade privilegiada”, o autor afirmava:

“Si la primera y más fundamental función del habla es pragmática – dirigir, controlar y hacer de correlato de las actividades humanas -, entonces, es evidente que ningún estudio del habla que no se sitúe en el interior del “contexto de situation” es legítimo (Malinowski 1936: 63)²³.

As correntes dominantes no pensamento linguístico no século XX – desde o estruturalismo mais formal ao generativismo – excluíram deliberadamente os factores contextuais da sua análise, assumindo que para o estudo dos núcleos gramaticais, esses factores distorciam, na medida em que produziam infinitos matices nas formas e no sentido linguístico. Cumpre, contudo, assinalar a posição de Coseriu que destacou a importância do contexto na interpretação dos enunciados ao afirmar:

“Los entornos intervienen necesariamente en todo hablar, pues no hay discurso que no ocurra en una circunstancia, que no tenga un “fondo” (...) los entornos

²³ Malinowski, Bronislaw, “The dilemma of contemporary linguistics”, D. H. Hymes (ed.), *Language in Culture and Society. A Reader in Linguistic Anthropology*, New York, Harper and Row, 1964, pp.63-63, *apud* Helena Calsamiglia Blancafort e Amparo Tusón Valls, *Las cosas del decir; Manual de análisis del discurso*, Barcelona, Editorial Ariel Lingüística, pp. 102-103.

orientan todo discurso y le dan sentido, y hasta pueden determinar el nivel de verdad de los enunciados. (Coseriu 1955-1956: 308-309)²⁴.

O contexto constitui-se, pois, como um conceito crucial e definitivo no âmbito da pragmática e da análise do discurso, na medida em que a sua consideração na descrição e análise das práticas linguísticas define a linha divisória entre os estudos discursivos e os puramente gramaticais.

Dada a complexidade do conceito, Levinson coloca a seguinte questão:

“What then might one mean by context? First, one needs to distinguish between actual situations of utterance in all their multiplicity of features, and the selection of just those features that are culturally and linguistically relevant to the production and interpretation of utterances (...)”²⁵.

Interessa dar conta de coordenadas que vão desde o conhecimento dos papéis sociais, da situação espaço-temporal, do nível de formalidade exigido pelo suporte escrito (neste caso), até ao registo de língua adequado, e que devem ser tidas em consideração para interpretação de qualquer peça epistolar. Deve ser tido, ainda, em atenção o carácter dinâmico das coordenadas contextuais que decorre da construção – criação, manutenção, alteração e interpretação – dos “índicios contextualizadores”, no sentido que lhe é atribuído por Gumperz:

“That is, constellations of surface features of message form are the means by which speakers signal and listeners interpret what the activity is, how semantic content is to be understood and how each sentence relates to what precedes or follows. These features are referred to as *contextualization cues*”²⁶.

²⁴ Eugénio Coseriu, “Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar”, *Teoría del lenguaje y Lingüística general*, Madrid, Gredos, 1967, pp. 282-283.

²⁵ Levinson, Stephen C., *Pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1983, p. 22.

²⁶ No sentido que é dado por Gumperz, John, *Discourse Strategies*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982, p. 131.

Adoptámos, no nosso modelo, a designação de “problemática contextual”, ampliando a noção de contexto, pois, para além do conjunto de dados que, possuindo “carácter dinâmico e evolutivo”²⁷, é contínua e progressivamente construído no decurso da interacção, a troca epistolar narra sucessões de acontecimentos, redefinindo-se os objectivos pré-existentes, o estatuto dos participantes, o grau de relacionamento, muitas vezes única e simplesmente através dos eventos discursivos²⁸.

A correcta identificação da problemática contextual subjacente à interacção é necessária para a análise da superfície discursiva, constituindo uma espécie de filtro que permite, nesta relação dual, perceber atitudes subjacentes às interacções reactivas, de resposta. Uma análise pertinente das informações contextuais permite a leitura de dados dificilmente reconstituíveis sem esse enquadramento e, porventura, ininteligíveis, sem essa explicação.

O quadro normativo anuncia-se igualmente influente na interacção epistolar. Este quadro engloba o conjunto de regras e de normas (“prescrições e proscricções”, como refere Cosnier), quer discursivas, quer socioculturais que os correspondentes devem respeitar, dependentes do estatuto, sexo, idade e capacidades. As regras para a comunicação epistolar foram, ao longo dos séculos, amplamente fixadas e difundidas pelos *Secretários* e *Manuais*. De entre as normas gerais mais básicas do elucidário epistolar, destaquem-se as seguintes: o escrevente deve manifestar interesse pelo seu correspondente e solicitar a sua reacção (ou corresponder a ela, se for o caso de um turno reactivo), devendo reduzir o seu valor pessoal e evidenciar o do outro, concorrendo, assim, para que se verifique a justaposição da norma epistolar à conduta polida e deferente. No que diz respeito, ao epistolar familiar, o

²⁷ Cf. Van Dijk, T. A., *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*, London/New York, Logman, 1977, p. 191.

²⁸ Isso mesmo demonstrámos num artigo em que, a partir da análise das cartas de noivado de José Maria de Eça de Queirós e de Emília de Castro, concluímos que a relação entre ambos, desde a declaração, ao noivado e ao casamento foi quase exclusivamente construída com base epistolar. Cf. Isabel Roboredo Seara (2002) “Dizer a ausência no discurso epistolar. Metáforas temporais”, *VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, realizado na Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies, Providence, Rhode Island, U.S.A., disponível em http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/Congresso.html

quadro normativo estabelece que a familiaridade e a intimidade não devem excluir a delicadeza e a elegância²⁹.

No nível intermédio do modelo AICE é introduzida a noção de co-enunciação epistolar: “some features of the structure of dialogue, like co-enunciation, can in fact be described adequately only if we take into consideration different types of discourse units: hierarchical units, like acts and moves, interactional units, like turns, and linguistic units, like sentences and phonological utterances”(1999: 238)³⁰.

A interacção epistolar, tal como a conversação, é um acto de enunciação e, como tal, os correspondentes devem poder “co-referir”, de forma idêntica³¹. Todavia, enquanto na conversação os parâmetros enunciativos estão implícitos, no epistolar devem ser explicitados a fim de permitir a co-referência, ou seja, a adequação do destinatário ao seu expeditor. A co-enunciação afirma-se como constituinte, na medida que o texto epistolar deve ser entendido, neste âmbito, não apenas como uma forma de expressão do pensamento ou de mera transmissão de informações, mas antes uma actividade que modifica uma situação, reconhecendo-se a sua axial intenção pragmática. A enunciação é, pois, um acto de apropriação, assente nos princípios de cooperação, intrínsecos ao pacto que, neste caso, ultrapassa a instância do par locutor e alocutário, comum na análise conversacional, para a alargar à entidade de co-enunciador, construído na própria situação de enunciação e actualizado na complementaridade e na reversibilidade.

Neste sentido, subscrevemos a explicação de Maingueneau, quando afirma: “On insiste beaucoup sur l'idée que l'énonciateur construit son énoncé en fonction

²⁹ Um estudo curioso a este propósito consistiria em avaliar a evolução diacrónica das regras de conduta epistolar que constam dos Secretários e Manuais epistolares, ao longo dos dois últimos séculos. Por exemplo, uma das regras praticadas ainda no início do século XX para a assinatura de cartas ditava que, quanto maior fosse o espaço entre o final da carta e a assinatura, maior era a deferência que se desejava testemunhar à pessoa a quem se dirigia e recomendava mesmo que se juntasse à assinatura um sinal particular, destinado a evitar a falsificação. Cf. *Manual Prático de Correspondência familiar*, José da Câmara Manuel, Lisboa, Livraria Popular, s/d, 8ª. edição.

³⁰ E. Roulet, “Co-enunciation and the definition of dialogue units”, *Verbum*, XXI, 2, 1999, pp. 233-242.

³¹ Cf. A reflexão de Patrizia Violi, Greimas, A. J., e J.-B. Grize *et al.*, *La lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*, Fribourg, Éditions Universitaires, 1988, pp. 98-99.

de ce qu'a déjà dit le *co-énonciateur*, mais aussi en fonction d'hypothèses qu'il échafaude sur les capacités interprétatives de ce dernier"³².

A análise do núcleo central, cerne do modelo AICE, restringe-se ao estudo da superfície discursiva e, como dissemos no início da explicitação deste modelo, grande parte da investigação que é realizada em textos epistolares, é cerceada por esta habitual decomposição da superfície textual, em sequências ou em “turnos de escrita”³³.

Poder-se-á questionar a utilização da expressão “turnos de escrita”, decalcada da sua homóloga “turnos de fala”³⁴. De Rycker faz a sistematização dos resultados da comparação do “*turn system*” na escrita e no oral e conclui que o intervalo temporal entre os turnos (“*gap*”) no epistolar “é infinitamente mais longo do que no oral”³⁵ e a sua regulação é flexível e incerta. Contudo, os turnos de escrita são mais facilmente identificáveis, pois constituem unidades monologais. Para Kerbrat-Orecchioni, numa correspondência, há pares adjacentes (cartas de iniciativa e cartas reactivas) e cada carta constitui um turno de escrita.

O quadro do modelo AICE revela que a análise da superfície discursiva pressupõe dois níveis de análise. Num primeiro nível, que designámos por nível pragmático-enunciativo, estudar-se-ão as marcas de interacção, o dispositivo deíctico e as rotinas verbais, de abertura, pré-fecho e fecho de missiva e, ainda, as formas de tratamento e de delicadeza. As marcas da interacção são itens importantes a partir dos quais se estruturam outros níveis de formação de sentido. Incluem-se neste nível as referências periféricas de enquadramento, reforçando a ideia da

³² Dominique Maingueneau, *Pragmatique pour le discours littéraire*, Paris, Bordas, 1990, p. 16.

³³ Jean-Michel Adam, na sequência de todos os seus trabalhos anteriores, subscreve igualmente para o epistolar uma estrutura composicional, que expõe detalhadamente no artigo “Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives”, *La lettre entre réel et fiction*, Jürgen Siess (dir.), Paris, Sedes, 1998, pp. 37-53; Ruth Amossy segue o mesmo esquema de análise no seu artigo “La lettre d'amour, du réel au fictionnel”, Jürgen Siess (dir.), *idem*, pp. 73-96. Ainda na mesma obra conjunta, saliente-se a diferença de abordagem de Georges-Elia Sarfati que, no seu artigo, “De la mise en intrigue. Étude linguistique des lettres II et IV des Liaisons Dangereuses”, procede a uma análise “integrativa” (como já referimos), privilegiando a articulação da problemática contextual, da dinâmica textual e, detalhadamente da superfície discursiva, nas suas dimensões argumentativa e axiológica. *Ibidem*, pp. 159-176.

³⁴ Cf. Sacks *et al.*, “A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation”, *Language* 50, 1974, pp.696-735.

³⁵ De Rycker, T., “Turns and Writing: the organization of Correspondance”, Verschueren, J. e Bertuccelli-Papi, M. (ed.), *The Pragmatic perspective*, Amsterdam, Philadelphia, Benjamins, 1987, pp. 613-647. A citação é da página 64.

relação epistolar como relação diferida. O contexto espacial da situação de enunciação encima a superfície discursiva, indicando-se o nome do espaço onde se localiza o destinador. Como foi explicado no capítulo 3 da parte I, nem sempre assim aconteceu e, em séculos passados, surgiam comumente explicitadas as marcas de alocação. Exemplo: “*Damião de Góis a Nicolau Clenardo manda muita saúde, Pádua, 19.VIII. 1537*”³⁶.

As coordenadas temporais que habitualmente se pospõem à localização espacial contribuem para a ancoragem déictica completa da enunciação. A *décalage* temporal é estruturante da interação epistolar, descortinando-se movimentos de contra-corrente entre o epistológrafo e o seu destinatário. O escrevente projecta-se no momento da recepção e alude frequentemente a ele (a canónica frase de abertura “espero que ao receberes esta carta te encontres bem de saúde” ilustra bem esta projecção no futuro), imaginando como se processará a recepção, revelando, assim, capacidades de antecipação. Por sua vez, o destinatário, ao ler a mensagem, aceita esse intervalo temporal, percebendo-o como pertencente ao tempo passado e provando as suas capacidades de reconstituição. Isto mesmo explica Haroche-Bouzinac ao afirmar:

“Tout décalage est source de jeux de temps: à un degré élémentaire de conscience épistolaire, tout auteur de lettre sait que le présent de l’écriture correspond au futur de la réception, tout récepteur sait également que le présent de la réception renvoie au passé de l’expédition. Un ensemble de données constitue ce qu’il conviendrait d’appeler la “temporalité épistolaire”³⁷.

Bernard Bray analisa este vaivém epistolar e pronuncia-se, defendendo o tempo triplo³⁸ em que o destinatário, pela leitura, é conduzido ao passado, ao momento (ou momentos) da escrita da carta que, no presente, decifra. O seu

³⁶ Amadeu Torres, *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana I - As Cartas latinas de Damião de Góis*, Introdução, texto Crítico e Versão, Braga, 1979, p. 300.

³⁷ Geneviève Haroche-Bouzinac, *L’Épistolaire*, Paris, Hachette 1995, p. 77.

³⁸ Bray afirma: “Chacun des deux correspondants, successivement lecteur et scripteur, vit ainsi dans un temps triple.”, Bernard Bray, “L’Épistolier et son public en France au XVII^e siècle”, *Travaux de linguistique et littérature*, Centre de philologie et de littérature romanes de Strasbourg, XI, 2, 1973, *apud* Haroche-Bouzinac, *op. cit.*, p. 80.

momento é o presente onde decorre o acto de leitura e o da escrita, pressupondo que é imediatamente consecutivo. Projecta-se, então, no futuro, no momento em que essa resposta será lida, concorrendo, dessa forma, para esclarecer os intricamentos da temporalidade epistolar.

As línguas têm a capacidade de gramaticalizar alguns destes elementos contextuais através do fenómeno da *deixis*.

“Whatever the attractions of universal features of interaction for the explanation of universal pragmatic phenomena, there are also clear language-specific pragmatic phenomena, as in the domain of **social deixis** and elsewhere, where functional accounts of language structure would need to relate these to culture-specific aspects of interaction” (Levinson 1983: 46).

No texto epistolar, a presença do dispositivo deíctico, ou seja, dos elementos linguísticos que fazem a conexão da língua com a própria situação de enunciação, é vital, na medida em que a situação de comunicação diferida e o afastamento espaço-temporal dos correspondentes carece de ancoragem, de explicitação, reivindicando-se, assim, a sua presença contínua e permanente³⁹.

Por outro lado, o AICE propõe a análise das formas de tratamento e de delicadeza: importa realçar o valor relacional destas formas e das múltiplas realizações (mesmo, restringindo-nos ao epistolar familiar) que o epistológrafo tem à sua disposição para designar (mimando ou desprezando) o seu correspondente.

Este jogo de designações que os correspondentes se atribuem, as formas de “*ethos*”⁴⁰, as formas de delicadeza e a sua importância na construção ou restauração

³⁹ Veja-se, a este propósito, o artigo de María José Borrero Barrera e Rafael Cala Carvajal, da Universidade de Barcelona “La carta como documento lingüístico: la deixis en el discurso epistolar”, publicado na *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, n.º. IV, Novembro 2002, disponível em <http://www.um.es/tonosdigital/znum4/estudios/discursopeistolar.htm>, consultada em 16.09.2004.

⁴⁰ Dos vários investigadores que se têm dedicado a explicitar a triologia aristotélica “*ethos, pathos e logos*”, destacamos Maingueneau 1984, 1991 e 1998 (obras anteriormente referidas) e Ruth Amossy, *Images de soi dans le discours. La construction de l'éthos*, Lausanne, Delachaux & Niestlé, 1999 e “De l'énonciation à l'interaction: l'analyse du récit entre pragmatique et narratologie”, Ruth Amossy (dir.), *Pragmatique et analyse des textes*, Tel-Aviv, Presses de L'Université de Tel-Aviv, 2002 e ainda o artigo da autora, já citado, “La lettre d'amour du réel au fictionnel”, in Jürgen Siess (dir.), 1998, pp. 73-96, em que define o conceito de *ethos*, aplicando-o posteriormente na análise de um epistolário amoroso

da relação interpessoal, contribuem para a preservação do carácter amigável ou familiar das interacções.

Relacionada com a importância das designações, na comunicação epistolar, está também a presença do *tu*, ou seja, o que Altman defende como “the power of the letter to make the distant addressee present” (1982: 14), transformando-a num quase diálogo. Um dos processos mais explícitos de o fazer é através do uso da paráfrase.

O registo dos ecos da carta anteriormente recebida, marcas textuais de um enunciado outro, espelham a necessidade que o responsável pela enunciação tem de se sentir a “dialogar” com o destinatário:

“For the letter writer, to write someone is to speak to him, but in order for this illusion to be maintained in a lengthy letter the other person’s voice must somehow be heard” (1982: 118).

“A aproximação entre o *eu* e o *tu* pode também ser visível na própria linguagem da carta: na preocupação constante com o destinatário, nas questões que se lhe colocam, nas respostas que se lhe dão ou, ainda, nos elementos e informações que se lhe fornece, tentando-se, a todo o custo, coarctar as barreiras da distância”⁴¹.

A confidencialidade é outra das provas de aproximação entre dois correspondentes. Algumas cartas evidenciam o teor e a dimensão da intimidade/aproximação existente entre emissor e o destinatário ou permitem tirar ilações neste sentido. O emissor conhece tão bem o outro a quem se dirige que “adivinha”, registando antecipadamente, as respostas que sabe que dará às questões que coloca.

Esta presença constante do destinatário no horizonte do emissor modifica profundamente, na interacção epistolar, “la conscience que l’on prend de soi-même

ficcional: “Dans ce cadre, la posture adoptée par le sujet de l’énonciation, la représentation qu’il donne de lui-même dans son discours sont désignés par le terme d’*ethos* (repris à la rhétorique d’Aristote, où il désigne la personne de l’orateur et l’autorité qu’elle confère à l’argument.” (Ruht Amossy, *op. cit.*, 1998: 76).

⁴¹ Henriqueta Maria de Medeiros Pereira Melo e Sousa, *O romance Epistolar em Almeida Faria: o “Diálogo impossível”*, Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores, 1997, p. 85.

aussi bien que la manière dont on se communique”⁴² (ou seja, a presença do *tu* tanto pode ser um obstáculo à espontaneidade do *eu*, como, pelo contrário, um reforço à sua própria exploração interior, porque a justifica⁴³.

O último sub-nível de análise da superfície discursiva propõe a selecção dos actos de fala⁴⁴ mais relevantes nos textos epistolares em análise, privilegiando as realizações indirectas. O carácter premeditado da escrita e o facto de a comunicação se desenrolar em situação de disjunção espaço-temporal conduzem à utilização de actos de agradecimento, de pedido de desculpas, de justificação e outros que são realizados indirectamente, com recurso a atenuadores⁴⁵.

Avaliar-se-á também a importância da diafonia na troca epistolar. O conceito de diafonia foi introduzido por Roulet *et al.* Segundo este linguista da escola genovesa⁴⁶, uma intervenção diafónica caracteriza-se por uma dupla propriedade. A primeira é a presença de uma reformulação “qui se manifeste aussi bien dans ce qui est retenu du discours de l’autre (...) que dans les termes utilisés pour exprimer ce qui est retenu”⁴⁷. A segunda consiste na subordinação do discurso do outro ao do enunciador, sendo essa subordinação geralmente marcada pelo uso de um conector que introduz uma contra-argumentação.

A retoma do discurso do outro na correspondência cumpre várias funções interlocutivas: expressa e acusa a recepção da mensagem anterior; preserva a coesão

⁴² Jean Rousset, *Forme et signification*, Paris, Librairie Corti, 1962, p. 72.

⁴³ “L’autre est un moi qui peut avoir la procuration de ma propre expérience, éclairant ainsi l’intimité de mon espace du dedans”, Georges Gusdorf, *Les Écritures du Moi*, Vol. 1, Paris, Éditions Odile Jacob, 1991, p.185.

⁴⁴ A noção de acto de fala que adoptamos é a que é dada pela corrente interaccionista da análise do discurso e que, partindo das precursoras teorias de Austin e de Searle, as reformulam, partindo do pressuposto reforçado de que os actos de fala não surgem como entidades isoladas e abstractas, funcionando em contexto e em interacção. Referimo-nos sobretudo a Kerbrat-Orecchioni e à sua obra *Les Actes de langage dans le discours*, Paris, Nathan Université, 2001, onde a autora afirma: “Loin d’abandonner la notion d’acte de langage, la perspective interactionniste confirme et même renforce l’idée selon laquelle parler c’est agir – ou plutôt interagir (...)”, p. 53.

⁴⁵ A tradução de *softners* (Brown & Levinson 1987) ou de *adouçisseurs* (Kerbrat-Orecchioni 1992) coloca problemas no português. Optámos pela designação “atenuadores”.

⁴⁶ Laurent Perrin, também investigador da Universidade de Genève, aplica o modelo modular de organização discursiva à análise de uma interacção epistolar: “De la structure énonciative et de l’organisation polyphonique d’un échange épistolaire”, *Cahiers de Linguistique Française 18, Approches Modulaires pragmatique et expérientielle du discours et des énoncés*, Genève, Université de Genève, Faculté de Lettres, 1996, pp. 129-157.

⁴⁷ E. Roulet, *L’Articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang, 1985, p. 70.

textual através da retoma temática e, nomeadamente, lexical; relembra a posição do correspondente, de modo a relançar o diálogo epistolar, temporalmente distanciada, e opera, de forma condensada, a gestão⁴⁸ do pacto epistolar.

As formas de representação são múltiplas: reposta, paráfrase, resumo, citação (idêntica ou modificada), alusão e são consideradas por Melançon formas de “transsubstanciação”⁴⁹.

Por fim, o cerne da análise da superfície discursiva centra-se no estudo dos *topoi*⁵⁰ epistolares que recenseámos e aos quais conferimos especial realce, pois, como mostraremos no capítulo seguinte, são configuradores do género epistolar familiar.

2. Rotinas verbais e a sua dimensão configuracional

“Animal social, l’homme est un animal rituel. Supprimez une certaine forme de rite, et il réapparaît sous une autre forme, avec d’autant plus de vigueur que l’interaction sociale est intense. Sans lettres de condoléances ou de félicitations, sans cartes postales occasionnelles, l’amitié d’un ami éloigné n’a pas de réalité sociale. (...) Il n’y a pas de rapports sociaux sans actes symboliques”.

Mary Douglas, *De la souillure. Essai sur les notions de pollution et de tabou*, Paris, Maspéro, p. 81.

A forma etimológica latina *ritus* está na origem dos termos *ritual*, *rito*, *rotina* que constitui um conceito capital nesta nossa investigação. Numa acepção clássica e, em sentido estrito, designava um culto, uma cerimónia religiosa, alargando-se o seu

⁴⁸ F. Jacques, designa “gestão epistolar” a actividade pela qual os correspondentes se comprometem a manter “le couplage relationnel”, *L’espace logique de l’interlocution*, Paris, Presses Universitaires de France, 1985.

⁴⁹ “Ces transformations multiformes de la lettre reçue sont une véritable *transsubstantiation*: elles donnent voix à l’autre absent, elles créent un dialogue dans la lettre qui est analogue du dialogue qui est la correspondance”, Melançon, *op. cit.*, 1996, p. 305.

⁵⁰ Para a compreensão da multiplicidade de abordagens deste conceito de *topos* é indispensável a leitura da obra conjunta *Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés*, Christian Plantin (dir.), Paris, Éditions Kimé, 1993. Sugere-se também a leitura da tese de doutoramento de Véronique Fillol, *Vers une sémiotique de l’énonciation, Du lieu commun comme stratégie et des formes et/ou formations discursives comme lieux communs de l’énonciation (dans la presse féminine)*, Université de Toulouse Le Mirail, Département des Sciences du Langage, 1998.

alcance semântico às noções de uso e costume, de onde resultou essa acepção pejorativa que revela o mecanicismo, a repetitividade, a conformidade às prescrições estabelecidas.

Existiram sempre comportamentos rituais, desde as tradições ligadas às cerimónias religiosas sacramentais, aos protocolos, até às simples rotinas na vida quotidiana, de que as saudações e as formas de delicadeza são exemplos esclarecedores.

Os prelúdios da etnografia reportam-se a estudos quase exclusivamente dedicados à descrição destes comportamentos ritualizados e à sua posterior comparação entre sociedades distintas, investigações essas desencadeadas, não somente pela curiosidade científica, mas, porventura, movidas pelo ensejo de decodificar as origens da cultura e civilização humanas, de entender as suas crenças, os seus símbolos e as suas funções e relevância e, conseqüentemente, interrogar-se sobre a crise contemporânea dessa “ritualidade” (Maisonneuve (1995: 5) e a emergência de novas formas⁵¹.

Para chegar a uma definição consensual de *rotina verbal* é necessário entender a transdisciplinaridade dos conceitos de *ritual* e de *rotina* que estão subjacentes a essa apropriação por parte de outra disciplina das ciências humanas.

Para a sociologia e para a etnologia, os rituais designam um conjunto de práticas prescritas ou interditas, relacionadas com crenças mágicas e/ou religiosas, com cerimónias festivas quer profanas, quer sagradas⁵². A psicologia social e a psicanálise, por seu turno, partindo da função colectiva dos rituais, interessam-se sobretudo pela apropriação dessas formas por parte dos indivíduos, quer no quadro de situações banais de repetição, quer no estudo de processos obsessivos ou compulsivos que estão na base de atitudes comportamentais desviantes.

⁵¹ Os trabalhos neste campo são vastíssimos, limitando-nos a destacar alguns pioneiros, como os de Durkheim e Bourdieu, em França, ou os de Frazer, na Grã-Bretanha. Uma síntese sobre esta matéria consta da obra de J. Cazeneuve, *Sociologie du rite*, Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

⁵² Cf. Estes trabalhos suscitaram a observação e a posterior investigação, desde Durkheim a Lévi-Strauss (em França) ou de Frazer a Turner, na comunidade anglo-saxónica. Veja-se também a obra colectiva, onde se discutem as formas seculares do ritual, especificamente o trabalho de Jack Goody, no capítulo particularmente polémico que intitulou “Against ritual: loosely structured thoughts on a loosely defined topic”, Moore Sally F. & Barbara G. Myerhoff (ed.s), *Secular ritual*, Amsterdam, Van Gorcum, pp. 25-35.

Relativamente ao emprego extensivo do termo, importa referir que os rituais designam condutas específicas relacionadas com situações e regras concretas, marcadas pela repetição, pela formalidade, pela imutabilidade durante longos períodos de tempo, pela simbologia. Os aspectos observáveis destas formas ritualizadas (a repetição, a perenidade, a plasticidade, a variação cultural) estão em correlação permanente com o papel desempenhado no seio de um conjunto de situações, de sentimentos, de representações, nas quais assumem a função não só de expressão, como, sobretudo, de regulação. Enquanto mecanismo social, o ritual revela muito da sua eficácia, na medida em que ordena a desordem e a dúvida, e apetrecha os actores sociais de formas concretas que lhes permitem gerir com mais facilidade e eficácia as relações sociais, conjugando a expressão individual com o código colectivo que, fruto de uma aprendizagem, foi apreendido e perpetuado ao longo de gerações.

Relativamente aos rituais quotidianos, uma breve passagem de Saint-Exupéry ilustra, de forma poética, o seu valor indissolivelmente funcional e simbólico. A raposa diz ao Príncipezinho: “Precisamos de rituais!”⁵³

Muitos investigadores, interessados em estudar as manifestações da vida quotidiana, descortinaram múltiplas formas rituais e, nomeadamente E. Goffman e D. Picard sublinharam, na senda do que Durkheim afirmara relativamente aos rituais sagrados, que os rituais quotidianos são formas de habituar a pessoa a interagir correctamente nas suas interacções e a promover a “convivialidade”⁵⁴ com os seus parceiros sociais.

Goffman justifica a sua escolha do termo ritual afirmando: “J’emploie le terme *rituel* parce quil s’agit ici d’actes dont le composant symbolique sert à montrer combien la personne agissante est digne de respect, ou combien elle estime que les autres en sont dignes⁵⁵”.

⁵³ Antoine de Saint Exupéry, *O Príncipezinho*, Lisboa, Editorial Presença, 2001, (tradução da edição francesa *Le Petit Prince*, Paris, Editions Gallimard, 1946).

⁵⁴ Este termo “convivialidade é usado com regularidade, desde o lançamento da obra de I. Illitch, *La convivialité*, Paris, Éditions du Seuil, 1973.

⁵⁵ E. Goffman, *Les Rites d’interaction*, Paris, Les Editions de Minuit, 1974, p. 21

Quando nos propomos analisar os actos de fala e as rotinas verbais no epistolar, subscrevemos a posição de F. Coulmas que refere que os actos de fala são elementos de estruturas maiores e que a própria organização sequencial é rotinizada:

“Typically, speech acts are not only internally structured, they are also elements of larger structures. Their sequential character is part of what normal speakers know about language. To some extent, the sequential organization of conversation is routinized”⁵⁶.

Adoptamos, então, a definição de Coulmas que, após considerar que as interacções do quotidiano envolvem rituais, convenções e rotinas, explicita e define rotinas verbais como:“(…) tacit agreements, which the members of community presume to be shared by every reasonable co-member. In embodying societal knowledge they are essential in the handling of day-to-day situation”⁵⁷.

Na mesma linha de análise, Geneviève-Dominique de Salins considera que a expressão do ritual se faz através de formas ou expressões linguísticas estereotipadas: “Acte conventionnel, le rituel s’exprime souvent par des formes linguistiques stéréotypées; sa gestuelle est également codifiée par le contrôle social. (...), les éléments du rituel seraient classés dans la fonction phatique, celle qui crée le lien et maintient le contact entre membres d’une même communauté linguistique. Le rituel a une valeur dialogique”⁵⁸.

Subscrevemos para o estudo das rotinas verbais a perspectiva interaccionista da análise do discurso, pela qual a comunicação é entendida como interacção, ou seja, em que os interlocutores exercem influências mútuas:

“L’occurrence des actes de langage en situation interlocutive en fait des interactes de langage, comme elle fait des locuteurs des interlocuteurs, c’est-à-dire des interactants par le discours”⁵⁹.

⁵⁶ F. Coulmas, “Introduction”, F. Coulmas (ed.), *Conversational Routine, Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague, Mouton Publishers, Vol. 2, p.2.

⁵⁷ *ibidem*, p. 4.

⁵⁸ Geneviève-Dominique de Salins, *Une approche ethnographique de la communication*, Paris, Hatier/Didier, 2002, p. 16.

⁵⁹ F. Jacques, *Dialogiques*, Paris, Presses Universitaires de France, 1979, p. 203.

Se invocamos aqui a noção de cortesia verbal é pela simples razão de que para a análise dos actos subjacentes às rotinas verbais que configuram o género epistolar, importa perceber a escolha de determinadas estratégias, mais delicadas, mais deferentes. A literatura sobre a cortesia ou delicadeza verbal é extensíssima, tendo-se convertido num dos objectos de estudo privilegiados pela pragmática, pois como afirma Held (1992: 133): “because of its connection with the acting and speaking subject, politeness has been of interest as na intentional, goal-oriented, situation-specific selection of linguistic strategies between ego and alter”⁶⁰. As diferentes teorias definem a delicadeza ou cortesia sob diferentes pontos de vista: enquanto que Brown & Levinson (1978, 1987) a consideram como um tipo de comportamento cujo objectivo é preservar a face do interlocutor, Leech (1983) e Clark e Schunk (1980) explicam o conceito, recorrendo a metáforas do campo semântico da economia. Para Leech, a delicadeza implica minimizar o custo e maximizar o benefício e Clark e Schunk conceptualizam-na como uma moeda de troca ou de câmbio que permite regular os processos de interacção social.

Circunscrevemo-nos aos conceitos explanados por Fraser (1980) e Lakoff (1973) para explicitar a razão desta escolha e a sua aplicação na análise do texto epistolar. Para Fraser, a delicadeza verbal assenta essencialmente no que designa de contrato conversacional, que se define como o conjunto dos direitos e das obrigações mútuas dos intervenientes na interacção verbal. Fraser estabelece, assim, uma relação intrínseca entre o contrato conversacional e a delicadeza verbal ao afirmar:

“Given this notion of the conversational contract, we can say that na utterance is polite, to the extent to which the speaker, in the hearer’s opinion, has not violated the rights or obligations which are in effect at that moment”⁶¹.

As regras de delicadeza determinam o estilo da interacção verbal, mas não afectam o seu conteúdo proposicional, constituindo-se, portanto, como regras reguladoras. Importa, pois, conhecer as regras, as estratégias verbais que contribuem

⁶⁰ G. Held, “Politeness in linguistic research”, R. J. Watts, S. Ide e K. Ehlich (ed.), *Politeness in language. Studies in History, theory and Practice*, Berlim, Moutonde Gruyter, 1992, pp. 131-153.

⁶¹ B. Fraser, “Conversational Mitigation”, *Journal of Pragmatics*, IV -4, 1980, pp. 341-350.

para a delicadeza verbal. Lakoff, partindo das máximas conversacionais que estruturam o Princípio da Cooperação de Grice⁶², formula as seguintes máximas: “1. Não imponhas a tua vontade ao teu interlocutor; 2. Indica opções; 3. Sé amável”, em que a primeira está relacionada com a distância e a formalidade, a segunda com a deferência e a terceira com a convivialidade.

É reconhecida igualmente no estudo da delicadeza a supremacia do modelo de Brown & Levinson. Kerbrat-Orecchioni subscreve esta opinião ao afirmar:

A tout seigneur, tout honneur: le système élaboré par Penelope Brown et Stephen Levinson (première version 1978, version remaniée 1987) constituant incontestablement à l’heure actuelle le cadre théorique le plus cohérent, et puissant, et ayant en conséquence inspiré le plus des recherches récentes dans ce domaine, c’est le système que nous présenterons le premier”⁶³.

Neste modelo o conceito central é o conceito de face, que os autores retomam de Goffman que o introduziu a partir da analogia com as expressões idiomáticas *losing face* e *saving face*. Brown & Levinson definem desta forma o conceito de face:

“Central to our model is a high abstract notion of “face” which consists of two specific kinds of desire (“face wants”) attributed by interlocutors to one another: the desire to be unimpeded in one’s action (negative face) and the desire (in some respects) to be approved of (positive face)”⁶⁴.

A imagem pode perder-se, manter-se, incrementar-se e as diferentes posições dependem da atenção colocada na interação e, neste sentido, a delicadeza aparece como uma forma de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces. Há duas perspectivas nesta noção de face: a face positiva, que corresponde à imagem de si, conotada com uma visão narcísica da pessoa⁶⁵ e a face negativa que corresponde ao espaço pessoal, no qual a intromissão de outrem pode constituir uma ameaça, uma

⁶² H.P. Grice, “Logic and Conversation”, Cole, P e J.L. Morgan (ed.s), 1975, pp. 41-58.

⁶³ Catherine Kerbrat-Orecchioni, *Les Interactions Verbales*, II, Paris, Armand Colin, 1992, p. 167.

⁶⁴ P. Brown & S. Levinson, “Universals in language usage: Politeness phenomena”, *Questions and politeness: Strategies in social interaction*, E. Goody (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1978, pp. 56-290.

⁶⁵ Esta noção de “composante narcissique de l’individu” é de Véronique Traverso, *La Conversation Familiale - Analyse des pratiques des interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1996, p. 36

ingerência. Estabelece-se, então, uma distinção entre os actos que ameaçam a face negativa e os que ameaçam a face positiva e classificam-se os actos, segundo esta perspectiva⁶⁶. Brown & Levinson designam os actos ameaçadores da face FTA (*Face Threatening Acts*)⁶⁷:

“it is intuitively the case that certain kinds of acts intrinsically threaten face, namely those acts that by their nature run contrary to the face wants of the addressee and/or of the speaker”⁶⁸.

Kerbrat-Orecchioni considera esta perspectiva muito negativa⁶⁹ e, por isso, introduz neste modelo teórico a noção de FFA (*Face Flattering Act*), ou seja, actos valorizadores da face do outro, equilibrando assim o sistema de faces anteriormente descrito.

Esta breve incursão no domínio das teorias da delicadeza serve para explicitar os fundamentos da escolha dos actos que configuram o género epistolar e que serão analisados no capítulo seguinte, das rotinas verbais. Com base nestes pressupostos teóricos, o acto de pedido é um acto de fala que ameaça a face negativa do interlocutor, apesar do pedido de desculpas afectar, por sua vez, a face positiva do locutor. Por outro lado, o agradecimento, como veremos adiante, um acto fundamental no registo epistolar, constitui um desafio para a imagem negativa do locutor, neste caso, do correspondente.

Os actos de fala que passaremos em revista são maioritariamente actos de fala expressivos. Na definição original de Searle, o conteúdo proposicional do acto expressivo descreve uma propriedade atribuída quer ao locutor quer ao interlocutor.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 69.

⁶⁷ Na terminologia linguística espanhola, estes FTAs são designados por ACIs, “actos contra la imagen”. Cf. P. Garcés Conejos, “Revisión crítica de algunos de los postulados de la teoría de la cortesía lingüística propugnada por Brown & Levinson, Hernández, C., B. Lépinette e M. Pérez (ed.), *Aspectes de la reflexió i de la praxi interlingüística*, València, Universitat de València, 1995; Francisco Javier Díaz Pérez, *La cortesía verbal en inglés y en español. Actos de habla y pragmática intercultural*, Jaén, Universidad de Jaén, 2003.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 70.

⁶⁹ Kerbrat-Orecchioni afirma: “Mais cette conception très “négative” est excessivement réductrice, car la politesse consiste aussi à produire des “anti-menaces”: si un grand nombre d’actes sont menaçants pour les faces des interlocuteurs, il en est qui sont plutôt valorisants pour ces mêmes faces, comme le compliment, le remerciement, ou le vœu – et c’est heureux, car non seulement les faces demandant à être préservées, mais aussi parfois elles réclament des gratifications plus positives”, *Les Actes de Langage dans le discours, Théorie et fonctionnement*, Paris, Nathan Université, 2001, p. 74.

Agradecer, felicitar, pedir desculpas, apresentar condolências, lamentar, saudar, todos estes actos especificam uma reacção do locutor perante uma situação, em que o interlocutor toma parte activa ou passiva. São considerados actos delicados, na medida em que servem para apoiar ou reforçar a imagem positiva do interlocutor.

A saudação é um acto expressivo idiossincrático, na medida em que é considerado um acto expressivo universal: a sua realização formal baseia-se em rotinas verbais, algumas fossilizadas e não transmite informação proposicional: “Greet is to be treated as na expressive verb, even though it lacks the typical syntactic indicators of that category”⁷⁰. A saudação tem várias funções interactivas: em primeiro lugar serve para abrir o canal comunicativo, ou seja, funciona como um sinal para chamar a atenção do interlocutor, incitando-o a participar na interacção verbal; potencia igualmente a comunicação fática e, de acordo, com a fórmula seleccionada, serve para estabelecer ou confirmar a relação interpessoal, que se define por factores anteriormente evocados. No caso particular da interacção epistolar, explicitaremos igualmente as saudações disjuntivas como actos de fecho da interacção, dado que são igualmente rotinizadas como as das sequências de abertura.

Goffman refere a propósito destes actos: “Les manifestations les plus visibles de cette activité cérémonielle sont sans doute les salutations, les compliments et les excuses qui ponctuent les rapports sociaux et qu’on peu designer du nom de “rites statutaires” ou encore des rites interpersonnels”⁷¹.

Por sua vez, o agradecimento é um acto expressivo reactivo que é determinado por um acto previamente efectuado pelo interlocutor. O acto de agradecimento restabelece o equilíbrio na relação custo-benefício entre os interlocutores (*Cf.* Topoi: pacto negocial, cap. III, parte III). Não agradecer ou, como veremos, no epistolar, retardar esse agradecimento, significa um desrespeito ou incumprimento desse pacto, desse balanço, o que é conotado como uma

⁷⁰ G. Leech, *Principles of Pragmatics*, London, Longman, 1983, p. 209.

⁷¹ E. Goffman, *Les Rites d'interaction*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1974, p. 51

infracção à delicadeza. Segundo Coulmas agradecer é um acto que pode ser incluído nos universais de delicadeza:

“Apologies and thanks are strategic devices whose most important function is to balance politeness relations between interlocutors. It has been convincingly argued by R. Lakoff among that politeness is a universal linguistic variable. As regards apologies and thanks, it seems to be a reasonable assumption that they exist as generic speech acts in every speech community. I would even go so far as to venture the hypothesis that every language provides a stock of conventionalized means for fulfilling these functions”⁷².

Os actos de agradecimento estão, pois, intimamente ligados, com as noções de delicadeza e de preservação das faces e têm sobretudo uma função convival, ou seja, de valor social. A força ilocutória da expressão de agradecimento pode intensificar-se através de múltiplos modificadores internos que denotam a intenção de destacar a reciprocidade.

O acto pedido de desculpas assemelha-se, pela sua natureza expressiva reactiva, ao acto de agradecimento. O locutor que produz um pedido de desculpas realiza um acto expressivo, cujo objectivo ilocutório é dar a conhecer ao seu interlocutor que violou determinada norma social e que se considera, pelo menos parcialmente culpado de ter ocasionado essa violação. Neste sentido, o pedido de desculpas reforça a face positiva do interlocutor e constitui-se como um acto imprescindível na manutenção das boas relações interpessoais. É desta forma que nos é definido por Holmes:

“An apology is a speech act addressed to B’s face-needs and intended to remedy an offense for which A takes responsibility, and thus to restore equilibrium between A and B (where A is the apologizer and B is the person offended)”⁷³.

Goffman especifica que o pedido de desculpas integra vários elementos: por um lado, a expressão do arrependimento ou do remorso e, por outro, a interiorização do incumprimento das normas sociais vigentes. Outra característica

⁷² F. Coulmas (ed.), “Poison to your soul! Thanks and apologies contrastively reviewed”, *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague, Mouton Publishers, 1981, p. 81.

⁷³ J. Holmes, *Women, Men and Politeness*, London, Logman, 1995, p. 155.

deste acto é a pressuposição de que o locutor, ou o correspondente, no caso deste estudo, assume a responsabilidade de evitar a violação da norma, no futuro. No plano perlocutivo, ao produzir este acto, o locutor deseja que o seu interlocutor o perdoe.

Constata-se igualmente que este acto veicula duas atitudes contrárias: uma retrospectiva e na medida em que primeiramente consiste em reconhecer que foi reprovável o comportamento e outra prospectiva, ao solicitar ao interlocutor a aceitação e a compreensão do pedido.

Ao produzir um acto de pedido de desculpas, o causador da ofensa deve pôr em funcionamento o que Goffman denominou “*remedial work*”⁷⁴, estratégias reparadoras que têm como finalidade reparar o dano causado na face do interlocutor, de tal forma que sejam repostos a ordem e o equilíbrio anteriores.

Outro dos actos que se constitui como rotina na interacção epistolar é o acto de pedido ou solicitação. Ao invés dos actos anteriores, classificados como expressivos, este acto é na classificação de Searle um acto directivo⁷⁵, através do qual o locutor comunica ao seu interlocutor que deseje que ele realize determinado acto que irá redundar num benefício para o locutor. O acto de pedido ou solicitação é um exemplo paradigmático de acto de fala que determina uma intrusão no território do interlocutor, que ameaça a sua face negativa, o que leva a que seja considerado um FTA. Como afirma Trosborg:

“The request is epr definition a face-threatening act (FTA). The speaker who makes a request attempts to exercise power or direct controlo ver the intentional behaviour of the hearer, and in doing so threatens the requestee’s negative face (his/her want to be unimpeded) by indicating that he/she does not intend to refrain from impeding the requestee’s freedom of action”⁷⁶.

⁷⁴ Expressão que, na tradução francesa, surge como “*activité réparatrice*”, E. Goffman, *La Mise en scène de la vie quotidienne*, 2. *Relations en public*, Paris, Éditions de Minuit, 1973, pp.101-121.

⁷⁵ Para Searle, os actos directivos “are attempts (of varying degrees, and hence, more precisely, they are determinates of the determinable which includes attempting) by the speaker to get the hearer to do something. They may be very modest “attempts” as when I invite you to do it or suggest that you do it, or they may be very fierce attempts as when I insist that you do it”, J. Searle, “Indirect speech acts”, P. Cole e J. Morgan (ed.), *Speech Acts. Syntax and Semantics 3*. New York, Cornell University Press, 1975, p. 11.

⁷⁶ A. Trosborg, *Interlanguage Pragmatics. Request, Complaints and Apologies*, Berlim, New York, Mouton de Gruyter, 1995, p. 188.

O objectivo ilocutório dos actos em análise é indiscutivelmente um único: tentar que o interlocutor realize futuramente um acto verbal ou não verbal, embora as forças ilocutórias no caso do pedido (condicional ou pergunta) e da ordem (imperativo) sejam efectivamente diferentes. (Cf. Mateus *et alii* 1989: 127-128 e Duarte 2000: 341-349)

O acto ilocutório em questão – o pedido - apresenta três características: diz respeito a uma acção futura, apresenta uma dimensão negocial e envolve uma dimensão volitiva: o locutor demonstra a sua vontade (volição positiva) de que o interlocutor realize a acção futura (Mitchell 1981: 103-119) ⁷⁷.

A força ilocutória destes actos pode oscilar desde a ordem, expressa através de imperativos e performativos explícitos, até à súplica e a escolha da proposição depende sempre da relação existente entre os correspondentes. No caso das realizações directas, o propósito ilocutório é explícito e o grau de intromissão no território do interlocutor é elevado. Habitualmente predomina a escolha de estratégias indirectas convencionais para a realização deste acto que salvagam a face negativa do locutor, ao mesmo tempo atenuam o carácter impositivo, o que se traduz no recurso sistemático às rotinas verbais epistolares.

O último acto de fala que integra o domínio das rotinas que configuram o epistolar é o acto de reclamação. É classificado como um acto expressivo, visto que se caracteriza por veicular juízos do tipo moral que expressam a aprovação ou a censura do locutor face à conduta mencionada. Através dele, o locutor expressa o seu desagrado, o seu descontentamento como reacção a uma acção que o afecta desfavoravelmente, o que, no caso da correspondência, é a reprovação pelo atraso na resposta. O locutor considera, pois, o seu interlocutor, responsável pela acção ofensiva e expressa verbalmente essa sua frustração e decepção. Para Trosborg este acto ilocutório define-se nos seguintes termos:

“A complaint is defined here as an illocutionary act in which the speaker (the complainee) Express his/her disapproval, negative feelings, etc toward the state of

⁷⁷ K. Mitchell, “Illocutionary acts in a pedagogical description, the grammar of requests and offers, R. Richterich, H.G., Widdowson (eds.), *Description, présentation et enseignement des langues*, Paris, Hatier Crédif, 1981, pp. 103-119.

affairs described in the proposition (the complainable) and for which he/she holds the hearer (the complaine) responsible, either directly or indirectly”⁷⁸.

O acto de reclamação é considerado um acto retrospectivo, ao contrário dos actos de pedido, porque se efectua uma avaliação de uma atitude, anterior ao momento da enunciação. Segundo Brown & Levinson⁷⁹, o acto de reclamação é um FTA, porque ameaça a face positiva do interlocutor. Contrariamente às expressões de agradecimento e de saudação, cuja natureza é social e convival, as reclamações têm um carácter conflituoso, ameaçando mesmo as relações e constituindo-se como actos não delicados ou descorteses. Daí que pareça contraditório focar o acto de reclamação quando os actos privilegiados são actos que favorecem as regras de delicadeza⁸⁰. No entanto, as estratégias utilizadas para impedir o conflito entre os correspondentes respeitam as regras de delicadeza, pois evita-se mencionar o conteúdo proposicional da reclamação, com recurso a formulações indirectas que vão desde à alusão, passando pela expressão de descontentamento ou desgosto, até à ironia.

Em suma, as rotinas verbais de que esquisámos alguns fundamentos teóricos e que serão analisadas no capítulo seguinte foram por nós eleitas como sequências ritualizadas que configuram o género epistolar. Tendo conhecimento de que este trabalho de sistematização já foi realizado para outros tipos e géneros textuais, considerámos importante desenvolvê-lo para o epistolar, ousando, contudo, dado o carácter pioneiro da investigação, criar este modelo.

⁷⁸ A. Trosborg, *Interlanguage Pragmatics. Request, Complaints and Apologies*, Berlín, New York, Mouton de Gruyter, 1995, p. 311-312.

⁷⁹ P. Brown & S. Levinson, *Politeness*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 66.

⁸⁰ Isto mesmo é afirmado por G. Leech, *Principles of Pragmatics*, London, Longman, 1983, p. 105.



Vermeer, Jan
Lady with Her Maidservant Holding a Letter
1667
Oil on canvas
Frick Collection, New York

Capítulo 3 – Validação do Modelo AICE

1. Análise de textos epistolares

“Prendre la plume pour écrire une lettre, c’est entrer bon gré mal gré dans un système conventionnel”.

Bernard Bray, *L’Art de la Lettre Amoureuse (1550-1700)*, La Haye, Mouton, 1967, p.12.

Há várias formas de estudar textos epistolares.

A primeira, e mais evidente, consiste em ler as correspondências.

Este método encerra duas sérias limitações: a dificuldade de acesso a textos epistolares familiares privados, restando-nos apenas os publicados. Ora, a edição privilegia incontestavelmente textos de escritores ou de figuras com notoriedade social. Daí que exista um número infinito de cartas privadas que jamais verão a luz. Mesmo quando isso acontece, os editores operam selecções e apuramentos que as afastam da traça original. São, pois, raríssimas, ou mesmo inexistentes, as publicações de cartas familiares de desconhecidos.

Outro dos limites desta forma decorre de entender o epistolar como uma prática da qual o texto é apenas o seu produto. É, pois, necessário, proceder à deconstrução para divisar o contexto, para pressupor, por exemplo, o que narravam as missivas extraviadas, perdidas, destruídas, para avaliar dos pressupostos que conduziram à escolha de esta ou daquela rotina verbal.

Ao procurar desvendar o social que influencia as representações e as escolhas individuais logramos pôr em prática um método de cariz sociológico que explora o epistolar no entrelaçamento do individual com o social.

Seguimos, pois, um percurso que é menos vulgar nas investigações linguísticas e literárias, mas assumimo-lo, pois entendemos o epistolar não só como género que deve ser exortado e impulsionado, mas sobretudo como prática de

escrita, que não é gerada *ex nihilo*, mas que está claramente relacionada com o contexto sociológico e ideológico da época, permitindo revelar normas, valores, rotinas intemporais e que espelham a importância desta forma de sociabilidade.

1.1. Carta de Amor

«Je n'ai rien à te dire sinon que ce rien, c'est à toi que je le dis.»

Roland Barthes, *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977

Segunda Pessoa

*Alguém diz tu. Alguém sem nome.
É a terra e o corpo e é o rasto de um sentido.
Alguém diz tu à imagem que se esgarça,
À certeza de uma longínqua razão.
Longe. O passado. Nomes, errados nomes de desejo.
Cego de insónia, nem lembrar te posso.
Nem mesmo em sonho saberia ver-te.
És só o pronome, tu, a ondular-te na boca,
norte magnético num desespero em surdina.
És a sílaba que dói a dor solar de um sentido.
A história avança na cabra-cega sem rostos,
e eu vivo em ti o tu mais só da minha vida.*

Óscar Lopes
A Ilha dos Amores,
Edição da Associação dos Jornalistas e Homens de
Letras do Porto

Se aceitarmos a definição de carta de amor, dada por Philippe Brenot, mais facilmente perceberemos a importância dessa transfiguração da palavra, criada a partir da ausência:

«La lettre d'amour est le témoignage d'un moment d'exception entre deux êtres qui partagent un sentiment, malgré, ou avec ceux qui les entourent. Même après des siècles, les lettres d'amour conservent intacte cette magie de la transfiguration de la

langue par les inventions littéraires qui permet la passion, et par mille détails que contiennent ces billets hors du temps»¹.

A ausência converte-se assim na condição primeira da interação epistolar amorosa, ausência essa que cria um vazio que gera o desejo, ausência que mantém a distância, ausência necessária, ausência dolorosa, sofrida, taciturna que carrega a solidão, o desespero. A interação epistolar amorosa é o lugar de todas as modalidades de ausência, dado que o amor se destina a alguém que falta, e a escrita é o seu único testemunho vivo².

“La lettre d’amour se concentre, (...) à l’instar de tout discours amoureux, sur la gestion des rapports individuels entre les participants ; elle établit entre deux partenaires, séparés dans l’espace, une interaction qui vise à la création, à la modification ou à la confirmation d’une relation affective”³.

A outra condição da escrita da carta de amor é a sua relação com o tempo, a sua inscrição no momento, de modo a que toda a distância espaço-temporal seja abolida, numa espécie de busca de um presente permanente. Daí a frequência epistolar na construção deste dialogismo amoroso e a necessidade de explicar detalhadamente as rotinas diárias, de forma a mostrar o preenchimento desse tempo de separação, sempre conotado como tempo de espera, de desconforto e de sofrimento. Essa necessidade de actualização é válida para as rotinas quotidianas que se desejam partilhar, mas assume uma importância inegável para os propósitos e as juras amorosas que, exaradas com mais facilidade no discurso escrito, contribuem para a inscrição e a perenização do sentimento íntimo. Como afirma Brenot, «la lettre d’amour est un journal quotidien enrubanné de formules intimes et d’émotions continues»⁴.

¹Philippe Brenot (2000), *De la Lettre d’amour*, Paris, Zulma, p. 26.

²Cf. Brenot p. 14.

³Ruth Amossy, « La Lettre d’amour, du réel au fictionnel », *La Lettre entre réel et fiction*, Jürgen Siess (dir.), Paris, Sedes, 1999, p. 74.

A carta de amor é, assim, o espaço de encontro, o espaço ideal de reencontro, em que a actualização do desejo de comunhão física e espiritual, a sublimação do sentimento amoroso, incrementados pela distância e pela ausência, configuram um lugar de confidências e de “*dévoilement de soi*” que transborda em toda a superfície textual.

Corroboramos as reflexões de Brengues sobre a correspondência amorosa e a sua relação com o sagrado, quando este afirma que a epístola amorosa constitui um acto positivo que assenta numa dupla negação. Constitui um acto positivo na medida em que tem como finalidade a aproximação e junção de dois seres apartados um do outro, operando a carta, à semelhança do pergaminho e da sua natureza ancestral, essa ilusão, a ilusão da substituição. E este acto positivo inscreve uma dupla negação: a negação do espaço e a negação do tempo. “La correspondance, par la mise en relief des valeurs illocutoires que la lettre comporte, accentue la relation au destinataire et articule en permanence une demande d’amour. L’énoncé de la lettre ne cesse de souligner l’intimité, l’étroitesse du lien, par un jeu de modalités diverses”⁵. Neste sentido, a correspondência amorosa é datada, amiúde, quase até ao minuto, desvendando uma parcelização do tempo que se escoia lentamente.

Assim, e na sequência do trabalho de Brenot, poderemos elencar as principais funções do discurso epistolar amoroso, que constituem o que anteriormente definimos como objectivo da interacção.

- Formular a ausência ;
- Expressar o desejo ;
- Dizer o sofrimento ;
- Estar *com* e *em* o outro;
- Veicular as expressões de confiança, de intimidade, de desabafo, a confissão sentimental, ou simplesmente, o relato das rotinas do quotidiano.

Estas cartas de amor, de Fernando Pessoa para Ophélia, foram endereçadas em duas épocas distintas: umas, durante todo o ano de 1920 e outras de Setembro

⁴Philippe Brenot, *op. cit.*, p. 38.

⁵Simone Lecoindre, «Contribution à une théorie du texte des correspondances», *Les Correspondances, problématique et économie d’un « genre littéraire »*, *Actas do Colóquio Internacional «Les Correspondances»*, Universidade de Nantes, 1983, p. 200.

de 1929 a Janeiro de 1930. A propósito deste acervo de quarente e oito cartas de amor, Robert Bréchon afirma:

“Elles ne sont ni de fiction, comme celles de Saint-Preux ou de Valmont, ni des engagements authentiques, comme celles de Diderot ou de Flaubert. Personne ne s’est encore aventuré à en faire une étude approfondie”⁶.

João Gaspar Simões, na sua obra *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, foi um dos primeiros teorizadores a prestar atenção a estes documentos epistolares, tendo sido igualmente o primeiro a revelar o nome da destinatária⁷.

O valor incalculável destas decorre sobretudo da sua singularidade, na medida em que constituem o testemunho da única relação sentimental que se conheceu do Poeta.

Relativamente à caracterização do quadro espaço-temporal desta correspondência amorosa, importa realçar que ambos se conheceram e se encontravam no escritório onde Pessoa era correspondente e tradutor e Ophélia tinha entrado como secretária. Encontravam-se, pois, presencialmente, todos os dias, numa primeira fase, à porta da Livraria Inglesa, na Rua do Arsenal⁸ e mais tarde, porque D. Ophélia mudou de emprego, os encontros processavam-se noutras locais da cidade de Lisboa, onde disfarçadamente, às escondidas dos pais dela, mantinham a relação.

O conhecimento desta peculiar situação dos correspondentes permite entender melhor estas trocas epistolares. Em primeiro lugar, a diferença etária entre ambos: Pessoa, com os seus trinta anos, estava em plena maturidade enquanto que

⁶ Robert Bréchon, *L’Innombrable: un tombeau pour Fernando Pessoa*, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 2001, p. 213.

⁷ João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987, 5^ª Edição.

⁸ Cf. David Mourão-Ferreira, “Nota Prévia”, *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Edições Ática, 1978, p. 7.

⁹ Na obra, atrás referida, *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, organizada, anotada e posfaciada por David Mourão-Ferreira, consta um relato da destinatária das cartas de F. Pessoa, Dona Ophélia Queiroz, recolhido e estruturado pela sua sobrinha neta. Nesse testemunho afirma-se: “Foi um “namoro” simples, até certo ponto igual ao de toda a gente, embora o Fernando nunca tivesse querido ir a minha casa, como era habitual da parte de qualquer amorado. Dizia-me: - “Sabes, é preciso compreender que isso é de gente vulgar, e eu não sou vulgar”. Eu compreendia-o e aceitava-o exactamente assim, como ele era. Por exemplo, dizia-me também muitas vezes: “Não digas a ninguém que nos “namoramos”, é ridículo. Amamo-nos”. *Op. cit.*, p. 30.

Ophélia tinha apenas dezanove quando trava conhecimento com o Poeta, sendo essa diferença tanto mais notória quanto se sabe que Ophélia era “uma jovem baixinha, formas torneadas e olhos doces”¹⁰.

Causa também alguma perplexidade aos olhos dos seus biógrafos a diferença cultural entre ambos, a ponto de J. Gaspar Simões se interrogar:

“Como é que uma personalidade assim, familiar com os mais transcendentais problemas da cultura, inimiga do comum e do banal, presa em enredos de uma tal complexidade que poucos dos seus amigos, amigos dos melhores e dos mais cultos, se encontravam em condições de a acompanhar, se vê, de forma tão imprevista, enfeitada pelos encantos terra-aterra de uma rapariguinha pouco culta, trivial e de estreitas ideias burgueses?”¹¹.

O pacto epistolar estabelecido dá conta de uma relação de namoro que paralelamente aos passeios diários, impunha uma correspondência, trocando juras de amor. Fernando era reservado e tímido, mas sedento de afecto e inebriado com a sua paixão, abandonava-se em expressões de amor, na conquista da sua amada.

Procedamos, então à análise da superfície discursiva.

Numa primeira etapa, o nível pragmático-enunciativo em que analisámos as formas de tratamento, como marcadores de intimidade

«L'intime commence avec d'innombrables termes amoureux dont les amants se baptisent».
(Brenot 2000: 52)

As formas de tratamento mostram a diversidade das expressões apelativas utilizadas. Isoladas do seu contexto, estas formas perdem o seu sentido e raíam o ridículo, ainda que justamente sublinhem a intimidade amorosa¹².

¹⁰ Cf. João Gaspar Simões, *op. cit.*, p. 429.

¹¹ João Gaspar Simões, *op. cit.*, p. 433.

¹² Philippe Brenot (2000), *De la lettre d'amour*, Paris, Zulma, p. 53.

Fernando Pessoa é particularmente imaginativo, criando «petits noms» que aludem ao tamanho «mignonne» da sua correspondente, com inúmeras e elaboradas variantes.

A saudação «meu Bêbé pequenino», de abertura de missiva, é a mais frequente. Esta inaugural expressão surge enquadrada, por vezes, por múltiplos qualificativos carinhosos que testemunham os laços estreitos estabelecidos com Ofélia. Surgem frequentemente em pares adjectivais, como se pode ver nos exemplos:

Meu bebé pequenino (e actualmente muito mau) (123, 318)

Meu Bebê anjinho (124, 321)

Meu bebezinho mau e bonito (129, 327)

Estas formas de tratamento, estas saudações no início da carta antecipam, de uma forma inicialmente sugestiva, a relação de momento entre os dois correspondentes, umas vezes serena e tranquila, outras, porém, menos apaixonada ou mesmo conflituosa.

Se é notória alguma desilusão decorrente de um não comparecimento a um encontro, se transparece alguma tristeza pelo atraso na resposta a uma missiva, se se pressente a preocupação pelo estado de saúde de Ofélia, pode, desde logo descortinar-se nas formas de tratamento que presidem à abertura da carta:

Meu bebé mauzinho (e muito) (136, 335)

Meu bebé anjinho (124, 321)

Meu bebé mauzinho (e muito) (136, 335)

Bebé fera (86, 172- II)

Víbora (152, 356)

Ainda sobre as formas de tratamento, sobressai a utilização de vocábulos com sufixo *-inho*. Este sufixo *-inho* é, segundo Lindley Cintra, o mais frequente na língua portuguesa, desde tempos antigos¹³. Em português é muito produtivo porque traduz a expressão do afecto¹⁴, sendo normalmente utilizado nas formas de tratamento entre pessoas próximas, familiares queridos e em relações amorosas,

¹³ Cf. Celso Cunha et Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa, 1984, p. 93.

¹⁴ Cf. Sílvia Skorge, «Os sufixos diminutivos em português», *Boletim de Filologia*, t. XVII, 1958, p. 24.

para expressar valores de carinho. Em *Manuel de Langue Portugaise*, Paul Teyssier afirma «expriment la petitesse, en ajoutant à ce sens fondamental des valeurs intellectuelles et affectives complexes – affection, attendrissement, humilité, ironie, etc.»¹⁵.

Por outro lado, Sílvia Skorge, ao estudar aprofundadamente, a partir de exemplos literários, os efeitos do uso dos sufixos *-inho* e *-ito*, apresenta as diversas funções dos diminutivos, entre as quais realça a indicação de pequenez, o meio de atenuação, a expressão de ironia e, entre outros, a função interactiva de comunicação com o interlocutor que é de extrema funcionalidade nas interações verbais: “O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou ao interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afectiva no primeiro plano”¹⁶.

As suas ideias são posteriormente corroboradas e desenvolvidas por Maria Helena Araújo Carreira que, ao analisar as formas linguísticas da delicadeza em português¹⁷, concluiu que «les suffixes diminutifs, dont le portugais fait grand usage, sont caractéristiques du langage affectif»¹⁸.

Em Fernando Pessoa podemos igualmente atestar o seu uso:

Meu querido Bebê pequeníssimo (128, 326) (L24, 85)

Meu Bebê pequeno e rabino (132, 331)

Bebê Nininha (153, 357)

Ofelinha (120, 313)

Meu querido amorzinho (122, 317)

Outra das funções indicadas por Skorge para o uso dos diminutivos relaciona-se com o tratamento em relação às crianças, que são, com frequência, referidas pelas formas diminutivas dos seus nomes¹⁹. No mesmo sentido e ao

¹⁵ Paul Teyssier, *Manuel de langue portugaise*, Paris, Klincksieck, 1976, p. 69.

¹⁶ Sílvia Skorge, “Os sufixos diminutivos em português”, *Boletim de Filologia*, t. XVII, 1958, *op. cit.*, p. 52.

¹⁷ Cf. Maria Helena Araújo Carreira, Chapitre 4, «La Politesse linguistique : quelques manifestations en portugais européen», Araújo Carreira (1997), *Modalisation linguistique en situation d'interlocution : proxémique verbale et modalités en portugais*, Louvain-Paris, Éditions Peeters, pp. 131-188.

¹⁸ Araújo Carreira, *op. cit.*, p. 144.

¹⁹ Maria Emília Ribeiro Pedro, «A volta dos diminutivos: Uma análise contrastiva entre o Português e o Inglês», *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Outubro 1993, p. 408.

desenvolver uma investigação comparativa e contrastiva entre as funções dos diminutivos em grego e em inglês, M. Sifianou²⁰ conclui que as crianças usam extensivamente diminutivos, tanto para repetirem o que ouviram, como numa tentativa de se mostrarem menos exigentes com a finalidade de obterem do adulto, mais facilmente, aquiesção ou aceitação²¹. O uso de diminutivos, nesta situação de interacção epistolar amorosa, exprime delicadeza ao mostrar a partilha de um espaço afectivo comum, marcando desta forma o tratamento como positivamente delicado. O diminutivo, cremos poder afirmá-lo, é um marcador de delicadeza e o seu uso extensivo e repetido evidencia o envolvimento psicológico e emocional estreito entre os correspondentes.

Já João Gaspar Simões intuía que, na poesia de Pessoa manifestava-se qualquer coisa de infantil – “haver seja o que for de infantil transparecendo”, o que mais tarde é reafirmado por David Mourão-Ferreira, no postfácio da 1^a. Edição das Cartas, quando escreve “esse quid infantil tende, aqui, a recobrir tudo ou quadse tudo”²².

Todas as fórmulas de tratamento se caracterizam por uma tonalidade fortemente infantil, sente-se uma atmosfera de obsessiva puerilidade.

Chamar-lhe insistentemente *Bebé*, *Bebezinho*, *Bebé pequenino*, *Bebezinho pequenino*, *Bebé Anjinbo*, *bebezinho mau e bonito ou pequeno e rabino ou mauzinho e muito*, ou *Bebezinho do Nininho-ninho*, como afirma D. M.-Ferreira, tudo isto corresponde, no fim de contas, à patética enunciação de fórmulas mágicas, de melopeias rituais, de conjuros propiciatórios no sentido de que a destinatária permanecesse no estado de mítica infância em que ele-próprio a colocara e de onde não a não queria ver desalojada ou decaída.

O que pode parecer estranho nesta correspondência amorosa é o recurso a uma forma de tratamento diferente, inabitual na interacção epistolar em que, como

²⁰ M. Sifianou, «The use of diminutives in expressing politeness. Modern Greek versus English», *Journal of Pragmatics* 17, 1992, pp. 155-173.

²¹ E. Bates, *Language and Context. The acquisition of Pragmatics*. New York, Academic Press, 1976, p. 295.

²² Cf. David Mourão-Ferreira, “Postfácio”, *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Edições Ática, 1978, p. 194.

se sabe, a relação dual que lhe subjaz é traduzida maioritariamente pelo par adjacente *eu-tu*.

Fernando Pessoa utiliza, mimetizando a linguagem a e encenação infantis, a terceira pessoa, quer quando se auto-designa, quer quando se dirige à sua correspondente. Recorre também a formas nominais infantis, ao escolher para si a designação *Ibis*, nome de um pássaro do Egipto, como de resto explica em 84, 170 - II e, para Ofélia, o diminutivo *Nininha*. Esta criação de uma forma de terceira pessoa, utilizada pelas crianças numa fase da aquisição da linguagem, remete para um tempo de pureza e inocência, para uma zona a-temporal e a-espacial, em que a construção da relação amorosa parece encaixar na perfeição.

Nesta carta, datada de 11 de Junho de 1920, o autor auto-designa-se *Ibis* e escreve:

Então o meu Bebê não ficou ontem descontente com o Íbis ? Então ontem achou o Íbis meigo e digno de jinhos ? Ainda bem, porque o Íbis não gosta que a Nininha fique zangada, ou triste com ele, porque o Íbis, e mesmo o Álvaro de Campos, gosta muito, muito do seu Bebezinho. (145, 349)

Esta mimetização da linguagem infantil, sincopada, figura, lado a lado, com outro auto-designativo que o próprio epistológrafo se atribui, em carta datada de 31 de Maio de 1920:

*Bebezinho do Nininho –ninho Oh !
Venho só querê pã dizê ó bebezinho que gotei muito da catinha dela. Oh !
E também tive munta pena de não tá ó pé do Bebê pã le dá jinhos.
Oh ! O Nininho é pequenininho !
Hoje o Nininho não vai a Belém porque, como não sabia s’avia carros, combinei tá aqui às seis o’as. (...)
Amanhã o Bebê espera pelo Nininho, sim ? Em Belém, sim ? Sim ?
Jinhos, jinhos e mais jinhos. (143, 347)*

Esse nome *Nininho* é a abreviatura de “*menino*”, mostrando, mais uma vez, o envolvimento nesse universo da infância, das relações puras, do entendimento simples: «L’amant devient poète car l’amour exalte les idées, condense les symboles et invente des mots qui ne sont destines destinés qu’à l’autre²³».

Comentário [DN1]: Eliminei “essa mimetização da linguagem infantil,” porque tem exactamente o mesmo sentido do que “ce pastiche du babil enfantin”

²³ Brenot, *op. cit.*, p. 54.

O modelo AICE prevê a análise do dispositivo dêictico e nesse âmbito, destacaremos nas estratégias de abertura, a referência ao *decorum*.

A correspondência amorosa dá indicações precisas sobre o cenário onde privadamente decorre o acto da escrita quotidiana, permitindo reconstituir, tal qual um filme, as sequências dessa prática epistolar, apanágio dos dois corações suspirantes²⁴.

Fernando Pessoa escreve do seu espaço doméstico, mas também dos cafés literários que frequenta, como atestam os *incipits* das suas cartas.

É importante realçar que a frequência rítmica dos escritos (chegando a escreverem-se duas vezes por dia) impele os correspondentes a contar com minúcia as suas actividades quotidianas. Daí que a referência sistemática às horas venha reforçar esta necessidade de partilha de todos os momentos, relembrando, concomitantemente a tensão entre a escrita, o tempo que se esvai, as dúvidas quanto ao transporte por parte de Osório.

São cerca de 4 horas da madrugada e acabo, apesar de ter todo o corpo dorido e a pedir repouso, de desistir definitivamente de dormir. Há três noites que isto me acontece, mas a noite de hoje, então, foi das mais horríveis que tenho passado em minha vida. Felizmente, para ti, amorzinho, não podes imaginar. (122, 315)

Estou no Martinho da Arcada, são 3 e meia da tarde, e tenho « completo » o meu dia – isto é, está feito tudo quanto, de alguma importância, eu tinha que fazer antes das 6 horas. (Digo « antes das 6 horas » porque depois das 6 tenho que tratar de assuntos na Estrela. (128, 326)

Imagina que, tanto por me ter levantado muito cedo ontem, como por estar realmente fatigado, acordei hoje às 11 horas. Fui para a Baixa só ao meio-dia e tal e ao meio-dia e meia-hora é que passei na tua rua. Tive muita pena de não te ver mas não me admirei, é claro, que não estivesses já a essa hora à janela. (142, 346)

Sem saber quando te entregarei esta carta, estou escrevendo em casa, hoje, domingo, depois de acabar de arrumar as coisas para a mudança de ambã de manhã. Estou outra vez mal da garganta ; está um dia de chuva : estou longe de ti – e é isto tudo o que tenho para me entreter (...). (130, 329)

²⁴ Cf. C. Dauphin, P. Lebrun-Pézerat et D. Pouban, *Ces Bonnes lettres, une correspondance familiale au XIXe siècle*, Paris, Albin Michel, 1995, p. 116.

Essa escrita noctívaga é igualmente praticada por Ofélia que escreve as suas cartas de amor no final da jornada de trabalho, ao regressar a casa ou antes de se deitar quando as saudades do seu amado aumentam ou ainda quando urge combinar o local e a hora do encontro do dia subsequente.

Assim pode ler-se no início da missiva de 25 de Abril de 1920 :

*Querido Nininho dos meus pecados,
São onze horas e escrevo-te rapidamente dado que tenho de ir beber uma tisana e rezar a Santa Helena, antes do bater da meia-noite (...)
Não imaginas, meu amor querido, como o meu dia foi triste, sempre a pensar que amanhã não nos encontraremos, como vem sendo hábito e, pior ainda, sem saber quando isso acontecerá ! ...²⁵*

Relativamente aos fechos de missiva, as justificações clássicas prendem-se com a necessidade de fazer algo imprevisto e urgente:

*Estou cansadíssimo, e ainda tenho bastante que tratar hoje. São 5 horas e meia, segundo me diz o Osório.
Desculpa-me eu não te escrever mais, sim? Amanhã, à hora do costume nos encontraremos e falaremos. (126, 324)*

Ou também com a simples constatação de já ter dito tudo:

Ora aí tem, e por acaso, é verdade. (82, 167)

Ou, ainda, o desejo expresso que a carta chegue atempadamente ao seu interlocutor:

O Osório acaba de chegar. Quero despachá-lo antes de vir o meu primo. Por isso fecho rapidamente, e bruscamente (desculpa-me, meu amor) a carta. (129, 328)

A maior parte destas justificações relaciona-se com o facto de não existirem mais notícias a contar, de não haver mais confidências a partilhar.

²⁵ Ophélia Queiroz, *Letras d'amour à Fernando Pessoa*, Paris, Éditions du Rocher, éd. de Manuela Nogueira et Maria da Conceição Azevedo, traduzido do português por Marie-Hélène Pivnik, 2004, Lettre 21, p. 59.

Contrariamente a outro tipo de correspondência quotidiana, mais espaçada no tempo, a regularidade diária desta troca impele a um exaustivo relato das actividades quotidianas, minuciosamente descritas seguindo os ponteiros do relógio, servindo, concomitantemente, para combinar e ultimar as horas dos encontros. Daí que muitas vezes as novidades sejam poucas e se invoquem com frequência assinalável motivos relacionados com a fadiga para subitamente terminar a missiva.

Não posso escrever mais, com a febre e as dores de cabeça com que estou. Para responder ao que tu perguntas, as outras coisas, meu amorzinho querido (oxalá o O. não veja isto), teria que escrever muito mais e não posso. Desculpa-me, sim ? (121, 315)

Estou cheio de frio, vou estender-me na cama para fingir que repouso. Não sei quando te mandarei esta carta ou se acrescentarei ainda mais alguma coisa. (122, 317)

Adeus ; vou deitar-me dentro de um balde de cabeça para baixo para descansar o espírito. Assim fazem todos os grandes homens – pleo menos quando têm – 1º. Espírito, 2º. Cabeça, 3º. Balde onde meter a cabeça (132, 332)

As rotinas de fecho das cartas de amor aqui analisadas apresentam uma estrutura detalhada, incluindo um enunciado de despedida:

Adeus, meu anjinho bebé. Cobre-te de beijos cheios de saudades o teu, sempre, sempre teu (122, 318)

Culminando frequentemente através da expressão de votos prospectivos (cf. Kerbrat-Orecchioni 1998: 25) :

Desejo muito as tuas melhoras. Oxalá eu te possa ver e falar amanhã. (150, 354)

Adeus, meu anjinho bebé. Cobre-te de beijos cheios de saudades o teu, sempre, sempre teu. (122, 318)

*Ora aí tem, e por acaso é verdade.
Adeus, Ofelinha. Durma e coma, e não perca gramas.
Seu muito dedicado, (83, 167 - II)*

*Adeus, amorzinho, faz o possível por gostares de mim a valer, por sentires os meus sofrimentos, por desejares o meu bem-estar, faz, ao menos, por o fingires bem.
Muitos, muitos beijos, do teu, sempre teu, mas muito abandonado e desolado. (130, 330)*

Adeus, amor; pensa, às vezes em mim, quando não estiveres distraída... Estou convencido (por minha parte) que gosto de ti. Sim, creio poder afirmar que tenho para contigo uma certa afeição. Um regimento de beijinhos do teu, sempre e muito teu. (128, 326)

Adeus, meu anjinho bebé. Cobre-te de beijos cheios de saudade o teu, sempre, sempre teu. (122, 318)

Um quarteirão de milhares de beijos do teu, sempre teu. (125, 324)

Estas formas de fecho evidenciam expressões hiperbólicas, actos euforizantes, segundo selon Catherine Kerbrat-Orecchioni (1998 : 25). Todavia, estes exageros não são repreensíveis nem ridículos pois reproduzem, de forma inata e ingénua, a expressão de um grande amor, são o espelho do estado de alma do Poeta que assume a sua dificuldade em moderar a sua paixão.

Subjazem à construção destas fórmulas finais três constantes: por um lado, o carinho que decorre dos diminutivos e das formas sincopadas de *beijinhos*; por outro, o reforço da relação amorosa que os une, que decorre das formas possessivas que o epistológrafo emprega, evidenciando a comunhão de sentimentos; e, finalmente, as formas hiperbolizadas, construídas com base no aumento quantitativo, ou na combinação de formas derivadas engraçadas que remetem, de novo, para um universo infantil que perpassa na relação amorosa.

Muitos beijos e um abraço à roda da cintura do Bebê (137, 338)

Muitos beijinhos de todos os tamanhos do teu, sempre teu (124, 322)

Quero que sintas isto, que saibas que eu sinto e penso assim a este respeito, para não me achares seco, frio, indiferente. Eu não o sou, meu Bebê-menininho, minha almofadinha cor-de-rosa para pregar beijos (que grande dispararate !) mando um meiguinho chinês.

E adeus, até amnhã, meu anjo.

Um quarteirão de milhares de beijos do teu, sempre teu

Fernando

O Osório leva o chinês dentro de uma caixa de fósforos (125, 324)

Adeus, amor. Beijos, beijinhos, beijões, beijocos, beijocas e bejjerinzhinhos do teu, sempre e muito teu (127, 326)

Jinbos, jinbos e mais jinbos (143, 347)

Ao nível pragmático-enunciativo, os actos de fala mais relevantes são notoriamente os agradecimentos.

As formas de abertura «*recebi*» ou «*recebi com prazer*» integram as rotinas verbais, de acusação de recepção e encerram o sentido mais amplo de «*recebi com muito agrado as suas palavras, fico-lhe penhoradamente reconhecido e responder-lhe-ei com a maior brevidade*». A carta constitui-se como representante metonímico do mitente e a sua presença actualiza a relação amorosa entre eles. Somente quando o interlocutor procede à leitura da mesma é que se opera a metamorfose, passando a relação entre os sujeitos de virtual a real e actual. Estas formas de acusação da recepção são geralmente acompanhadas de um agradecimento. Estas situações de recepção do objecto-carta («*Abri*»), de leitura («*li*») e de escrita («*escrevo-vos*») constituem, para os epistológrafos, momentos privilegiados²⁶.

Formas explícitas de agradecimento

Muito agradeço a sua carta (121, 314)

Recebi ontem, no Apartado, as tuas duas cartinhas, a de 25 e a de 27, uma de manhã e outra de tarde. Também passei o dia de ontem sem receber carta tua e muito desconsolado por isso. (136, 335)

Ao meu exílio, que sou eu mesmo, a sua carta chegou como uma alegria lá de casa, e sou eu que tenho que agradecer, pequenina. (76, 159- II) 11-9-1929

Formas implícitas de agradecimento

Gostei muito da sua carta, mas gostei ainda mais do que veio antes da carta, que foi a sua própria pessoa. Enfim, a viagem entre o Rossio e a Estrela, que não costuma ser uma coisa muito transatlântica de beleza, foi ontem duas vezes agradável, salvo no fim da segunda vez, porque, por ontem, acabou ali. (77, 160)

²⁶ Benoît Melançon, *Diderot épistolier, contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Québec, Éditions Fides, 1996, p.97.

Destacamos, ainda, algumas estratégias discursivas: a expressão directa ou indirecta dos sentimentos, a amplificação, o excesso.

«A interacção epistolar tem por função anular os momentos de separação e fazer com que os dois amantes estejam perpetuamente, ou seja, inteiramente, presentes, um face ao outro», afirma Marc Buffat a propósito da correspondência entre Sophie Volland e Diderot²⁷.

«La lettre d’amour est ainsi clandestine, elle s’écrit dans l’ombre, dans le silence, dans le mystère de la retraite personnelle. Elle s’écrit le soir, la nuit, au matin dans le lit, la chambre, un endroit retiré. Elle utilise des codes, langages, pseudonymes, faux noms, elle est parfois anonyme»²⁸.

Numa carta de 19 de Março de 1920, Pessoa subscreve esta necessidade de calma, esta exigência de sigilo, este imperativo de fuga, esta busca de interioridade:

Estou inteiramente só – pode dizer-se ; pois aqui a gente da casa, que realmente me tem tratado muito bem, é em todo o caso de cerimónia, e só me vem trazer caldo, leite ou qualquer remédio durante o dia ; não me faz, nem era de esperar, companhia nenhuma. E então a esta hora da noite parece-me que estou num deserto ; estou com sede e não tenho quem me dê qualquer coisa a tomar ; estou meio-doido com o isolamento em que me sinto e nem tenho quem ao menos vele um pouco aqui enquanto eu tentasse dormir...(.)
Ai, meu amor, meu Bebê, minha bonequinha, quem te tivesse aqui ! Muitos, muitos, muitos beijos do teu, sempre teu ! (122, 316)

Estas expressões amorosas são indiscrições que enchem de forma impúdica as correspondências íntimas.

Gosto das suas cartas, que são meiguinhas, e também gosto de si, que é meiguinha, também. E é bombom, e é vespa, e é mel, que é das abelhas e não das vespas, e tudo está certo, e o Bebê deve escrever-me sempre, mesmo que eu não escreva, que é sempre, e eu estou triste, e sou maluco, e ninguém gosta de mim, e também porque é que havia de gostar, e isso mesmo, e torna tudo ao princípio, e parece-me que ainda lhe telefono hoje, e gostava de lhe dar um beijo na boca, com exactidão e gulodice e comer-lhe a boca e comer os beijinhos que tivesse lá

²⁷ Marc Buffat, “Les Lettres à Sophie Volland : morale et correspondance amoureuse”, *Lettre et réflexion morale, La lettre, miroir de l’âme*, Geneviève Haroche-Bouzinac (ed.), Paris, Klincksieck, 1999, p. 80.

²⁸ Brenot, *op. cit.*, p. 36.

escondidos e encostar-me ao seu ombro e escorregar para a ternura dos pombinhos, e pedir-lhe desculpa, e a desculpa ser a fingir, e tornar muitas vezes, e ponto final até recomeçar (...) (85, 171- II)

O último nível de análise prognosticado no modelo AICE reporta-se à análise dos *topoi*.

A) A ausência e a carta como consolo

O *topos* mais frequente do discurso epistolar é, pois, o da ausência. A correspondência apresenta-se como uma compensação, uma consolação do sofrimento provocado pela distância.

É interessante notar a preferência que o poeta manifesta pela conversação face-a-face, a necessidade que evoca do contacto físico, em detrimento da escrita epistolar, presente nesta reflexão de carácter filosófico, em que designa as cartas como sinais de separação:

Não me conformo com a ideia de escrever, queria falar-te, ter-te sempre ao pé de mim, não ser necessário mandar-te cartas. As cartas são sinais de separação – sinais, pelo menos, pela necessidade de as escrevermos, de que estamos afastados.

Não te admires de certo laconismo nas minhas cartas. As cartas são para as pessoas a quem não interessa mais falar : para essas escrevo de boa vontade.

(...)

Quero que sintas isto, que saibas que eu sinto e penso assim a este respeito, para não me achares seco, frio, indiferente. Eu não o sou, meu Bebê menininbo, minha almofadinha cor-de-rosa para pregar beijos (que grande disparate !) (125, 323), escrita a 23/3/1920

A ausência do ser amado agrava a solidão, como se pode perceber deste excerto da carta de 28 de Março :

Não imaginas as saudades de ti que sinto nestas ocasiões de doença, de abatimento e de tristeza. O outro dia, quando falei contigo a propósito de eu estar doente, pareceu-me (e creio que com razão) que o assunto te aborrecia, que pouco te importavas com isso. Eu compreendo bem que, estando tu de saúde, pouco te rales com o que os outros sofrem, mesmo quando esses « outros » são, por exemplo, eu, a quem tu dizes amar. (130, 329)

B) O segredo epistolar

“Une lettre est faite pour contenir, *a priori*, des confidences, des secrets, elle porte donc en elle un haut niveau de compromission”²⁹.

Ao texto volátil que, de uma forma fácil e fugaz, pode não chegar ou escapar às mãos da destinatária, acresce a singular importância da singularidade da mensagem de amor e a sua justificada e extrema confidencialidade, manifestando também os correspondentes os seus receios quando escrevem na presença do portador.

Este desejo de conservar o segredo conjuga-se com a vontade de edificar, através da interacção, uma relação dual que interdita em absoluto a presença de terceiros, mesmo que se trate de familiares muito próximos: “Toute lettre, on le sait, est «une figure de compromis»³⁰ où est soigneusement dosé ce qu’on cache et ce qu’on montre, ce qu’on dit et ce qu’on cèle”³¹.

Notar que esta carta vai escrita no mesmo estilo da sua, por o Osório estar aqui ao pé da cama, de onde eu estou escrevendo, e naturalmente repara de vez em quando para o que eu escrevo. (121, 314) carta escrita em 18/3/1920.

Vamos a ver se consigo entregar esta carta ao Osório, para ele ta dar hoje. Oxalá não haja complicação. (127, 325), carta escrita em 25/3/1920.

Esta dependência do intermediário para fazer chegar as suas apaixonadas cartas a Ofélia é frequentemente motivo de tematização, confessando Pessoa a sua pressa em terminar para poder expedir a missiva no próprio dia, ou manifestando o seu receio em não encontrar Osório para a poder transmitir.

Atente-se detalhadamente nas duas passagens da carta de 27 de Março de 1920:

²⁹ Marie-Claire Grassi, *Lire l'épistolaire*, Paris, Dunod, 1998, p.7.

³⁰ Esta imagem da correspondência como figura de compromisso corresponde ao título da comunicação de Mireille Bossis, apresentada ao colóquio internacional: *Écrire, publier, lire les correspondances, problématique et économie d'un genre littéraire*, Universidade de Nantes, 1983.

³¹ Michelle Perrot, «Le Secret de la correspondance au XIXe siècle», *L'Épistolarité à travers les siècles*, Geste de communication et/ou d'écriture, Mireille Bossis et Charles A. Potter (dir.), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, p.187.

Nem sei se esta carta te irá parar às mãos hoje ; ainda não vi o Osório, e são já perto das 6 da tarde. Estou escrevendo ao meu amorzinho no café da Arcada. E ainda com mais pressa estou escrevendo porque de aqui a minutos chega aqui o meu primo. Mandeí (por um recado deixado no guarda-portão do 42) o Osório vira qui ter. Vamos ver se ele ainda leva esta carta.

(...)

O Osório acaba de chegar. Quero despachá-lo antes de vir o meu primo. Por isso, fecho rapidamente, e bruscamente (desculpa-me, meu amor) a carta. (129, 328), escrita a 27/3/1920.

A correspondência amorosa, recusando liminarmente todo e qualquer artifício retórico, dada a sinceridade que emana, impele a esconder estes gestos de escrita, numa tentativa de preservar a partilha de palavras íntimas:

As condições em que estou escrevendo esta carta, aqui em minha casa, mas com meu primo a passear à roda de mim, não são muito boas. Por isso, aproveito um momento em que ele não está aqui mesmo perto para te enviar muitos e muitos beijinhos. (142, 346), escrita a 30/5/1920.

Paradoxalmente, a carta enquanto objecto, e objecto de afeição, impele à sua conservação e como bem precioso e por vezes secreto (se falarmos do epistolar amoroso³²), a sua tangibilidade raia o fetiche. A sensualidade física da carta permite gestos que vão desde a leitura repetida à contemplação, do recato à exposição, do amachucar e rasgar ao acto mais extremo e desesperado de queimar. Melançon vai mais longe ao defender o simbolismo corporal da carta, afirmando para justificar as diferenças com o correio electrónico, que a carta é:

“Le signe de son propre corps remis à l'autre. Il s'agissait d'offrir et de recevoir symboliquement des corps. Ces corps, ces lettres incarnées, se substituaient au présent dysphorique de la séparation : nous ne sommes pas ensemble et nous souffrons de cela, mais nous pouvons nous toucher et lutter contre les outrages du temps, nous unir **par** le papier (il faut insister : pas seulement **sur** le papier) et rêver des retrouvailles”³³.

³² Roland Barthes, nos seus *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977, p. 205, escreve a este propósito: «Tout objet touché par le corps de l'être aimé devient partie de ce corps et le sujet s'y attache passionnément».

³³ Benoît Melançon, *Séigné@Internet: remarques sur le courrier électronique et la lettre*, Québec, Fides, 1996, p. 23.

Esta escrita incarnada pode ser atestada nesta passagem da carta de Ofélia:

Quando recebi a sua carta, dormia profundamente e foi ela que me acordou, porque a minha mãe pousou-a subtilmente junto a mim e eu despertei, li-a na cama e enchi-a de beijos. Já que não os posso dar a quem a escreveu..... (O-30, 91)

A carta de amor é o relicário³⁴ dos sigilos dos amantes.

Escrita para ser comungada, religiosamente guardada em lugares íntimos, preservada com escrúpulo e pudor de olhares indiscretos, lida e relida no recolhimento de um templo, esse templo do intimismo, do silêncio, da solidão, dominada pelo ânsia e por uma imensa fidelidade a esse objecto de desejo, a carta de amor invoca e personifica o relicário das confidências, das cumplicidades.

David Mourão-Ferreira, no posfácio à edição das cartas, escreve: «O que mais profundamente receio, em relação a estes textos, é que eles sejam lidos de forma excessivamente apressada e que apressadamente ocorra, para apressadamente os classificar, só a primeira estrofe do célebre poema de Álvaro de Campos :

*Todas as cartas de amor são
Ridículas
Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas.*

Que ao menos se recorde ou se releia o poema na íntegra»³⁵.

Tentámos, todavia, mostrar que a correspondência amorosa de Fernando Pessoa, para muitos, indefectivelmente considerada menor e anódina³⁶, constitui, de forma inegável, um contributo para o seu mais cabal conhecimento. E estas «anti-ficções», estes textos, «documentos de evidente e maciça autenticidade» desvendam, sem dúvida, muito da sua vida, quer íntima, quer, inclusivamente, literária.

³⁴ Foi esta metáfora da carta como relicário que desenvolvemos na comunicação “O epistolar, relicário de cumplicidades” que apresentámos ao *VII Congresso Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Santiago de Compostela, 18 a 23 de Julho de 2005.

³⁵ David Mourão-Ferreira, “Postfácio” *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Edições Ática, 1978, pp. 181-222.

³⁶ É a tese que Robert Bréchon desenvolve no seu capítulo «L’Aimée» (1920) da biografia de Fernando Pessoa: “Et puis il faut bien avouer qu’on est déconcerté de voir ainsi le poète faire l’enfant. Cette correspondance, littérairement médiocre, n’a rien à voir avec les admirables lettres de Diderot ou Flaubert”, *Étrange Étranger*, *op. cit.*, p. 353.

A análise linguística destes textos epistolares visa também mostrar a importância da correspondência amorosa Pessoa-Ofélia, desvendada e despida do seu invólucro selado.

A carta de amor, sacralizada. E esta sacralização, à semelhança do conteúdo valioso de um qualquer relicário, é dupla. A sacralização da carta propriamente dita, como objecto *fetiché*, com identidade corpórea, a carta como escrita incarnada que pode ser lida, relida, devorada, contemplada, beijada, conservada, amarfanhada e até imolada pelo fogo e, concomitantemente, a carta como «o outro sacralizado» (Bregues 1982), o outro divinizado, elevado à categoria apoteótica de único, o que existe apenas e só porque é o eleito do amor.

EÇA - A carta de amor: dizer a ausência

Reexaminando o estuto da ausência imposta pelo factor contextual que é a distância entre os correspondentes e que é a condição primeira para a existência da interacção epistolar, é urgente pensar na forma como é traduzida na instância de comunicação.

As estratégias discursivas utilizadas para transmitir a ausência podem ser de dois tipos: estratégias delineadas com o objectivo de reforçar os papéis funcionais e as coordenadas espaço-temporais dos interlocutores, assegurando a transmissão da mensagem e anulando a distância. Neste caso, a ausência é figurativa.

Ao invés, as estratégias que visam a construção de um discurso tematicamente fundado na ausência, em que o “eu” explicita continuamente a não-presença do “tu”, limitando-se a dar conta do presente da sua enunciação. A ausência é tematizada.

Na interacção epistolar o sistema de localização espaço-temporal refere-se ao “*hic et nunc*” da situação enunciativa, estando a distância entre os interlocutores virtualmente presente e inscrevendo-se no próprio texto, na medida em que a especificidade textual instancia a possibilidade de criar uma presença ao nível do imaginário, conjugada com um ausência ao nível real.

No caso particular do texto epistolar amoroso, há uma extrapolação da ausência e raramente o enunciado matricial canônico “*Amo-te*” se encontra no seu estado puro. Há uma metalinguagem ligada às condições da escrita, do envio, às circunstâncias da redação, às angústias da transmissão, ao sofrimento da demora, às repostas imploradas, à antecipação da sua recepção que parasita a transparente expressão do sentimento. Como afirma J.-L. Diaz (1992: 85) “*La lettre d’amour parle de la lettre d’amour*”.

E as cartas de amor encerram rituais linguísticos estritamente ligados a esse sentimento. É o amor performativo: promessas, desculpas, pedidos, súplicas, ordens, implorações, juras, um manancial infindável de diferentes modos ilocutórios amorosos. “*Escreve-me*”, “*Perdoa-me*”, “*Lembra-te de mim*”, “*Pensa em mim*” é um afluxo constante de imperativos prementes, urgentes, insistentes, que evidenciam o domínio do pedido, para testemunhar provavelmente a incompletude pessoal e exigir a presença do outro no sentido de construir vorazmente os laços de união. Tal como afirma Marie-Claire Grassi (1992: 47-55) a expressão amorosa obedece a três regras:

- A ausência do ser amado é fonte de um mal estar físico ou psíquico somente ultrapassável e resolvido através da sua presença .
- A dor e o sofrimento da ausência são escritos em linguagem hiperbólica: ama-se na presença, adora-se na ausência.
- Ilusão, prazer, lembrança, saudade serão, porventura, as quatro palavras-chave, vértices de um quadrado mágico que encerra toda a psicologia que subjaz ao discurso epistolar amoroso (*Cf.* Brengues, 1982: 55-72).

O interesse da análise deste tipo discursivo não é, pois, a função comunicativa que se estabelece pela dimensão interaccional extra-textual, mas sim aquela que se assume e organiza nas próprias sequências textuais³⁷.

³⁷ *Cf.* Patrizia Violi, “Présence et absence: stratégies d’énonciation dans la lettre”, in *La Lettre, Approches Sémiotiques, Actes du VI Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Suisse, Éditions Universitaires Fribourg, 1988, p.28-35.

Um dos elementos caracterizadores deste género é, como dissemos, a localização espaço-temporal que remete para a situação de enunciação, o tempo e o lugar da narração. (Exemplo, *Bristol, Agosto de 1885*). Depois desta focagem espaço-temporal, a localização desenvolve-se no interior do próprio texto através de mecanismos deícticos. A presença de marcadores deícticos “*hic et nunc*” da situação de enunciação e a co-presença do tempo da narração e do tempo da história concorrem para a especificidade deste tipo discursivo.

“L’alternance entre le temps de la narration et le temps de l’histoire est décrite par Genette au moyen d’une analogie avec le reportage radiophonique télévisé: la lettre unie constamment, ainsi qu’il le dit, ce que dans le langage radiophonique on appelle émission directe et émission différée, c’est-à-dire les quasi-monologue intérieur et la description des événements mêmes ont eu lieu³⁸.

Assim, a presença de deícticos e a referência à situação espaço-temporal da narração e à situação do enunciador implicam, da parte do leitor, uma actualização da situação de enunciação. Todavia, esse cenário é comum a todo o texto escrito: o destinatário tem de reconstruir, através de um processo de leitura e de interpretação, a estrutura enunciativa do enunciador, produzindo, desse modo, um efeito de presença.

No caso específico das cartas escolhidas, acresce a particularidade da temática do amor. A manifestação da dialéctica amorosa, enquanto mito da cultura ocidental, alicerça-se preferencialmente na ausência, constituindo o texto epistolar amoroso, de certa forma, o culminar metonímico da presença do emissor.

“L’une des qualités majeures des lettres d’amour à cet égard, tient au fait essentiel qu’elles sont l’expression, la construction symbolique de relations amoureuses”³⁹.

³⁸ Violi, *op. cit.* p. 31

³⁹ Roch Hurtubise, “Lettres d’amour: un siècle de correspondances québécoises (1860-1988), Les vertus heuristiques de l’analyse des métaphores, in *La Lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, p. 222.

Porquê Eça de Queiroz?

Raros autores na literatura portuguesa foram até hoje tão estudados e investigados. Julgamos ser pertinente estudar o acervo da sua correspondência privada, dada a importância que esses textos e outros de carácter íntimo se revestem no século XIX, esse século, por excelência, epistolar.

A publicação desta correspondência de Eça para sua mulher surgiu, pela primeira vez, em 1949, pela mão dos filhos do casal, ainda vivos nessa data: *Eça de Queiroz entre os seus, apresentado por sua filha. Cartas Íntimas*, dado à estampa pela editora Lello & Irmão, no Porto em 1949 (a edição que possuímos e que consultámos foi a 5ª edição de 1974). Sendo esta versão muito incompleta só em 1983 se progrediu na investigação da biografia queirosiana, com a publicação pela IN-CM por Guilherme Castilho.

Encarando, porém, o texto epistolar como uma interacção, uma troca comunicativa dialogal (dialógica e polifónica, quando coloca em cena vozes enunciativas diferentes) só com as cartas da destinatária se poderia compreender Eça epistológrafo.

Foi, pois, crucial para o nosso estudo a obra *Eça de Queiroz – Emília de Castro, Correspondência Epistolar. Cartas Inéditas de Emília de Castro*, organização, introdução e notas de A. Campos Matos, Lello Editores, Porto, edição comemorativa do 150º aniversário do nascimento do escritor.

O *corpus* que analisámos é composto pelas cartas trocadas entre Eça de Queiroz e D. Emília de Castro, entre Agosto de 1885 e 10 de Fevereiro de 1886 que se incluem no que os seus estudiosos e exegetas denominam de correspondência de noivado.

De Londres, no Verão de 1885, mais propriamente, a 15 de Agosto, Eça dirige a Emília a primeira carta, através do seu amigo Manuel de Castro, Conde de Resende (irmão da futura noiva).

Inicia-se assim uma correspondência entre Bristol/Londres e Porto/Granja que é harmoniosa e constante e que culmina com casamento, na Quinta de Santo Ovídio, em Cedofeita, no Porto, a 10 de Fevereiro de 1886.

Realce-se que não obstante a familiaridade de Eça em Santo Ovídio, os costumes da época e a posição social que detinham exigiam o estrito cumprimento de regras, denotando, talvez mais marcadamente os escritos da noiva uma cerimónia e uma reserva convencionais. Convém não esquecer que hoje em dia a correspondência íntima releva sobretudo da espontaneidade dos intervenientes que exprimem livremente os seus sentimentos, ao passo que no século passado os códigos explícitos ou tácitos deviam ser obrigatoriamente respeitados e sujeitos a algumas prescrições e proscricções⁴⁰, imposições sociais e cumprimento de regras e formas de delicadeza.

Enquadramento teórico da metáfora: as metáforas temporais

A noção de metáfora, tal como afirma Lakoff⁴¹, é muitas vezes mal entendida. Do ponto de vista neurológico, torna-se necessário explicar que há partes do cérebro mais próximas dos *inputs* corporais e outras mais afastadas, razão pela qual se explica que os sinais que provêm directamente das partes mais próximas dos inputs corporais sejam projectados nas áreas corticais superiores.

Em termos cognitivos, os conceitos abstratos são conceptualizados através de conceitos mais próximos das experiências sensíveis ou motoras.

Este processo de metaforização conceptual foi alvo de estudos aprofundados e inovadores por parte da Linguística Cognitiva⁴² e um dos trabalhos que importa realçar nestas áreas representativas da experiência humana, onde se incluem o tempo e o espaço, é a teoria dos espaços múltiplos de Fauconnier & Turner.

⁴⁰ Cf. Jacques Cosnier, “La psychanalyse, le langage et la communication”, in *Psychothérapies* 4, 1984, pp.212-221.

⁴¹ Georges Lakoff, “Les Universaux de la Pensée Métaphorique: variations dans l’expression linguistique”, *Diversité des Langues et Représentations Cognitives*, Catherine Fuchs e Stéphane Robert (ed.), Paris, Ophirs, 1997, pp. 168-182.

⁴² Cf. Fauconnier, G., *Mappings in Thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997; Fauconnier & Turner, 1996, “Blending as a central process of grammar”. A. Goldberg (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, Stanford: Center of Study of language and Information.

Coulson, S., 1995, *Analogic and metaphoric mapping in blended spaces*. Center of Research in Language Newsletter, 9 :1, pp. 2-12.

Rohrer, Tim 1997, Annotated Bibliography of Metaphor and Cognitive Science, 04/08/1997, <http://metaphor.uoerogon.edu/annbib.htm>

Este modelo preconiza que a estrutura de dois ou mais espaços de entrada, no caso da metáfora, trata-se do espaço fonte e o espaço alvo são projectados num espaço amálgama, mas que preserva parte da estrutura dos dois espaços de construção e que apresenta novo esquema conceptual.

No caso presente descortinam-se três tipos de projecções.

Relativamente ao tempo, consideramos que o futuro está à nossa frente, o passado situa-se atrás e o observador situa-se no presente. A mudança do observador traduz-se numa mudança temporal. A distância percorrida é a quantidade de tempo que passou, o espaço que está à sua frente é o futuro e atrás é o passado.

- A** A questão da ausência, da separação que se traduz em
 - a) sofrimento
 - b) melancolia /nostalgia
 - c) insegurança
- B** O tempo que é longo e pesado: os dias que parecem anos ou séculos. O tempo que obseca, que não permite outra evasão.
- C** O tempo perdido, o tempo efémero, o tempo que se esvai.
- D** O tempo reparador que oferece uma possibilidade de compensação, de consolação e que encerra o princípio de base religiosa em que uma verdadeira intemporalidade pode ser dada através da unificação.
- E** O tempo de escrita: a narração mais longa e pormenorizada do quotidiano reduz a distância.

Exemplifiquemos:

- A** A questão da ausência, da separação que se traduz em
 - a) sofrimento
 - b) melancolia /nostalgia
 - c) insegurança

“Por ora é este o único plano definido, mas já me faz feliz, com linda esperança de me achar em breve ao seu lado. Todo este tempo de intervalo me parece desgradavelmente perdido: nem sempre o trabalho o preenche bem, nem me basta o doce prazer de pensar em si.” Londres, 28 de Setembro de 1885 (11/59)

“O tempo que as cartas levam é realmente atroç”. Londres, 12 de Outubro de 1885

“Uma coisa essencial é que elas, as suas cartas sejam frequentes. Não imagina como hoje me faz falta não receber nenhuma: tinha estes dois dias passados sido gâté; hoje nada e parece-me um dia seco, estéril, vazio”. Londres, 10 de Outubro de 1885 (20/72)

“Docemente bem-vindas são elas (as cartas): calculando mal o tempo, ou pela natural impaciência do meu coração, tinha-me parecido que o seu silêncio se prolongava indevidamente, e estava num confuso estado de desassossego, gastando o tempo a fazer e desmanchar nuvens, nenumas delas cor-de-rosa”. Londres, 8 de Outubro de 1885 (19/68)

“E fez-me falta a sua carta para me cheer up, porque estou em pleno estado melancólico”.

London, 19 de Outubro de 1885 (29/89)

“Prouvera a Deus que fosse! A inquietação pela desconfiança de que não se é suficientemente amado...” Londres, 7 de Outubro de 1885 (17/67)

B O tempo que é longo e pesado: os dias que parecem anos ou séculos. O tempo que obseca, que não permite outra evasão.

“... fomos um ao encontro do outro, desencontrando-se as nossas cartas; só eu já recebi a sua, enquanto a minha anda e andará nas mãos desse eterno correio que me faz o efeito de nunca chegar”. Porto, 22 de Setembro de 1885 (10/57)

... apresso-me a escrever-lhe agora, para que a minha querida noiva não fique muitas horas debaixo da impressão descontente e unpleasant que lhe podia ter dado o meu tom um pouco carregado”. Londres, 30 de Setembro de 1885 (13/62)

“Que século que nos leva a saber um do outro! Chega a fazer preguiça escrever com a ideia da viagem que as palavras vão fazer.” Granja, 8 de Outubro de 1885 (18/67)

“O correio, como me dizia na sua carta, com efeito, nunca chega! Estou receando que em vez de seguir a direito como afiança o Estado e o guia dos Caminhos de ferro, ele flana pelas estradas, pára à sombra das árvores a fumar cachimbo d e vadiagem e dorme a sesta sur lherbe tendre, - enquanto as pobres almas que le devia fazer comunicar e que pagaram humildemente a sua estampilha para comunicarem, se desespèrent et languissent”. Londres, 7 de Outubro de 1885 (17/66)

“Porque o correio se diverte mais um dia que devia no caminho, imaginamos logo que nunca mais saberemos nada um do outro.” Granja, 19 de Outubro de 1885 (28/88)

“Logo que esteja pronto voo aí.” Porto, 25(?) de Janeiro de 1885 (67/131)

C O tempo perdido, o tempo efémero, o tempo que se esvai.

“Tenbo só esta migalhinha para lhe dizer adeus até amanhã.” Granja, 14 de Outubro de 1885 (22/75)

“E causa-me uma terrível perda de tempo esse seu silêncio: quando não tenbo uma carta sua, passo o dia a fumar cigarretes, a passear pela sala, inquieto e descontente, formando e desmanchando nuvens quase todas sombrias.” Londres, 17 de Outubro de 1885 (26/83)

“E estas poucas horas em Lisboa já me aprecem longos meses de solidão e frio”. Lisboa, 21 de Janeiro de 1886 (62/124)

“Vou acabar, senão levava todo o meu dia a dizer-te que te amo: e depois de to ter dito tão de perto, lado a lado do teu coração, parece bem murcho, bem pálido escrevê-lo de longe.” Lisboa, 21 de Janeiro de 1886 (62/125)

“Ainda tinha muito para lhe dizer mas fica para amanhã, não tenbo tempo para mais a não ser para lhe dizer the loving word que tanto procurou e não achou”. Granja, 19 de Outubro de 1885 (28/88)

D O tempo reparador que oferece uma possibilidade de compensação, de consolação e que encerra o princípio de base religiosa em que uma verdadeira intemporalidade pode ser dada através da unificação celestial.

“Ainda há pouco a sua vinda me parecia tão distante! Me parecia mitológica! E já chegou, e depois de amanhã vemo-nos”. Porto, 3 de Novembro de 1885 (44/114)

“Ontem depois de passar o dia a pensar em si levei ainda a noite a sonhar consigo; assim o tempo todo lhe foi dedicado.” Lisboa, 22 de Janeiro de 1886 (64/127)

“...pode vir à hora que o coração lhe pedir – vamos a ver a que horas lhe pede!” Porto, Novembro de 1885

E O tempo de escrita: a narração mais longa e pormenorizada do quotidiano reduz a distância.

“Ah, aí está talvez por que si (non, écoutez, il est insupportable ce si!) não me escreve (...) e, por isso não se lembra, nem lhe vem the desire the longing de escrever, de conversar com o coração, de rêver par écrit, de comunicar...” Londres, 12 de Outubro de 1885 (23/77)

“Que sejam longas, e possam elas mostrar-me que não sou só eu a ter saudades nem a desejar que o Porto e Lisboa estivessem a uma distância – do tamanho do Mack (que era o nome do cão de Santo Ovídio). Lisboa, 21 de Janeiro de 1886 (62/125)

“E basta! – o papel arrefece as palavras, e há certas coisas que só devem ser “ditas” quase apenas só sentidas – sem intervenção do correio, e na divina solitude à deux. Lisboa, 3 de Novembro de 1885 (43/113)

A análise detalhada deste *corpus* permitir-nos-ia decerto tirar conclusões mais arrojadas e mais articuladas se pudéssemos conjugá-la com a análise da evolução, por exemplo, das formas de tratamento ao longo destes seis meses de correspondência. Passa-se de uma forma “*Minha senhora*” distante e formal (14 de Setembro de 1885) para “*Minha adorada Emília*”, carinhosa e indiciadora de uma proximidade ou, inversamente, de “*Senhor Queiroz*” (18 de Setembro de 1885) para “*Meu querido noivo*” (20 de Outubro de 1885), importando sublinhar que esta proximidade foi exclusivamente construída através das missivas.

Esta mesma análise seria válida para as fórmulas finais de despedida, de fechamento, que se tornam, com o decorrer do tempo, mais afectuosas, mais apaixonadas, servindo inclusivamente para reflexões teóricas regulares sobre a boa escolha ou a pronta rejeição de entre as usualmente empregues.

A distância real (que se mede e se traduz pela efectiva separação dos correspondentes) torna-se numa ausência tematizada pelos sujeitos. Neste perspectiva, percebemos que a comunicação epistolar exhibe a própria situação de enunciação, pressupondo intrinsecamente, uma distância, consistindo a escrita na procura de uma presença ao nível da representação, conjugada com essa ausência, ao nível real.

Daí a metáfora da presença.

No fundo, porque provavelmente a maior subtileza da comunicação epistolar brote desta dialéctica proximidade/distância, presença/ausência, perenizada na máxima de Roland Barthes: “*Je n’ai rien à te dire sinon que ce rien, c’est à toi que je le dis*”⁴³.

1.2. Carta de condolências

A carta de condolências constitui outro sub-género do epistolar. Esta forma é uma manifestação verbal impulsionadora das relações interpessoais, na medida em que instaura, confirma e reforça os laços existentes entre os interlocutores. Integra a categoria de “rituais interpessoais”, ou seja, esses «*courts rituels qu’un individu accomplit pour et envers un autre et qui attestent la civilité et du bon vouloir de la part de l’exécutant, ainsi que de la possession d’un petit patrimoine de sanctitude de la part du bénéficiaire*» (Goffmann 1973 : 73-74). O valor afectivo-relacional e a dimensão social da expressão de condolências configuram uma forma ritualizada de sociabilidade que contribui para o reforço dos laços sociais, assegurando a pertença a uma mesma comunidade: “*Conversational routines are tacit agreements, which the members of community presume to be shared by every reasonable co-members*” (Coulmas 1981: 4).

Os *secretários* ou *manuais* de escrita de correspondência disponibilizam vários modelos para a escrita destes textos que, enviados em momentos de fragilidade emocional, devem respeitar alguns protocolos e rotinas verbais.

O protótipo da carta de condolências obedece a uma estrutura do tipo:

⁴³ Roland Barthes, *Fragments d’un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977.

Apóstrofe inicial
Focalização temporal do evento (saturação de figuras retóricas)
Invocação divina
Acto de consolação
Elogio fúnebre
Intenção de perpetuar ensinamentos
Apresentação de condolências
Despedida de acompanhamento na dor e no pesar

Assim, são várias as formas utilizadas para dizer a morte sem a nomear: *a perda; a perda cruel, a dor irreparável; o cerrar dos olhos, a terrível provação*, e todas as demais metáforas e perífrases “qui esquivent le spectre de la mort en ne la nommant pas ont aussi pour effet de dramatiser la situation”. (Dauphin, 1997: 71) Os eufemismos para designar, quer a morte, quer o morto, são circunlóquios que desenharam, de forma táctil e subtil, movimentos de partilha e comunhão, suavizando uma realidade chocante, por um lado, e atenuando o impacto das palavras.

CP1. A morte implacável acaba de ceifar mais uma vida preciosa

CP2. Neste momento de pungente dor, ao saber que X nos deixou...

CP3. A perda do ente querido

CP4. Neste momento de vazão e de saudade

CP5. Neste estado de consternação, ao sabermos desta dolorosa partida

CP6. Acompanharemos o saudoso extinto à sua derradeira morada

CP7. Finou-se ao cabo de longo sofrimento

CP8. Apagou-se a luz daquele olhar

CP9. Tive ontem a notícia deste trágico desfecho

CP10. Neste momento de desventura

Estes eufemismos⁴⁴ constroem-se sobre uma base metafórica, sendo o *trágico acontecimento* conotado como uma *partida* e daí a utilização da forma: *derradeira morada*. A imagem da luz que se apaga, da chama que se extingue (o *extinto* em vez de o *morto*), da vida que perece, são formas mais brandas de nomear a morte e que visam, justamente, numa atitude de cortesia, mitigar o sofrimento do outro, destinatário da mensagem. O emprego de eufemismos nas cartas de condolências processa-se através da selecção lexical que privilegia termos menos marcados por conotações disfóricas, tendo essa adociação a função de atenuar a realidade considerada penosa. A morte como “viajante da noite”, a partir da metáfora da obscuridade, é dada por formas verbais eufemísticas que traduzem a ideia de perda: *desaparecer, apagar-se, deixar-nos...*

O mesmo procedimento aplica-se à figura do defunto que é focalizada nestas missivas. Evidenciam-se as suas virtudes, o seu mérito, o seu talento, a estima que merecia entre todos, invocam-se as inúmeras qualidades que vêm ornar o defunto de uma aura de santidade. Este tributo de elogios, próximo da canonização, que envolve o extinto, vem corroborar a ideia da injustiça e iniquidade da morte, agravando e inflamando a enlutada dor. As estratégias discursivas utilizadas nos elogios valorizam as qualidades do defunto, sendo, não raro, usada a amplificação para corroborar as suas virtudes e jaez.

CP11. Com o desaparecimento prematuro do X, perdemos do nosso convívio um Espírito Bom, um Grande Companheiro, um Homem Exemplar e um Cientista Dedicado e Brillhante.

⁴⁴ M. Rodrigues Lapa justifica este emprego de eufemismos: “Este mesmo sentimento das conveniências sociais leva-nos muitas vezes a atenuar a dureza e a franqueza de certas expressões, que evocam imagens grosseiras ou desagradáveis. Certos termos que exprimem a morte, o furto, a embriaguez, a idiotia, a mentira, etc., requerem **eufemismos**, isto é, meios expressivos que adoçam a brutalidade ou a inconveniência social destes termos. Para o homem, nada mais terrível que a morte. Pois bem, na vida social, o vocábulo que define a ideia pura – *morrer* – é suavizado pelos seguintes eufemismos: *julceer, expirar, decidir, acabar, perecer, ir para o céu, finar-se, fechar os olhos, entregar a alma a Deus, passar-se*, etc. Tudo expressões que procuram atenuar a fealdade do horrível transe. “, *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1984, 11ª. Edição, p. 27. Igualmente, C. Kerbrat-Orecchioni, a propósito das manifestações linguísticas da delicadeza, afirma: “les différents types d’euphémismes ont pour fonction commune d’adoucir ou d’embellir la représentation de réalités déplaisantes – évocations dysphoriques, choquantes, ou « déshonnêtes, qui vont à l’encontre de la bienséance, et risquent de blesser les oreilles délicates (...) L’euphémisme est bien par excellence un «softener» (1992: 213).

CP12. É que as pessoas como X deixam entre nós a simpatia, a inteligência, a atitude, o sorriso, a ação, a bondade e o exemplo, para sempre. Que os seus pássaros o levem mais alto que nunca, para lá do nosso entendimento.

CP13. Alma cristalina, inteligência de extraordinária acuidade, cultura vasta e bondade serena e justa – eis as qualidades primaciais que ergueram X ao alto lugar que ocupava na sociedade, ao carinhoso lugar que ocupava nos nossos corações.

Por outro lado, as formas de consolação estão impregnadas de expressões de crença religiosa e remetem para um cenário de resignação, que impele a aceitar a vontade de Deus e de sofrer na esperança do encontro na Eternidade. Invocar Deus, a Providência Divina, o Céu, um Ente Superior, os Lugares da Imortalidade ou da Eternidade acentuam, em contraste com a agrura e o nojo da morte, a esperança de que a separação será temporária, pois resta sempre a esperança numa outra vida. E a efemeridade e fragilidade da vida são acentuadas pela imagem da poeira em que nos transformamos, que ilustra a transitoriedade desta passagem terrena.

CP14. Numa altura em que os sentimentos são mais fortes do que todas as palavras, que Deus vos dê força e resignação para tão grande dor.

CP15. A Deus que o chamou para a sua divina companhia, imploro a compaixão pela nossa grande mágoa.

CP16. Resta-nos rogar a Deus que se lembre de quem ainda não partiu.

CP17. Rezaremos por ela e decerto iluminaremos a sua alma.

CP18. Foi Deus que a chamou para Si e a Sua Divina Vontade é a lei suprema da nossa vida.

CP19. Ele será na região do Supremo Bem nosso caloroso intercessor.

O acto de consolação constrói-se numa fundamentação dupla: por um lado, o conforto na dor com a intenção de fazer esquecer e ultrapassar o tormento e, por outro, a partilha e o encorajamento, evidente nos traços semânticos das formas verbais.

CP20. Associo-me à sua dor

CP21. Acompanho-o na sua mágoa tão profunda

CP22. Compartilho o vosso pesar

CP23. *As nossas orações acompanham a vossa dor.*

CP24. *Creia que a ajudaremos, não a esquecer que não é possível, mas a suportar a saudade que tem do seu X.*

Outro dos *topoi* recorrentes na carta de condolências é a constante contraposição entre vida e morte. Efectivamente, opor o sentimento de perda à imperiosa necessidade de cuidar ou continuar a tratar dos vivos, dos próximos, dos familiares, dos descendentes, significa pensar em cultivar a saudade do defunto na incarnação das virtudes que este transmitiu. Esta prática de reconhecimento de uma influência póstuma constitui uma forma de respeitar e de honrar a sua memória e encerra uma função de transição e de regulação, atenuando o tumulto social, causado pela morte e consolando a inquietação emocional vivida pelos mais próximos⁴⁵.

CP25. *Muita força para todos. Uma maneira de o homenagear e de o manter presente será regularmo-nos pelos seus princípios e sorrir para a vida como ele penso que sempre o fez.*

CP26. *A incredulidade continua a ser o sentimento mais forte neste momento. Penso que a melhor homenagem que lhe poderemos prestar será empenharmo-nos nos nossos projectos, de modo a podermos dedicar-lhes o nosso melhor. [Deixo assim os meus mais sinceros votos de condolências à família. Com as despedidas inevitavelmente amargas desta ocasião]*

Para além da consolação de cariz religioso, o luto arrasta outras manifestações de dor: as lágrimas consoladoras, reparadoras, que se choram porque se partilham momentos de dor. A metáfora da ferida que continua a sangrar é também utilizada. Todos estes exemplos de formas físicas ilustrativas do sofrimento pungente, resquícios do movimento romântico, encerram o poder curativo da partilha na dor.

CP27. *É preciso que o tempo cicatrize a ferida que, por enquanto, ainda muito sangra, tendo apenas a suavizar-lhe as dores e a secar-lhe as lágrimas a bondade das pessoas amigas.*

⁴⁵ Cf. Jean Maisonneuve, *Les Conduites Rituelles*, Paris, Presses Universitaires de France, 1988, p. 45 e Martine Segalen, *Rites et Rituels Contemporains*, Paris, Nathan Université, 1998, pp. 42-43.

CP28. *As lágrimas ajudam a diluir a dor, mas não a apagam. Choremos, pois, juntos em espírito, já que infelizmente longa distância nos separa.*

CP29. *Junto as minhas às vossas lágrimas e choro-as bem sentidas, pois, para isso, temos ambos sobrejo motivo.*

CP30. *Que pena tenho de não poder estar aí para te ajudar a suportar tão pesada cruz!*

A carta de condolências é, pois, uma forma privilegiada da expressão de sociabilidade na dor.

Na retórica do texto epistolar de condolências, a consolação ocupa um lugar central. E é neste acto de consolar que a carta se revela plenamente nas suas virtudes performativas, na medida em que deseja agir a distância, conformar e apaziguar o sofrimento do outro. Todavia, dada a dificuldade da transmissão deste consolo, de mitigar a dor, é recorrente o *topos* da vacuidade, da impossibilidade de transmissão dos sentimentos, insistindo-se na insuficiência das palavras. Este *topos* da vacuidade é recorrente no género epistolar e igualmente, nos géneros autobiográficos. É comum os epistológrafos lamentarem a vacuidade do espírito perante a folha em branco⁴⁶. O óbice na confissão de sentimentos tematiza-se de forma inibitória:

CP31. *As palavras faltam quando se encara uma situação como esta. O mundo está agora mais pobre! Mesmo longe, estamos convosco nesta altura tão difícil.*

CP32. *Gostava que a razão desta carta fosse outra, tal como sei o quanto as palavras parecem ocas e desprovidas de significado nestes momentos.*

CP33. *Não há palavras que tenham o condão de apaziguar a nossa dor.*

CP34. *Sem poder traduzir os verdadeiros sentimentos que nos assolam neste momento difícil...*

CP35. *Tens muitos amigos: abraça-te a eles, mergulha profundamente no seu amor e se não sentires a consolação, verás, pelo menos, atenuado o teu desespero.*

⁴⁶ Danièle Pouban, no seu artigo «Écriture et rôle social. La place des femmes dans une correspondance familiale au XIX^e siècle» afirma : «En revanche, celles qui subsistent, nombreuses, diverses, sont éloquentes bien que les épistoliers se plaignent souvent de la vacuité de leur esprit devant une feuille blanche. « Je ne trouve pas grand-chose à te dire » (...), *L'épistolaire, un genre féminin?*, Christine Planté (dir.), Paris, Honoré Champion, 1998, p. 209.

A análise, apesar de sucinta, de algumas estratégias discursivas nas cartas de condolências, permitiu-nos concluir que existem regras, socialmente ditadas, que nos permitem assumir, explorar, recuperar formas que privilegiam o outro e que consagram, assim, nestas circunstâncias ritualizadas, a importância do culto das subtilezas linguísticas, justificando a importância dos modelos sociais.

As cartas de condolências, escritas na intimidade, fixam, pela escrita, a partilha de sentimentos, num momento particularmente penoso. A solidão a que a sociedade contemporânea nos vota progressivamente é um factor de sofrimento grave que favorece e torna necessária a escrita de cartas. “A carta torna-se o signo tangível que, algures, alguém, caritativamente, pensou em vós”⁴⁷.

É, pois, interessante avaliar, numa perspectiva sociológica que, nesta época do telefone móvel e do correio electrónico, a morte é dos raros acontecimentos em que a família do defunto recebe um número considerável de cartas manuscritas, que inscrevem o acontecimento numa rede de sociabilidades⁴⁸. E este acto de escrita solitária e individual (uma pessoa, uma folha, uma caneta) é, com efeito, um legítimo acto social, cuja finalidade ultrapassa largamente a da transmissão de condolências ao simples destinatário.

⁴⁷ Mireille Bossis, «Introduction» *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, p. 11.

⁴⁸ Cf. Jean-Hugues Déchaux, *Le Souvenir des morts. Essai sur le lien de filiation*, Paris, Presses Universitaires de France, 1997.

2. Rotinas verbais configuradoras do género epistolar

2.1. Rotinas de abertura

“La lettre, en tant que genre de discours explicitement adressée, ne peut faire l'économie de la désignation de l'autre”.

Séverine Hutin, *S'écrire l'autre*

“Perhaps the most distinctive aspect of epistolary language is the extent to which it is colored by not one but two persons and by the specific relationship existing between them”.

Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*

O destinatário é razão de existir do texto epistolar. Quando cumpre o seu objectivo principal e pragmático, a carta revela sempre um destinatário explícito. Os destinatários são explicitados e referenciados pelo nome próprio, acompanhado quase sempre por um modificador sintáctico-semântico. Estas formas deixam transparecer o grau de proximidade afectiva que une os correspondentes e se encararmos a saudação [*querido*] como menos formal que as suas correspondentes [*caro*] ou o seu superlativo [*caríssimo*], concluiremos facilmente dos níveis de aproximação entre os correspondentes, decorrentes também da frequência das interacções ou da especificidade da relação afectiva.

A abertura das cartas familiares patenteia uma extrema heterogeneidade que vai desde a saudação trivial mais comum, que se traduz numa expressão apelativa conjuntiva, sendo o *incipit* preenchido pelas formas canónicas de abertura “*meu caro amigo*”, “*prezado amigo*”, “*querido N*”, até ao registo, em situações de intensa proximidade temporal, da ausência de expressão apelativa. Na estrutura de abertura aparece raramente a saudação complementar e que reproduz o questionamento sobre o estado geral do destinatário e cuja formulação canónica é do tipo “*como tem*

passado?”, e constatada a sua fraca ocorrência não a incluímos na estrutura modelo apresentada.

A estrutura prototípica das **estruturas de abertura de missiva** obedece genericamente ao esquema:

ESTRUTURA PROTOTÍPICA DE ROTINAS DE ABERTURA DE MISSIVA

1. [Acto de localização espaço-temporal] +
2. [Expressão apelativa conjuntiva] +
3. [Comentário sobre o quadro espaço-temporal] +
4. [Acto de acusação de recepção] +
5. [Acto de pedido de desculpa] +
6. [Acto de justificação]
- 7A. [Acto de agradecimento] ou 7B. [Acto de reprovação]

1. Acto de localização espaço-temporal

Ao discurso epistolar estão subjacentes as coordenadas espaço-temporais dos correspondentes. Estas noções de espaço e de tempo têm merecido ao longo dos tempos uma ampla reflexão, porque estruturantes da nossa vida, como de resto se pode constatar nas palavras de Charles Normann:

“Toutes nos notions, toute la science, toute la vie pratique elle-même sont fondées sur la représentation que nous nous faisons des aspects successifs des choses. Notre esprit, aidé par nos sens, classe avant tout celles-ci dans le temps et dans l’espace, qui sont les deux cadres où nous fixons d’abord ce que nous est sensible dans le monde extérieur. Ecrivons-nous une lettre: nous mettons en suscripton le lieu et la date. Ouvrons-nous un journal: ce sont des indications qui y précèdent toutes les dépêches. Il en est de même en tout et pour tout. Le temps et l’espace, la situation des choses et leur époque apparaissent ainsi comme des piliers jumeaux de toute

connaissance, les deux colonnes sur lesquelles repose l'édifice de l'entendement humain”¹.

A noção de cronótopo, adoptada dos domínios da Física e da Matemática por Mikhail Baktine², mostra-nos a indissolubidade do espaço e do tempo. Esta peculiar associação da componente cronotópica ao discurso epistolar foi-nos sugerida pela leitura do trabalho de Maria João A. F. Simões que, ao analisar as estratégias epistolográficas das correspondências Eça e Fradique, explicita os diferentes cronótopos (da enunciação, da narração, do destinatário, comum) que lhe permitiram descortinar o potencial heurístico do diálogo epistolográfico³. Janet Altman reforça esta ideia ao concluir que “to write a letter is to map one’s coordinates – temporal, spatial, emotional, intellectual – in order to tell someone else where one is located at a particular time”⁴. A distância espaço-temporal é tematizada peculiarmente, da mesma forma que a estrutura pronominal.

A carta, enquanto objecto pragmático pleno de significação, impõe-se ao receptor como representante metonímico do epistológrafo e actualiza, de certa forma, a presença real dos interlocutores através desta idiosincrasia comunicativa⁵.

A distância que separa destinador e destinatário torna-se uma modalidade de organização textual. A localização espaço-temporal refere-se ao *hic et nunc* da narração, constituindo a maioria das referências.

Sublinhe-se, porém, a possibilidade de encontrar, inscritas no discurso, referências ao tempo e ao lugar do destinatário, ou seja, ao *hic et nunc* da leitura do texto. A focalização, neste caso, transfere-se para o destinatário.

¹ Charles Normann, *Einstein et l'Univers. Une lueur dans le mystère des choses*, Paris, Librairie Hachette, s/d, pp. 11-12, *apud* Maria João A. F. Simões, 1987, p. 16.

² Mikhail Baktine, “Formes du temps et du chronotope dans le roman”, in *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, Éditions Gallimard, 1978.

³ Maria João A. F. Simões, *Correspondências: Eça e Fradique, Análise de Estratégias Epistolográficas*, Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1987, pp. 15-43.

⁴ Janet G. Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982, p. 119.

⁵ Cf. Eric Landowski, «La lettre comme acte de présence», *La Lettre, Approches Sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Éditions Universitaires de Fribourg, 1988, p. 19-27.

Sendo o texto epistolar fecundo e fértil em referências ao quadro espaço-temporal, emerge, contudo, um paradoxo, na medida em que, se por um lado, produzem um efeito de presença, explicitam, por outro, a realidade efectiva e disjunta da ausência⁶.

As referências espaciais e cénicas têm um papel fundamental na compreensão dos textos epistolares. Qualquer que seja o conteúdo informativo da carta, o signatário cumpre um conjunto de procedimentos fixados pelas regras de apresentação: é imperioso que se situe no tempo e no espaço, inscrevendo a data e o local. A indicação do lugar de onde escreve, dos acontecimentos que envolvem o acto permitirão ao interlocutor imaginar a cena, descodificar os indícios apresentados no enunciado, pois estes são decerto indícios-estímulo que despertam memórias e quadros de referências. Recuperando a metáfora dramaturgica da vida social como palco permanente proposta por Goffman⁷, Dauphin *et al* afirmam que:

“On peut considérer que le geste épistolaire opère une mise en scène de la même façon que l’écriture dramaturgique dispose autour de, ou dans le texte proprement dit, un ensemble de mentions sur le décor, les accessoires, les postures et les mouvements des acteurs, autant de marques nécessaires à la compréhension de la pièce pour celui qui la lit”⁸.

No texto epistolar tradicional, a data e a indicação do lugar são procedimentos destinados a criar o efeito ou a ilusão da realidade.

Para os descodificadores de documentos epistolares, apraz registar na abertura destes escritos, muitas vezes intimamente privados, o detalhe que muitos epistológrafos dedicam ao *incipit* inicial. Essa prática que ditou mesmo a impressão de papel de carta com o nome e o remetente estampados, surge aos olhos dos destinatários (e de nós, posteriores leitores) como um valioso acréscimo de informação, permitindo descodificar indicações e esclarecimentos sobre os movimentos, os lugares de *déplacement* do epistológrafo.

⁶ Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’Interaction Épistolaire”, *La Lettre entre réel et fiction*, Jürgen Siess (dir.), Paris, Sedes, 1998, p. 17.

⁷ Goffman, *La Mise en scène de la vie quotidienne*, prefácio t.1: «La Présentation de Soi», Paris, Éditions de Minuit, 1973, p. 9.

⁸ C. Dauphin, P. Lebrun-Pézérat, D. Pouban, *Ces Bonnes Lettres: une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin Michel, 1995, p.102.

Essa particularização incide não somente na especificação do dia da semana, sempre que a regularidade da comunicação o justifica, como também é visível na estrita e rigorosa menção ao local da escrita, seja ele privado (alguma divisão do espaço doméstico), seja ele público, tal como nos finais do século passado era hábito escrever-se de um café literário ou ainda, anunciando-se o local em que o escrevente se encontra hospedado ou mesmo o apartado para o qual deseja que o destinatário remeta a resposta.

Os *Manuais* e *Secretários* designam este acto de localização espaço-temporal apenas por “datação” e recomendam que, nas cartas familiares, se empregue ao alto da página, à esquerda, devendo compreender o lugar de onde se escreve, o dia, o mês e o ano.

Noutro tipo de correspondência, a datação segue, contudo regras específicas. É comum na correspondência comercial surgir do lado direito, podendo não ser apresentada por extenso.

Considera-se que a datação quando colocada no final da missiva, à esquerda da assinatura, é testemunho de respeito e consideração.

Também este acto de localização espaço-temporal é sujeito a modismos e tem variado ao longo das épocas. Não difere só consoante o tipo de correspondência (como constatámos, estas coordenadas são muito peculiares na correspondência amorosa), como sobretudo, respeita o uso da época.

A localização espaço-temporal surge na correspondência familiar, quase sempre **anteposta**

*9, Holles St.
Cavendish Square
London, 22 de Outubro, 1855⁹*

Praia das Maças, Fontanelas, 11 de Agosto de 1975¹⁰

Ou **posposta**

⁹ Carta 32, Eça de Queiroz, *Emília de Castro, Correspondência Epistolar, Cartas inéditas de Emília de Castro*, organização, introdução e notas de A. Campos Matos, Lisboa, Lello Editores, 1996, 2ª. Ed., p. 94.

¹⁰ Carta de Vergílio Ferreira a Jorge de Sena, *Cartas de Autores Portugueses*, p. 74.

Quando mais não possa ser, saiba V.M. que de muito fiel sentimento lhe faço presente. Sobretudo guarde e livre Deus a V.M. como desejo.
Torre, em 1 de Janeiro, 1650¹¹

Paris, 23 de Janeiro de 1703¹²

Ou também pode ser dada de forma **específica/criativa**

*Évora, dia da degolação do baptista (ou seja, 29 de Agosto)*¹³

*Sábado de aleluia*¹⁴

Praecor diei jam sonat

*Neuilly, 3º. Sexta-feira do Advento, em preparo do Santo Natal, 25 de Novembro*¹⁵

Meu caro Prado

*A sua tão excelente carta foi recebida no devoto Dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazónia, e da fadiga das águas atlânticas. Não esquecerei as queijadas da Sapa.*¹⁶

Ou pode ainda surgir em versão exclusivamente **numérica**, como atesta o curioso exemplo:

*7^{bro}, 30, 908*¹⁷

Não é de todo muito comum a referência pormenorizada à datação no corpo da carta. Isso acontece, por vezes, quando a escrita epistolar se prolonga ou se interrompe por razões que se torna necessário explicitar.

¹¹ Carta 298, D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas Familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981, p. 305.

¹² Carta de José da Cunha Brochado, *Cartas*, Livraria Sá da Costa, 1944, carta 92, p. 151.

¹³ Carta 3, Frei António das Chagas, *Cartas Espirituais*, Selecção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1939, pp. 4-5.

¹⁴ Carta de Almeida Garrett a sua filha, Almeida Garrett, *Portugal na Balança da Europa, Cartas Íntimas*, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 287.

¹⁵ Carta de Eça de Queiroz a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 277.

¹⁶ Carta de Eça de Queiroz a Eduardo Prado, escrita de Paris em 1888, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 307.

¹⁷ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, *Cartas de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*, recolha, transcrição, introdução e notas de Maria José de Lancastre, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 70.

É o caso deste começo da carta de José da Cunha Brochado, escrita em 1698.

Meu amigo e Senhor:

Em um mês que é o primeiro do ano que começa e em janeiro que é o último do século que acaba, tenho a obrigação de dar a V. M. os bons anos como gratificação e testemunho de uma amizade que não acabará com os séculos.¹⁸

Ou ainda de esta carta de Eça a Ramalho Ortigão

Vashini-Stoke Bishop

Bristol, 1 de Agosto de 1886

Meu querido Ramalho

Hoje, sendo domingo, e o correio por isso fechando-se antes mesmo de se abrir, sou obrigado a escrever duas linhas telegráficas para dizer – que o meu vice-cônsul Richard Todd lhe remeteu ontem quarenta libras em letra à vista.¹⁹

As referências temporais e espaciais detalhadas e explícitas abundam nestes diálogos epistolares. À semelhança do que afirmáramos anteriormente, esta teatralização da escrita epistolar estabelece a partilha e quiçá a comunhão de informações susceptíveis de situar e impressionar, de uma forma por vezes anódina e furtiva, o interlocutor. Curiosa é esta passagem de uma missiva de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, escrita a 28 de Junho de 1914, a combinar um encontro de amigos:

Irmão em Além!

Eu vos saúdo e vos peço que amanhã, entre o soar duplo das duas e o soar simples das duas e mais metade de uma hora, surjais com a vossa presença carnal – sem prolongamento gesticulante de bengala agressiva – à vil cova ou jazigo de utilidades e propósitos artísticos que dá pelo nome humano de “Brasileira do Rossio”.²⁰

2. Expressão apelativa conjuntiva

Após o acto de localização, segue-se o que designámos por expressão apelativa conjuntiva. Escolhemos esta designação, porque julgamos que é reveladora

¹⁸ Carta de José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1944, p. 74, carta 43.

¹⁹ Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, escrita de Bristol, 1886, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, 2001, p. 103.

²⁰ *Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, Cartas de Autores Portugueses, Edição dos Correios e Telecomunicações de Portugal, Lisboa, 1987, p. 83.*

do *incipit* das cartas, já que as designações “saudação de abertura” e “termo de endereçar”²¹ se adequam preferencialmente às estruturas da oralidade.

Estrutura prototípica expressão apelativa conjuntiva

[Det. Possessivo] + [adj] + [categ. genérica de vínculo de amizade ou parentesco] + [nome]

Maioritariamente as expressões apelativas obedecem a uma estrutura prototípica, sendo mais recorrente o uso de [*meu querido*+nome] ou [*meu caro*+nome] ou tão simplesmente [ø+nome] ou [diminutivo]. Passaremos, então, em revista, algumas variantes à forma prototípica, presentes nas cartas familiares que analisámos, mostrando a sua obediência ou transgressão à estrutura apresentada.

Estas formas de nomeação ou invocação iniciais podem surgir em lugar de destaque, à esquerda ou à direita, posicionando-se relativamente ao corpo do texto de forma isolada ou separada, podendo igualmente ser integradas no corpo do texto epistolar, nas primeiras linhas, funcionando como vocativo.

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, “variados são os matizes afectivos expressos pelos possessivos”²², o que facilmente podemos constatar nestes primeiros exemplos, em que os possessivos têm um valor de confirmação da relação entre os mitentes. Reforçam, através da ênfase ou da explicitação, essa relação, que se pode traduzir, quer através do emprego do superlativo, quer através do uso simples do diminutivo.

Podem ser distintos estes valores afectivos da expressão apelativa conjuntiva, registando-se inclusivamente a possibilidade de uma simples expressão poder encerrar simultaneamente vários valores.

²¹ Carla Aurélia R. Almeida, na sua investigação sobre o discurso radiofónico, caracteriza demoradamente as sequências prototípicas de abertura, explicitando as diferentes realizações dos actos de convocatória e de saudação. Esta autora utiliza a expressão “termo de endereçar”. Cf. *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Tese de doutoramento em Linguística, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, pp. 173-237.

²² Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra, *Nova Gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987, 4ª. Edição, pp. 324-326.

Os valores afectivos da expressão apelativa conjuntiva de abertura de missiva podem ser:

a) de intimidade, de amizade, de confirmação da relação afectiva pré-existente

*Meu prezado camarada*²³

*Meu querido pai e meu Senhor do meu coração*²⁴

*Meu bom amigo*²⁵

*Caríssimo e laurentíssimo Eduard*²⁶

*Ex.^{mo} Sr. e Meu Prezado Colega*²⁷

*Anita*²⁸

*Minha adorada noiva*²⁹

b) de deferência, de respeito, de cortesia

*Vossa Mercê*³⁰

*Ill.^{mo} e Senhor meu primo e am^o*³¹

c) de ironia, de malícia, de sarcasmo

²³ F. Pessoa a Jaime Cortesão, 22 de Janeiro de 1913, Fernando Pessoa, *Correspondência 1905-1922*, Edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 71.

²⁴ Marquesa de Alorna, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, selecção, prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1941, p. 45.

²⁵ Carta de Júlio Dinis a José Pedro da Costa Basto, 19.03.1871, *Cartas e Esboços Literários de Júlio Dinis*, p. 85.

²⁶ Carta de Jorge de Sena a Eduardo Lourenço, *apud* José Francisco Costa, *A correspondência de Jorge de Sena, um outro espaço da sua escrita*, Lisboa, Edições Salamandra 2003, p.81.

²⁷ Carta de Eça a António Enes, *Eça Cartas e Outros Escritos*, p. 165.

²⁸ Júlio Dinis, *Cartas e esboços literários*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1979, p.30.

²⁹ Carta de Eça de Queiroz a Emília de Castro, *Eça de Queiroz Emília de Castro, Correspondência Epistolar*, carta 24, página 78.

³⁰ D. Francisco Manuel de Melo a um parente e amigo, *Cartas Familiares*, p. 274.

³¹ Carta de Camilo Pessanha a João Baptista de Castro, 19 de Novembro de 1893, *Cartas de Camilo Pessanha*, p. 36.

*Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Burro e Amigo*³²

d) de invocação, com valores de ênfase ou criatividade

*Ó Osório!*³³

*Irmão em Além!*³⁴

*Filósofo e Irmão em Deus!*³⁵

Estas expressões apelativas conjuntivas deixam transparecer o grau de proximidade afectiva entre os correspondentes. Ora, como o epistolar permite só por si, a construção de relações, estas formas podem rapidamente passar de formas distantes e mais reverentes para formas mais íntimas.

3. Comentário sobre o quadro espaço-temporal

Nas rotinas de abertura de missivas familiares surgem frequentemente comentários ao quadro espaço-temporal, realizados através de asserções descritivas, que informam o correspondente sobre essas coordenadas, servindo também para justificar factos narrados.

Neste primeiro exemplo, a referência à localização espaço-temporal dá conta simultaneamente do lugar tranquilo onde se encontra e da data, através da invocação do Santo patrono:

Meu caro Prado

*A sua tão excelente carta foi recebida no devoto Dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazónia, e da fadiga das águas atlânticas. Não esquecerei as queijadas da Sapa.*³⁶

As circunstâncias do enquadramento espacial (Mirandella) e temporal (um mês) fazem ancoragem da situação de enunciação do epistológrafo:

³² Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, 7 de Nov.1876, *Cartas e Outros Escritos*, p. 23.

³³ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, s/d, *Cartas de Camilo Pessanha*, p. 21.

³⁴ F. Pessoa a Armando Côrtes Rodrigues, 28-6-1914, *Correspondência 1905-1922*, p. 118.

³⁵ Carta de Eça a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, p. 277.

³⁶ Carta de Eça de Queiroz a Eduardo Prado, escrita de Paris em 1888, *Cartas e Outros Escritos*, p. 307.

Chegado ante-hontem a Mirandella, onde me demorei um mez, encontrei hoje sobre a mesa do meu quarto o seu próprio bilhete esquecido.³⁷

Ou de momentos memoráveis, em que o tom optimista serve para ajudar a dissipar a mágoa de um amigo:

*Meu amigo e Senhor,
No último dia e na última hora do século que acaba, escrevo esta carta a V.M., e de esta insigne circunstância tomo ocasião para dizer-lhe que, se até os séculos acabam, que pena ou aflição pode havre que dure?³⁸*

Por vezes, o comentário do enquadramento espacial é de tal forma pormenorizado que parece que o escrevente sente necessidade de retratar ao pormenor o ambiente em que se insere no momento da escrita para ajudar o seu interlocutor a visualizar esse espaço que se deseja de partilha.

Escrevo-lhe sobre uma pedra de café ordinário, em uma rua que não sei como se chama, abi por perto da arcada dos pretendentes, - uma coisa com um aspecto duvidoso, cores indizíveis e inconfessáveis – quase deserto, só dois ingleses, lendo uns jornaes muito grandes, ingleses, penso eu, e tomando o seu absyntho.³⁹

Estou de volta do Norte – e já no Augusto, como se pode perceber logo por este papel com nódoas.⁴⁰

Escrevo-lhe sobre uma secretária comercial, cheia de papéis, de livros, de notas, de trinta mil coisas que me tornam muito positivo e prático.⁴¹

Aqui estou no alto das serras, e sempre com saudades desse doce, alegre, ditoso, hospitaleiro e querido Mosteiro. Parti hoje do Porto, estremunhado com a madrugada, e ainda estafado com a pavorosa dose de crítica super transcendente que F... na véspera, durante amargas horas, sem repouso, no mesmo tom rouco e triste, entornara gota a gota sobre a minha pobre cabeça descaída.⁴²

³⁷ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, Lamego, 28 de Agosto de 1882, Camilo Pessanha, *Cartas*, 1984, p. 31.

³⁸ Carta de José da Cunha Brochado a um amigo, 31 de Dezembro de 1700, *Cartas*, p. 120

³⁹ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, s/d., Camilo Pessanha, *Cartas*, 1984, p. 34. Nota: O editor adianta, contudo, o ano de 1893.

⁴⁰ Carta de Eça de Queiroz ao Conde de Ficalho, 15 de Setembro de 1884, *Cartas e Outros Escritos*, p. 111.

⁴¹ Carta de Cesário Verde a Silva Pinto, 1875, p. 183.

⁴² Carta de Eça a Luís de Magalhães, 12 de Maio de 1889, *Cartas e Outros Escritos*, p. 297.

Nestas missivas de Cesário para Silva Pinto, as descrições sinestésicas do ambiente físico e psicológico são deveras minuciosas:

Fiquei boje em casa, um pouco adoentado, com suposições de doenças, de futuros quebrandos, confusamente baço, sem lucidez no cérebro nem de ponto de vista. Enquanto o sol, numa grande esteira clara, me entrou pelo quarto, estive bem contente, exuberante, cheio; a luz doirada e tépida sorria no estuque das paredes, nas cercaduras de flores pintadas, no mogno polido das cadeiras, no verniz do ferro do meu leito modesto de solteiro, na colcha muito lavada, com um bom cheiro de barrela e de alface e na minha imaginação de rapaz saudável.⁴³

Depois de uma grande volta pela província, calejado pelas esteiras de tábua em que ficámos, embrutecido pelo tremor constante das diligências cujos guizos ainda me aordoam e arrotando ainda a chouriço com ovos e ranço e a queijo branco que é preciso raspar com a navalha, depois de uma acidentada volta pela província, eu encontro o teu deliciosíssimo livro.⁴⁴

O comentário ao enquadramento é de tal forma importante que, para além de justificar a demora na correspondência, atesta para a posterioridade os eventos históricos. Atente-se neste exemplo, em que o epistológrafo dá conta das circunstâncias do terramoto em Lisboa que impediram uma resposta mais célere:

À carta de V.M. de 15 de Dezembro de 1754, recebida por duas vias, não respondi o ano pasado, em que a recebi, porque a desgraça de Lisboa alterou de tal modo as correspondências, que ainda, os que estava-mos longe, apenas tivemos tempo para acudir ás coisas do reino, e no entanto pasou a ocaziam das naos. Mas agora o faso, para agradecer a V.M. o seo favor, e o gratuito bom conceito que lhe devo, e todas as suas obxequiosas expresoens.⁴⁵

Essa encenação epistolar também pode ser apreciada nesta carta de Emília de Castro para Eça:

*Meu querido José
Estive apressando a minha toilette para te escrever duas palavras antes do almoço, vou à Missa com os dois pequenos, e depois – à pândega, - Champs Elysées, cavalinhos de pau, leite e bolos no confeitiro.⁴⁶*

⁴³ Carta de Cesário Verde a Antónia Silva Pinto, Lisboa, 1887, Cesário Verde, *Obra Poética e Epistolográfica*, Lisboa, Lello Editores, 1999, p. 206.

⁴⁴ Carta de Cesário Verde a Antónia Silva Pinto, Lisboa, 29-8-1880, p. 208.

⁴⁵ Carta de Luiz António Verney, escrita de Roma a 7 de Dezembro de 1756, *Cartas de Luis António Verney e António Pereira de Figueiredo*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1858, p.1.

⁴⁶ Carta de Maria Emília de Castro para Eça de Queiroz, escrita de Neuilly, datada de 22 de Novembro de 1891, *Eça de Queiroz Emília de Castro, Correspondência Epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, Lisboa, Lello Editores, 1996, p. 319.

Do mesmo modo, poder-se-á quase visualizar o ambiente de clausura vivida pela jovem D. Leonor de Almeida quando descreve, em carta dirigida a seu pai, a tertúlia de locutório no Convento de Chelas onde se encontrava enclausurada:

Pelas 9 horas da noite, estando eu sentada tristemente na janela da casa em que dorme a mana, a qual dá para as hortas, senti um tal reboiço entre as folhas das árvores, e sem crer em pressentimentos, confesso que logo me lembrou o mano.

(...)

Fomos falar-lhe à roda, que ainda essa noite foi-nos concedido o gosto de o vermos, porque chegou depois das Ave-Marias e era contra a norma conventual abrir-se a grade, sem que a natureza pudesse cousa alguma contra os bisonhos costumes das nossas Madres.⁴⁷

4. Acto de acusação de recepção

A acusação de recepção de carta é dada através de expressões que exprimem quase sempre o prazer da recepção. Estas exclamações que mostram o efeito de sedução operado pela recepção da missiva são dadas por expressões afectivas e qualificativas e evidenciam que as trocas epistolares necessitam ser reactivadas através de apreciações favoráveis.

Este acto que consiste em acusar a recepção de carta surge geralmente acompanhado do acto seguinte, de agradecimento.

ũa vossa me deram, a qual pelo descostume, me pôs em tamanbo espanto como contentamento, em saber novas de quem tanto as desejava; mas nem com esta vos forrareis do esquecimento que de mim tivestes em me não escreverdes antes de vos irdes.⁴⁸

Recebi a sua carta que do coração agradeço e que é verdadeiramente de bom amigo.⁴⁹

Meu querido Pai,

Recebi na sexta-feira passada – ou seja, no dia 15 – a sua carta de 15 de Setembro. São pois já duas cartas que chegam matematicamente com um mês de viagem. Vamos a ver agora se o serviço continua regular e se depois de amanhã, 6^a. Feira, 22, me chega outra carta do Papá.⁵⁰

⁴⁷ Marquesa de Alorna, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1941, pp. 21-25.

⁴⁸ Carta de Luís de Camões, *Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade, Vol III, *Autos e Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1946, p. 249 e seguintes

⁴⁹ Carta de Eça de Queiroz a Mariano Pina, 15 de Agosto de 1888, *Cartas e Outros Escritos*, p. 137.

5. Acto de pedido de desculpa

A selecção da fórmula de desculpa utilizada depende da gravidade do dano provocado e da demora do atraso na resposta que, se forem de pequena monta, apelam a formas mais convencionais, recorrendo-se, todavia, a expressões de justificação mais elaboradas e, inclusivamente, a anúncios de arrependimento, quando a falta se considera mais gravosa.

O pedido de desculpa, tal como o acto de agradecimento, pode processar-se quer através de realizações directas, quer através das formulações indirectas.

5.1. Realização directa do acto do acto de pedido de desculpa

No caso das realizações directas, aparece simplesmente o pedido através de uma expressão performativa: “*peço-vos desculpa*”; “*peço-lhe que aceite as minhas sinceras desculpas*”, “*apresento as minhas desculpas*” ou, as variantes elípticas: “*desculpe*”, “*as minhas desculpas*”, ou, ainda, enunciados no imperativo, com formas mais ou menos delicadas, através de modais: “*Desculpe-me!*” e “*Queira desculpar-me!*”.

*Querida Mimi,
Esta tem por fim dar-te os bons dias e pedir-te muito perdão. De joelhos!*⁵¹

*Cheguei aqui ante-hontem e peço desculpa de não ter escrito logo a protestar o meu vivo reconhecimento.*⁵²

Essa expressão do pedido de desculpa surge muitas vezes hiperbolizada como é o caso deste excerto da carta de José Maria Eça de Queiroz:

⁵⁰ Carta de Mário de Sá-Carneiro a seu pai, escrita a 20 de Outubro de 1915 de Paris, *Cartas a Maria e Outra Correspondência Inédita*, Leitura, fixação e notas de François Castex e Marina Tavares Dias, Lisboa, Quimera, 1992, p. 65

⁵¹ Carta de Mário de Sá-Carneiro, de 7 de Junho de 1915, *Cartas a Maria e Outra Correspondência Inédita*, Lisboa, Quimera 1992, p. 38.

⁵² Carta de Camilo Pessanha ao Dr. João Baptista de Castro, escrita de Lamego a 9 de Outubro de 1892, *Cartas de Camilo Pessanha*, p. 33.

Deixa-me implorar-te miríades de perdões por não ter respondido à tua última carta, affairé como tenbo estado com toda a sorte de coisas consulares e revistais.⁵³

5.2. Realização indirecta ou implícita do acto de pedido de desculpa

Constatamos que, na correspondência familiar, raramente acontece o acto de pedido de desculpas ser realizado de forma directa. Como denotam os exemplos transcritos, a formulação é indirecta, sendo a sua construção, por vezes, muito elaborada. Frequentemente este acto surge acompanhado de justificação pelo atraso ou pela demora e invoca-se também a ausência de justificação, que decorre apenas desse reconhecido pecado epistolar, a preguiça, que faz infringir o pacto estabelecido.

No caso de ausência de justificação, atente-se na criatividade destes exemplos, de onde ressalta a necessidade de penalizar a falta, considerada grave, pedindo-se inclusivamente a “pena capital” e a “absolvição”.

Meu querido Camarada

Não sei bem qual o género ou tipo de cimento armado em que deve ser construída a desculpa que tenbo a apresentar-lhe. Esta carta responde à sua de 8 de Dezembro. Ora não há cimento armado que arcaboice já qualquer desculpa. Respondo, e parece impossível.⁵⁴

Meu prezadíssimo amigo

O princípio das minhas cartas devia-o mandar imprimir, (à laia das circulares) para me tirar o trabalho de lhe estar sempre a dizer a mesma coisa, pedindo-lhe desculpa de não ter escrito mais cedo, e alegando para isso razões falsas. Ora, como eu não sou mentiroso por gosto, e como a franqueza nos crimes veniais é circunstância muito atenuante, quando o juiz é indulgente e honra com sua amizade o pobre réu, contrito lhe confesso quem é o cúmplice no meu delito.

É a preguiça a causa primordial dos meus crimes, e se o amigo não estivesse tão longe, ver-me-ia corar de vergonha pelo meu desleixo. Espero pois ansioso a sua absolvição.⁵⁵

Bom e estimado amigo

Não há desculpas possíveis: eu devia responder imediatamente à tua carta, tão fina e delicada. Fiquei-me: porquê? Porque sou e estou um desleixado. Não pode ser perdoado, bem sei. Aqui está o meu magro pescoço, faça favor de passar a corda e de puxar o nó de correr. Só enforcado.⁵⁶

⁵³ Carta de Eça de Queiroz a Oliveira Martins, escrita de Paris a 27 de Agosto de 1889, *Cartas e Outros Escritos*, pp. 175-176.

⁵⁴ Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões.

⁵⁵ Carta de J. Cesário Verde a João de Sousa Araújo, escrita em Lisboa, Novembro de 1871, p. 177.

⁵⁶ Carta de J. Cesário Verde Silva Pinto, escrita em Lisboa, 16 de Junho de 1886, p. 213.

Meu caro Jorge de Sena

*O meu silêncio é um caso de “esquizofrenia, para ser indulgente, e como tal nem me posso desculpar, nem pedir que me desculpa. Tanto menos inexplicável quanto o conteúdo da sua última carta apontava para uma possibilidade, que além de grata, merecia imediato agradecimento.*⁵⁷

Porto, 24 de Dezembro de 1885

Meu caro Jaime

*Perdoe à minha incurável preguiça epistolar o não lhe ter ainda escrito. Escuso dizer-lhe que foi com alvoroço de alegria que vi ultimamente letras suas. Oxalá que a Celeste vá melhor, ou antes, esteja de todo restabelecida.*⁵⁸

No entanto, também se invocam razões várias que vão desde a sobrecarga de trabalho até às súbitas doenças:

Meu estimado amigo

*Estou realmente envergonhado por não ter respondido há mais tempo à sua rezada carta, porém os muitos afazeres e um pouquinho de incúria, me têm obstado a cumprir com o meu dever pelo que peço mil perdões ao meu caro amigo (permita-me o tratamento).*⁵⁹

Querido Vicente

*Perdoa-me, com a tua costumada e já clássica bondade, o ter retardado a resposta à tua carta. Mas temos estado aqui tão sobrecarregados de afazeres pró-pátria, que nem o material tempo há de acudir à pergunta de uma amigo.*⁶⁰

Querido Domício

*A irregularidade da minha vida epistolar provém de que eu penso sempre as minhas cartas antes de as escrever. E como as penso inteiras, acabadas, desde a data até ao seu e.c. , fico com a ilusão física de que as escrevi, as sobrescretei, as estampilhei. Daí certo espanto quando os amigos se queixam do meu silêncio, da minha negligência – porque eu, pelo pensamento (e só o pensamento é uma realidade), sou, na minha correspondência, tão activo como Cícero, quase como a Sévigné. Hoje, porém, à cautela, escrevo antes de pensar, também porque eu sinto saudades suas e o desejo de conversar.*⁶¹

⁵⁷ Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, Nice, 14 de Janeiro de 1972, *Correspondência Eduardo Lourenço/Jorge de Sena*, organização e notas de Mécia de Sena, Lisboa, Imprensa nacional-Casa da Moeda, 1991, p. 81.

⁵⁸ Carta de Antero de Quental a Jaime Batalha Reis, 24 de Dezembro de 1885, *Obras Completas de Antero de Quental, Cartas II* (1881-1891), Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Universidade dos Açores, Editorial Comunicação, 1989, p. 761

⁵⁹ Carta de J. Cesário Verde a João de Sousa Araújo, escrita em Lisboa, 20-7º-1871, p. 175.

⁶⁰ Carta de Eça de Queiroz ao Visconde de Pindela, Paris, 22 de Setembro de 1891, *Cartas e outros escritos*, p. 249.

⁶¹ Carta de Eça de Queiroz a Domício Gama, escrita de Forest par Chaumes, Seine et Marne, a 26 de Setembro de 1899, *Cartas de Autores Portugueses*, Edição dos Correios e Telecomunicações de Portugal, Lisboa, 1987, p 15.

6. Acto de justificação

As limitações materiais (a tinta, o papel, a pena), as limitações circunstanciais (referências à saúde, ao estado do tempo atmosférico, aos atrasos da posta e/ou serviços, à falta de tempo) induzem à repetição de estratégias justificativas. Estas configuram o pacto epistolar que exige reciprocidade e cumprimento das regras socialmente estabelecidas e que necessita de justificação, quando infringido ou quebrado. As justificações de atraso na resposta são frequentes: a desculpa mais frequente fundamenta-se na falta de tempo, que por ser mais fácil de admitir pela sua verosimilhança, é menos vexante do que o esquecimento, a preguiça ou a indiferença.

As estratégias justificativas estruturam-se em volta de três tópicos: a saúde, ou melhor a sua ausência; a referência ao tempo atmosférico e os atrasos nos serviços postais.

6.1. Referências à saúde

Poderá parecer estranho que não tenhamos anotado a referência à saúde como estratégia de abertura, na estrutura prototípica que delineámos no início (*Cf.* Quadro da estrutura prototípica de rotinas de abertura, *vide* p. 279). Efectivamente, ao contrário da interacção face-a-face e de outras interacções orais, em que essa interrogação surge como saudação complementar, na interacção epistolar, ela hoje raramente aparece em início de missiva. Surge, como veremos abaixo, para justificar os actos de escrita ou, em posição final, para desejar as melhoras do correspondente.

É interessante notar que nem sempre foi assim ao longo dos tempos. Basta lembrarmo-nos da etimologia de “saudar” para entendermos que esse acto visava saber da saúde do outro. Ainda conservamos resquícios desses cumprimentos, mesmo em Portugal, nas populações rurais do interior, linguisticamente mais conservadoras, em que se pede a “salvação” aos mais velhos, quando se cumprimentam. Isto mesmo é curiosamente explicado por José da Cunha Brochado, em mil e setecentos, numa missiva que dirige a um amigo:

Meu amigo:

Alegra-me que V. M. passe com saúde, que é tudo o que há e que se deve estimar neste mundo. Com razão explicam os latinos pelo mesmo termo a “salvação” e a “saúde”, porque neste mundo e no outro não há mais que uma bem-aventurança, que é saúde e salvação.⁶²

Na maioria dos casos, serve, contudo, como justificação:

Eu por aqui vou com o caruncho dos 66 que ora me sobe aos brônquios, ora me desce à bexiga, quando não faz como Santo António, estando ao mesmo tempo em ambos os lugares. Escrevo esta, vencendo a minha crescente repugnância à literatura epistolar, por causa de um pequeno negócio.⁶³

Tem V. Ex.^a obrigação de me desculpar, porque sabe que a m.^a fraca alma raros instantes vinga dominar e esquecer o rápido esfacelamento deste pó organizado que a Providência desata com dores, podendo desfazê-lo sem elas, visto que a m.^a alma não foi previamente consultada sobre se lhe convinha ter corpo.⁶⁴

Meu querido Pai,

Nenhumas novidades, positivamente nenhumas. (...) estou muito constipado, com muitas dores na garganta – e cagarrinhento. Uma estopada sem nome, enfim. Para a semana escreverei longa carta⁶⁵.

Exceção feita àqueles exemplos paradigmáticos em que os começos de carta repetem “*espero que esta te vá encontrar de perfeita saúde, que eu vou bem, graças a Deus*” e que podemos testemunhar em muitos escritos, mesmo de epistológrafos consagrados, desde há vários séculos:

Estimo as boas novas que V.M. me dá da sua saúde por carta de 30 do passado, cujo favor pretendo merecer com uma grande amizade e veneração à pessoa e talento de V.M.⁶⁶.

6.2. Referências ao estado do tempo atmosférico

Como a continuação das chuvas tem feito impraticáveis os caminhos, não chegam as postas nos dias regulados, e daqui nasceu, sem dúvida, não havermos recebido cartas dessa Côte no último ordinário.⁶⁷

⁶² José da Cunha Brochado, *Cartas*, carta 78, *Cartas*, p. 127.

⁶³ Alexandre Herculano, *Arquivo Histórico Português*, Vol. VIII, p. 151, *apud* Andréa Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 251.

⁶⁴ Carta de Camilo Castelo Branco a José Bento de Araújo Assis, de 23 de Abril de 1869, Camilo Castelo Branco, *Cartas Dispersas*, coligidas e anotadas por Castelo Branco Chaves, Porto, Campo das Letras, 2002, p. 96.

⁶⁵ Carta de Mário de Sá-Carneiro ao pai, escrita de Paris, a 18 de Fevereiro de 1916, Mário de Sá-Carneiro, *Cartas a Maria e outra correspondência inédita*, p. 71.

⁶⁶ José da Cunha Brochado, *Cartas*, carta 71, p. 117.

*O tempo que continua péssimo has been telling upon me.*⁶⁸

6.3. Atrasos da posta e/ou serviços

A correspondência é, pela sua natureza, dependente do sistema que permite a interação. É graças à regularidade e à eficiência do sistema da posta ou do correio que se podem desenrolar os rituais epistolares. A referência às fragilidades, dificuldades e falhas do sistema (aos níveis do envio, da segurança, da confidencialidade, do extravio) são abundantemente referidas na enunciação epistolar.

Minha querida amiga

*O correio, como me dizia na sua carta, com efeito, nunca chega! Estou receando que, em vez de seguir a direito como o afiança o Estado e o Guia dos Caminhos de Ferro, ele flana pelas estradas, pára à sombra das árvores a fumar o seu cachimbo de vadiagem, e durma a sesta sur l'herbe tendre -, enquanto as pobres almas que ele devia fazer comunicar e que pagaram honradamente a sua estampilha para comunicarem, se desespèrent et languissent.*⁶⁹

7.A. Acto de agradecimento

O acto de agradecimento pode processar-se através de realizações **directas**: através de fórmulas performativas (*agradeço-te...*) ou de formas sincopadas simples (*Obrigado! Bem- hajas!*)

Meu querido Gaspar Simões

*Muito obrigado pela sua carta de ontem.*⁷⁰

*Mil vezes grato pela sua boa carta – e pelo cuidado com os meus negócios.*⁷¹

A expressão de agradecimento inicial pode surgir, também, de **forma indirecta**, através de expressões assertivas:

⁶⁷ José da Cunha Brochado, *Cartas*, carta 48, p. 79.

⁶⁸ Eça de Queiroz, carta a D. Emília de Castro, Lisboa, 19 de Maio de 1890, *Eça de Queiroz-Emília de Castro, Correspondência epistolar*, carta 195, p. 263.

⁶⁹ Eça de Queiroz, carta escrita de Londres a 7 de Outubro de 1885 a Maria Emília, *Eça de Queiroz-Emília de Castro, Correspondência Epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, Lisboa, Lello Editores, 1996, p. 66.

⁷⁰ Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, Fernando Pessoa, *Correspondência 1923-1935*, p. 223.

⁷¹ Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, Londres, 19 de Julho de 1885, *Cartas e Outros Escritos*, p. 95.

- focalizadas no receptor do presente verbal, através da expressão de um sentimento de gratidão, de alegria ou de prazer:

*Obrigado pelo conforto que ela (a carta) me trouxe.*⁷²

*Foi uma bela surpresa a sua carta recebida ontem porquanto não esperava tão breve por não ser esse o seu costume. É pelo o que ela contém e pela sua extensão os meus mais sinceros e fundos agradecimentos*⁷³.

- focalizadas no autor do “presente verbal”, através de uma expressão elogiosa laudatória:

Beijo a mão a V.M pela singular mercê desta carta em que V. Ex.^a tomou a pena de adiantar a notícia de que El-Rei Nosso Senhor, me havia nomeado por seu Enviado a esta Côrte.

*Viva V.M. mil anos pelos confortos com que me anima neste correio*⁷⁴.

*Como hoje é domingo, só tarde recebi a tua bondosa carta e não posso dizer-te, como desejo, a expansão que ela me produziu. És uma alma extraordinária; eu sou indigno de ti, acredita-o.*⁷⁵

- focalizadas no próprio “presente verbal”, ou seja, no próprio objecto epistolar

*“Recebi, agradeço o seu cartão, expressão muda da sua simpatia. Terei infinito prazer em receber notícias suas – e sobretudo notícias do seu talento”*⁷⁶.

*“Infinitamente obrigado pelas cartas e mais e pequenas lembranças de V. Ex.^a; - máxima e quase única consolação que desde que larguei Lisboa tem sido dado receber ás velhas ulcerações incuráveis da minha alma. Peça a V. Ex.^a que não suspenda por uma vez essa esmola”*⁷⁷.

⁷² Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, Coimbra, 29 de Fevereiro de 1952, p. 29.

⁷³ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 14 de Maio de 1913, Mário de Sá-Carneiro, *Correspondência com Fernando Pessoa* (Outubro 1912-Agosto1914), Vol. I, Edição Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, p. 115.

⁷⁴ José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1944, p. 86

⁷⁵ Carta de Cesário Verde a Silva Pinto, s/d, p. 196.

⁷⁶ Eça de Queiroz, Carta a Luís de Magalhães, *Cartas e Outros Escritos*, p. 85.

⁷⁷ Carta de Camilo Pessanha a D. Ana de Castro Osório, Macau, datada de 9. bro, 5, 916, p. 78.

*Obrigada pela sua excelente carta. Vai o meu agradecimento desde a sua sugestão de um destino brasileiro para o que me resta de biografia até à sua inteligente análise do meu livro*⁷⁸.

*Caixa Postal 147,
Lisboa 13 de Janeiro de 1935*

Meu prezado Camarada

*Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento*⁷⁹.

7.B. Acto de reprovação

Contrariamente, a ausência de notícias ou o atraso na recepção das mesmas são aspectos tematizados no próprio discurso epistolar. O princípio do pacto epistolar - toda a carta requer ou exige uma resposta - impõe uma transitividade e uma reciprocidade na comunicação. Assim, a ausência de notícias é avaliada negativamente e é expressa pela parte do interlocutor que é vítima⁸⁰ dessa ausência através de diferentes actos.

Reprovação ou censura directa

*Tenho lido em “almanachs” muitíssimos casos de ingratidões célebres, mas nenhum (sem mesmo exceptuar o da serpente, que acalentada no seio, etc.) iguala o seu. Tem lá maços de cartas minhas, “in-fólios”, material para uma obra, rivalizando com os quinze tomos da Correspondência de Cícero – e eu, não tenho uma resposta sua, nem um seco bonjour, monsieur.*⁸¹

*Que é feito de ti, dizem! Estás em Coimbra, estás em Oporto? Nem um telegrama! Porquê? Esqueceste-te?*⁸²

⁷⁸ Carta de Vergílio Ferreira a Jorge de Sena, escrita a 11 de Agosto de 1975 da Praia das Maças, Fontanelas, *Cartas de Autores Portugueses*, pp. 74-76.

⁷⁹ Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, carta 162, Fernando Pessoa, *Correspondência 1923-1935*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p.137.

⁸⁰ Esta noção de interlocutor, vítima de um não envio ou envio tardio de notícias, é apresentada por Catherine Kerbrat-Orecchioni, na obra supra-citada.

⁸¹ Eça de Queiroz, carta escrita de Londres a 7 de Outubro de 1885 a Maria Emília, *Eça de Queiroz Emília de Castro, Correspondência Epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, p. 83.

⁸² Carta de António Nobre a Alberto de Oliveira, 2-11-1891, António Nobre, *Correspondência*, organização, introdução e notas de Guilherme de Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, 2ª. Ed., p.137.

*Francamente é inadmissível, meu querido Amigo o seu procedimento. Não há razão nenhuma que o explique: física ou química, moral, social ou febril ou fabril! Não, mil vezes não! Tem lá umas poucas de cartas a que não me responde! Há 15 dias feitos que não recebo uma linha sua. Quem sabe até quando isto se prolongará!*⁸³

Reprovação ou censura suavizada

Meu querido Joaquim Pedro

*Há tanto tempo que não sei de ti que quase me parece que foi há séculos que nos conhecemos, numa existência anterior, sendo tu escolar em Leis e eu menestrel, e ambos vassallos de El-Rei D. Sancho.*⁸⁴

*Estou muito preocupado, muito enervado com o seu inexplicável silêncio de há mais de 15 dias! Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa de gravidade? Não sei – e isso ainda mais me preocupa. Em todo o caso, sabendo o meu querido Pessoa como a incerteza é dolorosa para mim, parece impossível que não me escrevesse ainda, nem me telegrafasse acusando a recepção da minha carta registada. Creia que fez muito mal em proceder assim...*⁸⁵

A abertura de missiva integra conjuntamente múltiplos dos actos que têm vindo a ser expostos, de *per se*.

O início desta carta de Júlio Dinis a um amigo, Custódio Passos, atesta no primeiro parágrafo esta evidência: de início, o epistológrafo indaga o seu interlocutor quanto à sua saúde, estranhando a ausência de notícias; denuncia essa falta ao pacto epistolar; faz, ainda, o enquadramento espaço-temporal; tenta, depois, deduzir a justificação, invocando uma possível falta de saúde, que decorre das condições atmosféricas e, antecipando, mesmo uma fórmula final, faz votos de melhoras. Leia-se o excerto:

Funchal, 20 de Março de 1870

Estarás doente? Há dois correios que não recebo notícias tuas, nem directas, nem indirectas. Com tais cores pintam o Inverno que aí tem feito que eu, sabendo o mal que te dá com os rigores dessa estação, algumas apreensões tenho sentido em vista do teu silêncio. Aqui mesmo na terra

⁸³ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 26 de Janeiro de 1916, M.S.-C., *Correspondência com Fernando Pessoa*, vol. II, p. 145.

⁸⁴ Carta de Eça de Queiroz a Oliveira Martins (229), escrita de Paris, datada de 23 de Julho de 1891, *Cartas e Outros Escritos*, p. 229.

⁸⁵ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 17 de Agosto de 1914, p. 185.

*privilegiada do tempo ameno, tem sido este ano o Inverno inconstante e chuvoso, como em qualquer lugarejo menos benquisto de Deus.*⁸⁶

2.2. Formas de tratamento

A carta como escrito destinado, endereçado, monogerado, mas dialógico, interpela o outro⁸⁷. Tal como Séverine Hutin afirma⁸⁸ quando discute as noções de destinatário, de endereço, privilegiaremos a noção de *outro*, porque efectivamente importa distinguir a referência ao destinatário das formas de tratamento e de saudação que inauguram o texto epistolar.

O texto epistolar traz inscritas a sua origem e a sua destinação.

“Postulando sempre uma relação entre dois seres – aquele que a produz e aquele a quem é destinada, (mesmo que o destinatário seja não uma figura real mas tão somente o outro, duplo daquele que escreve) - a carta está sempre entre, é sempre um objecto comum de dois, contendo em si o intervalo, a pausa que a separa da seguinte”⁸⁹. É possível estabelecer um “mapa cardiográfico”⁹⁰ das relações através das formas de tratamento que variam obviamente consoante o grau de intimidade e de respeitabilidade e o estatuto social que ligam o epistológrafo e o destinatário.

⁸⁶ Carta de Júlio Dinis ao amigo Custódio Passos, 20 de Março de 1870, *Cartas e Esboços Literários*, pp. 153-154.

⁸⁷ Importa sublinhar que, ao contrário de muitos analistas, pensamos o texto epistolar como texto intrinsecamente dialógico. Conservamos a definição deste conceito de dialogismo, tal como foi definida pelo círculo de Bakhtine (Bakhtine 1978), inscrevendo todo e qualquer enunciado dois tipos de relações: as relações interdiscursivas, ou seja, as relações que o enunciado estabelece com os enunciados anteriormente produzidos, o que é configurador da correspondência epistolar. E as relações interlocutivas que estabelecem este dialogismo constitutivo, disfarçado ou escondido nas reformulações ou nas retomas, nos não-ditos, “tout autre est le niveau du dialogisme “montré”, c’est-à-dire de la représentation qu’un discours donne en lui-même de son rapport à l’autre, de la place qu’il lui fait, explicitement, en désignant dans la chaîne, au moyen d’un ensemble de marques linguistiques, des points d’hétérogénéité” J. Authier-Revuz « Dialogisme et vulgarisation scientifique », *Discours* 1, 1985, p. 118, *apud* Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (dir.), *Dictionnaire d’Analyse du Discours*, Paris, Editions du Seuil, 2002, pp.175-178.

⁸⁸ Séverine Hutin, “S’Écrire l’Autre: De la désignation stratégique dans la lettre de réclamation adressée à France Télécom”, *Colloque 2P, Pronoms de 2ème personne et forme d’adresse dans les langues d’Europe*.

⁸⁹ Manuela Parreira da Silva, *Realidade e Ficção – para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p.15.

⁹⁰ *ibidem*, p. 14.

“The *I* of epistolary discourse always situates himself *vis-à-vis* another; his locus, his “address”, is always relative to that of his addressee. To write a letter is to map one’s coordinates – temporal, spatial, emotional, intellectual – in order to tell someone else where one is located at a particular time and how far one has traveled since the last writing”⁹¹.

Seguimos, inicialmente, para o estudo das formas de tratamento no texto epistolar, as considerações teóricas da classificação teórica proposta por Lindley Cintra (1972), reformuladas posteriormente na *Nova Gramática do Português* de Celso Cunha e Lindley Cintra (1984) em que os autores estabelecem a distinção entre “pronomes de tratamento” e “outras formas de tratamento”. Tivemos em consideração o contributo de M. T. Camargo Biderman⁹² que considera a forma “o senhor” como uma forma de tratamento de 2^a. Pessoa, em oposição às formas de 3^a. Pessoa que correspondem a uma designação referencial, considerámos igualmente a controversa reflexão de Hammermüller⁹³ e ainda a investigação de S. M. de Oliveira Medeiros⁹⁴ que, fundando-se nos testes contrastivos das formas portuguesas e inglesas propõe a designação de pró-pronomes” para estas formas do tipo “o senhor”.

1. **Formas pronominais:** o pronome pessoal de segunda pessoa:

Singular: Tu + 2^a. Pessoa verbal; Você + 3^a. Pessoa verbal; V. Ex^a+ 3^a. Pessoa verbal

Plural: Vós + 2^a. Pessoa verbal; Vocês + 3^a. Pessoa verbal; V. Exas + 3^a. Pessoa verbal

⁹¹ Janet Gurkin Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982, p. 119.

⁹² Maria Teresa Camargo Biderman, “Formas de tratamento e estruturas sociais”, *ALFA*, 18/19, 1972-1973, pp. 339-381.

⁹³ *apud* Maria Helena Araújo Carreira, *Modalisation Linguistique en situation d’interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*, Louvain-Paris, Éditions Peeters, 1997.

⁹⁴ Sandi Michele de Oliveira Medeiros, *A model of adress form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese*, Austin, Texas, University of Texas, 1985 e ainda “Um modelo psico-sociolinguístico de formas de tratamento”, *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1993, pp. 330-342.

O pronome pessoal de segunda pessoa plural “Vós” tem um emprego frequente no quadro da comunicação epistolar

2. **Formas nominais:** tratamentos nominais do tipo *o senhor, a senhora, o pai, o António, o Mário, o meu amigo*. Combinam-se com a 3ª. pessoa verbal singular ou plural.
3. **Formas verbais:** tratamentos verbais ou seja, a simples utilização da desinência do verbo como referência ao interlocutor.
4. **Formas implícitas:** A designação implícita do outro: por vezes, o destinatário encontra-se linguisticamente ausente, revelando-se apenas a sua presença no emprego do adjectivo possessivo plural “o nosso”.

Maria Emília Ricardo Marques, no estudo sociolinguístico do discurso da Assembleia Nacional portuguesa (1972-73 e 1973-1974)⁹⁵ consagra dois capítulos às formas de tratamento e aos níveis de deferência. Para esta linguista que constrói a sua teoria com base nos conceitos de auto-referência e de hetero-referência, a escolha de uma forma de tratamento está relacionada com o grau de deferência expresso. A escolha de formas do tipo “T” (tu) ou “V” (Vós), a partir do grau de distância social, permitem-lhe uma representação paradigmática em que as formas pronominais de primeira pessoa constituem a auto-referência, as formas de hetero-referência englobam as formas nominais, os pronomes, os nomes precedidos ou não de títulos e ainda as marcas verbais de 3º. Pessoa com apagamento das formas nominais e pronominais.

O estudo tem como base a análise factorial das correspondências dos diferentes níveis de deferência das formas utilizadas no seio de estruturas completivas em discurso parlamentar. Dado tratar-se do estudo do discurso parlamentar, a assimetria ou não reciprocidade das formas empregadas pelos interlocutores no hemiciclo é dominante, estando justificadas pelo carácter estático das relações hierárquicas em Portugal, pela situação mais ou menos formal, pelo

⁹⁵ Maria Emília Ricardo Marques, *Complementação Verbal. Estudo sociolinguístico* (Vols 1, 2, 3, 4), *Dissertação de Doutoramento*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1988.

sentimento de pertença ao grupo, o estatuto (idade, sexo, profissão) e ainda o grau de conhecimento mútuo, de intimidade, o estilo locutório dos participantes.

Na senda desta investigação e volvidas quase duas décadas, nova investigação sobre o discurso parlamentar é levado a cabo pela linguista Maria Aldina Marques⁹⁶ que, ao estudar a organização enunciativa do debate de interpelação ao governo, analisa a construção das vozes deste tipo de discurso político, a nível interaccional, da relação locutor/alocutário, dedicando igual atenção às vozes que o locutor convoca para o seu discurso. Merece especial destaque nesta investigação o capítulo IV, que aborda pormenorizadamente a organização enunciativa, onde se aborda o estatuto linguístico da pessoa: a autora mostra os diferentes usos que o locutor faz da primeira pessoa do plural e das relações que estabelece com os enunciadores, mostrando igualmente a inscrição do locutor – como Eu – no próprio discurso. Desenvolve igual sistematização para explicitar o quadro de alocação, mostrando que a presença do alocutário no discurso decorre do seu carácter dialógico intrínseco, inscrevendo-se neste de diferentes formas.

Outra investigação que sistematiza com rigor a questão complexa dos pronomes, particularmente, os pessoais foi levado a cabo por José Augusto Carvalho que, reconhecendo a dificuldade de conceituar esta classe de palavras, detém-se na classificação funcional, na senda de Bühler e Benveniste, distinguindo as funções déictica e anafórica-catafórica e mostrando que a função déictica está intimamente relacionada com a dimensão pragmática da língua⁹⁷.

Importa, pois, sublinhar a importância das formas de tratamento no discurso epistolar:

“Epistolary discourse is distinguishable from other types of discourse – such as the memoir, diary, rhetoric or theater – by certain basic pronominal and predicative

⁹⁶ Maria Aldina de Bessa Ferrreira Rodrigues Marques, *Funcionamento do discurso parlamentar, A organização enunciativa no Debate de Interpelação ao Governo*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000.

⁹⁷ José Augusto Carvalho, “Conceito de Pronome – os Pronomes Pessoais”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Dezembro 1991, 5/6, pp. 184-199.

traits. No one of these traits alone defines epistolarity, and none is applicable only to the letter, but taken together they constitute what is unique to its language”⁹⁸.

Passemos, então, a uma caracterização das formas específicas do registo epistolar, referindo-nos às suas especificidades:

Eu – é o pronome de 1^a. Pessoa, definindo-se em termos de elocução. É único e singular, já que designa maioritariamente a pessoa que escreve ou que assina (não esquecendo aqui o facto de muitas missivas serem ditadas). Designa o emissor no processo de comunicação, tendo simultaneamente com o “tu” uma relação única de reversibilidade e de reciprocidade.

Formas de tratamento de 2^a. Pessoa:

Tu é o pronome de 2^a. Pessoa singular, também situado no nível pragmático da linguagem: refere-se ao destinatário do objecto epistolar. É alocutivo.

Nos textos epistolares surge frequentemente o emprego da 2^a. Pessoa plural –

Vós. Esta forma revela dois empregos distintos e bem diferenciados: a forma vós, referente a destinatário singular, sendo considerada forma de cerimónia ou reverência⁹⁹. E o *vós*, com sentido plural que aparece, por exemplo, quando a carta se destina a um destinatário colectivo, como acontece nas epístolas bíblicas.

Quando há um certo conhecimento e familiaridade entre os correspondentes a forma de tratamento empregada é *Vossa Mercê, você, vossemecê, amigo, meu caro*.

Quando o grau de familiaridade não é tão próximo, o tratamento pode assumir formas variadas, que vão desde “*o senhor*”, a “*V.Ex.^o*”, aos títulos (*o Sr. Dr.*).

É importante realçar que as duas formas pessoais da interacção epistolar têm características que contribuem para a idiosincrasia deste género textual:

- são os alicerces da estrutura pragmática do texto epistolar e contribuem para a dinamização da interacção

⁹⁸ Altman, *op. cit.*, p. 117.

⁹⁹ Rodrigues Lapa ao referir-se a esta forma “vós” afirma que está praticamente perdida em português, sendo geralmente substituída pela terceira pessoa do plural. Mas esclarece este seu uso de cerimónia: “Antigamente **vós** também se empregava como tratamento de cerimónia, substituindo a segunda pessoa do singular. Um poeta dirigia-se a uma dama e desfechava-lhe este galanteio: *Vós sois meu bem e meu mal*”, *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p. 154.

- são as marcas da díade epistolar que se constrói entre os correspondentes
- são reversíveis: aquele que escreve “eu” é tratado por “tu”, quando responde e vice-versa;
- são exofóricos, isto é, referem-se a uma realidade do discurso; sendo “eu” definido em termos de elocução e “tu” em termos de alocução;
- são formas pessoais, com função basicamente deíctica;
- o discurso epistolar sempre na 1ª. pessoa encontra-se conotado com a intimidade;
- as formas de tratamento espelham uma dimensão de eleição e de interiorização do destinatário na própria superfície textual¹⁰⁰.

Isto mesmo foi sublinhado por Altman: “The status of epistolary discourse as both first-person and second person narrative derives from the reversibility of the *I-you* pronouns. The *you* of any *I-You* statement can, and its expected to, become the *I* of a new text”¹⁰¹.

Esta questão do “eu” que se inscreve na interação epistolar merece uma reflexão que pode ser entendida como uma cogitação de cariz filosófico, mas que nos parece relevante na abordagem do tema. Quando atentámos no estatuto desta primeira pessoa, escrevente, mitente, colocámo-nos a questão sobre a sua relação com a primeira pessoa que usamos na interacção face-a-face. Este “eu” da interacção epistolar é um “eu” reflectido e preparado (basta recordarmos actos prévios e/ou concomitantes à escrita, como sejam a escolha do papel e da tinta, a eleição do espaço, etc.) É, pois, este aspecto da pessoa, da primeira pessoa epistolar que sustenta a tese que vimos defendendo da difícil miscigenação da conversação e do epistolar.

A palavra epistolar nasce de uma ruptura que faz isolar-se no momento em que se procura conjurar a ausência, dando-se testemunho não somente do afastamento do destinatário, como do afastamento do próprio “eu”: há qualquer

¹⁰⁰ Geneviève Haroche-Bouzinac, “Penser le destinataire: quelques exemples”, *Penser par lettre*, Actes du colloque d’Azay-le-Ferron, Benoît Melançon (dir.), Bibliothèque Nationale du Québec, Fides, 1998, p. 293.

¹⁰¹ Altman, *op. cit.*, p. 121.

coisa que se desprende do “eu” para se fixar na página em branco. O “eu” que redige o texto epistolar é um “eu” que não estará lá quando o outro ler aquelas linhas, sendo conseqüentemente um “eu” que se projecta nesse momento, em que o outro, ausente, irá ler. Prevalece um movimento de projecção que em vez de fazer coincidir o “eu” com o próprio sujeito que escreve, ao escrever, faz com que o “eu” se evada.

Como afirma Marc Escola no artigo “L’esprit de la lettre. Qui écrit quand j’écris?”¹⁰² “Le geste épistolaire le plus sincère et le plus spontané est aussi celui par lequel je m’éprouve comme autre. Aucune lettre n’a jamais coïncidé avec l’intention qui la dicte: au moment où j’écris, et ligne après ligne, je fais l’épreuve d’une logique que les premiers mots ont suffit à mettre en œuvre et qui parvient peu à peu à dépasser mes intentions premières”.

O momento da escrita epistolar é frequentemente o momento em que se atenuam as defesas que se tinham imposto (o que se prometeu não dizer), a censura consciente (o que não se saberia dizer face-a-face e que acarreta o tal “desnudamento pela escrita”¹⁰³ ou mesmo o pretenso cuidado (na falta do qual se diz mais do que o pensado). Daí que a interacção epistolar seja considerada uma interacção de alto risco em que surgem enunciados que jamais seriam ditos presencialmente. Se muitas cartas não sobrevivem a uma leitura mais atenta e mais crítica, se muitas escrivatinhas encerram missivas nunca enviadas, há decerto um desvio do “eu”, que se torna por vezes insuportável e que coloca a dúvida “como foi possível escrever estas palavras?”

É aqui que reside a autenticidade do gesto epistolar: o gesto da escrita conduz a que o “eu” diga sempre mais do que o pensou inicialmente. Uma construção de um *alter ego* em que, como afirma Marc Escola, o “Je” s’y laisse déborder”¹⁰⁴.

¹⁰² Marc Escola, “L’esprit de la lettre. Qui écrit quand j’écris?”, http://www.fondationlaposte.org/article_format_texte.cfm, consultado em 26 de Novembro de 2004.

¹⁰³ Brigitte Diaz, *L’épistolaire ou la pensée nomade, Formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d’écrivains au XIX^e siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 141.

¹⁰⁴ Marc Escola, artigo supracitado.

Que construção é feita para o leitor? A instância desincarnada do “eu” epistolar que vai ao encontro do destinatário está mais próxima da instância narrativa do texto de ficção do que da subjectividade do contexto oral. Esta ideia é corroborada por Escola, no referido artigo, ao afirmar: “Si les correspondances intègrent parfois, et souvent facilement, le champs des texts littéraires, c’est aussi que le texte épistolaire compte au moins une marge commune avec les fictions narratives à la première personne”¹⁰⁵.

A escrita do discurso epistolar não é apenas um reflexo de um “eu” que se oferece para captar a leitura atenta ou o olhar fascinado do outro que foi convocado, é, para além disso, um processo singular de escrita pelo qual o sujeito se projecta, construindo a sua identidade com a ajuda da virtualidade do outro. Diaz aponta essa especificidade: “Jouant constamment entre réalité et virtualité du destinataire, oscillant selon un rythme pendulaire entre épiphanie de soi et épiphanie de l’autre, les lettres semblent se vouer *a priori* à la recherche de l’autre, et même au culte de l’autre”¹⁰⁶. Iremos assim ao encontro da definição de Foucault “la lettre est une ouverture qu’on donne à l’autre sur soi-même”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Constata-se igualmente esta analogia de situações textuais na obra de Anne Chevalier, *La Lettre, Le Roman par Lettres*, Paris, Nathan, 2001, pp. 18-22, quando a autora, coteja a correspondência e o teatro, mostrando que a carta é uma “cena” (nós traduziríamos preferencialmente por encenação). Comentando passagens das cartas de Madame de Sévigné e das *Lettres Portugaises*, de Guilleragues, justifica-se esta aproximação, porventura paradoxal, nas cartas de forte pendor afectivo, em que o desejo do interlocutor de estar com o seu destinatário é tão intenso que assume a criação dessa ilusão preferencial, citando a célebre passagem: “Il me semble quand je vous parle, quand je vous écris, que vous m’êtes un peu plus présent”. A exemplo da situação teatral, representam-se, de igual modo, no texto epistolar papéis de confiança. E a última aproximação que é feita é sintetizada pelo lugar privilegiado do leitor ou do espectador, apagando quase por completo o papel de narrador.

¹⁰⁶ Brigitte Diaz, *op. cit.*, p. 145.

¹⁰⁷ M. Foucault, “L’écriture de soi”, *Corps Écrit* n.º. 5, 1983, p. 23.

2.3. Rotinas de pré-fecho

Adoptamos a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni sobre interacção epistolar¹⁰⁸ e de Traverso sobre a conversação familiar¹⁰⁹ e designámos igualmente de rotinas de pré-fecho as que precedem obviamente o fecho da missiva, fazendo-se esse procedimento de suspensão através de um marcador (“*Bem, vou terminar...*” ou através de uma justificação súbita, não abordada anteriormente. O anúncio de fecho de missiva vem frequentemente acompanhado de um acto de justificação, como se fosse necessário explicar a “culpa” do interlocutor de pôr fim à interacção. Todas as circunstâncias que constituem a transição entre o corpo da carta e as rotinas de fecho parecem querer atenuar o efeito disfórico da separação e esses detalhes verídicos tentam mascarar o artifício de um fim inelutável¹¹⁰.

| ESTRUTURA PROTÍPICA DAS ROTINAS PRÉ-FECHO DE MISSIVA |
|---|
| <p>1. Anúncio performativo (<i>tenho de acabar, agora vou terminar...</i>) Este enunciado performativo como <i>vou terminar</i>, muitas vezes acompanhado de um modalizador deôntico <i>Tenho de terminar...</i></p> |
| <p>2. Acto de justificação</p> <ul style="list-style-type: none"> a) invocação clássica : necessidade súbita de fazer algo imprevisto e urgente b) justificação material: falha de papel ou de tinta c) justificação temporal: saída do correio para que chegue atempadamente ao destino, horário a cumprir d) saturação ou esvaziamento temático : “nada mais tendo para contar”... |
| <p>3. Acto de promessa</p> |

¹⁰⁸ Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’interaction épistolaire”, *La lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp. 15-36.

¹⁰⁹ Véronique Traverso, *La Conversation familière. Analyse pragmatique des interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1996.

¹¹⁰ Cf. Dauphin *et alii* afirmam: ‘Toutes les circonstances qui forment transition entre le corps de la lettre et la formule finale semblent vouloir atténuer l’effet de la separation. Parmi les raisons plausibles – le temps qui passe, la fatigue, le devoir, le départ du courrier -, qui sont données comme une fatalité, comme si la volonté n’intervenait pas, l’épistolier choisit néanmoins celle qui paraît la plus recevable pour l’interlocuteur, celle qui parle de lui, de son cadre de vie, de ses activités, le détail véridique qui masque l’artifice de toute fin inéluctable.’ *Ces bonnes lettres – Une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Bibliothèque Albin Michel, 1995, p. 112.

Constituindo um acto prévio, em que se anuncia que a carta vai terminar, este é realizado através de um enunciado performativo que dá conta dessa interrupção, dessa necessidade de finalizar, sendo, por vezes, modalizado.

“Basta por hoje.”¹¹¹

Adeus. Hoje não posso ser mais extenso. Faça por me escreveres.¹¹²

“Fique, pois, a cousa hoje por aqui.”¹¹³

A invocação clássica advém da necessidade de fazer algo imprevisto. As alegadas justificações, que se prendem com mudanças súbitas de estado, são muito frequentes nas rotinas de pré-fecho. Nos primeiros dois exemplos, há um aviso sonoro que despoleta essa tomada de decisão, ou porque constitui um sinal de chamada a uma obrigação ou porque provoca um incómodo incompatível com a concentração do acto de escrita.

“É à pressa que lhe escrevo hoje, pois ouço já tocar o sino para a missa e não quero faltar a este dever de católico, que quase todos os domingos observo”¹¹⁴.

Está-me bulindo os nervos uma campainha de não sei que cavalgadura que prenderam junto da minha porta; a minha impaciência nem me deixa escrever com o vagar que desejava. Outra vez serei mais extenso se tu responderes a esta pequena carta com outra o maior que possas fazê-la.¹¹⁵

Adeus, querido amigo, não posso escrever mais porque me faz muito mal ao estômago – se é que é do estômago a sede da doença que me tem há meses meio esfacelado, coisa que ainda não está averiguada. O certo é que estou muito reduzido do meu físico, e com poucas probabilidades de que isto mude para melhor. Que lhe hei-de fazer? Spiritus quidem promptus est, isto é o essencial!¹¹⁶

¹¹¹ Carta de Júlio Dinis, Ovar, 13 de Maio de 1863, *Cartas e esboços literários*, p. 54.

¹¹² Carta de Júlio Dinis, Ovar, 3 de Junho de 1863, *Cartas e esboços literários*, p. 100.

¹¹³ Carta de Alexandre Herculano a Oliveira Martins, *Cartas*, Tomo I, p. 233.

¹¹⁴ Carta de Júlio Dinis, Ovar, 9 de Agosto de 1863, *Cartas e esboços literários*, p. 62.

¹¹⁵ Carta de Júlio Dinis, Ovar, 16 de Maio de 1863, *Cartas e esboços literários*, p. 31.

¹¹⁶ Carta de Antero de Quental a João Lobo de Moura, Ponta Delgada, 26 de Maio de 1874, p. 245.

Fecho esta também porque a minha Eva quer ir passar alguns dias de festa com a família e não há remédio senão acompanhá-la a Lisboa. Voltarei em breve por não me ser possível demorar-me muito¹¹⁷.

A justificação material é sempre invocada de forma súbita e reporta-se quer ao papel, quer ao material de escrita (pena, caneta), quer, ainda, à falta de selos ou de estampilhas ou dinheiro para os adquirir.

Não escrevo carta mais desenvolvida, porque não tenho aqui papel e porque, com franqueza, nada tenho a dizer-te.¹¹⁸

Santo Deus, como vês pela caligrafia, a pena está impossível: daí a razão por que te não escrevo mais, como tencionava. (...)¹¹⁹

Vinha para escrever-te duas linhas e foi-se todo o papel. Como ler esta carta? Pede os óculos à D.F.¹²⁰

Meu amigo, acabo por aqui, porque não posso mais, nem o papel consente.¹²¹

Treme-me a pena nos dedos enregelados, por isso ponho aqui ponto.¹²²

Escrevo-lhe da cama, o que explica a má caligrafia e o não poder ser mais extenso.¹²³

Desculpa o papel impróprio em que te escrevo; é o único que encontrei na pasta, e aqui no Café Arcada não têm papel. Mas não te importas, pois não?¹²⁴

Explicitado o anúncio do fecho de missiva, segue-se a justificação, nestes casos, de ordem temporal:

*Não me alargo como quisera, porque parte o correio. A Deus, que guarde V.P. até que possa um dia mais à vontade.
15 de Outubro de 1677¹²⁵*

¹¹⁷ Carta de Alexandre Herculano a Oliveira Martins, *Cartas*, Tomo I, p. 233.

¹¹⁸ Carta de António Nobre a Alberto Baltar, 28 de Outubro de 1884, *Cartas*, p. 44.

¹¹⁹ Carta de António Nobre a Vasco da Rocha e Castro, 16-01-1890, *Cartas*, p. 84

¹²⁰ Carta de António Nobre a Gaspar da Costa Leite, 19-VIII-1895 *Cartas*, p. 259.

¹²¹ Carta de Alexandre Herculano a Monsenhor Pinto de Campos, 2 de Junho de 1862, *Cartas*, Tomo I, p. 204.

¹²² Carta de Antero de Quental a Germano Meireles, 20 Janeiro 1877, *Cartas I*, p. 364.

¹²³ Carta de Antero de Quental a Joaquim de Araújo, primeiros dias de Julho de 1881, *Cartas I*, p. 565.

¹²⁴ Carta de Fernando Pessoa para Ofélia Queirós, 31/7/1920, *Correspondência 1905-1922*, p. 354

¹²⁵ Frei António Chagas, *Cartas Espirituais*, Carta 31, p. 81.

*Termino à pressa, porque está a partir o correio.*¹²⁶

*A culpa de toda esta inútil prosa é portanto toda sua; e para que ela não se prolongue mais, apresso-me, prezado compadre a dizer-me de V. Ex.^a. Sincero e antigo admirador*¹²⁷

*Já é tarde para dizer mais. De resto em breve o tempo começará a sua acção acalmadora e consoladora*¹²⁸.

*Escrevo-te apressadamente: vou enviar esta por um conductor do Americano para deitas no marco da Praça. Daqui já não vai a tempo*¹²⁹.

Há contudo, outro forma de se anunciar o final de missiva, cujo conteúdo é similar ao do final das actas: a saturação ou esvaziamento temático:

*A carta já vai um mississipi para eu ter coragem de a ampliar. De mim e meus projectos lhe falarei de outa vez. De resto não há muito que falar*¹³⁰.

*Fico por aqui porque nada mais te posso dizer (...)*¹³¹

*Adeus. Ainda tinba naturalmente muitas coisas para lhe contra, mas não tenbo agora a cabeça presente*¹³².

Por último, refira-se que a forma mais deferente de expressar esta necessidade de acabar consiste em invocar as razões do correspondente, ao invés de se perder em justificações pessoais, como atesta o exemplo:

*Adeus, meu amigo; não lhe quero roubar mais tempo, que todo ele deve parecer pouco para as alegrias domésticas*¹³³.

*Não quero tomar a V. Ex.^a. mais tempo porque sei que é valioso.*¹³⁴

¹²⁶ Eça de Queiroz, Carta a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, p. 146.

¹²⁷ Eça de Queiroz, Carta a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, p. 302.

¹²⁸ Eça de Queiroz, Carta a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, p. 168.

¹²⁹ Carta de António Nobre a Augusto Nobre, 25-IX-1893, *Cartas*, p. 198.

¹³⁰ Carta de Eduardo Lourenço para Jorge de Sena, *Correspondência*, p. 51.

¹³¹ Carta de Júlio Dinis, Funchal, 20 de Fevereiro de 1870, *Cartas e esboços literários*, p. 31.

¹³² Carta de Fernando Pessoa a Geraldo Coelho de Jesus, 12 de Agosto de 1919, *Correspondência*, 1905-1922, p. 308.

¹³³ Carta de Júlio Dinis, Funchal, 18 de Junho de 1869, *Cartas e esboços literários*, p. 77.

¹³⁴ Carta de Fernando Pessoa a José Pereira de Sampaio (Bruno), 8 Setembro de 1914, *Correspondência*, 1905-1922, p. 123.

2.4. Rotinas de fecho

As fórmulas finais fazem parte dos actos mais convencionais e mais ritualizados de qualquer actividade social. Goffman mostrou-nos que não podiam ser tratadas como “um resíduo vazio e trivial”¹³⁵: “L’au-revoir clot la rencontre sans ambigüité, en résume les conséquences pour la relation et etaye celle-ci en prevision de la perte de contact à venir”¹³⁶. As rotinas de fecho constituem o acme da expressão afectiva e, para além das suas formas estereotipadas, devem ser entendidas como um momento crucial e decisivo, incluindo a expressão do agradecimento e o desejo de um reencontro ou como Kerbrat-Orecchioni sublinha:

“Cette salutation peut être entourée, en plus de la justification, de diverses actes annexes (remerciements, vœux, bilan positif de la rencontre et perspective d’une suite à cette rencontre), dont la fonction générale est d’euphoriser” la séparation, considérée comme un épisode intrinsèquement disphorique”¹³⁷.

Um enunciado em que se reforça a natureza dos laços sócio-afectivos retomado da abertura e ao longo da missiva. São as famosas rotinas:

Queira aceitar...

Peço-vos que aceiteis a ... especificação do sentimento de preferência positiva

No entanto, em cartas familiares, estas fórmulas, como vemos, reduzem-se muitas vezes a expressões nominais ou adverbiais do tipo *Cordialmente*, *Com amizade*, *Respeitosamente*, etc.

¹³⁵ Erving Goffman, *La mise en scène de la vie quotidienne. Vol. 1 La présentation de soi. Vol. 2. Les relations en public*, Paris, Editions de Minuit, 1973, p. 75.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 87.

¹³⁷ Kerbrat-Orecchioni, *op. cit.*, 1998, p. 23.

| ESTRUTURA PROTOTÍPICA DAS ROTINAS DE FECHO DE MISSIVA |
|---|
| 1. Acto confirmativo do elo relacional entre os correspondentes (Conf.) |
| 2. Acto de saudação disjuntiva de despedida (Disj.): os abraços, os beijinhos e outras saudações familiares verbalizam uma saudação não verbal que é efectivamente de impossível realização, negando o título de Austin “Quando dizer, não é fazer!” |
| 3. Actos euforizantes (Euf.) a) expressões de agradecimento b) votos prospectivos c) extensão (transmissão de cumprimentos) |
| 4. Acto de reiteração (Reit.) por exemplo, reiterar o desejo que a carta chegue rapidamente ao destino, reiterar as melhoras já formuladas no corpo da carta. |
| 5. Acto de solicitação (Solic): estímulo ao correspondente que pode ser formulado através de a) um pedido b) um enunciado imperativo c) uma questão d) uma formulação de esperança |
| 6. Invocação divina (I.D) |
| 7. Acto de subscrição (Subs) |
| 8. <i>Post Scriptum</i> (P.S.) |

As rotinas de fecho podem incluir os actos atrás enumerados ou reduzir-se apenas a alguns.

Se atentarmos nas estruturas de fecho mais simples, estas podem reduzir-se apenas à confirmação do elo relacional entre os correspondentes e limitar-se a expressões elípticas, apenas formadas com o marcador possessivo, podendo mesmo aparecer em forma abreviada:

*Teu do c.*¹³⁸

*Teu irmão*¹³⁹

*O seu, muito, muito amigo*¹⁴⁰

¹³⁸ É uma das expressões recorrentes com que Eça finaliza as suas missivas pessoais. Cf. *Cartas e Outros Escritos*, p. 287.

¹³⁹ Carta de António Nobre a seu irmão, Augusto, 29-IX-1895, *Correspondência*, p. 284

¹⁴⁰ Carta de Mário de Sá-Carneiro a F. Pessoa, Paris, 21 de Janeiro de 1913, *Correspondência*, Vol. I, p. 33.

*Seu do coração*¹⁴¹
*De V.Ex.^a, filha mais amante e obediente*¹⁴²
*Am.^o m.^{to} af.*¹⁴³
*Do seu dedicadíssimo*¹⁴⁴
*Apertado abraço do seu Eça*¹⁴⁵

Os fechos expressam-se através de actos de saudação disjuntiva. Podem ser expressos por fórmulas breves, sem forma verbal, como vimos anteriormente, mas surgem, mais frequentemente, as fórmulas directas, conjugadas no presente do indicativo.

*Beija-te as mãos o ...*¹⁴⁶
*Abraça-o saudosamente*¹⁴⁷
*Abraça-o o camarada e amigo*¹⁴⁸

Também se expressam através de fórmulas mais distantes que empregam o imperativo de delicadeza.

*Aceita um “chi-coração” da pequena, eu ponho os meus braços ao teu pescoço e dou-te beijos até que mandes parar.*¹⁴⁹

*Recebe, pois, meu caro, um abraço muito apertado e acredita que será para mim um dia de grande regozijo aquelle em que voltar a estar a teu lado.*¹⁵⁰

Ou através de fórmulas que reforçam a saudação disjuntiva:

¹⁴¹ Carta de Antero de Quental a Oliveira Martins, Porto, 18 de Janeiro de 1872, carta 90, *Cartas I*, p. 160

¹⁴² Carta da Marquesa de Alorna a seu pai, *Inéditos, Cartas e outros escritos*, p. 40.

¹⁴³ Carta de Camilo Castelo Branco a um amigo, *Cartas Dispersas*, p. 65.

¹⁴⁴ Carta de Fernando Pessoa a Mário Beirão, 4-3-1913, *Correspondência 1905-1922*, p. 85.

¹⁴⁵ Carta de Eça a Ramalho Ortigão, 10 de Julho de 1879, *Cartas e outros escritos* p. 68.

¹⁴⁶ Carta de Sebastião da Gama a Joana Luísa, *Obras Completas de Sebastião da Gama, Cartas I*, Introdução, selecção e notas de Joana Luísa da Gama, prefácio de Maria de Lurdes Belchior, Lisboa, Edições Ática, 1994, p. 106.

¹⁴⁷ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, p.72.

¹⁴⁸ Carta de Eduardo Lourenço para Jorge de Sena, 13 de Maio de 1953, *Correspondência*, p.34.

¹⁴⁹ Carta de D. Emília de Castro para José Maria Eça de Queiroz, 28 de Março de 1889, carta 107, *Eça de Queiroz-Emília de Castro, Correspondência epistolar*, p. 170.

¹⁵⁰ Cf. Nota 156.

Adeus, amicíssimo e doutíssimo Clenardo, e guardai-nos um lugar na vossa afeição¹⁵¹

Até à próxima. Abraço amigo do¹⁵²

Et nunc et sempre

Verus amicus¹⁵³

No entanto, os desejos imensos de te enviar um bouquet de saudades¹⁵⁴

Adeus, até à vista ou até quando a sua amizade quiser de alguma maneira lembrar-se de mim.¹⁵⁵

Você foi a Providência que nos deu a mão. Aperta-lhe com verdadeira amizade, o seu do c.¹⁵⁶

As saudações finais podem expressar-se, ainda, através de expressões vazias e convencionais, decalcadas dos códigos epistolares ou, no extremo oposto, inspiradas nestas, ressurgirem rebuscadas, repletas de criatividade. Relembre-se, a este propósito, a especificidade dos epistolários amorosos que constituem um dos campos, por excelência, para a concepção de formas ousadas e intimistas.

Rogo, pois, humildemente à bondade de V.M. que me faça a honra de receber êste respeitoso acto da minha obrigação, como uma repetida prova de que sou inseparável aos pés de V.M.¹⁵⁷

Suplico que não me prive da continuação da sua bondade que sempre me tem prodigalizado, offerecendo os meus respetos a seu digno X e recebendo a sincera expressão do profundo actamento com que sou¹⁵⁸

Digne-se, portanto, Vossa Senhoria aceitar com benevolência esta sincera expressão dos meus sentimentos e acredite que sou, com o mais profundo respeito¹⁵⁹

¹⁵¹ Carta de Damião de Góis a Nicolau Clenardo Pádua, 19. VIII. 1537, *apud* Amadeu Torres, *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana, I As Cartas Latinas de Damião de Góis*, Introdução, Texto Crítico e Versão, Braga 1979, p. 303.

¹⁵² Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, 12 de Novembro de 1967, *Correspondência Eduardo Lourenço/Jorge de Sena*, p. 59.

¹⁵³ Carta de Eça ao Conde de Ficalho, 1884, *Cartas de Autores Portugueses*, p. 92.

¹⁵⁴ Carta de Cesário Verde a Silva Pinto, Lisboa, datada do ano de 1887, *Obra Poética e Epistolografia*, 1999, p. 207.

¹⁵⁵ Carta de Júlio Dinis a Júlio de Castilho, Porto, 12 de Setembro de 1868, *Cartas e esboços literários*, p. 72.

¹⁵⁶ Carta de Eça a Luis de Magalhães, Paris, 18 de Setembro de 1891, *Cartas e Outros Escritos*, p. 247.

¹⁵⁷ Carta de José da Cunha Brochado a um amigo, 16 de Maio de 1700, *Cartas*, p. 100.

¹⁵⁸ Estes exemplos mais formais e convencionais constam da obra cujo título integral é *Novo Secretario Universal Commercial Portuguez, Methodo de Escrever toda a espécie de cartas, seguido de um formulário de requerimentos, memorias, cartas de commercio, facturas e contas correntes* (a edição que consultámos foi a 17ª.), dada à estampa pelo editor José Joaquim Bordalo, em 1891, que apõe ao número da edição a seguinte informação: "Aumentada com as regras de etiqueta, pragmática dos lutos e muitas cartas no estylo moderno", p. 99.

¹⁵⁹ *Ibidem*. Repare-se que esta é a fórmula final aconselhada para fechar a carta dirigida a um pai.

Rico é o mar das mais soberbas águas e até o nosso riozinho de Alcântara corre para ele. Outros serão Tejos e Douros; este é pequeno regato, mas leva o que tem à presença de V.M. e quem dá quanto tem, dizem por cá que não mais é obrigado. Também as nossas velhas são Ariostos.¹⁶⁰

As formas mais complexas englobam vários dos actos explicitados.

Neste fecho de carta de Mário de Sá-Carneiro, enviada de Paris a 5 de Julho de 1914, temos conjugados vários desses actos (todas na mesma missiva, destaque-se).

“*Bem meu amigo, termino sem mais nada ter a dizer-lhe*”, que constitui uma rotina de pré-fecho que dá conta da saturação ou esvaziamento temático.

“*Renovo-lhe todos os meus agradecimentos e, de joelhos, todos os meus perdões*”- que constitui um acto euforizante, por um lado e de pedido de desculpas, por outro.

Segue-se um acto de solicitação expresso através do pedido “*Escreva sempre o mais possível – sim?* “, seguido da reiteração do agradecimento, expressa pela expressão indirecta de regozijo pessoal: “*Cada vez mais me orgulho e acarinho da sua amizade*”.

Por fim, o acto de saudação disjuntiva que instaura a separação dos correpondentes, reforçado aqui pelo vocativo: *Adeus, Fernando Pessoa*. E, por fim, novo acto de despedida, enfatizado pela repetição: *Um grande, grande abraço do M.S-C.*, ao qual acrescenta, entre parêntesis (*muito amigo e obrigado*) lembrando os sentimentos de amizade e a gratidão que os unem¹⁶¹.

Os votos prospectivos consistem em desejar algo positivo e benéfico para o correspondente, almejando, assim, o seu bem estar, o que decorre da intrínseca benevolência e gratuidade do gesto epistolar.

Podem ser formulados de uma forma simples que o interlocutor facilmente descodifica:

¹⁶⁰ Carta de D. Francisco Manuel de Melo a um amigo, *Cartas Familiares*, carta 182, p. 206.

¹⁶¹ Mário de Sá-Carneiro, *Correspondência com Fernando Pessoa*, Vol.I, pp. 161-163.

*Adeus, Alberto. Vinho do Porto e flanela, onviste? Vê lá se vais adoecer. Abraços do teu*¹⁶².

*Logre V. M. todas as vantagens que merece, e sejam elas a excepção da regra comum, que a tantos merecimentos tem queixosos*¹⁶³.

*Adeus. Desejo-lhe saúde e coragem. Venha passar aqui um dia ou dois dias*¹⁶⁴.

*Oxalá o tempo tenha melhorado quando vieres, para podermos dar os nossos passeios filosóficos por esses campos e praias*¹⁶⁵.

*Estimo que V. M. logre de boa saúde, que nos é a todos muito necessária. Que V.S.^a. a logre na ocasião presente*¹⁶⁶.

*Queira Deus que a mudança dos ares, com novos objectos ao espírito, contribua para fortificar as debilidades do corpo*¹⁶⁷.

Relativamente à escolha das inúmeras opções de fecho de missiva, as correspondências editadas atestam que as escolhas variam consoante os correspondentes, comprovando-se, assim, que uma simples expressão encerra múltiplos valores, de onde destacamos, sempre, o relacional.

O acto de solicitação que aparece em final de missiva pode ser formulado de várias formas, desde as formulações impositivas expressas através de asserções com modalizadores deónticos e expressões com valores de insistência ou impaciência até às formulações mais delicadas, que encerram agradecimentos antecipados.

Por vezes, a carta termina com os actos comuns, de pedido de desculpas e de saudação disjuntiva de despedida, conferindo-se, todavia, especial relevo ao acto de solicitação. Tal é caso desta passagem de uma carta de Eduardo Lourenço que, de forma espirituosa, escreve:

¹⁶² Carta de António Nobre a Alberto de Oliveira, 25-11-1890 *Cartas*, p. 135.

¹⁶³ Carta de D. Francisco Manuel de Melo a um amigo, *Cartas Familiares*, carta 473, p. 465.

¹⁶⁴ Carta de Antero de Quental a Joaquim de Araújo, Vila do Conde, 20 de Janeiro de 1884, *Cartas II*, p. 688.

¹⁶⁵ Carta de Antero de Quental a Alberto Sampaio, Vila do Conde, meados de Outubro de 1881, *Cartas II* p. 593.

¹⁶⁶ José da Cunha Brochado, *Cartas*, carta 22, p. 42.

¹⁶⁷ *ibidem*, carta 21, p. 39.

*“Perdoe-me a maçada que certamente lhe vou dar, mas cumpra a ordem de misericórdia n.º 15: informar os provincianos. Com um abraço amigo e os antecipados agradecimentos do...”*¹⁶⁸

A solicitação pode ser formulada de diferentes formas: através de uma questão, de um pedido, da expressão de uma ordem ou da formulação de esperanças.

Através de uma interrogativa, mesmo que entendida como retórica:

*O seu bilhete fez-me bem; não o poderia V. repetir, na medida das suas forças?*¹⁶⁹

*Escreva-me muito e presto, como uma generosa resposta ao meu silêncio (embora justo), e, conte-me, peço, casos novos, o que vai por Lisboa, o que se faz, sim?*¹⁷⁰

Ou através de um pedido, apoiado na justificação da carta como benfeitoria, como consolo:

*Meu querido amigo,
Como são fortes e estreitos os laços que unem as nossas sensibilidades!
Em tudo os descubro vivos e reais. Como na sua última carta. Não deixe de me escrever.
Preciso absolutamente que me escreva a miúdo; isso não me trará somente conforto, mas também energia.*¹⁷¹

*Favoreça-me V. Ex.ª com algumas notícias.*¹⁷²

*Não se esqueça de me escrever, ainda que seja para me dizer que não me pode escrever. Sempre é escrever-me.*¹⁷³

*Espero a tua carta com ansiedade.*¹⁷⁴

*Sirva-se V.M. de avisar de como passa, para que eu, vendo salva a sua saúde, não tenha que temer da minha.*¹⁷⁵

*Dizendo-lhe isto, cuido ter ditto o bastante para estimular a sua preguiçosa actividade.*¹⁷⁶

¹⁶⁸ Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, Coimbra, 28 de Julho de 1952, p. 30.

¹⁶⁹ Carta de Manuel Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira, 18 de Abril de 1911, *O Cristal da Palavra, Cartas Inéditas de M. Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira*, apresentação de Urbano Tavares Rodrigues e Vítor Wladimiro Ferreira, Edições Colibri, Câmara Municipal de Portimão, 1999, p. 58.

¹⁷⁰ Carta de António Nobre a Antero de Figueiredo, 21 de Outubro de 1898, *Correspondência*, p. 405.

¹⁷¹ Carta de Manuel Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira, 16 de Maio de 1911, *op. cit.*, p. 163.

¹⁷² Carta de Camilo Castelo Branco a Cristóvão Aires (pai), 1883 (?), *Cartas Dispersas*, p. 157.

¹⁷³ Carta de Fernando Pessoa a Garcia Pulido, 18 de Março de 1913, *Correspondência 1905-1922*, p. 89.

¹⁷⁴ Carta de António Nobre a Joaquim de Lemos, 7 de Fevereiro de 1898, *Correspondência*, p. 386.

¹⁷⁵ D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas Familiares*, p. 378.

¹⁷⁶ Carta de Antero de Quental a Joaquim de Araújo, Outubro de 1880, *Cartas II*, p. 523.

Estes pedidos, estas solicitações para que o correspondente cumpra o pacto epistolar podem ser repetidamente lembrados e o exemplo dessa ansiedade extrema, dessa urgência de resposta, dessa sofreguidão pelo consolo, dessa opressão da recepção dos escritos é testemunhada, em crescendo, na correspondência de Mário de Sá-Carneiro que implora, reclama e suplica constantemente que Pessoa lhe escreva. Comprovam-no os exemplos:

Tenha dó de mim – ESCREVA! Escreva imediatamente se ainda não o fez! O seu silêncio será a minha maior inquietação.¹⁷⁷

*Olhe, agora não tenho tempo para mais. Mas você escreva! Homem, escreva já! Adeus.¹⁷⁸
Escreva-me, por amor de Deus, na volta do correio.¹⁷⁹*

Escreva-me muito, muito - o mais depressa possível! Não se esqueça!¹⁸⁰

Escreva-me muito – de joelhos lhe suplico.¹⁸¹

O pedido para ser correspondido, para que a “mandadeira” seja rápida e na volta do correio leva a que, por vezes, o destinador, no desejo ardente de facilitar a tarefa do destinatário, envie os selos para que a interacção se processe com menos demora. Isso mesmo é afirmado nesta passagem:

Aí lhe mando estampilhas. Quando me escreve mais?¹⁸²

Outro dos actos que configuram as rotinas de fecho é a extensão de cumprimentos, que é um acto recorrente no remate das interacções epistolares

¹⁷⁷ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 28 de Julho de 1915, M.S-C, *Correspondência com Fernando Pessoa*, vol. II, p. 51.

¹⁷⁸ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Julho de 1915, *Correspondência com Fernando Pessoa*, vol. II, p. 45.

¹⁷⁹ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 21 de Agosto de 1915, *Correspondência com Fernando Pessoa*, vol. II, p. 64.

¹⁸⁰ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 3 de Fevereiro de 1916, *Correspondência com Fernando Pessoa*, vol. II, p. 150.

¹⁸¹ Esta passagem da última carta de Mário de Sá-Carneiro, nas vésperas do seu suicídio, dá justamente conta da insustentável necessidade de comunicar com o amigo, Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 18 de Abril de 1916, *Correspondência com Fernando Pessoa*, vol. II, p. 178.

¹⁸² Carta de António Nobre a José de Castro, 26 de Março de 1984, *Correspondência*, carta 96, p. 220

familiares. As formas têm evoluído ao longo dos tempos, conservando-se muitas dessas rotinas verbais, desde a epistolografia antiga. Basta recordar o epílogo de uma epístola bíblica para confirmar a retoma dessa prática: “*Todos os que estão comigo te saúdam. Saúda a todos os que nos amam na fé. A graça esteja com todos vós!*”¹⁸³

“Cumprimentos”, “saudades”, “lembranças” e “recados” são expressões comuns neste acto de lembrança dos demais.

*Adeus, querido e bom amigo! Dé as melhores saudades à Sr.^a. D. Emília – e chuva de beijos às suas pequenas. Grande abraço ao bravo Jeco e Você lembre-se do seu bom e dedicado amigo!*¹⁸⁴.

Põe os meus melhores cumprimentos aos pés da tua mulher, beijos à tua pequerrucha, abraço ao bom Anselmo, e outro, muito apertado para ti do ¹⁸⁵.

*Adeus, peço que me faça lembrado de seu pai e de seu mano, que transmita os meus respeitos a sua Ex.^{ma} esposa, mãe e mana e creia sempre na afeição e simpatia do seu reconhecido amigo!*¹⁸⁶.

*Peço para todos e desta vez em especial para a Senhora D. Constança muitos e muitos recados!*¹⁸⁷.

*Peço-lhe que se incumba em meu nome de recomendar prudência ao José nos seus desvelos, aliás naturalíssimos, e coragem à prima Glória. À sua nova afilhada dê um beijo de mando de um afilhado mais antigo e de toda a família muitas saudades. Creia sempre na afeição que lhe tributa!*¹⁸⁸.

*Recados cheios de atenção ao mano!*¹⁸⁹.

*Dê cumprimentos meus a seu pai e visionese abraçado!*¹⁹⁰.

Por vezes esta extensão de cumprimentos é um longa enumeração que se alonga em vários parágrafos:

¹⁸³ *Epístola a Tito*, 3, 12-15, *A Bíblia de Jerusalém*, op. cit., p. 2239.

¹⁸⁴ Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, 20.07.1873, *Cartas e Outros Escritos*, p. 61.

¹⁸⁵ Carta de Eça de Queiroz ao Visconde de Pindela, 22 de Set. de 1891, *Cartas e outros escritos*, p. 250.

¹⁸⁶ Carta de Júlio Dinis a Júlio Castilho, 10 de Abril de 1869, *Cartas e esboços literários*, p. 76.

¹⁸⁷ Carta de António Nobre para a Senhora D. Maria da Glória Nobre Andresen, *Correspondência*, p. 484.

¹⁸⁸ Carta de Júlio Dinis à Ritinha, 19 de Abril de 1870, *Cartas e esboços literários*, p. 64.

¹⁸⁹ Carta da Marquesa de Alorna a seu pai, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, p. 40.

¹⁹⁰ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, Lisboa, 4 de Dezembro de 1914, *Correspondência 1905-1922*, p.134.

Peço que me lembre muito à prima Marquesa do Faial – e lhe recorde a promessa de um retrato da linda, muito linda Maria, para quem peço um beijo, assim como para o baby e para o António, a não ser que este prefira um shake-hands de homem, à moda de homem. Com cumprimentos de muita amizade para o Duque, beijo as suas mãos, minha querida Prima, com afeição e respeito como De V.Ex.^a servo e primo muito de dedicado¹⁹¹

A invocação divina é uma expressão que veiculou na cultura judaico-cristã, ao longo dos séculos, a atenção que era devida aos superiores, a veneração e a consideração que era merecida aos que, pelas suas qualidades, virtudes ou serviços prestados, se tornavam credores da estima pública. Ora, pedir a benção ao correspondente, pedir que, em nome de Deus, lhe conceda essa graça, é uma prova de estima e, sobretudo de deferência. É óbvio que esta prece está, devido ao laicismo das sociedades ocidentais, praticamente afastada das rotinas verbais epistolares, o que não impede que ainda em correspondências actuais a encontremos.

Vá V. M com Deus e com Ele torne, deixando-me dado um grande abraço ao senhor Nosso Senhor¹⁹².

Abençoe-me d'ahi, que eu fiquei só de todo. Todo o meu passado me fugiu assim que eu voltei costas¹⁹³.

Meu pai do meu coração, dê-me V.Ex.^a a sua benção e que Deus guarde V.Ex.^a como desejo e preciso ou Adeus, querido Pai. Cedo nos veremos – eu o espero na bondade do Autor do nosso ser que continua o milagre da nossa existência¹⁹⁴.

Guarde-vos Deus; e que a futura Divindade Tutelar das estranhezes Irritantes vos assente à sua mão direita¹⁹⁵.

A Providência não se esqueça de V. nem de nós, como todos precisamos para que Portugal seja salvo¹⁹⁶.

¹⁹¹ Carta de Eça de Queiroz à Duquesa de Palmela, Porto, 11 de Maio de 1899, *Cartas e Outros Escritos*, p. 296

¹⁹² Carta de D. Francisco Manuel de Melo a um amigo, Torre, 5 de Setembro 1648, *Cartas Familiares*, p. 200.

¹⁹³ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, 24 de Abril de 1894, p. 45.

¹⁹⁴ Carta da Marquesa de Alorna a seu pai, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, p. 9. e p. 53.

¹⁹⁵ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, 26-6-1914, *Cartas de Autores Portugueses*, p. 83.

¹⁹⁶ Carta de Alexandre Herculano a Passos Manuel, 19 de Outubro de 1836, *Cartas*, Tomo I, p. 184.

*Que Deus, Pai dos Países, o abençoe lá do Alto e a todos os seus! E muitas lembranças a todos os meus amigos!*¹⁹⁷

Por fim, o acto de subscrição é o acto pelo qual o epistológrafo firma o seu nome no texto epistolar. A assinatura é definida sobretudo no âmbito do Direito, pois historicamente funcionava como símbolo de identidade que permitia assinalar bens, validar actos jurídicos, firmar a presença e o acordo e definia-se como “aposição autógrafa do nome patronímico, separado do contexto”¹⁹⁸, conjugando-se três aspectos que alicerçam esta definição: por um lado, o nome próprio que remete para a identidade social do indivíduo; por outro, subjaz à assinatura a força ilocutória do acto que determina que assinar é “fazer”; e, por fim, a assinatura revela-se, ainda, com uma função marcadamente deíctica, na medida em que faz a ancoragem situacional, remetendo para o sujeito e o lugar da enunciação.

A autografia inerente à assinatura epistolar, ou seja, a assinatura realizada pela própria mão do escrevente, pressupõe um contacto directo com o suporte escrito, podendo constituir-se como prova de presença do assinante. Esta especificidade, de carácter físico, é explicada, novamente, com base no seu aproveitamento legal: os actos que na Idade Média emanavam das chancelarias eram validados através da fórmula “*subscripsit*”, o que atesta o seu valor performativo. Até ao século XV, aproximadamente, as sentenças e decisões com carácter jurídico eram validadas no decurso de actos solenes e cerimoniais em que se proferiam sermões, vulgarmente acompanhados de gestos simbólicos com carácter ritualizado e religiosos (atente-se, a este propósito, ainda na actualidade, nos discursos oficiais de tomada de posse de alguns cargos hierarquicamente relevantes, antes da aposição da assinatura).

O gesto autógrafa, escrito do seu próprio punho, de firmar um nome num suporte, é ontogenicamente similar ao gesto de comprometimento quando se estende a mão sobre a Bíblia ou sobre outro livro sagrado.

A evolução da escrita e a crescente alfabetização, ao longo dos séculos, tornaram possível a expressão gráfica individual, permitindo que cada pessoa,

¹⁹⁷ Carta de António Nobre a José de Castro, 17-VI-1893, carta 66, *Correspondência*, p. 178.

¹⁹⁸ *Dictionnaire d'Analyse du discours*, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (dir.), Paris, Éditions du Seuil, 2002, pp.530-532.

através da expressão dessa vontade consciente, valide os seus actos escritos. A assinatura é pessoal, individual, tal como a caligrafia e, mesmo quando os textos são dactilografados ou impressos no computador, a assinatura manuscrita é a garantia de autenticidade, a marca da personalidade, o cunho da identidade que valida e certifica o que foi escrito. A assinatura demarca-se do corpo do texto e pospõe-se-lhe. Por vezes, está integrada sintacticamente na saudação final, estando o nome próprio ligado ao antecedente, o que contribui, sem dúvida, no caso das cartas familiares, para atenuar o carácter muito ritualizado e convencional das rotinas de fecho. No caso das cartas não familiares, a assinatura que pode parecer despiciente, assume um estatuto algo diferente. Relativamente às cartas mais formais, a subscrição pode surgir acompanhada do título que afirma implicitamente o estatuto social ou a posição hierárquica do escrevente (por exemplo, o estatuto eclesiástico é inseparável da identidade pessoal e social, o que obriga à inclusão dessa adenda, que, no caso dos jesuítas, consiste em acrescentar *s.j.* - Sociedade de Jesus - à assinatura).

O acto de subscrição, mesmo nas cartas familiares, é muito variado. É regra de cortesia deixar tanto maior espaço entre o final carta e a assinatura quanto maior respeito e deferência se quiser testemunhar à pessoa a quem é dirigida. Antigamente, depois de fazer a assinatura, era usual fazer-se um sinal particular, destinado a evitar a falsificação, mas considerou-se um sestro prejudicial, já que muitos o faziam tão rebuscado e elaborado que tornavam a assinatura ilegível. Nas cartas íntimas e familiares, a subscrição diverge consoante o género do correspondente: na assinatura masculina, pode encontrar-se não só o nome de baptismo, como esse conjugado com o apelido, ou, ainda, por vezes, apenas os dois últimos apelidos de família. No caso da assinatura feminina, neste tipo de correspondência é raro encontrar-se mais do que o nome próprio.

O *Post-Scriptum* que, por abreviatura, se indica simplesmente pelas letras maiúsculas *P.S.*, colocadas no começo do período, é um aditamento que se faz à carta, depois da assinatura. Os *Manuais* e *Secretários* consideravam que o uso do *P.S.* era apenas tolerável para expressar alguma fórmula de cortesia e só admissível nas cartas familiares, nunca devendo ser usado na correspondência dirigida a superiores ou a pessoas de respeito e consideração. A sua evolução ditou que o seu uso se

generalizasse, sobretudo nas cartas familiares, sendo uma das suas funções capitais dar conta de algum esquecimento.

P.S. – Duas coisas me esqueceu dizer-lhe: Guarde – peço-lhe a maior reserva sobre o projecto...¹⁹⁹.

P.S. – Esquecia-me de agradecer-lhe o oferecimento que me fez tratar da prorrogação da minha licença.²⁰⁰

P.S. – Trago desde ante-bontem esta carta no bolso, porque não encontro estampilhas nem caixas de correio. Escrevo da casa do José de Castro, que promete ir fallar ao José Horta. Talvez se pudessem arranjar para si os cinco contos que estiveram destinados ao Trindade Coelho, mas a Ginha?²⁰¹

P.S. – À última hora, 6 horas. Esta carta tinha eu escrito há bocado, cerca das três horas. Estava na esperança de receber agora a carta tua, ou do João de Sousa. Nenhuma carta dsele, nem tua. Só a gazeta. Vá! Peço-te o seguinte. Faz-me o favor²⁰²

P.S. – Esta carta foi escrita no esquecimento de que costumás mostrar as minhas cartas a toda a gente. Se me tivesse lembrado disso – acredita- eu tê-la-ido suavizado um pouco. Mas agora já é tarde; não importa. De resto nada importa²⁰³.

Os *post scriptum* encerram muitas vezes pedidos, por vezes, algo peculiares e sigilosos ou encerram explicações sobre a própria carta:

P.S. – Um pós-escrito para uma coisa que por força o vai incomodar e talvez causar-lhe transtorno, mas o meu estado autoriza-me a abusar. Peço-lhe muito que me envie a História de França do Michelet, que lhe emprestei. (...) ²⁰⁴

P.S. – O Jorge de Sena sabe, por acaso, a direcção do J. A. França, no Estoril? Mais uma vez – E.L.²⁰⁵

P.S. – Peço-te que não leias a ninguém esta carta, porque digo muita tolice (não achas?) e podem comprometer-me.²⁰⁶

¹⁹⁹ Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 20 de abril de 1919, *Correspondência 1905-1922*, p. 274.

²⁰⁰ Carta de Júlio Dinis a Júlio de Castilho, Funchal, 10 de Abril de 1869, *Cartas e esboços literários*, p. 76.

²⁰¹ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, *Cartas*, p. 35.

²⁰² Carta de António Nobre a Alberto de Oliveira, 23 de Abril de 1890, *Correspondência*, p. 88.

²⁰³ Carta de Fernando Pessoa a Ofélia Queirós, 31/7/1920, *Correspondência 1905-1922*, p. 355.

²⁰⁴ Carta de Antero de Quental a Jaime Batalha Reis, Março de 1874, carta 123, *Cartas I*, p. 235.

²⁰⁵ Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, Coimbra, 28 de Julho de 1952, *Correspondência*, p. 30

²⁰⁶ Carta de António Nobre a Alberto Baltar, 19 de Outubro de 1886, *Correspondência*, p.48.

P.S. – Não tenho tempo para reler esta carta. Naturalmente faltam palavras aqui e acolá, dada a rapidez com que eu a escrevi. E a letra em altura nenhuma será muito legível. Você desculpe²⁰⁷.

Em suma, o ceremonial de despedida apresenta, no geral, um denominador comum: o momento da separação afigura-se como uma ocasião privilegiada de reafirmar os laços existentes entre os correspondentes, de recrudescer os elos que unem os “actores principais”, por um lado, manifestando o reconhecimento mútuo desse sentimento e, por outro, completando a interpelação individual que, isolada, figura na abertura. Nas rotinas verbais de fecho explicita-se esta natureza dual da comunicação epistolar, de que demos conta logo na introdução.

Analisámos as rotinas verbais que configuram o género epistolar familiar.

As rotinas verbais, convencionais, presas entre as regras de etiqueta epistolar e a expressão real e efectiva da relação familiar ou de amizade. Conservar-se-ão como fórmulas abstractas? Remeterão tradicionalmente para comportamentos repetitivos? Funcionarão como símbolos de afeição, antecipando-se a gestos a realizar no futuro?²⁰⁸

Estas são algumas questões que podemos continuar a colocar.

Cremos ter deixado provado que a escrita cristaliza e faz perdurar estes gestos que cimentam a reciprocidade.

²⁰⁷ Carta de Fernando a Armando Côrtes Rodrigues, 19 de Janeiro de 1915, *Correspondência 1905-1922*, p. 145.

²⁰⁸ Questões sugeridas pela leitura do texto sobre “Rituel”, da autoria de C. Dauphin, P. Lebrun-Pézérat e D. Pouban, *Ces bonnes lettres – une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin Michel, 1995, pp.99-190. Cf. especificamente p. 176.

Topoi epistolares

Se a persuasão tem como finalidade a aproximação de um locutor do seu interlocutor, envolvendo-o na adesão à mensagem, a carta familiar, por nós escolhida, aparece como emblemática de um processo retórico mais vasto e complexo que tende a abolir toda e qualquer distância, seja geográfica, hierárquica, afectiva ou ideológica, desenvolvendo mecanismos argumentativos, transmitindo informações e, mormente, exprimindo emoções.

Emergindo como um género híbrido, desde o século XVIII, a carta familiar parece, não obstante, condenada às subserviências dos géneros menores, sendo utilizada como documento histórico, como anexo biográfico, abandonada nos “limbos da imperfeição”¹ juntamente com a plêiade de formas discursivas desiduosas que são negligenciadas, ou mesmo rejeitadas, pelas análises linguísticas².

Numa primeira acepção, o termo *familiar* designa um comportamento onde intervêm a simplicidade e a naturalidade³. Acresce a este sentido a noção etimológica, proveniente de família, em que implicitamente se conjugam as noções de conhecimento mútuo e de aparente informalidade no funcionamento, aliadas a um carácter espontâneo e a rotinas do quotidiano⁴.

¹ Gérard Genette, “Introduction à l’architexte”, in *Théorie des genres*, Paris, Seuil, 1986, p.111.

² Tal como pertinentemente observa Geneviève Haroche-Bouzinac, *Voltaire dans ses Lettres de Jeunesse (1711-1733), La Formation d’un Épistolier au XVIII^e siècle*, Paris, Klincksieck, 1992, p.17, em nota de rodapé, este desprimor relativamente ao epistolar continua a grassar mesmo nas obras de referência, de reflexão sobre os géneros. Confrontem-se por exemplo: Jean-Marie Schaeffer, *Qu’est-ce qu’un genre littéraire?*, Paris, Seuil, 1989 e Jean-Paul Bronckart, *Le Fonctionnement des discours: un modèle psychologique et une méthode d’analyse*, Paris, 1985.

³ Cf. Véronique Traverso, *La Conversation Familiale*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1996, pp. 12-13.

⁴ R. Vion, *La Communication Verbale*, Paris, Hachette, 1993, p. 125.

Este tipo de interação familiar remete para diferentes noções, entre elas a de comunicação fática, descrita por Malinowski⁵ que analisa actos de fala destinados, na sua essência, a estabelecer elos sociais entre interlocutores. Daí que esta comunicação fática encerre alguns dos *topoi* que aqui analisamos, ou seja, possa simplesmente versar aspectos relativos ao bom tempo ou ao tempo chuvoso, parecendo despicienda a intenção comunicativa.

Topos (no plural *topoi*) é um termo grego, cujo correspondente latino é *locus communis*, que traduzimos por lugar-comum. O sentido e a extensão desta noção de **topos** variaram ao longo dos séculos. É um termo caro à retórica. Em contraste com o *cliché* – e segundo Amossy, o *topos* é uma noção antiga que, na sua origem, não encerra um carácter pejorativo⁶. Os lugares-comuns ou *topoi* remontam à dialéctica e à retórica aristotélicas. São elementos fixos que se tornam progressivamente estereótipos de organização da reflexão. Podemos distinguir três acepções do conceito de *topos*:

A mais tradicional, desde a retórica aristotélica, é uma forma argumentativa estereotipada; a segunda, utilizada por Rastier⁷, é um axioma normativo socializado. A terceira designa uma estrutura temática, estereotipada, daí ser pertinente o seu estudo em géneros discursivos singulares.

Este conceito milenar foi aproveitado recentemente por O. Ducrot e J.-C. Anscombre⁸ que, desenvolvendo a teoria da argumentação (TAL) consideram os *topoi* como princípios gerais, comuns, apresentados como genericamente aceites pela colectividade. Esta teoria pressupõe uma fundamentação lógica, estabelecendo que a ligação entre o argumento e a conclusão é assegurada por um *topos*, que pode estar implícito. O exemplo canónico que apresentam é a frase “le vent se lève, il va

⁵ B. Malinowski, « Phatic Communication », Laver, J. e Hutcheson, S. 1972, pp. 146-153.

⁶ Ruth Amossy e Anne Herschberg Pierrot, *Stéréotypes et clichés*, Paris, Nathan, p. 15.

⁷ F. Rastier, *Sémantique Interprétative*, Paris, Presses Universitaires de France, 1987.

⁸ J.-C. Anscombre e O. Ducrot, *L'Argumentation dans la Langue*, Liège, Mardaga, 1983.

pleuvoir” que se baseia no *topos* “En général, quand le vent se lève, il pleut”. Assim, a conclusão desenvolve analiticamente o argumento, ao qual se juntou um princípio geral, aqui sinónimo de *topos*.

Este desvio, esta apropriação do termo retórico para fins exclusivamente argumentativos não constitui, portanto, a nossa opção.

Por outro lado, alguns investigadores, entre os quais Andrée Chauvin, estabelecem uma distinção entre o plano lógico, ideológico e argumentativo do *topos* ou lugar-comum e o plano estritamente linguístico dos enunciados, caracterizados por uma certa banalidade e que são preferencialmente designados por estereotípias verbais, ficando reservada a noção de *cliché* para os tropos lexicalizados⁹. Preterimos a designação de estereotípias - que, em linguística, foi amplamente desenvolvida no âmbito da semântica do estereótipo, iniciada por H. Putnam¹⁰, explanada por B. Fradin e J.-M. Marandin¹¹ e, mais recentemente, impulsionada por Georges Keibler¹², com os seus trabalhos sobre os estereótipos e a anáfora associativa - em favor da noção de *topos* que merece, nos trabalhos sobre teoria do epistolar, um especial relevo¹³.

Na análise do discurso, os estudos recentes com maior impacto na comunidade científica internacional foram levados a cabo pela investigadora da

⁹ Andrée Chauvin, « Lipogramme et rhétorique: aspect du travail du lieu commun chez Georges Perec », *Lieux Communs, Topoi, Stéréotypes, Clichés*, sous la direction de Christian Plantin, Paris, Éditions Kimé, 1993, p. 27.

¹⁰ H. Putnam, « La Sémantique est-elle possible? », in Chaurand J. e Mazières F. (ed), *La Définition*, Paris, Larousse, 1990, pp. 292-304.

¹¹ B. Fradin e J.-M. Marandin, « Autour de la définition: de la lexicographie à la sémantique », *Langue Française* n.º. 43, 1979, pp. 60-80.

¹² G. Kleiber, « Anaphore associative, pontage et stéréotypie », *Linguisticae Investigationes*, XVII-1, 1993a, pp. 35-82 e ainda o artigo « L'anaphore associative roule-t-elle ou non sur des stéréotypes? », in Plantin, C. (ed), *Lieux Communs, Topoi, Stéréotypes, Clichés*, sous la direction de Christian Plantin, Paris, Éditions Kimé, 1993b, p. 355-371.

¹³ Luc Vaillancourt, na sua tese, *La Lettre Familiale au XVI^e siècle*, Paris, Honoré Champion, 2003, afirma a páginas 217 : « Mais il n'y en a guère qui correspond de manière exclusive au genre, comme le **topos** de la conversation avec un absent ou la métaphore économique ». A preferência pela noção de *topos* foi também a opção de Geneviève Haroche-Bouzinac que, no seu manual sobre esta teoria, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995, p. 29, constata: « La demande qui vise à obtenir la suppression des compliments devient un **topos** épistolaire ». Outra das grandes teorizadoras do epistolar, Brigitte Diaz, ao considerar que a carta é sempre objecto de uma avaliação estética, escreve: « L'appréciation stylistique de la lettre reçue est un **topos** du discours épistolaire qui prend place le plus souvent dans l'incipit », *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 53.

Universidade de Tel Aviv, Ruth Amossy, que, por seu turno, defende que estas representações estereotipadas são o resultado de construções interpretativas e do conhecimento enciclopédico dos interlocutores, constituindo em conjunto com os *topoi* uma das formas da *doxa*, que subjaz a toda e qualquer interação verbal.

A obra colectiva *Le Cliché*¹⁴ agrupa contributos de diferentes áreas do saber (sociologia, filosofia, estilística e crítica literárias), abordando quer aspectos teóricos quer aplicando estes a análises de discursos literários e não literários. Este trabalho veio corroborar as conclusões apresentadas no número monográfico da *Protées*¹⁵, no qual, no âmbito da problemática dos estereótipos, se apresentam investigações numa perspectiva sócio-semiótica e etnometodológica.

O emprego de *topoi* remete para a partilha de um saber, reforça o efeito de objectividade na medida em que convoca uma pressuposta enunciação (“impessoal”), conferindo à enunciação uma força predicativa mais forte.

No entanto, a acepção que adoptámos é a que foi explanada pelos estudos literários, nomeadamente na versão que foi reintroduzida por E. R. Curtius.

Os *topoi* que configuram o género epistolar familiar e que contribuem para a construção do dialogismo epistolográfico que analisamos são os seguintes:

1. Speculum Animi

Ab!, amigo, quem pudera transladar-vos aqui o coração, para que lêsseis nele as mais puras e as mais importantes verdades, não só escritas ou impressas, senão gravadas!

Padre António Vieira, Maranhão, 6 de Maio de 1653¹⁶

¹⁴ Gilles Mathis, *Le Cliché*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1998.

¹⁵ *Protée, Théories et Pratiques Sémiotiques*, Université du Québec à Chicoutimi, E. Landowski e A. Semprini (dir.), Vol. 22, 2 “Le Lieu Commun”, 1994.

¹⁶ Carta de Padre António Vieira ao Padre Francisco de Moraes, in *P.ª António Vieira, Obras Escolhidas*, Prefácio e Notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Livraria Sá da Costa, 1951, Vol. I., pp.149-152.

Esta metáfora da carta como *eikôn psychès*, *imago cordis*, *speculum animi* é muito produtiva desde a Antiguidade¹⁷. Esta metáfora da carta como espelho da alma radica já em S. Paulo, na Segunda Carta aos Coríntios, quando o apóstolo se justifica “Não vos queremos dizer coisa alguma diferente da que ledes nas nossas cartas, o que vós reconheceis”¹⁸ ilustrando, assim, o mito duplo da sinceridade e da espontaneidade. Esta metáfora do espelho estava imbuída, na época medieval, de uma conotação moralista, ligada à imagem do *speculum perfectionis*, ou seja, do espelho como reflexo perfeito e irrepreensível. A correlação pressupõe três fundamentos que, segundo Haroche-Bouzinac¹⁹, indiciam três intenções: o espelho é um modelo, um retrato e um lugar de reflexão ou de meditação, correspondendo a estas três coordenadas as exigências, respectivamente, da orientação moral, da confissão do “eu” e do desabrochar das reflexões. Poderemos, de uma forma célere, identificar três tipos de cartas precisamente escoradas nestas três orientações. A tradição epistolar que a noção de modelo evoca inscreve a carta na sua tradição didáctica, a carta moralizadora e instrutiva. Bastará lembrar as *Cartas sobre a Educação da Mocidade* de Ribeiro Sanches que se integram na corrente da prosa crítica e didáctica do século XVIII²⁰ ou as obnubiladas *Cartas a Luíza*, de D. Maria Amália Vaz de Carvalho²¹, que foram dadas à estampa com o elucidativo subtítulo “Moral, Educação e Costumes”. A carta, imagem da alma do epistológrafo pode também tornar-se um *thesaurum cordis*, fundindo-se esta imagem com a que adiante trataremos e que se relaciona com a dádiva: a carta oferece um retrato do modelo espiritual (Cf. neste capítulo, p. 341).

¹⁷ Veja-se o artigo de W.Müller, «Der Brief als Spiegel der Seele», *Antike und Abendland*, 26, 1980, pp. 138-157.

¹⁸ S. Paulo, Segunda Carta aos Coríntios, 1-13, *Bíblia Sagrada*, S. Paulo, Stampley Publicações, 1974, p. 1153.

¹⁹ Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995, p. 97.

²⁰ António Manuel N. Rosa Mendes, *Ribeiro Sanches e as Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Dissertação de Mestrado em História Cultural e Política, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991, p. 273.

²¹ Maria Amália Vaz de Carvalho, *Cartas a Luíza, Moral, Educação e Costumes*, Porto, Barros & Filha, Editores, 1886.

A solidão da escrita e, sobretudo, a distância que determinantemente impera na redacção da carta, favorecem e encorajam a reflexão moral. Através da citação de pensamentos moralistas, através da transcrição de aforismos, de provérbios – estes eram já incentivados nas *artes dictaminis* medievais, a fim de ambientar o destinatário favorecendo um estado propício para a leitura – visa-se frequentemente mostrar o *sensus communis*, aproximando assim a experiência individual narrada na missiva de uma norma aceite com um carácter mais geral.

Reforçam a ideia as milenares palavras de Séneca:

Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo²².

As palavras de Frei António Chagas endereçadas a sua mãe são também eloquentes para explicitar esta imagem do *speculum animi*:

*Recebi três cartas de V.P. e ãa delas me pareceu melhor que tôdas, porque serve de **espelho**, em que me vejo; queira Nosso Senhor que por estes gritos mudos, com que fala o papel e a tinta, ouça eu Sua infinita misericórdia, e que traga nos ouvidos da alma estas trombetas, que me põem diante o meu dia do juízo; porém rogue V.P. a sua Divina Majestade que, assim como fêz a V. P. despertador para as minhas advertências, faça de suas orações medicinas para a cura de minha alma e da minha negligência, e lhe dê eficácia para aproveitar-me delas.*

15 de Outubro de 1677

De V. P. filho e súbdito útil

Frei António Chagas (Cartas Espirituais , II, 217)²³

²² Lúcio Aneu Séneca, *Cartas a Lucílio*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, carta 40, p. 136.

²³ Frei António das Chagas Carta 31, pp. 79-81, in, *Cartas Espirituais*, Selecção, Prefácio e Notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1939

2. *Currente Calamo*

Esta imagem associa a prática epistolar a um gesto de improvisação. Aqui reside uma das razões que provoca a tensão e a controvérsia relativamente à inserção do epistolar no domínio literário. O literário, a obra em si mesma, requer uma ausência que parece em tudo similar à ausência que é a premissa da correspondência. Paradoxalmente, o epistolar é a afirmação da presença e de uma presença que se revela no gesto de comunicação transparente, sincero, ao correr da pena.

Inscrito num ritmo cíclico, o presente da inquietude, a dificuldade de separação, a urgência da escrita, submisso às regras implícitas de um contrato e de um pacto que superam o hiato espaço-temporal, o discurso epistolar é associado a gestos de improvisação, à escrita ao correr da pena, o que concorre igualmente para a associação da escrita epistolar a uma escrita marginal, menos burilada.

O princípio “toda a carta merece resposta”, primado do código epistolar, exige que a correspondência, sobretudo a familiar que aqui versamos, se processe seguindo as marcas rítmicas determinadas pelo tempo de transporte, pelas contingências sociais e políticas (basta lembrar os períodos da guerra) e as disposições psicológicas dos interlocutores, mostrando a eficácia dos rituais epistolares.

Este *topos* do *currente calamo* aparece com muita frequência nas cartas familiares em que a regularidade da comunicação supera o aperfeiçoamento da forma das missivas. Atente-se no na parte final da longuíssima carta de D. Leonor de Almeida, futura Marquesa de Alorna, escrita do Convento de Chelas e destinada a seu pai:

*Meu querido pai e meu Senhor do meu coração
(...) Li esta carta. A maior parte está miserável e quasi indigna de ir; porém V. Ex.^a assim mesmo a quere e enfadar-se-ia mais que eu a copiasse.
Meu Pai do meu coração, dê-me V. Ex.^a a sua bênção e que Deus guarde V. Ex.^a como desejo e preciso.*

São 17 de Setembro

*De V. Ex.^a
Filha a mais obediente
Leonor²⁴*

3. Conversação *in absentia*

“Cette lettre sera plus heureuse que moi, car elle couchera avec vous. Jugez si je lui porte envie”, escreveu Henrique IV à Marquesa de Verneuil.

Este *topos* da conversação é indubitavelmente uma das metáforas reiteradas e profícuas da escrita epistolar. Considerou-se durante muito tempo a correspondência como o reflexo, o prolongamento ou a antecipação de uma comunicação oral face a face²⁵. Nos estudos da teoria do epistolar, na actualidade, considera-se que este *topos* não é pertinente, na medida em que pragmaticamente se considera a troca epistolar como uma forma específica de interlocução e de interacção.

Já a obra de Cícero anunciava esta imagem quando definia a carta como “uma conversa entre amigos ausentes”²⁶ e, muito posteriormente, André Gide, numa carta datada de 1891, designa o epistolar como “un illusoire dialogue”. Este *topos* resistente filia-se na retórica que se alimentou sempre da arte da conversação. Dar os bons dias, conversar um pedacinho, falar contigo, são expressões que evocam uma sociabilidade característica das relações familiares e amicais. Este modo conversacional dominante no registo familiar permite a confidencialidade, a

²⁴ Marquesa de Alorna, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, Selecção, Prefácio e Notas do Prof. Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1941, p. 9.

²⁵ Jurgen Siess, «L'interaction dans la lettre d'amour», in *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 111-134.

²⁶ Cf. Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette, 1995, p. 88 e seguintes.

prolixidade, a intimidade, a diversidade de temas, encerrando um carácter dinâmico apanágio das relações familiares e informais²⁷.

Da mesma forma que o diálogo, o discurso epistolar é um acto de enunciação e, como tal, os correspondentes devem poder co-referir de forma idêntica²⁸. No entanto, enquanto na comunicação face-a-face estes parâmetros enunciativos estão implícitos, no discurso epistolar eles necessitam ser explicitados a fim de permitir o ajustamento do destinatário ao epistológrafo. Acresce o facto de a instância discursiva ser, no caso epistolar, desdobrada, dado que os momentos de escrita e de leitura pertencem a tempos e espaços distintos.

O *topos* mais frequente do discurso epistolar é, pois, o da ausência. A correspondência apresenta-se como uma compensação, uma consolação do sofrimento provocado pela distância. Este *topos* da carta como conversação na ausência, da carta como substituto “réifié”, é reiterado através da presença de marcadores de oralidade e do empréstimo de verbos “dicendi”.

“*Il me semble que je vous parle quand je vous écris, et que vous m’êtes un peu plus présent*”, afirma-se nas *Cartas Portuguesas*²⁹.

O paralelismo, a colagem clássica da carta à conversação entre ausentes mereceu ampla reflexão ao longo dos tempos e continua a dividir os teorizadores do epistolar. Subscrevemos, a este propósito, as ideias de Roger Duchêne que no artigo “Lettre et Conversation”³⁰ estabelece as diferenças de fundo entre os dois registos, mostrando que a conversação *in absentia* pressupõe um espaço que separa os interlocutores, espaço esse que se traduz em tempo, que se desdobra no tempo da

²⁷ Este tema do diálogo no epistolar foi explorado por Jean-Blaize Grize na comunicação que apresentou no Colloque Interdisciplinaire de Fribourg, publicado em *La Lettre, Approches Sémiotiques, Actes du VI Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Éditions Universitaires de Fribourg, 1988, pp. 9-17.

²⁸ Cf. Veja-se a reflexão de Patrizia Violi, *op. cit.*

²⁹ Guilleragues, *Lettres Portugaises, Lettres d'une Péruvienne et autres romans d'amour par lettres*, textes établis, présentés et anotés par Bernard Bray et Isabelle Landy-Houillon, Paris, GF- Flammarion, 379, 1983, p. 87.

³⁰ Roger Duchêne, « Lettre et Conversation », Bernard Bray e Christoph Strosetzki, *Art de la Lettre, Art de la Conversation à l'époque classique en France*, Paris, Klincksieck, 1995, pp. 93-102.

transmissão, no tempo da escrita da resposta e do reenvio. Outro dos aspectos que cumpre assinalar corrobora a máxima do *scripta manent*, que encerra outra particularidade pouco desenvolvida nas reflexões sobre o epistolar. Efectivamente, a distância, o acto individual e solitário da escrita, o carácter reflexivo que lhe subjaz, suscitam através dela uma possibilidade comunicativa que, frequentemente não se ousa estabelecer no diálogo face-a-face, conferindo e valorizando nesta conversação *in absentia*, o carácter perene, de documento que “*tiraillée entre l'éphémère et le durable, l'authenticité et les déformations, [la lettre] subit le sort précaire réservé aux écritures non imprimées*”³¹.

Duchêne nega esse parentesco primário entre carta e conversação, afirmando:

“De la ressemblance affirmée par les théoriciens entre lettre et conversation, il ne faut du reste conclure que toute lettre ou tout passage de lettre s'apparente à un dialogue entre deux correspondants. Il y a au contraire beaucoup de lettres qui échappent au statut de la conversation³²”.

Considera, todavia, que a conversação é o laboratório da correspondência e que se alguém quiser reproduzir fielmente uma conversação, poderá fazê-lo lendo romances epistolares, sugerindo a obra de Pascal, *Les Provinciales*. E o teorizador francês conclui: “Le paradoxe, et ce pourrait être l'objet d'une thèse entière de le montrer, c'est que la conversation, si différente de la lettre qu'elle soit, y est pourtant largement sous-jacente”³³.

Melançon dedica todo um capítulo da sua tese a debater este problema “Dialogue, conversation, monologue” (cap. VI), sublinhando que a carta recorre a

³¹Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995, p. 12.

³²Roger Duchêne, «Lettre et Conversation», Bernard Bray e Christoph Strosetzki, *Art de la Lettre, Art de la Conversation à l'époque classique en France*, Paris, Klincksieck, 1995, p. 98.

³³*ibidem*, p. 102.

alguns procedimentos da conversação e do diálogo, subordinando-os, contudo, às exigências da língua e do estilo escritos³⁴.

Janet Altman³⁵ e Bruce Redford³⁶, partindo da análise de *corpora* diferentes, propuseram-se igualmente identificar os traços, supostamente existentes, que emergem da comparação do diálogo ou da conversação com o registo epistolar. Constataram que a carta e a troca verbal oral partilham alguns traços, tais como o reconhecimento de uma convivência, a busca da reciprocidade, a liberdade de expressão, a aparente dependência da estética dominante, etc., sendo, todavia, a representação, a inscrição escrita da carta um traço que se impõe como diferenciador.

J. Altman apresenta esquematicamente uma comparação entre a troca epistolar e alguns tipos de interação oral, que vão desde os diálogos teatrais à comunicação telefónica e à comunicação radiofónica. Nesse sentido, a conversação e o diálogo teatral, em que os enunciadores partilham o mesmo tempo e o mesmo espaço, a mensagem verbal encontra-se associada a signos não verbais ou extra-verbais, tais como a entoação, os gestos; no caso da comunicação telefónica, a partilha do tempo opõe-se à diferenciação dos espaços, sendo o único signo extra-verbal a entoação; na comunicação radiofónica, destacando-se, do mesmo modo, a importância da voz, o tempo é também o mesmo e o espaço diferente. A interação epistolar, em que o tempo e o espaço não são partilhados, em que os signos não verbais não são da mesma natureza dos que os da comunicação oral, constitui uma experiência de reciprocidade e de reversibilidade.

“As written dialogue, epistolary discourse is obsessed with its oral model. No sooner is the writer aware of the gap that separates his from his reader than he tries to bridge that gap. The *cliché* “Il me semble que je vous parle quand je vous

³⁴ Benoît Melançon, *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Québec, Fides, 1996, p. 251.

³⁵ Janet Gurkin Altman, *Epistolarity, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982.

³⁶ Bruce Redford, *The Converse of The Pen. Acts of Intimacy in the Eighteenth-Century Familiar Letter*, Chicago e Londres, University of Chicago Press, 1986. A este propósito, deve ainda referir-se o artigo de Jacques Rougeot : “La Littérature épistolaire», in *Littérature et Genres Littéraires*, Paris, Larousse, Encyclopoche Larousse 42, 1978, pp. 169-178.

écris, et que vous m'êtes un peu plus présent” (*Lettres Portugaises*) is an essential epistolary statement; epistolary language is preoccupied with immediacy, with presence, because it is a product of absence”³⁷.

Vejamos então algumas passagens em que este *topos* se apresenta sugestivamente explanado.

Bristol, Agosto de 1887

Meu querido Joaquim Pedro:

*Tenho tido várias vezes o desejo de te escrever – para **cavaquear**; mas não me tem sobrado o tempo, nem essa disposição epistolar que tanta glória rendeu a Cícero e a Sévigné. E hoje, limito-me a quatro linhas, com aquela concisão que deve ter uma pergunta nítida reclamando uma resposta nítida.*

*[...] Eça de Queiroz*³⁸

*Só hoje encontro disposição de nervos e espírito para encetar aqueles **cavacos postais** que, há bem mais de quinze dias, havíamos combinado, lembras-te?*³⁹

***Dizei-me**, sem zombaria, como estais que o cuidado com que fico não é de zombaria.*⁴⁰

Meu querido Sá- Carneiro:

*Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental – uma ânsia aflita de **falar** consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. [...]*

*Fernando Pessoa*⁴¹

Meu caro Lopes:

V. recebeu a minha carta de 26 de Abril? Creio que sim, pois a registei, e não tive sinal de que lhe não fosse entregue. (...)

Não há mal entendido, não é verdade?

***Diga qualquer coisa**, quando tiver tempo e ocasião. [...]*

³⁷ Janet Gurkin Altman, *Epistolarity, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982, p. 135.

³⁸ Carta de Eça de Queiroz a Oliveira Martins, Eça de Queiroz, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 121.

³⁹ Carta de António Nobre a Alfredo de Campos, Coimbra, 25-IV-1980, António Nobre, *Correspondência*, p. 89. (sublinhado nosso, dado o interesse da metáfora)

⁴⁰ Carta de D. Francisco Manuel de Melo a um parente, datada de 29 de Março de 1646, *Cartas Familiares*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, p. 119. (sublinhado nosso, dado o interesse da metáfora)

⁴¹ Carta de Fernando Pessoa a Mário de Sá- Carneiro, *Correspondência 1905-1922*, Lisboa, Assírio&Alvim, 1998, p.208-209.

*Fernando Pessoa*⁴²

Meu caro Beça

A sua carta não foi semente lançada sobre pedras. Meditei-a e assenti às suas teorias dos contrastes. (...)

Ora olhe: não me posso ver aqui. Medito plano de ir estar a Penafiel um mês. Não queria viver em hospedaria. Diga-me: será possível obter-me aí uma coisa como casa particular...

Responda-me breve, sim?!

Seu dedicado amigo

*Camilo Castelo Branco*⁴³

Ó Osório

Amanhã sem falta, sem falta nenhuma. (...) Pois não é uma coisa medonha, ó C.P., ter a gente a língua suja? Estou capaz de purgar-me para ver se desemburro isto, com o auxílio da Divina Grrrrraça, ora diga. [...]

*Camilo Pessanha*⁴⁴

*Gosto às vezes de **falar contigo a sós**, de me contar as alegrias e as tristezas, os sentimentos e os pensamentos. Hoje apetece-me. E digo-os a ti, porque falar contigo é um pouco falar com a minha pessoa.*⁴⁵

*Adeus. Está, hoje, muito triste – mas fiquei melhor depois **deste cavaco**, “tête-à-tête, - e há tanto que eu não cavaqueava. Abraça-o o seu amigo muito ag^{ido} António Nobre*⁴⁶

*Ontem não tive ocasião de escrever, e hoje não quero que esta carta se perca o correio. Não **tagarelo** mais, e mando-te a ti e aos queridos meninos mil e mil beijos, e outros mil ainda*⁴⁷

⁴² Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, datada de 1 de Junho de 1919, *Correspondência 1905-1922*, Lisboa, Assírio&Alvim, 1998, p. 284.

⁴³ Carta de Camilo Castelo Branco ao Dr. Rodrigo Beça, datada de 24 de Agosto de 1860, *Cartas Dispersas*, Porto, Campo das Letras, 2002, p. 36.

⁴⁴ Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, s/d, *Cartas de Camilo Pessanha*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 21.

⁴⁵ Carta de Sebastião da Gama a Luísa, 1944, Sebastião da Gama, *Cartas I*, Introdução, selecção e notas de Joana Luísa da Gama, Lisboa, Edições Ática, 1994, p. 57.

⁴⁶ Carta de António Nobre a José de Castro, escrita de Paris, a 23-11-1894, António Nobre, *Correspondência*, p. 216.

⁴⁷ Carta de Eça de Queiroz a D. Emília de Castro, 26 de Março de 1889, *Eça de Queiroz-Emília de Castro, Correspondência epistolar*, p. 166.

4. Carta - objecto

A materialidade da carta, silenciada na maior parte dos estudos do epistolar, parece-nos dever ser igualmente considerada. Antes de ser uma mensagem, a carta é um objecto que reconhecemos, que palpamos, que criamos e que só posteriormente endereçamos. Todorov questionou-se sobre a importância da materialidade da carta para a compreensão do sentido:

“Cet aspect de l'énoncé peut être appelé son aspect matériel; et il peut également modifier sa signification globale. Dans le cas de la lettre, cet aspect prend la forme d'une feuille de papier sur laquelle cette lettre est écrite, de l'encre, de l'écriture. On peut se demander dans quelle mesure faut-il tenir compte, dans l'étude de la signification des traits aussi contingents que le papier et l'encre; mais il est facile de s'apercevoir que, dans le cas contraire, une partie du sens des lettres serait passée inaperçue”⁴⁸.

Estas particularidades físicas permitem a personificação das mensagens, a escolha do suporte, da tinta, dos enfeites, dos sinais visuais que permitem amiúde reconhecer à primeira vista o destinador, apenas pelo envelope.

No seu ensaio sobre o discurso epistolar, Haroche-Bouzinac explica a importância deste tema recorrente:

“Certains motifs obligés de l'échange épistolaire tiennent à la matérialité même du message. Le choix du support est souvent commenté par le scripteur lui-même (pénurie, mauvais papier qui ne semble jamais à la hauteur du destinataire). La plume employée ou la couleur de l'encre, le lieu de l'écriture peuvent fournir matière à développements”⁴⁹.

⁴⁸ Tzvetan Todorov, *Littérature et Signification*, Paris, Éditions Larousse, 1967, p. 17, *apud* Suzanne Roy, *Sensualité et Épistolarité dans Lettres à Nelson Algren de Simone de Beauvoir*, Mémoire, Université du Québec à Montréal, 1991, p. 19.

⁴⁹ Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette, 1995, p. 60.

A carta enquanto objecto, e objecto de afeição, impele à sua conservação e como bem precioso e por vezes secreto (se falarmos do epistolar amoroso⁵⁰) a sua tangibilidade raia o fetiche. A sensualidade física da carta permite gestos que vão desde a leitura repetida à contemplação, do recato à exposição, do amachucar e rasgar ao acto mais extremo e desesperado de queimar.

Melançon vai mais longe ao defender o simbolismo corporal da carta, afirmando para justificar as diferenças com o correio electrónico, que a carta é:

“Le signe de son propre corps remis à l’autre.” Il s’agissait d’offrir et de recevoir symboliquement des corps. Ces corps, ces lettres incarnées, se substituaient au présent dysphorique de la séparation: nous ne sommes pas ensemble et nous souffrons de cela, mais nous pouvons nous toucher et lutter contre les outrages du temps, nous unir *par* le papier (il faut insister: pas seulement *sur* le papier) et rêver des retrouvailles”⁵¹.

Este *topos* da carta-objecto, que foi ao longo dos tempos desenvolvido, pode apreciar-se já nesta missiva de Garcia de Resende a D. Francisco de Castelo Branco, camareiro-mor de el-rei D. João III, quando não servia o ofício:

*Se as cartas não fossem cartas, muitas vezes escreveria a V. M., como desejo, mas porque o são, o não ouso de fazer, pois as não leva o vento, como palavras e plumas, antes se guardam tão bem, que a todo o tempo se pode pedir razão de como se escreveram e porque as escreveram.
Évora, 20 de Novembro de 1535*⁵².

É importante como objecto, expressão física dos sentimentos. Para além do papel, das estampilhas que se recortam e guardam religiosamente, a caligrafia é também motivo de apreciação:

Meu amigo e Senhor meu,

⁵⁰ Roland Barthes, nos seus *Fragments d’un Discours Amoureux*, Paris, Seuil, 1977, p. 205, escreve, a este propósito: «Tout objet touché par le corps de l’être aimé devient partie de ce corps et le sujet s’y attache passionnément».

⁵¹ Benoît Melançon, *Séigné@Internet: remarques sur le courrier électronique et la lettre*, Québec, Fides, 1996, p. 23

⁵² Garcia de Resende, “O Instituto”, vol. XV, 1872, p. 191, sobre o cód. C III/2-26 da Biblioteca de Évora, in Andrée Rocha, *A Epistolografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 71 a 76.

*A esta carta de V.M., de 24 de Abril, escrita de uma admirável letra, quisera fazer uma resposta muito familiar e tão sincera que nela veria V.M. a minha saudade, a minha veneração e aquela atenção grande com que trato o favor e amizade que devo a V.M., a quem peço creia não há instante em que não deseje a sua companhia.*⁵³

Os comentários relativamente à escrita da própria missiva e o desgosto que causa o desalinho na redacção consequência das intromissões e das interrupções involuntárias são também uma constante:

De farrapos vai também esta carta, escripta interrompidamente, no meio das contas do azeite e dos arranjos de sufficiente porção de água-pé, para metter no buxo a uns onze victimas que já trago na poda e na escava (...)

*O desalinho que, relendo juncto o que tenho escripto, encontro nas idéas e na phrase é o resultado da mistura sacrilega, feita num cérebro velho, da Immanencia com um sacco de trigo, da fraternidade com uma bacellada, do credito gratuito com um transporte de estrumes. Por força a cousa havia de sair assim*⁵⁴.

A conservação das cartas como documentos assume uma vital importância no caso da correspondência amorosa e pode, no caso da consagração de escritores, outrossim, desencadear movimentos de coleccionismo. Atente-se neste excerto de uma missiva de Alexandre Herculano a um amigo, A. F. Gomes de Amorim:

Amigo e Snr.

Por muitos annos da minha vida tive o systema de destruir todas as cartas que recebia e que não tinham utilidade para algum negocio da vida ordinária.

(...) Hoje que me vou fazendo velho e ruim, já guardo algumas cartas. Do Garrett conservava apenas aquella de que me fala e que lhe remetto e outra que ainda não pude achar, escripta quando, no meio de um grande desgosto, quis vir estar commigo uns dous ou três meses, resolvido, dizia elle, a retirar-se do mundo e a acolher-se à vida rústica.

(...) Estas duas cartas conservava-as como monumentos de estylo, daqule estylo elegante e aristocrático em que na historia literária do nosso país não tem, nem terá talvez nunca, emulo o grande poeta.

Se achar a outra carta, irá.

De V. S.^a Am^o e C.

*Ajuda, 1 de Novembro, 66*⁵⁵

⁵³ Carta de José da Cunha Brochado, 1 de Junho de 1698, pp. 26-27.

⁵⁴ Carta de Alexandre Herculano a Oliveira Martins, Val-de-Lobos, 25 de Dezembro de 1872, Alexandre Herculano, *Cartas, Tomo I*, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d, p. 232

⁵⁵ Alexandre Herculano, *Cartas*, Lisboa, Livraria Bertrand, tomo II, s/d, pp. 80-81.

Este topos da carta-objecto, da carta como dom, como objecto de prazer perpassa nas correspondências analisadas. Excluídas circunstâncias excepcionais, o conteúdo informativo dos textos epistolares é evocado, abordado, embora de forma não sistemática e mesmo elíptica.

O prazer da recepção, a satisfação do desejo, a consumação da presença (metonímica, é certo) configuram este dom.

A virtude suprema da carta-objecto é de suscitar uma espécie de hino à alegria⁵⁶: ao dizer a alegria de escrever e de ler cartas afirma-se a reciprocidade desse prazer que é uma das condições primeiras do pacto epistolar familiar.

O *leitmotiv* da carta “objecto de prazer”, “objecto de consolação” é amplificado por advérbios e epítetos que provam que o vínculo ao objecto é muitas vezes independente do seu conteúdo. É a virtude curativa que é evidenciada na designação dos teóricos que a designam como “mística carta-objecto”⁵⁷.

Esta facilidade de nos comunicarmos a miúdo dá-me um gosto incrível, faz-me bem á saúde e dá-me um saque forte à melancolia. Estou melhor; e, como no dia de anos de V.Ex.^a tive a consolação de receber uma carta sua, quando acabava de enfeitar-me, tive com isto uma espécie de ilusão agradável...⁵⁸

Recebi, hoje, batendo as palmas, a sua carta de 6. Enfim – se não que propriamente ainda um relatório, já, se m dúvida, uma carta pessoal.⁵⁹

E da carta-objecto à carta *fetiche* vai apenas um passo. Neste contexto da correspondência familiar e amigável, esta deve ser entendida como salutar e benéfica, sendo a fronteira entre a satisfação, o contentamento e a avidez de possuir e sentir, muito ténue. Uma explicação possível relaciona-se com a importância do sentido do tacto, na escrita e na leitura do texto epistolar. Lemos um texto, mas

⁵⁶ Cf. C. Dauphin, P. Lebrun-Pézérat, D. Poublan, *Ces Bonnes Lettres: une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin Michel, 1995, p.145.

⁵⁷ J. Lacroix, “Correspondance au XIX^e siècle, *La Correspondance (Édition, fonctions, signification)*, Actes du Colloque franco-italien, Aix-en-Provence, 5-6 octobre 1983, Université de Provence, 1984, p. 158.

⁵⁸ Carta da Marquesa de Alorna a seu pai, Marquesa de Alorna, *Inéditos, cartas e outros escritos*, p. 25.

⁵⁹ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 10 de Agosto de 1915, *Correspondência*, Vol. II, p. 58.

sentimos uma carta. Ao olhar, acresce a função digital. À mão cabe a primazia de escrever, no sentido físico do termo, ou seja, de traçar, imprimir no espaço virgem da folha, grafismos (e não é por acaso que o suporte material, a folha, o papel, destinado a receber o indizível seja, em algumas circunstâncias tão valorizado, quer pela sua textura, quer pela sua cor). Abrir a missiva, guardá-la, escrevê-la são gestos frequentes, reiterados, insistentes no sujeito. Mas é sobretudo pela apropriação que o tacto domina o epistolar: a carta como objecto de alucinação, emanção do outro é toda uma sinestesia: é coberta de beijos, é inundada de lágrimas, é lugar de recolhimento, de refúgio, de guarida, é aspirado o seu perfume, é compulsiva e impacientemente virada e revirada, é amarfanhada, rasgada, violada, queimada. A carta-objecto depende intimamente dos gestos.

5. Autoreferencialidade

Outra das rotinas presentes nas cartas familiares é referência ao próprio objecto discursivo, que designámos genericamente por autoreferencialidade. As cartas não revelam somente as modalidades da sua produção, não exibem só os procedimentos retóricos, falam de si próprias no próprio processo de circulação⁶⁰.

Na nossa sociedade, o envio de uma carta é geralmente considerado como um FFA, ou seja, a *Face Flattering Act*, como uma acção “bienfaisante”, valorizando-se, à luz da teoria da delicadeza, o estabelecimento do contacto e penalizando a ausência do mesmo⁶¹.

A irregularidade da minha vida epistolar provém de que eu penso sempre as minhas cartas antes de as escrever. E como as penso inteiras, acabadas, desde a data até ao seu e.c., fico com a ilusão física de que as escrevi, as sobrescreitei, as estampilhei. Daí certo espanto quando os amigos se queixam do meu silêncio, da minha negligência – porque eu, pelo pensamento (e só o pensamento é uma realidade), sou, na minha correspondência, tão activo como Cícero, quase como a Sévigné.

⁶⁰ Cf. C. Dauphin, P. Lebrun-Pézérat, D. Pouban, *Ces Bonnes Lettres: une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin Michel, 1995, p.155.

⁶¹ Cf. Catherine Kerbrat-Orecchioni, « L'interaction épistolaire » in *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp. 15-36.

*Hoje, porém, à cautela, escrevo antes de pensar, porque também sinto saudades suas e o desejo de conversar.*⁶²

6. Ecos: Modalidade Recapitulativa

A referência a uma carta ou a um acontecimento antecedente ou concomitante é uma das principais modalidades do epistolar. A retoma e a reformulação diafónicas (Cf. Roulet 1985:71)⁶³ de missivas recebidas através da apropriação do discurso do outro que pode fazer-se através da citação propriamente dita ou da da integração comentada e da reformulação.

Consideraremos a retoma e a reformulação enunciativas como um caso particular de diafonia e utilizaremos, a este propósito, a noção de diafonia da Escola de Genève, definida como um caso particular de voz no enunciado, ou seja, a retoma do discurso do interlocutor no discurso do locutor. Consiste “à reprendre et réinterpréter dans son propre discours la parole du destinataire, pour mieux enchaîner sur celle-ci”⁶⁴. Esta retoma diafónica, característica do discurso epistolar, opõe-se à simples citação de palavras, pois supõe as prévias leitura e interpretação.

A escolha das estruturas diafónicas constituem traços privilegiados na negociação subjacente a qualquer interação. Esta noção de diafonia está estritamente ligada com os estudos de heteroreformulação, com a composição de enunciados reactivos e, conseqüentemente, com mecanismos de teor argumentativo.

Como afirma Kerbrat-Orecchioni, “la fonction de ces reprises est toujours de raccorder la lettre que l’on entreprend d’écrire à un courrier antérieur de son correspondant, séparé de l’actuel par un laps de temps plus ou moins long: elles nous rappellent fort opportunément que si la lettre est un texte monologal (qui peut

⁶² Carta de Eça de Queiroz a Domício da Gama, 26 de Setembro de 1899, *Cartas de Autores Portugueses*, p.15

⁶³ Eddy Roulet et al, *L’articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang, 1985, p. 71.

⁶⁴ *ibid.*, p. 71.

mimer le dialogue par des procédés de diaphonie fictive tels que “Quel long silence me diras-tu...”), ce texte est normalement conçu pour venir s’insérer dans une série, c’est à dire dans un véritable échange dialogué (ou dialogale)”⁶⁵.

Este início da missiva endereçada por Alexandre Herculano ao Duque de Palmella, em 5 de Maio de 1863, ilustra este mecanismo de retoma:

*Não creio ter-lhe dado motivo para supôr em mim quebra da nossa boa, singela e velha amizade; digo isto, porque sinto nas palavras da sua carta o que quer que seja que denuncia suspeitas a tal respeito*⁶⁶.

Nesta carta de Damião de Góis a Nicolau Clenardo, escrita de Pádua em 1537, está presente o *topos* enunciado, recusando implicitamente o epistológrafo a crítica do seu correspondente e prometendo prestar mais atenção à escrita de ulteriores missivas:

*Qualquer, porém, que haja sido a tenção de vosso lado, confesso-me muito obrigado pela dedicação vossa para comigo e protesto-vos rendidos agradecimentos. A vossa advertência foi-me não só imensamente grata, mas também agradabilíssima. Doravante escreverei com mor reflexão:
“Pôs-me a invida natura apertados limites,
E exíguas forças deu ao meu engenho”
Além disso, sou, por fragilidade do meu próprio ser, de tais repentões que as mais das vezes fecho uma carta sem a corrigir e até lhe passar rápida leitura sequer, em especial as que envio aos amigos que têm conhecimento das origens e processos da minha instrução*⁶⁷.

A retoma da carta antecedente serve de início a esta carta do Cavaleiro de Oliveira para tecer considerações diferentes das do seu correspondente:

*Amigo do coração.
Dizeis no vosso discurso que tendo as mulheres o entendimento muito mais débil que o nosso, são as que pela maior parte cometem o erro de descarregar os efeitos da sua cólera sobre as coisas inanimadas, e que são as únicas pessoas que, sempre que podem executar a vingança, não reparam em que o objecto dela seja capaz ou incapaz de sensibilidade.(...)*

⁶⁵ Catherine Kerbrat-Orecchioni, «L’interaction épistolaire» *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 30.

⁶⁶ Alexandre Herculano, *Cartas*, Tomo II, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d, p. 90.

⁶⁷ Carta de Damião de Góis in Amadeu Torres, *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana, I As Cartas Latinas de Damião de Góis*, Introdução, Texto Crítico e Versão, Braga 1979, p. 300.

Espero que não recebais a minha advertência como crítica, e espero que mostreis esta carta a Mademoiselle Genovera, para que se persuada, como sempre lhe digo, que defendo no que sei a igualdade que se encontra nos defeitos de ambos os sexos. Viena de Áustria, em 21 de Maio de 1736⁶⁸.

7. Temporalidades múltiplas

O tempo é, no discurso epistolar, um elemento complexo que pode congrega, no seio de uma mesma missiva, diferentes temporalidades: o tempo da escrita, o tempo do envio, da recepção, da leitura, da releitura. O tempo está implícito à carta, tornando-se também um objecto discursivo da escrita epistolar.

Se a datação da missiva corresponde ao momento preciso da escrita (o que nem sempre se verifica num intervalo de tempo regular), sobrepõe-se outro momento que é o da leitura, seguido o do transporte postal. Segue-se a espera que motiva a postura de recepção e impele à escrita. Como afirma Haroche-Bouzinac, “tout auteur de lettre sait que le présent de l’écriture correspond au futur de la réception” (1995: 77). Através da correspondência, o tempo torna-se frequentemente um elo de ligação ao outro, na delonga do tempo unificador, na rememoração, na nostalgia e na lembrança de momentos *in prasentia*.

Meu querido José

Tive grande pena de não te escrever no paquete de dezasseis. Só depois, falando com o teu irmão, soube que havia sempre naquele dia mala⁶⁹.

Meu querido amor

Parece que o tempo, de repente, aumentou ainda mais a sua costumada lentidão. A 4 dias de sete meses disto – cada vez me custa mais este martírio, a que não vejo, não vejo fim⁷⁰.

⁶⁸ Carta de Francisco Xavier de Oliveira (por antonomásia Cavaleiro de Oliveira), *Cartas Familiares*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982, p. 49-50.

⁶⁹ Carta de Camilo Castelo Branco a José Cardoso Vieira de Castro, Camilo Castelo Branco *Correspondência Epistolar*, Tomo II, 1968, p.133.

⁷⁰ Carta de António Lobo Antunes, *D’este viver aqui neste papel descripto*, *Cartas de Guerra*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2005, carta a sua mulher, escrita de Gago Coutinho a 2.8.1971, p.257.

8. Pacto Negocial

Raros são os estudos no âmbito da linguística textual que conferem uma importância significativa à noção de pacto⁷¹. Esta noção, inspirada da noção de “pacto autobiográfico” que emerge das análises de Philippe Lejeune⁷², foi claramente retomada por Janet Altman, por Vincent Kaufmann⁷³ e por Jean-Louis Cornille⁷⁴. Como observa Altman, o parâmetro básico é a noção de pacto epistolar:

“What distinguishes epistolary narrative from these diary novels, however, is the desire for *exchange*. In epistolary writing the reader is called upon to respond as a writer and to contribute as such to narrative. I insist upon the fact that the reader is “called upon” to respond”⁷⁵.

A esta procura da reciprocidade, a autora acrescenta a definição de pacto: “To a great extent, this is the epistolary pact – the call for response from a specific reader within the correspondent’s word”⁷⁶.

Por sua vez, Kaufmann explora o conceito de pacto de intimidade quando aprecia a correspondência entre Valéry e Gide, mostrando como a proposta secreta de confiança entre ambos criava, de uma forma bizarra e deliciosa, uma forma de escrita epistolar, poética sobretudo, que configurava a tal noção de contrato⁷⁷.

⁷¹ Paradoxalmente, no âmbito dos estudos literários, multiplicam-se as abordagens desta noção de pacto.

⁷² Philippe Lejeune, *Le Pacte Autobiographique*, Paris, Seuil, 1975.

⁷³ Vincent Kaufmann, *L'Équivoque Épistolaire*, Paris, Éditions de Minuit, 1999.

⁷⁴ Jean-Louis Cornille, “L’assignation. Analyse d’un pacte épistolaire”, in Jean-Louis Bonnat e Mireille Bossios (ed.), *Écrire. Publier. Lire. Les Correspondances (Problématique et économie d’un genre littéraire). Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, Publications de l’Université de Nantes, 1983, pp. 25-52.

⁷⁵ Janet Altman, *op. cit.*, p.89.

⁷⁶ *ibidem*, p. 89.

⁷⁷ Repare-se na iniciativa de Gide quando define as regras do pacto de intimidade: “ (...)J’aimerais dire avec vous ce que je ne puis dire avec d’autres et que pour vous il en soit de même. Par exemple, comme il me semble vous me le proposez, chacune de ces lettres serait quelque subtil paysage de l’âme, plein de frissonnantes demi-teintes et de délicates analogies s’éveillant comme des échos aux vibrations des harmoniques(...)16 janvier 1891, *apud* Vincent Kaufmann, *op. cit.*, p. 159.

Na esteira dos trabalhos realizados sobre as rotinas verbais, duas acepções emergem para explicar esta isotopia que aprisiona e sufoca o discurso epistolar. A primeira, usual no século XVIII, é a noção de comércio epistolar, baseada na noção de contrato: as trocas de missivas devem fazer-se com regularidade, as cartas devem ser longas, detalhadas, sinceras, estabelecendo, assim, que cartas respondidas a tempo e horas conferem o estatuto de bom epistológrafo.

Haroche-Bouzinac, por seu turno, ao explorar a correspondência familiar de Voltaire, retomou a noção de pacto, estipulando duas premissas de obrigatoriedade para que este se cumpra: a obrigação da regularidade entre os correspondentes e a recusa do silêncio ou dos atrasos. Neste sentido, e porque “(...) le commerce épistolaire se remet mal des silences. Aussi quelques fois certaines lettres ne sont écrites que pour habiter cet espace vide entre les correspondants”, é necessário cumprir as regras do pacto que se exprimem geralmente nos extremos das *mandadeiras*, ou seja, aparecem, regularmente, em lugar de destaque, de modo a recordar as intenções dos parceiros da troca epistolar. O não cumprimento do pacto da regularidade pode acarretar consequências negativas, porquanto o silêncio é virtualmente portador de uma ideia de negatividade e mesmo de intranquilidade. Esse pacto cria uma obediência que os próprios correspondentes anunciam:

9 Holles St.

Cavendish Square

London, 19 Outubro, 1885

Minha querida Emília

Hoje não tive carta sua – apesar daquela obediência de que ontem tanto se gabava – obediência ao meu desejo de receber todos os dias algumas linhas de Vossa Excelência. Pecado, grande pecado, gabar-se a gente ostentadamente de virtudes – que não tem! E fez-me falta a sua carta, cheer up, porque estou em pleno estado melancólico. [...] José ⁷⁸

Estou-lhe em dívida já há bastante tempo. Se não fosse confiar na bondade do credor seria com verdadeiras apreensões que hoje lhe iria falar, mas conheço-o há tanto tempo que me não falece o ânimo ainda. As suas cartas são-me em extreme agradáveis; fala-se muito nelas em coisas do

⁷⁸ Carta de José Maria Eça de Queiroz a D. Emília de Castro, Eça de Queiroz Emília de Castro, *Correspondência Epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, Porto, Lello Editores, 1996, carta 29, p. 89.

coração e eu, por enquanto, fraqueza própria da idade, ainda não pude habituar-me a fazer menos caso deste simpático órgão, tão desprezado hoje em dia”⁷⁹

Arriscamos, todavia, a noção de pacto negocial, porque consideramos existir neste tipo de comunicação, para além da enraizada noção de pacto epistolar que anteriormente explicitámos, quando apresentámos o modelo AICE (ver parte II, cap. II), novos conceitos que estruturam o campo semântico da negociação: os epistológrafos são devedores ou credores na troca, contam as cartas, pagam as suas dívidas respondendo e desculpando-se e reclamam as suas dívidas. Desta colagem da correspondência a uma negociação, onde a carta é entendida como uma moeda de troca, uma nota de crédito ou um reconhecimento do pagamento da dívida, emerge a lógica e o princípio da equidade que se fundamentam num princípio natural (assim o desejaríamos!) da reciprocidade universal.

Tendo sido recentemente publicada a escassa correspondência entre António Gedeão e Jorge de Sena, serve, contudo, a contemporaneidade da mesma, para provar da actualidade deste *topos* epistolar, em que se penitencia o poeta da sua falha de cumprimento do pacto:

22-Fev.1996

Lisboa

Meu caro Jorge de Sena

Já lhe devo carta há muito tempo, o mais que suficiente para me envergonhar da demora. Os dias e os meses passam tão depressa e as exigências da vida são tão prementes que, sem dar por isso, me encontro em falta para consigo.

*Rómulo de Carvalho*⁸⁰

Esta carta de Feliciano de Castilho para o seu amigo Camilo Castelo Branco, para além de acusar a falta de carta, que contrasta com os hábitos do contrato de amizade entre ambos que os levava a corresponderem-se com intensa regularidade,

⁷⁹ Carta de Júlio Dinis, Ovar, 17 de Junho de 1863, *Cartas e Esboços Literários*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1979, p. 56.

⁸⁰ Carta de Rómulo de Carvalho a Jorge de Sena, António Gedeão, *Obras Completas*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004, p. 322.

avança com algumas hipóteses que poderão porventura justificar essa ausência e termina reclamando de novo a sua dívida:

Meu caríssimo Camillo

Andava tão mimoso de cartas suas que principio a ter cuidados por não as receber há tantos dias. Lembra-me se estará doente; se estará algum dos seus filhos; se a sua enfermeira pioraria; se a ferida do braço do Ramalho tomaria mau caminho; e isso o terá encarcerado ao pé d'elle.[...]

Seja o que for, se receber esta, peço-lhe que em trez ou quatro linhas me diga, o como passa e todos os seus, e bem assim se recebeu os dois folhetos que pelo correio lhe dirigi para o Porto;

De V. Ex.^a

O mesmíssimo que sempre

A.F.C.

14 de Fevereiro de 1866⁸¹

Ou noutra, igualmente, de António Feliciano de Castilho, em que a falta na assiduidade da escrita epistolar entre ambos desencadeia um estado doentio que leva a que o emissor peça, repetidamente, uma resposta, e através desta, ajuda urgente para sair da solidão e da desilusão de não saber novas do amigo:

Meu caro Camillo

Acuda-me com uma cartinha sua; tenha dó do amigo que vive n'esta solidão, quasi já sem se atrever a aventurar um passo fora d'ella. Diga-me como, e por qué, desappareceu d'aqui tão de repente, sem me dar tempo, sequer, de ir abraçal-o.

[...]

Remedeie-me este triste e vergonhoso mal, escrevendo-me e dando-me boas novas de si, dos seus trabalhos, e da sua gente. [...]

Mas escreva-me, e escreva-me logo, que bem sabe que sou e devo ser

Seu

Muito amigo

Castilho

18 de Julho de 1868⁸²

Na Carta de Eça de Queiroz a Luís de Magalhães podemos perceber, de novo, esta noção de dívida epistolar, aqui reconhecida sem preconceito:

⁸¹ Carta de António Feliciano de Castilho, *Castilho e Camillo, Correspondência trocada entre os dois Escriitores*, prefácio e notas de João Costa, Inéditos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, pp. 76-77.

⁸² *Ibidem*, pp. 223-224.

Paris, 12 de Agosto de 1891

Meu querido Luís,

Estou **em dívida** a duas cartas suas – que ambas me encantaram por ver que a nova empresa caminha, e que Você põe nela tanta actividade e interesse.

[...]

Eça de Queiroz⁸³

Referida a importância da contagem das cartas, como se de um negócio tradicional se tratasse, esta referência abunda sobretudo na correspondência amorosa em que os correspondentes se escrevem não só com uma elevada frequência, mas sobretudo relatando, com minúcia, por vezes despropositada, vivências do quotidiano.

Segundo Melançon, “la correspondance est représentée, dans la lettre, comme un système où l’actif (de soi) est toujours déficitaire du passif (de l’autre), où la demande excède douloureusement l’offre”⁸⁴.

O primeiro parágrafo desta carta de D. Emília de Castro a seu marido ilustra esta obsessão:

Neuilly, 21 maio, (1892) – Sábado

Meu querido José

Comunicar com o meu esposo pelo meio de um bico de alfinete, e de papel microscópico, parece ser o cúmulo do azedume e da má vontade – mas felizmente nem sempre é – no meu caso é apenas o resultado de estar chegando ao fim duma caixa de bicos de pena que te furttei; e ao fim da minha coleção de papel.

(...) A respeito do teu número de cartas, quero contudo rectificar o teu juízo; não fiz nenhuma confusão com a data da tua penúltima carta, não me escreveste 4 do Porto, pela simples razão que desde a tua partida recebi 5 ao todo, contando com a de hoje, não me engano, tenho-as todas diante dos olhos, com as datas e umas seguindo as outras.

(...)

Tua Emília⁸⁵

⁸³ Eça de Queiroz, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 241.

⁸⁴ Benoît Melançon, *Diderot Épistolier: Contribution à une Poétique de la Lettre Familière au XVIII^e siècle*, Québec, Éditions Fides, 1996, p.182.

⁸⁵ Carta de D. Emília de Castro a José Maria Eça de Queiroz, *Eça de Queiroz - Emília de Castro, Correspondência Epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, Porto, Lello Editores, 1996, carta 307, pp. 374-375.

É, pois, inevitável reconhecer a importância configuradora e a ampla difusão destes *topoi* nas correspondências familiares que espelham o carácter repetitivo das temáticas que se mantêm invariáveis ao longo dos séculos.

Conclusão

Seguindo a mesma tradição gizada na Primeira Parte, estruturámos esta parte da dissertação seguindo um percurso que se desenvolveu partindo da recensão teórica para passar posteriormente à aplicação prática do modelo proposto.

Assim, procedemos à análise das principais teorias da comunicação, destacando aquelas que marcaram a história destes modelos, tendo-se imposto este resenha histórica pelo facto de considerarmos que o epistolar deve ser analisado sob esta perspectiva comunicacional.

Destacámos as teorias interaccionistas, intimamente ligadas aos trabalhos de Palo Alto, dado o seu enfoque específico nas estratégias relacionais e privilegiámos igualmente as teorias etnometodológicas que, partilhando alguns princípios metodológicos das interaccionistas, valorizam, a partir do estudo das situações em interacção, o carácter ritual dos eventos comunicativos.

Este suporte teórico permitiu-nos inferir da importância de uma análise interaccional dos textos de comunicação.

Neste sentido e, dada a limitação das teorias do epistolar e das teorias da comunicação, concebemos e formalizámos o nosso modelo de análise que detalhadamente dilucidámos no capítulo 2.

Procedemos, seguidamente, à validação do modelo, em duas fases distintas: numa primeira, procedemos à análise de textos epistolares, versando duas temáticas distintas: cartas de amor e cartas de condolências. Num primeiro momento, analisámos a correspondência amorosa de Fernando Pessoa e, num segundo momento, explicitámos as rotinas presentes nas cartas de condolências.

Esta primeira validação confirmou a necessidade de proceder à sistematização das rotinas verbais, configuradoras do género epistolar.

Com efeito, constatado o carácter ritualizado de determinadas sequências, estabelecemos para cada uma – rotinas de abertura, de pré-fecho e de fecho – a sua estrutura prototípica. O método qualitativo de todo os *corpora* epistolar recolhido e

consultado ditou as escolhas de exemplos adequados e pertinentes, elucidativos das estratégias enunciadas.

Por fim, definido o conceito retórico e pragmático de *topos*, procedemos à apresentação dos principais *topoi* que reiteradamente se manifestam na correspondência familiar.



Metsu, Gabriel
The Letter-Writer Surprised
1662
Oil on wood
Wallace Collection, London

Introdução

«Le temps change toute chose: il n'y a aucune raison pour que la langue échappe à cette loi universelle.»

Ferdinand de Saussure

«L'utilisation de la machine modifie notre discours et ainsi notre façon de communiquer avec autrui. Je pense que le verbe néologique 'médier' serait plus approprié que celui qui existe en français, 'médiatiser', car la communication par ordinateur est véritablement 'médiée' (au sens de la médiation de Vygotsky), et pas simplement médiatisée'. (...) L'ordinateur serait alors le médiateur qui modifierait indirectement le discours; il induirait la création d'autres formes, d'autres « genres » de discours.»

R. Panckhurst, 1998a

«Plus grande invention dans le monde de la communication personnelle depuis le téléphone, l'e-mail, au cœur de cette mail connexion, est en passe de devenir le moyen de communication sociale incontournable du siècle qui commence»

Cécile Moulard, *Mail Connexion: la conversation planétaire*, 2005

Fascinante, mas profundamente inquietante, o mundo da comunicação electrónica representa um avanço prodigioso, colocando paradoxal e concomitantemente problemas vários, de ordem linguística, sociológica e cultural.

Nesta terceira parte da investigação, dedicada ao correio electrónico, pretende-se contribuir para o desenvolvimento que incide sobre comunicação electrónica, identificar as especificidades dessa comunicação: escrita própria de uma comunicação imediata, síncrona ou quasi-síncrona, caracterizada por um grau elevado de interactividade, com fortes influências de oralidade.

A reflexão sobre novas formas de comunicação electrónica poderá contribuir para compreender a importância da introdução precoce dos suportes electrónicos de comunicação e, posteriormente, fomentar a apropriação correcta e progressiva de

formas diferentes de organização da linguagem escrita, incentivando e estimulando a “escrita em interação”.

No campo das ciências da linguagem, muitos são os estudos que têm surgido sobre as características da comunicação mediada por computador. Importa, contudo, *ab initio*, balizar este vastíssimo campo para, posteriormente, nos determos no domínio das mensagens electrónicas mediadas por computador (vulgo *emails*), dadas as semelhanças que descortinámos com os textos epistolares anteriormente analisados.

A designação “comunicação electrónica” engloba diferentes formas de comunicação (*vide* quadro 2, p. 363). Trata-se de interações em que as mensagens escritas, libertas dos seus suportes e ferramentas tradicionais, graças à codificação numérica, são veiculadas e transmitidas através de redes telemáticas.

Contraria-se, pois, a ilusão de que o género epistolar teria entrado em decadência na segunda metade do século XX até aos anos noventa, anos estes marcados pelo aparecimento das mensagens electrónicas. Com efeito, inicialmente destinadas a uma utilização profissional em ambiente científico e académico, as mensagens electrónicas rapidamente ultrapassaram este ambiente sócio-profissional para se tornarem, na actualidade, em um dos serviços mais difundidos e mais utilizados na rede internet.

Partindo da premissa que o correio electrónico privado é uma forma discursiva, manifestação específica do género epistolar, propomo-nos defender a tese da pertença a um género, respeitando um conjunto de códigos técnicos e sócio-culturais, de convenções linguísticas e discursivas, catalogando-o como género epistolar electrónico. Não obstante a sua dimensão de prática quotidiana, cada vez mais difundida e diversificada, são poucos os estudos teóricos que, neste âmbito, abordem questões linguístico-discursivas. Importa, por isso, despoletar a discussão e rebater as teses que defendem o electrónico como um género diferente [Melançon (1990) e Ivanova (1999)], posição dificilmente conciliável com o género epistolar tradicional, invocando uma proximidade do telegrama e desprezando, em absoluto, a razão pragmática que preside às duas, assaz distintas, situações comunicativas:

“Notamment avec le courrier traditionnel, on observe un mariage difficile, voire une incompatibilité absolue”, afirma Ivanova (1999: 12).

O objectivo será, pois, mostrar a filiação epistolar e estudar as continuidades e as rupturas que configuram esta escrita electrónica.



Vermeer, Jan
Woman in Blue Reading a Letter
1663-64
Oil on canvas
Rijksmuseum, Amsterdam

Capítulo 1

Capítulo 1 - Para uma Breve História do Correio Electrónico

1. A @ventura digital¹ : a construção da nova interactividade

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) é a tradução literal de *Computer Mediated Communication*, expressão corrente utilizada na comunidade anglo-saxónica para designar, por um lado, as interacções a distância efectuadas através de computadores em rede e, por outro, o domínio de investigação consagrado a este modo de comunicação, em articulação com outros domínios, tais como as ciências da comunicação, a pragmática, a sociologia, a análise do discurso, entre outros. Para uma abordagem geral dos trabalhos sobre CMC vejam-se Lea 1992, Herring 1996, Ess 1996, Jones 1995, Shields 1996, Turkle 1995.

Nos últimos anos, tem-se assistido a uma polémica sobre a expressão a utilizar, testemunhada nos múltiplos artigos publicados na revista bilingue *online*, *Electronic Journal of Communication/Revue Électronique de Communication*, de entre os quais destacamos o artigo de Susan Herring (1996), intitulado “*Computer-mediated discourse analysis*”, cuja correspondente título, em francês, surgiu de forma assaz diferente: “*Analyse du discours assisté par ordinateur*”. Considerou-se, porém, que o termo “assistido” não era o mais adequado, pois remetia para processamentos automáticos da linguagem e para outros domínios conceptuais de tratamento linguístico, no âmbito da engenharia informática. Efectivamente, o computador *assiste* o homem apenas na medida em que permite a transferência de mensagens entre computadores em rede (restringe-se ao diálogo pessoa-máquina que é despiciendo nesta área de investigação), pois o que é importante realçar é que ele se constitui como *medium* - o que está *no meio* e que permite a interacção entre actores sociais. Ciente da importância da mediação, Panckhurst (1997: 56 e seg.)² adoptou a forma verbal

¹ Este título e, particularmente esta grafiada palavra “@ventura” foi-nos inspirada pela leitura do primeiro capítulo da obra de Cécile Moulard, *Mail Connexion, op. cit.* p. 15.

² Rachel Panckhurst, “La communication “médiatisée” par ordinateur ou la communication “médicée” par ordinateur?”, *Terminologies Nouvelles* n.º. 17, Dezembro 1997 pp. 56-58.

“*médier*” para estas novas formas de comunicação, justificando a escolha desta forma neológica (em francês) com base em explicações morfológicas (a morfologia derivacional e flexional permitem esta formação) e, sobretudo, invocando as reflexões de Vygotsky³ sobre a mediação semiótica, ponto crucial da sua teoria.

Os estudos teóricos sobre CMC permitem evidenciar algumas especificidades: o carácter híbrido entre oralidade e escrita, a complexidade do quadro comunicativo das interacções e a importância paradoxal atribuída à dimensão relacional.

Com a invasão, pelos meios electrónicos, do nosso quotidiano, criou-se uma nova dinâmica nas relações comunicativas, o que induz a pensar a noção de interactividade como um conceito que, apesar de pleonástico, está indelévelmente associado ao de comunicação⁴. Refira-se que esta noção de interactividade é tributária do paradigma cibernáutico lançado por Norbert Wiener⁵. No caso dos *media* interactivos e, retomando o conceito de “mise en scène des individus en situation interactionnelles”, poder-se-á considerar que existe uma “mediatização” do *eu* a partir dos diferentes papéis que são desempenhados. Assim, corroboramos as ideias de Brenda Laurel e de Brenda Danett⁷ que consideram o ecrã interactivo como um palco teatral ou mesmo um teatro de marionetas em que, descodificando a metáfora teatral, estamos perante actores que, pelos actos que produzem, neste caso, pelos textos que concebem e redigem, accionam essa interactividade. É importante reter que o que torna o *medium* interactivo não é a velocidade do contacto, nem a densidade da arborescência, nem a complexidade dos seus algoritmos, mas sim a capacidade de produzir, fomentar e estimular a comunicação.

³ L. S. Vygotsky, *Pensée et langage*, Paris, Terrains, Éditions Sociales, 1985, p. 12.

⁴ Vincent Mabillot, “Les proximités de l’interactivité”, *Communications & Langages*, n.º. 138, Dezembro 2003, p. 105 e seguintes.

⁵ Norbert Wiener, *Cybernétique et Société*, Paris, UGE, Collection “10/18”, 1954.

⁶ E. Goffman, “La présentation de soi”, *La Mise en Scène de la Vie quotidienne*, 1, Paris, Éditions de Minuit, 1973.

⁷ Brenda Laurel, *Computer as a theatre*, New-York, Allison & Wesley, 1993 e Brenda Danett, “Playfull Expressivity and Artfulness in Computer-mediated Communication”, “General introduction”, in *Play& Performance in Computer-mediated Communication*, JCMC, Department of Sociology and Anthropology, Department of Communication and Journalism, Hebrew University of Jerusalem, Vol. 1, N.º. 2, 1997.

Quando pensamos na noção de proximidade, evocamos os trabalhos de T. Hall⁸ que demonstrou como as distâncias entre as pessoas caracterizam e fundamentam a disposição para a interacção, em função de uma proximidade afectiva e dos constrangimentos sócio-culturais. Com base neste pressuposto, Hall estabelece quatro distâncias: íntima, pessoal, social e pública, defendendo que a qualidade da relação entre os indivíduos está estritamente relacionada com a adequação e o respeito das distâncias.

Na interacção epistolar electrónica distinguiremos três situações de proximidade entre os interlocutores:

- uma situação em que há um conhecimento pessoal anterior à interacção electrónica;
- outra situação distinta em que esse conhecimento é ulterior à interacção electrónica;
- outra, enfim, situação em que os interlocutores se desconhecem.

No primeiro caso, se os interlocutores se conheciam pessoalmente, a situação de comunicação interactiva constituir-se-á como um prolongamento, “uma prótese operacional” (Mabillot 2003: 118) da comunicação presencial, adiada ou impossibilitada naqueles momentos.

Quando o encontro pessoal é posterior à comunicação em meio interactivo, conservar-se-ão as formas interactivas praticadas (nomeadamente, as formas de tratamento). Os utilizadores podem libertar-se de algumas restrições que se tenham imposto previamente, podem ampliar ou reduzir a empatia criada, podem, de forma coerente, exhibir a mesma conduta ou, como de resto é muito frequente, a rede pode funcionar como um “não-lugar”, uma máscara que permite que os tímidos se exponham a ponto de se exibirem como muitíssimo conversadores e extrovertidos.

Quando os interlocutores se desconhecem e o encontro é imprevisível prestam maior atenção aos sinais de legitimação, ampliam as fórmulas de delicadeza

⁸ T. Hall, *La Dimension Cachée*, Paris, Éditions du Seuil, 1971.

e recorrem a formas mais continuadas para estimular a interactividade e a proximidade, ajudando à co-construção relacional.

David Crystal, na abertura da sua obra mais recente *Language and the Internet*, apresenta três curtas interrogações⁹ que espelham as inquietações mais generalizadas que a Internet suscita: a primeira reporta-se ao medo constante de que a Internet promova o fim da diversidade linguística, impondo o totalitarismo anglo-saxónico; a segunda reflecte a preocupação com a crescente proliferação de novas fórmulas aqui designadas de indelicadeza e a terceira reconhece o impacto negativo deste tipo de comunicação sobre a norma linguística. É comum encontrar, na literatura sobre esta temática, o reconhecimento dos benefícios tecnológicos trazidos pelo surgimento e expansão da rede, a constatação das potencialidades comunicativas e sociais que esta despoleta. Todavia, logo após estes dois louvores comedidos, expressam-se sempre muitas reticências, que vão, desde o direito à privacidade, à segurança, à propriedade intelectual (dúvidas estas, expostas sobretudo por sociólogos e juristas), até aos fantasmas e aos maus presságios decorrentes da progressiva dificuldade na correcção da escrita que, segundo muitos, conduzirá rapidamente à degradação do sistema linguístico.

Crystal explica serenamente que estes temores que acompanham o nascimento de uma nova tecnologia de comunicação não são, de todo, novos. Já no século XV, a chegada da imprensa foi considerada pela Igreja como uma invenção de Satanás, dado que a hierarquia eclesiástica receava que a difusão das ideias censuradas provocasse uma ruptura na ordem social. Sensivelmente quatrocentos anos mais tarde, as mesmas reservas foram colocadas à chegada do telégrafo, do telefone e das tecnologias de radiodifusão: o telégrafo destruiria a família e fomentaria o crime, o telefone iria aniquilar os elos sociais e a radiodifusão seria a voz e o veículo da propaganda política subversiva¹⁰.

Neste último decénio, é possível fixar alguns marcos de referência na evolução do correio electrónico, partindo da observação desta prática do

⁹ Eis as interrogações de Crystal: 1. *Supondrá Internet, un campo dominado por el inglés, el fin de otras lenguas?* 2. *Un e-mail silencioso: los sussuradores del teléfono móvil.* 3. *Un pleogro de primer orden para la humanidad.*

¹⁰ Estes paralelismos constam da obra de Tom Standage, *The Victorian Internet*, New Haven, Phoenix Press, 1999.

quotidiano. *A priori*, a perspectiva de poder contactar com um ou vários interlocutores através de uma operação simples apenas apresenta vantagens. Basta contrastar a simplificação, a eficácia e a eficiência que esta técnica de transmissão e difusão permite relativamente a tecnologias anteriores como o fax ou o telefone. No entanto, uma das primeiras consequências é o número considerável de mensagens electrónicas que são enviadas e recebidas no quotidiano e que despoletam um sentimento de sobrecarga, de excesso, ou seja, desencadeiam a impressão de se estar imerso num fluxo imenso de comunicação que constantemente acelera, nos invade e nos domina. E, na história mais recente desta nova tecnologia, surgem as manifestações de resistência, revelando mecanismos de defesa pelos quais muitos interlocutores já seleccionam as mensagens que recebem, lendo-as apenas quando conhecem ou identificam a fonte emissora. Com efeito, actualmente há um elevado número de mensagens electrónicas que não são lidas e que são automaticamente apagadas.

A revolução provocada pelo sucesso meteórico da comunicação electrónica assume, segundo Lucien Rapp¹¹, duas vertentes: a revolução quantitativa, dado serem diariamente trocados cinco biliões de mensagens de correio electrónico e simultaneamente uma revolução qualitativa. A expansão da comunicação electrónica altera significativamente as formas quotidianas de relacionamento: a comunicação é mais intensa (escrevemos mais mensagens electrónicas do que cartas), é mais directa (o correio electrónico favorece a espontaneidade e activa o espírito de síntese), é menos comprometedora (a forma electrónica não veicula a solenidade epistolar nem a partilha afectiva da comunicação telefónica). Há, contudo, uma consequência, a nível sociológico, sobre a qual urge reflectir: ao passo que o correio electrónico se vulgarizou nas ditas sociedades ocidentais e, particularmente, em determinados estratos socioprofissionais (estudantes, comunidade científica, centros empresariais, entre outros) subsistem fortes razões que promovem e acentuam a injustiça da fractura social que opõe estas comunidades “desenvolvidas” às “info-excluídas”.

¹¹ Lucien Rapp, *Le Courrier électronique*, Paris, PUF, 1998, pp. 3-5.

2. O correio electrónico e outras formas de CMC

Tornou-se um lugar comum, mas é imperioso dizê-lo: assiste-se a uma verdadeira explosão de novas formas de comunicação mediada por computador, novas formas escritas: sítios web, correio electrónico, fóruns, chats, mensagens instantâneas, blogues, SMS, o que mostra que as previsões alarmistas dos anos 80 e 90 que prognosticavam o desaparecimento da escrita com a invasão dos meios tecnológicos estavam rotundamente erradas: nunca se escreveu tanto como na actualidade.

Quando se fala de comunicação mediada por computador, importa sucintamente distinguir a multiplicidade de formas e o carácter heterogéneo de que se podem revestir, constatada a dimensão planetária do potencial social e comunicativo que a revolução electrónica despoletou.

Quando falamos de CMC, referimo-nos essencialmente a cinco dispositivos tecnológicos de informação e comunicação: um dispositivo de acesso a documentos numéricos (Web) e quatro dispositivos de comunicação ou de interacção que são geralmente classificados segundo dois critérios: a relação entre os participantes e a temporalidade (Marcoccia 2003:4)¹².

| | Emissor | Destinatário | Temporalidade |
|--|----------------|---------------------|----------------------|
| Correio electrónico | Individual | Individual | Assíncrona |
| Internet Relay Chats (IRC) | Individual | Grupo | Síncrona |
| Fóruns de discussão e Listas de difusão | Individual | Grupo | Quase-síncrona |
| Mensagens Instantâneas | Individual | Individual | Síncrona |

¹² Michel Marcoccia, “La communication médiatisée par ordinateur: problèmes de genres et de typologie”, *Journée d'études: les genres de l'Oral*, Université Lumière Lyon 2, 18.04.2003, não publicada.

De acordo com Marcochia (2003 e 2004) e F. Cusin-Berche (1999) é necessário primeiramente explicitar a oposição entre comunicação mediada e mediatizada, partindo da sua base etimológica e tentando defini-la: o que é um *medium* (pl. *media*)?

Um *medium* é numa técnica utilizada por um indivíduo, ou um grupo, para comunicar com outro indivíduo ou com um outro grupo, a expressão do seu pensamento, independentemente da forma e da finalidade das mensagens, impossibilitada ou excluída a possibilidade da comunicação face-a-face. Numa acepção genérica, um *medium* permite a transmissão, a um número mais restrito ou mais alargado de pessoas, de uma ou múltiplas mensagens, com os mais variados conteúdos. Assim, a imprensa, a rádio, a televisão, o cinema, a publicidade, o telefone, o correio electrónico, a *web* são, nesta concepção genérica, *media*, opondo-se a comunicação através dos *media* à comunicação em co-presença. (Marcochia, 2003: 4)

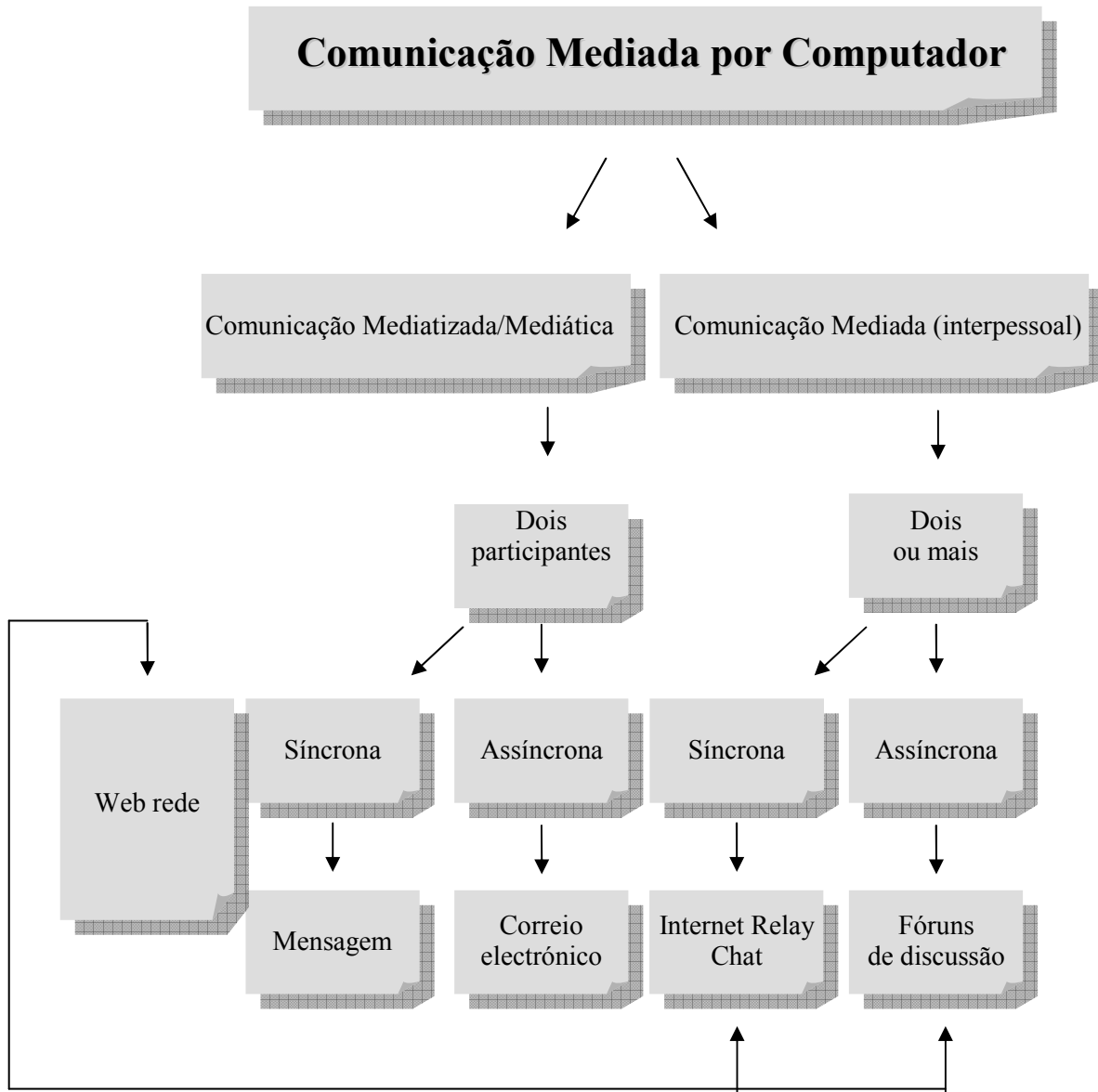
Nos estudos sobre comunicação, é tradicional, numa abordagem sistemática e introdutória, classificar os *media* em três famílias: os autónomos, os de difusão e os de comunicação¹³.

| Comunicação Mediatizada | | Comunicação Mediada |
|-------------------------------|-------------------------|---|
| Meios Autónomos | Meios de difusão | Meios de comunicação interpessoal |
| Jornais, livros, vídeo, áudio | Rádio, televisão | Telefone, telegrama, fax, correio electrónico |

Marcochia, no artigo acima citado, em que procede a uma reflexão sobre os géneros textuais e digitais e a sua importância na concepção de interfaces, esboça

¹³ De entre os inúmeros estudos sobre os *media*, cumpre-nos citar a obra que nos serviu de referência e que nos serviu para esclarecer as dúvidas sobre muitos aspectos da sociologia da comunicação: *Médias & sociétés*, de Francis Balle, Paris Montchrestien, 2005, 12ª. Edição.

uma tentativa de organização das diferentes situações que surgem na comunicação através da Net, apresentando o seguinte esquema - **Quadro 2**¹⁴:



Quadro 2 (adaptado de Marcoccia 2004)

¹⁴ Ao apresentar este esquema de construção de uma tipologia das situações comunicativas na Net, esquema que adaptámos e traduzimos, Marcoccia anuncia, desde logo algumas dúvidas, sobretudo relativamente à classificação do género IRC e dos fóruns de discussão que permitem, simultaneamente, a comunicação interpessoal e a comunicação de massa

Correio electrónico

O correio electrónico é reiteradamente considerado como uma forma de comunicação intermediária entre o correio tradicional e as telecomunicações, combinando as vantagens de cada uma das formas. A comparação com o correio tradicional é sustentada com base no objecto. A transmissão de correspondências privadas, o carácter pessoal e actual, o sigilo, o envio da mensagem de uma caixa de correio para outra, à semelhança do correio postal que se processa do domicílio do expeditor para o do destinatário. Cada correspondente, em ambas as situações comunicativas, possui um endereço electrónico ou postal. E, com base nesta analogia, os serviços que fornecem o acesso utilizam estas similitudes, reproduzindo os pictogramas das técnicas epistolares tradicionais, como se pode observar nestes ícons.



Apesar das paridades reais e figurativas a nível enunciativo, o epistolar electrónico distingue-se do tradicional pela maior rapidez e pelo menor custo; a questão da imaterialidade é também uma característica diferenciadora, como de resto, discutiremos na rubrica *Especificidades do Correio electrónico*, visto que a possibilidade de imprimir, em suporte papel, as mensagens não aniquila a sua especificidade de “não objecto”.

Por seu turno, a comparação do correio electrónico com as telecomunicações deve ser reportada ao meio de transmissão, pois os mecanismos e infraestruturas dos serviços de telecomunicações são os mesmos, constituindo, assim, uma forma

de diálogo entre computadores que estão conectados em rede e que trocam entre si dados numéricos¹⁵.

Foruns de discussão e Listas de difusão

As listas de difusão permitem a difusão automática de mensagens através de correio electrónico, no seio de um grupo escolhido e restrito (esta restrição está, na maioria das vezes, relacionada com identidade de interesses, mas pode simplesmente ser uma reunião de amigos). Quando um utilizador se associa, ou se inscreve numa lista de discussão, recebe na sua caixa de correio, todas as contribuições dos elementos do grupo e há efectivamente listas muito dinâmicas que difundem centenas de mensagens por dia. A lista de difusão permite transmitir informações, veicular debates, exprimir opiniões no seio de uma comunidade que se reúne em torno de preocupações comuns. Uma das grandes vantagens das listas é que permite ao utilizador, com a mesma facilidade, a adesão ou a desvinculação da lista.

Os fóruns de discussão ou grupos de *chat* (*chatrooms*) são grupos de discussão sobre um tema concreto, organizados em canais, dentro de zonas específicas da Internet, em que podem participar todos os interessados no tema. Podem surgir duas situações que dependem apenas da relação com a temporalidade, como se deduz do esquema anterior.

Um fórum de discussão é, em síntese, um dispositivo de comunicação mediada por computador, de comunicação assíncrona, que permite a um grupo de utilizadores trocar mensagens sobre um tema específico. O dispositivo propõe aos utilizadores uma estrutura hierárquica relativamente às mensagens já disponíveis, segundo critérios de ordem cronológica ou temática. Convida, ainda, aqueles que se conectaram a reagir às mensagens anteriores, colocando em linha novas mensagens, incitando, desta forma, à abertura de outras sequências de discussão. Podem, pois, ser definidos como dispositivos híbridos de comunicação interpessoal de massa, na medida em que autorizam a interacção pessoal (X responde a Y) e a comunicação de

¹⁵ Lucien Rapp, *Le Courrier électronique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1998, p. 11.

massa (X escreve uma mensagem que pode ser lida por um número potencialmente ilimitado de utilizadores do serviço).

Em suma, quando a interacção tem um carácter assíncrono, permite que os utilizadores tomem conhecimento da discussão ou se mantenham ao corrente da mesma apenas quando o desejam. Exemplos desta forma são as listas de discussão (*mailing lists*, como a *LISTSERV*) ou os grupos de notícias (*newsgroups*).

Por seu turno, se a interacção é síncrona, em tempo real, o utilizador entra no *chat*, inaugura ou intervém numa conversação em tempo real, adicionando as suas contribuições às dos restantes participantes. O *IRC* (*Internet Relay Chat*) é um dos exemplos dos principais sistemas disponíveis.

O *Internet Relay Chat* (*IRC*) é um sistema integrante da Internet que permite conversações *online* síncronas, através da ligação a um servidor que gere o fluxo de mensagens escritas, mantendo informações sobre o número de utilizadores, os seus pseudónimos (*nicknames*) e as salas de conversação (*channels*) que frequentam.

O *IRC* é um protocolo de comunicação criado originalmente pelo finlandês Jarkko Oikarién, em 1988, protocolo que permite a conexão em rede de vários computadores, através de um servidor, e que possibilita que as mensagens que um utilizador escreve sejam recebidas por outras pessoas que estejam presentes no canal onde essa comunicação se processa.

“In *IRC*, cultural and social diversity is even more tangible. There is no restriction to the number of people that can participate in a give discussion, or the number of channels that can be formed on *IRC*, and often a channel hosts users that are all from different countries” (Jonsson)¹⁶

Dado o elevado número de utilizadores que o *IRC* pode ter em simultâneo, as conversações são organizadas em canais, privados ou de livre acesso, criados a qualquer momento por qualquer utilizador e identificados por um nome ou um tópico indicativo do assunto preferencial ou do tipo de frequentador típico (Alves

¹⁶ Jonsson, “Internet Relay Chat Discourse”, “Electronic Discourse. On Speech and Writing on The Internet”, D. Course on English, Luleå University of Technology, Department of Communication and languages, 1997.

2004: 6)¹⁷. O IRC permite estabelecer um número ilimitado de conversas paralelas (*private chats*) em condições de grande interactividade.

A comunicação apresenta características particulares, em estreita relação com a forma de co-presença específica que implica. A simultaneidade das trocas interactivas pode ser considerada como uma modalidade de construção contínua do presente, estando contudo dissociada da partilha do espaço. A comunicação apresenta-se sob uma forma híbrida que combina o registo escrito (o outro está acessível unicamente através deste suporte, tal como no epistolar) e o tempo real da oralidade (tal como nas relações face-a-face ou telefónica). Os interlocutores encontram-se, assim, em situação de co-presença, através dos seus pseudónimos e das suas mensagens, num espaço que é o ecrã do computador, constituindo este um elemento da arquitectura interactiva do interface. Nos *chats*, o espaço partilhado reduz-se à escrita: através desta, uma série de elementos sobre o outro e o contexto são introduzidos e explicitados, de forma a contextualizar a relação e a fim de estruturar o campo interactivo da comunicação¹⁸.

A rapidez da interacção vai contribuir para a abolição do tempo e do espaço exteriores ao *medium*. No espaço da rede interactiva, a distância geográfica e o espaço físico são objecto de construção, funcionando como próteses da interacção¹⁹. As opções gráficas do meio permitem igualmente uma aproximação da oralidade, podendo exprimir-se o tom de voz através do tamanho e da cor dos caracteres (maiúsculas para levantar o tom, de forma agressiva ou a cor vermelha para sublinhar a discordância ou o descontentamento).

A fragilidade que decorre da ausência de contexto físico comum e dos dispositivos que regulam a co-presença (por exemplo, as formas rituais) é efectivamente uma característica da interacção via *chat*. O quadro participativo é instável e susceptível de desaparecer a qualquer momento (desconexão do interlocutor, ausência momentânea, interrupção deliberada e/ou não justificada),

¹⁷ Sónia V. Santos Alves, *Práticas Discursivas na Comunicação Online Síncrona*, Dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino de Línguas, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Letras, Pólo de Viseu, 2004.

¹⁸ Cf. Júlia Velkowska, “Converser par écrit. Ecriture électronique et formes de relation dans les webchats”, 2002: 16.

¹⁹ As questões sobre a localização geográfica do interlocutor, os espaços da interacção e os gestos do seu quotidiano ocorrem naturalmente como processos de configuração da conversação electrónica.

visto que a co-presença se alicerça apenas na interacção escrita. A interacção tem de ser constantemente construída, afirmada e validada no monitor, o que contribui para explicar a ausência de conteúdo e até, por vezes, a futilidade do conteúdo destas interacções, quando comparadas com outros dispositivos electrónicos interactivos, como os *fóruns* de discussão que estão isentos da pressão da temporalidade síncrona. A obrigação de enviar constantemente mensagens é um dos pressupostos que configura este espaço de comunicação que necessita de continuidade no fluxo de mensagens para o fazer emergir como espaço comum entre os interlocutores.

Há também dois traços específicos do quadro espaço-temporal dos *chats* que determinam fortemente as relações que aí se constroem: por um lado, existe uma tensão entre a implicação na interacção (decorrente da simultaneidade temporal) e a possibilidade de rapidamente se ausentar ou desconectar (decorrente da negação da co-presença física); por outro, existe, constantemente, uma tensão entre distância e proximidade.

Efectivamente este *medium* autoriza a conversa entre desconhecidos, em tempo real e a distância, permitindo uma desarticulação de espaços e a sua rearticulação através da participação em interacções múltiplas (o espaço de presença física através do ecrã, o espaço público do *chat*, os canais privados de interacção). Um dos condicionalismos do suporte da interacção virtual é a acumulação de mensagens no ecrã que, sobretudo quando existe um número elevado de utilizadores conectados nesse canal, desaparecem rapidamente na parte superior do mesmo, sem que hajatempo para as ler (trata-se do *scroll factor*). Este avanço rápido do texto no ecrã determina a brevidade das mensagens²⁰. Outro factor que concorre para o carácter sintético dos enunciados é a possibilidade de ter abertas, em simultâneo, várias janelas, mantendo diferentes níveis de conversação, com vários interlocutores. A brevidade das mensagens outorga ao *chat* uma evidente sensação de oralidade e de interactividade (Cf. Yus 2001).

²⁰ Os estudos da linguagem dos chats, exclusivamente em língua portuguesa, começam a surgir. Com base em *corpora* recolhidos no *chat Portugalnet*, Joviana Benedito recensou e organizou, por ordem alfabética, fragmentos textuais de intervenções recolhidas ao longo de dois anos, que coligiu, prefaciou e publicou em Novembro de 2002, sob o título: *Que Língu@ Português@ no Ch@t da Internet* (Antologia), Lisboa, Edições Colibri.

3. Género epistolar electrónico e outras formas de comunicação pré-numéricas: comparação

A história do correio electrónico começou há mais de três décadas, quando um engenheiro americano, Ray Tomlinson, que trabalhava para uma empresa encarregada da expansão da Arpanet (*Advanced Research Projects Agency NETwork*, ou seja, o projecto de investigação que esteve na origem do desenvolvimento da rede Internet e que ligava quatro universidades Stanford, UCLA, Santa Bárbara e UTAH). No decurso dos seus trabalhos, o jovem engenheiro resolveu combinar dois programas já existentes: o primeiro SNDMSG, que ele próprio desenvolvera, permitia a várias pessoas que partilhassem o mesmo computador, deixar mensagens; o segundo, CYPINET, um programa de transmissão de ficheiros, permitia copiar simultaneamente um ficheiro em todos os computadores ligados à Arpanet, na altura quinze máquinas apenas. Desta genial combinação dos dois programas, surgiu o correio em rede que originalmente foi designado NetWork mail. Em 1977, David H. Crocker, Jonh J. Vittal, Austin Hendreson J. R. e Kenneth T. Pogran publicaram, com o apoio da Darpa (Defense Advanced Research Projects Agency do Departamento de Defesa Americano) os primeiros *standards* de correio electrónico, inaugurando o seu desenvolvimento.

E a aventura foi imparável, sobretudo a partir de 1993, data em que se estabelecem os elos entre o sistema de correio electrónico e o da Internet: sai, então, do mundo profissional para dar entrada no universo telefónico, quer fixo, quer móvel, através da leitura directa, ou em ecrã do computador, ou em simples visores de telemóveis, de agendas electrónicas e de computadores de bolso, permitindo alargar as capacidades de conexão de pessoas e de grupos, permitindo desenhar novas práticas nas esferas íntima, familiar e profissional.

Esta inacreditável expansão do correio electrónico veio confirmar os pensamentos visionários de Licklider²¹, que, já em 1968, prognosticava que os

²¹ Licklider, J.C.R., Taylor, Robert W. (1968), “The Computer as a Communication Device”, *Science and technology*.

progressos tecnológicos deveriam responder à insaciável necessidade humana de comunicar. Com efeito, ainda que, na sua origem, Arpanet não tivesse sido esquisada como um sistema de transmissão de mensagens, é necessário reconhecer que o aumento do tráfego electrónico constituiu um incremento geral ao crescimento e ao desenvolvimento da rede, o que, em termos da sociologia da inovação, permite realçar a dimensão social pregnante desta inovação tecnológica.

A relevância da substituição das técnicas materiais de escrita, como a pena ou a caneta, pelas tecnologias de digitalização, não pode ser desprezada. Esta substituição das moléculas de tinta e papel por *bits* anuncia-se com uma declaração polémica: grande parte dos textos escritos já não existe fisicamente, mas apenas na memória de um qualquer computador. Nobile²² analisa alguns aspectos, de índole sociológica, decorrentes das práticas de produção e de circulação de textos digitais e, particularmente, o papel destes nas suas relações com os utilizadores e na sua constituição como entidades de um novo espaço de sociabilidade. O autor explicita as suas fortes dúvidas iniciais, quanto ao carácter verdadeiramente inovador de todas as novas tecnologias, a partir da comparação do hipertexto com uma reedição de notas de pé de página ou com um índice analítico, da *Web* com uma forma agónica de fazer “zapping” e do correio electrónico com a redescoberta da anciã estilística epistolar.

Colocamos, na senda de Nobile, as mesmas questões: como pode uma mesma tecnologia provocar o isolamento físico e simultaneamente uma forte interacção entre os utilizadores? A ausência da presença física entre os indivíduos conectados impõe a descoberta e a validação de novos recursos linguísticos, emergindo daqui uma desconcertante surpresa: a rede brinda-nos com experiências de escrita que reactualizam uma dinâmica de comunidade semelhante às práticas da tradição oral.

²² Nobile, Nicolas, *Escritura electrónica y nuevas formas de subjetividad*, <http://www.hipersociologia.org.ar/papers/Nobilesp.html>, 2000.

A 18 de Dezembro de 1998 estreou nos Estados Unidos da América o filme *You've got mail*, em que os protagonistas Kathleen e Joe (interpretados por Meg Ryan e Tom Hanks respectivamente) vivem um idílio amoroso através do correio electrónico, sob os cognomes de NY152 (Joe) e Shogirl (Kathleen), mostrando como, apesar de na realidade serem inimigos figadais, a Internet os levou a moldarem-se e lhes estimulou as metamorfoses nas identidades que exibiam na interacção electrónica, não só potenciando a comunicação, como, sobretudo, exaltando as potencialidades deste veículo de definição de identidades²³. No filme, é notória a ânsia com que os protagonistas desejam abandonar as suas relações reais para se poderem contactar através da Internet e, através desse meio, veloz e, impacientemente, comprovarem se têm alguma mensagem electrónica do seu amigo virtual.

O correio electrónico é uma variedade de comunicação assíncrona, na medida em que o emissor e o destinatário podem não estar conectados em simultâneo, ainda que a qualidade e a rapidez da transferência das mensagens converta o correio electrónico num meio de comunicação muito próximo da conversação virtual (*chats* – Jonsson 1998: cap. 2; Feenberg 1989: 24; Epperson, 1995; Violi 1996). É, cumulativamente, uma das possibilidades comunicativas da Internet mais utilizadas na actualidade. A crescente popularidade do correio electrónico desencadeou a diminuição ou a reconversão de outros meios de comunicação, como por exemplo, o telegrama (Barril 1999), o correio tradicional (Dela Fuente 1997; Burton y Maitland 1995, Standford 1999; Moran y Hawisher 1998:84), e, inclusivamente, reduziu o uso do telefone (sendo sobejamente conhecido aquele relato de que, na sede da Microsoft, nunca se ouve um telefone²⁴) e até do fax.

²³ Cf. Francisco Yus, *Ciberpragmática, el uso del lenguaje en Internet*, Barcelona, Ariel, p. 43.

²⁴ Deve-se, a este propósito, afirmar que se o uso do correio electrónico contribuiu para a diminuição do uso do telefone fixo, também é inegável constatar que o uso dos telefones móveis tem reduzido o uso do correio electrónico. É curiosa esta mudança que faz com que o envio de mensagens escritas através do telemóvel converta este pequeno acessório num transmissor autónomo de mensagens electrónicas, podendo ser considerado um híbrido de várias tecnologias. A evolução das tecnologias WAP que permitem o acesso à Internet tem modificado imenso a nossa relação com as novas ferramentas de comunicação.

Tal como afirmam Hélène Labbe e Michel Marcoccia²⁵ no prólogo do artigo que apresentaram ao Congresso da IADA (Salzburgo 2003), grande parte dos trabalhos de investigação sobre correio electrónico são de inspiração comparativista, ensaiando-se aproximações a géneros discursivos já existentes e anteriormente estudados. Considerando que o correio electrónico pode ser cotejado, sobretudo, com três situações discursivas - o diálogo face a face, a correspondência tradicional e, ainda, a correspondência técnico-profissional - estes autores defendem, retomando uma ideia anteriormente defendida por Haroche-Bouzinac (2000: 51), que o correio electrónico é “un genre de dialogue qui s’inscrit dans une tradition épistolaire particulière, celle des formes brèves, et plus particulièrement du billet” (2005: 227). Procedendo à comparação de bilhetes (ou cartões), principalmente do século XIX, (recolhidos da correspondência de Baudelaire) e de textos electrónicos, coligidos a partir de um *corpus* de interacções electrónicas entre estudantes e professores universitários e, salientando previamente as eventuais incongruências, anacronismos e heterogeneidades da analogia estabelecida, os autores tentam demonstrar, com base na análise de vários parâmetros (concisão da mensagem, estilo menos formal, marcas gráficas e estilísticas e funções informativa, prática e relacional) que o correio electrónico, sobretudo pela brevidade e pela sequencialidade, se pode aproximar do bilhete ou do cartão.

É nesta linha de raciocínio que se revela útil proceder à defesa dos nossos argumentos que sustentam a fulcralidade do discurso epistolar tradicional na compreensão deste fenómeno do electrónico. Basear-nos-emos nos trabalhos de Melançon (1996), Ivanova (1999) e Yates (2000) que estabelecem essa comparação com base na recolha de textos epistolares, de carácter privado e, ainda na investigação empreendida por Orlikowski e Yates (1993) que fazem a aproximação entre o correio electrónico e a correspondência profissional.

²⁵ Hélène Labbe e Michel Marcoccia, “Tradition épistolaire et médias numériques: du billet au courrier électronique”, *Texto! (revista on line)*, Septembre 2005, vol X. n°. 3, disponível em <http://revue-texto.net/Inedits/Labbe-Marcoccia.html>

Do ponto de vista da materialidade do suporte, é inevitável constatar que o epistolar electrónico possui características claramente distintas do epistolar canónico ou tradicional, como, de resto, é anotado por Melançon (1996: 13-19) que acentua esta dimensão material da carta:

Le fétichisme qui caractérise la lettre n’a pas cours électroniquement: on ne saurait reconnaître la calligraphie dans une adresse électronique; le message ne vient recouvert d’aucune enveloppe troublante de parfum ou mystérieuse par la surcharge de ses timbres exotiques; personne n’est là pour, en mains propres, transmettre un objet que l’autre a touché le premier” (1996: 14).

No entanto, é curioso realçar que a distância entre as duas formas epistolares não é assim tão longínqua e que as metáforas do quotidiano (na senda de Lakoff) que usamos diariamente para referir as acções repetitivas decalcam, justamente, expressões usadas na correspondência tradicional: abrir o correio, enviar, conservar, mandar para o lixo, etc..

Quando Kerbrat-Orecchioni compara as interacções por meio electrónico com as interacções epistolares tradicionais acentua as diferenças na “*mise en scène*”. Apesar de considerarmos que, no epistolar tradicional, a notação espaço-temporal é um procedimento fulcral, pois permite, tal como anteriormente justificámos, criar um efeito de realidade, podendo ser, em certas circunstâncias, obnubilada, fantasiada ou adulterada, na mensagem electrónica, a objectividade, a rigidez do sistema e a formatação fixa da notação peritextual²⁶ não deixa de cumprir essa mesma função de enquadramento espaço-temporal, pedra angular de todo o texto epistolar.

Por seu turno, Haroche-Bouzinac define a temporalidade epistolar a partir de um grau elementar de consciência epistolar: “Tout auteur de lettre sait que le présent de l’écriture correspond au futur de la réception, tout récepteur sait également que le présent de la réception renvoie au passé de l’expédition” (1995:77). Ora, essa

²⁶ Introduzimos aqui a distinção de G. Genette que designa como “peritexto” os elementos do paratexto que são inseparáveis do texto, incluindo nesta denominação as rubricas predeterminadas pelo sistema operativo/informático e que surgem no cabeçalho da mensagem. Do ponto de vista do conteúdo, este “peritexto” é similar ao “paratexto” epistolar: referência ao(s) destinatário(s), emissor, data e hora de emissão e assunto. (*Vide* nota Cusin-Berche, 1999:33) G. Genette, *Palimpsestes*, Paris, Seuil, 1982.

temporalidade é conservada na interacção electrónica, podendo apenas constatar-se que o intervalo de tempo entre os momentos da redacção e da recepção e leitura é menor e que, por essa razão, a ilusão ou suposição de uma recepção quase síncrona impõe que o presente da narração revele uma tendência de aproximação ao presente da leitura.

Contrariamente ao que sucede na conversação face a face, em que os mecanismos de alternância dos turnos de fala se sucedem em ritmo rápido, com pausas, retomas e silêncios extremamente breves, tal como provam as análises dos investigadores de análise conversacional (Sacks *et al.*, 1974), a escrita epistolar, nas duas formas aqui tratadas, ignora essas interrupções (por vezes, há mensagens que se repetem e que se cruzam) e o intervalo temporal entre os turnos (*gap*), na escrita, presta-se, frequentemente, à justificação, à tematização, sendo o resultado de construção monologal, ao contrário do que sucede no face a face, em que a construção é quase sempre dialógica.

Tornar-se-á necessário, a este propósito, definir com mais clareza, as especificidades da nova e emergente cena enunciativa ou, como aponta Cusin-Berche (1999:35), é fundamental delimitar uma categoria intermédia entre “enunciação diferida” e “enunciação directa”²⁷, admitindo a possibilidade que se opera sucessiva e frequentemente uma dupla leitura: uma imediata e conforme ao meio de comunicação electrónico, ou seja, no ecrã e, sequencialmente, outra que exige o recurso à impressão em papel.

“Ainsi l’outil électronique crée des conditions de production et de réception originales qui modifient les représentations habituelles de la “scène énonciative” et de ce fait nécessitent la prise en compte de la spécificité esquissée par une reconfiguration des repères coutumiers” (Cusin-Berche 1999: 35).

As condições de produção e de recepção disponibilizadas pelo suporte electrónico conduzem-nos a repensar algumas noções operatórias comuns que,

²⁷ M. Perret distingue *enunciação directa* de *enunciação diferida*, precisando que a característica imutável da enunciação directa é que o tempo de emissão da mensagem coincide com o tempo da sua recepção, tendo sempre o alocutário conhecimento do tempo de enunciação”, M. Perret, 1994, *L'énonciation en grammaire de texte*, Paris, Nathan, p. 12.

vulgarmente, se utilizam em análise do discurso. Surge a necessidade de distinguir receptor e destinatário, já que frequentemente o receptor pode ser um destinatário não escolhido, isto é, não implicado na primeira e/ou autêntica interlocução. Acontece também ser um destinatário múltiplo, sobretudo, no caso de mensagens trocadas em situação de trabalho.

Por outro lado, a localização quer do destinador, quer do(s) destinatário(s) ou receptor(es) e a descodificação dos marcadores espaço-temporais é, no electrónico, imprevisível, não só porque existe a possibilidade de possuir vários endereços electrónicos, como também se consolidou, como gesto frequente, abrir, conferir, consultar, ou responder às mensagens a partir de outro qualquer computador, porventura nos antípodas do nosso local habitual.

A interacção electrónica, à semelhança do que acontecia com a epistolar, permite que os correspondentes escolham a forma de gestão temporal: entre um tempo mais ou menos diferido e um tempo quasi-síncrono, os utilizadores escolhem a modalidade temporal da resposta. A gestão diferenciada do tempo de resposta exprime as diferentes formas de utilização deste meio electrónico, permitindo inclusivamente assegurar uma espécie de “invisibilidade temporária” (Merz 1998)²⁸, ou uma filtragem ou uma seriação na resposta. Na medida em que, relativamente ao epistolar canónico, o trabalho de recepção e de envio é facilitado pelo dispositivo electrónico, este exerce uma pressão, tornando-se por vezes num desencadeador de invasores indesejados e/ou indesejáveis.

Há uma tendência para comparar a correspondência electrónica com outras três formas de comunicação: a conversação face a face, a correspondência empresarial e o género epistolar tradicional.

A aproximação da conversação face a face é uma tónica comum nos trabalhos sobre comunicação mediada por computador e será discutida no ponto seguinte desta investigação. Apesar do código utilizado ser o código escrito, as

²⁸ Merz, M. (1998), “Nobody can force you when you are across the ocean – face to face and e-mail exchanges between theoretical physicists”, in C. Smith, J. Agar (dir.), *Making Space for Science: territorial Themes in the Shaping of Knowledge (Science, Technology, Medicine in Modern History)*, London, Macmillan.

mensagens apresentam uma estrutura próxima do oral dialogado, dada a já referida rapidez da redacção e da transmissão das mensagens. Comparada às outras formas de comunicação escrita, a forma electrónica favoriza a produção de mensagens breves (Cf. Crystal 2001)²⁹, “escritos espontâneos e *naiifs*” (Cusin-Berche 1999)³⁰, marcados pela oralidade (Cf. Yates 1996)³¹ e pela presença de procedimentos de representação não-verbal (Marcoccia 2000a)³².

A comunicação electrónica distingue-se também da conversação face a face, em três aspectos fundamentais: Em primeiro lugar, os interlocutores podem jogar com o anonimato, visto que a identidade dos emissores de uma mensagem electrónica se reduz a um endereço electrónico, podendo, como assinalámos nas especificidades (ver ponto 1.3. do capítulo 1, Parte III), dissimular-se atrás de identidades fictícias (de nome, sexo, idade, etc.); em segundo lugar, diferem na questão da sincronia: efectivamente a conversação face a face pressupõe a presença mútua e simultânea dos interlocutores, ao passo que, na relação electrónica, os potenciais comunicadores se encontram fisicamente distanciados. Por outro lado, as interacções electrónicas respeitam regras fixadas pelos mecanismos transmissores. A suposta oralidade dos escritos electrónicos combina-se curiosamente com uma rígida organização técnico-formal dos interfaces que é frequentemente negligenciada pelos investigadores. Por exemplo, o tamanho da mensagem electrónica é limitado pelos condicionamentos da escrita visualizada no ecrã e pelo preenchimento obrigatório dos campos que são impostos aos utilizadores, à semelhança do que acontece com a correspondência empresarial³³.

²⁹ David Crystal (2001), *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press.

³⁰ Cusin-Berche, F. (1999), “Courriel et genre discursif”, J. Anis (ed.), *Internet, communication et langue française*. Paris, Hermès, pp. 31-54.

³¹ Yates, S. Y. (1996), “Oral and written Linguistic Aspects of Computer Conferencing: A Corpus based Study”, in S.C. Herring (ed.), *Computer-Mediated Communication. Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp. 24-46.

³² Marcoccia, M. (2000a), “Les Smileys: une représentation iconique des émotions dans la communication médiatisée par ordinateur”, in C. Plantin, M. Doury, V. Traverso (ed.s), *Les émotions dans les interactions communicatives*, Lyon, ARCI, Presses Universitaires de Lyon, pp. 249-263.

³³ Cf. Michel Marcoccia (2003), “La communication médiatisée par ordinateur: problèmes de genre et typologie”, *Journée d'Études: Les genres de l'Oral*, Université Lyon 2.

A analogia com a correspondência empresarial é desenvolvida por Orlikowski, W. & J. Yates (1998)³⁴, que analisaram cartas extraídas da correspondência administrativa e empresarial (desde a *formal business letter* ao *memo*). Para estes investigadores, a mensagem electrónica possui um estilo menos formal que o “*memo*”, ou seja, uma mensagem utilizando cabeçalhos *standart* (De/Para; Assunto) com um conteúdo essencialmente informativo. Quando cotejada com o género “*proposal*” (trata-se de uma mensagem que contém uma proposta de acção com o objectivo específico de resolver um problema), a mensagem electrónica insere-se num quadro de engenharia colaborativa. Acontece, por vezes, que o meio electrónico é utilizado, a nível empresarial e/ou institucional, visando proceder a um escrutínio rápido e eficiente: envio de um questionário, votação e divulgação dos resultados.

A hipótese que granjeia mais adeptos é, como temos assinalado, aquela que considera a mensagem electrónica como a versão numérica da correspondência privada. Podemos estabelecer, a partir da síntese Marcoxia (2003:8), alguns pontos de distinção: o correio electrónico é, na generalidade dos casos, uma forma escrita sucinta; as formas de tratamento e de delicadeza tendem a desaparecer ou são, em interacções continuadas e frequentes, inexistentes; o correio electrónico permite o diálogo ao passo que na carta somente se constata a encenação desse diálogo. O quadro espaço-temporal é, no registo epistolar, fruto da criação do mitente, obra do sujeito enunciador, enquanto no electrónico é automaticamente fornecido pelo sistema. A distância temporal entre a redacção da mensagem e a sua recepção e leitura difere no caso da carta e da mensagem electrónica. Acresce, ainda, que o epistolar tradicional é manifestamente mais planificado (pensado e maturado) do que o electrónico.

³⁴ Orlikowski, W. & Yates, J. (1998): *Genre systems: structuring interaction through communicative norms*. Cambridge, MA: MIT ou http://ccs.mit.edu/wp_toc.html

4. A emergência da modalidade oral

Is email a variety of speech (as many people are claiming?) What important properties does it share with writing? Does it have emergent qualities that are unlike those typifying speech or writing?"

Naomi Baron 1998: 134

"The computer revolution has brought with it new forms of discourse which also deserve systematic study. One of these is electronic mail. Electronic mails reveals features of both speech and writing. Like other forms of discourse, new as well as old, it deserves the attention of future corpus workers.

Johansson, S. "Time change, and so do corpora", K.Aijmer & B. Altenberg (ed.), *English Corpus Linguistics*, London, Longman, 1991, pp. 307-308.

O debate sobre a oposição oral/escrito é milenar e releva de uma dúvida que é habitualmente colocada: a escrita encerra, ou não, o estatuto de representação do oral?³⁵

Existe uma abundante bibliografia em que se analisam as diferenças entre o discurso oral e o discurso escrito³⁶. As relações entre discursos orais e discursos

³⁵ A bibliografia de carácter linguístico consagrada às relações oral/escrito evidencia as acesas controvérsias que decorrem, em nossa opinião, de perspectivas teóricas e disciplinares muito diversas. Veja-se, a este propósito, a bibliografia apresentada pelos vários autores que participaram no número 20 da revista *Cahiers de Linguistique Française. Le Discours Écrit: Qualité(s), Spécificités et Acquisitions, Actes du VIIème Colloque de Pragmatique*, Genève Faculté de Lettres, Université de Genève, 1998, em particular a citada nos artigos de Maria-José Béguelin "Le rapport écrit-oral. Tendances dissimilatrices, tendances assimilatrices", pp. 229-253 e a de Brigitte Schlieben-Lange, "Les hypercorrectismes de la scripturalité", pp.255-273.

³⁶ Ochs, E. (1979), "Planned and unplanned discourse", T. Givon (ed.), *Syntax and Semantics*, vol 12: Discourse and Syntax, Londres, Academic Press;
 Akinnaso, F.N. (1982): "On the differences between spoken and written language", *Language and Speech*, 25, 2, pp. 97-125;
 Bedmar, Maria J. (1989), "La norma del texto oral y la norma del texto escrito", *Revista Española de Lingüística*, 19, 1, pp. 111-120;
 Biber, Douglas (1988), *Variation across speech and writing*, Cambridge, Cambridge University Press.
 Bostad, F. (1994): "What happens to writing when texts in a "world on paper" are replaced by messages in "virtual space"?", Nordic Association for Semiotic Studies, Workshop on Text and Discourse. <http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/finn/Finn1.html> em 6-01-2001, *apud* Yus 2000, p. 223.
 Calsamiglia Blancafort, H. e A. Tusón Valls (1999): *Las cosas del decir*, Barcelona, Ariel.
 Chafe, W. e Danielewicz, J. (1987), "Properties of Spoken and Written language", *Comprehending Oral and Written Language*, eds. R. Horowitz e S.J. Samuels. San Diego: Academic Press, pp. 83-113.

escritos, ou sinteticamente, entre oral e escrito, foram objecto de inúmeras discussões no domínio linguístico. Basta lembrar Saussure e a numerosa descendência estruturalista que atribuía o primado ao oral:

«Langue et écriture sont deux systèmes de signes distincts; l'unique raison d'être du second est de représenter le premier; l'objet linguistique n'est pas défini par la combinaison du mot écrit et du mot parlé; ce dernier constitue à lui seul cet objet (...) On finit par oublier qu'on apprend à parler avant d'apprendre à écrire, et le rapport naturel est renversé»³⁷.

O escrito surge, assim, como uma “forma secundária”³⁸ que está longe de representar uma réplica exacta do oral³⁹.

A questão que se coloca, *in fine*, é a de saber se o oral e o escrito devem ser considerados e descritos como dois códigos ou como duas formas de manifestação através de canais diferentes de um mesmo sistema linguístico. Há justamente um movimento duplo, por um lado de diferenciação e, por outro, de homogeneização, decorrente da forma de descrição, movimento que deriva de se entender a oposição, ou apenas como resultado ou, prioritariamente, como um processo.

Gadet, no artigo citado (1996), apresenta uma síntese sugestiva para este problema, realçando as circunstâncias sócio-comunicativas que contextualizam este fenómeno. A visão dinâmica desta relação oral/escrito, defendida por Maria-José Béguelin apresenta duas constatações que inteiramente subscrevemos: distintos do ponto de vista do canal e do processo enunciativo, oral e escrito

Chafe, W. e Tannen, D. (1987), “The relation between Written and Spoken Language”, *Annual Review of Anthropology*, 16, pp. 383-407.

Goody, J. (1987), *The Interface between the Written and the Oral*. Cambridge: Cambridge University Press

Halliday, M. A.K. (1994): “Spoken and written modes of meaning”, in *Media Texts: Authors and Readers*, London, Open University Press, pp. 51-73.

Harweg, R. (1987): “Remarks on the topology and kinematics of speech and writing”, *Semiotica*, 63, 3-4, pp. 253-267.

Horowitz, R. e Samuels, S. J. (1987), “Comprehending Oral and written language”, *Comprehending Oral and written language*, R. Horowitz e S. J. Samuels (ed.s) San Diego: Academic Press, pp. 1-52.

Yates, Simeon J. (1996), “Oral and written linguistic aspects of computer conferencing: a corpus based study”, in Herring, Susan (1996), *Computer-mediated Communication: linguistic, social and cross-cultural perspectives*, Amsterdam, Benjamins.

³⁷ Saussure, F. (1974), *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot, pp. 45-46.

³⁸ Martinet, A. (1970), *Éléments de Linguistique Générale*, Paris, Armand Colin, p. 160.

³⁹ Ver o número 25 da revista *TRANEL: Discours oraux-discours écrits: quelles relations?*, Actes du 4ème Colloque d'Ortophonie/Logopédie, Neuchâtel, Institut de Linguistique de l'Université de Neuchâtel e especificamente os artigos de Françoise Gadet “Une distinction bien fragile: oral/écrit”, pp. 13-27 e o de Jean-François De Pietro e Martine Wirthner: “Oral et écrit dans les représentations des enseignants et dans les pratiques quotidiennes de la classe de français”, pp. 29-49.

articulam diferentemente o discurso e mobilizam operações cognitivas específicas, tendendo a seleccionar formas linguísticas, também elas específicas; oral e escrito, enquanto actividades da linguagem, estão sujeitos a condicionamentos pragmáticos diferenciados que acarretam consequências linguísticas. No entanto, as contínuas mutações sociais e tecnológicas, que afectam permanentemente esta relação, estão na origem das perspectivas actuais sobre os novos *media*: o surgimento de práticas de escrita influenciadas pelo modo de produção oral é justamente o exemplo que aqui convocamos⁴⁰.

No momento presente em que a comunicação interpessoal foi implementada graças às tecnologias emergentes, as condições de comunicação mudam vertiginosamente e as diferenças entre modos oral e escrito que eram, por tradição, listadas para os distinguir e caracterizar, exigem alguns ajustamentos.

Chafe (1982) e Brown & Yule (1983) sugerem que as distinções entre discurso oral e discurso escrito podem ser atribuídas a factores que actuam de forma distinta no processo de produção de cada uma das modalidades, e donde resultam produções textuais específicas, salientando a influência das restrições temporais, uma vez que o oral se processa nitidamente sob limites de tempo mais restritos do que o escrito. Acresce que a interactividade imediata do discurso oral se acentua em contraposição à distância espacial e temporal do emissor e do receptor do discurso escrito.

Brown & Yule⁴¹ sugerem uma descrição tipológica de ocorrências típicas do discurso oral, de onde destacamos alguns pontos: a sintaxe da língua oral é, comparativamente à escrita, mais simples, sendo frequentes orações incompletas e havendo poucas relações de subordinação; no oral, é frequente a ocorrência de estruturas de topicalização; o uso de conjunções coordenadas; a repetição de estruturas sintácticas; o recurso a expressões coloquiais.

⁴⁰ Uma revisão da bibliografia no âmbito da sociolinguística interaccional e da análise do discurso apresenta igualmente subsídios importantes para possíveis descrições e diferenciações dos traços marcadores das modalidades do escrito e do oral.

⁴¹ Brown, Gillian & Yule, George (1983), *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

Uma outra diferenciação nos traços do oral e do escrito é a proposta por Chafe (1982) que valoriza as diferenças processuais⁴², a partir de dados recolhidos em amostras de quatro estilos discursivos: o discurso oral informal (conversas à mesa); o discurso oral formal (em sala de aula); o discurso escrito informal (cartas) e o discurso escrito formal (trabalhos académicos). Chafe sugere, ainda, uma descrição dos traços tipológicos associados à característica fragmentada da fala e à qualidade integrada da escrita, tal como se pode observar no quadro 3:

| Característica | Traço tipológico |
|-------------------------------|---|
| Fragmentação (Discurso Oral) | Sequências de unidades sem a utilização de conectores Introdução de unidades através de conjunções coordenadas |
| Integração (Discurso Escrito) | Nominalizações (substituição de verbos pelos substantivos correspondentes) Participios com função de substantivos e adjectivos Frequência elevada de modificadores pré-nominais Conjunção de sintagmas nominais, verbais e adjectivais Ocorrência de construções passivas |

Quadro 3

Todos os autores, que referenciamos em nota *infra*, apresentam sensivelmente as mesmas conclusões, destacando-se, em síntese, a maior complexidade das estruturas sintáctico-semânticas, a preferência pela subordinação e o uso mais frequente de marcadores de coesão textual como algumas das características identificadoras do discurso escrito⁴³. Apesar das vantagens destes

⁴² Chafe (1982) denomina os diferentes processos: qualidade fragmentada da fala, em oposição à qualidade integrada da escrita. Chafe, Wallace, “Integration and Involvement in Speaking, Writing and Oral Literature”, Deborah Tannen (org.), *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood, Ablex Publishing Cooperation 1982, pp. 35-53. As observações feitas por Chafe para uma caracterização tipológica do oral e do escrito coincidem com os parâmetros descritos por Brown & Yule (1983) e por Leech, Geoffrey & Startivik, J. (1994), *A Communicative Grammar of English*. Harlow, Longman Group Limited.

⁴³ Naomi S. Baron faz uma excelente síntese das abordagens anteriores e lista os seguintes qualificativos para cada um dos campos que se opõem: “The linguistic and historical/cognitive agendas both presuppose a dichotomous relationship between speech and writing. List of features distinguishing the two abound in the literature. Writing is: objective, a monologue, durable, scannable, planned, highly structured, syntactically complex, concerned with past and future, formal, expository, argumented-oreinted, decontextualized, abstract; Speech is interpersonal, a dialogue, ephemeral,

estudos classificatórios e sistematizadores, há críticas que advêm desta atitude comparativista de grande parte das investigações. Subscrevemos a posição de Gibbs quando refere que “na maior parte das comparações entre linguagem oral e escrita são comparadas situações de conversa casual com as de prosa formal e que se tentam extrapolar essas conclusões a todo o tipo de discurso oral e escrito”(1990: 180)⁴⁴. Em contrapartida, Gibbs defende que seria mais adequado comparar uma conversa ou uma fala casual (por exemplo, um diálogo ente amigos) com texto escritos informais com elevado grau de interactividade (por exemplo, cartas dirigidas aos amigos), por um lado, e que se se comparasse a linguagem oral formal (por exemplo, no decurso de uma conferência) com a prosa formal. No mesmo sentido se pronunciou Biber (1986), um dos autores mais referidos quando falamos desta dicotomia que sintetiza as suas observações, enfatizando três parâmetros: (a) texto interactivo/texto elaborado e expandido; (b) conteúdo abstracto *versus* conteúdo contextualizado; (c) estilo directo/estilo indirecto.

Baron, muito antes do surto das mensagens electrónicas e do estudo que a consagrou na actualidade⁴⁵, já manifestara a sua curiosidade sobre estes temas⁴⁶ e, reflectindo sobre as diferentes abordagens, estabeleceu duas perspectivas: a que designa “*continuum view*”, onde se inscrevem as correntes etnológica e tecnológica que questionam este modelo de oposições. Atendendo aos usos linguísticos em contextos reais, os estudos antropológicos, que se debruçaram sobre o discurso escrito, encontraram interferências significativas entre formas orais e escritas, inclusivamente no âmbito das especificidades linguísticas preconizadas para o discurso oral pelo modelo das oposições. Por vezes, o discurso oral está repleto de

only lineary accessible, spontaneous, loosely structured, syntactically simple, concerned with the present, informal, narrative, event-oriented, contextualized, concrete.” (2000: 21)

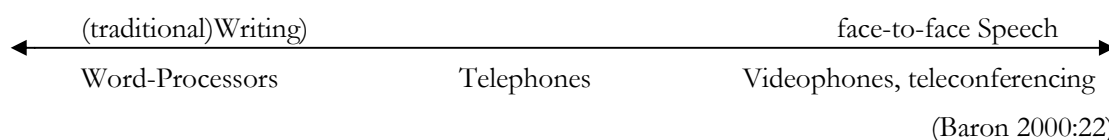
⁴⁴ Gibbs, R. W. (1999), *Intentions in the experience of meaning*, Cambridge, Cambridge University Press.

⁴⁵ Naomi S. Baron, *Alphabet to Email, How Written English Evolved and Where It's heading*, London e New York, Routledge, 2000. Este trabalho de Baron, dado o seu pioneirismo, tem sido amplamente difundido a nível mundial, tendo contribuído para a divulgação da obra da linguista norte americana que tem proferido inúmeras conferências na Europa, nos últimos anos. Pudemos assistir à conferência de que proferiu no encerramento da *First Conference on Internet and Language* que se realizou na Universidade Jaume I, Castellon, Valência, em Setembro de 2004, texto não publicado.

⁴⁶ Diz a autora no prefácio da obra citada: “Nearly three decades ago, I first became curious about the use of writing represent language and, in particular, about how speech and writing divvied up communicative functions in literate societies. Long before email or voice mail arrived on the scene, it was clear that the ‘linguistics’ of writing were every bit as fascinating as more traditional study of speech” (Baron 2000: xi).

marcas que esperávamos apenas encontrar no discurso escrito (uma proclamação oficial pode ser orientada a nível do argumento, formal, de uma complexa estrutura sintáctica, ao passo que o inverso também pode acontecer, por exemplo, um recado, escrito para um amigo, tem certamente uma estrutura muito similar ao discurso oral (orientado para o acontecimento, informal, com uma estrutura sintáctica simples).

Com base nestas observações, na senda do que Biber propusera, Baron considera que “Perhaps, then, it’s more accurate to recast the dichotomies as a continuum, with the specific location of a written or spoken sample along the spectrum being determined by the conditions of actual usage:



A outra perspectiva de Baron, “*the cross-over view*” mostra que, tanto os modelos dicotómicos, como os modelos contínuos, presumem que as mensagens linguísticas se mantêm fiéis a tipologias: os discursos são falados e ouvidos, os livros são escritos e lidos. Mas será isso verdade? E Baron continua sempre a interrogar-se e a partilhar as suas dúvidas:

“It’s probably more realistic to recognize that under the right circumstances, the prototypic features we associate with speech or writing can be found in either form. If we can’t even agree that spoken and written language are distinctly different from each other, it’s understandable that attempts to fit email to procrustean bed of one or the other can seem like an exercise in futility” (Baron 2000: 247).

Neste sentido, surgiram novas denominações para esta forma electrónica de comunicação: modo digital, modo misto, cibergénero discursivo. Giménez (2000)⁴⁷ apresenta uma síntese da sua reflexão, enfatizando a natureza conversacional ou dialogal da mensagem electrónica:

⁴⁷ Giménez, Júlío C (2000), “Business e-mail communication: some emerging tendencies in register”, *English for Specific Purposes*, 19, pp. 237-251

Similarmente, Lan explicita a sua concepção sobre a natureza da mensagem electrónica: “On other hand, the speed, the efficiency, privacy and relaxation have made email a dialogue device: people “talk” by email” (Lan 2000: 23)⁴⁸.

Yongyan⁴⁹ refere também esta ambiguidade escrito-oral presente no discurso epistolar electrónico:

“In general, e-mail style lies somewhere between the phone call and the letter (...). Written language is lexically more dense and gramatically less intricate than oral languages(...) In e-mails, it is quite within our expectation that the audience-friendly features of both oral and written discourse show through: they are grammatically less intricate (like written language) and lexically dense (like oral discourse). This feature of e-mails is in line with the fact that na email message is interactional by nature and often thematically simple”(2000: 31-32).

A mensagem electrónica, como dispositivo de comunicação assíncrona, ou seja, que não implica simultaneidade nos actos de escrita, envio, recepção e leitura, pode ser gerada nas mesmas condições de elaboração que um texto formal, com níveis cuidados de planificação e elaboração, o que conduz Jonsson (1997) a alvitrar que, por princípio, a interacção electrónica não delimita necessariamente qualquer alteração entre a produção textual por ele proporcionada e as outras modalidades do discurso escrito. Não obstante, Jonsson acrescenta que, dada a característica tecnológica da rapidez do envio (que até pode ser do tipo *instant messaging*), esta forma de comunicação se assemelha à estrutura de turnos da conversação face-a-face. A outra característica da organização da comunicação electrónica salientada por Jonsson é a da retoma de fragmentos de uma mensagem recebida na réplica.

Jonsson, tal como Davis & Brewe (1997)⁵⁰ salienta que uma característica do discurso electrónico que o aproxima, significativamente, da conversação é a

⁴⁸ Lan, Li (2000), “Email: a challenge to Standart English?”, *English Today*, 16:4, pp. 23-29. Os exemplos desse estilo conversacional que é defendido pelo autor, são sugestivos:

“Hi! There, long time no contact. What’s up?”

“Did I give you my FTP number? I think I did” (*Ibid* 2000:26).

⁴⁹ Yongyan, Li (2000), Surfing e-mails”, *English Today*, 16 :4, pp. 30-40.

⁵⁰ Davis, Boyd H. & Brewe, Jeutonne P (1997), *Electronic Discourse. Linguistic Individuals in Virtual Space*. Albany : State University of New York Press.

verificação de comportamentos característicos de eventos comunicativos face-a-face. Com efeito, ocorrem traços de desempenho linguístico, tais como a repetição de itens lexicais e de estruturas sintácticas, marcadores de hesitação, formas de tratamento directas e menos formais, traços estes que, de acordo com Biber (1992)⁵¹ reflectem a interactividade dos eventos comunicativos. A repetição de sinais de pontuação, tais como pontos de exclamação, a marcação de palavras ou fragmentos através do uso de asteriscos, a abreviação, o recurso a maiúsculas, são recursos que mais não tentam do que aproximar estas formas de marcação da ocorrência de alterações entonacionais e prosódicas da fala⁵².

⁵¹ Biber, Douglas (1992), “Applied Linguistics and Computer Applications”, in Grabe, William & Kaplan, Robert B. (Org.s), *Introduction to Applied Linguistics*. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, pp. 255-278

⁵² Sobre as especificidades da comunicação síncrona, veja-se a Dissertação de Mestrado em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Ricardo Augusto de Souza (2000), *O “chat” em língua inglesa: interações na fronteira da oralidade e da escrita*, [http:// www.letras.](http://www.letras.)



Terborch, Gerard
Woman Writing a Letter
1655
Oil on wood
Mauritshuis, The Hague

Capítulo 2 - Especificidades do correio electrónico: *o hibridismo da palavra*

“Homer Simpson

Homer : ¿Qué es un correo electrónico?

Lenny : Es una cosa del ordenador, como, eh, una carta eléctrica

Carl: O una conversación telefónica silenciosa.”¹

“Gains studies the conversational features of email messages and found that a number of writers “have adopted some of the discourse features of conversation and incorporate these as if they are conducting a conversation with an absent interlocutor”².

1. Estatuto ambíguo de um género emergente³

Na vasta e nebulosa Internet, o correio electrónico surge como uma aplicação fácil, comum e acessível. Entra subtil e profusamente nos nossos hábitos: se, por um lado, mais directa, mais íntima, mais imediata, por outro, mais numerosa, menos formal, nem sempre solicitada e, sobretudo, progressivamente mais acessível e mais utilizada, esta forma electrónica de comunicação suscita questões distintas, de âmbito sociocultural e, principalmente, indicia uma forte contribuição no reforço da conectividade⁴, da interactividade.

Tem sido objecto de estudo na área das Ciências Humanas, proliferando os trabalhos que equacionam o impacto do correio electrónico nas relações de trabalho, questionando a transformação nas hierarquias profissionais (Ziv 1996 e

¹ “The computer war menace shoes”, Episódio 12^a6 dos Simpson (FOX Tv), *apud* Crystal, David (2002), *El Lenguaje e Internet*, Cambridge, Cambridge University Press, p.147.

² Jonathan Gains, “Electronic Mail – A New Style of communication or Just a New Medium?, An Investigation into Text Features”, *English for Specific Purposes*, 18, 1999, p. 93

³ Este sub-título e a qualificação de género emergente foi-me sugerida pela leitura do capítulo 2 “Context and Contact in Electronic Discourse”, da obra de Boyd H. Davis e Jeutonne P. Brewer, *Electronic Discourse: Linguistics, Individuals in Virtual Space*, New York, State University of New York Press, 1997, pp. 21-27.

⁴ O conceito de *conexidade* que, etimologicamente, evoca a ideia de “estar em relação com...” foi desenvolvido por Geoff Mulgan, *Connexity*, Éditions Vintage, 1998. Este autor entende-a como “un moyen de se souvenir que le point de départ pour comprendre le monde aujourd’hui est moins la taille de son PIB ou la capacité destructrice de ses armes, que le fait d’être tellement plus lié, interconnecté qu’hier”, *apud* Cécile Moulard, *Mail Connexion, La conversation planétaire*, Paris, Au Diable Vauvert, 2005, p. 16

Herring 1996a⁵). Outros debruçam-se sobre os respectivos modelos organizativos (Rowe e Béal 1998) e outros, ainda, avaliam a construção e reestruturação de grupos sociais (Fulk e De Sanctis 1995⁶).

Para Garton e Wellman⁷, “le mail combine la flexibilité locale, la transmission rapide à un nombre élevé de correspondants à travers le temps ou l’espace, et la capacité de stocker et d’obtenir de l’information” (1995: 448).

O dispositivo tecnológico do correio electrónico, o seu *script* (Akrich *et alii* 1992⁸), permite uma comunicação quase instantânea, uma interacção taco-a-taco, sendo as operações de transferência, os percursos utilizados, os dispositivos intermediários, invisíveis para os utilizadores.

A ilusão da sincronia é, apenas, um dos pressupostos da interacção por correio electrónico. As principais operações implicadas (escrever a mensagem, enviá-la, abrir a caixa de correio, responder às mensagens recebidas, fazer a triagem das recebidas e enviadas) podem ser articuladas em diferentes momentos temporais: em conjugação (numa sequência linear: receber, ler e responder automaticamente); em contínuo (receber e só posteriormente redigir a resposta); e, ainda, em disjunção (armazenar para leitura e resposta ulteriores).

Existem, pois, alguns desvios entre o imediatismo desejado, consentido ou recusado e os diferentes comportamentos diferenciados dos utilizadores, impedimentos que estão relacionados com a gestão do tempo consagrado a esta actividade e que produzem obviamente efeitos diferentes nas próprias interacções. Daí que os especialistas em sociologia das técnicas ou das tecnologias (Akrich *et alii* 1992⁹ e Latour 1993¹⁰) evidenciem as relações estreitas que se criam a partir das

⁵ O. Ziv, “Writing to work: How using e-amil can refelcted technological and organizational change”, 1996, S. Herring (ed.), *Computer-Mediated Communication. Linguistic, Social and Cross-Cultural perspectives*, Amsterdam, Jonh Benjamins, 1996a, pp.243-264.

⁶ J. Fulk e G. De Sanctis, “Electronic Communication et Changing Organizational Forms”, *Organization-Science* n.º. 6, 1995, pp. 337-349.

⁷ L. Garton e B. Weelman, “Social Impacts of Electronic Email in Organizations: a Review of the Research Litterature” B.R. Burleson (dir.), *Communication Yearbook* 18, Thousand Oaks, Sage.

⁸ Akrich, M. “Les utilisateurs, acteurs de l’innovation”, *Éducation permanente* n.º. 1, “L’innovation en questions, 1998, pp. 79-80.

⁹ Madeleine Akrich, Cécile Méadel e Véréna Paradel, “Le temps du mail: écrit instantané ou oral médiat”, *Sociologie et Société*, vol. XXXII. 2, pp. 154-171, disponível em <http://www.erudit.org/erudit/socscsco/v32n02/akrich/akrich.pdf>

relações entre as especificidades técnicas do dispositivo e os usos pessoais dos utilizadores, valorizando estes últimos como os verdadeiros produtores da inovação.

Tratando-se de uma tecnologia da comunicação, encerra algumas funcionalidades que permitem uma gestão espacial e temporal que importa considerar. Acresce, ainda, uma série de dispositivos que permite, não só apagar rapidamente as mensagens indesejadas, quer através da simples interdição de mensagens, ou de remetentes desconhecidos, ou sobre assuntos inusitados e não solicitados, quer através da simples utilização de filtros. Esta capacidade de evitar o “lixo virtual” constitui uma importante ferramenta de gestão, quer do tempo, quer do espaço. A possibilidade de definir e de criar ficheiros diferentes para guardar as mensagens recebidas e enviadas permite igualmente organizar e planificar o trabalho.

“Le courrier électronique devient alors, à l’image de la liste de courses (Goody 1987) une modalité par laquelle l’on peut organiser l’action et se coordonner avec soi-même». (Akrick, Méadel e Paravel 1992: 162)

Em contrapartida, porque o trabalho de redacção e de envio é simplificado, o correio electrónico exerce uma pressão, impondo e acelerando os mecanismos de resposta e, na medida em que permite entrar em contacto com alguém desconhecido, sem invadir o seu domínio, torna-se num vector privilegiado para contactos de iniciação. O destinatário pode decidir qual o momento em que deseja abolir a distância temporal do destinador e, assim, constituir um espaço de interacção, podendo minorar a espera (se compararmos com o epistolar tradicional).

“L’absence de formalisme associé à une grand partie des échanges par courrier électronique se traduit sur le plan temporel par une diminution du temps consacré à la rédaction, comparé au temps nécessaire au courrier papier” (Akrick, Méadel e Paravel 1992:164).

¹⁰ B. Latour, *La clef de Berlin et autres leçons d’un amateur de sciences*, Paris, La Découverte, 1993.

Porventura, poder-se-á pensar que o correio electrónico rima com economia temporal e que daí advém uma simplificação das rotinas e dos formalismos. A interacção electrónica parece autorizar este tipo de comunicação, permitindo aos correspondentes absterem-se dessas “tirantias de etiqueta” (*ibidem*: 164) que são os rituais de delicadeza que, como vimos anteriormente, constituem um meio privilegiado de assegurar o contacto, de regular a distância, de reforçar os laços sociais, de inaugurar ou encerrar a interacção, dissimulando, por vezes, alguns problemas através de fórmulas mais ponderadas e mais delicadas.

Esta diminuição no emprego de rotinas mais formais e delicadas pode ser entendida como um modo de exercer, a distância, uma pressão sobre o receptor, despoletando formas indirectas de gerir o tempo do(s) outro(s), na medida em que a simplicidade da forma conduz o interlocutor a responder mais rapidamente, construindo, assim, uma relação mais directiva, impelindo-o, conseqüentemente, à participação. Este acréscimo de sociabilidade, que advém da facilidade e da acessibilidade comunicativas, pode encerrar, contudo, um aspecto paradoxal: a invasão do correio do outro cria uma dívida, um dever de resposta, visto que o dispositivo encerra, implicitamente, uma coacção: o respeito pela face do outro reclama e exige uma brevidade temporal.

Ora, é justamente esta condensação temporal da comunicação electrónica que instaura especificidades no conteúdo da mensagem, par além da referida diminuição dos aspectos formais. A redacção mais rápida, uma releitura cada vez menos frequente, menos sistemática e, portanto, mais rara, uma menor atenção à forma (ortografia, apresentação, translineação, apresentação de parágrafos, etc.) conduz a um relaxamento na escrita. Esta “escrita relâmpago” (*écriture flash*¹¹) tem conduzido a considerações precipitadas que obviamente tentam incutir a ideia de que se trata de uma nova actividade, de outra forma de escrita, inovadora, porque diferente.

Neste aspecto, os linguistas têm insistido no carácter híbrido destes discursos mediados por computador: uns consideram não haver lugar para a oposição

¹¹ Akrich *et alii*, no documento supracitado, afirmam: “Cette *écriture-flash*, ce style jugé relâché, cette absence de formes ont fait naître chez certains le sentiment qu’il s’agit d’une activité scripturale spécifique, différente et en définitive originale”, p. 166.

dicotómica oral/escrito, propondo o tal *continuum* (Mondada 1999¹²) que releva de práticas comunicativas específicas (Ferrara *et al* 1991¹³):

“Electronic communication, written on keyboards and read on computer screens, has many characteristics of both speaking and writing. Like telephone conversations, it is transmitted by a technology that replaces face-to-face communication, in the case of the telephone conversation with voices speaking and in the electronic discourse with images on a screen. Like letters, electronic discourse is supported by a delivery system that replaces face-to-face communication with writing that stands in place of voices”¹⁴.

Esta forma de comunicação mediada por computador, caracterizada por uma proximidade artificial, pode definir-se, por conseguinte, como um espaço de encontro dessincronizado que pode passar a pós-sincronizado pela intervenção dos correspondentes. Graças à activação do comando “*Reply*” ou “*Responder*” facilmente se constrói uma resposta linear, de aparência minimalista, que mima, em certa medida, expressões sem qualquer conteúdo informativo, usadas em interacções face a face e que podem até reduzir-se a simples expressões faciais. O correio electrónico permite a combinação de algumas estratégias discursivas que decorrem dos seus atributos de interactividade e espontaneidade.

The instant and unpretentious nature of electronic mail encourages immediacy and spontaneity¹⁵.

A possibilidade de construir sobreposições discursivas é autorizada pela facilidade e rapidez da leitura e da capacidade de responder, um processo que a literatura anglo-saxónica denomina “*quoting*”.

¹² M. Mondada, “Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion. Une approche conversationnelle de l’interaction sur Internet”, *Apprentissage des langues et systèmes d’information et de communication*, 1999, n.º. 2, pp. 3-25, disponível em <http://alsic-univ-fcomte.fr>, consultado em 3 de Novembro de 2004.

¹³ K. Ferrara, H. Brunner e G. Whitemore, “Interactive written discourse as an emergent register”, *Written Communication*, vol. 8, n.º. 1, 1991, pp.8-74.

¹⁴ Boyd H. Davis e Jeutonne P. Brewer, *Electronic Discourse, Linguistics Individuals in Virtual Space*, New York, State University of New York Press, 1997, p. 2.

¹⁵ Jonsson, <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/2.html>, capítulo 2 “Electronic mail discourse”, em 4.Outubro. 2005.

Another economic and efficient way of communicating in e-mail is what can be called *quoting*. It is a feature unique to computer-mediated communication that surpasses the domains of both speech and traditional writing. Quoting is made possible by the modern computer's ability to easily copy and paste text and means that, in replying to a message, a sender may copy relevant fragments from the message and paste them into the reply¹⁶.

O espaço textual da mensagem original pode favorecer uma interlocução imediata, permitindo também, a possibilidade de fragmentar e disseminar a resposta. Esta particularidade de inserir a resposta na mensagem constitui umas das diferenças estruturais relativamente à interacção epistolar canónica que não autoriza a resposta, no mesmo espaço textual, mas apenas numa posterioridade relativa à carta inicial.

Seja qual for o lugar da inserção dos elementos textuais que constituem a resposta (no início, no final ou através de fragmentos disseminados), o resultado traduz-se numa unidade textual diferente (inclusivamente demonstrada quando impressa). Este espaço discursivo é construído, por vezes, em sequências de retomas sucessivas, apresentando-se as mensagens no ecrã, dispostas segundo uma ordem temporal.

Estas condições de produção e de recepção do dispositivo electrónico modificam, em parte, as representações habituais da “cena enunciativa” e abalam o princípio da linearidade do discurso, sublinhando a complexidade dos mecanismos de leitura. Esta, por seu turno, pode desencadear-se em dois momentos distintos, no ecrã e na impressão em papel, sendo, neste último caso, explicitados os elementos peritextuais que fazem a ancoragem das situações enunciativas.

O correio electrónico encontra-se, pois, numa fase ainda emergente.

Neste sentido, gostaríamos de propor uma caracterização do discurso epistolar electrónico que o afastasse da tensão entre oral e escrito e que, baseando-se nesta dimensão de alicerce que é a dimensão temporal, evidenciasse como, através desta prática, se estimulam elevados graus de interactividade.

¹⁶ *ibidem*, capítulo 2, Electronic mail discourse, p. 3.

2. Elementos estruturais do discurso epistolar electrónico

2.1. Designação

Nascido nos Estados Unidos, foi rapidamente baptizado pela contracção *electronic mail : email*. Este acrónimo, de uso corrente, é uma forma polissémica, na medida em que designa, quer o modo de transmissão, quer o endereço electrónico dos correspondentes, quer ainda a própria mensagem transmitida electronicamente¹⁷. As diferentes línguas, habituadas a importar os anglicismos, esforçam-se por criar designações próprias, embora pecando, a maior parte das vezes, por incapacidade de reacção, de determinação e de ambição.

Os canadianos foram os primeiros a propor uma alternativa, tendo conseguido vulgarizar o *enjambement courriel* (com uma formação por sufixação, similar à de *logiciel*), resultante da contracção de *courrier électronique*.

Os franceses, por seu turno, propuseram o termo *mél* e, inclusivamente, criaram a forma verbal *méler*, mas não tendo havido incremento terminológico à neologia, esta tem sido quotidianamente substituída pelos termos ingleses: *e-mail*, *mail*, *mailer*, que são os mais utilizados.

Em português europeu, de modo negligente e lastimável, persiste-se na adopção passiva e repetida dos vocábulos estrangeiros, sem que se vislumbre uma reflexão de cariz linguístico em prol da defesa deste nosso último reduto patriótico. E, assim, se assiste, todos os dias, ao emprego de expressões como “dá-me o teu *email*”, “manda-me um *mail*” “não te esqueças de ir ver o *mail*”. Investigadoras portuguesas da neologia em português europeu¹⁸, face à expansão da comunicação electrónica, propõem uma descrição morfo-sintáctica para as unidades que designam, no seu conjunto, por *e-termos* (consideram um *e-termo* cada uma das unidades que apresenta na sua estrutura a partícula *e* com o significado de

¹⁷ A este propósito, consultar: Philippe Ernotte, *Francité* n.º 24, 1999, <http://www.synec-doc.be/francite/rev24/mail.html>.

¹⁸ Mafalda Antunes, Susana Correia, Rita Gonçalves, “E-termos: descrição e hipótese de classificação”, Amália Mendes, & Tiago Freitas (orgs.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística & Edições Colibri, 2003, pp. 120-131.

electronic/electrónico), detendo-se naturalmente no termo *e-mail*. Para estas autoras “o termo *e-mail* é tão frequentemente utilizado que rapidamente perdeu o seu estatuto de neologismo e apareceu atestado no *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências (2001) como uma abreviação do inglês *electronic mail*. Esta atestação comprova a integração do termo no vocabulário português”¹⁹.

2.1. Elementos peritextuais

Da mesma forma que pudemos recensear os elementos estruturais da epístola ou carta canónica, podemos identificar as sequências fixas das mensagens de correio electrónico, não só as que são transmitidas de uma forma invariável, decorrente do *software* utilizado (em aperfeiçoamento constante nestas duas últimas décadas), como também as rotinas verbais utilizadas na interacção em situação de proximidade, mesmo se familiar.

Uma mensagem electrónica apresenta uma estrutura bipartida, com uma zona superior, pré-formatada, correspondente a um cabeçalho e uma zona posposta, destinada à escrita do texto da mensagem, constituindo, assim, o corpo do texto. É igualmente possível activar uma terceira zona quando decidimos anexar um ficheiro, aparecendo o símbolo correspondente ao ficheiro junto, nesta última área.

O cabeçalho inclui quatro elementos principais, variando, contudo, consoante os sistemas que foram previamente adoptados:

a) Da mesma forma que o epistolar tradicional impõe a indicação do endereço do correspondente, o correio electrónico exige o **endereço electrónico do destinatário** da mensagem, que aparece depois das palavras “*Para*” ou “*To*”, e que se escreve, digitando manualmente no teclado ou, opcionalmente, por inserção automática, através de uma remissão para o livro de endereços. Este é um elemento obrigatório. Por convenção, o endereço electrónico tem uma estrutura em que

¹⁹ *Ibidem*, p. 123.

figura obrigatoriamente o símbolo @. Este símbolo foi escolhido pela sua singularidade, o seu carácter meio-letra, meio-imagem, e tornou-se, indubitavelmente, num ícon da comunicação electrónica. É, sem dúvida, um dos símbolos mais característicos da Internet. Indo mais longe, escreve Bruno Giussani “Trente ans plus tard, le signe est devenu une sorte d’icône pop”²⁰. Ora, segundo este investigador, a existência deste símbolo remonta à Idade Média quando, segundo os linguistas, os monges copistas o criaram a partir da contracção da preposição “ad”. O uso de @ data, mais precisamente, segundo Yus (2001:178), de 4 de Maio de 1536, quando surgiu num documento mercantil assinado por Francesco Lupi.

Em português, este símbolo é designado por *arroba* ou *eta*. Em inglês, é reduzido à expressão simples de *at*, *at-sign* ou *a comercial*. Em espanhol, diz-se *arroba*; em italiano denomina-se “*chiocciola*, ou, no seu emprego diminutivo, *gusano*; em francês, *arobase*, ou *petit escargot*; *klammenraffe*, em alemão; *api* (diminutivo de *apestaarje*); em holandês, *kerollalfa*, que quer dizer letra alfa enrolada; em norueguês; *snabel –a* (que significa letra a com perninha), em dinamarquês. Em hebraico desenvolve-se a mesma metáfora do caracol, *shabluk*; e em húngaro, designa-se por *kukac*. O linguista Berthold Louis Ullman²¹ explica que este símbolo é uma junção de duas letras, reflexo da abreviação da preposição latina “ad”, facto que já remonta ao século VI. Nos séculos seguintes terá sido utilizado em trocas comerciais e em documentos do foro religioso. No jornal oficial da Commission Générale de Terminologie et de Néologie de la Délégation Générale à la Langue Française²² pode ler-se: “@ est à l’origine le symbole d’arroba (de l’arabe *ar-roub*, *le quart*), ancienne unité de capacité et de poids espagnole et portugaise. Ce signe est également utilisé dans les langues anglo-saxonnes, dans des formules telles que “tant de tel article @ tant l’unité”. Dans ces emplois, il est appelé “*a commercial*”, et son trace, identique à celui de l’arroba, résulterait de la ligature de l’accent grave avec le *a* de la préposition *à*, autrefois d’usage courant dans le commerce international.”

²⁰ Vide <http://www.giussani.com>

²¹ Citado por David Rault, Journal *Libération*, 17.03.2000, disponível em <http://www.arobase.org/culture/arobase.htm>

²² Jornal oficial, datado de 8.12. 2002, em <http://www.arobase.org/culture/arobase.htm>

Alguns elementos do endereço electrónico podem indiciar facilmente inferências sobre a identidade. Por exemplo, Portillo y Hartzza²³ afirmam que:

En la dirección electrónica se repite el mito de la diferencia entre el individuo y la familia. En efecto, en <eloy.upm.univ.es> el nombre individual va antes de la arroba, y el nombre familiar (la Universidad Politécnica de Madrid) va detrás. Por último, la familia es situada en un clan mayor que es el Estado (en este caso España)(1995: 23).

Fundamentalmente, o endereço electrónico do destinatário é constituído por três elementos distintos, separados por intervalos, pontos finais ou hífen rebaixados: o nome do destinatário, em geral abreviado com ou sem número de identificação, expressão que é escolhida livremente pelo titular ou atribuída pelo fornecedor de acesso; o símbolo @ e a indicação do DNS (*Domain Name System*), o sistema de acesso (exemplos: “com.”, “edu.”, “gov.”, “org.” “univ-ab.”), ao qual se pospõe ainda a menção geográfica do país, dada pelas iniciais internacionalmente aceites (exemplos: “pt”, “uk”, “fr”)²⁴.

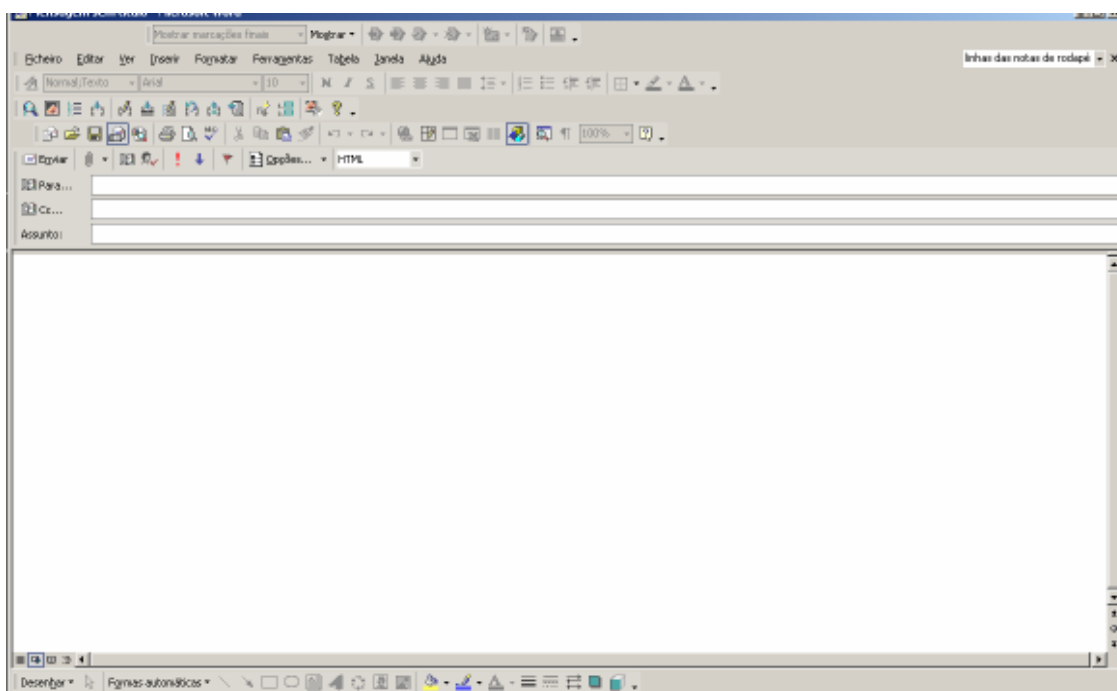
b) **o endereço electrónico do destinador**, a seguir à forma “*Dê*” ou *From*” aparece automaticamente, podendo, no entanto, ser escolhida uma opção entre as diferentes possibilidades de endereço electrónico do remetente. O que acontece frequentemente é que os utilizadores possuem dois ou mais endereços electrónicos que accionam em diferentes situações. Em situação profissional utilizam um endereço e em situação privada utilizam outro(s). Trata-se igualmente de um item obrigatório, mas que a maior parte dos serviços inclui automaticamente, sem ser necessário escrevê-lo repetidamente.

²³ E. Portillo e J. Hartzza, “Los sujetos ante el mundo digital”, *Archipiélago*, 23, pp. 21-26, *apud* Francisco Yus, *Ciberpragmática, El uso del lenguaje en Internet*, Barcelona, Editorial Ariel, 2001, pp. 177-178.

²⁴ Para uma melhor percepção dos aspectos técnicos, económicos, jurídicos e sociais do correio electrónico, pode consultar-se Lucien Rapp (1998), *Le Courrier électronique*, Paris, Presses Universitaires de France, n.º. 3409, Collection *Que sais-je?*

c) uma breve descrição do tema da mensagem que deve inserir-se manualmente, a seguir a “*Assunto*” ou “*Subject*”. É um elemento opcional. Refira-se, contudo, que a maioria dos *softwares*, quando esta rubrica não é preenchida, contesta com uma pergunta, questionando o utilizador sobre a sua verdadeira intenção, indagando se, mesmo sem assunto, quer prosseguir com o envio da mensagem. A descrição do assunto da mensagem, devido à limitação do número de caracteres desta caixa, deve ser escrito com brevidade, clareza, relevância e concreção, tal como o estipulam as máximas de Grice (1975). O assunto é um dos constituintes mais importantes da mensagem electrónica, pois, para além de ser o *item* que desperta a atenção imediata do leitor, contribui específica e deliberadamente para a triagem que vai ser feita, podendo ajudar a decidir quer pela leitura imediata, quer pela rejeição consecutiva, quer ainda pela ulterior abertura, num momento a decidir. Grande parte do correio indesejado apenas se identifica pelo assunto que exhibe no cabeçalho (basta lembrar os *spams* e os inúmeros anúncios comerciais que invadem as nossas caixas de correio).

d) a data e a hora do envio da mensagem, precedidas de *Recebido* ou *Enviado*, formatado directamente pelo *software*.



Estes elementos estruturadores ficam automaticamente registados, logo que a mensagem é enviada com sucesso.

No cabeçalho de uma mensagem electrónica podem surgir, ainda, outros elementos que designámos por opcionais:

a) Um espaço para registar outros endereços electrónicos que foram escolhidos como destinatários da mensagem. Este espaço é precedido pelas letras *Cc*, correspondentes a *carbon copy* (papel químico), que costuma ser referida como cópia de cortesia;

b) Um espaço para os endereços que também recebem uma cópia da mensagem, precedido da sigla *Bcc*, correspondente a *blind carbon copy* (cópia de carvão oclusa), situação em que o principal destinatário da mensagem não tem conhecimento das outras.

c) Uma área pequena em que aparece um símbolo (um *clip*) que é activado se um ficheiro for anexado.

d) Ainda existe, por vezes, outro espaço em que consta um símbolo (por exemplo, um sinal de exclamação), quando se deseja assinalar o carácter urgente ou prioritário da mensagem, dispositivo que nada tem a ver com a velocidade de transmissão electrónica da mensagem, como muitos erroneamente julgam.

Sistematizando, os sistemas de transmissão de correio electrónico possuem, genericamente, as seguintes funcionalidades:

- enviar mensagens para um ou vários destinatários
- enviar cópias de mensagens a terceiro(s) (função *cc* ou *bcc*)
- responder à própria mensagem recebida, retomando-a e pospondo-lhe comentários ou respostas curtas
- reenviar ou reencaminhar mensagens
- anexar ficheiros (através da função *attach* ou *anexar*), que podem ser comprimidos

- arrumar automaticamente as mensagens recebidas em função de determinados critérios (exemplo: nome do emissor, data de envio, assunto prioritário, etc.)
- arquivar as mensagens recebidas
- imprimi-las

2. 3. Elementos do corpo da mensagem

2. 3.1. Sequências de abertura

Há uma estrutura canónica da sequência de abertura do corpo da mensagem epistolar electrónica que obedece a um esquema similar ao da comunicação epistolar tradicional, em que a sequência é preenchida por uma forma de designação do outro e por uma saudação desencadeadora de conjunção social. Surgem, contudo, inúmeros casos de mensagens electrónicas que carecem desta abertura. Incluem-se neste caso as mensagens enviadas por remetentes que desconhecem o receptor, cujo exemplo mais ilustrativo é o caso dos anúncios publicitários e dos *spam*. Surgem também mensagens em que a saudação inicial é introduzida automaticamente pelo *software*, o que, por vezes, conduz a resultados inesperados e hilariantes; podemos incluir ainda, nesta categoria vazia, os recibos que acusam automaticamente a recepção de mensagens (quando o sistema não está operacional, quando a caixa de correio está sobrelotada ou quando o receptor não se encontra no seu lugar de trabalho)²⁵.

A sequência de abertura surge também vazia quando o correio electrónico é utilizado, dentro das instituições, para enviar informações a todos os membros de um grupo ou de uma equipa, tal como acontecia antigamente nos comunicados/informações internos às organizações.

Entre pessoas que se conhecem, as mensagens sem designação do outro e/ou sem saudação inicial são frequentemente respostas rápidas entre duas pessoas

²⁵ Cf. D. Crystal, *El lenguaje e Internet*, Cambridge e Madrid, Cambridge University Press, 2002, p. 119.

(que formam um par adjacente) e devem ser entendidas como um “turno de escrita” em instâncias de interacção electrónica²⁶.

Crystal especifica:

“Cuanto más tiempo se demore la respuesta, más probable es que contenga un saludo, aunque sea una disciplina por el tiempo de espera. Por el contrario, dos tercios de una muestra de 500 correos electrónicos de mi carpeta de *Elementos Eliminados*, enviados por personas que me conocen, desde los más formales a los más informales, e indican varios tipos de relaciones sociales y de intimidad. Podrían clasificarse de muchas formas, pero una variable importante es el uso de un saludo cariñoso inicial (los mensajes que contenían *Querido* eran el doble que los mensajes que no contenían) (2002: 120).

Saudações de abertura

A forma de saudação mais comum na troca electrónica evidencia características comuns da interacção informal entre pessoas que se conhecem, denotando que a relação social e os constrangimentos de tempo que impelem a uma resposta rápida condicionam estas formas de abertura.

2. 3.2. Sequências de fecho

As sequências de fecho dividem-se em três tipos:

1) Sequências clássicas de fecho (Schegloff & Sacks, 1974), realizadas por todos os elementos clássicos de fechamento de uma interacção: tópicos implicativos de fechamento (e.g. mandar abraços para a família), elementos de pré-fecho e elementos de fecho propriamente dito.

2) Sequências reduzidas (Zimmerman, 1992), que envolvem sequências bastante curtas e desprovidas dos elementos clássicos acima descritos, não existindo,

²⁶ Kerbrat-Orecchioni, no seu artigo “L’interaction épistolaire”, in Jurgen Siess, *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, pp. 15-36, ao comparar a interacção epistolar com a interacção conversacional, retoma, a partir das teorias da análise conversacional, os mecanismos de alternância nos turnos de fala e associa, na interacção epistolar, cada carta a um “turno de escrita”, insistindo, contudo, nas diferenças que se observam entre os dois tipos de interacção e que decorrem sobretudo do intervalo temporal (*gap*) entre os turnos. (pp.31-32). Afirma: “Dans une correspondance, chaque lettre peut être assimilée à un tour. Toutefois, ces “*tours d’écriture*” ne fonctionnent pas exactement comme les “*tours de parole*” (p. 31).

consequentemente, uma negociação do fecho da interacção entre os participantes; e sequências elaboradas de fecho, que envolvem outras sequências mais longas, em que, por vezes, até se lança um novo tópico em simultâneo ou posteriormente à fórmula de despedida²⁷.

2.4. Assinatura electrónica

A assinatura, para além de ser uma condição de validação jurídica de numerosos actos da nossa vida civil, é uma das marcas do epistolar tradicional.

Contudo, a difusão das novas tecnologias da comunicação, a expansão da comunicação electrónica e a utilização, em numerosas transacções, do suporte electrónico, em vez do canónico suporte em papel, têm colocado desafios relativamente à assinatura. Como se assegura a distância a identidade de quem firma o seu nome? A actualidade propulsa este signo de identidade que foi banalizado e que suscita acesas discussões. A importância do gesto autógrafo, que confere à assinatura a sua singularidade, constituiu, ao longo dos séculos, uma idiossincrasia que hoje é questionada quando se trata da comunicação electrónica. As transformações técnicas fazem bascular esta noção de escrita identitária, na medida em que colocam problemas de validação do acto e sobretudo, reduzem, a panóplia de formas estéticas, simbólicas e criativas de rubricar.

A correspondência electrónica pode incluir uma assinatura, designada por assinatura electrónica que, apesar de não ser manuscrita, se inspira nesse grafismo e que permite a identificação e a autenticação da mensagem. Pode incluir-se de forma manual ou automaticamente. Numa interacção formal, a assinatura inclui o nome próprio e pelo menos um apelido (ou vice versa, consoante a norma linguística de cada país). Pode pospor-se a indicação de títulos ou cargos. (Exemplo: secretário do Departamento X ou Responsável pelo Sector Y), dependendo do grau de

²⁷ Cf. Sacks, H., Schegloff, E., Jefferson, G. (1978), “A simplest systematics for the organization of turn taking conversation”, in J. Schenken (ed.), *Studies in the organization of conversational interaction*, New York: New York Academic Press.

formalidade da mensagem e ainda se podem acrescentar a morada institucional e as coordenadas telefónicas e electrónicas.

Quando se trata de uma interacção electrónica informal, entre amigos, colegas ou familiares, usa-se apenas o nome próprio, ou mesmo o diminutivo, ou somente as iniciais.

No caso da assinatura electrónica é possível, a partir dos actuais *softwares*, gravar e guardar essas coordenadas do remetente e inclui-las automaticamente no final das mensagens.

Este elemento de fecho da mensagem electrónica tem, segundo Crystal (2002: 125), duas importantes funções que o diferenciam da correspondência tradicional: a primeira surge como um marcador de limites que indica ao destinatário que se trata do final do texto no ecrã, não existindo mais nenhum texto personalizado, sendo raros os *post scriptum*; em segundo lugar, a despedida desempenha a função de desvelar e dilatar a identidade, fornecendo muitas vezes informações que não constam do cabeçalho (*vide* elementos peritextuais).

3. Especificidades do correio electrónico

3.1. Elevada interactividade

A comunicação electrónica, tal como as demais inovações tecnológicas, caracteriza-se por uma eterna ambivalência que indubitavelmente acarreta ganhos e perdas. Comunicar através de uma mensagem electrónica é uma conquista deste novo mundo virtual que se, por um lado, nos priva do contacto físico, por outro, permite-nos estar em permanente ligação e comunicação com outros, mesmo nos antípodas do planeta. A interactividade pressupõe uma acção partilhada. Para o psicanalista Émile Noel²⁸, esta nova forma de comunicação, estabelecida a partir da premissa “fica em casa e comunica com o mundo inteiro”, desliga o homem de uma dimensão social directa e dos movimentos participativos, na medida em que as

²⁸ Citado no artigo de Inês Meneses, infracitado.

relações directas ou “cara a cara” foram substituídas por relações mediatizadas, incentivando algumas formas de individualismo. Desta forma, este autor interpreta dramaticamente este tipo de comunicação como uma forma de rejeição do outro, cuja presença só é suportável se estiver longe. “No fundo estas novas relações estabelecidas com alguém cada vez mais distante, desprovido de um olhar, alguém que não precisamos de encontrar verdadeiramente, conduzem-nos a uma solidão cada vez maior”²⁹.

Paradoxalmente, para os que defendem – como nós - os ganhos desta forma de comunicação a distância, este novo mundo é cada vez mais atractivo, na medida em que permite despoletar e multiplicar contactos com um elevado número de interlocutores, promove a urgência e o imediatismo da comunicação, reforça laços afectivos, altera porque intensifica as relações de proximidade³⁰.

A franca acessibilidade, a rapidez, a facilidade no entrosamento electrónico, a maior informalidade permitem incrementar novas formas de partilha de pensamentos, de reflexões e de emoções, modificando e dilatando as formas quotidianas de sociabilidade.

Uma das formas que testemunha esta elevada interactividade e que resulta consequentemente numa economia da escrita é a possibilidade de endereço múltiplo, o que os anglo-saxónicos designam por “*cross-posting*”.

“Besides quoting, another common strategy of e-mail communicators, eager to enhance “economy of writing, is cross-posting. Cross-posting means providing the same posting to multiple communicators”³¹

²⁹ Inês Menezes, “Internet: Admirável mundo novo”, Revista *XIS Ideias para mudar* n.º. 178, 2 de Novembro de 2002, pp. 8-9.

³⁰ Brenda Laurel, estabelecendo uma aproximação entre as artes cénicas e os dispositivos informáticos, procura mostrar que a relação entre o homem e o computador não tem que ser necessariamente fria e distante. Brenda Laurel, *Computer as a theater*, Boston, Addison-Wesley Longman Publishing, 1993.

³¹ Jonsson, <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/2.html>, capítulo 2 “Electronic mail discourse”, em 4.Outubro. 2005.

3.2. Hibridismo

“Part of the difficulty in resolving e-mail’s linguistic identity is that most discussions assume there exists a clear dichotomous relationship between speech and writing against which e-mail can be compared [...] Recognizing the difficulty, several studies (e.g. Collot and Belmore 1996; Yates 1996) have proposed analyses of e-mail using models that conceptualize speech and writing as points on a continuum defined by social use parameters. [e.g. Biber (1988); Halliday (1978); Chafe and Danielewicz (1987)]”

Naomi Baron, “E-mail as a contact language: the evolution of modality”

O domínio das especificidades das formas de comunicação mediadas por computador é devedor dos contributos de linguistas e de analistas do discurso que têm estudado, nas suas relações contrastivas, estas formas de relação, comparando-as com as formas tradicionais, escritas e orais.

Este carácter híbrido das formas electrónicas tem contribuído positivamente para a reflexão e para o debate sobre o *continuum* entre oral e escrito, não se limitando a estabelecer pólos dicotómicos distantes e impenetráveis³².

A caracterização deste registo escrito interactivo (“*written interactive register*” Ferrara *et al.* 1991) foi realizada a partir da interiorização de outras dimensões já estudadas: a partir dos modelos de D. Biber, (1988)³³ ou de W. Chafe e J. Danielewicz (1987)³⁴ foi explicado este carácter híbrido da CMC. Esta forma de comunicação exhibe marcas, quer de apagamento, quer de participação/inscrição enunciativas; procedendo à redução ou à simplificação discursivas, por um lado, não deixa de patentear uma forte densidade lexical; manifestando traços de

³² M. Mondada, “Pour une approche analytique des pratiques cybercommunicationnelles”, <http://alsic.univcomte.fr/Num3/mondada/default.htm>

³³ “Biber’s series of analyses of variation across spoken and written forms of languages has shown that “linguistic variation in any language is too complex to be analysed in terms of any single dimensions” (1988:22) é a conclusão de Boyd H. Davis e Jeutonne P. Brewes, no início do seu capítulo “A first look at electronic discourse”, *Electronic Discourse, Linguistic, Individuals in Virtual Space*, New York, State University of New York Press, 1997, p.4.

³⁴ Wallace Chafe e J. Danielewicz, “Properties of Spoken and Written Language”, in R. Horowitz e S. J. Samuels, *Comprehending Oral and Written language*, New York, New York Academic Press, 1987, pp. 173-188.

descontinuidade sintáctica, exhibe uma organização discursiva, planificada, recorrendo aos deícticos textuais, à anáfora e à catáfora, como na escrita epistolar mais canónica; e, privada das dimensões paralinguística, proxémica e quinésica, recorre a dispositivos alternativos para a modalização textual (truncamentos ortográficos, pontuação expressiva, artifícios tipográficos). A troca de mensagens na rede Internet releva, pois, tanto da conversação, como da comunicação escrita. Com efeito, sendo o código escrito, a temporalidade quasi-síncrona do correio electrónico permite e estimula uma comunicação próxima da conversação face-a-face, permitindo interacções comunicativas em que existe uma determinação mútua, ou seja, as fases de emissão e de recepção sucedem-se, em geral, em quase simultaneidade: “Dans une conception interactive de la communication (...) les phases d’émission et de réception sont en relation de détermination mutuelle”, afirma Kerbrat-Orecchioni, havendo concomitantemente uma relação condicionante entre as intervenções iniciativa e reactiva. Segundo Luzzati (1991)³⁵ e Violi (1996)³⁶, o modo de escrita situa-se entre o estilo oral espontâneo e o epistolar.

É interessante notar que no âmbito dos estudos em CMC encontramos frequentemente os termos de “conversação escrita” e de “escrita oralizada”.

Em suma, como afirma Jonsson, “What further consolidates the connection with spoken discourse, is the fact that the characteristics of an electronic message resemble the turn-taking that takes place in oral discussions. (...) E-mail does not conform to the traditional domains of spoken and written discourse, but constantly transgresses the limits between the two. Therefore, e-mail must be said to create its own domain of discourse in the history of communication”³⁷.

³⁵ D. Luzzati, “Oralité et interactivité dans l’écrit Minitel”, *Langue Française* n.º. 89, “L’oral dans l’écrit”, Luzzati (ed.), 1991, pp. 99-109.

³⁶ P. Violi, “Electronic dialogue between orality and literacy. A semiotic approach”, *Communication au Colloque IADA*, Prague 1996.

³⁷ Jonsson, <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/2.html>, capítulo 2 “Electronic mail discourse”, em 4.Outubro. 2005.

3. 3. Efemeridade

Ainda que o correio electrónico seja uma forma quasi-síncrona de comunicação, subscrevemos a afirmação de Melançon que afirma “c’est une forme d’échange assynchrone”. Será a mensagem electrónica uma forma assíncrona, instantânea, descartável, efémera?

Estas são justamente interrogações que têm merecido profundas reflexões, principalmente, por parte de filósofos e que, neste momento, interessam aos linguistas e aos epistemólogos: a relação entre temporalidade e civilização electrónica. Vários autores, McLuhan (1967), Marshall Nicholas Negroponte (1993), Christian Vanderdorpe (1999), Bill Gates (1995), Manuel Castells (2004)³⁸, entre outros, reconhecem que os meios electrónicos de comunicação, por um lado, e as auto-estradas da informação, por outro, modificaram a nossa concepção, tanto de espaço e de distância, como de tempo.

Debrucemo-nos, por isso, sobre a reflexão de um teólogo que, a propósito da necessidade de repensar o tempo litúrgico do Advento e a importância da espera como expectativa não ansiosa e como atitude de disponibilidade em relação ao outro, afirma: “Vivemos numa cultura que faz do tempo um adversário e, simultaneamente, nos escraviza totalmente a ele. O tempo é o inimigo que tentamos enganar, ultrapassar, dominar em correria desenfreada contra ele, com a ilusão de que lhe poderemos passar à frente e controlá-lo. (...)“Perder tempo” é o grande anátema com que nos culpabilizamos sem misericórdia”³⁹ (Rico 2001: 977).

Não será, pois, suficiente constatar, como, de resto, afirma William Mitchell (1995), que a rede Internet é anti-espacial e que nega a geometria (“*negates geometry*”

³⁸ McLuhan, Marshall, *La Galaxie Gutenberg. Face à l’ère électronique*, Montréal, HMH, 1967.

Gates, Bill, Nathan Myhrvold e Peter Rinearson, *The Road Ahead*, New York, Viking Penguin, 1995, traduzido por Guy Fargette e Michèle Garène e tal., *La route du futur*, Paris, Robert Laffont, 1995;

Negroponte, Nicholas, *Being Digital*, New York, Alfred A. Knopf, 1993, traduzido por Michèle Garène, *L’Homme Numérique*, Paris, Robert Laffont, 1995.

Vanderdope, Christian, *Du papyrus à L’Hypertexte. Essai sur les mutations du texte et de la lecture*, Paris, La Découverte, 1999;

Castells, Manuel, *The Internet Galaxy. Reflections on the Internet, Business and Society*, Oxford, Oxford University Press, 2001; *A Galáxia Internet. Reflexões sobre a Internet, Negócios e Sociedade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

³⁹ Rico, Hermínio SJ, “Tempo para aprender a viver o tempo”, Revista *Brotéria* 153, 2001, pp. 975-980.

⁴⁰), na medida em que o endereço electrónico não é, na realidade, um endereço físico, e que o correio electrónico, enviado, pode ser lido em qualquer lugar do mundo, o que faz com que não haja uma absoluta relação entre a localização real do destinatário no espaço e o endereço para o qual lhe é transmitida a mensagem. Importa, sobretudo, explicar que para além da negação espacial, urge conceber e sustentar, como defende Virilio, a nova noção de temporalidade. Para Virilio⁴¹, a conquista espacial teve efeitos tão profundos na forma de percepção do espaço como a descoberta da perspectiva no Renascimento, impondo esta, na época, o reinado da gravitação, ao passo que, hoje, aquela permite a livre deslocação, abolindo a noção de horizonte, próximo ou longínquo.

Esta transformação do espaço real despoleta a transformação do tempo, “a mutação do *tempo real* em *presente perpétuo*” (Melançon 1996: 26)

Comparemos com o discurso epistolar tradicional, que se caracteriza por um conjunto de “*décalages*” que constituem o que Haroche-Bouzinac denominou a “temporalidade epistolar: a projecção no futuro do momento da leitura e a remissão para o passado do momento da escrita:

“Tout décalage est source de jeux sur les temps: à un degré élémentaire de conscience épistolaire, tout auteur de lettre sait que le présent de l’écriture correspond au futur de la réception, tout récepteur sait également que le présent de la réception renvoie au passé de l’expédition. Un ensemble de données constitue ce qu’il conviendrait d’appeler la “temporalité épistolaire”. La simultanéité du contact n’est jamais réalisée que sous la forme d’un simulacre, d’un rêve ou d’un projet» (1995: 77).

No caso da mensagem electrónica, mesmo tratando-se de uma comunicação diferida, esta temporalidade é modificada a partir da ilusão da sincronia que decorre da possibilidade de recepção quase imediata. Esta ambivalência tem consequências não só a nível da escrita da mensagem (veja-se a análise das sequências de abertura e de fecho), como no âmbito do pacto epistolar. Pressupondo uma recepção temporalmente próxima, o presente da narração avizinha-se do presente da leitura,

⁴⁰ Mitchell, William J., *City of Bits. Space, Place, and the Infobahn*, Cambridge e Londres, MIT Press, 1995.

⁴¹ Virilio, Paul, *La vitesse de libération*, Paris, Galilée, 1995.

suprimindo a projecção no futuro, axiomática na correspondência tradicional⁴². No caso de uma correspondência electrónica frequente e intensa instauram-se, como veremos, formas similares às formas dialogais, esvaziando-se, então, as categorias de abertura e de fecho.

3.4. Informalidade

“A ruptura que o digital traz à escrita apresenta-se, pois, como sendo a sua própria libertação relativamente ao dispositivo fixo e rígido. Para Pierre Lévy⁴³, o novo dispositivo determina uma escrita diferente, descentrada e heterogénea”.

Maria Augusta Babo, *A escrita e os seus dispositivos*,
<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/mbabo-esc.htm>

A digitalização elimina todas as fronteiras que se relacionam com o suporte físico da escrita e ao suprimir as diferenças materiais reduz, na sua essência, a escrita e a leitura à superfície do ecrã, pese embora, se considere sempre válida a hipótese da impressão em formato papel.

A compreensão do potencial de toda a tecnologia digital, a percepção da potência latente e crescente da interactividade, traduz-se numa mudança de perspectiva, que leva à constatação de que o meio interactivo condiciona o carácter de informalidade da interacção. Esta informalidade crescente utilizada na comunicação mediada por computador é vista por muitos como a recuperação daquilo que é directo, pessoal, da participação individual, da expressão emocional.

Muitos observadores contrastam esta crescente informalidade, esta nova oralidade com a comunicação mais formal, mais erudita e mais distante e encaram a CMC como uma forma de humanização e personalização das interacções.

Como afirma Maria Augusta Babo, “na verdade, podemos detectar em todo este processo coexistências anacrónicas do modelo tipográfico, fechado, sequencial,

⁴² Cf. Nadia Ivanova, “Courrier électronique: renaissance du genre épistolaire?”, <http://perso.wanadoo.fr/greenadine/mailomanie/expose1.html>, em 12.09.2004

⁴³ Pierre Lévy, *Qu'est-ce que le virtuel*, Paris, Éditions La Découverte, 1998, na tradução portuguesa *O que é o virtual?*, Coimbra, Quarteto, 2001.

no modelo digital, aberto, ininterrupto, e vice-versa. É que os modos de apropriação da escrita não são unicamente definidos pelos dispositivos de mediação de que dependem, o que favorece a existência de produtos híbridos que, servindo-se muito embora dos novos dispositivos, têm como modelo (espectral) os seus predecessores”. (...) A instantaneidade e a constante actualização do texto abole na escrita essa poética da rasura de que falaram, entre outros, Blanchot, e a que Derrida também alude quando afirma: "o texto fica instantaneamente objectivado e transmissível, pronto para publicação, ele é quase público e 'pronto a sair' desde o momento da sua inscrição”.

3.5. Carácter espectral: identidades reais ou fictícias?

«L’anonymat que permet la communication sur Internet ne serait-il pas un aphrodisiaque?»⁴⁴

A identidade dos participantes em interacções electrónicas reduz-se ao endereço electrónico, podendo, em algumas situações comunicativas transformar-se numa identidade fictícia. O uso de pseudónimos, de *nick names*, é muito frequente na rede Internet e instituiu-se mesmo como regra em algumas formas de comunicação.

Apropriando-nos da expressão de Mucchieli (1995:60) podemos afirmar que o utilizador da Internet é um “indivíduo espectral”. Esta concepção articula-se com a noção de relações sociais comuns que se estabelecem nas interacções em CMC. Segundo Goffman “les relations sociales ordinaires sont elles-mêmes combinées à la façon d’un spectacle théâtrale, par échange d’actions, de réactions et de répliques théâtralement accentuées» (1973: 73). A criação de identidades e de papéis sociais fictícios por via do anonimato acontece mais frequentemente nas linhas de “*chat*” ou nos fóruns *on-line*, em que as identidades se escondem, se negociam e se multiplicam.

Com efeito, a comunicação electrónica permite desenvolver estratégias de aproximação para satisfazer necessidades de contacto e de relação, longe da

⁴⁴ Walter Goodman, *On the Information Highway*, apud Cécile Moulard, *Mail Connexion, La Conversation Planétaire*, La Laume, Au Diable Vauvert, p. 95.

exposição do *Eu*, evitando os momentos de ansiedade criados por situações reais e concretas. Anulando os condicionamentos sociais que habitualmente constituem obstáculos à comunicação, os utilizadores encontram outra forma de satisfazer a necessidade de sociabilização. E a troca electrónica pode tornar-se espaço social, em que se desenvolvem relações interpessoais concretas e onde, apesar de não haver nem contacto visual, nem proximidade física, se estabelecem laços fortes, carregados de afectividade. Atrás de um computador, é, pois, possível, manipular traços ocultos da personalidade, exibir características diferentes daquelas que se manifestam no dia-a-dia ou expressar tendências habitualmente reprimidas: em suma, é possível apagar defeitos, evidenciando virtudes.

A opção pelo envio de uma mensagem electrónica, em detrimento de um telefonema, por exemplo, conduz também à reflexão sobre que condicionantes inibem determinadas formulações. Assim Inês Menezes questiona-se: “De que modo os tempos diferidos de resposta permitem reflectir sobre a resposta certa. Até que ponto a timidez recua e o prazer da escrita se pode tornar contagiante?”⁴⁵. Estas são considerações idênticas às que Eduardo Prado Coelho tece sobre o fenómeno próximo, e também recente, do SMS⁴⁶, dúvidas essas que são igual e absolutamente válidas e pertinentes para a compreensão, na sua diversidade, do “carácter espectral” das trocas electrónicas.

3.6. Carácter interdialogico

A presença de “turnos de fala”, comuns na conversação face-a-face, pode ser simulada nas mensagens electrónicas através do uso intercalado de expressões reactivas após a citação ou a transcrição das iniciativas correspondentes. Esta possibilidade interdialogica do correio electrónico justifica-se pela necessidade de retomar o discurso antecedente do interlocutor, podendo ser efectivada, quer pela retoma *ipsis verbis* do mesmo, quer pela paráfrase.

⁴⁵ Inês Menezes, “Internet : Uma nova patologia? », Revista *XIS Ideias para mudar* n.º. 178, 2 de Novembro de 2002, pp. 12-13.

⁴⁶ Eduardo Prado Coelho (2002), “SMS, O fio do Horizonte”, *Espaço Público*, *Jornal Público*, 12 de Junho de 2002, p.5.

É importante assinalar que, longe de ser apenas um mecanismo complementar ou acessório, o correio electrónico e a sua decorrente e fácil acessibilidade modificam as relações sociais e socioprofissionais, multiplicando os níveis e tipos de comunicação e desvanecendo as barreiras hierárquicas.

Anis explicita como este processo - facilitado pelo *software* na medida em que é fácil estabelecer uma distinção tipográfica entre a mensagem original e a resposta - se traduz numa prática que estimula e favorece o dialogismo electrónico: “La naturaleza dialógica del cuerpo del texto en un mensaje de correo electrónico se hace totalmente explícita cuando se activa la opción de Respuesta al remitente y los destinatarios del mismo añaden sus reacciones, que se refieren directamente a la totalidad del mensaje recibido.” (Anis 2002: 136)

3.7. O paradoxo da solidão interactiva

Os artigos de opinião sobre o mundo poderoso das novas comunicações electrónicas revelam que existem variadíssimos perigos: os perigos reais que decorrem de uma visão “apocalíptica” da sociedade, em que as pessoas são vistas como seres passivos, moldados pelos “*mass media*” e vulneráveis às suas ameaças - parece-nos uma visão muito redutora e pessimista; e os perigos emergentes que decorrem de novos comportamentos e que têm sido objecto de estudo por parte dos sociólogos. Há uma corrente na actual psicologia que considera que a mediatização da comunicação conduz a uma multiplicação das interacções, facto que, ao invés de aumentar a comunicação, conduz a uma sociedade de indivíduos mais isolados. Instala-se um círculo vicioso de comunicações, revelador de uma solidão cada vez mais acentuada, e quanto mais as pessoas recorrem a estas pseudo comunicações, mais se esvaziam. O perigo da solidão, do isolamento do cibernauta deve ser desmistificado, na medida em que a comunicação electrónica é – e defendemos, numa perspectiva optimista, que deve ser assim encarada – um meio de sociabilização das pessoas. Os estudos indicam que grande parte dos contactos electrónicos que se desenrolam em IRC (sistema de conversação em tempo real) e na mensagem electrónica é efectuada entre pessoas com quem já se mantinham elos

relacionais. O conhecimento prévio não é uma condição necessária para a interacção e, pelo contrário, uma das razões invocadas para o estabelecimento destas trocas electrónicas é a possibilidade de contacto com pessoas desconhecidas e, sobretudo, espacialmente distantes. Ora, não partilhando o mesmo quadro espaço-temporal e não possuindo laços de familiaridade pré-construídos, a interacção constrói-se espontaneamente a partir do que Goffman designou por “**small talks**”: «ce sont des sujets de conversation qui peuvent légitimement être proposées par des personnes de status très différents sans porter préjudice à la distance sociale qui les sépare et en mettant tout le monde d'accord» (1998: 105).

Será também interessante questionar e compreender como a distância e o afastamento, que subjazem ao meio electrónico podem criar e despoletar um espaço de intimidade e de proximidade nas relações, sendo terreno propício a fenómenos de confissão e de expressão de sentimentos habitualmente reprimidos.

3.8. A dinâmica da sequencialidade

A sequencialidade não se reporta apenas à sucessão temporal das mensagens, configurando preferencialmente a organização discursiva, na medida em que a mensagem resposta pode ser construída incorporando segmentos da primeira e exibindo partes da mensagem inicial, reescrevendo, com base nas escolhas segmentais efectuadas, a mensagem resposta. Assim, poder-se-á esquematizar desta forma:

Sequencialidade temporal

Mensagem A _____ Mensagem B

Organização sequencial da mensagem

[cit A /rep B] [cit A /rep B]....

Enquanto nos textos epistolares tradicionais as construções dialógicas obedecem ao modelo proposto por Roulet (1993), ou seja, a reformulação do discurso do correspondente é feita através de duas formas de diafonia efectiva e

potencial do encadeamento e estruturação da mensagem através de conectores, na mensagem electrónica aparece frequentemente a retoma integral por *copy/paste* do discurso do interlocutor.

A prática de resposta, através da inserção de parágrafos citados do texto do remetente, é habitualmente usada em interações electrónicas em contextos profissionais precisos, através da citação e da retoma, seguindo-se o comentário através de uma abertura iniciada por estes diacríticos <> e, quanto mais extensos forem os fragmentos textuais, mais provável se torna esta forma de resposta. Esta opção, denominada por “*framing*”, decorre da facilidade com que se pode seleccionar, cortar e colar partes da mensagem original e realça a marcação enfática do texto origem. Segundo Anis (2002: 141) esta prática de marcação tem vantagens e debilidades, na medida em que, se por um lado, permite a resposta a uma série de questões de uma forma rápida e concisa, facilita a ordenação por tópicos e possibilita, de forma estratégica e sistemática, a recapitulação; por outro, induz o perigo decorrente da citação constante e da descontextualização dos fragmentos transcritos. Surgem, ainda, frequentemente na escrita electrónica textos fisicamente adjacentes, mas semanticamente não relacionados, situação que dificilmente ocorreria na escrita tradicional em que as leis da organização lógica, da progressão, da coesão e da coerência discursivas não autorizariam tal prática.

3.9. Desmaterialização textual: texto instável, maleável, mutável

Ora, a desmaterialização da escrita não se resume a uma simples mudança de suporte, mas torna-se o próprio questionamento da escrita enquanto gesto, rasto de um corpo.

Maria Augusta Babo, *A escrita e os seus dispositivos*,
<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/mbabo-esc.htm>

Telewriting struggles to be less than perfectly transparent. Printed words on the page are not merely windows to ideas represented by the author. To the contrary, the play of the grapheme lends the surface of the text an importance it does not enjoy in printed words. Paradoxically, the dematerialization of the text on the video screen creates the possibility for the reemergence of the materiality of writing.

M. Taylor/E. Saarinen

O carácter indeterminado, intrínseco, virtual, efervescente, contingente, da multiplicidade desta escrita conduz a uma ampla reflexão. Não é o fim da linguagem escrita. Acontece é que a linguagem escrita não é mais o alto templo da sociedade ocidental com os atributos de frases bem feitas, correcção gramatical e ortográfica. Tornou-se “oralizada”, quando se visualiza no ecrã. A comunicação electrónica adopta um estilo de informalidade para renovar o formato clássico da carta.

Indubitavelmente, o meio electrónico está a provocar uma revolução nas culturas e nas civilizações: anuncia-se uma revolução cada vez mais vertiginosa. O tempo, o espaço e a identidade são contínua e profundamente reformulados. Passar do domínio tipográfico para a escrita electrónica implica uma mudança em relação à teoria, na medida em que verificamos que entre esta e a realidade existe simultaneamente continuidade e separação. Não devemos considerar as mudanças de paradigma em termos de extermínio, do género: "Isto destrói aquilo".

É preciso pensar em transformação, porque aquilo que continua a ser verdadeiro é que qualquer paradigma prévio deixa sempre as suas marcas, difundindo-se no paradigma seguinte. Entre o pós-modernismo afirmativo ou celebratório e o pós-modernismo crítico ou de oposição, há, de facto, fronteiras, hibridismo e mediações várias. Há cerca de trinta anos, Marshall MacLuhan afirmava que o conteúdo de qualquer *medium* é precisamente o antigo *medium*, que ele substituiu. A Galáxia de Gutenberg não é substituída por um mundo em que os *media* visuais e auditivos prevalecem, sendo usados para armazenar conhecimento, comunicação ou troca de pensamento. Aquilo que podemos ver não é de modo nenhum o desaparecimento da palavra escrita, mas o contrário: uma explosão de escrita. (Cf. <http://www.triplov.com/hipert/introd.htm>).

A escrita electrónica abrange uma grande variedade de práticas de escrita, nomeadamente processamento de texto, hipertexto, correio electrónico, interacções electrónicas síncronas e inclusivamente o recente fenómeno dos blogues. Em cada um destes casos, o computador medeia a relação autor/leitor, alterando as condições básicas da enunciação e recepção do sentido. A escrita electrónica prolonga a tendência iniciada com o manuscrito e a imprensa, mas também subverte

a cultura da imprensa. A revolução do nosso presente é, incontestavelmente, maior do que a de Gutenberg. Não altera apenas a técnica de reprodução do texto, mas altera também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos leitores: “Com o écran, substituto do códex, a transformação é mais radical, visto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte da escrita que são alterados. Uma revolução deste género requer portanto outros termos de comparação”. No caso do processamento do texto, a facilidade em alterar a escrita digital - a imaterialidade dos signos no ecrã em comparação com a tinta sobre a página - desloca o texto de um registo de fixação para um de volatilidade.

Na escrita electrónica, cada mensagem no ecrã do computador contém elementos interactivos inseridos - um ícone, uma palavra ou frase, ou um significado oculto que o leitor descobre, um ficheiro anexado. Ao premir o cursor, que apela a um elemento interactivo, surge outro anexo, outro bloco de texto, que, por seu turno, tem outros elos que dele partem. O texto não existe como páginas enquadradas numa sequência linear, mas sim como uma rede de ecrãs que o interlocutor activa a seu bel-prazer. A noção de dispositivo convém aqui perfeitamente para designar a matriz da significância, como equivalente do termo enunciação.

A prática electrónica interrompe esta irreversibilidade mediante um procedimento tecnológico em forma de nós hipertextuais que possibilitam trajectórias “multilineares” de significado. Esta escrita é, antes de mais, uma forma visual. Encerra uma dimensão geométrica que permite ao interlocutor assumir o controlo do processo da leitura e da escrita e que permite evidenciar esta desmaterialização textual que confere ao texto electrónico este carácter instável, maleável e mutável.

3.10. Conexidade

Tal como no correio tradicional muitas vezes se concatenavam recortes, pequenos textos, flores secas, pequenas gravuras, pagelas ou brochuras aos textos epistolares, propriamente ditos, o correio electrónico apresenta a mesma

potencialidade, residindo aqui a sua superioridade relativamente aos outros meios de comunicação. A possibilidade de anexação de documentos (textos, desenhos, tabelas, fotografias, etc.), a capacidade de os guardar, compilar, explorar, emendar e reenviar ou simplesmente guardar - qual arquivo ou repositório - é outra das características do correio electrónico.

A presença no discurso epistolar electrónico de textos ou fragmentos discursivos de textos de outrem pode ser analisada igualmente em termos da intertextualidade. Trata-se de uma nova forma de conexão, em que o emissor se permite efectuar a partilha de informação, obedecendo ao princípio da transmissão dos dados virtuais que estipula que não se deve perder a informação que se quer transmitir aos outros e que esta se deve transmitir integralmente. Ora, a comunicação virtual permite ceder, passar a informação anexa a vários interlocutores, sem risco de perda. Para Ivanova⁴⁷, estas novas formas de intertextualidade, como a alusão, a citação e mesmo o plágio (fenómeno recorrentemente avaliado na Internet) encontram-se fortemente representadas na mensagem electrónica, à semelhança do que acontecia no epistolar tradicional em que “citer peut permettre parfois de livrer une pensée intime qu’on oserait pas confier directement: “la belle pensée devient un mode pudique de confiance”⁴⁸.

3.11. Evanescência electrónica e/ou ilusão da sincronia

A transmissão das mensagens, ao contrário do epistolar tradicional que demorava meses, dias ou horas, dependendo dos procedimentos de envio, da maior ou menor distância e da diligência dos serviços de distribuição, faz-se em fracções de segundo, permitindo uma comunicação quase instantânea, em tempo real. A velocidade, a espontaneidade e a impulsividade concorrem para uma menor maturação textual, como anteriormente assinalámos. O correio electrónico permite anular distâncias e diferenças de fusos horários pois, não impondo a presença

⁴⁷ Nadia Ivanova, *Courrier électronique: renaissance du genre épistolaire*, Mémoire de maîtrise, Paris, 1999, <http://izuminka.free.fr/maioomanie/expose1.html>, p. 21.

⁴⁸ Geneviève Haroche-Bouzinac, *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur, 1995, p. 103.

concomitante dos dois correspondentes e garantindo a confidencialidade das suas mensagens, torna-se no veículo por excelência, da comunicação internacional, inaugurando o início da comunicação permanente que não é afectada por diferenças nos locais e nos tempos de recepção.

O tempo é perpetuamente indissociável da ideia de quantificação. Conta-se o tempo, constata-se a sua passagem, materializa-se. Ora, as interacções electrónicas perspectivam esta noção de tempo de uma forma diferente, orientando-se fundamentalmente para o presente, para o imediato, para o que Luc Bonneville designa como a nova “normalité temporelle de la modernité”⁴⁹.

A primeira constatação é a do tempo encarcerado no momento presente, marcado por uma representação constante da instantaneidade. Bonneville justifica esta noção de “patologia do presente” como decorrente da modernidade destas vivências electrónicas, estando associada à obsessão da quantificação do tempo, ao tormento da velocidade de transmissão, à tensão crescente de determinadas práticas sociais, de que o correio electrónico é um exemplo sintomático. Bastará reflectirmos sobre a urgência das compras a distância, das reservas *online*, dos pedidos de informação pela Internet, da vertigem da espera da resposta ao *mail*, para facilmente ilustrarmos esta nova representação do tempo.

Esta característica central da representação da temporalidade assenta na obsessão que os interlocutores apresentam face ao momento actual, ao “agora”, no intervalo que se refere ao instante presente.

O tempo fica comprimido, pressionado, havendo uma supressão do “antes” e do “depois”, realçando-se, apenas, o momento presentificado. A atitude demonstrativa deste fenómeno consiste em desejar permanentemente obter resposta, deter a informação, satisfazer a vontade.

«La critique de la vie quotidienne étudie la persistance des temps rythmiques dans le temps linéaire, celui de la société industrielle moderne. Elle étudie les interférences entre le temps cyclique (naturel, irrationnel en un sens, encore concret) et le temps linéaire (acquis, rationnel, abstrait en un sens et anti-naturel).

⁴⁹ Luc Bonneville, «Temporalité et internet: réflexion sur la psychologie du temps à la lumière des pratiques domiciliaires», (2001), <http://composite.org/20001.1/articles/bonnev2.html>, consultado em 18 Dezembro 2005.

Elle examine les déficiences et les malaises qui résultent de cette interaction encore peu et mal connue. Elle envisage enfin les métamorphoses possibles, du fait de cette interaction, dans la quotidienneté⁵⁰.

O gesto da interacção electrónica é realizado a uma tal velocidade que o utilizador ignora conscientemente os diferentes momentos que constituem as mudanças de estado. A obsessão da velocidade e da instantaneidade ultrapassa a ordem temporal normal da sociedade, revelando-se, em muitas situações, patológica.

Tradicionalmente enviar uma mensagem a alguém implicava um sucedâneo temporal de acções, desde escrever, a sobrescritar, a deslocar-se para enviar pelo mensageiro, pela posta ou pelo correio, retornar e aguardar.

No quadro do sistema de correio electrónico, deixa de existir esta necessidade de decomposição, esta dinâmica, pois raros são os constrangimentos exteriores (excepção feita aos problemas informáticos), permitindo enviar a mensagem a toda e qualquer pessoa, sem vivenciar, pelo menos de forma consciente, estas passagens.

Evidentemente que é fácil contradizer esta ideia de temporalidade instantânea, alegando-se que a escrita no teclado, o envio, o tempo de execução e o tempo de transmissão electrónicos são igualmente compostos temporalmente distintos e encadeados. Todavia, este imediatismo temporal não é mensurável e o desejo permanente dos utilizadores consiste em cumprir e vivenciar o “agora”, no que o que contribui para esta ideia de evanescência electrónica.

3.12. Dinamismo

Uma outra dimensão da comunicação electrónica é o seu carácter dinâmico. Como afirma Thierry Leterre «ce n'est pas don un nouvel usage, c'est une amélioration du medium séculaire qu'est l'écrit»⁵¹. Este dinamismo resulta também da possibilidade de enviar mensagens a múltiplos destinatários, de forma simultânea, o que gera uma estrutura dialógica entre os interlocutores, estimulando a

⁵⁰ Henri Lefebvre, *Fondements d'une sociologie de la quotidienneté*, Paris, L'Arche, 1961, p. 54.

⁵¹ Thierry Leterre, entrevista concedida ao jornal *Libération*, Multimédia, décembre 1996.

interactividade e favorecendo o que Moran e Hawisher⁵² designaram como a hipersociabilidade.

“The impact of e-mail has on your interpersonal life increases as you become more avidly involved. It becomes upward spiralling process: the more you e-mail, the more relationships you develop, the more you need to continue e-mailing in order to stay connected to your colleagues and friends”⁵³.

O dinamismo destas formas advém igualmente do estatuto de objectos no sentido informático do termo, ou seja, entidades dotadas, não somente de propriedades estáveis – linguísticas, gráficas, retóricas, etc. –, mas também de capacidades de interacção com outras entidades, programas, textos, imagens, como referimos.

⁵² C. Moran e G. E. Hawisher, “The rhetorics and languages of electronic mail”, in I. Snider (ed.), *Page to screen. Taking Literacy into the Electronic Era*, London, Routledge, 1998, pp. 88-101.

⁵³ John Suler, “E-mail communication and relationships”, in <http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/emailrel.html>, consultado em 12 de Março de 2005.



Hooch, Pieter de
Woman Reading a Letter
1664
Oil on canvas
Museum of Fine Arts, Budapest

Capítulo 3. Estratégias de enunciação na mensagem electrónica: *a conversão da palavra*

“Even since writing was invented, letter-writing has been one of its main functions. Today, tens of millions of people are composing and sending written messages via computer. Are these messages just paper-less letters, or are they something new in the history of human communication? Should we speak of a revival of the art of letter-writing, which had been eroded by the advent of telephone, or do we perhaps need a new vocabulary to talk about this new mode of communication?”

Brenda Danet,
“Talk to you soon: Literacy, Letter-Writing and the language of electronic mail”, conferência apresentada no âmbito de *Attending to Technology: Implications for Teaching and Research in the Humanities*, University of Maryland, College Park, November, 1996, in <http://atar.mscc.huji.ac.il/~msdanet/email.htm>, disponível em Novembro de 2005

Este domínio de exploração, que é o correio electrónico, inscreve-se numa perspectiva discursiva que tem como ponto de partida duas investigações pioneiras que temos vindo a referir ao longo desta Parte III (Anis¹ e Baron²).

Com efeito, a banalização desta forma de comunicação e de outras, que se operam através da via electrónica, estão na origem de novos géneros discursivos, marcadamente determinados pelas especificidades da situação enunciativa e por critérios que, embora despoletando controvérsia no estudo do género e das tipologias, se pode fundamentar pela afirmação de Kerbrat-Orecchioni:

¹ Jacques Anis (1999b), *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermes Science Publications e Jacques Anis (2001) *Parlez-vous texto? Guide des nouveaux langages du réseau*, Paris, Le Cherche Midi Éditeur.

² Naomi Baron (2000), *Alphabet to E-mail. How written English Evolved and Where It's Heading*, London e New York, Routledge.

Tout se genre se définit comme une constellation de propriétés, que l'on peut appeler les “typologèmes” et qui relèvent d'axes distincts hétérogènes (syntaxiques, sémantiques, rhétoriques, pragmatiques, extralinguistiques, etc.)³

O correio electrónico permite a combinação de algumas estratégias discursivas que, como expusemos no capítulo anterior, estimulam a possibilidade de construção de sobreposições discursivas, autorizadas estas pela facilidade e rapidez da transmissão, da leitura e da resposta. O espaço textual da mensagem original pode favorecer uma interlocução imediata, permitindo também a possibilidade de fragmentar e disseminar a resposta. Esta particularidade de inserir a resposta na própria mensagem constitui uma das diferenças estruturais relativamente à interacção epistolar canónica que não autoriza a resposta no mesmo espaço físico, textual, mas apenas, numa posterioridade explicitada relativamente à mensagem inicial.

Seja qual for o lugar de inserção dos elementos textuais que constituem a resposta (no início, no final ou através de fragmentos disseminados), o resultado traduz-se numa unidade textual diferente, que inclusivamente se demonstra, quando impressa.

Este espaço discursivo é construído, por vezes, em sequências de retoma sucessivas, alinhando-se as mensagens no ecrã, segundo uma ordem temporal.

Estas condições de produção e de recepção do dispositivo electrónico modificam, em parte, as representações habituais da “cena enunciativa” e abalam o princípio da linearidade do discurso, sublinhando, por vezes, a complexidade dos mecanismos de leitura. Esta, por seu turno, pode desencadear-se em dois suportes distintos, no ecrã e no papel impresso (sendo, neste caso, explicitados os elementos peritextuais que fazem a ancoragem da situação enunciativa) e pode desenrolar-se em momentos diferentes e repetir-se *ad nauseam*, como no epistolar tradicional.

A condensação temporal da comunicação electrónica acarreta efeitos óbvios no conteúdo da mensagem, de que a ausência de formalidades é o exemplo mais evidente, mas a escrita, propriamente dita, também sofre transformações: as

³ Catherine Kerbrat-Orecchioni, *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*, Paris, Armand Colin, 1980a, p. 170.

mensagens são escritas com maior rapidez e conseqüente brevidade e a leitura ou releitura é mais ou rara ou, pelo menos, não tão sistemática, consagrando os correspondentes, por isso, uma menor atenção à ortografia e às rotinas verbais.

Os investigadores são unânimes em considerar que as novas formas escritas de comunicação, decorrentes da comunicação mediada por computador se distinguem da escrita canónica, não mediada, principalmente por três características: o (des)respeito aproximado pelas regras ortográficas e tipográficas; a presença de neologismos e de neografias, a ponto de se falar de uma “ciberlíngua”⁴; e a emergência de figuras de comunicação específicas (por exemplo, os *smileys*) que Florence Mourlhon-Dallies e Jean-Yves Colin denominaram “didascálias electrónicas”⁵.

Os trabalhos científicos no domínio da Comunicação Mediada por Computador e, especificamente, os que se reportam ao estudo quantitativo de idiosincrasias linguísticas em mensagens electrónicas⁶, sintetizam os resultados em seis pontos fundamentais: a) erros frequentes (tipográficos ou do tipo lexicogramatical); b) abreviações, reduções gráficas, similares ao estilo telegráfico; c) *smileys* (*emoticons*); d) formas de abertura e de fecho reduzidas ou ausentes; e) níveis de língua variáveis, mesmo num quadro potencialmente formal); f) simulação de “turnos de fala” com retoma do discurso do outro após a inserção de > .

⁴ “*Cyberlangue, cyberécriture, cyber langage, cybersolidarité, cyberamitiés, cybermonde*” são alguns dos termos que surgem na obra de Aurélie Dejongd, *La Cyberlangue Française*, que explicita a nova linguagem que a autora defende ser decorrente do suporte e própria da urgência de comunicação.

⁵ Florence Mourlhon-Dallies e Jean-Yves Colin, “Des discalies sur Internet?”, *Internet, Communication et langue française*, Jacques Anis (ed.), Paris, Hermès, 1999, pp. 13-31.

⁶ De entre outros, destacam-se este os trabalhos de Panckhurst, sobretudo o primeiro que, a partir de corpus de mensagens electrónicas recolhidas junto da comunidade académica, faz o tratamento automático dos dados, sintetizando, em quadros, as percentagens de ocorrência de determinadas formas linguísticas. Cf. Rachel Panckhurst, “Analyse Linguistique du Courrier Électronique”, *Communication, Société et Internet, Actes du Colloque GRESICO* (Groupe de Recherches Société Information et Communication de l’Ouest), Université de Bretagne-Sud, 10 et 11 septembre, Paris, l’Harmattan, 1998a, pp. 48-60; Rachel Panckhurst, “Analyse linguistique assistée par ordinateur”, *Internet, Communication et langue française*, Jacques Anis (ed.), Paris, Hermès, 1999, pp. 55-71; Naomi Baron, *Alphabet to E-mail. How written English Evolved and Where It’s Heading*, London e New York, Routledge, 2000; Jacques Anis, “Chats et usages graphiques”, *Internet, Communication et langue française*, Jacques Anis (ed.), Paris, Hermès, 1999, pp. 71-90.

Iremos proceder à análise de estruturas emergentes que configuram a dinâmica que caracteriza as interacções electrónicas assíncronas.

1. Pontuação múltipla e expressiva

O paradigma linguístico da pragmática considera que uma das limitações da escrita é a ausência da informação paralinguística, como sejam as especificidades prosódicas da fala (a entoação, o ritmo, a ênfase), na medida em que o registo escrito possui limitadíssimos recursos de pontuação para expressar estas e outras conotações do discurso oral.

Os sinais de pontuação representam características prosódicas da fala. As pausas expressas através da vírgula, do ponto final ou do ponto e vírgula e a entoação através dos pontos de exclamação e de interrogação⁷. Recorde-se, a este propósito, que, segundo Halliday (1989), os sinais de pontuação possuem três funções principais: (a) marcar fronteiras, na medida em que é necessário delimitar unidades linguísticas; (b) marcar ‘estatutos’, ou seja, não é suficiente acabar uma frase, pois é necessário explicitar a função pragmática que desempenha, como perguntar, exclamar, afirmar, etc; e (c) marcar relações, que consiste em indicar os espaços entre palavras, para isolar um aposto de outros elementos frásicos ou, por exemplo, os parêntesis para indicar a menor relevância de um conteúdo.

As alternativas de que dispõem os correspondentes electrónicos, em interacção assíncrona⁸, são limitadas. Para indicar a subida do tom de voz usam-se as maiúsculas. O uso específico de maiúscula na interacção electrónica pode constituir

⁷ Relativamente a este tema, veja-se o capítulo “Oral e escrito”, de Inês Duarte, que consta do manual *Língua Portuguesa Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta, 2000.

⁸ Os mecanismos em interacção síncrona, sobretudo, nos novos canais de comunicação de jovens, MSN e Hi5, são assaz diferentes do que aqui descrevemos e merecem uma investigação aprofundada. Nesse sentido, tentámos lançar algumas pistas ao empreender essa investigação no estudo que apresentámos recentemente no XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, realizado 2 a 4 de Outubro de 2006, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: “*Mekie. É d+ pa mim qd as xs tel em o ppl!* – para o estudo das interacções electrónicas síncronas: uma tensão entre omnipresença e abandono” (a publicar nas *Actas do Encontro*).

um procedimento enfático de focalização ou simplesmente significar uma amplificação do verbal.

A pontuação expressiva exprime-se através de combinações gráficas repetidas, que encerram um valor expressivo, emotivo e afectivo que se traduz na multiplicação desses sinais. A duplicação do ponto de exclamação é um procedimento muito utilizado na Comunicação Medida por Computador, como demonstram os trabalhos de Jacques Anis (1994) e Luzatti (1991). “O ponto de interrogação, tal como o ponto de exclamação, podem ser usados como recurso único para pedir mais informações, exprimir perplexidade, surpresa ou toda uma panóplia de estados de espírito”⁹. Atente-se nos seguintes exemplos¹⁰:

IE-1 LINDUUU! Manda + poemas assim que eu fico fascinado! (15.01.2003)

IE-2 Tencionas aparecer para jantar?????? Ou será que te vais sumir para parte incerta?????? (10.07.2003)

IE-3 Não consigo adjectivá-los: sufocantes? contagiantes? apoteóticos?(13.05.2004)

IE-4 O que te envio é um delírio!!!! Dará para aproveitar alguma coisa???? (17.08.2005)

IE-5 ????????? E aquele encontro com ***??? Deixamos cair???? (3.04.2004)

IE-6 A que horas chegas??? A q horas tens comboio na segunda???? Se puderes diz-me qualquer coisa, para podermos fazer um programa mais cultural!!!! (7.04.2005)

O uso repetido de sinais de pontuação, a marcação de palavras ou de fragmentos de texto, através do uso de asteriscos e da digitação de maiúsculas, sugerem que

⁹ Cf. Sónia Vanessa Alves, *Práticas discursivas na comunicação online síncrona, Dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino de Línguas*, Sociolinguística, Faculdade de Letras de Viseu, Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, 2004, p. 84.

¹⁰ Os exemplos de mensagens, que a seguir facultamos, foram extraídos de *corpora* electrónicos que gentilmente nos foram facultados por alguns intelectuais e escritores portugueses contemporâneos que lidam com este suporte electrónico no seu quotidiano. Recolhemo-lo neste estrato social e profissional de forma a que pudéssemos cotejar mais fielmente com os exemplos do epistolar tradicional que ilustraram as partes antecedentes deste trabalho. Enfrentámos sérias dificuldades, ultrapassámos muitas vicissitudes que decorreram da dificuldade de muitos perceberem que não se tratava de uma intrusão, com duvidosos e intoleráveis objectivos *voyeuristas*, no campo pessoal e privado de pessoas da cultura, mas que prosseguíamos, ao invés, um sério objectivo científico. Para os que ousaram confiar-nos os seus escritos, fica registada a nossa gratidão.

Por se tratar de correspondência privada e pelos motivos que decorrem da dificuldade de sigilo entre mitentes, limitamo-nos aqui a citar alguns exemplos, omitindo quer os nomes dos interlocutores, quer a referência terceiros que substituímos por *. A data que se encontra posposta é a que consta do paratexto e atesta a sua escrita recente. Surgem com numeração, precedida de IE (Interacção Electrónica).

entre os utilizadores do correio electrónico se tornou já convencional interpretar o uso destes recursos como sinónimo da ocorrência de alterações entoacionais e prosódicas. Como demonstram os trabalhos de Lundstrom (1995)¹¹ e de Jonsson (1997)¹², a inclusão de traços fonéticos e prosódicos no texto da comunicação electrónica síncrona cumpre duas necessidades do processo comunicativo: primeiramente, trata-se de um mecanismo de economia de escrita, com a decorrente aceleração do processo de produção e de descodificação das mensagens. Concomitantemente, trata-se de um dispositivo de contextualização afectiva dos enunciados, simulando-se, à base de opções sintácticas e semânticas, os padrões entoacionais dos diálogos orais.

Por vezes, estas interacções patenteiam igualmente um relaxamento ou mesmo um abandono dos sinais de pontuação, que se pode explicar pela brevidade dos turnos de escrita.

As reticências que se utilizam reiteradamente neste tipo de interacção traduzem, não só a suspensão e a hesitação discursivas, mas sobretudo, tendem a reproduzir os enunciados orais e os coloquialismos.

IE-7 Por favor, inspira-te.... corta... redige como deve ser ... e melhora (14.11.2005)

IE-8 Agora já está espreita se enviando via *email* o texto se estraga (12.01.2004)

IE-9 Se sim.....eu levo-to aí pq tá PERFEITO... (3.10.2004)

¹¹ Lundstrom, Phoenix (1995), "Synchronous Computer-Mediated Communication : Will Internet Talkers Improve the Communicative Competence of ESL/EFL Students ?", disponível em <http://FTP:ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/mesters/paper>>, consultado em 20.11. 2004.

¹² Jonsson, Ewa, "Electronic Discourse. On Speech and Writing on The Internet", D. Course on English, Luleå University of Technology, Department of Communication and languages, (1997), <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>, consultado em 5 de Novembro de 2003

2. (Des)respeito das regras ortográficas e tipográficas

O relaxamento ortográfico e tipográfico que se observa neste tipo de comunicação é facilmente explicável: em primeiro lugar, pelo carácter rápido que se impõe à escrita, a postura mais descontraída que diminui a capacidade e a vontade de cuidar, controlar e emendar o texto e, sobretudo, a impossibilidade de o corrigir, depois de editado. Outro factor que se nos afigura importante, apesar de não ser habitualmente invocado, é a maior tolerância dos participantes relativamente a este tipo de questões ortográficas ou tipográficas. Desta forma, sobretudo em situação de interacção informal, regista-se a condescendência, não só a estas falhas tipográficas, mas também à ausência de acentuação.

IE-10 *Kria* agradecer-te as palavras LINDAS que escreveste! (10.03.2003)

IE-11 *Hj* não pude avaliar e corresponder ao teu *pedidu...* *'manhã* talvez! (8.9.2003)

IE-12 Ainda bem *k ta* na hora de estarem todos a descansar *pq* n quero *descussão*(25.03.2003)

IE-13 *Tamem* era *mtto* importante perceber a opinião de ****** sobre o assunto (2. 1.2006)

Verifica-se igualmente uma tendência para a produção de enunciados curtos, de segmentos frásicos elípticos, próximos das construções coloquiais, numa tentativa de conferir à interacção electrónica um maior dinamismo, que se aproxime da interactividade da conversação presencial.

IE-14 Será q posso contar contigo? Responde rápido!

IE-15 Tens toda a razão. Concordo. Aceito.

IE-16 Li teu *mail*. Respondo de imediato. Não me intrometo.

IE-17 Já não tínhamos acertado a data???? É a que eu tenho apontado? Confirma, *please!*

3. Presença de neologismos e de neografias

Sendo o léxico indispensável à renovação linguística e social, é incontornável, hoje em dia, o estatuto do inglês como língua da tecnologia e língua franca. As novas formas de comunicação electrónica escrita caracterizam-se por uma forte presença de anglicismos, muitos oriundos precisamente do campo semântico das técnicas de informação e comunicação (*mail, chat, blog, copy/paste*, etc.).

Esta utilização de anglicismos está a tornar-se muito frequente e decorre do carácter menos formal e mais lúdico do meio electrónico, da desinibição e da liberdade que este proporciona. Estes empréstimos linguísticos indiciam também um certo grau de familiaridade, de intimidade, amizade e conhecimento e são, por isso, justamente bem aceites neste tipo de interacção.

IE-19 Bom week end! (20. 04. 2004)

IE-20 Merry Xmas (23.12.2005)

IE-21 Hi /Hello /Thanks /Please/ Kisses/ Bye-Bye/Good night/ OK/A nice week end (múltiplas)

Constata-se, igualmente, uma atitude geral de concisão, que determina as escolhas linguísticas dos participantes, pois, como afirma Crystal: “people are under pressure to keep their messages short, over and above the natural tendency to save time and effort while sending”¹³.

IE-20 *Tá* combinado! *Td* bem!

IE-21 *Dps* explicas-me o sucedido! *Obg* por tudo!

IE-22 Envio-lhe tudo, se esperar **1** bocadinho.

IE-23 *Inté!*

Nestes exemplos (IE 20, IE21 e IE22) rapidamente constatamos a presença de neografias. Adoptamos esta designação, proposta por Jacques Anis, que considera *neografia* toda a “grafia que, sem juízos de valor nem positivos nem

¹³ David Crystal, *Language and Internet*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001, p. 156.

negativos, deliberadamente se afasta da norma ortográfica”¹⁴. Contrariamente aos neologismos (criados maioritariamente por processos de empréstimo), não existe a criação de novos lexemas, mas simplesmente uma nova ortografia para as palavras existentes.

J. Anis lista várias categorias para o francês que, contudo, são diferentes para a língua portuguesa.

Destacaremos, apenas, as categorias mais relevantes:

Grafias fonéticas: trata-se, em geral, da substituição de grafemas complexos ou ambíguos por uma versão mais simples, muitas vezes num desvio intencional à norma, desvio esse, lúdico e intencional.

Exemplos: **qu > k ou q > c** (*casa* > *kaʒa*; *quem* > *kem*) ; **s** intervocálico > **z** ou **x** (*queres* > *kerex*; *beijocas* > *jokax*)¹⁵

Esqueletos consonânticos: mt (*muito*); hj (*hoje*); qd (*quando*); smp (*sempre*); bj (*beijos*); cmg (*comigo*); rsp (*responder*); td mm (*tudo na mesma*)

Estiramentos gráficos: Olaaaaaaaaaaaa! Gandaaaaaaaa Sooooooorte!!!!

Exemplos:

IE-24 Help!!!! Tens algumas sugestões quanto à melhor forma de corrigir??????Pq não (18.03.2003)

IE-25 Thanks! Foste fantástico ao rsp num ápice! Abençoadas tecnologias q nos permitem este diálogo instantâneo! (28.04.2004)

¹⁴ Jacques Anis, “Chats et usages graphiques”, *Internet, Communication et langue française*, Jacques Anis (ed.), Paris, Hermès, 1999, p. 86, trad. nossa.

¹⁵ Estas neografias têm uma expressão muito reduzida nas mensagens electrónicas que constituem o nosso *corpus*. Estão muito presentes nas interações electrónicas síncronas, sobretudo nas novas formas, recorrentemente utilizadas por jovens, MSN, Myspace e Hi5 (trata-se redes onde os membros criam a sua própria comunidade de amigos, mas a sua forma mais parece uma espiral, dado que as possibilidades são infinitas e, como afirma Kathleen Gomes, no seu artigo *online* do *Jornal Público*, « Geração Myspace companhia Limitada, « (...) o velho ditado segundo o qual «Os amigos dos meus amigos são» talvez nunca tenha feito tanto sentido» (16.04.2006), disponível em <http://dossiers.publico.pt/shownews.asp?id=1244216&idCanal=>, consultado em 18 de Abril de 2006. Como Anis mostrou na conferência apresentada no Colóquio Internacional *La Communication électronique. Approches Linguistiques et anthropologiques*, École de Hautes Études en Sciences Sociales - Maison des Sciences de l’Homme, Paris, 5 e 6 de Fevereiro 2004, o domínio por excelência destas neografias é o campo das SMS (mensagens escritas em telemóvel). Cf. Marccoccia 2004a que fez a Synthèse du Colloque.

IE-26 Uuuuuff! Estou mm cansado! O dia lá no * foi infernal! Choveram *mails* a toda a hora e ‘tava a ver que não dava para rsp!!!! (24.10.2005)

4. Citação automática

A citação automática é outro procedimento que inscreve a comunicação electrónica num quadro conversacional¹⁶. Esta forma de criação de dinamismo conversacional decorre das potencialidades do dispositivo que permitem a inserção automática a partir de uma técnica de colagem. O lugar e a forma como se introduz o discurso citado cria a ilusão da ficção conversacional, seccionando a mensagem a que se responde em múltiplos “turnos de escrita”. Os programas de correio electrónico possuem esta opção que gera, de forma automática, uma cópia textual de mensagem do remetente ou de partes desta.

Para diferenciar o texto reproduzido do texto do remetente da contestação, a cópia possui um símbolo gráfico, basicamente marcado por > no começo de cada parágrafo, permitindo esta função intercalar a sua própria resposta no texto que o programa copiou, como se pode ver no exemplo seguinte:

IE 27 > Obrigado por te teres lembrado do lançamento hoje na SPA.
> De nada, queria apenas recordar-te a hora e saber se queres combinar alguma coisa?

Curiosamente, estas citações textuais de mensagens electrónicas têm como função primordial o reforço da mutualidade entre remetente e destinatário e, por outro lado, comprovar que existe um espaço mútuo de partilha, permitindo também frequentemente ao destinatário de elaborar, clarificar ou corrigir alguns juízos anteriores. Este processo conduz à criação de um outro texto que exhibe vários estratos discursivos, tal como afirma Marcoccia:

¹⁶ Cf. L. Mondada, “Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion. Une approche conversationnelle de l’interaction sur Internet”, *Apprentissage des langues et Systèmes d’Information et de Communication* 2-1, 1999, pp. 3-25 e Michel Marcoccia, “La citation automatique dans les messageries électroniques”, J.-M. Lopez-Muñoz, S. Marnette & L. Rosier (eds), *Le Discours rapporté dans tous ses états*, Paris, L’Harmattan, 2004c, pp. 467-478.

L'analyse des exemples montre que cette forme particulière de discours rapporté permet à la fois de contextualiser les messages, de les intégrer à un cadre participatif et à une séquentialité, et éventuellement de les faire entrer dans une dynamique argumentative (...) Ainsi, la citation automatique vient remplacer divers procédés communicatifs du face à face: le “*turn-taking*”, la sélection et la hiérarchisation des destinataires en co-présence, ou la contextualisation¹⁷.

Através deste processo de diafonia, o destinatário pode retomar o discurso do emissor, ou uma parte dele, literalmente, ou adaptando-o como base para a sua enunciação, tal como afirma Espuny:

El locutor utiliza el discurso del outro (destinatario u outra persona) en su propio discurso para *individualizar* su opinión, su subjetividad, es decir, para enmarcar su propia consciencia, su posición, su identidad, por contraste com el outro¹⁸.

Contudo, a interacção electrónica patenteia o final da linearidade. Os teóricos do epistolar consideram que a carta se caracteriza pela sua autonomia e pelo seu carácter fechado, intrínseco, preso ao envelope. Ora, no texto electrónico, estas duas noções tornam-se caducas, a menos que se revistam de significações próprias, distantes da sua acepção original. A interacção electrónica gera uma forma diferente - por vezes, sem *incipit*, nem fecho -, um texto que cria movimentos próprios (vejam-se os ficheiros em anexo que se enviam com as mensagens e as remissões para páginas *web* ou para outros domínios textuais), movimentando-se, e tornando-se um texto panorâmico e activo. O dinamismo intertextual que permite estabelecer conexões ressuscita, em certa medida, a possibilidade que o epistolar canónico também autoriza de juntar, anexar textos, poemas ou demais artefactos. Estes anexos, em co-presença no texto epistolar, tornam-se, através do meio electrónico, mais visíveis e mais imediatos, logo, mais dinâmicos, conferindo, dessa forma, maior fluidez e volatilidade.

¹⁷ Cf. Michel Marcoccia, “La communication écrite médiatisée par ordinateur : faire du face à face avec l’écrit”, *Journée d’étude de l’ATALA*, 2004d, p.3.

¹⁸ Janine Espuny, “El contenido del interlocutor cuando se toma la palabra, y otras funciones de la diafonia en el cara a cara”, Hugo MARI, Ida Lúcia MACHADO & Renato de MELLO (org.), *Análise do discurso: fundamentos*, 2001, p. 293, iálico da autora.

5. Aberturas e fechos na mensagem electrónica

Tal como no epistolar tradicional, a forma electrónica exhibe a saudação de abertura inicial.

No entanto, as saudações iniciais no correio electrónico apresentam algumas especificidades. Quando a frequência na interacção electrónica é elevada e os correspondentes mantêm entre si uma relação de proximidade, a saudação inicial e, mesmo o vocativo tendem a desaparecer, podendo estabelecer-se uma relação similar à da correspondência amorosa que, como demonstrámos (*Cf.* pp. 275-282), pela sua frequência, por vezes, atestada várias vezes ao dia, prescinde dessas aberturas.

Pelo contrário, há interacções electrónicas em que a saudação inicial é obrigatória: é o caso das mensagens trocadas entre pessoas que não se conhecem, por um lado, e, por outro, o caso das mensagens institucionais.

Crystal constata igualmente que “cuanto más tiempo se demore la respuesta, más probable es que esta contenga un saludo, aunque sea una disculpa por el tiempo de espera”¹⁹.

Tal como acontecia nas rotinas de abertura do epistolar canónico, a saudação estrutura-se da mesma forma: combinação da saudação conjuntiva com a forma apelativa familiar. Exemplos:

IE 28 Olá, Amigo!

IE 29 Bom dia, * !

IE 30 Carinho, como tens passado?

IE 31 Meu caro *

IE 32 Estimado Colega

IE 33 Oi!

IE 34 Olá!

¹⁹ David Crystal, *op. cit.*, 2002, p. 120.

IE 35 kridu *

Constata-se que o facto de o correio electrónico fomentar interacções informais, a saudação de abertura não apresenta grandes variações e traduz-se numa generalização fácil ²⁰. A saudação genérica e impessoal, do tipo, “*olá! Como vais?*” é a mais frequente. Da mesma forma que acontecia no epistolar tradicional, a saudação surge separada do corpo do texto. A invocação do nome do interlocutor pode aparecer em parágrafos posteriores, ao longo da mensagem, tal como explicitámos nas cartas familiares.

Assinale-se, no entanto, que neste *corpus* electrónico, a forma de tratamento é quase exclusivamente a segunda pessoa do singular e as rotinas de abertura são indubitavelmente mais próximas do oral. Surgem formas de saudação curtas (IE 33 e IE 34) e as raras perguntas ritualizadas acerca do estado de saúde são formuladas de uma forma curta, incisiva e directa, aparecendo inclusivamente, formas sincopadas do tipo ‘*tás bom?*’, porque como afirma Melançon: “les limites physiques de l’écran, elles aussi imposées par l’ordinateur, déterminent les conditions de l’écrit et de lecture d’une manière qui n’a rien à voir avec le choix d’un papier et d’une mise en pages”²¹.

As saudações de fecho ou despedida têm, na interacção electrónica, duas importantes funções que as diferenciam da correspondência tradicional: a primeira funciona com um marcador dos limites espaciais: as saudações indicam que finda aí o texto personalizado, o que induz o receptor e o leitor a terminar aí a sua leitura. Em segundo lugar, as saudações de despedida desempenham a função de extensão da identidade, porque como afirma Crystal “identifica al remitente ante el receptor (dándole información que no consta de la cabecera del mensaje, especialmente útil si la dirección de correo electrónico no está clara), pero también amplía esta

²⁰ Os estudos quantitativos sobre estas formas de abertura em mensagens electrónicas mostram-nos esta invariabilidade. Segundo Gains (1998), em cinquenta e quatro mensagens, trinta e quatro ostentam saudação inicial (63%); apenas nove utilizam “Querido”, apesar de se tratar de mensagens interpessoais e não entre institucionais.

²¹ Benoît Melançon, *Séviqné & Internet, Remaques sur le courrier électronique*, Montréal, Éditions Fides, 1996, p. 14.

identificación a outros usuarios que pudieran acceder eventualmente al mensage, en caso de que se reenviase o se enviase como archivo adjunto”²².

IE 36 Beijinhos muitos, muitos e muito saudosos para ti (10.07.2005)

IE 37 Bjs. Desculpa. (12.03.2005)

IE 38 Bjs para ti. (3.10. 205)

IE 39 Um abraço (21.11. 2005)

IE 40 Fica bem! (7.09.2004)

IE 41 *Chau /Xau /Txau* (vários)

IE 42 És uma KRIDA!!!! Bjs muito obg! (30.05. 2003)

6. “Didascálias electrónicas”

Jonsson (1997) e Davis & Brewe (1997) salientam que uma das características, que aproxima significativamente a comunicação electrónica assíncrona dos eventos comunicativos face-a-face, é explicitada através de componentes não verbais e paralinguísticos que se constituem como sistemas comunicativos auxiliares, quer ao estabelecimento de turnos de escrita, quer à contextualização e à construção de significados no discurso conversacional. Estes recursos são, como explicitámos, marcados semioticamente através de recursos ortográficos e de sinais de pontuação.

São igualmente frequentes nestas interacções, sobretudo quando desenroladas entre jovens, o uso de *smileys*, símbolos compostos de caracteres que, vistos da esquerda para a direita, visam a reprodução de expressões faciais, tendo em vista a expressão da atitude emocional do autor da mensagem. Os indicadores mais comuns, segundo Jonsson (1998) são os indicadores do sorriso :) ou ☺. Estes símbolos possibilitam, ao correspondente, diminuir possíveis ambiguidades quanto ao sentido que é comunicado, através do estabelecimento directo de um contexto afectivo, evitando, assim, fazê-lo, através da explicitação textual e contribuindo, de

²² David Crystal, *op. cit.*, 2002, p. 126.

novo, para a brevidade e simplificação da mensagem escrita. Em todo o nosso *corpus* só aparecem três ocorrências de *smileys* e são sempre utilizadas pelo mesmo informante.

Moran & Hawisher descrevem a origem destas convenções ortográficas como fruto da influência da tecnologia sobre a linguagem, que vem desde o aparecimento do telégrafo até aos tempos modernos:

With the invention of the telegraph came a telegraphic style... the difference between speech and the written language is a function of technology... Perhaps the technology of e-mail, moving language from the page to screen and making it digital, has changed the language that it bears and conveys²³.

Michel Marcoccia, na sua investigação sobre estes pictogramas²⁴, destaca a importância que a utilização destes *emoticons* tem na expressão das emoções, ressaltando que a expressão de determinadas emoções (alegria, cólera, tristeza) é necessária à construção do significado da intervenção, à definição da situação e à gestão do relacionamento.

Por seu turno, Wilson²⁵ considera os *smileys* como “*politeness devices*” e como “*indicators of feelings*”, na medida em que permitem suavizar o carácter ameaçador da mensagem, reduzir as ambiguidades e dar indicações sobre a forma como deve ser lida e interpretada; quando cumprem esta função de esclarecimento de ambiguidades, Mourlhon-Dallies & Colin²⁶ classificam-nos como *smileys interpretativos*, em oposição aos *smileys ilustrativos* que funcionam como auto-retrato do produtor da mensagem.

A função primordial que é atribuída a estes ícons é a de suavizar o carácter ameaçador de alguns enunciados, assumindo-se, portanto, como um anti-FTA ou FFA (na terminologia de Kerbrat-Orecchioni).

²³ Charles Moran e Gail E. Hawisher, “The rhetorics and language of electronic mail”, *Page to screen*, New York., SnyderLlana Routledge, 1998, p.93.

²⁴ Michel Marcoccia, “Les smileys: une représentation iconique des émotions dans la communication médiatisée par ordinateur”, Christian Plantin, Marianne Doury e Véronique Traverso, *Les émotions dans les interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 2000a, pp.249-263.

²⁵ A. Wilson, “Pragmatic device in electronic communication”, *Journal of Pragmatics*, 19 (4), 1993, pp. 389-393.

²⁶ F. Mourlhon-Dallies e J.-Y. Colin, “Les Rituels énonciatifs des réseaux informatique entre scientifiques”, *Les Carnets du CEDISCOR* 3, 1995, pp. 161-172.

Mourlhon-Dallies & Colin²⁷ acrescentam que a função dos *smileys* é muito próxima do sistema de didascálias, subjacente ao texto teatral: “En effet, en utilisant un smiley, le locuteur propose une mise en scène de son énonciation, donne des indications sur la manière dont l'énoncé a été produit, joué, sur la manière dont il doit être interprété”²⁸. Os *smileys* desempenham, do mesmo modo que as didascálias, uma função metatextual, assumindo, por vezes, um carácter redundante e funcionando como um procedimento de insistência.

IE 43 Um grande beijo para todos e em especial um que anime esse ânimo! 😊
(21.04.2005)

IE 44 Concordo absolutamente contigo. Em frente : -) (12.07.2005)

IE 45 Olha, desculpa, desculpa lá esta falha inadmissível. A * não escreveu nada como estava combinado! :- (Puxo-lhe as orelhas, afianço-te!!!!
(12.03.2005)

A escrita electrónica assenta em códigos. Mutáveis. Enriquecidos com letras, ícons, símbolos, que o teclado coloca à disposição e que se tornam objecto de novas combinações, criativas, imaginativas, por vezes, *naïves*. E são estes códigos que importa decifrar. Na realidade, quando pela escrita se tenta imitar o oral, desenvolvem-se, através destas estratégias que os ciber-epistológrafos abundantemente utilizam, a superpontuação para falar mais alto, as abreviaturas para escrever mais depressa, os pictogramas para exprimir estados de espírito, pois, como afirma Cécile Moulard “l'écriture est de moins en moins transcription de la parole et de plus en plus transcription des émotions immédiates”²⁹.

²⁷ F. Mourlhon-Dallies e J.-Y. Colin, “Les Rituels énonciatifs des réseaux informatique entre scientifiques”, *Les Carnets du CEDISCOR* 3, 1995, pp. 161-172.

²⁸ Michel Marcoccia, “Les smileys: une représentation iconique des émotions dans la communication médiatisée par ordinateur”, Christian Plantin, Marianne Doury e Véronique Traverso, *Les émotions dans les interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 2000a, p. 260.

²⁹ Cécile Moulard, *Mail connexion: la conversation planétaire*, Paris, Au Diable Vauvert.

Conclusão

A análise das mensagens electrónicas confirmou a pertença das mesmas ao género epistolar, como atrás ficou demonstrado.

Por outro lado, as estratégias específicas da enunciação que sintetizámos, revelam igualmente que os correspondentes tendem a incorporar traços gráficos que são fruto das circunstâncias de produção discursiva, semelhantes às do oral e que simbolizam comportamentos paralinguísticos típicos da interacção face-a-face.

Esta disseminação de marcas de oralidade nas mensagens electrónicas decorre justamente da situação de pressão temporal devendo estas marcas ser entendidas e aceites como recursos semióticos próprios das funções comunicativas possibilitadas pelo novo meio.

O suporte electrónico induz ao emprego da linguagem escrita, saturada do oral, basculando entre as tradicionais fronteiras do oral e do escrito, mas justamente promovendo a comprovada plasticidade destas novas formas escritas.

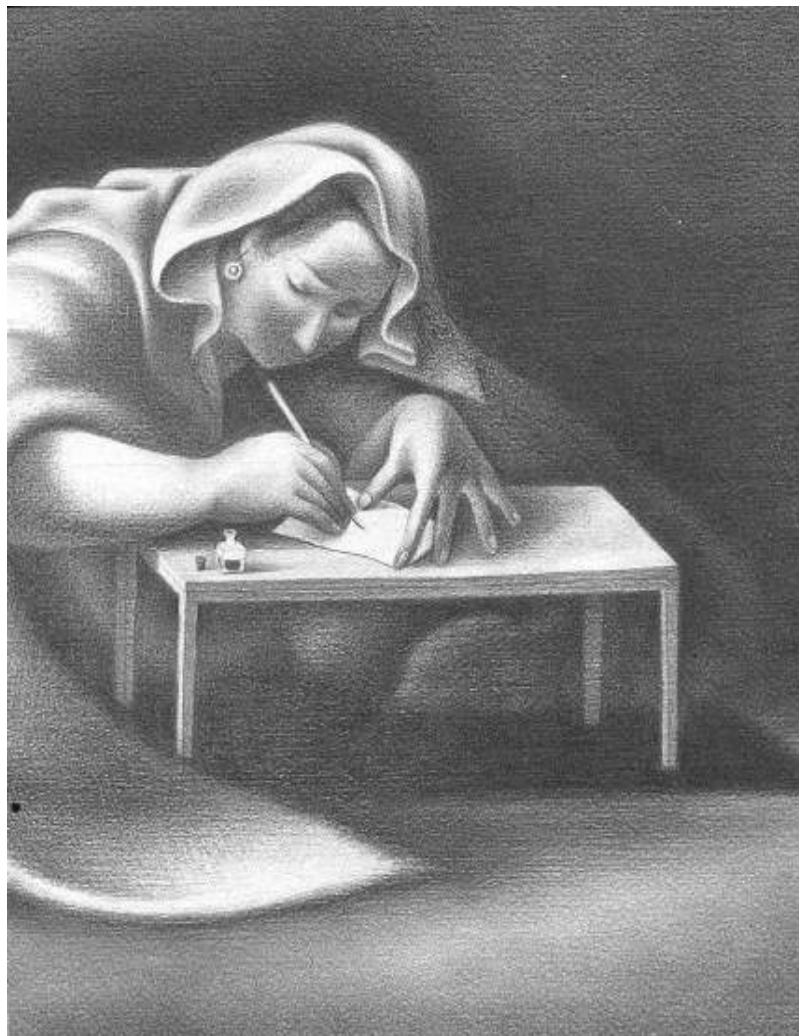
É, pois, necessário reflectir sobre duas exigências. Por uma lado, importa acompanhar, através de uma reflexão histórica, filosófica e sociológica, a considerável mutação que agita e transforma os meios de comunicação e de recepção escritos. Uma revolução tecnológica, como afirma Roger Chartier (“Du Codex à l’Écran: les trajectoires de l’écrit”) não se decreta, nem se suprime. Por isso, o outro imperativo que urge defender é que esta forma electrónica que hoje se estimula e sustenta como prioritária (a nível comunicacional) não relegue as outras mais tradicionais, não declare o esquecimento e não promova a destruição das formas manuscritas.

Incidados, quase atçados, pela simplicidade e pela rapidez de instrumentos de comunicação electrónica, continuamente afinados e aperfeiçoados, em muitos, reacende-se o desejo do ritual do papel e da tinta, da demora postal, do receio do atraso, do medo da violação e da indiscrição. O desejo de corresponder-se deverá

continuar a assumir-se com uma forma mais humana, mais singular e mais íntima de comunicar, nesta sociedade atormentada por contradições e inquietudes. Manifestar uma vontade de afirmar a sua presença através do gesto epistolar canónico constitui certamente uma forma de assumir a diferença neste mundo da sobreabundância textual, do excesso.

Esta análise instaura, contudo, múltiplas questões e abre imensas perspectivas de investigação futura. Seria, pois, importante equacionar a existência de correlação entre a idade e o nível sociocultural dos correspondentes e a adopção de determinadas marcas formais. Seria, ainda, pertinente dilucidar as relações que se estabelecem através da correspondência electrónica, os aspectos sociológicos mais prementes que decorrem desta amálgama entre familiaridade e distância, entre intimidade e anonimato.

A constatação desta criação de singularidades nas formas electrónicas permite também reflectir sobre a articulação entre singularidade e generalidade e questionar de que forma a distância, a separação espaço-temporal, ditada pelo quadro comunicativo, podem promover um espaço de intimidade e de proximidade nas relações.



Negreiros, Almada de
Mulher sentada escrevendo,
Lápis sobre papel,
não datado,
Colecção particular

CONCLUSÃO GERAL

Conclusão

*Para mim, quando os deuses realizam maravilhas,
nada parece ser inacreditável.*

Píndaro (Pi.P. 10.75-77)

*Todas as penas nasceram em carne e sangue,
e todos na tinta de escrever misturaram as cores do seu afecto.*

Padre António Vieira

1.

Concluir, como qualquer outro acto, inscreve-se no tempo. Reconhecendo embora essa precaridade, é necessário reatar algumas linhas de investigação que se foram desenrolando ao longo do estudo efectuado e imprimir-lhes uma lógica englobante e sistematizadora.

Na verdade, este trabalho nasceu da demora sobre os textos epistolares, enquanto buscávamos através deles cumplicidades. Nasceu de uma atenção que, progressivamente, se foi desviando das repisadas teses subsidiárias ao esclarecimento de outras realidades, para que o espírito fizesse emergir novas leituras.

O epistolar é um género frágil. O interesse que a posteridade lhe devota suscita, para alguns, muitas críticas. Páginas soltas, textos fragmentários¹, votados ao efémero, escritas de momento, circulam e clamam por resposta.

A interacção epistolar, quaisquer que sejam o estatuto e a qualidade dos correspondentes, consiste, na sua essência, em estabelecer e manter uma relação,

¹ Importa lembrar que subscrevemos a noção de texto fragmentário, tal como esta foi criteriosa e amplamente definida por Fernanda Irene da Fonseca em “Fragmentação e Unidade. Contributos para a análise de formas textuais intencionalmente fragmentárias”, *Da Língua e do Discurso*, Fátima Oliveira e Isabel Margarida Duarte (org.), Porto, Campo das Letras, 2004, pp. 345-362.

produzindo “novas”. Inscrita numa lógica relacional, para lá da banalidade ou do carácter repetitivo do conteúdo, a correspondência familiar torna visíveis os acontecimentos: “témoins malgré eux de leur temps”, no sentido que Marc Bloch² lhe atribuiu.

O objectivo que nos propusemos, de dignificar o género epistolar, cremos poder considerar-se cumprido. Por certo, seria possível corroborar a investigação com exemplos de outras missivas que explicitassem os pressupostos que regem e justificam a diversidade e a actualidade do epistolar e que nos descrevessem as diferentes tipologias.

Chegadas ao fim deste estudo, um olhar retrospectivo pode ajudar-nos a coligir alguns resultados, que valem, não como conclusões trancadas, mas como evidências do percurso e relances para o porvir.

Desde o início recusámos uma abordagem do epistolar que estivesse subordinada a qualquer esquema linguístico formalista ou a qualquer propósito literário, ou que o visse como algo meramente auxiliar³, residual e instrumental ao serviço de outrem.

Preferimos – assumimo-la – uma via mais difícil e perigosa: deixar-nos seduzir pelos próprios textos e, através deles e das especificidades que neles descortinámos, chegar à anuência ou à refutação das hipóteses que, no início, longínquo, colocáramos. E isso, sem ceder à tentação de abordagens quantitativas

² Marc Block, *Apologie pour l'histoire ou le métier de l'historien*, Paris, Armand Colin, 1964, p. 24.

³ Esta evidência da função auxiliar é questionada por Monique Scneider: “trop souvent la correspondance, sauf lorsqu'elle est ell-même élevée à la dignité d'oeuvre, est d'emblée placée, par rapport à l'oeuvre dans un rapport de subordination. On lui demandera de fournir des matériaux, à partir desquels on tenetra de répondre à des questions qui viennent de l'oeuvre et y font retour. Elle devient ainsi un lieu où puiser, lieu n'ayant pas nécessairement de stsut propre, ainsi auquel est dévolue une **fonction auxiliaire**” (sublinhado nosso), (p. 108), “De l'Épistolaire au Théorique: L'accidentellement vivant”, *Écrire, Publier, Lire les correspondances (Problématique et écononie d'un genre littéraire, Actes du Colloque International Les Correspondances*, Nantes, Octobre 1982, Publication de l'Université de Nantes, pp. 108-123.

ou exaustivamente descritivas que aniquilam a integridade e o equilíbrio destes “*fragments heureux*”⁴ em estudo.

Tentámos – oxalá o tenhamos conseguido – mostrar que o texto epistolar não deve ser enjeitado ou olvidado, pois continua a integrar, de forma notavelmente surpreendente, o nosso quotidiano. E, feito este percurso, devemos recusar as evidências que se nos oferecem e condensar em alguns pontos a síntese que passamos a expor.

2.

Outrossim, um dos lucros da nossa investigação é o ter mostrado a continuidade e a constância do epistolar, não só através da perspectiva diacrónica que traçámos da epistolografia nacional, como também na explicitação alicerçada da actual vertente electrónica. Compreende-se que tenhamos insistido na procura das raízes, assinalando os principais epistológrafos que as gerações vindouras deveriam, no mínimo, conhecer. O paradigma do tempo, a visão histórica, os elementos de identificação de uma época, garantem a compreensão da evolução do género, ajudando a entender como se opera a transição do modelo ditado para o manuscrito, deste para o dactilografado e, finalmente, deste para o computadorizado. E só reflectindo sobre as origens se alcança o reconhecimento da sua própria identidade.

Uma das características do género epistolar é a sua plasticidade. Provámo-lo. Não há abandono, não há desvio, não há extinção, mas sim contínua e progressiva adaptação, renascimento e reconhecimento. Metamorfoseia-se.

⁴ Já anteriormente citámos esta expressão “*fragment heureux*” de Christian Meurillon (1984: 18). “Ela/ele é feliz porque resistiu não só à labiríntica e perigosa viagem, como à deterioração natural do seu suporte (outro factor de fragilidade). Resistiu também ao seu próprio destino. É, assim, salva, que a carta se apresenta à nossa “felicidade” de leitores póstumos” (Parreira da Silva 1998: 12).

E é aqui que cumpre explicitar o título do nosso trabalho e a centralidade desta noção de metamorfose.

Metamorfose, "mudança de forma", vem do verbo μεταμορφῶ, "eu tranformo". Segundo a etimologia (do grego: meta: *no meio de*, de onde deriva a ideia de mudança e *morphê* que quer dizer *forma*), designa uma noção difícil de circunscrever. Sonho ou pesadelo, a metamorfose constitui um mito universal que invade as religiões, empolga a literatura e a arte e fascina a ciência.

Se convocamos para esta elucidação a mitologia grega é porque consideramos que esta é um vivo espelho da multifacetada natureza humana, e a riqueza do mundo mitológico não se esgota nos relatos sobre os deuses olímpicos, pois, nas suas lendas são aflorados sistemas mais ou menos complexos de explicação do mundo.

O mito da metamorfose é um mito etiológico, que visa explicar o mundo e dar-lhe um sentido. E este mito proclama a unidade do todo e assume-se como manifestação da harmonia universal. Em contraste com a ideia de permanência, o mito da metamorfose é considerado um mito palingenésico, de ressurreição. Assim é tratado nas *Metamorfoses* de Ovídio em que Dafne, para fugir de Apolo, se transforma em loureiro e, da mesma forma, acontece nos múltiplos textos de ficção que tratam o tema desde Nerval a Kafka, de Poe a Nietzsche, em que a metamorfose é a segunda criação, o sonho de Prometeu, o sonho demiúrgico de cada um de nós, de recriar o mundo.

Na mitologia grega, Nereu, cognominado o velho deus do mar, era um dos Titãs (os deuses que ousaram enfrentar Zeus) que vivia no seu reino, o Mediterrâneo, mais especificamente, no mar Egeu. Porque possuía os dons da profecia e da transformação ficou celebrizado como símbolo da metamorfose⁵.

⁵ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/nereu>.

Esta incursão rápida na mitologia grega clareou a nossa ideia de transformação do género epistolar. Registámos algumas mutações, todavia a mensagem electrónica, vulgarmente designada *email*, manifesta-se como pertencente ao género epistolar, forjado este na perspectiva comunicacional que, neste trabalho, valorizámos.

3.

O nosso interesse pelo epistolar orientou-se no sentido de pôr em evidência, para além da sua fecundidade heurística e hermenêutica, a sua função comunicativa. No percurso deste trabalho foi-se acentuando um dos seus veios fundamentais: o de mostrar que todo o texto é evidentemente caracterizado, nem que seja, de forma implícita, pela sua função comunicativa estando, contudo, no caso epistolar, esta função inscrita, de modo explícito, no seio do próprio texto⁶.

Explanadas e avaliadas as teorias do epistolar, analisadas as múltiplas teorias da comunicação, considerámos que a análise do epistolar não se poderia confinar à análise da superfície discursiva, pois justamente é forte a sua dependência da ancoragem enunciativa. Neste sentido, e trabalhando gradativamente numa multiplicidade de perspectivas, concebemos o modelo AICE que se inscreveu no projecto de análise interaccionista.

Uma investigação sobre o epistolar conduzida segundo esta perspectiva e orientada por este novo modelo, pouco ou nada tem a ver com as investigações estético-literárias que habitualmente são valorizadas.

Explicitámos o conceito, ilustrámos a história, criámos um modelo de análise e através de um exercício de anatomia comparada, estabelecemos o parentesco, a filiação, a comum pertença.

⁶ Patrizia Violi, "Présence et absence. Stratégies d'énonciation dans la lettre", *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*, Suisse, Éditions Universitaires Fribourg, 1988, pp. 27-35.

4.

A análise do correio electrónico, como uma nova forma do género epistolar, conduziu-nos a algumas conclusões: permitiu-nos confirmar esta pertença ao género. As condições de transmissão e de recepção desenham, contudo, uma imagem ambígua da temporalidade: tecnicamente capaz de se desenrolar quase em tempo real, autoriza aos correspondentes a possibilidade de responder em diferido, o que instaura a condição de distância espaço-temporal, configuradora do género.

Contudo, a evolução vertiginosa dos meios de comunicação prognostica rápidos desenvolvimentos, pelo que urge estudar outras formas de comunicação interpessoal (*chats, sms, blogues*, entre outros).

Se, por um lado, nos congratulamos com a rapidez da troca electrónica, por outro, lamentamos a perda dos pequenos gestos ligados ao epistolar tradicional.

Lemos um texto, mas sentimos uma carta. Palpamo-la. Ao olhar, acresce a função digital, do tacto, como confidenciava Victor Hugo:

“Vos chères mains ont touché cette feuille ... ah baiser ce papier que sa main a touché”.

À mão cabe a primazia: de escrever, no sentido mais físico do termo, ou seja, de traçar no espaço virgem do papel, grafismos – e não é impunemente que este suporte material destinado a receber o indizível seja, em algumas circunstâncias, tão valorizado, quer pela sua cor, quer pela sua textura.

Abrir a missiva, segurá-la, desdobrá-la, amarfanhá-la, rasgá-la, guardá-la, escrevê-la, são gestos frequentes, reiterados, insistentes. Mas é sobretudo pela apropriação que o tacto domina *o epistolar*: objecto de alucinação, emanação do outro, configura uma sinestesia: é coberta de beijos, é inundada de lágrimas, é lugar de recolhimento, de refúgio, de guarida, de sobressalto, é aspirado o seu perfume, é compulsiva e impacientemente lida e relida e religiosamente resgatada.

Estudámos as rotinas. Como elemento de regularidade, de normatividade, de repetitividade. No entanto, as raízes etimológicas de *rotina* apontam para outro

campo semântico, associado à ideia de ‘rota’ (do latim, *rupta*) de onde derivam as expressões *rotura* ou *ruptura*, sinónimos de *corte*, de *rompimento* e de *fractura*.

Ora, foi neste percurso das rotas – caminhos de encruzilhada entre as rotinas e as rupturas – que procurámos as inovações do género que secularmente, como se sabe, afrontam os padrões mais convencionais.

5.

A forma epistolar – tradicional ou electrónica - é uma forma insubstituível da arte da sociabilidade⁸. Escrever uma carta é situar-se num nível superior: intelectual (porque exige reflexão), afectivo (porque partilha a intimidade) e moral (porque obriga a implicação). O poder heurístico da forma epistolar reside nesta tríplice explicação. *A contrario*, não escrever, qualquer que seja a causa, prática (porque o tempo escasseia), intelectual (porque o talento é avaro), afectivo (porque o coração o impede) ou moral (porque carece de coragem), é recusar envolver-se na intimidade e na implicação. E a carta é mais do que um “*chiffon de papier*”⁹, é mais do que um objecto frágil, fragmentário e ambulatório, é um testemunho de vida.

Importa, pois questionarmo-nos, reforçando a dúvida de Soriano (2002)¹⁰: não será o declínio da correspondência simplesmente um sintoma da decadência da civilização¹¹?

⁷ Cf. José Machado Pais, *Sociologia da vida quotidiana, Teorias, métodos e estudo de caso*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2002, p. 31.

⁸ Cf. Isabel Roboredo Seara, “Texto epistolar: epifania do *eu* ou culto do social?”, Colóquio *Formas e espaços de sociabilidade. Contributos para uma história da cultura em Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta/ Instituto Camões, 24 de Maio de 2006 (no prelo).

⁹ Brigitte Diaz, *La Lettre ou la pensée nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 7.

¹⁰ Paul Soriano, “Écrivez-lui! – La lettre, c’est la littérature, la pensée même, à la portée de chacun”, www.fondationlaposte.org/article_format_texte.cfmcorrespondance, consultado em 7 de Novembro de 2005.

¹¹ A questão colocada por Paul Soriano é mais veemente: “C’est au point qu’on peut se demander si le déclin de la correspondance ne serait pas tout simplement équivalent à celui de la civilisation, à tout moins un symptôme de décadence”.

Temos consciência de que, ao sublinharmos não as aporias, as rupturas, as dicotomias e os dualismos entre as formas canónica e electrónica do género, o que se tornou para nós evidente e transcendente foram as similitudes, a íntima conformidade e a profunda organicidade que decorre da certeza do respeito do *modus epistolaris*.

Mais do que delimitar ou circunscrever o género, o que pretendemos foi franqueá-lo, revelar o interesse, clarificá-lo, sobretudo aos olhos dos que o pressagiavam de exânime.

Ao aproximarmo-nos do final da dissertação, maior é a percepção da sua incompletude. Na ânsia de sermos completos e abrangentes, no desejo de burilar constantemente a redacção, corremos o risco de eternizarmos a investigação e de não entendermos que esta é apenas um ponto de partida para investigações futuras.



BIBLIOGRAFIA

Nota Explicativa

Dado tratar-se de uma bibliografia dilatada e heterogénea, que decorre do entrecruzamento dos vários campos de saber em que se alicerça este trabalho de investigação, as referências forma seriadas, com o intuito de facilitar a consulta e foram, assim, organizadas em quatro grandes núcleos:

- I. Bibliografia – *Corpora* epistolares e trabalhos sobre Epistolografia
- II. Bibliografia - Epistolar
- III. Bibliografia Geral
- IV. Bibliografia - Epistolar Electrónico

Bibliografia *Corpora* epistolares

A.A.V.V. (1934). *Cartas dos grandes do Mundo*. (coligidas por Francisco Rodrigues Lobo (1612), Cartas dos Reis, Senhores e Homens Insignes portugueses tresladadas do Códice do Museu Britânico e editadas com prefácio e notas por Ricardo Jorge, Coimbra, Imprensa da Universidade.

A.A.V.V. (1987). *Cartas de Autores Portugueses*. (coligidas por José Ribeiro da Fonte). Edição dos Correios e telecomunicações de Portugal.

A.A.V.V. (2005). *Dez cartas e Um Bilhete Postal para Eugénio de Andrade*. Com Dez Ilustrações de Júlio Resende. Coordenação de José da Cruz Santos, prefácio de Eduardo Lourenço e Direcção Gráfica de Armando Alves, Lisboa, Edições Asa.

A.A.V.V. (s/d). *Cartas a João de Barros*, Selecção, prefácio e notas de Manuela Azevedo, Lisboa, Edições Livros do Brasil.

A.A.V.V. (1982) *Cartas Políticas a João de Barros*, Selecção, prefácio e notas de Manuela Azevedo, Lisboa, Imprensa nacional – Casa da Moeda.

ALCOFORADO, Mariana (1998). *Cartas Portuguesas atribuídas a Mariana Alcoforado*. Edição bilingue, com prefácio e tradução de Eugénio de Andrade, Lisboa, Assírio & Alvim.

AZEVEDO, J. Lúcio de (1970). *Cartas do Padre António Vieira*, 3 Vol.s Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928, reeditado por Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

AZEVEDO, Manuela (org.) (1970). *Cartas a João de Barros*, Lisboa, Edições Livros do Brasil.

BARRENO, Maria Isabel, Maria Teresa **HORTA** e Maria **VELHO DA COSTA** (1974), *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Futura.

BERNARDES, Diogo (1946) “Carta II ao Doutor António Ferreira”, *Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Marques Braga, Volume II, *O Lima*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

BORDALO José Joaquim (ed.) (1891), *Novo Secretario Universal Comercial Portuguez, Methodo de Escrever toda a espécie de cartas, seguido de um formulário de requerimentos, memorias, cartas de commercio, facturas e contas correntes* (17^a.edição).

BRANCO, Camilo Castelo (1968). *Correspondência Epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco*, Tomos I e II, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 5^a. Edição.

BRANCO, Camilo Castelo (2002). *Cartas Dispersas*. Coligidas e anotadas por Castelo Branco Chaves, Porto, Campo das Letras.

BREYNER, Sophia de Mello e Jorge de **SENA** (2006). *Correspondência Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena* (1959-1978), Lisboa, Guerra e Paz Editores.

- BROCHADO** José da Cunha (1944). *Cartas*. Selecção, Prefácio e Notas de António Álvaro Dória, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- CAMÕES**, Luís de (1946). *Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Volume III, *Autos e Cartas*.
- CAMPOS MATOS**, A. (1998) (prefácio e organização) *Cartas de Amor de Anna Conover e Mollie Bidwell para José Maria Eça de Queiroz cônsul de Portugal em Havana (1873-1874)*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- CARVALHO**, Maria Amália Vaz de (1886) *Cartas a Luíza (Moral, Educação e Costumes)*, Porto, Barros & Filha Editores.
- CASTILHO**, António Feliciano de (1924). *Castilho e Camillo, Correspondência trocada entre os dois Escritores*, prefácio e notas de João Costa, Inéditos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- CASTRO**, Aníbal Pinto de (1975). “Uma carta inédita da Marquesa de Alorna”, *Separata da Revista de História Literária de Portugal*, vol. IV, Coimbra, Coimbra Editora, pp. 405-412.
- CASTRO**, Fernanda de (1990). *Cartas para Além do tempo*, prefácio de João Bigotte Chorão, Lisboa, Europress.
- CAVALEIRO DE OLIVEIRA** (1982). *Cartas Familiares*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- CAVALEIRO DE OLIVEIRA** (1982). *Cartas*, Selecção, Prefácio e Notas de Aquilino Ribeiro, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 3ª. Ed., Prefácio de Aquilino Ribeiro.
- CHAGAS**, Frei António (1939). *Cartas Espirituais*, Selecção, Prefácio e Notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- CÍCERO** (1942). *De oratore*, W. Sutton y H. Rackman (ed.), 2 vol.s, Cambridge, Mass, 1. 33. 150.
- CÍCERO** (s/d) *Ciceronis Epistolae adAtticum, Brutem (et) Q. Fratrem ... de provincia recte administranda, et in eam F. Hotomani commentarius*, Lyon, Lugduni, 1564 1.1. 37.
- CIDADE**, Hernâni (1940). “Cartas Inéditas de Verney”, *Biblos*, vol. XVI, Coimbra.
- CONDE DE ASSUMAR** (2000). *Meu pai e meu Senhor do meu Coração. Correspondência do Conde Assumar para seu pai, o Marquês de Alorna*. Selecção, introdução e notas de Nuno Gonçalo Monteiro, Lisboa, Quetzal Editores e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- CORTESÃO**, Jaime (1967) *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, São Paulo, Livros de Portugal.
- COTHENET**, Edouard (1991). *A Carta aos Gálatas*, Cadernos Bíblicos 32, Lisboa, Difusora Bíblica 1991.
- D. CARLOS** (1924). *Cartas d’El-Rei D. Carlos a João Franco Castello-Branco, seu último Presidente do Conselho*, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, reeditadoe m 2006 plea Bertrand Editora.

- DÉMÉTRIUS** (1993). *Du style*, Pierre Chiron (trad.), Paris, Les Belles Lettres.
- DINIS**, Júlio (1979). *Cartas e Esboços Literários*, Porto, Livraria Civilização Editora.
- DUNN**, James D. G. (1993). *The Epistle to the Galatians*, Londres, Hendrickson Publishers.
- ERASMO**, *De Conscribendis Epistolis*, 1502, *Opera Omnia Desideri Erasmi Roterdami*, Jean Claude Margolin (ed.), Amsterdam, North-Holland Publishing Company, VII, 1971, pp. 152-579.
- FERREIRA**, Vergílio (1985). *Carta ao Futuro*. Lisboa, Bertrand Editora, 4ª. Edição.
- FIGUEIREDO**, Cândido de (1924). (prefácio e notas). *Cartas Inéditas de oitenta e cinco escritores da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século actual*, Rio de Janeiro, H. Antunes & C.^a - Editores.
- FILINTO ELÍSIO** (1998). *Obras Completas*, Edição de Fernando Alberto Torres Moreira, Braga, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- GAMA**, Sebastião da (1994). *Obras Completas de Sebastião da Gama, Cartas I*, Introdução, selecção e notas de Joana Luísa da Gama, prefácio de Maria de Lurdes Belchior, Lisboa, Edições Ática.
- GARCIA DE RESENDE** (1994). *Livro das Obras de Garcia de Resende*. Edição Crítica, estudo textológico e linguístico por Evelina Verdelho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GARRETT**, Almeida (1984). *Cartas Íntimas* de Almeida Garrett, *Obras Completas* de Almeida Garrett, 5º. Volume - *Portugal na Balança da Europa / Cartas Íntimas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1984, pp. 185-305.
- GEDEÃO**, António (2004). *Obra Completa*, Lisboa, Relógio d'Água.
- GOMES**, Teixeira (1999). *O Cristal da Palavra. Cartas Inéditas de M. Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Portimão.
- GRUSON** Phillipe (1993). *A Carta aos Romanos*, Cadernos Bíblicos, Fátima, Difusora Bíblica.
- GUILLERAGUES** (1983). *Lettres portugaises, Lettres d'une Péruvienne et autres romans d'amour par lettres*, Apresentação de Bernard Bray e Isabelle Landy-Houillon, Paris, GF- Flammarion.
- HERCULANO** Alexandre (s/d). *Cartas*, Lisboa, Livraria Bertrand, Tomo I, 5ª Edição.
- HERCULANO** Alexandre (s/d). *Cartas*, Lisboa, Livraria Bertrand, Tomo II, 4ª Edição.
- HUTCHINSON**, G.O. (1998). *Cicero's Correspondence*, Oxford, Clarendon Press.
- LAPA**, Rodrigues (1997). *Correspondência de Rodrigues Lapa*. Selecção (1929-1985). Coimbra, Minerva.
- LOBO ANTUNES**, António (2005). *D'este viver aqui neste papel descripto - Cartas de guerra*, de António Lobo Antunes, organização de Maria José Lobo Antunes e Joana Lobo Antunes,

Lisboa, Publicações D. Quixote.

LOURENÇO, Eduarddo e Jorge de **SENA** (1991) *Correspondência*, organização e notas de Mécia de Sena, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MADAME DE SÉVIGNÉ (1950). *Cartas*, Escolha, Tradução, Prefácio e notas pelo Prof. Vitorino Nemésio, Lisboa, Livraria Sá da Costa

MANOEL, José da Câmara (s/d). *Manual de Correspondência familiar*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco.

MARTINS, J.P. Oliveira (1924). *Cartas Peninsulares*, Lisboa, parceria António Maria Pereira

MARQUESA DE ALORNA (1941). *Inéditos, Cartas e outros escritos*, Selecção, Prefácio e Notas do Prof. Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

MELO, D. Francisco Manuel (1968). *Cartas de D. Francisco Manuel de Melo a Duarte Ribeiro de Macedo*, publicadas com um estudo introdutório por Virgínia Rau, Lisboa, Publicações da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MELO, D. Francisco Manuel de (1981). *Cartas Familiares*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

MELO, D. Francisco Manuel de (1982). *Carta de Guia de Casados*. Lisboa, Publicações Europa-América

MONIZ, Egas (1946). *Prólogo, Cartas e Esboços Literários de Júlio Dinis*, Porto, Livraria Civilização.

MORGEN, Michèle (1994), *As Cartas de S. João, Cadernos Bíblicos 49*, Lisboa, Difusora Bíblica.

NOBRE, António (1982). *Correspondência*, Organização, introdução e notas de Guilherme de Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2ª. Edição.

PACHECO, Luiz (2005). *Cartas ao léu, Vinte e duas cartas de Luiz Pacheco a João Carlos Raposo Nunes*, organização e notas de António Cândido Franco, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2005.

PASCOAES, Teixeira de (1957). *Epistolário Ibérico, Cartas de Pascoaes a Unamuno*, prefácio de Joaquim de Carvalho e Manuel García Blanco, Nova Lisboa.

PESSANHA Camilo (1984). *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

PESSOA, Fernando (1945). *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, Joel Serrão (org.), Lisboa, Confluência.

PESSOA, Fernando (1985). *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, Introdução por Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte.

- PESSOA**, Fernando (1996). *Correspondência Inédita*. Organização de Manuela Parreira da Silva e prefácio de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Livros Horizonte.
- PESSOA**, Fernando (1978). *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira, Lisboa, Edições Ática.
- PESSOA**, Fernando (1999). *Correspondência Fernando Pessoa (1905-1922)*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PESSOA**, Fernando (1999). *Correspondência Fernando Pessoa (1923-1935)*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PETRARQUE** (1998). *Aux amis. Lettres Familières*, Christophe Carraud (trad.), Grenoble, Éditions Jérôme Million.
- RAINHA D. AMÉLIA** (1948), *Cartas de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amélia a D. Manuel Bastos Pina, Bispo-Conde de Coimbra*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- QUEIROZ**, Eça de (1974). *Eça de Queiroz entre os seus – Cartas Íntimas*, Porto, Lello & Irmão Editores.
- QUEIROZ**, Eça de (1983). *Eça de Queiroz – Correspondência*. Leitura, coordenação e notas de Guilherme de Castilho (1867/1868-1900), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2 Vols.
- QUEIROZ**, Eça de (1996) *Eça de Queiroz-Emília de Castro-Correspondência epistolar - Cartas Inéditas de Emília de Castro*, Porto, Lello Editores.
- QUEIROZ**, Eça de (2001). *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil.
- QUEIROZ**, Ofélia (1996). *Lettres d'Amour à Fernando Pessoa*, Anatólia, Éditions du Rocher.
- QUENTAL**, Antero de (1989). *Cartas I [1852] – 1881*. Organização, Introdução e Notas de Ana Maria Almeida Martins, Universidade dos Açores, Editorial Comunicação
- QUENTAL**, Antero de (1989). *Cartas II 1881-1891*. Organização, Introdução e Notas de Ana Maria Almeida Martins, Universidade dos Açores, Editorial Comunicação.
- RESENDE**, Garcia (1872). Carta de Garcia de Resende a D. Francisco de Castelo Branco, camareiro-mor de el-rei D. João III, André ROCHA, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 73-76.
- RILKE, PASTERNAK, TSVÉTAÏEVA** (2006). *Correspondência a três. (Verão de 1926)*, Lisboa, Assírio&Alvim.
- RODRIGUES LOBO** Francisco (1991). *Corte na Aldeia*, Introdução, Notas e Fixação do texto de José Adriano Carvalho, Lisboa, Editorial Presença.
- SÁ-CARNEIRO**, Mário de (1992a). *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. I, Lisboa, Ática Editora, 2ª. Edição.

- SÁ-CARNEIRO**, Mário de (1992b). *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. II, Lisboa, Ática Editora, , 2ª. Edição.
- SÁ-CARNEIRO**, Mário de (1992c). *Cartas a Maria e Outra Correspondência Inédita*. Leitura, fixação e notas de François Castex e Marina Tavares Dias, Lisboa, Quimera.
- SÁ-CARNEIRO**, Mário de (2004a). *Correspondência com Fernando Pessoa* (Outubro de 1912 - Agosto 1914), Edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. I.
- SÁ-CARNEIRO**, Mário de (2004b). *Correspondência com Fernando Pessoa* (Agosto 1914 -Abril 1916), Edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. II.
- SÁ DE MIRANDA**, Francisco (1994). *Obras de Francisco Sá de Miranda*, Edição *fac-simile* da Edição de 1595, Estudo Introdutório de Vítor Aguiar e Silva, Braga, Universidade do Minho , 1994.
- SALES**, Catherine (1999). “Les Lettres de Sénèque à Lucilius, De l'épître-exhortation à la lettre-confession”, *Les Lettres dans la Bible et dans la Littérature*, CADIR, Paris, Les Éditions du Cerf, pp. 233-249.
- SARAIVA**, António José e Óscar **LOPES** (2004). *António José Saraiva e Óscar Lopes: Correspondência*, edição de Leonor Curado Neves, Lisboa, Gradiva, 2004.
- SÉNECA**, Lúcio Aneu (1991). *Cartas a Lucílio*, tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado Campos. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- TORRES**, Amadeu (Castro Gil) (1979). *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana, As Cartas latinas de Damião de Góis*, Tese de Doutoramento, Braga.
- TRIMAILLE**, Michel (2000). *A Primeira Carta aos Tessalonicenses*, *Cadernos Bíblicos* 71, Fátima, Difusora Bíblica.
- VAZ DE CARVALHO**, Maria Amália (1886). *Cartas a Luíza (Moral, Educação e Costumes)*, Porto, Barros&Filha, Editores.
- VERDE**, Cesário (1999). *Obra Poética e Epistolográfica*, Edição organizada por Ângela Marques, Porto, Lello Editores.
- VERNEY**, Luís António (1858). *Cartas de Luís António Verney e António Pereira de Figueiredo*, Nova Goa, Imprensa Nacional.
- VERNEY**, Luís António (1991). *Verdadeiro método de Estudar (Cartas sobre Retórica e Poética)*. Introdução e Notas de Maria Lucília Gonçalves Pires, Lisboa, Editorial Presença.
- VIEIRA**, P^o. António, *Obras Escolhidas* (1997). Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Vol.s I e II *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1997 (2ª. Edição).

Trabalhos sobre epistolografia

A.A.V.V. (1999). *A Carta de Tiago. Leitura sócio-linguística, Cadernos Bíblicos 67*, Lisboa, Difusora Bíblica.

ALMEIDA Isabel (1989). *Doces, brandos, graves e doutos, versos: Para um estudo da epístola poética no século XVI*, Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ALVES, Luísa (2001) “Mariana Alcoforado e o ‘Amor Português’ na Ficção Actual em Língua Inglesa”, F.S.C.H. – U.N.L., disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/congrssoceap.Mariana_luisaalves.doc. Deve, igualmente,

ARISTÓTELES (1991). *Rhétorique*, III, 1-2, Paris, Librairie Générale Française.

BARRIO VEJA, M. L. Del (1991). “Algunos problemas de la epistolografía grega. Es posible una clasificación epistolar?”, *Minerva*, 5, pp. 123-137.

BAYET Jean (1996). *La Littérature Latine*, Paris: Armand Colin, 1996.

BAYET, Jean (1996). *La littérature Latine*, Paris, Armand Colin.

BEEBEE, Thomas O. (1999). *Epistolary Fiction in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.

BONNARD, Pierre (1983). *Les Épîtres Johanniques*, Genève, Labor e Fides.

BORNKAMM G. (1991) “The Letter to the Romans as Paul’s Last Will and Testament”, in K. P. Donfried (ed), *The Romans Debate*, Edimburgo, pp. 27-28.

BOTELHO, Maria Alice Calheiros (1947). *A Epistolografia : seu lugar na literatura portuguesa*

Tese de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BRAGA, Teófilo (1901). *Filinto Elísio e os dissidentes da Arcádia*, Porto, Lello&Irmão.

BRÉCHON Robert (2001a). *L’Innombrable: un tombeau pour Fernando Pessoa*, Paris, Christian Bourgois Éditeur.

BRÉCHON, Robert (2001b). “Fernando Pessoa et ses amis”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Volume XLI, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Lisboa-Paris, pp. 95-101.

BRUNET, Régis (2003). *Épîtres et Lettres Ier-IIe siècle, De Paul de Tarse à Polycarpe de Smyrne*,

Lectio Divina, Paris, Les Éditions du Cerf.

BUESCU Helena Carvalhão (coord.) (1997), *Dicionário do Romantismo Português*, Lisboa, Editorial Caminho, Verberte “Epistolografia”, da autoria de A. Crabbé Rocha, pp.169-171.

CAMARGO, Martin (1991). *Ars Dictaminis, Ars Dictandi, Typologie des Sources du Moyen Âge occidental*, Fasc. 60, Turnhout, Brepols.

CAMPOS MATOS, A. (1996). “Introdução”, *Eça de Queiroz – Emília de Castro, correspondência epistolar, Cartas Inéditas de Emília de Castro*, organização, introdução e notas de A. Campos Matos, Porto, Lello Editores, 1996, 2ª. Edição, pp. 11-45.

CARREIRO, José Bruno (1948). *Antero de Quental, subsídios para a sua biografia*, Vol.s I e II, Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada Lisboa, Livraria Morais.

CARVALHO Joaquim de, “Prefácio”, *Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins*, publicadas por Francisco de Assis de Oliveira Martins, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

CARVALHO, José Adriano de (1991). *Introdução à obra Corte na Aldeia*, Francisco Rodrigues Lobo, Lisboa, Editorial Presença.

CASTEX, François (1981/1982) “Le Poème “7” de Mário de Sá-Carneiro. Essai d’interprétation”, *Nova Renascença*, pp. 253-261.

CASTEX, François (1961). “Cartas Inéditas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa”, *O Poeta é um Fingidor*, Lisboa, Ática, pp. 61-77.

CASTILHO Júlio (2001). *Os Dois Plínios*, Ágora, Estudos Clássicos em Debate 3.

CASTRO Aníbal Pinto (1997). “Epistolografia”, em Portugal, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/ S. Paulo, Verbo, Volume 2, 1997, pp. 328-333.

CASTRO Aníbal Pinto e Maria Aparecida **RIBEIRO** (1997). “Epistolografia”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol II, Lisboa, p. 329.

CASTRO, Eugénio de (1940), *Diário de navegação de Pêro Lopes de Sousa*, vol. I e II, 2ª. Edição, Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, Rio de Janeiro.

CHIRON, P. (2002). *Un rhéteur méconnu: Démétrios (Ps Démétrios de Phalène. Essai sur les mutations de la théorie du style à l’époque hellénistique*, Paris, Vrin.

CIDADE, Hernâni (1929). *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*, Coimbra, s/ed.

COELHO, Eduardo Prado (1990). “Ultime Illusion: Briser les Miroirs”, in *Mário de Sá-Carneiro, L’Amant sans Amant*, Dominique Touati et Michel Chandeigne (trad.), Paris, Orphée/La Différence, pp. 7-17.

COLOMBO Cristóvão (s/d), *A descoberta da América*, Diário de Bordo da 1ª. Viagem (1492-1493), Lisboa, Publicações Europa-América.

- COSTA**, José Francisco (2003). *A Correspondência de Jorge de Sena. Um outro espaço da sua escrita*. Prefácio de Francisco Cota fagundes. Lisboa, Edições Salamandra.
- COTHENET**, Edouard (1991). *A Carta aos Gálatas, Cadernos Bíblicos 32*, Lisboa, Difusora Bíblica.
- COTHENET**, Edouard (1996). *As Cartas de Pedro, Cadernos Bíblicos 52*, Lisboa, Difusora Bíblica.
- COTHENET**, Edouard (1999). *A Carta aos Colossenses e a Carta aos Efésios, Cadernos Bíblicos 57*, Lisboa, Difusora Bíblica.
- COTTON**, Hannah (1984). “Greek and Latin Epistolary Formulae: Some Light on Cicero’s Letter-Writing”, *American Journal of Philology*, 105, pp. 409-425.
- DAVIS** Casey Wayne (1999), *Oral Biblical Criticism*, Sheffield, JSOT Press, *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 172*.
- DEISSMANN**, Adolf (1895). *Bibelstudien*, Malbourg, Elwert.
- DEISSMANN**, Adolf (1908). *Lichtvom Osten*, Tübingen, Mohr-Siebeck.
- DÓRIA**, António Álvaro (1944). “Prefácio” José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, pp. VII-L.XXIV.
- DURAND**, J.M. (ed) (1993. «Les documents épistolaires du Palais de Marais», Paris e Parpola, S. (ed.), *Letters from Assyrian and Babylonian Scholars*, Helsinki.
- EURÍPEDES** (1983). *Ifigénie à Aulís*, François Jouan (trad.), Paris, Les Belles Lettres.
- EXLER**, Francis Xavier (1923). *The Form of the Ancien Greek Letter. A Study in Greek Epistolography*, Washington D.C.
- FERREIRA** António (1953-1957). *Poemas Lusitanos*, prefácio e notas de Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, 2 Vols.
- FERREIRA**, António de Aguiar (1959), *O género epistolar e o seu aproveitamento por Samuel Richardson*, Dissertação em Filologia Germânica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FERREIRA**, Carlos Aparecido (2002). *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua Imagem e seus Questionamentos através do Género Epistolar*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, S. Paulo.
- FIGUEIREDO**, A. Cardoso Borges de (1865). *Logares Selectos dos clássicos Portuguezes nos Principais Géneros de Discursos em Prosa, para Usos das Escolas*, Coimbra, Livraria de J. Augusto Orcel, 8ª. Edição.
- FIGUEIREDO**, Fidelino de (1914). *História da Literatura Realista (1871-1900)* Lisboa, Livraria Clássica Editora.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1931). *História da Literatura Clássica*, 3ª. Época, 2ª. Edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1966). *História Literária de Portugal*, S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 3ª. Edição.

FILINTO ELÍSIO (1998). *Obras Completas de Filinto Elísio* (Francisco Manuel do Nascimento), Edição de Fernando Alberto Torres Moreira, Braga, Edição APPACDM, Distrital de Braga, 1998, Vol I, de acordo com a segunda edição, Paris, na Oficina de A. Bobée nos anos de 1817-1819 (11 volumes).

FIGLIORE, Benjamim (1986). *The Function of Personal Example in the Socratic and Pastoral Epistles*, Roma, Biblical Institut Press.

FONSECA, Maria do Céu (1998), “Notações histórico-teóricas sobre textos epistolares do século XVII. As Cartas Familiares de D. Francisco Manuel de Melo”, *Correspondências, O Género Epistolar*, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, pp. 71-88.

FORTES, Agostinho e Albino Forjaz **SAMPAIO** (1936) *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular.

GALHOZ, Maria Aliete (1990), “Itinerário humano de Mário de Sá-Carneiro”, *Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)*, Biblioteca Nacional, Presidência do Conselho de Ministros e Secretaria de Estado da Cultura.

GERHARD, G.A. (1905). “Untersuchungen zur Geschichte des griechischen Briefes I. Die Anfangsformel”, *Philologus* 64, 1905, pp. 27-65.

GIROUD, Jean-Claude e Loius **PANIER** (1991). *Semiótica – Uma prática de leitura e de análise dos textos bíblicos*, *Cadernos Bíblicos* 34, Lisboa, Difusora Bíblica.

GOSSE, Edmund (1959), *Selected Essays*, London, The Travellers Library.

GOULART, Rosa Maria (1997). *O Trabalho da Prosa, Narrativa, Ensaio, Epistolografia*. Braga-Coimbra, Angelus Novus.

GUERREIRO, M. Viegas (1974) “Introdução a Pêro Vaz de Caminha”, *Carta a El-Rei D. Manuel*, Lisboa, pp. 20-23.

GUIDO FAMMA (1890), *Summa Dictaminis*, Ed. A. Gaudenzi Il Propugnatore n. 5.

HARRIS William W (1995). *Ancient Literacy*, Cambridge/London, Harvard University Press.

HUGHES, Helen (1923), *English Epistolary Fiction before Pamela, The manly Anniversary Studies in Language and Literature*, Chicago, University of Chicago Press.

IÁÑEZ, Eduardo (1992), *As Literaturas Antigas e Clássicas*, Lisboa, Planeta Editora.

JÉRÔME (1949). *Lettres*, VIII, 1, Jérôme Labourt (ed), Paris, Les Belles Lettres.

- JULIUS VICTOR, C.** (1980). *Ars retorica*, Remo GIOMINI e Maria Silvana CELENTANO (ed.), Leipzig, Teubner.
- KAUFFMAN, Linda** (1992). *Epistolary Modes in Modern Fiction*, Chicago, Chicago University Press.
- KOSKENNIEMI, H.** (1956). *Studien zur Idee und Phraseologie des griechischen Briefes bis 400 n Chr.*, Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia.
- KRÜHLER, Maria Manuela Pardal** (1998). “Escrita e Melancolia: As Cartas de Alcipe”, *Correspondências, O Género Epistolar*, Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, pp.89-94.
- LABRE, Chantal** (2005). “Les tablettes de Cicéron”, *Magazine Littéraire*, n.º. 442, Maio 2005, pp. 44-46.
- LANHAM, Carol Dana** (1975). “Salutatio Formulas in Latin Letters to 1200: Syntax, Style and Theory”, *Münchener Beiträge* 22, pp. 7-12.
- LAPA Rodrigues** (1939). “Prefácio”, Frei António das Chagas, *Cartas Espirituais*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1939, pp. XI-XXXI.
- LAPA, Rodrigues** (1978). “Prefácio” *Cartas de Lopo de Almeida*, Lisboa, 1935, *apud* Jacinto Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, 1.º. Volume, Porto, Figueirinhas, p. 41.
- LEITÃO DE BARROS, Thereza** (1924). *Escritoras de Portugal, Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa*, Vols. I e II, Lisboa, s/ed.
- LEMONS, Esther de** (2003). *Estudos Portugueses*, Porto, Elementos Sudoeste.
- LEPECKI, Maria Lúcia** (1984). “O romance português contemporâneo na busca da História e da Historicidade”, *Le roman portugais contemporain. Actes du Colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, pp. 13- 21.
- LIMA, Isabel Pires de** (coordenação e organização) (1993), *Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional do Centenário da sua morte*, Lisboa, Edições Asa.
- LOBO, Francisco Rodrigues** (1991), *Corte na Aldeia*, Lisboa, Editorial Presença.
- LOPES, Fernão** (1963). *Crónica de D. Pedro I*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- MALHERBE, Abraham J.**(1977). “Ancien Epistolary Theory”, *Ohio Journal of Religious Studies*, V. 2, pp. 3-77.
- MALPIQUE, Cruz** (1957). *Ramalho Ortigão - ensaio*, Porto, Editora Educação Nacional.
- MANOEL, José da Câmara**, (s/d). *Manual Prático de Correspondência familiar*, Lisboa, Livraria Popular, 8.ª. edição.
- MARCOS CASQUERO, M.A.** (1983). “Epistolographia romana”, *Helmantica*, 34, pp. 377-406.

- MARTIN, R. e J. GAILLARD** (1990). *Les Genres Littéraires à Rome*, Paris, Nathan.
- MARTINES, Enrico** (1998). “Introdução”, *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*, Edição e estudo de Enrico Martines, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. II, 1998, pp. 9-56.
- MARTINS, Ana Maria Almeida** (1981). “Prefácio”, *Cartas de Vila do Conde de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Ana Maria Almeida Martins, Porto, Lello & Irmãos Editores.
- MENDES, António Manuel Nunes Rosa** (1991), *Ribeiro Sanches e as Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Dissertação de Mestrado em História Cultural e Política, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MENDES, Margarida Vieira, Maria Lucília PERES e J. Costa MIRANDA** (org.) (1997). *Vieira Esritor*, Lisboa. Edições Cosmos.
- MENDES DOS REMÉDIOS** (1930). *História da Literatura Portuguesa: das origens à actualidade*, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, 6ª. Edição.
- MORGEN, Michèle** (1995), *As Cartas de São João*, *Cadernos Bíblicos* 49, Lisboa, Difusora Bíblica.
- MOURÃO-FERREIRA, David** (1978). Posfácio “Estas “cartas de Amor” de Fernando Pessoa”, *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Edições Ática, pp. 177-222.
- OLIVEIRA, Júlio d’**, (1945). *Remomeração e esclarecimento de factos de ordem literária e jornalística*, Porto, s/ed.
- ONG, Walter** (1993), *The Oral and Written Gospel*, Philadelphia, Fortress Press.
- PANIER, Louis** (dir.) (1999). *Les lettres dans la Bible et dans la Littérature*, *Lectio Divina* 181, Centre pour l’Analyse du Discours Religieux, Actes du Colloque de Lyon Paris, Cerf.
- PARATORE, Ettore** (1987). *História da Literatura Latina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (13ª. ed.)
- PEREIRA, Lúcia Miguel** (1945). “Eça de Queiroz visto através das suas cartas”, *Livro do Cinquentenário de Eça de Queiroz*, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reys, Lisboa, Edições Dois Mundos – Portugal/Brasil.
- PERROT, Charles** (1993). *A Carta aos Romanos*, *Cadernos Bíblicos* 42, Lisboa, Difusora Bíblica.
- PIEIDADE, Ana Nascimento** (1994). *A Questão Estética em Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Universidade Aberta.
- PIEIDADE, Ana Nascimento** (2003). *Fradiquismo e Modernidade no Último Eça (1888-1900)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da moeda.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves** (1997). “A epistolografia de Vieira. Perspectivas de leitura”, *Vieira Esritor*, organização de Margarida VIEIRA MENDES, Maria Lucília PIRES e

José da Costa MIRANDA, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 21-30.

PIWNIK, Marie-Hélène (2001). “Un parcours de la Correspondance d’Eça de Queiroz”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Volume XLI, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Lisboa-Paris, pp. 83-94.

PLINE (1953-1959). *Correspondance*, Paris, Les Belles Lettres, 4. Vol

QUEIROZ, Eça de (1896). “Um Génio que era um Santo”, *Antero de Quental in Memoriam*, Porto Mathieu Lugan Editor.

QUENTAL, Antero de (1996). *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga.

REBELO, António Manuel (1995). “Carta”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/ S. Paulo, Verbo, Volume 1, pp. 1000-1006.

REBELO, António Manuel Ribeiro (1997). “Epístola”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol II, Lisboa, 1997, pp. 322-328.

REI, José Esteves (1999), “As Cartas do Padre António Vieira e a retórica comunicativo-funcional. Uma dimensão pedagógica”, in *Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*, Congresso Internacional, Braga, Universidade Católica Portuguesa, pp. 1635-1646.

REIS, Carlos (1983). “Quatro Cartas Inéditas de Eça de Queiroz sobre a Revista de Portugal”, *Cadernos de Literatura*, 16, pp. 7-21.

REIS, Carlos (1993). “Antero e a consciência da poesia”, *Antero de Quental e o Destino de uma Geração*, Isabel Pires de Lima (coordenação e organização), *Actas do Colóquio Internacional do Centenário da sua morte*, Lisboa, Edições Asa, pp. 247-254.

REYNOLDS, L.D. (1965). *The Medieval Tradition of Seneca’s Letters*, London, Oxford University Press.

RIBEIRO, Manuel (1940). *Vida e Morte de Mariana de Alcoforado*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.

RICHARD, R. (1956). *La Doctrine Spirituelle de Frei António Chagas*, Lisboa, 1949, apud *História da literatura portuguesa, desde as origens à actualidade*, Feliciano Ramos, Braga, Livraria Cruz.

RODRIGUES, António Gonçalves (1931), “Mariana Alcoforado – História e crítica de uma fraude literária”, *Biblos*, v. XI, pp. 85-136.

SÁ DE MIRANDA, Francisco de (1938). *Cartas de Sá de Miranda*, com prefácio de João de Barros e Hernâni Cidade, anotadas e prefaciadas por Teixeira Leite Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

SÁ DE MIRANDA, Francisco de (2003) *Obras Completas Vol II*, Texto fixado, notas e prefácio de Rodrigues Lapa, 5ª. Edição, revista, Lisboa, Livraria Sá da Costa, Cartas, pp.35-117.

- SANÉ, A.** (1808). *Poésie Lyrique Portugaise*, Paris, Chez Cérioux Jeune.
- SARMENTO, Maria da Conceição Morais** (1981), “Prefácio” da obra de D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas Familiares*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SEARA, Isabel Roboredo** (2002). “Dizer a ausência no discurso epistolar. Metáforas temporais”, *Actas do VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, realizado na Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies, Providence, Rhode Island, U.S.A., disponível em http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/Congresso.html
- SEARA, Isabel Roboredo** (2004). “L’Utopie dans la Correspondance de Mário de Sá-Carneiro: le rêve tourné au cauchemar”, *Revue de l’Aire, “Lettre et Utopie*, n.º. 30, hiver, Paris, Librairie Honoré Champion, pp. 82-103.
- SILVA, Amaro Carvalho da** (1997), *Esboço da Vida e Obra de Maria Amália Vaz de Carvalho*, Lisboa, Edição E.S.M.A.V.C.
- SILVA, Manuela Parreira da** (2004). *Realidade e Ficção - para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.
- SIMÕES, João Gaspar** (1987). *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 5ª. Edição.
- SIMÕES, Maria João A. F.** (1987). *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas*, Dissertação de mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SIMÕES, Maria João A. F.** (1992). “Eça e Fradique: as cartas e os seus temas”, *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a Sua Geração*, n.º. 2, Julho, pp. 13-30.
- SPICQ, C.** (1969), *Les Épîtres Pastorales*, Études Bibliques, Gabalda.
- STOWERS, Stanley K.** (1986). *Letter-Writing in Greco-Roman Antiquity*, Philadelphia, Westminster.
- THOMAS Rosalind** (1992). *Literacy and Orality in Ancien Greece*, Cambridge, Cambridge University Press, 1992.
- VAILLANCOURT, Luc** (2003). *La Lettre familière au XVII^e siècle*, Rhétorique humaniste de l’épistolaire, Paris, Honoré Champion.
- VAZ DE CARVALHO, Maria Amália** (1910/1911) *Impressões de História*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira.
- VIANA, Mário Gonçalves** (1940). *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa, Ensaio histórico-crítico*, Porto, Editora Educação Nacional.
- WOLFF, Étienne** (2005). “À l’ombre d’Héloïse et Abélard”, *Magazine Littéraire*, n.º. 442, Maio, pp.46-48.

Nota: As **epístolas bíblicas** citadas constam de *A Bíblia de Jerusalém* (1995), São Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional, 7^a. Edição, pp. 2105 a 2296.

ADAM, Jean-Michel (1998). “Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l’analyse pragmatique des pratiques discursives”, *La lettre entre réel et fiction*, Jürgen SIESS (dir.), Paris, Sedes, pp. 37-53.

ALLAM, Malik (1996). *Journaux intimes. Une sociologie de l’écriture personnelle* (préface de Philippe Lejeune), Paris, L’Harmattan.

ALLISON, Jeanne. (1992). “The representation of Woman Through Dialogue in the French Epistolary Novel”, in *Compendious Conversation, the Method of Dialogue in the Early Enlightenment*, Kevin Cope, Frankfurt am Main, Peter Lang, pp. 267-278.

ALMEIDA, Teresa Sousa (1998). *Para uma estilística da Carta – La Nouvelle Héloïse*, dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

ALTMAN, Janet Gurkin (1982). *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press.

ALTMAN, Janet Gurkin (1986). “The Letter Book as a Literary Institution 1539-1789, Toward a Cultural History of Published Correspondances in France”, *Yale French Studies*, n° 71, pp. 17-62.

ALTMAN, Janet Gurkin (1989). “Graffigny’s Epistemology and the Emergence of a Third World Ideology”, E. GOLDSMITH (dir.), *Writing the Female Voice. Essays on Epistolary Literature*, Boston, Northeastern University Press, pp. 172-202.

ALTMAN, Janet Gurkin (1989). “The Politics of Epistolary Art”, in *A new History of French Literature*, Denis HOLLER (dir.), Cambridge, Harvard University Press, pp. 172-202.

ALTMAN, Janet Gurkin (1990). “Pour une histoire culturelle de la lettre: l’épistolier et l’état sous l’Ancien Régime”, *L’épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, BOSSIS, Mireille e. Charles A PORTER, *Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 106-115.

ALTMAN, Janet Gurkin (1992a). “A Woman’s Place in the Enlightenment Sun: the Case of Françoise de Graffigny”, *Romance Quarterly*, vol. XXXVIII, pp. 261-272.

ALTMAN, Janet Gurkin (1992b). “Teaching the People to Write: the Formation of a Popular Civic Identity in the French Letter Manual”, *Studies in Eighteenth-Century Culture*, n° 22, pp. 147-180.

ALTMAN, Janet Gurkin (1995). “La politique de l’art épistolaire au XVIIIe siècle”, BRAY, Bernard e Christophe STROSETZKI (dir.). *Art de la lettre. Art de la conversation à l’époque classique en France, Actes du Colloque de l’Association interdisciplinaire de recherches sur l’épistolaire*, Wolfenbüttel/Allemagne (7-10 octobre 1991), Paris, Klincksieck, pp. 131-144.

ALTMAN, Janet Gurkin (1997). “The triple register: Introduction to temporal complexity in letter-novel”, *L’Esprit Créateur*, n° 1, Vol. XVIII, pp. 300-310.

ALTMAN, Janet Gurkin (1996). “Lettres et le néant: l’invention de l’écriture postcoloniale chez Graffigny”, *Sur la plume des vents. Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Ulrike MICHALOWSKY (dir.), Paris, Klincksieck, pp. 157-172.

ALVES, Luísa (2001). “Mariana Alcoforado e o ‘Amor Português’ na Ficção Actual em Língua Inglesa”, *I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disponível em http://www.fcsh.unl.pt/congressoocap/Mariana_luisaalves.doc, em Novembro de 2003.

ANASTÁCIO, Vanda (org.) (2005). *Correspondências – usos da Carta no século XVIII*, Lisboa, Fundação das Casas de Alorna e Fronteira.

ANDERSEN, Howard e Irvin **EHRENPREIS** (1966). *The Familiar Letter in Eighteenth Century*, Lawrence, University of Kansas Press.

AMBRIERE, Madeleine (1996). “Avant-propos”, *Nouvelles approches de l’épistolaire – Lettres d’artistes. Archives et correspondances*, Paris, Honoré Champion, pp. 9-13.

AMOSSY, Ruth (1998). “La Lettre d’amour du réel au fictionnel”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, pp. 73-96.

ANDRADE, Mário (2000). “As Cartas sobreviverão?”, <http://www.revistasubmarino.c/29ba0dbb>, consultado em 8 de Novembro de 2001.

ANDRES, Bernard (1990). *Écrire le Québec: de la contrainte à la contrariété. Essai sur la constitution des Lettres au Québec*, Études et Documents, Montréal, XYZ.

ANDRES, Bernard (1995). “La génération de la Conquête: un questionnement de l’archive”, *Voix & Images*, n° 59, hiver, pp. 274-293.

ANDRES, Bernard (1999). “Les Lettres d’avant la Lettre. Double naissance et fondation”, *Littérature*, n° 113, mars, pp. 22-35.

BARTHES, Roland (1977). “La lettre d’amour”, *Fragments d’un discours amoureux*, Paris, Seuil, pp. 187-189.

BASSO, Jeannine (1978). “Les traductions en français de la littérature épistolaire italienne aux XVI et XVII^e siècles”, *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, n° 6, novembre-décembre, pp. 906-921.

BASSO, Jeannine (1982). *Le genre épistolaire en langue italienne (1538-1662). Répertoire chronologique et analytique*, Nancy, Presses Universitaires de Nancy.

BASSO, Jeannine (1985). “La lettera ‘familiare’ nella retorica epistolare del XVI e del XVII secolo in Italia” *Quaderni di Retorica & poetica*, 1, pp. 57-65

BEAUJOUR, Michel (1980). *Miroirs d’encre*, Paris, Seuil.

BEUALIEU, Jean-Philippe, “Le statut des Lettres Portugaises dans les formes épistolaires du XVII^e siècle”, *Orbis Literarum*, n° 45, 1990, pp. 300-340.

- BEAUREPAIR**, P.-Y (dir.) (2002). *La Plume et la Toile, Pouvoir et Réseaux des correspondances dans l'Europe des Lumières*, Artois Presses Universitaires.
- BEEBEE**, Thomas O. (1999). *Epistolary Fiction in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BENSTOCK**, Shari (1985). "From Letters to Literature: La Carte Postale and the Epistolary Genre", *Genre*, vol. XVIII, 1985.
- BERTHO-LAVENIR**, Catherine (2005). "Des réseaux et des lettres", *Le Magazine Littéraire* n° 442, mai, pp. 35-39.
- BERTHO-LAVENIR**, Catherine e Frédéric **BARBIER** (2003). *Histoire des médias: de Diderot à Internet*, Paris, Armand Colin.
- BERUBE**, Georges e Marie-France **SILVER** (dir.) (1996). *La lettre au XVIII^e siècle et ses avatars, Actes du Colloque International tenu au Collège Universitaire Glendon (29 avril-1er mai 1993)*, Université York, Toronto, Éditions du Gref.
- BEUALIEU**, Jean-Philippe (1990). "Le statut des *Lettres Portugaises* dans les formes épistolaires du XVII^e siècle", *Orbis Litterarum*, n° 45, pp. 300-340.
- BEUGNOT**, Bernard (1974). "Débats autour du genre littéraire: réalité et écriture", *Revue d'Histoire Littéraire de France*, n° 2, mars-avril, pp. 195-203.
- BEUGNOT**, Bernard (1978). "Style ou Styles épistolaires", *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, n° 6, novembre-décembre, pp. 939-957.
- BEUGNOT**, Bernard (1987). "L'invention épistolaire à la manière de soi", *L'épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d'écriture*, BOSSIS, Mireille e Charles A. PORTER, *Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 27-38.
- BEUGNOT**, Bernard (1995). "Les voix de l'autre: typologie et historiographie épistolaires", Bernard BRAY e Christophe STROSETZKI (dir.). *Art de la lettre. Art de la conversation à l'époque classique en France, Actes du Colloque de l'Association interdisciplinaire de recherches sur l'épistolaire*, Wolfenbüttel/Allemagne (7-10 octobre 1991), Paris, Klincksieck, pp. 47-60.
- BIRON**, Michel (1996). "Configurations épistolaires et champ littéraire: le cas d'Alfred DesRochers et de Saint-Denys Garneau", in MELANÇON, Benoît et Michel BIRON (org.), *Lettres des années trente*, Ottawa, Le Nadir, pp. 109-123.
- BLANC**, Dominique (1992). "Le goût des Belles Lettres", *Connaissance des Arts*, 487, septembre, pp. 86-87.
- BOCHENEK-FRANCZAKOWA**, Regina (1986). *Le roman épistolaire à voix multiples en France de 1761-1782, Problèmes de forme: destinataire-destinataire*, Cracovie, Presses de l'Université de Jagellon.
- BOHLS**, Elizabeth A. (1995). *Women travel writers and the language of aesthetics 1716-1818*, New York, Cambridge University Press.

BONACCORSO, Giovanni (1995). “Une correspondance familiale: les lettres de Racine à sa sœur”, Bernard BRAY e Christoph STROSETZKI (dir.), *Art de la Lettre Art de la conversation*, Paris, Klincksieck, pp. 289-304.

BONNAT, Jean-Louis e Mireille **BOSSIS** (dir.) (1983). *Ecrire. Publier. Lire. Les correspondances. Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du colloque international - Les correspondances* (4 au 7 octobre 1982), Nantes, Université de Nantes.

BONNAT, J. L. (dir.) (1986). “Des mots et des images pour correspondre”, *Actes du II^e colloque international Les correspondances* (Nantes 13-15 septembre 1984), Nantes, Publication de l'Université de Nantes, pp. 7-26.

BONNEL, Roland (1993). “De l'usage des points de suspension: le cas du roman épistolaire du XVIII^e siècle”, *ALFA*, vol. VI, pp. 89-123.

BORRERO BARRERA, María José e Rafael **CALA CARVAJAL** (2002). “La Carta como Documento Lingüístico: La deixis en el discurso Epistolar”, *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, n^o 4, Novembro, Universidade de Barcelona, disponível em <http://www.um.es/tonosdigital/znum4/estudios/discursoepistolar.htm>, consultado em 16 de Setembro de 2003.

BOSSIS, Mireille (1983). “La Correspondance comme figure du compromis», in *Les Correspondances - Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du Colloque International ‘Les Correspondances’*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l'Université de Nantes, pp. 220-238.

BOSSIS, Mireille (1990). “Methodological Journeys Through Correspondances”, *Yale French Studies*, pp. 63-75.

BOSSIS, Mireille (dir.) (1990). *L'épistolarité à travers les siècles. Geste de communication et/ou geste d'écriture, Actes du colloque culturel international* (Cerisy La-Salle 1987), Stuttgart, Franz Steiner Verlag.

BOSSIS, Mireille (1994). “Introduction” *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé., pp. 9-13.

BOSSIS Mireille (dir.) (1994) *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé.

BOTS, Hans, Eric-Olivier **LOCHARD** e Antony **MCKENNA** (2000). “La Communication Manuscrite en Europe à l'Époque Moderne”, disponível em <http://www.univ-st-etienne.fr/longeon/colloques/communications.htm>, consultado em 13 de Fevereiro de 2002.

BOUDOU, Bénédicte (2001). “Le Commentariolus de Henri Estienne sur la Correspondance de Cicéron”, *L'Épistolaire au XVI^e siècle, Cahiers V. L. Saulnier* n^o 18, Paris, Éditions Rue d'Ulm, pp. 33-49.

BOUREAU, Alain (1991). “La norme épistolaire, une invention médiévale”, **CHARTIER**, Roger (dir.) *La Correspondance, Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, Paris, Fayard, 1991, pp. 127-157.

- BOUREAU**, Alain, Roger **CHARTIER**, C. **DAUPHIN**, J. **HEBRARD**, P. **LEBRUN-PEZERAT**, A. **MARTIN-FUGIER**, e D. **POUBLAN** (1991). **CHARTIER**, Roger (dir.) *La Correspondance, Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, Paris, Fayard.
- BOYER**, Henri (1972). “Structuration d’un roman épistolaire: énonciation et fiction”, *Revue des langues romanes*, 80, pp. 297-327.
- BOYER**, Henri (1991). “La lettre entre mythe et réalités: quelle lecture?”, *Igitur*, Rome, Nuova Arnica, janvier-juillet.
- BRAY**, Bernard (1966). *J. Chapelain. Soixante dix-sept lettres inédites à N. Heinsius*, La Haye, Nijhoff.
- BRAY**, Bernard (1967). *L’art de la lettre amoureuse des manuels aux romans (1550-1700)*, Paris-La Haye, Mouton.
- BRAY**, Bernard (1969). “Quelques aspects du système épistolaire de Mme de Sévigné”, *Revue d’histoire littéraire de France*, vol. LXIX 3-4, pp. 491-505.
- BRAY**, Bernard (1973a). “L’épistolière au miroir. Réciprocité, réponse et rivalité”, *Revue Marseille*, vol. XCV, pp. 23- 29.
- BRAY**, Bernard (1973b). “L’épistolière et son public en France au XVIII^e siècle”, *Travaux de linguistique et de littérature*, vol XI, n° 2, pp. 7-17.
- BRAY**, Bernard (1988). “L’image de l’amour dans la lettre amoureuse à l’époque classique” *Ouverture et dialogue. Mélanges offerts à W. Leiner*, Tübingen, Narr, pp. 619-637.
- BRAY**, Bernard (1990a). “La louange, exercice de civilité et pratique épistolaire au XVII^e siècle”, *XVII^e siècle*, n° 2, avril-juin, p. 135-153.
- BRAY**, Bernard (1990b). “Treize Propos sur la Lettre d’Amour”, *L’épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, BOSSIS, Mireille e Charles A. PORTER, *Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 40-47.
- BRAY**, Bernard (1992). “Treize Propos sur la Lettre d’Amour”, *Textuel* n° 24, La Lettre d’Amour, juin, pp. 9-17.
- BRAY**, Bernard (1995). “L’écrire ou le dire: l’expression de l’amour dans l’Histoire amoureuse des Gaules de Bussy-Rabutin”, **BRAY**, Bernard e Christophe STROSETZKI (dir.) (1995). *Art de la lettre. Art de la conversation à l’époque classique en France, Actes du Colloque de l’Association interdisciplinaire de recherches sur l’épistolaire*, Wolfenbüttel/Allemagne (7-10 octobre 1991), Paris, Klincksieck, pp. 245-255.
- BRAY**, Bernard (1996). “Belle Épistolaire ou “La Sévigné de notre siècle?”, Conférence donnée au Château de Zuylen, 19 octobre, <http://www.etcl.nl/charriere/articles/bray.htm>, consultado em 18 de Março de 2003.
- BRAY**, Bernard (1988). “L’image de l’amour dans la lettre amoureuse à l’époque classique”, in *Mélanges offerts à Wolfgang Leiner*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, pp. 619-637.

- BRAY**, Bernard (2000). “Recherchez la brièveté, évitez l’extrême concision: théorie et pratique de la lettre et du billet à l’époque classique”, *Revue de l’AIRE, Recherches sur l’Épistolaire* n° 25-26, pp. 52-64.
- BRAY**, Bernard (2002). “Espaces épistolaires”, *Études Littéraires*, Vol. 34, 1-2, pp. 133-151.
- BRAY**, Bernard (2005). “Le siècle de Madame de Sévigné”, *Le Magazine Littéraire*, mai, n° 442, pp. 49-51.
- BRAY**, Bernard (dir.) (1978). “La lettre au XVII^e siècle”, *Actes du colloque du Collège de France* (Paris, 26 nov. 1977), *Revue d’histoire littéraire de France*, n° 6, pp. 881-1048.
- BRAY**, Bernard e Jacques **VOISINE** (ed.) (1994). *L’Activité Épistolaire dans l’Europe cosmopolite. Correspondances par delà des frontières 1750-1830*, *Actes du Colloque de Metz*, Paris, Didier Érudition.
- BRAY**, Bernard e Christophe **STROSETZKI** (dir.) (1995). *Art de la lettre. Art de la conversation à l’époque classique en France*, *Actes du Colloque de l’Association interdisciplinaire de recherches sur l’épistolaire*, Wolfenbüttel/Allemagne (7-10 octobre 1991), Paris, Klincksieck.
- BRENGUES**, Jacques (1983). “La Correspondance amoureuse et le sacré” in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire*, *Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Nantes, Publication de l’Université de Nantes, pp. 55-73.
- BRÉNOT**, Philippe, (1999). “Lettres aimées”, <http://www.telerama.fr/culturama/ftp/livres/une/ete/roman/brenot/asp?fr=1>, consultado em 13 de Fevereiro de 2002.
- BRENOT**, Philippe (2000). *De la Lettre d’amour*, Paris, Zulma.
- BRIGHELLI**, Jean-Paul, (2003). *L’Épistolaire: Les diverses formes de correspondances. Leurs fonctions esthétiques et argumentatives*, Paris, Magnard.
- BROWNLEE**, Marina Scordilis (1990). *The Severed Word: Ovid’s “Heroides” and the “Novela Sentimental”*, Princeton, Princeton University Press.
- BRU**, Josianne (1993). “Messages éphémères”, *Écritures Ordinaires*, Éditions P.O.L. /Centre Georges Pompidou, pp. 315-350.
- BRUNET**, Manon (1993). “Les traités d’art épistolaire au XIX^e siècle québécois: rhétorique et code social”, in *Recherches récentes sur l’Épistolaire français et québécois*, Département d’études françaises, Université de Montréal, pp. 45-72.
- BRUNETON-GOVERNATORI**, Ariane e Bernard **MOREUX** (1997). “Un modèle épistolaire populaire: Les lettres d’émigrés béarnais”, *Par Écrit, Ethnologie des écritures quotidiennes*, Daniel FABRE (dir.), Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, pp. 79-103.
- BUFFAT**, Marc (1999). “Les Lettres à Sophie Volland: morale et correspondance amoureuse”, HAROCHE-BOUZINAC Geneviève (ed.), *Lettre et réflexion morale, La lettre, miroir de l’âme*, Paris, Klincksieck, pp. 79-88.

- BURNET**, Régis (2001). “Les adresses des épîtres pauliniennes”, *Sémiotique & Bible* 102, pp. 29-42.
- BURNET**, Régis (2003a). “Le Genre Épistolaire dans l’Antiquité”, <http://www.fusl.ac.be/Files/General/BCS/FE/05/epistolaire.html>, consultado em 17 de Maio de 2003.
- BURNET**, Régis (2003b). *Épîtres et Lettres*, Paris, CERF, Lectio Divina.
- CAMARGO**, Martin (1991). *Ars dictaminis. Ars dictandi*, Turnhout, Brepols.
- CARDOSO**, Luís Miguel Oliveira de Barros (2000a), “Comunicação e Cultura na epistolografia do Renascimento”, http://www.ipv/forumedia/f2_ideia5.htm, consultado em 8 de Novembro de 2004.
- CARDOSO**, Luís Miguel Oliveira de Barros (2000b), “Humanismo e Eramismo no Renascimento Português. Pedro Sanches e a Musa de Roterdão: O (des)velado Cálamo de Pendor Eramista”, http://www.ipv.pt/millennium/ect8_luis1.htm, consultado em 15 de Novembro de 2003.
- CARDOSO**, Luís Miguel de Oliveira de Barros (2003). “Retórica, comunicação e teoria do texto: análise a um thesaurus do século XVIII – tessitura retórica e discurso apologético”, http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fi5.htm, consultado em 15 de Novembro de 2003.
- CARRELL**, Susan L. (1982). *Le soliloque de la passion féminine ou le dialogue illusoire. Etude d'une forme monophonique de la littérature épistolaire*, Paris-Tubingen, Jean-Michel Place-Gunter Narr Verlag.
- CARRELL**, Susan L. (1987). “La Lettre d’Amour aujourd’hui”, *Cahiers de l’Association Internationale des Études Françaises, Le Genre pastoral jusqu’à la Révolution, L’Art Épistolaire*, n° 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 205-218.
- CARRELL**, Susan L. (1989). “Home at Least: The Story of the Comtesse de Sabran and the Chevalier de Boufflers, 1789-1815”, *French Review*, vol. 62, n° 6.
- CARRETO**, Carlos Clamote (1998). “Palavras desviadas, palavras violadas. A carta e o percurso mortal do significante no romance arturiano”, *Correspondências - O género epistolar*, Revista do Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Colibri, pp. 23-55.
- CASTELO BRANCO**, Antónia Margarida de (1984). *Autobiografia*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda
- CÁTEDRA**, Pedro M. (1997). “Modos de consolar por carta”, *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Edición de José Manuel Lucía Megías, Alcalá de Henares, Publicaciones de la Universidad, pp. 469-487.
- CAVE**, Christophe e Denis **REYNAUD** (1996). “La fausse lettre au journal en 1793, *La Lettre et le Politique*, Actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993, Paris, Honoré Champion, pp. 239-249.

CHAMAYOU, Anne (1998). “Une forme contre les genres: penser la littérature à travers les lettres du XVIII^e siècle”, MELANÇON, Benoît *Penser par lettre*, (dir.) *Actes du Colloque d’Azay-le-Ferron* (mai 1997), Québec, Fides, pp. 241-254.

CHAMAYOU, Anne (1999). *L’Esprit de la Lettre (XVIII^e siècle)*, Paris, Editions Presses Universitaires de France.

CHAMPAGNAC (1836). “Épistolaire” (genre), *Dictionnaire de la conversation et de la lecture*, t. XXV, Paris, Belin-Mandar, p. 24.

CHAPUT, Sylvie e Marc **CHABOT** (2002). *Manuscrits pour une seule personne*, Québec, Éditions L’Instant Même ou “Qu’est-ce qu’une lettre?”, <http://www.agora.qc.ca/biblio/lettre.html>, consultado em 22 de Novembro de 2002.

CHARBON, Paul (1991). *Quelle belle invention que la poste!*, Paris, Gallimard.

CHARTIER, Roger e Jean **HEBRARD**, (1991). “Entre public et privé: la correspondance, une écriture ordinaire”, *La Correspondance, Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, Paris, Fayard, pp. 451-458.

CHENET-FAUGERAS, Françoise (1996). “Lettres aux journaux. L’Univers et l’Université (1842-1846)”, LEBRUN-PEZERAT, Pierrette e Danièle POUBLAN (dir.) *La Lettre et le Politique, Actes du Colloque de Calais*, 17-19 septembre 1993, Paris, Honoré Champion, pp. 249-261.

CHEREWATUK, Karen e Ulrike **WIETHAUS**, (eds.) (1993). *Dear Sister. Medieval Women and the Epistolary Genre*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

CHEVALIER, Anne (2001). *L’Épistolaire: la Lettre, Le Roman par Lettres*, Paris, Nathan.

CHOTARD, Loïc (1990). “Musset, janvier – mars 1835”, BOSSIS, Mireille e Charles A. PORTER (dir.), *L’épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 82- 86.

CHOTARD, Loïc (2000). “Archive”, “Correspondance Générale”, “Écrits Intimes”, Quelques réflexions méthodologiques sur le “cas-Vigny”, DUFIEF, Pierre-Jean (dir.), *Les Écritures de l’intime. La correspondance et le journal*, Paris, Honoré Champion, pp. 21-32.

CHOUILLET, Anne-Marie (1992). “La correspondance” Béatrice DIDIER et Jacques NEEFS (dir.), *Chantiers révolutionnaires. Sciences, musique architecture*, Paris, Presses Universitaires de Vincennes, coll. “Manuscrits modernes”, pp. 39-42.

CHUPEAU, Jacques (1987). “Puget de la Serre et L’Esthétique Épistolaire: Les Avatars du “Secrétaire de la Cour”, *Cahiers de l’Association Internationale des Études Françaises, Le Genre pastoral jusqu’à la Révolution, L’Art Épistolaire*, n° 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 111-126.

CLANCIER, Anne e Antonia **FONYI** (1983). “L’ours et la colombe. Histoire d’un fantôme dans la correspondance et dans l’oeuvre de Mérimée”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 306-318.

- CLERC**, Thomas (2001). *Les Écrits Personnels*, Paris, Hachette Supérieur.
- COOK**, Elisabeth Heckendorn (1996). *Epistolary Bodies. Gender and Genre in the Eighteenth-Century Republic of Letters*, Standford, Standford University Press.
- CORNILLE**, Jean-Louis (1983). “L’Assignation, analyse d’un pacte épistolaire”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 25-51.
- CUENIN**, Micheline (1978). “La lettre éducatrice de la sensibilité: l’exemple de Voltaire”, *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, n° 6, novembre-décembre, pp. 922-938.
- CUENIN**, Micheline e Catherine **DESJARDINS** (1975). *Marie-Catherine. Lettres et billets galants*, Paris, Publicité de la Société d’études du XVII^e siècle. Éd. Micheline Cuénin.
- DAGHLIAN**, B. et al (1966). *The familiar Letter in the Eighteenth Century*, Laurence, University of Kansas Press.
- DAINARD**, J. A. (1978). “La correspondance de Madame de Graffigny”, *Dix-huitième siècle*, 10, pp. 379-394.
- DAUPHIN**, Cécile (1991). “Les manuels épistolaires au XIX^e siècle”, **CHARTIER**, Roger (dir.), *La Correspondance, Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, Paris, Fayard, pp. 209-27.
- DAUPHIN**, Cécile (1994). “Mise en scène du geste d’écriture”, *La lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Kimé, pp. 126-133.
- DAUPHIN**, Cécile (dir.) (1995). *Ces bonnes lettres: une correspondances familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin-Michel.
- DAUPHIN**, Cécile (1998a). “Une pédagogie du lieu commun dans les manuels épistolaires du XIX^e siècle”, **MELANÇON**, Benoît (dir.), *Penser par lettre, Actes du Colloque d’Azay-le-Ferron* (mai 1997), Québec, Fides, pp. 63-73.
- DAUPHIN**, Cécile (1998b). “Les manuels épistolaires au XIX^e siècle. Pratiques éditoriales et imaginaire social”, **PLANTE**, Christine (dir.), *L’épistolaire, un genre féminin?* Paris, Honoré Champion, pp. 179-200.
- DAUPHIN**, Cécile (2000). *Prête-moi ta plume, Les Manuels Épistolaires au XIX^e siècle*, Paris, Éditions Kimé.
- DAUPHIN**, Cécile (2005). “Les correspondances privées du XIX^e siècle”, *Le Magazine Littéraire* n° 442, mai, *Les Correspondances d’Écrivains*, pp. 56-58.
- DAUPHIN**, C., **P. LEBRUN-PEZERAT** e **D. DOUBLAN** (dir.) (1995). *Ces bonnes lettres. Une correspondance familiale au XIX^e siècle*, Paris, Albin Michel.
- DAWSON**, Deidre, (1992). “Visual image and Verbal Texts Reflections on the Letter in Seventeenth and Eighteenth Century Painting”, *Recherches sémiotiques/Semiotic Inquiry*, Association canadienne de sémiotique, vol. 12, pp. 158-182.

- DULAC**, Georges (1998). “Le projet d’un Atlas de la communication manuscrite à l’Âge classique”, MELANÇON, Benoît (dir.) *Penser par lettre, Actes du Colloque d’Azay-le-Ferron* (mai 1997), Québec, Fides, pp. 219-240.
- DE FORNEL**, Michel (1997). “La peine à écrire”, *Par Écrit, Ethnologie des écritures quotidiennes*, FABRE, Daniel (dir.), Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, pp. 105-124.
- DE JOUY**, Étienne (1828). “Épistolaire” (Style), *Encyclopédie moderne ou Dictionnaire abrégé des lettres et des arts*, M. Coutin, t. XII, Paris, pp. 65-66.
- DE LA FUENTE**, I. (1997). “No llegaré carta ni del banco”, *El País*, 30.03.1997, p. 13.
- DE RAYMOND**, Jean-François (1983). “Correspondance et Correspondances Diplomatiques”, *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 126-143.
- DE RYCKER**, Teun (1987). “Turns at Writing: The Organisation of Correspondance”, J. VERSHUREN, e M. BERTUCCELI-PAPI (ed.), *The Pragmatic Perspective*, Amsterdam-Philadelphia, Benjamins, pp. 613-647.
- DEJEAN**, Joan (1988). “La lettre amoureuse revue et corrigée. Un texte oublié de Madeleine de Scudéry”, *Revue d’histoire littéraire de France*, n° 1, janvier-février, pp. 17-22.
- DELABROY**, J. (1983). “Le Courant de la Plume. Mythe et Vérité de la Correspondance (l’exemple de Gustave Flaubert-Georges Sand)”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 375-399.
- DELCOURT**, Christian (1992). “Le genre épistolaire”, *Revue Belge de philologie et d’histoire*, n° 70, pp. 39-54.
- DELMAS**, Bruno (1996). “Correspondances et Fonds d’archives Administratifs: Typologie et Aspects Particuliers”, AMBRIERE, Madeleine e Loïc CHOTARD (dir.), *Nouvelles approches de l’épistolaire*, Actes du Colloque tenu à la Sorbonne, décembre 1993, Paris, Honoré Champion, pp. 135-141.
- DERRIDA**, Jacques (1980). *La Carte Postale. De Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Aubier-Flammarion.
- DERRIDA**, Jacques (1995). *Mal d’archive*, Paris, Galilée.
- DETHURENS**, Pascal (1993). “Lettres d’exil de Paul Claudel: la grâce dévoratrice”, MAGNAN, André (dir.), *Expériences limites de l’épistolaire, Lettres d’exil, d’enfermement, de folie*, Paris, Honoré Champion, pp. 51-57.
- DEZUTTER**, Olivier (1997). “Étude historique et prospective de l’enseignement de la lettre”, disponível em <http://www.fltr.ucl.be/FLTR/ROM/thes97-98.html>, consultado em 30 de Outubro de 2001
- DIAZ**, Brigitte (1998a). “Penser la littérature. Le dialogue épistolaire Sand-Flaubert 1866-

1876”, MELANÇON, Benoît (dir.), *Penser par lettre, Actes du Colloque d'Azay-le-Ferron* (mai 1997), Québec, Fides, pp. 359-376.

DIAZ, Brigitte (1998b). “Les Femmes à l'école des lettres. La lettre et l'éducation des femmes au XVIII^e siècle”, PLANTE, Christine (dir.). *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, pp. 133-150.

DIAZ, Brigitte (2002). *L'Épistolaire ou la pensée Nomade*, Paris, Éditions Presses Universitaires de France.

DIAZ, Brigitte (2003). *Stendhal en sa correspondance*, Paris, Editions Honoré Champion.

DIAZ, Brigitte (2005). “La lettre contre le poème – les lettres de Baudelaire à Madame Sabatier”, *Revue de l'AIRe* n° 31, pp. 119-130.

DIAZ, José-Luis (1992). “Un mot de toi pourra toujours décider de ma vie”, Sand-Musset, printemps 1834, in *Textuel*, n° 24, *La Lettre d'Amour*, DIAZ, J. L. (ed.), pp. 81-104.

DIAZ, José-Luis (1993). “La nuit sera noire et blanche”, Lettres de suicidés de l'époque romantique”, MAGNAN, André (dir.), *Expériences limites de l'épistolaire, Lettres d'exil, d'enfermement et folie*. Paris, Honoré Champion, pp. 157-174.

DIAZ, José-Luis (1998a). “La féminité de la lettre dans l'imaginaire critique au XIX^e siècle”, PLANTE, Christine (dir.), *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, pp. 153-178.

DIAZ, José-Luis (1998b). “Il est interdit de penser par lettre”, MELANÇON, Benoît, *Penser par lettre*, (dir.) *Actes du Colloque d'Azay-le-Ferron* (mai 1997), Québec, Fides, pp. 13-35.

DIAZ, José-Luis (2005). “La naissance de l'intimité”, *Le Magazine Littéraire* n° 442, mai, *Les Correspondances d'Écrivains*, p. 55.

DIBBON, P. (1976). “Les échanges épistolaires dans l'Europe savante du XVII^e siècle”, *Revue de Synthèse*, III série n° 81-82. pp.40-52.

DIDIER, Béatrice (1976). *L'Écriture-femme*. Paris, Presses Universitaires de France.

DIDIER, Béatrice (1981). *Le journal intime*, Paris, Presses Universitaires de France.

DIDIER, Béatrice e Jacques **NEEFS** (ed). (1996). *Éditer des manuscrits. Archives, complétude, lisibilité*, Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes.

DOLFI, Anna (dir.) (1992). *Fragments d'un discours amoureux dans la littérature épistolaire moderne*, Rome, Bulzoni.

DUCHENE, Roger (1971a). “Lettres et gazettes au XVII^e siècle”, *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, vol. XVIII, pp. 489-502.

DUCHENE, Roger (1971b). “Réalité vécue et art épistolaire: le statut particulier de la lettre”, *Revue d'histoire Littéraire de France*, n° 2, mars-avril, pp. 177-194.

- DUCHENE, Roger** (1973). “Commentaire historique. *Lettre* (sens épistolaire)”, ESCARPIT, Robert (ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*, Paris-La Haye, Mouton, p. 29.
- DUCHENE, Roger** (1976). “Du destinataire au public, ou les métamorphoses d’une correspondance privée”, *Revue d’Histoire Littéraire de France*, 76: 1, janvier-février, pp. 29-46.
- DUCHENE, Roger** (1978). “Le Lecteur de Lettres”, *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, n° 6, novembre-décembre, pp. 977-993.
- DUCHENE, Roger** (1982). *Écrire au temps de Madame de Sévigné : Lettres et textes littéraires*, Paris, J. Vrin.
- DUCHENE, Roger** (1990). “Le mythe de l’épistolière: Madame de Sévigné”, BOSSIS, Mireille e Charles A. PORTER (dir.), *L’Épistolarité à travers les siècles – Geste de communication et/ou d’Écriture*, Centre Culturel International de Cersy-la-Salle, Stuttgart, F.S. Verlag, pp. 11-19.
- DUCHENE, Roger** (1992). *Madame de Sévigné et la Lettre d’Amour*, Paris, Klincksieck.
- DUCHENE, Roger** (1993). “L’expression de l’homosexualité dans les lettres de Proust”, MAGNAN, André (dir.), *Expériences limites de l’épistolaire, Lettres d’exil, d’enfermement, de folie*, Paris, Honoré Champion Éditeur, pp. 59-75.
- DUCHENE, Roger** (1995). “Lettre et conversation”, BRAY, Bernard e Christophe STROSETZKI, (dir.), *Art de la lettre. Art de la conversation à l’époque classique en France, Actes du Colloque de l’Association interdisciplinaire de recherches sur l’épistolaire*, Wolfenbüttel/Allemagne (7-10 octobre 1991), Paris, Klincksieck, pp. 93-103.
- DUCHENE, Roger** (1998). “La lettre: genre masculin, pratique féminine”, PLANTE, Christine (dir.), *L’Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, pp. 27-50.
- DUCHENE, Roger** (2004). “La Lettre: genre masculin et pratique féminine – Un essai sur la rhétorique épistolaire”, disponível em <http://perso.wanadoo.fr/roger.duchene/travaux/LGMF/lgmf.htm>, consultado em 10 de Março de 2004.
- DUFIEF, Pierre-Jean** (dir.) (2000). *Les Écritures de l’intime. La correspondance et le journal, Actes du Colloque de Brest*, 23, 24 e 25 octobre 1997, Paris, Honoré Champion.
- DUFIEF, Pierre-Jean** (2005). “Le Reflux épistolaire?” *Le Magazine Littéraire* n° 442, mai, *Les Correspondances d’Écrivains*, pp. 59-61.
- DUISIT, Lionel** (1963). *Mme du Deffand épistolière*, Genève, Droz.
- DULAC, Georges** (1998). “Le projet d’un atlas de communication manuscrite à l’âge classique”, Benoît MELANÇON (dir.) *Penser par lettre*, Actes du Colloque d’Azay-le-Feron (mai 1997), pp. 219-240.
- DUMONCEAUX, P.** (1983). “Le XVII^e siècle: aux origines de la lettre intime et du genre épistolaire”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de

Nantes, pp. 289- 303.

DURUZ, Yvonne e Monique **MOSER-VERREY** (1996). *La lettre au corps*. Québec Lachenaie, Éditions d'art La Sauvagine.

ESCOLA, Marc (2002). “L’esprit de la lettre. Qui écrit quand j’écris?” http://www.fondationlaposte.org/article_format_texte.cfm, em 26.11.2003.

ESCOLA, Marc (2003). “Les lettres, les Belles-lettres”, *TDC – La Correspondance*, n° 859, septembre, pp. 6-12.

EVERETT, Jane (1995). “Cher Monseigneur: appels, salutations et signatures épistolaires dans la correspondance de Camille Roy”, **BIRON**, Michel e Benoît **MELANÇON** (dir.) *Lettres des Années Trente, Actes du Colloque tenu à l’Université d’Ottawa*, le 30 novembre, Le Nordir, pp. 51-68.

FABRE, Daniel (dir.) (1997). *Par Écrit. Ethnologie des Écritures Quotidiennes*, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme.

FABRE, Daniel (dir.) (1993). *Écritures Ordinaires*, Éditions P.O.L. /Centre Georges Pompidou.

FARGE, Arlette (1989). *Le goût de l’archive*, Paris, Seuil.

FAVRET, Mary A. (1993). *Romantic Correspondance. Women, Politics and the Fiction of Letters*. Cambridge e New York, Cambridge University Press.

FERGUSON, Frances (1981). “Interpreting the Self Trough Letters”, *Centrum*, vol. I, pp. 107-113.

FERREIRA, Carlos Aparecido (2002). *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua Imagem e seu Questionamentos através do Género Epistolar*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, S. Paulo.

FERRONI, Giulio (2001). “Il Mestiere di Scrivere”, <http://www.mestierediscrivere.com/testi/messaggini.html>, 7 de Novembro de 2003.

FESSIER, Guy (2003). *L’Épistolaire*, Paris, Presses Universitaires de France.

FRAENKEL, Béatrice (1997). “Répondre à tous. Une enquête sur le service du courrier présidentiel”, **FABRE**, Daniel (dir.), *Par Écrit, Ethnologie des écritures quotidiennes*, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, pp. 243-271.

FRAISSE, Luc (1996). *Proust, au miroir de sa correspondance*, Paris, Editions Sedes.

FRANÇON, A. e C. **GOYARD** (dir.). (1984). *Les correspondances inédites*, Paris, Economica.

FRUMAN, Norman (1981). “Some Principles of Epistolary Interpretation”, *Centrum*, vol. I, pp. 93-107.

FUMAROLI, Marc (1978a). “De l’Age de l’éloquence à l’Age de la conversation: la

conversation de la rhétorique humaniste dans la France du XVII^e siècle”, BRAY, Bernard e Christoph STROSETZKI (dir.) *Art de la lettre Art de la conversation à l'époque classique en France, Actes du Colloque de Wolfenbüttel*, Outubro 1991, Paris, Klincksieck, pp. 25-45.

FUMAROLI, Marc (1978b). “Genèse de l'épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque à Juste Lipse », *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, vol. LXXVIII, n° 6, novembre-décembre, pp. 886-905.

FUMAROLI, Marc (1980). *L'âge de l'éloquence*, Genève, Librairie Droz.

FUMAROLI, Marc (1994). *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et “res literaria” de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Paris, Albin Michel.

FUMAROLI, Marc (1996). “De la vie dévote à la vie de loisirs: l'âge classique de la conversation française”, MICHALOWSKY, Ulrike (dir.), *Sur la plume des vents. Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Paris, Klincksieck, pp. 133-148.

FUNCK-BRENTANO, F. (1926). *Les lettres de cachet*, Paris, [s.e.].

GAYON, Stéphanie (2003). “L'attrait des choses qui se dissimulent”, *TDC*, n° 859, septembre, pp. 12-14.

GENIASCA, J. (1998). “Notes sur la communication épistolaire”, GREIMAS, Aljirdas, Jean-Blaize GRIZE, et al., *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*, Fribourg, Éditions Universitaires, pp.45-54.

GERARD, Mireille. (1978). “Art Épistolaire et art de la conversation: les vertus de la familiarité”, *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, n° 6, novembre-décembre, pp. 958-976.

GEUDET, G., (1984). “Archéologie d'un genre: les premiers manuels français d'art épistolaire”, *Mélanges sur la littérature de la Renaissance à la mémoire de V. L. Saunier*, Genève, Droz.

GIRARD, Alain (1963). *Le journal intime*, Paris, Presses Universitaires de France.

GIRAUD, Yves (1977). *Bibliographie du roman épistolaire en France des origines à 1842*, Fribourg, Éditions Universitaires Fribourg.

GOLDSMITH, Elizabeth C. (1989). *Writing the Female Voice: Essays on Epistolary Literature*, Boston, Northeastern University Press.

GOULET, Alain (dir.) (1998). *L'Écriture de soi comme dialogue - Actes du Colloque de Caen (24-25 janvier 1997)*, Caen, Presses Universitaires de Caen.

GRASSI, Marie-Claire (1979). “La vision de l'armée, à travers les correspondances d'officiers (1750-1755)”, *Actes Congrès Nationales des Sociétés Savantes*.

GRASSI, Marie-Claire (1983). “Un exemple d'analyse sérielle: les correspondances de la noblesse française”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l'Université de Nantes, pp. 239-255.

GRASSI, Marie-Claire (1985). *Correspondances intimes (1700-1860): études littéraires, stylistique et historique*, Thèse pour le doctorat d'état, Nice, Université de Nice.

GRASSI, Marie-Claire (1990a). "Des lettres qui parlent d'amour", *Romantisme*, n° 68, pp. 23-32.

GRASSI, Marie-Claire (1990b). "La révolution à l'œuvre dans le discours intime nobiliaire", *L'espace et le temps reconstruits, La Révolution française une révolution de mentalités et des cultures*, Aix-en-Provence, Université de Provence.

GRASSI, Marie-Claire (1990c). "Les règles de communication dans les manuels épistolaires français XVIII^e-XIX^e siècles", *Savoir Vivre* 1, Lyon, Cesura, pp. 85-97.

GRASSI, Marie-Claire (1990d). *L'étiquette épistolaire au XVIII^e siècle*, Alain-Montandon, Centre de recherches sur les littératures modernes.

GRASSI, Marie-Claire (1990e). "La correspondance comme discours du privé au XVIII^e siècle", in *L'épistolarité à travers les siècles. Geste de communication et/ou d'écriture*, BOSSIS, Mireille e Charles A PORTER (dir.), *Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 180-188.

GRASSI, Marie-Claire (1991). "La rhétorique épistolaire ou l'art de parler de soi", *Igitur*, n° 1, pp. 27-37.

GRASSI, Marie-Claire (1992a). "Les lettres d'amour en archives, XVIII^e et XIX^e siècles", Paris, *Textuel*, n° 24, *La Lettre d'Amour*, juin, pp. 47-55.

GRASSI, Marie-Claire (1992b) "Au-delà des mots, lecture d'une correspondance de mère à fils", in *Frammenti di un discorso amoroso nella scrittura epistolare moderna*, Biblioteca di cultura/462, Roma, Bulzoni.

GRASSI, Marie-Claire (1993). "Langage et pratique du deuil-autour des faire-part et des lettres de consolation XVII^e -XX^e siècles", in *Savoir mourir*, Paris, l'Harmattan.

GRASSI, Marie-Claire (1994a). "L'art épistolaire français (XVIII^e et XIX^e siècles)", Alain MONTANDON (ed.), *Pour une histoire des Traités de savoir-vivre en Europe*, Clermont Ferrand, Association des Publications de la Faculté des Lettres et Sciences humaines de Clermont-Ferrand.

GRASSI, Marie-Claire, (1994b). *L'art de la lettre au temps de la Nouvelle Héloïse et du romantisme*, Genève, Slatkine.

GRASSI, Marie-Claire (1997). *Lire l'Épistolaire*, Paris, Dunod.

GREIMAS, Algirdas (dir.) (1988). *La Lettre: approches sémiotiques. Les Actes du VI^e Colloque interdisciplinaire*, Fribourg, Éditions Universitaires.

GRELLET, I. e C. **KRUSE** (1990). *La déclaration d'amour*, Paris, Plon.

GRIZE, J.-B. (1998). "Le dialogue par correspondance", Algirdas GREIMAS, J. e J.-B. GRIZE et al. (dir.), *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*, Fribourg,

Éditions Universitaires, pp.9-18.

GRUFFAT, Sabine (2001). *L'Épistolaire*, Paris, Éditions Ellipses.

GUEUDET, Guy (1984). “Archéologie d'un genre: les premiers manuels français d'art épistolaire”, *Mélanges sur la littérature de la Renaissance à la mémoire de V.L. Saulnier*, Genève, Droz, “Travaux d'humanisme et de Renaissance, n° 202.

GUILLÉN, Claudio (2000). “Para el estudio de la carta en el renacimiento”, *La Epístola, V Encuentro Internacional sobre poesía del Siglo de Oro*, LOPES BUENO, Begoña (dir.), Seville, pp. 101-128.

GUILLERAGUES (1983). *Lettres portugaises. Lettres d'une péruvienne et autres romans d'amour par lettres*, BRAY, Bernard e Isabelle LANDY-HOUILLOn (dir.), Paris, GF-Flammarion.

GUSDORF, Georges (1990) “L'autobiographie, échelle individuelle du temps”, *Leituras do Tempo*, Lisboa, Universidade Internacional, pp. 85-108.

GUSDORF, Georges (1991). *Les Écritures du Moi*, Capítulo 11 - *Écritures du Moi et Genres Littéraires*, Paris, Éditions Odile Jacob, pp. 275-291.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1991). “Les métaphores de la lettre dans la théorie épistolaire au XVII^e siècle: flèche, miroir, conversation” *Revue XVII^e siècle*, juillet-septembre, n° 172, n° 3, pp. 243-247.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1992). *Voltaire dans ses lettres de jeunesse 1711-1733. La formation d'un épistolier au XVIII^e siècle*, Paris, Klincksieck.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1994). “Familier comme une épître de Cicéron, familiarité dans la lettre au Fournant du XVII^e siècle et XVIII^e siècle”, Mireille BOSSIS (ed.) *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, pp. 17-24.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1995a). *L'Épistolaire*, Paris, Hachette Supérieur.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève, (1995b) “Billets font conversation”. De la théorie à la pratique: l'exemple de Voltaire”, BRAY, Bernard e Christophe STROSETZKI (dir.). *Art de la lettre. Art de la conversation à l'époque classique en France, Actes du Colloque de l'Association interdisciplinaire de recherches sur l'épistolaire*, Wolfenbüttel/Allemagne (7-10 octobre 1991), Paris, Klincksieck, pp. 341-354.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1996). “Voltaire, “ouvrier en paroles”. Quelques métaphores de la création littéraire dans la Correspondance”, *Sur la Plume des Vents, Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Paris, Klincksieck, pp. 211-216.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1998). “Penser le destinataire: quelques exemples”, *Penser par lettre, Actes du Colloque d'Azay-le-Ferron*, Benoît MELANÇON (dir.) Québec, Fides, pp. 279-293.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (1999). *Lettre et Réflexion Morale, La lettre, miroir de l'âme*, Paris, Klincksieck.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (2000). “Une esthétique de la brièveté”, *Revue de l’AIRE, Recherches sur l’Épistolaire* n° 25-26, pp. 49-51.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (dir.) (2001). “Mélancolie et genre épistolaire”, *Revue de l’AIRE, Recherches sur l’Épistolaire*, n° 27, hiver, Paris, Honoré Champion.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève (dir.) (2002). “Les Supercherries Épistolaires”, *Revue de L’AIRE* n° 28, hiver 2002, Paris, Librairie Honoré Champion.

HAVELOCK, E. A. (1996). *La musa aprendee a escribir. Reflexiones sobre oralidad y escritura desde la antigüedad hasta el presente*, Barcelona, Paidós.

HAY, Louis (1989). *De la lettre au livre: sémiotique des manuscrits littéraires*, Paris, CNRS Éditions.

HEBBRARD, Jean (1990). “La correspondance au XIX^e siècle, approche historique”, *L’épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, BOSSIS, Mireille e Charles A. PORTER, *Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 162-168.

HERRERO CECÍLIA, Juan (2001). “Un grado cero del discurso epistolar: retórica y pragmática del anuncio de amor en Internet y en la prensa francesa e española”, *Estudios de Lengua y Literatura Francesas*, n° 13, *El Discurso Epistolar*, Cádiz, Serviço de Publicaciones Universidad de Cádiz, pp. 27-74.

HJORT, Mette (1993). *The Strategy of Letters*, Cambridge, Harvard University Press.

HORNBEAK, Katherine Gee (1934). “The Compleat Letter-Writer in English, 1568-1800”, *Smith College Studies in Modern Languages*, 15, n° 3-4.

HOROWITZ, Louise K. (1981). “The Correspondance of Mme de Sévigné: Letters or Belles-Lettres”, *French Forum*, vol. VI, janvier, pp. 14-27.

HOWLAND, John W. (1991). *The Letter Form and the French Enlightenment. The Epistolary Paradox*, New York, Peter Lang, vol. II, n° 126.

HURTUBISE, Roch (1994). “Lettres d’amour: un siècle de correspondances québécoises (1860-1988), Les vertus heuristiques de l’analyse des métaphores”, *La Lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, pp. 222-230.

HUTIN Séverine (2003) S’Écrire l’Autre: De la désignation stratégique dans la lettre de réclamation adressée à la France Télécom”, *Colloque 2P, Pronoms de 2ème personne et forme d’adresse dans les langues d’Europe*, disponível em http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hutin.pdf

IVANOVA, Nadia (2000). “L’épistolaire n’a rien perdu de son charme, ni le courrier de son éclat”, in http://www.fondationlaposte.org/article_format_texte.cfm, consultado em 7 de Novembro de 2005.

IZUMINKA (1999). “Lettre ou E-mail?”, disponível em: <http://www.multimania.com/izuminka/lettre.html>, consultado em 12 de Outubro de

2002.

JAUBERT, Anna (1987). *Études stylistique de la correspondance entre Henriette *** et J. J. Rousseau. La subjectivité du discours*, Paris, Genève, Slatkine.

JENSEN, Katharine Ann (1995). *Writing Love: Letters, Women, and the Novel in France 1605-1776*, Carbondale, Southern Illinois University Press.

JOST, François (1968). “L'évolution d'un genre: le roman épistolaire dans les lettres occidentales”, *Essais de littérature comparée*, Urbana, University of Illinois Press.

KAFKA, Franz (1953). *Letters to Milena*, New York, Penguin Books.

KAMUF, Peggy (1987). *Fictions of Feminine Desire: The Disclosure of Heloise*, Lincoln, University of Nebraska Press.

KANY, Charles (1937). *The Beginnings of the Epistolary Novel in France, Italy and Spain*, Berkeley, University of California Publications in Modern Philology, vol. XXI, n° 1.

KAPP, M. Volker (1987). “Deux problèmes de l'Art Épistolaire au XIX^e siècle: besoin de communication et exigence stylistique”, *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises, Le Genre pastoral jusqu'à la Révolution, L'Art Épistolaire*, n° 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 175-190.

KAPP, M. Volker (1990). “L'art épistolaire dans les manuels littéraires scolaires du XIX^e siècle, *L'épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d'écriture*, BOSSIS, Mireille e Charles A. PORTER, *Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 116-127.

KARST-MATAUSCH, Renate (1983). “De la lettre aux lettres. Réflexions sur la genèse de l'écriture épistolaire chez G. Sand”, *Les Correspondances - Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l'Université de Nantes, pp. 146-162.

KAUFFMAN, Linda S. (1986). *Discourses of Desire. Gender, Genre and Epistolary Fictions*, London, Ithaca, Cornell University Press.

KAUFFMAN, Linda S. (1992). *Epistolary Modes in Modern Fiction*, Chicago, Chicago University Press.

KAUFFMAN, Vincent (1986). “Relations Épistolaires”, *Poétique* 68, novembre, pp. 387-404.

KAUFFMAN, Vincent (1990). *L'équivoque épistolaire*, Paris, Éditions de Minuit.

KAUFFMAN, Vincent (1993). “Life by Letter”, *October*, Cambridge, M.I.T. Press, n° 61-64, pp. 91-106.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1998). “L'interaction épistolaire”, SIESS, Jürgen (dir.), *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, pp.15-36.

LACARRIERE, Jacques (1991). *Chemins d'écriture*, Paris, Plon.

- LA CHARITE**, Claude (1990). “Emergence de la lettre familière érasmienne: le cas de Jean Bouchet et d’Hélisenne de Grenne”, *Littératures* 18, pp. 65-87.
- LACOSTE**, Claudine (1987). “Le Style Épistolaire de Théophile Gautier”; *Cahiers de l’Association Internationale des Études Françaises, Le Genre pastoral jusqu’à la Révolution, L’Art Épistolaire*, n° 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 191-203.
- LACROIX**, J. (1983). “Correspondance au XIX^e siècle, *La Correspondance (Édition, fonctions, signification), Actes du Colloque franco-italien*, Aix-en-Provence, 5-6 octobre 1983, Université de Provence, 1984.
- LAFON**, H. (1984). “D’une lettre à l’autre (Métamorphose de la lettre dans le roman du XVIII^e siècle), *Les Valenciennes*, Université de Valenciennes, n° 9.
- LANDOWSKI** Éric (1988), “La Lettre comme acte de présence”, *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Éditions Universitaires de Fribourg, pp. 19-26.
- LANDY-HOULLON**, Isabelle (1995). “Lettre et oralité”, BRAY, Bernard e Cristoph STROSETZKI (dir.), *Art de la Lettre, Art de la Conversation à l’époque classique en France*, Paris, Klincksieck, pp. 81-91.
- LANDY-HOULLON**, Isabelle (1996). “L’hétérogénéité du langage dans quelques lettres de Madame de Sévigné“, *Sur la Plume des Vents, Mélanges de littérature épistolaire offerts à Bernard Bray*, Paris, Klincksieck, pp. 109-119.
- LANSON** Gustave, (1895). *Introduction au Choix de Lettres du XVII^e siècle*, Paris, Hachette.
- LAVERGNE**, Philippe (1998). “La Lettre”, <http://philippe.lavergne.free.fr/travec4htm>, consultado em 31 de Outubro de 2000.
- LE GUILLOU**, Louis (1990). “Épistolarité et Histoire littéraire”, *Colloque international Les Correspondances*, (Cerisy-La-Salle, 1987). *L’épistolarité à travers les siècles*, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 99-105.
- LE HUENEN**, Roland e **PERON**, Paul (1983). “Les lettres à Madame Maska: métalangage du roman et représentation romanesque”, *Revue des Sciences Humaines*, n° 195, pp. 25-40.
- LEBEGUE**, Raymond (1959). “La sensibilité dans les lettres d’amour au XVIII^e siècle”, *Cahiers de l’Association International d’études Françaises*, pp. 42-55.
- LEBRUN-PEZERAT**, Pierrette e Danièle **POUBLAN**, (dir.) (1996). *La Lettre et le Politique, Actes du Colloque de Calais*, septembre 1993, Paris, Honoré Champion.
- LECLERC**, Bénédicte (1997). “Un billet d’humeur: itinéraire de lecture», *Pratiques*, n° 94, juin, Université de Metz, pp. 75-86.
- LECOINTRE**, Simone (1983). “Contribution à une théorie du texte des correspondances”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 195- 213.

- LEJEUNE**, Philippe (1976). *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil.
- LEJEUNE**, Philippe (1983). “Le Pacte Autobiographique”, *Poétique*, n° 56, novembre, pp. 416-434.
- LEJEUNE**, Philippe (1998). *Les Brouillons de Soi*, Paris, Seuil.
- LEON-MIEHE**, Anne (2000) “Lettre philosophique et littérature épistolaire: enjeux philosophiques de la lettre dans les Lumières françaises”, conferência disponível em <http://www.ac-rouen.fr/pedagogie/equipes/philosophie/archives/miehe.htm>, consultado em 5 de Junho de 2003.
- LIU**, Yu-Chang (2001). “Mutation du système verbal de l’indicatif en français: le cas de la littérature épistolaire”, *Actes du 22^e Congrès de Linguistique et de Philologie Romanes*, Bruxelles, pp. 269-278, disponível em [http://erasmus.ulb.ac.be\(philol/serlifra/cilpr98/comecr/sect2/liu.html](http://erasmus.ulb.ac.be(philol/serlifra/cilpr98/comecr/sect2/liu.html)
- LIZE**, Emile et Élisabeth **WHAL** (1988). *Inédits de correspondances littéraires*, Paris, Genève, Slatkine.
- LOBET**, Marcel (1990). *L’esprit ou la lettre*, Bruxelles, Les Éperonniers.
- LOBO**, Luiza (1999). *A Literatura de Autoria Feminina na América Latina*, *Revista Brasil de Literatura*, on-line, disponível em <http://members.tripod.com/~lfilipe/llobo.html>, Outubro de 2002.
- LOHISSE**, J. (1969). *La communication anonyme*, Bruxelles, U.C.L., Éditions Universitaires de la Faculté des Sciences Économiques, Sociales et Politiques.
- LÓPEZ BUENO**, Begoña (2000). “El canon epistolar y su variabilidad”, B. LÓPEZ BUENO (ed.), *La Epístola, V Encuentro Internacional sobre Poesía del Siglo de Oro*, Sevilla, Secretariado de Publicaciones, Universidad de Sevilla. pp. 11-26.
- LÓPEZ ESTRADA**, Francisco (2000). “La epístola, entre la teoría y la práctica de la comunicación”, B. LÓPEZ BUENO (ed.), *La epístola, V Encuentro Internacional sobre la Poesía del Siglo de Oro*, Sevilla, Universidad de Sevilla, pp. 27-60.
- MACARTHUR**, Elizabeth J. (1990). *Extravagant Narratives. Closure and Dynamics in the Epistolary Form*, Princeton, Princeton University Press.
- MAGNAN**, André (1993). “Présentation”, *Expériences limites de l’épistolaire, Lettres d’exil, d’enfermement, de folie*, MAGNAN, André (dir.), *Actes du colloque de l’association interdisciplinaire de recherches sur l’épistolaire* (Caen, 16-18 juin 1991), Paris, Honoré Champion Éditeur, pp. 7-9.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1998). “Scénographie épistolaire et débat public”, *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, pp. 55-71.
- MAMALI**, Catalin (1994). “Vivre et l’Écrire. Lettres d’adolescents en détresse: énonciation du moi et représentations sociales”, *La Lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, pp.186-193.

- MAY**, Georges (1967). “La littérature épistolaire date-t-elle du XVIII^e siècle”, *Studies on Voltaire*, vol. LVI, pp. 823-844.
- MAY**, Georges (1979). *L'autobiographie*, Paris, Presses Universitaires de France.
- MEILLEUR**, Jean-Baptiste (1987). *Court Traité sur l'art épistolaire*, Montréal, F. Cinq-Mars, ICMH.
- MELANÇON**, Benoît (1990). “De l'invention épistolaire: à la manière de soi”, Mireille BOSSIS e Charles A. POTTER (org.), *L'Épistolarité à travers les siècles, Geste de communication et/ou d'écriture - Colloque Centre Culturel de Cersisy la Salle*, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 27-38.
- MELANÇON**, Benoît, (1995a). “Le malentendu épistolaire. Note sur le statut de la lettre dans *Les Confessions*”, *Littérales* 17, Université de Paris Nanterre, pp. 77-89.
- MELANÇON**, Benoît (1995b). “Diderot: l'autre de la lettre. Conversation et correspondance”, Bernard BRAY e Christoph STROSETZI, *Art de la Lettre. Art de la conversation à l'époque classique en France*, Actes du Colloque de Wolfen Büttel, Outubro de 1991, Paris, Klincksieck, pp. 355-369.
- MELANÇON**, Benoît (1996a). *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Québec, Bibliothèque Nationale du Québec, Montréal, Éditions Fides.
- MELANÇON**, Benoît (1996b). *Séigné@Internet, Remarques sur le courrier électronique et la lettre*, Montréal, Éditions Fides.
- MELANÇON**, Benoît (1996c). “Du corps épistolaire. Les correspondances de Julie de Lespinasse”, *Orbis Litterarum*, n^o. 51, pp. 321-333.
- MELANÇON**, Benoît (1998). “Présentation”, *Penser par lettre*, Actes du Colloque d'Azay-le-Ferron, Benoît Melançon (dir.), Québec, Fides, pp. 7-12.
- MELANÇON**, Benoît (2001a). Artigo no Jornal Libération, “Affinités Express”, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/sem99.24/cah990611j.html>, consultado em 14 de Fevereiro de 2001
- MELANÇON**, Benoît (2001b). “La Lettre dans tous ses états”, <http://www.forum.umontreal.ca/numeros/1996-1997/Forum97-02-03/article04.html>, consultado em 21 de Março de 2001.
- MELANÇON**, Benoît (2002). «Le cabinet des curisoités: Tintin épistolier», *Revue de l'AIRE, Les supercherries épistolaires*, n^o. 28, Paris, Librairie Honoré Champion, pp.149-155.
- MELANÇON**, Benoît (2005). “Rom@ns Épistolaires”, *Le Magazine Littéraire* n^o. 442, mai, *Les Correspondances d'Écrivains*, pp. 67-68.
- MELANÇON**, Benoît (éd.). (1993). *Les Facultés des Lettres. Recherches récentes sur l'épistolaire français et québécois, Actes de colloque CULSEC* (Montréal 15 avril 1993)
- MELANÇON**, Benoît (éd.). (1998). *Penser par lettre*, Actes du Colloque d'Azay-le-Ferron, (mai

1997) Québec, Fides.

MELANÇON, Benoît e Pierre **POPOVIC** (éd.). (1994). *Les Femmes de lettres. Écriture féminine ou spécificité générique, Actes du colloque CULSEC*, (Montréal, 15 avril 1994), Université de Montréal.

MELANÇON, Benoît e Michel **BIRON** (dir.) (1996). *Lettres des Années Trente, Actes du Colloque tenu à L'Université d'Ottawa*, 1995, Ottawa, Le Nordir.

MELO E SOUSA, Henriqueta Maria de Medeiros Pereira (1997). *O romance Epistolar em Almeida Faria: o "Diálogo impossível"*, Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores.

MESNARD, Pierre (1967). "Le commerce épistolaire comme expression sociale de l'individualisme humaniste", *Individu et société à la Renaissance, Travaux de l'Institut pour l'étude de la Renaissance et de l'humanisme, Actes du Colloque de Bruxelles* (avril 1965), Paris/Bruxelles, Presses Universitaires de France/Presses Universitaires de Bruxelles, pp. 17-31.

MEURILLON, Christian (1984). "La lettre au coeur de l'écriture pascalienne", *Revue de Sciences Humaines*, n° 195, juillet-septembre, pp. 5 - 18.

MEYER, Eva (1988). "Letters or the Autobiography of Writing", *Discourse*, vol. X, n° 1, automne-hiver, pp. 78-88.

MICHALOWSKY, Ulrike (dir.) (1996). *Sur la plume des vents: Mélanges de littérature offerts à Bernard Bray*, Paris, Klincksieck.

MISSAC, Pierre (1981). "La correspondance comme genre littéraire et phénomène sociologique", *Critique*, n°. 415, pp.1317-1343.

MONICAT, Bénédicte (1996). *Itinéraires de l'écriture au féminin: voyageuses du XIX^e siècle*, Amsterdam, Rodopi.

MOON, Juan Ja (1987). "Jean-Jacques Rousseau Amoureux par Lettres", *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises, Le Genre pastoral jusqu'à la Révolution, L'Art Épistolaire*, n° 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 159-173.

MORABITO, Raffaella (1988). "Tradition épistolaire et épistolarité restreinte", *Orbis Litterarum*, n° 40.

MORAES, Marco António (2000). "Cartas, um género híbrido e fascinante", <http://www.jt.estadao.com.br/suplementos/saba/2000/10/28/saba006.html>, consultado em Novembro de 2003.

MOREUX, François (1997). "Le Roman Épistolaire", *Problématiques Essentielles*, pp. 81-86.

MORROW, Michael (2001). "Keeping in Touch: Letter-Writing, Technology, and Notions of Personal Correspondance", <http://www.beloit.edu/~amerdem/students/morrow.html>.

MORTIER, Roland (1982). *L'originalité: Une nouvelle catégorie esthétique au siècle des Lumières*, Genève, Droz.

- MOUNOUD-ANGLES**, Christiane (1994). “Le courrier des lectrices de Balzac (1830-1840): stratégies identitaires“, *La Lettre à la croisée de l’individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, pp. 98-104.
- MOZET**, Nicole (ed). (1994). *Georges Sand: une correspondance, Actes du Colloque de Nobant 1991*, Éditions Christian Pirot.
- NAULT**, François (1998). “La Lettre d’Amour comme genre théologique”, <http://www.erudit.org/erudit/theologic/v08n01/nault/nault.htm>, consultado em 8 de Outubro de 2002.
- NIES**, Fritz (1978). “Un genre féminin?”, “*La Lettre au XVII^e siècle*” *Revue d’Histoire Littéraire de France*, n° 6 novembre/décembre, pp. 994-1003.
- NIES**, Fritz (2001). *Les Lettres de M^{me} de Sévigné: conventions du genre et sociologie des publics*. Paris, Éditions Honoré Champion.
- PACHET**, Pierre (1990). *Les baromètres de l’âme. Naissance du journal intime*, Paris, Hatier.
- PAGES**, Alain (1978). “Stratégies textuelles: la lettre à la fin du XIX^e siècle”, *Littérature*, n° 31, pp. 110-121.
- PAGES**, Alain (1983). “La Communication Circulaire», *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 344- 353.
- PAIVA**, José Rodrigues de (2002). “A epistolografia ensaística e ficcional em Vergílio Ferreira”, disponível em http://www.geocities.com/ail_br/aepistolografiaensaistica.htm, consultado em 19 de Março de 2003.
- PASCAL**, Jean-Noël (1989). “De la lettre au roman: sur l’entrée en littérature de Julie de L’Espinasse”, *XVIII^e siècle*, n° 21, pp. 381-393.
- PATERSON**, Janet (1982). “L’auto-représentation: formes et discours”, *Texte*, n° 1, vol.1, pp. 177-194.
- PERES**, Ciomara Breder (2001). “Remexendo cartas novas e velhas, encontrando o inesperado – uma análise comparativa de Mariana, Ovídio e as Três Marias”, <http://www.ufop.br/2903.htm>, consultado em 5 de Dezembro de 2002.
- PÉREZ ROYO**, María del Carmen e María Luísa **RAMOS MORELL** (2000). “La Epistolografía Romana”, disponível em http://www.culturaclassica.com/literatura/la_epistolografia_romana.htm, consultado em 2 de Março de 2003.
- PERRY**, Ruth (1980). *Women, Letters and the Novel*, New York, AMS Press.
- PEYSER**, Joseph L. (1992). *Letters from New France: The Upper Country 1686-1783*, Urbana, University of Illinois Press.
- PERROT**, Michelle (1990). “Le Secret de la correspondance au XIX^e siècle”, *L’Épistolarité à*

travers les siècles, Geste de communication et/ou d'écriture, Mireille BOSSIS et Charles A. POTTER (dir.), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 184-188.

PERRY, Ruth (1980). *Women, Letters and the Novel*, New York, AMS Press.

PEYSER, Joseph L. (1992). *Letters from New France: The Upper Country 1686-1783*, Urbana, University of Illinois Press.

PIWNIK, Marie-Hélène (2001). “Un parcours de la Correspondance d'Eça de Queiroz”, *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Volume XLI, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, Lisboa-Paris, pp. 83-94.

PLANTE, Christine (1998). “Introduction” PLANTE, Christine (dir.) *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, pp. 11-24.

PLANTE, Christine (1998). (dir.) *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion.

POIRION, Daniel (1978). “Le Journal Intime et ses formes littéraires», *Le Journal intime et ses formes littéraires*, Actes du Colloque de septembre 1975 (Grenoble), textes réunis par V. Del Litto, Genève, Droz, VIII.

PONTÓN, Gonzalo (2002). *Correspondências: Lois orígenes del arte epistolar en España*, Madrid, Biblioteca Nueva.

POUBLAN, Danièle (dir.) (1996). *La Lettre et le Politique*, Actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993, Paris, Honoré Champion.

POUBLAN, Danièle (1998). “Écriture et rôle social. La place des femmes dans une correspondance familiale au XIX^e siècle, PLANTE, Christine (dir.), *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Honoré Champion, pp. 201-221.

QUERE, L. (1982). *Des miroirs équivoques. Aux origines de la communication moderne*, Paris, Aubier Montaigne.

QUERE, H. (1998). “D'une lettre à l'autre: figures de l'épistolaire, Aljirdas J. GREIMAS e Jean-Blaize GRIZE *et al.*, *La Lettre, approches sémiotiques*, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire, Fribourg, Éditions Universitaires, pp. 75-88.

QUONDAM, Amadeo (1981). *Le “carte messagiere”: retórica e modelli di comunicazione epistolare*, Roma, Bulzoni Editore.

RAMOND, Michèle (1983). “La Lettre ou le lien délirant”, *Les Correspondances - Problématique et économie d'un genre littéraire*, Actes du Colloque International “Les Correspondances”, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l'Université de Nantes, pp. 357-372.

RAYMOND, Jean (1989). *Un portrait de Sade*, Arles, Actes du Sud.

REBELO, António Manuel Ribeiro (1995). “Carta”, in *Biblos, Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, pp. 1000-1001.

REBILLARD, Eric (1991). “Dossier sur le genre épistolaire”, *Nouvelle Revue Pédagogique*,

Nathan, n° 1, septembre.

RECANATI, F. (1995). “Le présent épistolaire: une perspective cognitive”, *L’Information Grammaticale*, n°. 66, juin, pp. 38-45.

REDFORD, Bruce (1986). *The Converse of Pen: Acts of Intimacy in the Eighteenth-Century Familiar Letter*, Chicago, Chicago University Press.

REID, Martine (1990). “Écriture intime et destinataire”, **BOSSIS**, Mireille e **Charles A. PORTER**, *L’épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture, Colloque international sur les Correspondances*, Cerisy La Salle, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. pp. 20-26.

REID, Martine (1991). “Flaubert et Sand en Correspondance”, *Poétique*, n° 85, février, pp. 53-68.

REID, Martine (1995). *Flaubert correspondant*, Paris, Editions Sedes.

RENDELL, Kenneth W. (1995). *History come to Life: Collecting Historical Letters and Documents*, Norman, University of Oklahoma Press.

RENOUPREZ, Martine (2001). “La lettre en souffrance”, *Estudios de Lengua y Literatura Francesas*, n° 13, *El Discurso Epistolar*, Cádiz, Serviço de Publicaciones Universidad de Cádiz, pp. 181-202.

RICHARD-PAUCHET, Odile (2004). «État présent des correspondances: Correspondance de Diderot», *Revue de l’AIRE, Lettre et Utopie* n°. 30, Paris, Librairie Honoré Chamion, pp. 208-212.

RIPERT, Aline e **Claude FRERE** (1983). *La carte Postale, son histoire, sa fonction sociale*, CNRS, Presses Universitaires de Lyon.

ROCHA, Andrée (1985). *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, 2ª Edição (1ª Edição 1965).

ROCHA, Clara (1992). *Máscaras de Narciso, Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina.

RODRIGUES, Isabel Cristina (2000). “Cartas a Sandra de Vergílio Ferreira: a encenação do diálogo epistolar.”, disponível em http://www.geocities.com/ail_br/cartasesandradevergilio.html, consultado em 19 de Março de 2002.

RODRIGUEZ CASTRO, José “La carta” (1999). <http://www.franquiciapemex.com/octanaje/24carta.htm>, consultado em 8 de Novembro de 2000.

ROGER, Alain (1983). “La Lettre d’Amour et l’effémination épistolaire”, *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 93-104.

ROSSET, Clément (1980). “L’écriture épistolaire” Paris, *Nouvelle Revue Française*, n° 329, pp.

89-98.

ROUGEOT, Jacques (1978). “La Littérature épistolaire”, BESSIERE, Jean, M. BLOCH e D. COUTY, (dir.) *Littérature et Genres Littéraires*, Paris, Larousse, coll. Encyclopoche Larousse 42, pp. 169-178.

ROUSSET, Jean (1973). *Narcisse Romancier – Essai sur la première personne dans le roman*, Paris, Librairie José Corti.

ROUSSET, Jean (1983). “Le journal intime, texte sans destinataire?”, *Poétique*, n° 56, Paris, Seuil, novembre, pp. 435-443.

ROUSSET, Jean (1986). *Le lecteur intime. De Balzac au journal*, Paris, José Corti.

ROUSTAN, Maurice (1904). *La lettre: évolution du genre*, Paris, Deltaplane.

ROY, Suzanne (1991). *Sensualité et Épistolarité dans Lettres à Nelson Algren de Simone de Beauvoir*, Mémoire, Université du Québec à Montréal.

SAINT-LAURENT, Maguy de (1983). Cent Lieues et dix-huits jours – Des lettres d’amour en 1884, *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 79-90.

SARFATI, Georges-Elia (1998). “De la mise en intrigue. Étude linguistique des lettres II et IV des Liaisons Dangereuses”, SIESS, Jürgen (dir.), *La lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, pp. 159-176.

SARTORI, Eva-Martin e Dorothy **ZIMMERMANN** (1991). *French Women Writers: a Bio-Bibliographical Book*, Westport, Greenwood Press.

SBA, Guido (1987). “L’Art Épistolaire de Théophile de Viau”, *Cahiers de l’Association Internationale des Études Françaises, Le Genre pastoral jusqu’à la Révolution, L’Art Épistolaire*, n°. 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 127-139.

SCHMITZ, Dietmar (1995). “La théorie de l’art épistolaire et de la conversation dans la tradition latine et néo-latine», Bernard Bray e Christoph Strosetzki (dir.), *Art de la Lettre Art de la conversation*, Paris, Klincksieck, pp. 11-23.

SCHÜLER, Donaldo (2004). “A retórica da subordinação e da insubordinação na carta do achamento”, <http://www.schulers.com/donaldo/brasil500/caminha.htm>, consultado em 31 de Março.

SCHWEIGER, Amélie (1990). “L’épistolaire flaubertien comme problématique voie d’accès au littéraire”, *L’Épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d’écriture*, Mireille BOSSIS et de Charles A. PORTER (dir.), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 87-91.

SEABRA, José Augusto (2000). *A Descoberta do Outro na Carta de Pêro Vaz de Caminha*, <http://www.instituto-camoes.pt/revista/descboutro.htm>, consultado em 23 de Março de 2002 ou em Camões - *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n° 8 , Janeiro-Março, online.

SEARA, Isabel Roboredo (1999). “L'échange épistolaire, un espace singulier de négociation”, *Pragma 99*, International Conference on Pragmatics and Negotiation organizada pela *International Association for Dialogue Analysis*, Universidades de Tel Aviv e de Jerusalém, 13 a 16 de Junho de 1999. Não publicada.

SEARA, Isabel Roboredo (2001). “A expressão do tempo em discurso epistolar: a ilusão da presença através das expressões metafóricas”, *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 481-494.

SEARA, Isabel Roboredo (2002). “Dizer a ausência no discurso epistolar. Metáforas temporais”, *Actas do VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, 1-6th July, Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies, Providence, Rhode Island, U.S.A., disponível em http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/Congresso.html

SEARA, Isabel Roboredo (2004). “L'Utopie dans la correspondance de Mário de Sá-Carneiro”, *Revue de l'AIRES*, “Lettre et Utopie”, n° 30, hiver, Paris, Honoré Champion, pp. 82-102.

SHNIEIDER, Monique (1983). “De l'épistolaire au théorique: l'accidentellement vivant”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d'un genre littéraire*, *Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l'Université de Nantes, pp. 108- 123.

SHOWALTER, English (1986). “Authorial Self- Consciousness in the Familiar Letter: The case of Madame de Graffigny”, *Yale French Studies*, 71, pp. 113-114.

SIESS, Jürgen (1999). (dir.) *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes.

SIESS, Jürgen, (2003). “Projet épistolaire et échange interculturel: la relation entre Marie-Jeanne Riccoboni et David Garrick”, AMOSSY, Ruth e Dominique MAINGUENEAU (dir.), *L'Analyse du Discours dans les études littéraires*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, pp. 149-160.

SILVA, Manuela Parreira da (2003). *Realidade e ficção. Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio e Alvim.

STEWART, J.Hinde (1989). “La lettre et l'interdit”, *Romanic Review*, novembre, pp. 521-528.

STEWART, J.Hinde (1993). *Gynographs: french Novels by Women of the Late Eighteenth Century*, Linoln, University of Nebraska Press.

STROZETZKI, Cristoph (1995). “La place de la théorie de la conversation au XVIII^e siècle”, BRAY, Bernard e Christoph STROZETZKI (dir.), *Art de la lettre, art de la conversation à l'époque classique en France*, pp. 145-163.

SWEETSER, Marie-Odile (1987). “Madame de Sévigné, Écrivain sans le savoir?”, *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, *Le Genre pastoral jusqu'à la Révolution*, L'Art Épistolaire, n° 39, mai, Paris, Société des Belles Lettres, pp. 141-157.

TATON, René (1976). “Le rôle et l'importance des correspondances scientifiques aux XVII^e”

et XVIII^e siècles”, *Revue de synthèse*, vol. XCVII, n° 81-82, janvier-juin, pp. 22-39.

TREVES-GOLD, Nicole (1983). “La Correspondance de Montaigne et Les Essais Problématique d’une Étude Intertextuelle”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp. 268-285.

TVERDOTA, György (éd.) (1994). *Écrire le voyage*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle.

VAILLANCOURT, Daniel (1986). *Des récits de voyages de Pierre-Esprit Radisson: une traduction*, Montréal, Université du Québec à Montréal.

VAILLANCOURT, Luc (2003). *La Lettre familière au XVI^e siècle, Rhétorique humaniste de l’épistolaire*, Paris, Honoré Champion.

VAN RY-ROUX, Françoise (1983). *La littérature intime du Québec*, Montréal, Boréal Express.

VAUMORIERE (1689). *Lettres sur tous les sujets, avec des avis sur la manière de les écrire et des réponses à chaque espèce de lettre*, Paris, J. Guignard.

VENARD-SAVATOSKY, Annie (1996). “Lettres au Président de la République”, *La Lettre et le Politique*, Actes du Colloque de Calais, 17-19 septembre 1993, Paris, Honoré Champion, pp. 67-77.

VERDIER, Gabrielle (1983). “Gender and Rhetoric in Some Seventeenth-Century Love Letters”, *L’Esprit Créateur*, vol. XXIII, n° 2, été, pp. 45-57.

VERSINI, Laurent (1999). *Le roman épistolaire*, Paris, Presses Universitaires de France.

VIAL, Martin (2000). *La Lettre et la Toile*, Paris, Albin Michel.

VIALA, Alain (1981). “La genèse des formes épistolaires en français (XVI^e-XVIII^e siècles)”, *Revue de Littérature Comparée*, n° 218, avril-juin, pp. 168-183.

VIALA, Alain (1999). “Pour une grammaire du discours: L’ordre” oratoire face à la praelectio, une occasion manquée”, *Langue Française*, n° 121, février, pp. 11-27.

VIANA, Mário Gonçalves (1940). *Os Epistológrafos na Literatura Portuguesa, Ensaio histórico-crítico*, Porto, Editora Educação Nacional, 1940.

VIOLI, Patrizia (1985a). “La Intimidad de la Ausencia. Formas de la Estructura Epistolar” *Estudios Semióticos*, Barcelona, n° 3/4, pp. 70-80.

VIOLI, Patrizia (1985b). “Letters”, in **VAN DIJK**, Teun A. *Discourses and Literature*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, pp. 149 -167.

VIOLI, Patrizia (1988) “Présence et absence. Stratégies d’énonciation dans la lettre”; Aljirdas J. GREIMAS e Jean-Blaize GRIZE *et al.*, *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*, Fribourg, Éditions Universitaires, pp. 27-36.

VIOLI, Patrizia, A. J. **GREIMAS**, J.-B. **GRIZE** *et al.* (dir.)(1988). *La lettre, approches sémiotiques*,

Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire, Fribourg, Éditions Universitaires.

VOISE, Waldémar (1976). “L’art épistolaire, son passé et son avenir”, *Revue de synthèse*, vol. XCVII, n° 81-82, janvier-juin, pp. 23-29.

VOISIN-ATLANI, Françoise (1998) “L’instance de la lettre”, Jürgen SIESS (dir.), *La lettre, entre réel et fiction*, Paris, Sedes, pp. 97-107

WILLIAMS, Patrick (1997). “L’écriture entre l’oral et l’écrit, Six scènes de la vie tsigane en France”, *Par Écrit, Ethnologie des écritures quotidiennes*, Daniel FABRE (dir.), Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 59-103.

WINGARD, Kristina (1983). “Correspondance et Littérature Épistolaire: George Sand en 1834”, in *Les Correspondances - Problématique et économie d’un genre littéraire, Actes du Colloque International “Les Correspondances”*, Nantes, 4-7 octobre 1982, Publication de l’Université de Nantes, pp.165-194.

WOLFF, Étienne (1996). *La Lettre d’amour au Moyen Age*, Paris, Editions Nil.

WOLFGANG, Aurora (1993). “Furiously Female: Constructing the Feminine Voice in Eighteenth-Century French Literature”, Dissertation, New York, New York University.

WOLFZETTEL, Friedrich (1996). *Le discours du voyageur: pour une histoire littéraire du récit de voyage en France: du Moyen Age au XVIII^e siècle*, Paris, Presses Universitaires de France.

- ACHARD**, Pierre (1995). Formation discursive, dialogisme et sociologie, *Langages*, n°. 117, *Les analyses du discours en France*, mars, pp. 82-95.
- ADAM**, Jean-Michel (1991). “Cadre théorique d’une typologie séquentielle”, *Études de Linguistique Appliquée, Revue de Didactologie des Langues-Cultures*, n°. 83, juillet-septembre, pp. 7-18.
- ADAM**, Jean-Michel (1992). *Les textes: types et prototypes*, Paris, Nathan.
- ADAM**, Jean-Michel (1996). “L’Argumentation dans le Dialogue”, *Langue Française* n°. 112, décembre, pp. 31-49.
- ADAM**, Jean-Michel (1997). “Unités rédactionnelles et genres discursifs: cadre général pour une approche de la presse écrite”, *Pratiques* n°. 94, Université de Metz, juin, pp. 3-18.
- ADAM**, Jean-Michel (1998). “Pour en finir avec le couple récit/discours”, *Pratiques* n°. 100, décembre, pp. 81-98.
- ADAM**, Jean-Michel (1999). *Linguistique Textuelle: des Genres de Discours aux Textes*, Paris, Nathan Université.
- ADAM**, Jean-Michel e Françoise **REVAZ** (1989). “Aspects de la structuration du texte descriptif: les marqueurs d’énumération et de reformulation”, *Langue Française* n°. 81, février, pp. 59-98.
- ADAM**, Jean-Michel, Gilles **LUGRIN** e Françoise **REVAZ**, (1998). “Pour en finir avec le couple Récit/Discours”, *Pratiques* n°. 100, décembre, pp. 81-98.
- ADAMS**, Percy G. (1983). *Travel literature and the evolution of the novel*, Lexington, University of Kentucky Press.
- AKINNASO**, F. N. (1982). “On the differences between spoken and written language”, *Language and Speech*, 25, 2, pp. 97-125.
- AGUIAR E SILVA**, Vítor Manuel de (1998). *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 8ª. Edição.
- ALEGRIA**, J. et alii (1983). *L’espace et le temps aujourd’hui*, Paris, Le Seuil.
- ALLEN**, D. E. e R. F. **GUY** (1974). *Conversational Analysis: The Sociology of Talk*, Mouton, La Haye.
- ALMEIDA**, Carla Aurélia (2005). *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Tese de doutoramento em Linguística, Lisboa, Universidade Aberta.
- AMOSSY**, Ruth (1997). *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, Paris, Nathan.
- AMOSSY**, Ruth (2002). “De l’énonciation à l’interaction: l’analyse du récit entre pragmatique

et narratologie”, Ruth AMOSSY (dir.), *Pragmatique et analyse des textes*, Tel-Aviv, Presses de L’Université de Tel-Aviv.

AMOSSY, Ruth (dir.) (1999). *Images de soi dans le discours. La construction de l’éthos*, Lausanne, Delachaux & Niestlé.

AMOSSY, Ruth e Anne Herschberg PIERROT (1997). *Stéréotypes et clichés*, Paris, Nathan Université.

ANDRE-LAROCHEBOUVY, Danielle (1984). *La Conversation quotidienne*, Paris, Didier/Crédif.

ANGENOT Marc, Jean BESSIERE, Douwe FOKKEMA e Eva KUSHNER (1989). *Théorie Littéraire, Problèmes et Perspectives*, Paris, Presses Universitaires de France.

ANSCOMBRE, J.-C. et al. (1995), *Théorie des Topoi*, Paris, Kimé.

ANSCOMBRE, J.-C. e O. DUCROT (1983) *L’Argumentation dans la Langue*, Liège, Pierre Mardaga Éditeur.

ANSCOMBRE, J.-C. (1974). “Compte-rendu de SEARLE 1972”, *Le Français Moderne*, t. 42, n°. 2, pp. 165-169.

APOSTEL, L. (1981). “De l’interrogation en tant qu’action”, *Langue française*, 52, pp. 23-43.

ARANGUREN, J. L. (1967). *Sociologie de l’information*, Paris, Hachette.

ARON Paul, Denis SAINT-JACQUES e Alain VIALA (dir.) (2004). *Dictionnaire du Littéraire*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 186-187.

ARROU-VIGNOUD, Jean-Philippe (1993). *Le discours des absents*, Paris, Gallimard.

ATKINSON, J. M. e J. C. HERITAGE (dir.) (1984). *Structure of Social Action: Studies in conversation analysis*, Cambridge, Cambridge University Press.

ATKINSON, Geoffroy (1971). *Les relations de voyages du XVII^e siècle et l’évolution des idées: contribution à l’étude de la formation de l’esprit du XVIII^e siècle*, New York, B. Franklin.

ATKINSON, J. M. e P. DREW (1979). *Order in Court: the Organization of Verbal Interaction in Judicial Settings*, London, Macmillan.

AUHLIN, A. (1981a). “Réflexions sur les marqueurs de structuration de la conversation”, *Études de linguistique appliquée*, 44, octobre-décembre, pp. 88-103.

AUHLIN, A. (1981b). “Mais heu, pis bon, ben alors voilà, quoi! - Marqueurs de structuration de la conversation et complétude”, *Cahiers de linguistique française*, 2, pp. 141-160.

AUHLIN, A. (1987). “Sur le statut des structures et des schémas d’action pour la description d’un événement de communication”, BANGE, P. (dir.), *L’analyse des interactions verbales - la dame de Caluire: une consultation*, Peter Lang, Sciences pour la communication, pp. 253-260.

- AUHLIN, A.** (1988). “Dialogue et stratégie: propositions pour une analyse dynamique de la conversation”, J. COSNIER, N. GELAS e C. KERBRAT-ORECCHIONI, (dir.) *Échanges sur la conversation*, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Centre Régional de Publication de Lyon, pp. 33-44.
- AUHLIN, A.** (1997). “L’Analyse Pragmatique du discours et la qualité du dialogue : Arguments pour une approche systémique de la compétence discursive”, Luzzati & al (ed.), *Le dialogue*, Berne, P. Lang, pp. 121-135.
- AUHLIN, A.** e J. **MOECHLER** (1984). “Stratégies interactives, interactionnelles et interprétatives” *Bulletin de la section de Linguistique de la Faculté des Lettres de Lausanne*, 6, pp. 11-25.
- AUHLIN, Antoine** (1991). “Le bonheur conversationnel: fondements, enjeux et domaines”, *Cahiers de Linguistique Française*, 12, Faculté des Lettres, Université de Genève, pp. 311-328.
- AUHLIN, Antoine** (1993). “Au petit bonheur du bien dire. Note sur le traitement du “bien dire” en Analyse Pragmatique du discours”, *Cahiers de Praxématique*, n°. 20, 1993, pp. 45-64.
- AUSTIN, J. L.** (1970). *Quand dire, c’est faire*, Paris, Le Seuil.
- AUSTIN, J. L.** (1971). *Le langage et la perception*, Paris, Colin.
- AUTHIER-REVUZ, J.** (1985). “La représentation de la parole dans un débat radiophonique: figures de dialogue et de dialogisme”, *Langue française*, 65, février, pp. 92-102.
- BACHMANN C., J. Lindenfeld & J. SIMONIN**, (1981). *Langage et communications sociales*, Paris, Hatier-Crédif.
- BAKTINE** Mikhail (1978). “Formes du temps et du chronotope dans le roman”, in *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, Éditions Gallimard.
- BALES, R.** (1950). “A set of categories for the analysis of small group interaction”, *American Sociological Review*, 15, pp. 257-263.
- BANGE, P.** (1974). *Ironie et dialogisme dans les romans de Théodore Fontane*, Presses de l’Université de Grenoble.
- BANGE, P.** (1981a). “Argumentation et fiction”, *Linguistique et Sémiologie. L’argumentation*, Presses Universitaires de Lyon, pp. 91-108.
- BANGE, P.** (1981b). “Points de vue sur l’analyse conversationnelle”, *DRLAV Communiversion*, n°. 29, pp. 1-28.
- BANGE, P.** (1992). *Analyse conversationnelle et théorie de l’action*, Paris, Hatier/Crédif/Didier.
- BARTH, E. M.** (1985). “Toward a praxis-oriented theory of argumentation”, Dascal, M. (dir.), *Dialogue: an inter-disciplinary approach*, John Benjamin, Pragmatics and Beyond, Companion Series, pp. 73-88.
- BARTHES, R.** e J.-L. **BOUTTES** (1987). “Lugar-comum”, *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 11,

Oral/Escrito. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 266-277.

BARTHES, Roland (1977). “La lettre d’amour”, *Fragments d’un discours amoureux*, Paris, Le Seuil, pp. 187-189.

BATES, E. (1976). *Language and Context. The acquisition of Pragmatics*. New York, Academic Press.

BATESON, G. et alii (1981). *La nouvelle communication*, Paris, Le Seuil.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1996).

BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2004). *Linguística Portuguesa. Abordagem cognitiva*. (CD-ROM), Lisboa, Universidade Aberta

BATORÉO, Hanna Jakubowicz (2005). “Em torno da GUERRA e da PAZ: uma despedida com regresso anunciado”, Dulce CARVALHO, Dinísio VILA-MAIOR e Rui de Azevedo TEIXEIRA (org.), *Des(a)fiando Discursos, Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 69-78.

BAUMAN, R. e J. **SHERZER** (dir.) (1974). *Explorations in the ethnography of speaking*, Cambridge University Press, Cambridge.

BAYLON, Christian e Xavier **MIGNOT** (1999). *La Communication*, Paris, Nathan Université.

BEACCO, Jean-Claude (1991). “Types ou genres? Catégorisation des textes et didactique de la compréhension et de la production écrites”, *Études de Linguistique Appliquée, Revue de Didactologie des Langues-Cultures*, n.º. 83, Juillet-Septembre, pp. 19-28.

BEACCO, Jean-Claude (1992). “Les Genres Textuels dans l’Analyse du Discours: Écriture Légitime et Communautés Translangagières”, *Langages, Ethnolinguistique de l’écrit*, n.º. 105, mars 1992, pp. 8-27.

BEACCO, Jean-Claude e Sophie **MOIRAND** (1995). “Autour des discours de transmission des connaissances”, *Langages*, n.º. 117, *Les analyses du discours en France*, mars, pp. 32-53.

BEAUGRAND, R. & W. **DRESSLER** (1981). *Introduction to Text Linguistic*, London, Longamn.

BEGUELIN, Maria-José (1998). “Le rapport écrit-oral. Tendances dissimilatrices, tendances assimilatrices”, *Cahiers de Linguistique Française. Le Discours Écrit: Qualité(s), Spécificités et Acquisitions, Actes du VIIème Colloque de Pragmatique*, Genève, Faculté de Lettres, Université de Genève, pp. 229-253.

BELNAP, N. D. e T. **STEEL** (1976). *The Logic of Questions and Answers*, New Haven, Yale University Press.

BENNINGTON, Geoffrey (1990). “Postal politics and the institution of Nation”, Homi K. BHABHA (dir.), *Nation and Narration*, Londres-New York, Routledge, pp. 121-137.

- BENOÎT**, Denis (dir.) (1996). *Sciences de l'information et de la communication*, Recueil de Textes classiques, Paris, Larousse.
- BENSON**, D. e J. **HUGHES** (1991). "Method: evidence and inference for ethnomethodology", G. **BUTTON** (dir.), *Ethnomethodology and the human sciences*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 109-136.
- BENSON**, J e W. **GREAVES** (1973). *The language people really use*, Agincourt, Ontario, The Book Society of Canada.
- BENSON**, J. e W. **GREAVES** (1984). *You and your language*, Oxford, Pergamon Press.
- BENVENISTE**, É. (1963). "La philosophie analytique et le langage", *Problèmes de linguistique générale, I* (1966). Paris, Gallimard, pp. 267-276.
- BENVENISTE**, Emile (1966). *Problèmes de Linguistique Générale I*, Paris, Gallimard.
- BENVENISTE**, Emile (1974). *Problèmes de Linguistique Générale II*, Paris, Gallimard.
- BERGMANN**, J. R. (1993). *Discreet indiscretions: the social organization of gossip*, New York, Aldine de Gruyter.
- BERNE**, E. (1964). *Games People play*, New York, Grove Press.
- BERNE**, E. (1972), *What do you say after you say Hello!*, New York, Grove Press.
- BERNE**, E. (1974). *What do you say after you say hello?*, London, Transworld Publishers.
- BERRENDONNER**, A. (1981). *Éléments de pragmatique linguistique*, Paris, Éditions de Minuit.
- BERRENDONNER**, A. e M. J. **REICHLER-BÉGUELIN** (1989). "Décalages: les niveaux de l'analyse linguistique", *Langue Française* n°. 81, février, pp. 99-125.
- BERTHAUME**, André (1976). *La découverte ambiguë: essai sur les récits de voyage de Jacques Cartier et leur fortune littéraire*, Montréal, P. Tisseyre.
- BERTHET**, F. (1979). "Éléments de conversation", *Communications*, 30, pp. 109-163.
- BERTHOUD**, Anne Claude & Lorenza **MONDADA** (1995). "Modes d'Introduction et de négociation du topic dans l'interaction verbale, Danièle VERONIQUE & Robert VION (eds.), *Modèles de l'Interaction Verbale*, Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence, pp. 277-301.
- BESSIERE**, Jean (1999). *La Littérature et sa rhétorique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- BESSONNAT**, Daniel (1988). "Le découpage en paragraphes et ses fonctions", *Pratiques* n°. 57, mars, Université de Metz, pp. 81-106.
- BIBER**, Douglas (1988). *Variation across speech and writing*, Cambridge, Cambridge University Press
- BIDERMAN**, Maria Teresa Camargo (1972-1973). "Formas de tratamento e estruturas

sociaux”, *ALFA*, 18/19, pp. 339-381.

BILMES, Jack (1988). “The Concept of Preference in Conversation Analysis”, *Language in Society*, Vol. 17, pp. 161-181

BIRDWHISTELL, R. (1967). “La communication non verbale”, P. ALEXANDRE, (dir.) *L’homme et les autres, L’aventure humaine - Encyclopédie des Sciences de l’Homme*, Grange Batelière, Paris, Genève, Kister, vol. 5, pp. 157-166.

BIZOUARD, C. (1982). *Téléphoner. Accueillir*, Lyon Chronique sociale.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire e C. **JEANJEAN** (1987). *Le français parlé - transcription et édition*, Paris, Didier Érudition.

BLOOMFIELD, L. (1933). *Language*, New York, Rinehart and Wiston, 1933, trad. franc. *Langage*, Paris, Payot, 1970.

BODEN, D. e D. H. **ZIMMERMAN** (dir.) (1992). *Talk and Social Structure. Studies in Ethnomethodology and Conversation Analysis*, Cambridge Polity Press.

BODEN, D. (1990). “The world as it happens: Ethnomethodology and conversation analysis”, G. RITZER, (dir.) *Frontiers of social theory: the new synthesis*, New York, Columbia University Press, pp. 185-213.

BODEN, D. (1994). *The business of talk: organizations in action*, Cambridge, Polity Press.

BOISVERT, L. e P. **LAURENDEAU** (1988). “Répertoire des corpus québécois de langue orale”, *Revue québécoise de linguistique*, Université du Québec à Montréal, vol. 17, n°. 2, pp. 241-262.

BONINI, Adair (2000). “Ensino de Gêneros Textuais: A Questão das Escolhas Teóricas e metodológica”, <http://br.geocities.com/adbonini/ensigeneros.htm>, consultado em 12 de Novembro de 2002.

BONNANGE, C. e C. **THOMAS** (1987). *Don Juan ou Pavlov, Essai sur la communication publicitaire*, Paris, Le Seuil.

BOUCHARD, Robert (1991). “Repères pour un classement sémiologique des événements sémiologique des événements communicatifs”, *Études de Linguistique Appliquée, Revue de Didactologie des langues-Cultures*, n°. 83, juillet-septembre, pp. 29-62.

BOUGNOUX, Daniel (1996). *Introduction aux sciences de la Communication*, Paris, La Découverte.

BOUGNOUX, Daniel (1998). “Les Territoires de la Communication”, *La Communication, États des savoirs*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, pp. 25-33.

BOUQUET, Simone (1998). “Linguistique Textuelle, jeux du langage et sémantique du genre”, *Langages* 128, *Diversité de la (des) science(s) du langage aujourd’hui. Figures, modèles et concepts épistémologiques*, Larousse, mars, pp. 112-124.

BOUQUIUAX, L. e J. M. C. **THOMAS** (1976). *Enquête et description des langues à tradition orale I -*

L'enquête de terrain et l'analyse grammaticale, Éditions du SELAF.

BOURDIEU, P. (1963). “L'école conservatrice: les inégalités devant l'école et devant la culture”, *Revue française de sociologie*, VII, 3, pp. 325-347.

BOURDIEU, P. (1982). *Ce que parler veut dire - L'économie des échanges linguistiques*, Paris, Fayard.

BOURDIEU, P. (1992). *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*, Paris, Le Seuil.

BOURDIEU, P. e **J. C. PASSERON** (1966). *Les héritiers: les étudiants et la culture*, Paris, Minuit.

BOUTET, J. (1989). “Construction sociale du sens et interaction”, *Bulletin des Sciences du Langage*, pp. 196-204.

BREMOND, C. (1965). “Culture scolaire et culture de masse (enquête auprès des enseignants)”, *Communications*, n°. 5, pp. 52-87.

BRETON, Philippe (1995). *L'Utopie de la Communication, le mythe du village planétaire*, Paris, La Découverte.

BRETON, Philippe e **Serge PROULX** (1989). *L'explosion de la communication: la naissance d'une nouvelle idéologie*, Paris, La Découverte.

BRONCHART, Jean-Paul (1977). *Théories du langage. Une introduction critique*, Bruxelles, Mardaga.

BRONCKART, Jean-Paul (1985). *Le Fonctionnement des discours: un modèle psychologique et une méthode d'analyse*, Lausanne, Delàchaux& Niestlé.

BRONCKART, Jean-Paul (1993). “L'Organisation Temporelle des Discours”, *Langue Française* n°. 97, février, pp. 3-13.

BRONCKART, Jean-Paul (1996). “L'acquisition des discours”, *Le Français dans le Monde, Le Discours: Enjeux et perspectives*, juillet, pp. 55-65.

BROWN, Gillian & George YULE (1983). *Discourse Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press.

BROWN, Penelope & Stephen LEVINSON (1978). “Universals in language use: Politeness phenomena”, E. GOODY (ed.). *Questions and politeness*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 56-290.

BROWN, Penelope & Stephen LEVINSON (1987). *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press.

BROWN, R. W. & A. GILMAN (1960). “The pronouns of power and solidarity”, Thomas A. SEBEEK (ed.). *Style in Language*, Cambridge, M. I. T. Press, pp. 253-276.

BULLOWA M. (dir.) (1979). *Before speech: the beginning of interpersonal communication*, Cambridge, Cambridge University Press.

BURGELIN, O. (1970). *La communication de masse*, Paris, S.G.P.P.

- BURNS, T.** (1992). *Erving Goffman*, London, Routledge.
- BURTON, D.** (1980). *Dialogue and Discourse. A sociolinguistic approach to modern drama and naturally occurring conversation*, London, Routledge and Keegan Paul.
- BUTTON, G e J. R. LEE** (dir.) (1987). *Talk and Social Organisation, Multilingual Matters*, Intercommunication series, Philadelphia, Clevedon.
- BUTTON, G.** (dir.) (1991). *Ethnomethodology and the human sciences*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BUYSSENS, E.** (1970). *La communication et l'articulation linguistique*, Bruxelles et Paris, Presses Universitaires de Belgique et Presses Universitaires de France.
- CADIOT, A., J. C CHEVALIER, S. DELLESALLE, C. GARCIA, MARTINEZ, e P. CZEDDA,** (1979). “Oui mais, non mais ou il y a dialogue et dialogue”, *Langue française*, 42, mai, pp. 94-102.
- CALBRIS, G. e J. MONTREDON** (1986). *Des gestes et des mots pour le dire*, Paris, Clé International.
- CALSAMIGLIA BLANCAFORT, Helena e Amparo TUSÓN VALLS** (1999). *Las cosas del decir, Manual de análisis del discurso*, Barcelona, Editorial Ariel Lingüística.
- CAMARGO, Martin** (1991). *Ars dictaminis. Ars dictandi*, Turnhout, Brepols.
- CAPUCHO, Maria Fiomena** (2000). “Politesse et pouvoir”, Michel WAUTHION & A. C. SIMON (org). (2000). *Politesse et Idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*, Louvain, Peeters/BCILL, pp. 207-218.
- CARLSON, L.** (1985). *Dialogue Games. An approach to Discourse Analysis*, Dordrecht, Reidel Publishing Company.
- CARONTINI, E.** (1984). *L'action du signe, Question de communication 7*, Cabay, Louvain-La-Neuve, Libraire-éditeur.
- CARPENTER, E. e MACLUHAN, M.** (dir.) (1960). *Explorations in communications*, Boston, Beacon Press.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo** (1993). *A delicadeza em português: para o estudo das suas manifestações linguísticas. Documentos do Seminário do projecto ERCI*, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 1-15.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo** (1995). “Pedido de desculpa e delicadeza: para estudo dos seus processos linguísticos em português. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 105-116.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo** (1997). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution : proxémique verbale et modalités en portugais*, Louvain-Paris, Éditions Peeters.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo** (1998). “Proxémique Verbale: Un Cadre Méthodologique pour l'Analyse des Dialogues”, *Dialoganalyse VI*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, pp. 339-

344.

CARROLL, J. B. (1963). *The Study of Language: A survey of linguistics and related disciplines in America*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, XIV.

CARVALHO, José Augusto (1991). “Conceito de Pronome – os Pronomes Pessoais”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Dezembro, 5/6, pp. 184-199.

CASTRO-CALDAS, Alexandre (1999). *A Herança de Franz Joseph Gaal. O cérebro ao serviço do comportamento humano*, McGraw-Hill de Portugal.

CÁTEDRA, Pedro M. (1997). “Modos de consolar por carta”, *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Edición de José Manuel Lucía Megías, Alcalá de Henares, Publicaciones de la Universidad, pp. 469-487.

CAZENEUVE, J. (1971). *Sociologie du rite*, Paris, Presses Universitaires de France.

CEIA, Carlos (coord.) (s/d) *E-Dicionário de Termos Literários*, disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>

CERVONI, J. (1987). *L'énonciation*, Paris, Presses Universitaires de France.

CHAFE, W. e D. TANNEN (1987). “The relation between Written and Spoken Language”, *Annual Review of Anthropology*, 16, pp. 383-407.

CHAFE, W. e Jane DANIELEWICZ (1987). “Properties of Spoken and Written language”, *Comprehending Oral and Written Language*, R. HOROWITZ e S. J. SAMUELS (eds). San Diego: Academic Press, pp. 83-113.

CHAFE, Wallace (1982). “Integration and Involvement in Speaking, Writing and Oral Literature”, Deborah TANNEN (org.), *Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy*. Norwood, Ablex Publishing Corporation, pp. 35-53.

CHARAUDEAU, Patrick e Dominique MAINGUENEAU (dir.) (2002). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*, Paris, Le Seuil.

CHARAUDEAU, Patrick (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*, Paris, Hachette.

CHARAUDEAU, Patrick (1995). “Une analyse sémiolinguistique du discours”, *Cahiers de Linguistique Française*, 17, Genève, Université de Genève, pp. 141-178.

CHARAUDEAU, Patrick (1993). “Le contrat de communication dans la situation de classe”, *Interactions. L'interaction: actualités de la recherche et enjeux didactiques*, Metz, Université de Metz, pp. 121-137.

CHAROLLES, M. e B. COMBETTES (1999). “Contribution pour une histoire récente de l'analyse du discours”, *Langue Française*, n.º. 121, février, pp. 76-116.

CHAROLLES, Michel (1988). “Les plans d'organisation textuelle: périodes, chaînes, portées et séquences”, *Pratiques* n.º. 57, mars, Université de Metz, pp. 3-14.

- CHAUVIN**, Andrée (1993). “Lipogramme et rhétorique: aspect du travail du lieu commun chez Goerges Perec”, Christian PLANTIN (dir.) *Lieux Communs, Topoi, Stéréotypes, Clichés*, Paris, Éditions Kimé, pp. 27-36.
- CHEVALIER**, J.C. (1970). “Conventions et ruses rhétoriques dans la conversation”, Léon, P. e Pétron, P.(dir.), *Le dialogue*, Paris, Didier, pp. 93-102.
- CHEVALIER**, Jean e Alain **GHEERBRANT** (dir.) (1979). *Dictionnaire des Symboles – Mythes, Rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*, Paris, Seghers, 4 vols
- CICOUREL**, A. (1973). *Cognitive Sociology. Language and Meaning in Social Interaction*, Harmondsworth, Penguin.
- CLARK**, M. M. (1983). *Language and Action: A Structural Model of Behaviour*, Oxford, Pergamon Press.
- COELHO**, Jacinto do Prado (1981), *Dicionário de Literatura – Literatura portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas, 3ª. Edição, 5 vols.
- COLE**, P. e J. L. **MORGAN** (dir.) (1975). *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*, New York, Academic Press.
- COLTIER**, Danielle (1986). “Approches du texte explicatif”, *Pratiques* n°. 51, septembre, Université de Metz, pp. 3-22.
- COMBETTES**, Bernard (1986). “Le texte explicatif: aspects linguistiques”, *Pratiques* n°. 51, septembre, Université de Metz, pp. 23-38.
- CONEIN**, B. (1986). “Conversation et Interaction Sociale: Analyse des Séquences d’Offre et Invitation”, *Langages* n°. 81, pp. 111-120.
- COOK**, Vivian (2001). “Differences between Speech and Writing”, <http://privatewww.essex.ac.uk/~vcook/LG645-3.htm>, consultado em 12 de Novembro de 2002.
- COSERIU**, Eugénio (1967). “Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar”, *Teoria del lenguaje y Lingüística general*, Madrid, Gredos, pp. 282-283.
- COSNIER**, J. e C. **KERBRAT-ORECCHIONI** (dir.) (1987). *Décrire la conversation*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- COSNIER**, J., A. **BERRENDONNER**, J. **COULON** e C. **KERBRAT-ORECCHIONI** (1982). *Les Voies du langage Communications verbales gestuelles et animales*, Paris, Dunod.
- COSNIER**, J., N. **GELAS** e C. **KERBRAT-ORECCHIONI** (dir.) (1988). *Échanges sur la conversation*, Lyon, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Centre Régional de Publication de Lyon.
- COSNIER**, Jacques (1984). “La psychanalyse, le langage et la communication”, *Psychothérapies* 4, pp. 212-221.
- COSNIER**, Jacques (1987). “L’éthologie du dialogue”, C. **KERBRAT-ORECCHIONI** e C.

- COSNIER (ed.), *Décrire la conversation*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp. 291-316.
- COSTE**, Daniel (1991). “Genres de textes et modes discursifs dans l’enseignement/apprentissage des langues”. *Études de Linguistique Appliquée*, juillet-septembre, pp. 75-88.
- COULMAS**, Florian (1981a). “Introduction”, F. Coumas (ed.), *Conversational Routine, Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague Mouton Publishers, pp. 1-18.
- COULMAS**, Florian (1981b). “Poison to your soul! Thanks and apologies contrastively reviewed”, *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague Mouton Publishers, pp. 69-92.
- COULMAS**, Florian (ed.) (1981). *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague Mouton Publishers.
- COULMAS**, Florian (ed.) (1986). *Direct and indirect speech*, Berlim, Mouton de Gruyter.
- COULMAS**, Florian (ed.) (1998). *The handbook of sociolinguistics*, London, Routledge.
- COULON**, A. (1987). *L’ethnométhodologie*, Paris, Presses Universitaires de France.
- COULSON**, S. (1995). *Analogic and metaphoric mapping in blended spaces*. Center of Research in Language Newsletter, 9: 1, pp 2-12.
- COULTER**, J. (1991). “Logic: Ethnomethodology and the logic of language”, G. BUTTON, (dir.) *Ethnomethodology and the human sciences*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 20-50.
- COULTHARD**, M. e **MONTGOMERY** (dir.) (1981). *Studies in Discourse Analysis*, London, Routledge and Kegan Paul.
- COUPLAND**, Justine (2003). *Small Talk*, London, Longman.
- COUPLAND**, Nikolas *et alii* (1983). “*Miscommunication*” and *Problematic Talk*, London, Sage Publication.
- COUPLAND**, Nikolas, Karen **GRAINGER** e Justine **COUPLAND** (1998). “Politeness in context: Intergenerational Issues”, *Language in Society*, Vol. 17, n°. 2, pp. 253-262.
- COURSIL**, J. (1975). “Pratique discursive et actes illocutionnaires la pratique du reproche”, *Études de linguistique appliquée*, 19, juillet-septembre, pp. 83-95.
- COUTINHO**, Maria Antónia (1999). *Texto(s) e Competência Textual*, Dissertação de Doutorado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- CULIOLI**, A. (1990). *Pour une linguistique de l’Énonciation - Opérations et représentations* (Tome 1), Paris, Ophrys.
- CULIOLI**, A. (1999a). *Pour une linguistique de l’Énonciation - Formalisation et opérations et repérages*

(Tome 2), Paris, Ophrys.

CULIOLI, A. (1999b). *Pour une linguistique de l'Énonciation - Domaine notionnel* (Tome 3), Paris, Ophrys.

CULIOLI, A. e **L. PRIETO** (1967). “La communication verbale”, P. ALEXANDRE (dir.) *L'homme et les autres - L'aventure humaine - Encyclopédie des sciences de l'homme*, Grange Batelière, Paris, Kister, Genève, pp. 65-73.

CUNHA, Celso e **Luís F. LINDLEY CINTRA** (1987). *Nova Gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 4ª. Edição.

DAMBRE, Denis (2000). “Le remerciement entre politesse et reconnaissance. (Réflexions sur l'utilisation du merci en français, en allemand et en mooré)”, *Les Langues Modernes, La Politesse*, pp. 20-23.

DANNEQUIN, Claudine (1982). “Prise du Pouvoir et Pouvoir de la Parole au Cours d'une Discussion chez les Enfants de Cinq-Six Ans”, *Études de Linguistique Appliquée*, n°. 46, avril-juin, pp. 33-57.

DASCAL, M. (1977). “Conversational relevance”, *Journal of Pragmatics*, 1, pp. 309-327.

DASCAL, M. (dir.) (1985). *Dialogue: an inter-disciplinary approach*, Amsterdam, John Benjamin, Pragmatics and Beyond, Companion Series.

DAUNAY, Bertrand (1997). “La paraphrase dans le commentaire littéraire», *Pratiques* n°. 95, septembre, Université de Metz, pp. 97-125.

DAVIDSON, D. (1975). “Thought and talk”, S. GUTTENPLAN, (dir.) *Mind and Language*, Oxford, Clarendon Press, pp. 7-23.

DAVIDSON, D. (1985). “Communication and convention”, M. DASCAL (dir.) *Dialogue: an inter-disciplinary approach*, Amsterdam, John Benjamin, Pragmatics and Beyond, Companion Series, pp. 11-26.

DAVIS, M. E. (1982). *Interaction, Rythms, Periodicity, in Communicative Behavior*, New York, Glurnan Sciences Pven.

DAVIS, P. W. (1973). *Modern Theories of Language*, New Jersey Prentice-Hall, Englewood Cliffs.

DAVITZ, J. R. (1964). *The communication of emotional meaning*, New York, McGraw-Hill.

DAVITZ, J. R. (1969). *The language of emotion*, New York, Academic Press.

DE BONO, E. (1972). *Beyond Yes and No*, Harmondsworth, Penguin Books.

DE FORNEL, Michel (1986). “Socio-Pragmatique des pronoms Personnels et inférence Conversationnelle”, *Études de Linguistique Appliquée*, n°. 63, juillet-septembre, pp. 23-39.

DE FORNEL, Michel (1989). “Rituel et sens du rituel dans les échanges conversationnels”, Isaac JOSEPH *et alii*, *Le parler frais d'Erving Goffman*, Paris, Minuit, pp. 180-195.

- DE FORNEL**, Michel (1995). “Processus de Contextualisation et Interaction Verbale”, Danièle VERONIQUE & Robert VION (eds.), *Modèles de l'Interaction Verbale*, Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence, pp. 127-145.
- DE FORNEL**, Michel e P. **L'HEUREUX-BOURON** (1980). “Quelques remarques sur le rituel et les actes de langage”, *Semantikos*, vol. 4, 2, pp. 55-77.
- DE GROOT**, A. D. (1969). *Methodology: Foundations of inference and research in the behavioral sciences*, Paris, The Hague Mouton.
- DE PIETRO**, Jean-François e Martine **WIRTHNER** (1996). “Oral et écrit dans les représentations des enseignants et dans les pratiques quotidiennes de la classe de français”, *TRANEL n.º 25*, “Discours oraux-discours écrits: quelles relations?” Actes du 4ème colloque d'Orthophonie/Logopédie, décembre, Institut de Linguistique, Université de Neuchâtel, Suisse, pp. 29-49.
- DE SALINS**, Geneviève-Dominique (2002). *Une approche ethnographique de la communication*, Paris, Hatier/Didier.
- DEBRAY**, Régis (1979). *Transmettre*, Paris, Éditions Odile Jacob.
- DEBRAY-GENETTE**, Raymonde e Jacques **NEEFS** (dir.) (1987). *Romans d'archives*, Lille, Presses Universitaires de Lille.
- DECHAUX**, Jean-Hugues (1997). *Le Souvenir des morts. Essai sur le lien de filiation*, Paris, Presses Universitaires de France.
- DELEUZE**, Gilles (1970). *Nietzsche et la Philosophie*, Paris, Presses Universitaires de France.
- DETRIE**, Catherine (2001). *Du sens dans le processus métaphorique*, Paris, Honoré Champion.
- DIAS**, Paulo (2000a). “Hipertexto, hipermedia e media do conhecimento: representação distribuída e aprendizagens flexíveis e colaborativas na web”, *Revista Portuguesa de Educação* 13-(1), pp. 141-167
- DIAS**, Paulo (2000b). “Estilos e estratégias na Internet/Web: dimensões de desenvolvimento das comunidades de aprendizagem”, Comunicação apresentada no Seminário Internacional CANTED 2000 / *Viagens Virtuais*, Lisboa, Universidade Aberta, 10-12 Janeiro.
- DÍAZ PÉREZ**, Francisco Javier (2003). *La cortesía verbal en inglés y en español. Actos de habla y pragmática intercultural*, Jaén, Universidad de Jaén.
- DILLER**, A. M e F. **RÉCANATI** (dir.) (1979). *La Pragmatique*, numéro thématique de *Langue française*, 42.
- DILLER**, A. M. (1984). *La pragmatique des questions et des réponses*, Günter Narr Verlag, Tübingen.
- DILLER**, Anne-Marie (1991). “Cohérence Métaphorique, Action Verbale et action mentale en français”, *Sémantique Cognitive* n.º. 53, pp. 209-228.

- DISPAUX, G.** (1984). *La logique et le quotidien - Une analyse dialogique des mécanismes d'argumentation*, Paris, Minuit.
- DOUBROSKY, Serge** (1966). *Pourquoi la Nouvelle Critique*, Paris, Denoël/Gonthier.
- DREW, P. e J. HERITAGE** (1992). *Talk at work: interaction in institutional settings*, Cambridge, Cambridge University Press.
- DREW, P. e A. WOOTON** (1988). *Erving Goffman. Exploring the Interaction order*, Cambridge, Polity Press.
- DUARTE, Inês** (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta.
- DUARTE, Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira** (2003). *O Relato de Discurso na Ficção Narrativa. Contributos para a Análise da Construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Humanas e Sociais.
- DUBOIS, Jacques e J. SUMPFF** (1969). “Problèmes de l’analyse du discours”, *Langages*, 13, pp. 3-7.
- DUBOIS, Jacques** (1978). *L’institution littéraire*, Bruxelles, Nathan-Labor.
- DUBOIS, Jacques** (1992). “L’institution du texte”, *La Politique du texte. Enjeux sociocritiques*, Jacques NEEFS et Marie-Claire ROPARS (dir.), Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 125-144.
- DUBOIS, Jacques e Pascal DURAND** (1988). “Champ littéraire et classes de textes”, *Littérature*, vol. LXX, mai, pp. 395-406.
- DUCHET, Claude** (1979). *Sociocritique*, Paris, Nathan.
- DUCHET, Michèle e Jean ROUSSEAU** (ed.) (1992). “L’inscription des langues dans les relations de voyage: XVI^e et XVIII^e siècles” *Actes du Colloque à Fontenay-aux-Roses* (décembre 1988), Saint-Cloud, École Normale Supérieure de Fontenay-Saint-Cloud, pp. 65-66.
- DUCROT, O e J.-M. SCHAEFFER** (1999). *Nouveau Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Paris, Le Seuil.
- DUCROT, O.** (1972). “Implicite et présupposition”, *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*, Paris, Hermann, pp 1-24.
- DUCROT, O.** (1984). *Le dire et le dit*, Paris, Editions de Minuit.
- DUCROT, O. e T. TODOROV** (1972). *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, Paris, Le Seuil.
- DUCROT, O. e T. TODOROV** (1991). “Géneros Literários”, *Dicionário das Ciências da Linguagem*, Lisboa, Publicações D. Quixote, pp. 187-207.
- DUCROT, O. et alii** (1980). *Les mots du discours*, Paris, Editions de Minuit.

- DUNCAN, S. e W. F. FISKE** (1977). *Face to face interaction*, New York, John Wiley & Sons.
- DUNCAN, S. e W. F. FISKE** (1985). *Interaction Structure and Strategy*, Cambridge/Paris, Cambridge University Press/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- DURANTI, A.** (1997). *Linguistic Anthropology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- EBEL, M. e P. FIALA** (1981). “La situation d'énonciation dans les pratiques argumentatives”, *Langue française*, 50, mai, pp. 53-74.
- ECO, Umberto** (1977). *Tratado de Semiótica General*, Barcelona, Lúmen.
- EDMONSTON, W.** (1981). *Spoken Discourse. A model for Analysis*, London, Longman.
- ELIADE, Mircea** (1963). *Aspects du mythe*, Paris, Gallimard.
- ELUERD, R.** (1985). *La pragmatique linguistique*, Paris, Nathan.
- EMIHOVICH, Catherine** (1981). “The Intimacy of adress: friendship markers in children's social play”, *Language in Society*, Vol. 10, pp. 189-199.
- ENNINGER, W. e J. RAITH** (1982). *An ethnography of communication. Approach to ceremonial situations*, Wiesbaden, Steiner Verlag.
- ERMAN, B.** (1987). *Pragmatic Expressions in English: A study of YOU KNOW, YOU SEE and I MEAN in face-to-face conversation*, Stockholm, Sweden, Almqvist & Wiksell International.
- ESCARPIT, R.** (1976). *Théorie générale de l'information et de la communication*, Paris, Hachette.
- ESPUNY, J.** (1997). *Étude de la diaphonie dans les dialogues en face à face*, Barcelona, Publicación Universitat de Barcelona.
- ESPUNY, J.** (2001). “El contenido del interlocutor cuando se toma la palabra, y otras funciones de la diafonía en el cara a cara”, Hugo MARI, Ida Lúcia MACHADO & Renato de MELLO (org.), *Análise do discurso: fundamentos e práticas*, Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, pp. 289-312.
- EVARD, Franck** (1997). *La Nouvelle*, Paris, Le Seuil.
- FAUCONNIER, G.** (1997). *Mappings in Thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, Gilles & Mark TURNER** (1996). “Blendind as a central process of grammar”. A. Goldberg (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, Stanford, Center of Study of language and Information.
- FAWCETT, R. P.** (1980). *Cognitive Linguistics and Social interaction: towards an integrated model of a systemic functional grammar and the other components of a communicating mind*, Heilderberg/Exeter, Julius Groos Verlag/ University of Exeter, Exeter Linguistic Studies 3.
- FERGUSON, Charles** (1971). *Language structure and language use*, Standford, California, Standford University Press.

- FERGUSON**, Charles (1976). “The Structure and use of Politeness formulas”, *Language in Society*, Vol. 5, n.º. 1, pp. 137-151.
- FERGUSON**, Frances (1981). “Interpreting the Self Through Letters”, *Centrum*, vol. I, pp. 107-113.
- FERIN**, Isabel (2002). *Comunicação e culturas do quotidiano*, Lisboa, Quimera.
- FERNÁNDEZ TOLEDO**, Piedad (2000). “Contexto Pragmático, Géneros y Comprensión lectora de resúmenes científicos en inglés”, *Anales de Documentación*, n.º. 3, pp. 41-53.
- FERNANDEZ**, M. M. J. (1987). *Le discours des Sames. Oralités, contrastes, énonciation*, Paris, Didier érudition.
- FILLOL**, Véronique (1998). *Vers une sémiotique de l'énonciation, Du lieu commun comme stratégie et des formes et/ou formations discursives comme lieux communs de l'énonciation (dans la presse féminine)*, Université de Toulouse Le Mirail, Département des Sciences du Langage.
- FIRTH**, A. (1995). *The discourse of negotiation: studies of language in the workplace*, Oxford, Pergamon.
- FISHER**, S. (1999). *Énonciation. Manières et territoires*, Paris, Ophrys.
- FLAHAULT**, F. (1978). *La parole intermédiaire*, Le Seuil, Paris.
- FLAHAULT**, F. (1987). *La scène de ménage*, Paris, Denoël.
- FONSECA**, Fernanda Irene (1992a). *Deixis, tempo e narração*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida.
- FONSECA**, Fernanda Irene (1992b). *Vergílio Ferreira: A celebração da palavra*, Coimbra, Livraria Almedina.
- FONSECA**, Fernanda Irene (1994). *Gramática e Pragmática, estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, Porto, Porto Editora.
- FONSECA**, Fernanda Irene (1996). *A escrita: do gesto ao texto*. Lição de síntese para as provas de Agregação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FONSECA**, Fernanda Irene e Joaquim **FONSECA** (1977). *Pragmática Linguística e ensino do português*, Coimbra, Livraria Almedina.
- FONSECA**, Joaquim (1992). *Linguística e texto/discurso – teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- FONSECA**, Joaquim (1994). *Pragmática linguística. Introdução, teoria e descrição do português*, Porto, Porto Editora.
- FONSECA**, Joaquim (1996). “O discurso de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo – o *Diálogo P*”, *Revista da Faculdade de Letras do Porto- Línguas e Literaturas*, Porto, Vol. XIII, pp. 87-145.
- FONSECA**, Joaquim (2001). *Língua e Discurso*, Porto, Porto Editora.

- FOUCAULT**, Michel (1966). *Archéologie du savoir*, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT**, Michel (1966). *Les mots et les choses, une archéologie des sciences humaines*, Paris, Gallimard.
- FOURNIER**, Jean-Yves (1998). “Les apports de l’Analyse Transactionnelle à la Communication”, *La Communication, États des Savoirs*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, pp. 221-230.
- FOWLER**, R. *et alii* (1979). *Language and control*, London, Routledge and Kegan Paul.
- FRADIN**, B. e J.-M. **MARANDIN** (1979) “Autour de la définition: de la lexicographie à la sémantique”, *Langue Française* n°. 43, pp. 60-80.
- FRANÇOIS**, A. (1973). “André Haudricourt, linguiste: Le langage traité comme fait social”, *La Pensée* 171, septembre-octobre, pp. 24-36.
- FRANÇOIS**, F. (dir.) (1983). *J’cause français, non?*, Paris, La Découverte-Maspéro.
- FRANÇOIS**, F. *et alii* (1990). *La communication inégale. Heurs et malheurs de l’interaction verbale*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- FRASER**, B. (1980). “Conversational Mitigation”, *Journal of Pragmatics*, IV-4, pp. 341-350.
- FREY**, S. *et alii* (1984). “Analyse intégrée du comportement non verbal et verbal dans le domaine de la communication”, J. COSNIER e BROSSARD (dir.) *La communication non verbale*, Delachaux et Niestlé, pp. 145-227.
- FRIEDMANN**, G. (1963). “L’École et les communications de masse: opinions, documents, débats”, *Communications*, n°. 2, pp. 123-133.
- FRIEDMANN**, G. (1965). “La sociologie des communications de masse”, *Revue de l’enseignement supérieur*, n°. 1-2, pp. 61-70.
- FROMKIN**, V. A. (dir.) (1973). *Speech errors as linguistic evidences*, The Hague, Mouton.
- FUCHS**, C. (1981). “Les problématiques énonciatives: esquisse d’une présentation historique et critique”, Dans le champ pragmatico-énonciatif. *Cahiers du DRLAV*, 25, pp. 35-60.
- GADET**, Françoise (1996). “Une distinction bien fragile: oral/écrit”, *TRANEL: Discours oraux-discours écrits: quelles relations? Actes du 4ème Colloque d’Ortophonie/Logopédie*, Neuchâtel, Institut de Linguistique de l’Université de Neuchâtel, pp. 13-27
- GAMBIER**, Y. (1988). “Interaction et conversation: en guise d’introduction”, *Cahiers de linguistique sociale* 13, pp. 19-100.
- GARCÉS CONEJOS**, P. (1995). “Revisión crítica de algunos de los postulados de la teoría de la cortesía lingüística propugnada por Brown & Levinson”, C. HÉRNANDEZ, B. LÉPINETTE e M. PÉREZ (ed.) *Aspectes de la reflexió i de la praxi interlingüística*, Valencia, Universitat de Valencia.

- GARCIA-DEBANC**, Claudine (1989). “Le tri de Textes: Mode d’Emploi”, *Pratiques* n°. 62, juin, Université de Metz, pp. 3-52.
- GARDES-MADRAY**, F. (1984). “Praxématique et interaction verbale”, *Langages*, 74, juin, pp. 15-30.
- GARDINER**, A. H. (1932). *The Theory of Speech and Language*, Oxford Clarendon Press (tradução francesa: *Langage et acte de langages*, Lille, Presses Universitaires de Lille).
- GARFINKEL**, H. (1967). *Studies in Ethnomethodology*, New-Jersey, Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- GARFINKEL**, H. (1974). “The origin of the term ‘ethnomethodology’”, R. TURNER (dir.) *Ethnomethodology*, Penguin Book, Harmondsworth, pp. 15-18.
- GARMADI**, J. (1981). *Sociolinguistique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- GAZDAR**, G. (1979). *Pragmatics: implicature, presupposition and logical form*, New York, Academic Press.
- GENETTE**, G. *et alii* (1986). *Théorie des Genres*, Paris, Le Seuil.
- GEOFFROY**, Christine (2000). “La politesse des autres. Regards croisés franco-anglais sur quelques éléments de politesse”, *Les Langues Modernes, La Politesse*, pp. 41-51.
- GHILLIONE**, Rodolphe (1986). *L’Homme Communicant*, Paris, Armand Colin.
- GIBBS**, R. W. (1999). *Intentions in the experience of meaning*, Cambridge: Cambridge University Press.
- GIGLIOLI**, P. P. (1972). *Language and social context*, Penguin Books Penguin Modern Sociology Readings, Harmondsworth.
- GILES**, H., K. R. **SHERER** e D. M. **TAYLOR**. (1979). “Speech markers in a social interaction” K. R. SHERER e H. GILES (ed.) *Social Markers in speech*, Cambridge, Cambridge University Press, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, pp. 343-381.
- GOFFMAN**, E. (1963). *Behavior in public places*. New York, The Free Press of Glencoe.
- GOFFMAN**, Erving (1973a). *La mise en scène de la vie quotidienne, 1. La présentation de soi*, Paris, Éditions de Minuit.
- GOFFMAN**, Erving (1973b). *La mise en scène de la vie quotidienne, 2. Les relations en public*, Paris, Éditions de Minuit.
- GOFFMAN**, Erving (1974). *Les rites d’interaction*, Paris, Éditions de Minuit.
- GOFFMAN**, Erving (1987). *Façons de parler*, Paris, Éditions de Minuit, coll. Le sens commun.
- GOLOPENTJA**, S. (1988). “Interaction et histoire conversationnelles”, J. COSNIER, N. GÉLAS e C. KERBRAT-ORECCHIONI (eds), *Échanges sur la conversation*, Paris, Éditions du CNRS, pp. 69-81.

- GOODWIN, C.** (1979). “The Interactive Construction of a Sentence in Natural Conversation”, G. PSATHAS, (dir) *Everyday language - Studies in Ethnomethodology*, New York, Irvington Publishers, pp. 97-122.
- GOODWIN, C.** (1984). *Conversational organisation: interaction between speakers and hearers*, New York, Academic Press.
- GOODWIN, M. H.** (1990). *He said-she said: talk as social organization among black children*, Bloomington, Indiana University Press.
- GOODY, E. N.** (dir.) (1978). *Questions and politeness. Strategies in social interaction*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, J.** (1979). *La Raison graphique: la domestication de la pensée sauvage*, Paris, Éditions de Minuit.
- GOODY, J.** (1987). *The Interface between the Written and the Oral*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, Jack** (1974). “Against ritual: loosely structured thoughts on a loosely defined topic”, Moore Sally F. & Barbara G. Myerhoff (ed.s), *Secular ritual*, Amsterdam, Van Gorcum, pp. 25-35.
- GOULET, Alain** (1998). “L’écriture de soi comme dialogue”, *Actes du Colloque de Caen* (24-25 janvier 1997), Caen, Presses Universitaires de Caen.
- GRANDCOLAS, Bernardette** (2000). “Comment peut-on enseigner la politesse en langue étrangère?”, *Les Langues Modernes, La Politesse*, pp. 52-60.
- GREIMAS, Algirdas Julien & Joseph COURTES** (1979). *Sémiotique. Dictionnaire Raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette.
- GRESILLON, A.** (1981). “Interrogation et interlocution”, *DRLAV*, 25, pp. 61-75.
- GRICE, H. P.** (1975). “Logic and Conversation”, P. COLE, e J.L. MORGAN (eds), *Syntax and Semantics*, Vol. III, New York, N.Y Academic Press, pp. 41-58.
- GRICE, H. P.** (1979). “Logique et conversation”, *Communication*, 30, pp. 57-72 (tradução francesa de GRICE, H.-P. “Logic and conversation”, *Speech Act*, 1975, New-York, pp. 41-48).
- GRIMAUD, Michel** (1989). “Les appellatifs dans le discours. “madame”, “Mademoiselle”, “Monsieur” avec et sans nom propre”, *Le Français Moderne*, 172, pp. 54-78.
- GRIMES, J.** (1976). *The Thread of Discourse*, The Hague, Mouton.
- GRIZE, J. B** (1997). *Logique et langage*, Paris, Ophrys.
- GRIZE, J.B.** (1982). *De la logique à l’argumentation*, Genève, Librairie Droz.
- GRIZE, J. B.** (1996). *Logique naturelle et communication*, Paris, Presses Universitaires de France.

- GRUNIG, B. N. e R. GRUNIG** (1979). *La fuite du sens. Construction du sens dans l'interlocution*, Paris, Hatier-Crédif.
- GRUNIG, B. N.** (1979). "Pièges et illusions de la pragmatique linguistique", *Modèles linguistiques*, 1-2, Presses Universitaires de Lille, pp. 7-38.
- GRUNIG, B. N.** (1981). "Plusieurs pragmatiques", *DRLAV*, n°. 25, pp. 101-118.
- GSCHWIND-HOLTZER, G.** (1981). *Analyse sociolinguistique de la communication et didactique. Application à un cours de langue: De vive voix*, Paris, Crédif-Hatier.
- GUEDON, Jean-Claude** (2001). *Internet, le monde en réseau*, Paris, Édition Découvertes, Gallimard Techniques.
- GUESPIN, L.** (1984). "Interaction verbale et catégorisation dans l'entretien", *Langages*, 74, juin, pp. 47-92.
- GUIRAUD, P.** (1968). "Langage et théorie de la communication", A. MARTINET, (dir.) *Le langage, Encyclopédie de la Pléiade*, (ed. 1982) pp. 145-168.
- GUITTET, A.** (1983). *L'entretien*, Paris, Armand Colin.
- GULICH, E.** (1990). "L'approche ethnométhodologique dans l'analyse du français parlé", M. CHAROLLES, S.FISHER e J. JAYEZ (dir.) *Le discours. Représentations et interprétations*, Nancy, Presses Universitaires de Nancy, pp. 71-109.
- GULICH, E.** (1991). "Pour une ethnométhodologie linguistique. Description des séquences conversationnelles explicatives", DAUSENSCHON-GAY, U. GULICH e E. KRAFFT (dir.) *Linguistische Interaktionsanalysen*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen.
- GUMPERZ, J. J.** (1982). *Discourse strategies. Studies in Interactional Sociolinguistics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GUMPERZ, J. J.** (1989). *Engager la conversation. Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*, Paris, Editions de Minuit.
- GUMPERZ, J. J.** (dir.). (1982). *Language and Social Identity*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GUMPERZ, J. J. e D. H. HYMES**, (1972). *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*, New York, Holt, Rinehart and Winston.
- GUNTER, R.** (1974). *Sentences in dialogue*, Columbia, South Carolina, Hornbeam Press.
- GUSDORF, Georges** (1991). *Les Écritures du Moi*, Vol. 1, Paris, Éditions Odile Jacob.
- HABERMAS, Jürgen** (1986). *Morale et communication*, Paris, Éditions du Cerf.
- HABERMAS, Jürgen** (1987). *Théorie de l'agir communicationnel*, Paris, Fayard.
- HAILLET, Pierre Patrick** (1998). "Le conditionnel d'Altérité Énonciative et les Formes du discours Rapporté dans la Presse Écrite", *Pratiques* n°. 100, décembre, pp. 63-79

- HALL, Edward T. (1971). *La dimension cachée*, Paris, Le Seuil.
- HALLIDAY, M. A. K. (1978). *Language as social semiotic. The social interpretation of language and meaning*, London, Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K. (1989). *Spoken and Written Language*, Oxford, Oxford University Press.
- HALLIDAY, M. A. K. (1994). “Spoken and written modes of meaning”, *Media Texts: Authors and Readers*, London, Open University Press, pp. 51-73.
- HALLIDAY, M. A. K & R. HASAN (1989). *Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective*, Oxford, Oxford University Press.
- HALLIDAY, M. A. K. & R. HASAN (2000). “System and Text: Making Links”, *Text*, 20 (2), pp. 201-210.
- HAMILTON, Edith (1991). *A Mitologia*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- HAMMERMÜLLER, Günther (1980). “Você é estrebaria”, *Iberoromania*, 12, pp. 30-40.
- HARWEG, R. (1987). “Remarks on the topology and kinematics of speech and writing”, *Semiotica*, 63, 3-4, pp. 253-267.
- HAVE, P. ten (1999). *Doing Conversation Analysis. A practical guide*, London, Sage Publications.
- HAVE, P. ten e G. PSATHAS (1995). *Situated order: studies in the social organization of talk and embodied activities*, Washington DC, University Press of America.
- HAVERKATE, Henk (1990). *La cortesía verbal. Estudio pragmalingüístico*, Madrid, Editorial Gredos.
- HELD, G. (1992). “Politeness in linguistic research”, R. J. WATTS, S. IDE e K. EHLICH (ed.), *Politeness in language. Studies in History, theory and Practice*, Berlim, Moutonde Gruyter, pp. 131-153.
- HERITAGE, J. (1984). *Garfinkel and ethnomethodology*, London, Polity Press.
- HERITAGE, J. (1997). “Conversation analysis and institutionnal talk: analysing data” SILVERMAN, D. (dir.) *Qualitative research: theory, method and practice*, London, Sage Publisher, pp. 161-182.
- HERITAGE, J. e R. WATSON (1979). “Formulations as conversational objects”, PSATHAS, G. (dir.), *Everyday Language. Studies in ethnomethodology*, New York, Irvington, pp. 123-162.
- HERTZLER, J. (1965). *A Sociology of Language*, New York, Random House.
- HOLMES, J. (1995). *Women, Men and Politeness*, London, Longman.
- HOROWITZ, R. e S. J. SAMUELS (1987). “Comprehending Oral and written language”, R. Horowitz e S. J. Samuels (ed.s) *Comprehending Oral and written language*, San Diego: Academic Press, pp. 1-52.

- HOUTKOOP, H.** (1987). *Establishing Agreement*, Foris, Dordrecht.
- HOWE, C.** (1981). *Acquiring language in conversational context*, London, Academic Press.
- HOWLAND, John W.** (1991). *The Letter Form and the French Enlightenment. The Epistolary Paradox*, New York, Peter Lang, coll. “American University Studies”, vol. II, n°. 126.
- HUB FARIA, Isabel** (1992). *Para a análise da variação sócio-semântica*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- HUB FARIA, Isabel** (org.).(1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- HULL R. e L. J. PETER** (1970). *Le Príncipe de Peter. Ou Pourquoi tout va toujours mal*, Paris, Stock.
- HUTCHBY, I. e WOOFFITT** (1998). *Conversation analysis: principles, practices and applications*, Oxford, Polity Press.
- HYMES, D.** (1974). “Anthropology and Sociology”, *Current Trends in Linguistics*, T. SEBEOK (ed.) vol. 12, *Linguistics and Adjacent Sciences*, Paris, La Haye Mouton.
- HYMES, D. H** (1974). *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- HYMES, D. H** (1983). *Essays in the History of linguistic Anthropology*, Amsterdam, John Benjamins Publishing.
- HYMES, D. H.** (1984). *Vers la compétence de communication*, Paris, Hatier-Crédif.
- HYMES, D. H.** (dir.) (1964). *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*, New York, Harper and Row.
- ILLITCH, I.** (1973). *La convivialité*, Paris, Le Seuil.
- ISAACS, Ellen A. e Clark H HERBERT** (1990). “Ostensible Invitations”, *Language in Society*, Vol. 19, pp. 493-509.
- JACQUES, F.** (1981a). “Les conditions dialogiques de la compréhension”, J. BOUVERESSE, e H. PARRET, (dir.) *Meaning and understanding*, Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 353-386.
- JACQUES, F.** (1982). *Différence et subjectivité: Anthropologie d'un point de vue relationnel*, Paris, Aubier.
- JACQUES, F.** (1985a). *L'espace logique de l'interlocution*, Paris, Presses Universitaires de France.
- JACQUES, F.** (1985b). “Du dialogisme à la forme dialoguée: sur les fondements de l'approche pragmatique”, M. DASCAL (dir.), *Dialogue: an inter-disciplinary approach*, Amsterdam, John Benjamin, Pragmatics and Beyond, Companion Series, pp. 27-56.
- JACQUES, F.** (1988). “Trois stratégies interactionnelles: conversation, négociation, dialogue”, J. COSNIER, N. GELAS et C. KERBRAT-ORECCHIONI, (dir.). (1988). *Échanges sur la*

conversation, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Centre Régional de Publication de Lyon, pp. 45-68.

JACQUES, F. (1991). “Consensus et conflit: une réévaluation”, H. PARRET, (dir.) *La Communication en paroles. Communication, consensus, rupture*, Liège Mardaga, pp. 97-123.

JACQUES, Francis (1979). *Dialogiques: Recherches logiques sur la dialogue*, Paris, Presses Universitaires de France.

JAKOBSON, R. (1963). “Linguistique et Poétique”, *Essais de Linguistique Générale*, Paris, Editions de Minuit, pp. 209-248. (Ed. Orig. (1960), “Concluding statement: linguistics and poetics” T.A. Sebeok (ed.), *Style in language*, Cambridge, Mass, M.I.T. Press, pp. 350-377).

JAKOBSON, R. (1975). “Linguística e Poética”, *Ensayos de Lingüística General*, Barcelona, Seix Barral, 347-395.

JAMES, W. (1968). *Le pragmatisme*, Paris, Flammarion.

JAUBERT, Anna (1990). *La lecture pragmatique*, Paris, Hachette.

JAUSS, H. R. (1978). *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard.

JEANNERET, T. (1991). “Fabrication du texte conversationnel et conversation pluri-locuteur”, *Cahiers de Linguistique française*, 12, pp. 83-102.

KATRIEL, T. e G. **PHILIPSEN** (1981). “What we need is communication: ‘communication’ as a cultural category in some American talk”, *Communication Monographs*, 48, pp. 301-317.

KATZ, E. e P. **LAZARSFELD** (1955). *Personal Influence*, Glencoe, The Free Press.

KENDON, A., R. M. **HARRIS** e M. R. **KEY** (dir.) (1975). *Organization of Behavior in Face-to-Face Interaction*, The Hague, Mouton.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1977). *La connotation*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980a). *L'énonciation - De la subjectivité dans le langage*, Paris, Armand Colin.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980b). *L'implicite*, Paris, Armand Colin.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1987). “La Mise en places”, J. Cosnier e C. KERBRAT-ORECCHIONI (dir.), *Décrire la Conversation*, Lyon, Prsres Universitaires de Lyon, pp. 319-352.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1990). *Les interactions Verbales*, Paris, Armand Colin, tome 1.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1992). *Les Interactions Verbales*, Paris, Armand Colin, tome 2.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1994). *Les Interactions Verbales*, Paris, Armand Colin, tome 3.

- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (1995). “Variations Culturelles et Universaux dans les Systèmes Conversationnels”, Danièle VERONIQUE & Robert VION (éds.), *Modèles de l'Interaction Verbale*, Aix-en-Provence, Publications de l'Université de Provence, pp. 97-111.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (1996). “L'Analyse des Conversations: Perspectives Actuelles”, *Le Français dans le Monde, Le Discours: Enjeux et perspectives*, juillet, pp. 30-38.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (1998a). “La Notion d'Interaction en Linguistique: Origine, Apports, Bilan”, *Langue Française* n°. 117, février, pp.51-67.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (1998b). “La notion de “négociation” en analyse des conversations. L'exemple des négociations d'identité.”. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, n°. 3, Presses Universitaires d'Orléans, pp. 13-33.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (2000). “Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XX^e siècle? Remarques et aperçus”, Christian PLANTIN, Marianne DOURY e Véronique TRAVERSO (dir.), *Les Émotions dans les Interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp. 33-74.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (2001). *Les Actes de Langage dans le discours, Théorie et fonctionnement*, Paris, Nathan Université.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine (dir.) (1991). *La question*, Presses Universitaires de Lyon.
- KERBRAT-ORECCHIONI**, Catherine e C. **PLANTIN** (dir.) (1995). *Le trilogue*, Presses Universitaires de Lyon.
- KINTSCH**, W. e T. A. **VAN DIK**, (1975). “Comment on se rappelle et on résume des histoires”, *Langages*, 40, pp. 98-116.
- KLAUS**, G. (1974). “La pragmatique comme discipline de la théorie de la connaissance”, *Recherches internationales à la lumière du marxisme*, 81, pp 75-124.
- KLEIBER**, G. (1982). “Les différentes conceptions de la pragmatique ou pragmatique, où es-tu?”, *L'information grammaticale*, n°. 12, janvier, pp. 3-8.
- KLEIBER**, G. (1993a). “Anaphore associative, pontage et stéréotypie”, *Linguisticae Investigationes*, XVII-1, pp. 35-82.
- KLEIBER**, G. (1993b). “L'anaphore associative roule-t-elle ou non sur des stéréotypes?”, C. PLANTIN, (ed), *Lieux Communs, Topoi, Stéréotypes, Clichés*, Paris, Éditions Kimé, pp. 355-371.
- KOCHMAN**, T. (1972). *Rappin' and stylin' out: communication in urban Black America*, Urbana/Chicago, University of Illinois Press.
- KOMTER**, M. L. (1991). *Conflict and cooperation in job interviews: a study of talk, tasks, and ideas*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- KRISTEVA**, J. (1968). “Le geste, pratique ou communication?”, *Langages*, 10, pp. 48-64.
- LABOV**, W. e **FANSHEL** (1977). *Therapeutic discourse - Psychotherapy as Conversation*, Academic

Press.

LABOV, William (1972). “The Study of Language in Its Social Context”, *Language and Social Context*, Pier Paolo Giglioli (ed.), pp. 283-307.

LAFONT, R. e F. **GARDÈS-MADRAY** (1976). *Introduction à l'analyse textuelle*, Larousse.

LAFONTAINE, J. S. (dir.) (1972). *The interpretation of ritual*, London, Tavistock Publications.

LAKOFF, Georges (1997). “Les Universaux de la Pensée Métaphorique: variations dans l'expression linguistique”, Catherine FUCHS e Stéphane ROBERT (ed.) *Diversité des Langues et Représentations Cognitives*, Paris, Ophirs, p. 168-182.

LAKOFF, Robin (1972). “Language in Context”, *Language*, 48, pp. 907-927.

LAKOFF, Robin (1973). “The Logic of Politenesse”, *Papers from the Eight Regional Meeting*, Chicago Linguistic Society, pp. 183-228.

LAKOFF, Robin (1975). “Language and Woman's Place”, *Language in Society*, n.º. 2, New York, Harper Colophon Books, pp. 45-80.

LANDOWSKI, Éric (1997). *Présences de l'Autre*, Paris, Presses Universitaires de France.

LANG-FELICITE, Annette, “Représentation et réalité de la politesse chez les adolescents”, *Les Langues Modernes*, La Politesse, 2000, pp. 24-32.

LANIGANAN, R. L. (1977). *Speech Act Phenomenology*, M. Nijhoff, The Hague.

LANSON, G. (1965). *Essais de méthode, de critique et d'histoire littéraire*, Paris, Hachette.

LANTIS, M. (1960). “Vernacular culture”, *American Anthropologist*, 62, pp. 202-216.

LAPA, M. Rodrigues (1984). *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 11^a. Edição.

LAPASSADE, G. (1991). *L'ethnosociologie*, Paris, Méridiens, Klincksieck.

LAPIERRE, J. W. (1988). *Le pouvoir politique et les langues*, Paris, Presses Universitaires de France.

LARGUECHE, E. (1983). *L'effet injure. De la pragmatique à la psychanalyse*, Paris, Presses Universitaires de France.

LARTHOMAS, Pierre (1990). “Mauvillon théoricien du style épistolaire” *Langue, Littérature du XVII^e et du XVIII^e siècle*, Paris, Ed. Sedes, pp. 477-485.

LATOUR, B. (1993). *La clef de Berlin et autres leçons d'un amateur des sciences*, Paris, La Découverte.

LATRAVERSE, F. (1987). *La pragmatique - histoire et critique*, Bruxelles, Pierre Mardaga.

LAURENDEAU, P. (1985). “La langue québécoise: un vernaculaire du français”, *Itinéraires et*

contacts de cultures, vol. 6, Paris - Québec, L'Harmattan, pp. 91-106.

LAURENDEAU, P. (1986). *Pour une linguistique dialectique - Étude de l'ancrage et de la parataxe énonciative en vernaculaire québécois*, Thèse de doctorat dactylographiée, Université de Paris VII.

LAURENDEAU, P. (1990a). "Vers une typologie des tendanciels discursifs", *Protée*, vol. 18, n° 2, pp. 125-133.

LAURENDEAU, P. (1990b). "Métalangage et matérialisme dialectique en linguistique énonciative", *Cahiers de praxématique*, n° 14, pp. 31-49.

LAURENDEAU, P. (1990c). "Percept, Praxie et langage", P. SIBLOT e F. MADRAY-LESIGNE (dir.), *Langage et Praxis*, Montpellier, Publications de la Recherche, Université de Montpellier, pp. 99-109.

LAURENDEAU, P. (1995) "Exclamation et parataxe en co-énonciation parlée", *Faits de langues*, n° 6, pp. 171-179.

LAURENDEAU, P. (1997). "Contre la trichotomie Syntaxe/sémantique/pragmatique", *Revue de Sémantique et de Pragmatique*, n° 1, Université Paris VIII et Université d'Orléans (France), pp. 115-131.

LAURENDEAU, P. (1998). "Théorie des opérations énonciatives et représentations: la référenciation", *Cahiers de Praxématique*, n° 31, pp. 91-114.

LAURENDEAU, P. (1999). "Thématisation et stabilisation notionnelle en co-énonciation parlée", C. GUIMIER (dir.) *La thématization dans les langues - Actes du Colloque de Caen*, 9-11 octobre 1997, Peter Lang, Sciences pour la communication, pp. 421-438.

LAVER, J. e S. HUTCHSON (dir.) (1972). *Communication in face-to-face interaction*, Harmondsworth, Penguin Books.

LAZAR, Judith (1992). *La Science de la Communication*, Paris, Presses Universitaires de France.

LEACH, E. R. (1976). *Culture and Communication: The Logic by which Symbols are Connected*, Cambridge, Cambridge University Press.

LEECH, G. (1983). *Principles of Pragmatics*, London, Longman.

LEECH, G. e J. STARTIVIK (1994). *A Communicative Grammar of English*. Harlow, Longman Group Limited.

LEEDS-HURWITZ, W. (1989). *Communication in everyday life*, Ablex, Norwood, New Jersey.

LEFEVREE, Henri (1961). *Fondements d'une sociologie de la quotienneté*, Paris, l'Arche.

LEGRAND, J. (1980). "Classes et rapports sociaux dans la détermination du langage", *La Pensée*, n° 209, pp. 22-35.

LEHMANN, Denis (1986). "Linguistique et Didactique: Pièces à Conviction", *Études de Linguistique Appliquée*, n° 63, juillet-septembre, pp. 6-15.

- LEHNERT, W. G.** (1978). *The Process of Question-Answering*, New Jersey, Lawrence Erlbaum, Hillsdale.
- LEITÃO, Maria Manuela Chambel** (1997). *A Expressão da Delicadeza – Situação de trabalho em grupo na aula de Português*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- LEITER, K.** (1980). *A Primer on Ethnomethodology*, New York, Oxford University Press.
- LEMAIRE, Paul Marcel** (1980). *Une philosophie du langage ordinaire*, Éditions de l'Université d'Ottawa.
- LEMARCHAND, Jacques** (1993). “Reprise et reformulation du discours d'autrui: les commentaires radiophoniques immédiats des interventions du Président de la République”, *Langage et Société*, Revue de la Maison des Sciences de l'Homme, n°. 64, juin, pp. 9-42.
- LEMIEUX, M. e H. CEDERGREN** (1985). *Les tendances dynamiques du français parlé à Montréal*, Québec, Office de la Langue Française, 2 tomes.
- LEMIEX, A.** (1976). *La communication par le langage*, Montréal et Paris, Éditions Paulines et A. D. E.
- LEON-MIEHE, Anne** (2000). “Lettre philosophique et littérature épistolaire: enjeux philosophiques de la lettre dans les Lumières françaises” <http://www.ac-rouen.fr/pedagogie/equipes/philosophie/archives/miehe.htm>, consultado em 5 de Junho de 2002.
- LEVINSON, Stephen C.** (1983). *Pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LEWIS, J. D. e R. SMITH** (1980). *American Sociology and Pragmatism*, Chicago, University of Chicago Press.
- LINDENFELD, J.** (1990). *Speech and Sociability at French Urban Marketplace*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- LINDLEY CINTRA, Luís Filipe** (1972). *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- LOHISSE, J.** (1969). *La communication anonyme*, U.C.L., Faculté des Sciences Économiques, Sociales et Politiques, Bruxelles, Éditions Universitaires.
- LOHISSE, Jean** (1998). *Les Systèmes de communication. Approche socio-anthropologique*, Paris, Armand Colin.
- LOHISSE, Jean** (2001). *La Communication, De la transmission à la Relation*, Bruxelles, De Boek Université.
- LONGACRE, R. E.** (1976). *An Anatomy of Speech Notions*, Lisse, Peter de Ridder Publisher.
- LOPES, Ana Cristina Macário** (1992). *Texto proverbial português, Elementos para uma análise semântica e pragmática*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Coimbra Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- LOPES**, Ana Cristina Macário (1994). “Semântica Lexical e Interpretação Textual”, *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Vol. II, Lisboa, Edições Colibri, pp. 445-470.
- LUNDQUIST**, L. (1980). *La cohérence textuelle: syntaxe, sémantique, pragmatique*, Kobenhavn, A. Busk.
- LUZZATI**, D. (1985). “Analyse périodique du discours”, *Langue Française*, 65, février, pp. 62-73.
- LYNCH**, M. (1985). *Art and artifact in laboratory science: a study of shop work and shop talk*, Routledge and Kegan Paul, London.
- LYNCH**, M. (1993). *Scientific practice and ordinary action: ethnomethodology and social studies of science*, Cambridge University Press, Cambridge.
- LYNCH**, M. e D. **BOGEN**, (1996). *The spectacle of history: speech, text, and memory at the Iran-Contra hearing*, Duke University Press, Durham, North Carolina.
- MAÇÃS**, Delmira (1976). “Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial”, *Biblos*, XLV, pp. 153-266.
- MACHADO**, Álvaro Manuel (org. e dir.) (1996). *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença.
- MACHADO**, José Pedro (1987). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1993). *Le Contexte de l'oeuvre littéraire*, Paris, Dunod.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1996a). *Les termes clés de l'analyse du discours*, Paris, Le Seuil.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1976). *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, Paris, Hachette Université.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1987). *Nouvelles tendances en analyse du discours*, Paris, Hachette Université.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1990). *Pragmatique pour le discours littéraire*, Paris, Bordas.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1992). “Le Tour Ethnolinguistique de l'Analyse du Discours”, *Langages* 105, *Ethnolinguistique de l'écrit*, n°. 105, mars, pp. 114-125.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1996b). “L'Analyse du Discours en France Aujourd'hui”, *Le Français dans le Monde*, Numéro Spécial, Les Discours, Enjeux et Perspectives, juillet, pp. 8-15.
- MAINGUENEAU**, Dominique (1998). *Analyser les textes de Communication*, Paris, Dunod.
- MAINGUENEAU**, Dominique e Frédéric **COSSUTTA** (1995). “L'Analyse des Discours Constituants”, *Langages* n°. 117, mars, pp. 112-125.
- MAISONNEUVE**, Jean (1988). *Les Conduites Rituelles*, Paris, Presses Universitaires de France.

- MALINOWSKI**, B. (1972). “Phatic Communion”, J. LAVER e S. HUTCHESON (dir.) *Communication in face-to-face interaction*, Penguin Books, Harmondsworth, pp. 146-152.
- MALINOWSKI**, Bronislaw (1959). “The problem of Meaning in primitive languages. The Meaning of Meaning”, C. K. OGDEN and I. A. RICHARDS ed., NY, Harcourt Brace and World (1923), pp. 296-336.
- MALINOWSKI**, Bronislaw (1964). “The dilemma of contemporary linguistics”, D. H. HYMES (ed.), *Language in Culture and Society. A Reader in Linguistic Anthropology*, New York, Harper and Row, pp.63-63.
- MANES**, Joan e Nessa **WOLFSON**, “The complement formula”, *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague Mouton Publishers, pp. 115-132.
- MANNING**, P. (1992). *Ervin Goffman and Modern Sociology*, Stanford, California, Stanford University Press.
- MARC**, Edmond e Dominique **PICARD** (1996). *L'École de Palo Alto – un nouveau regard sur les relations humaines*, Paris, Retz.
- MARI**, Hugo Ida Lúcia **MACHADO** & Renato de **MELLO** (org.), *Análise do discurso: fundamentos e práticas*, Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG.
- MARQUES**, Maria Aldina de Bessa Ferreira Rodrigues (2000). *Funcionamento do discurso parlamentar, A organização enunciativa no Debate de Interpelação ao Governo*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- MARQUES**, Maria Aldina de Bessa Ferreira Rodrigues (2002). “Conectores fáticos e construção da relação interlocutiva”, *Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Porto, 22-24 Novembro de 2001, vol. 2, pp. 31-39.
- MARQUES**, Maria Aldina de Bessa Ferreira Rodrigues (2003). “Renovação dos discursos – Novas formas de interação e legitimação dos interlocutores”, *Diacrítica*, n.º. 17-1, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, pp. 189-219.
- MARQUES**, Maria Emília Ricardo (1988). *Complementação Verbal. Estudo sociolinguístico* (Vols 1, 2, 3 e 4), Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- MARQUES**, Maria Emília Ricardo (1995). *Sociolinguística*, Lisboa, Universidade Aberta.
- MARQUES**, Maria Emília Ricardo (1998). “Linguagem e poder”, *Actas das Jornadas Interdisciplinares – Poder e Sociedade*, Vol. 2, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 367-383.
- MARQUES**, Maria Emília Ricardo (2003). *Português, Língua Segunda*, Lisboa, Universidade Aberta.
- MARQUILHAS**, Rita Braga (2004a). “O preço da ilegibilidade’. Nota em defesa das edições interpretativas, seguida da edição de cartas privadas e de cartas testemunhais portuguesas (séc. XVII)”, A. I. Boullón Agrelo (ed.), *Novi te ex nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof.*

- Dr. Dieter Kremer. La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 721-747.
- MARQUILHAS**, Rita Braga (2004b). “Traços distintivos, góticos e electrónicos”, A. Santamarina & R.Álvarez, *(Dis)cursos da escrita. Estudos de filoloxía galega ofrecidos en memoria de Fernando R. Tato Plaza*. La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 475-489.
- MATHIS**, Gilles (1998). *Le Cliché*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail.
- MCLAUGHLIN**, M. (1984). *How talk is organized*, Sage Publication, London.
- MCLUHAN**, Marshall (1968). *Pour comprendre les médias*, Paris, Le Seuil.
- MCLUHAN**, Marshall (1977). *La Galaxie Gutenberg*, Paris, Gallimard.
- MEDEIROS**, Sandi Michele de Oliveira (1985). *A model of adress form negotiation: a sociolinguistic study of continental Portuguese*, Austin, Texas, University of Texas.
- MEDEIROS**, Sandi Michele de Oliveira (1993). “Um modelo psico-sociolinguístico de formas de tratamento”, *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 330-342.
- MELO E SOUSA**, Henriqueta Maria de Medeiros Pereira (1997). *O romance Epistolar em Almeida Faria: o “Diálogo impossível”*, Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores.
- MELLO**, Cristina (1998). *O Ensino da literatura e a Problemática dos géneros Literários*, Coimbra, Livraria Almedina.
- METZING**, D. (1980). *Frame Conception and Text Understanding*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- MEUNIER**, Jean-Pierre e Daniel **PERAYA** (1993). *Introduction aux Théories de la Communication*, Bruxelles, De Boeck Université.
- MEY**, Jacob e L. **WHEN** (2000). *Voices Clash. A Study in Literary Pragmatics*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter.
- MICHEL-LOPEZ**, A. (1985). “Vous avez dit conversation?”, *Langue Française*, 65, février, pp. 74-79.
- MIEGE**, Bernard (1995). *La pensée Communicationnelle*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.
- MILLER**, G. A. (1963). *Language and Communication*, New York, McGraw-Hill.
- MIRA MATEUS et al.** (1989). *Gramática da Língua portuguesa*, Lisboa, Caminho (2ª. edição).
- MITCHELL**, K. (1981). “Illocutionary acts in a pedagogical description, the grammar of requests and offers, R. Richterich, H.G., Widdowson (eds.), *Description, présentation et enseignement des langues*, Paris, Hatier Crédif , pp. 103-119.
- MOERMAN**, M. (1988). *Talking culture: ethnography and conversation analysis*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

- MOESCHLER, J.** (1981). “Discours polémique, réfutation et résolution des séquences conversationnelles”, *Études de linguistique appliquée*, 44, octobre-décembre, pp. 40-69.
- MOESCHLER, J.** (1982). *Dire et contredire. Pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*, Peter Lang, coll. Sciences pour la communication, Berne/Francfort-sur-le-Main.
- MOESCHLER, J.** (1985). *Argumentation et conversation*, Paris, Hatier-Crédif.
- MOESCHLER, J.** (1993). “Aspects pragmatiques de la référence temporelle; indétermination, ordre temporel et inférence”, *Langages*, n° 112, Paris, Larousse, pp 39-54.
- MOIRAND, Sophie** (1982). *Enseigner à communiquer en langue étrangère*, Paris, Hachette.
- MOREL, Mary-Annick e Laurent DANON-BOILEAU (dir.)**(1992). *La deixis*, Colloque en sobonne (8-9 juin 1990), Paris, Presses Universitaires de France.
- MORENO J. L.** (1943). *Who shall survive*. Trad. franc., *Fondements de la sociométrie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1954.
- MORIER, Henri** (1981). *Dictionnaire de Poétique et Rhétorique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- MORRIS, C. W.** (1938). *Foundations of the Theory of Signs*, Chicago, Chicago University Press.
- MORRIS, C. W.** (1946). *Signs, language and behavior*, New York: Prentice-Hall.
- MORRIS, C. W.** (1971). *Writings on the general theory of signs*, Paris, The Hague Mouton.
- MUCCHIELI, Alex**, (1995). *Les Sciences de l'information et de la communication*, Paris, Hachette.
- MUCCHIELI, Alex**, (1998). “Les Modèles de la Communication», *La Communication, États des savoirs*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, pp. 65-78.
- MUCHEMBLED, R.** (1998). *La société policiée. Politique et politesse du XVI^e siècle au XIX^e siècle*. Paris, Le Seuil.
- MÜHLHAÜSLER, P. e R. HARRE** (1990). *Pronouns and People. The linguistic construction of personal identity*, Oxford, Basil Blackwell.
- MULLER, C.** (1945). “Phénomènes sociaux et linguistiques. Un cas démontrable de concordance entre phénomènes d'ordre social et phénomènes d'ordre linguistique”, *Word I*, pp. 121-131.
- MURRAY, M. E.** (1996). “The context of oral and written language. A framework for mode and medium switching”, *Language in Society*, 17 (3), pp. 35-173.
- NELSON, C. K.** (1994). “Ethnomethodological positions on the use of ethnographic data in conversation analytic research”, *Journal of Contemporary Ethnography*, 23, pp. 307-309.
- NERLICH, B. e D. CLARKE** (1999). *Champ, Schéma, Sujet: Les Contributions de BÜHLER, BARTLETT et BENVENISTE à une linguistique du texte*, *Langue Française*, n°. 121, février, pp. 36-55.

- NERLICH**, B. e David **CLARKE** (1996). *Language, Action and Context - the early history of Pragmatics in Europe and America 1780-1930*, Philadelphia Pennsylvania, John Benjamin, Studies in the History of the Language Sciences.
- NERLICH**, Brigitte (1986). *La Pragmatique - Tradition ou révolution dans l'histoire de la linguistique française*, Verlag Peter Lang, Studia Romanica et Linguistica 19, Frankfurt am Main.
- NOFSINGER**, R. E. (1991). *Everyday Conversation*, London, Sage Publisher.
- NORA**, Pierre (dir.) (1984-1992). *Les lieux de mémoire*, Paris, Gallimard.
- NORA**, Pierre (1997). *Science et conscience du patrimoine*, Paris, Fayard, Editions du Patrimoine.
- NORMANN** Charles (s/d). *Einstein et l'Univers. Une lueur dans le mystère des choses*, Paris, Librairie Hachette.
- NOWAKOWSKA**, M. (1973). *Language of motivation and language of actions*, Paris, The Hague, Mouton.
- NUCHEZE**, Violaine (1991). “Les Typologies à la lumière d'un genre hybride: le discours de recherche”, *Études de Linguistique Appliquée*, juillet-septembre, pp. 101-116.
- OCHS**, E. e B. **SCHIFFELIN** (dir.) (1979). *Developmental pragmatics*, New York, Academic Press.
- OCHS**, E., E. A. **SCHEGLOFF** e S. A. **THOMPSON** (dir.) (1996). *Interaction and Grammar*, Cambridge, Cambridge University Press.
- OLERON**, P. (1983). *L'argumentation*, Paris, Presses Universitaires de France.
- OLESKI**, W. (dir.) (1989). *Contrastive Pragmatics*, Armesterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- ONG**, W. (1982). *Orality and literacy: The Technologizing of the Word*. London, Methuen.
- ONIMUS**, J. (1970). *La communication littéraire*, Paris, Desclée de Brouwer.
- ORLIKOWSKI**, W. e J. **YATES**, (1998). “Genre systems: structuring interaction through communicative norms”, Cambridge, MA. MIT, http://ccs.mit.edu/wp_toc., consultado em 14 de Abril de 2003.
- OWEN**, M. (1983). *Apologies and Remedial Interchanges. A Study of Language Use in Social Interaction*, Berlin/New York/Amsterdam, Mouton.
- OZWALD**, Thierry (2000). *La Nouvelle*, Paris, Hachette.
- PAIS**, José Machado (2006). *Nos rastos da solidão. Deambulações sociológicas*, Porto Âmbar.
- PARRET**, H. (1976). “La Pragmatique des Modalités”, *Langages*, n°. 43, septembre, pp. 47-63.
- PARRET**, H. (1976). *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*, Berlin & New

York, W. de Gruyter.

PARRET, H. (1980). *Context of understanding*, Amsterdam, John Benjamin.

PAULSTON, Christina (1976). “Pronouns of Address in Swedish: Social Class Semantics and a Changing System”, *Language in Society*, Vol. 5, n.º. 1, pp. 359-386.

PECHEUX, M. (1990). *L'inquiétude du discours*, Paris, Éditions des Cendres.

PEDRO, Maria Emília Ribeiro (1993). “À volta dos diminutivos: Uma análise contrastiva entre o Português e o Inglês”, *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Outubro 1992, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 402-417.

PERELMAN, C. e L. **OLBRECHTS-TYTECA** (1958). *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*, Paris, Presses Universitaires de France.

PERELMAN, C. (1977). *L'Empire rhétorique: Rhétorique et argumentation*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin.

PERIN, O. e M. **GENSOLLEN** (1992). *La communication plurielle*, Paris, La Documentation Française.

PERRET, Michèle (1994). *L'Énonciation en grammaire du texte*, Paris, Nathan Université.

PERRIN, Laurent (1995). “Mots et énoncés mentionnés dans le discours”, *Cahiers de Linguistique Française*, n.º. 15, 1994, pp. 217-248.

PERRIN, Laurent (1996) “De la structure énonciative et de l'organisation polyphonique d'un échange épistolaire”, *Cahiers de Linguistique Française*, n.º. 18, 1996, pp. 129-156.

PETITJEAN, André (1989). “Les Typologies Textuelles”, *Pratiques* n.º. 62, juin, Université de Metz, pp. 86-125.

PICARD, Dominique (1995). *Les Rituels du savoir-Vivre*, Paris, Le Seuil.

PLANTIN, Christian (dir.) (1993). *Lieux communs, topoï, stéréotypes, clichés*, Paris, Éditions Kimé.

POTTIER, Bernard (1976). “Sur la formulation des modalités en linguistique”, *Langages* n.º. 43, septembre, pp. 39-46.

POTTIER, Bernard (1995). “Le temps du monde, le temps de l'énonciateur et le temps de l'événement”, *Modèles Linguistiques, Actes du Colloque International*, Paris-Sorbonne (12-14 janvier 1995), Tome XVI, Fascicule 1, pp. 9-26.

PSATHAS, G. (dir.) (1979). *Everyday language - Studies in Ethnomethodology*, New York Irvington Publishers.

PSATHAS, G. (dir.) (1990). *Interactional competence*, Washington DC, University Press of America.

- PSATHAS, G.** (dir.) (1995). *Conversation analysis: the study of talk-in-interaction*, Sage Publication, Qualitative Research Methods 35, California, Thousand Oaks.
- PUTNAM, H.** (1990). “La Sémantique est-elle possible?”, J. CHAURAND e F.MAZIERES (ed), *La Définition*, Paris, Larousse, pp. 292-304.
- PY, B. e R. JEANNERET** (1989). *Minorisation linguistique et interaction*, Genève, Librairie Droz.
- RAMOGNINO, Nicole** (1999). “Linguistique et Sociologie, un Point de Vue Méthodologique”, *Sociologie et Sociétés* Vol. XXXI, n°.1, printemps, pp. 35-50.
- RAPOSO, Helena Paula de Medeiros Correia** (1993). *Enunciados Oraís e Enunciados escritos em construção*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RASMUSSEN, Gitte** (1998). “The use of forms of adress in intercultural business conversation”, *Revue de Sémantique et Pragmatique*, n°. 3, Presses Universitaires d’Orléans, pp. 57-72.
- RASTIER, F.** (1987). *Sémantique Interprétative*, Paris, Presses Universitaires de France.
- RASTIER, François** (2001a). *Arts et sciences du texte*, Paris, Presses Universitaires de France.
- RASTIER, François** (2001b). “Éléments de théorie des genres”. *Texto! Textes et Cultures*, juin 2001, [http://www.revue-texto.net\(inedits/Rastier/Rastier_Elements.html](http://www.revue-texto.net(inedits/Rastier/Rastier_Elements.html), consultado em 25 de Maio de 2005.
- RAWLS, A.** (1989). “Language, self and social order: A reformulation of Goffman and Sacks”, *Human Studies*, Vol. 12, 1-2, pp 147-172.
- RECANATI, F.** (1979). *La Transparence et l’énonciation*, Paris, Le Seuil.
- RECANATI, F.** (1981). *Les énoncés performatifs*, Paris, Éditions de Minuit.
- REICHLER-BEGUELIN, Maria-José** (1988). “Anaphore, cataphore et mémoire discursive”, *Pratiques* n°. 57, mars, Université de Metz, pp. 15-44.
- REIS, Carlos** (1981). *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina.
- REIS, Carlos e Ana Cristina MACÁRIO LOPES** (1991). *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina.
- REYES, Graciela** (1984). *Polifonía textual - La citación en el relato literário*, Madrid, Editorial Gredos.
- RICHARD, I.** (1965). *The Philosophy of Rhetoric*, Oxford, Oxford University Press.
- RICO, Hermínio** (2001). “Tempo para aprender a viver o tempo”, *Brotéria* 153, pp. 975-980.
- RICOEUR, Paul** (1967). *Temps et Récit, 3, Le temps raconté*, Paris, Le Seuil.
- ROBILLARD, Didier** (2001). “Peut-on construire des «faits linguistiques»? Comme chaotiques? Quelques éléments de réflexion pour amorcer le débat”, *Marges Linguistiques* n°.

1, Mai, <http://www.marges-linguistiques.com>

ROBINSON, W.P. (1972). *Language and Social Behaviour*, Harmondsworth, Penguin Books.

ROBINSON, W. P. e **S. J. RACKSTRAW** (1972). *A Question of Answers I-II*, London, Routledge and Kegan Paul.

RODRIGO ALSINA, Miquel (1995). *Los Modelos de la Comunicación*, Madrid, Editorial Tecnos.

ROGER, D. & **P. BULL** (dir.) (1989). *Conversation: An interdisciplinary perspective*, Clevedon, Intercommunication, Multilingual Matters.

ROHRER, Tim (1997). *Annotated Bibliography of Metaphor and Cognitive Science*, 04/08/1997, <http://metaphor.uoerogon.edu/annbib.htm>

ROMERO, Clara (2000). “Sur quelques actes de langage polis en français et en espagnol”, *Les Langues Modernes, La Politesse*, pp. 34-40.

ROULET, Eddy (1999b). “Co-enonciation and the definition of dialogue units”, *Verbum*, XXI, 2, pp. 233-242.

ROULET, Eddy (1985a). “Structures hiérarchiques et polyphoniques du discours”, Eddy ROULET *et alii* (dir.). *L’articulation du discours en français contemporain*, Peter Lang, pp. 9-84.

ROULET, Eddy (1985b). “Pragmatique et pédagogie: apprendre à communiquer, c’est apprendre à négocier”, *Langues et linguistiques* 11, Université Laval, Québec, pp. 37-57.

ROULET, Eddy (1991a). “Le discursif et le conversationnel: quelles descriptions pour la didactique?”, D. COSTE, (dir.), *Didactique des langues d’hier à demain. Repères et perspectives*, Paris, Crédif et Hatier.

ROULET, Eddy (1991b). “Une approche discursive de l’hétérogénéité discursive”, *Études de Linguistique Appliquée, Revue de Didactologie des langues-Cultures*, n°. 83, juillet-septembre, pp. 117-130.

ROULET, Eddy (1995). “Vers une approche Modulaire de l’Analyse de l’Interaction Verbale”, Danièle VERONIQUE & Robert VION (éds.), *Modèles de l’Interaction Verbale*, Aix-en-Provence, Publications de l’Université de Provence, pp. 113-126.

ROULET, Eddy (1999a). “Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso”, *Fundamentos e Dimensões da Análise do discurso*, Hugo MARI, Sueli PIRES, Amadeu Roselli CRUZ e Ida Lúcia MACHADO (org.), *Revista do Núcleo de Análise do Discurso*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Carol Borges Editora, pp. 139-171.

ROULET, Eddy et alii (1985). *L’articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang.

ROUSSET, Jean (1962). *Forme et signification*, Paris, Librairie Corti.

ROUSSET, Jean (1983). “Le journal intime, texte sans destinataire?”, *Poétique* n°. 56, Paris, Le Seuil, novembre, pp. 435-443.

- RUESCH**, J. (1972a). *Disturbed communication*, New York, Norton.
- RUESCH**, J. (1972b). *Semiotic Approaches to Human Relations*, Mouton, The Hague.
- RUESCH**, J. e G. **BATESON** (1988). *Communication et Société*, Paris, Le Seuil.
- SACKS** *et al.*, (1974). “A simplest systematics for the organization of turn-taking conversation”, *Language* 50, pp. 696-735.
- SADOCK**, J. M. (1974). *Toward a Linguistic Theory of Speech Acts*, New York, Academic Press.
- SALINS**, G.-D. de (1998). *Une approche ethnographique de la communication. Rencontre en milieu parisien*. Paris, Hatier, Crédif.
- SAPIR**, E. (1949a). “Communication”, *Selected Writings in Language, Culture and Personality*, University of California Press, Berkeley, pp. 104-109.
- SAPIR**, E. (1949b). “Culture, Genuine and Spurious”, *Selected Writings in Language, Culture and Personality*, University of California Press, Berkeley, pp. 308-331.
- SAPIR**, E. (1949c). “Speech as a Personality Trait”, *Selected Writings in Language, Culture and Personality*, University of California Press, Berkeley, pp. 533-543.
- SAPIR**, E. (org.) (1949). *Selected Writings of Edvard Sapir in language, Culture and Personality*, University of California Press, na trad. franc. parcial *Anthropologie*, Paris, Éditions de Minuit, 1967.
- SARAIVA**, António José e Óscar **LOPES**, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 16^a. Edição.
- SAUSSURE**, F. de (1969). *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Payot.
- SAVILLE-TROIKE**, M. (1982). *The Ethnography of Communication. An Introduction*. Oxford, Blackwell.
- SCHAEFFER**, Jean-Marie (1989). *Qu'est-ce qu'un genre littéraire?*, Paris, Le Seuil.
- SCHANK**, R. C. & R. P **ABELSON** (1977). *Scripts, Plans, goals and understanding. An Inquiry into Human Knowledge*, Hillsdale, N. J. Erlbaum.
- SCHEGLOFF**, Emanuel A. e Harvey **SACKS** “Opening up Closings”, *Semiotica* VIII, pp. 289-327.
- SCHENKEIN**, J. N. (dir.) (1978). *Studies in the organization of conversational interaction*, New York, Academic Press.
- SCHERER**, K. R. e H. **GILES** (dir.) (1979). *Social markers in speech*, Cambridge/Paris, Cambridge University Press/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- SEARA**, Isabel Roboredo (1999). “Formas de Felicidade e Congratulação: elementos para o seu estudo” *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Aveiro 1998) Volume II, Braga, 1999, pp. 419-431.

SEARA, Isabel Roboredo (2000). “A lógica do *pathos* e a leitura”, *Actas do V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura*, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, em colaboração com a Sociedade Española de Didáctica de la Lengua y de la Literatura, Coimbra, Almedina, pp. 675-685.

SEARA, Isabel Roboredo, Isabel **FALÉ** e Susana **MÂNTUA** (2005). “Comunicar: tatuagem de afectos”, Dulce CARVALHO, Dinísio VILA-MAIOR e Rui de Azevedo TEIXEIRA (org.), *Des(a)fiando Discursos, Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 327-339.

SEARA, Isabel Roboredo e Manuela Chambel **LEITÃO** (2000). “Rotinas Verbais na Aula de Língua Portuguesa: contributos para o estudo do sistema da delicadeza”, *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 385-405.

SEARLE, J. (1969). *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*, Cambridge, Cambridge University Press.

SEARLE, J. (1975). “Indirect speech acts”, P. COLE e J. MORGAN (ed.), *Speech Acts. Syntax and Semantics 3*. New York, Cornell University Press.

SEARLE, J. (1982). *Sens et expression: étude de théorie des actes de langage*, Paris, Éditions de Minuit. (Ed. Orig. (1979) *Expression and meaning*, Cambridge, Cambridge University Press.

SEGALEN, Martine (1998). *Rites et Rituels Contemporains*, Paris, Nathan Université.

SFEZ, Lucien (dir.) (1993). *Dictionnaire Critique de la Communication*, Paris, Presses Universitaires de France (2 vol.s).

SHANNON, C. & W. **WEAVER** (1949). *The mathematical theory of communication*, Urbana, The University of Illinois Press. (trad.) *Théorie mathématique de la communication*, Paris, Retz-CEPL (1975).

SIFIANOU, M. (1992). “The use of diminutives in expressing politeness. Modern Greek versus English”, *Journal of Pragmatics* 17, pp. 155-173.

SKORGE, Sílvia (1958). “Os sufixos diminutivos em português”, *Boletim de Filologia*, t. XVII, pp. 222-305.

SMITH, Neil V. (1993). “Observations sur la Pragmatique du Temps”, *Langages*, n°. 112, décembre, pp. 26-38.

SPERBER, D. & D. **WILSON** (1989). *La pertinence. Communication et cognition*. Paris, Éditions de Minuit.

STROZETZKI, Roger (1984). *Rhétorique de la conversation*, Paris, Tübingen.

SWALES, J. M. (1990). *Genre Analysis: English in Academic and Research settings*, Cambridge, Cambridge University Press.

TANNEN, Deborah (1982b). “The oral/literate continuum in discourse”. D. TANNEN

- (Ed.), *Spoken and Written Language: Exploring Literacy and Orality*. New Jersey, Ablex Publishing, pp. 1-16.
- TANNEN**, Deborah (1984). *Conversational style. Analysing talk among friends*, New Jersey, Ablex, Norwood.
- TANNEN**, Deborah (1986). *THA'S NOT WHAT I MEANT! How Conversational Style Makes or Breaks Your Relations With Others*, New York, William Morrow.
- TANNEN**, Deborah (1993). *Décidément tu ne me comprends pas*, Paris, Ed. Laffont.
- TANNEN**, Deborah (dir.) (1982). *Analyzing Discourse: Text and Talk*, Georgetown University Press.
- TANNEN**, Deborah (1982a). "Oral and literate strategies in spoken and written narratives", *Language, Journal of the Linguistic Society of America*, vol. 58, n° 1, pp. 1-21.
- TEYSSIER**, Paul (1976). *Manuel de langue portugaise*, Paris, Klincksieck.
- THOMAS**, J. (1995). *Meaning and interaction. An introduction to Pragmatics*. London e New York, Longman.
- TODOROV**, Tzvetan (1967). *Littérature et Signification*, Paris, Éditions Larousse.
- TODOROV**, Tzvetan (1976). "Les genres littéraires", in Todorov, *Introduction à la littérature fantastique*, Paris, Le Seuil, pp. 172-175
- TOULMIN**, S. E. (1958). *The uses of arguments*, Cambridge University Press, Cambridge.
- TRAVERSO**, Véronique (1993). "Les routines: lieux communs de la conversation", Christian PLANTIN (dir.) *Lieux Communs, Topoi, Stéréotypes, Clichés*, Paris, Éditions Kimé, pp. 111-122.
- TRAVERSO**, Véronique (1996). *La Conversation Familiale - Analyse des pratiques des interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- TRAVERSO**, Véronique (2000a). "Les émotions dans la confidence", Christian PLANTIN, Marianne DOURY e Véronique TRAVERSO (dir.), *Les Émotions dans les Interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp. 205-222.
- TRAVERSO**, Véronique (2000b). "La politesse et les usages dans les interactions: quelques aspects interculturels", *Les Langues Modernes, La Politesse*, pp. 8-19.
- TROGNON**, Alain e Janine LARRUE (1998). "L'énonciateur et son autre", *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, n° 1, pp. 52-69.
- TROSBORG**, A. (1995). *Interlanguage Pragmatics. Request, Complaints and Apologies*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter.
- VAN DIJK**, Teun A. (1972). *Some Aspects of Text Grammar. A Study in Theoretical Linguistics*, The Hague, Mouton.
- VAN DIJK**, Teun A. (1977). *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of*

Discourse, London/New York, Longman.

VAN DIJK, Teun A. (1980). *Macrostructures. An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition*, Hillsdale New-Jersey Lawrence Erlbaum.

VAN DIJK, Teun A. (1996). “De la Grammaire de Textes à l’Analyse Socio-Politique du Discours”, *Le Français dans le Monde, Le Discours: Enjeux et perspectives*, juillet, pp. 16-29.

VAN DIJK, Teun A. (1997). *Discourse and society*, New York, N.Y. Academic Press

VAN DIJK, Teun A. e W. **KINTSCH** (1984). *Strategies of Discourse Comprehension*, New York, Academic Press.

VAN DIJK, Teun A. (dir.) (1985). *Handbook of Discourse Analysis*, New York, Academic Press.

VAN DIJK, Teun A. (dir.) (1997). *Discourse Studies. A multidisciplinary introduction*, London, Sage.

VAN DIJK, Teun A. (2000). *Bibliography Discourse Analysis of News in The Media*, <http://www.hum.uva.nl/teun/news-dis.htm>, consultado em 3 de Julho de 2001.

VAN EEMEREN, F. H. e R. **GROOTENDORST** (1992). *Argumentation, Communication, Fallacies*, New Jersey, Hillsdale Lawrence Erlbaum.

VAN EEMEREN, F. H. (1983). *Speech acts in argumentative discussion: A theoretical model for the analysis of discussion directed towards solving conflicts of opinion*, Foris, Dordrecht.

VAN EEMEREN, F. H., R. **GROOTENDORST** e T. **KRUIGER**, (1982). *The study of argumentation*, New York, Irvington.

VANDERVEKEN, D. (1988). *Les Actes de Discours*, Liège/Bruxelles Mardaga.

VERNAN, Jean-Pierre (1981). *Mythe & Société en Grèce Ancienne*, Paris, François Maspero

VERON (1973). “Linguistique **VERON** (1973). “Linguistique et sociologie”, *Communications* 20, pp. 246-278.

VERONIQUE, Daniel e Robert **VION** (eds.) (1995). *Modèles de l’Interaction Verbale*, Aix-en-Provence, Publications de l’Université de Provence.

VERSCHUEREN, Jef (1978). *Pragmatics: An Annotated Bibliography*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.

VERSCHUEREN, Jef (1980). “A la recherche d’une pragmatique unifiée”, *Communication*, 32, pp. 274-284.

VETTERS, Carl (ed.) (1993). *Le Temps – De la Phrase au texte*, Lille, Presses Universitaires de Lille.

VIGNAUX, G. (1976). *L’Argumentation: essai d’une logique discursive*, Paris, Droz.

VIGNAUX, G. (1981). “Énoncer, argumenter: opérations du discours, logique du discours”,

Langue Française 50, pp. 91-116.

VIGNAUX, G. (1988). *Le discours acteur du monde - Énonciation, argumentation et cognition*, Paris, Ophrys.

VION, Robert (1992). *La Communication Verbale, Analyse des Interactions*, Paris, Hachette Supérieur.

WALTON, Douglas (1982). *Topical relevance in argumentation*, Amsterdam, John Benjamins.

WALTON, Douglas (2000). “Conversational Logic and Appeals to Emotion”, Christian PLANTIN, Marianne DOURY e Véronique TRAVERSO (dir.), *Les Émotions dans les Interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, pp. 295-312.

WARDHAUGH, R. (1987). *Languages in Competition: Dominance, Diversity, and Decline*, Oxford, Basil Blackwell.

WARDHAUGH, R. (1985). *How Conversation Works*, Oxford, Basil Blackwell.

WATZALAWICK, P. (1978). *La réalité de la réalité. Confusion, désinformation, communication*, Paris, Le Seuil.

WATZALAWICK, P. (1980). *Le Langage du changement. Éléments de communication thérapeutique*, Paris, Le Éditions du Seuil.

WATZALAWICK, P. e **J. WEAKLAND J.** (1981). *Sur l'interaction*, Paris, Le Seuil.

WATZALAWICK, Paul (1974). *An Anthology of Human Communication. Text and Tape*, Palo Alto, Science and Behavior Books.

WATZALAWICK, Paul, J. Helmick BEAVIN e Don D. JACKSON (1972). *Une logique de la communication*, Paris, Le Seuil.

WATZALAWICK, Paul, J. Helmick BEAVIN e Don D. JACKSON (1967). *Pragmatics of human communication. A study of interactional patterns, pathologies and paradoxes*, New York, Norton & Co.

WAUTHION, Michel & A. C. SIMON (org.) (2000). *Politesse et Idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*, Louvain, Peeters/BCILL.

WEINREICH, U., W. LABOV. e M. I. HERZOG (1968). “Empirical foundations for a theory of language change” W. LEHMANN e Y. MALKIEL (dir.), *Directions for Historical Linguistics*, Austin, University of Texas Press, pp. 97-195.

WELKE, D. (1980). “Séquentialité et succès des actes de langage”, *DRLAV*, 22/23, pp. 117-210.

WELKE, D. (1984). “Analyse conversationnelle et constitution d’une théorie pragmatique en linguistique”, *Les Valenciennes*, 9, pp. 123-135.

WELLS, G. (1981). *Learning through interaction. The study of language development*, Cambridge, Cambridge University Press.

WIDMER, J. (1987). *Langage et action sociale. Aspects philosophiques et sémiotiques du langage dans la perspective de l'ethnométhodologie*, Fribourg, Éditions Universitaires de Fribourg.

WIEBE, G. D. (1964). “Culture d’élite et communications de masse”, *Communications*, n° 3, pp. 36-47.

WIEDER, D. L. (1974). *Language and social reality: the case of telling the convict code*, The Hague, Mouton.

WITTGENSTEIN, L. (1961). *Tractatus logico-philosophicus*, Paris, Gallimard.

WOLTON, Dominique (1997). *Penser la communication*, Paris, Flammarion.

ZENONE, A. (1981). “Interactivité, relations entre interlocuteurs et constitution d’unités conversationnelles”, *Études de linguistique appliquée*, 44, octobre-décembre, pp. 70-87.

ABDULLAH, Mardziah Hayati (2000). “Electronic Discourse: Evolving Conventions in Online Academic Environments”, *ERIC Clearinghouse on Reading English and Communication* Bloomington, disponível em http://www.ericfacility.net/databases/ERIC_Digests/ed422593.html, consultado em 18 de Março de 2003.

ACHARD-BAYLE, Guy e Michèle **REDON-DILAX** (2003). “Français, autoformation et ELAO à l’université: didactique du texte et pratique de l’hipertexte”, <http://alsic.univ.fcomte.fr/Num5/redon/default.htm>

AKRICK, Madeleine (1998). “Les utilisateurs, acteurs de l’innovation”, *Éducation permanente* n.º.1, “L’innovation en questions, pp. 79-80.

AKRICK, Madeleine, Cécile **MEADEL** e Véréna **PARAVEL** (1992). “Le temps du mail: écrit instantané ou oral médiat?”, *Sociologie et Société*, vol. XXII, n.º. 2, pp. 154-171, <http://www.erudit.org/erudit/socsoc/v32n02/akrich/akrich.pdf>

ALCUBIERRE, Benito (2003). “Análisis pragmático del discurso e-mail para delimitación de género”, *First International Conference on Internet and language*, Santiago POSTEGUILLO, Elena ORTELLS, José RAMÓN, Alicia BOLAÑOS & Amparo ALCINA (Ed.s), *Internet in linguistics, translation and literay studies*, Castelló, Universitat Jaume I, pp. 355-375.

ANDERSON, Robert H; Tora K **BIKSON**, Sally Ann **LAW**, Bridger M. **MITCHELL**, (2000). “Universal Access to E-Mail: Feasibility and Societal Implications”, <http://www.rand.org/publications/MR/MR650/>, consultado em 31 de Julho de 2001.

ANGELL, David e Brent **HESLOP** (1994). *The Elements of E-mail style: communicate effectively via electronic mail*. New York: Addison-Wesley.

ANIS, Jacques (1998). *Texte et ordinateur: l’écriture réinventée?* Bruxelles: De Boeck Université.

ANIS, Jacques (1999a). “Chats et usages graphiques du français” Jacques **ANIS** (dir.), *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermes Science Publications, pp. 71-90.

ANIS, Jacques (dir.) (1999b). *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermes Science Publications.

ANIS, Jacques (2000). “L’écrit des conversations électroniques de l’Internet”, *Le Français aujourd’hui*, 129, pp. 59-69.

ANIS, Jacques (2003). “Communication électronique scripturale et formes langagières des Chats et des SMS”, Journée d’étude “Réseaux Humains / Réseaux Technologiques” de l’Université de Poitiers, 31 mai et 1er juin 2002, Université de Poitiers, disponível em <http://edel.univ-poitiers.fr/rhrt/>, consultado em 12. 10. 2005.

ANIS, Jacques (dir.) (2001). *Parlez-vous texto? Guide des nouveaux langages du réseau*, Paris, Le Cherche Midi éditeur.

ANIS, Jacques e J. L. **LEBRAVE** (1986). “Des Textes Interactifs? *Linx* n.º. 14, pp. 107-131.

AUSTIN, R. e F. MENDLIK (1993). “E-mail in modern language development”, *ReCALL*, Vol. 9, pp. 19-23.

ANTUNES Mafalda, Susana CORREIA e Rita GONÇALVES (2003). “E-terms: descrição e hipótese de classificação”, *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*, Lisboa: APL & Colibri, pp. 121-130.

AUSTIN, R. e F. MENDLIK (1993). “E-mail in modern language development”, *ReCALL*, Vol. 9, pp. 19-23.

AYCOCK, A. (1995). “Technologies of the Self: Foucault and Internet Discourse”, *Journal of Computer-Mediated Communication*, Vol. I, nº. 2, disponível em <http://jcmc.huji.ac.il/vol1/issue2/aycock.html>

BABO, Maria Augusta (2002a). “As transformações provocadas pelas tecnologias digitais na instituição literária”, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-tecnologias-literatura.pdf>, consultado em 15 de Novembro de 2002.

BABO, Maria Augusta (2002b). “Autour des rapports intellectuels”, <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-trappports-intertextuels.html>, consultado em 15 de Novembro de 2002.

BABO, Maria Augusta(2002c). “Hipertexto e Narratividade”, <http://gw.eco.ufrj.br/revistaepos/textomababo.htm>, consultado em 15 de Novembro de 2002.

BABO, Maria Augusta (2006). “A escrita e os seus dispositivos”, POMBO, Olga, António GUERREIRO e António Franco ALEXANDRE (ed.) (2006), *Enciclopédia e Hipertexto*, Lisboa, Edições Duarte Reis, pp. 90-94.

BALES, R. *et alii* (1956). “Channels of communication in small groups”, *American Sociological Review*, 16, pp. 461-467.

BALLE, F. e J.G. ADIOLEAU (1973). *Sociologie de l'information - textes fondamentaux*, Paris, Larousse, Sciences humaines et sociales.

BALLE, Francis (2005). *Médias & Sociétés*, Paris, Montchrestien.

BARBOSA, Pedro “A Renovação do Experimentalismo Literário na Literatura Gerada por Computador”, <http://www.ufp/units/cetic/barbosa.htm>, consultado em 15 de Novembro de 2001

BARON, Naomi (1984). “Computer Mediated Communication as a Force in Language Change”, *Visible Languages* 18, nº. 2, pp. 118-141.

BARON, Naomi S. (1998a). “Letters by phone or speech by other means: the linguistics of e-mail”, *Language & Communication*, Vol. 18, pp. 133-170.

BARON, Naomi S. (1998b). “Writing in the Age of E-mail: The Impact of Ideology versus Technology”, *Visible Languages*, 32, 1998, pp. 35-53.

BARON, Naomi S. (1998c). “E-mail as a contact language: The evolution of modality”,

International Conference on Speech, writing and context: Literary and Linguistics Perspectives, University of Nottingham, Julho de 1998, não publicado.

BARON, Naomi (2000). *Alphabet to E-mail. How written English Evolved and Where It's Heading*, London e New York, Routledge.

BARON Naomi, (2004). "See you online: gender Issues in College Student Use of instant Messaging", *Journal of Language and Social Psychology*, Vol. 23, No. 4, pp. 397-423, consultado em <http://jls.sagepub.com/cgi/content/abstract/23/4/397>

BARRIL, J. (1999). "Benditos "emilios", *El Dominical*, 10.01.1999, p. 74.

BARTON, D. & N. **HALL** (eds) (2000). *Letter writing as a social practice*, Amsterdam, John Benjamins.

BAUMAN, J. (1998). 'Using e-mail with your students', *The Language Teacher On line*. <http://langue.hyper.chubu.ac.jp/jalt/pub/tlt/98/feb/bauman.html>.

BAYM, N. K. (1998). "The Emergence of One-Line Community", in S.G. JONES (ed.), *Cybersociety 2.0 "Revisiting Computer-Mediated Communication and Community*. Thousand Oaks, Sage Publications, pp. 35-68.

BAYS, Hillary (1998). "Framing and face in Internet exchanges: A socio-cognitive approach", *Linguistik online* 1, 1/98, pp. 1-17, <http://www.linguistik-online.de/bays.htm>, em 18.02.2003.

BAYS, Hillary (2000). "La politesse sur Internet: le don des objets imaginaires", Michel WAUTHION & A. C. SIMON (org). (2000). *Politesse et Idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*, Louvain, Peeters/BCILL, pp. 169-183.

BAYS, Hillary e **MOWBRAY** (1999). "Cookies, Gift-Giving, and the Internet", *First Monday*, volume 4, number 11, november, http://firstmonday.org/issues/issue4_11/bays/index.html, consultado em 30 de Janeiro de 2004.

BEAUDOUIN, Valérie e Julia **VELKOVKA** (1999). "Constitution d'un espace de communication sur Internet", *Réseaux*, vol. 17, n°. 97, pp. 121-177.

BEAUDOUIN, Valérie, Serge **FLEURY** e Julia **Velkovska** (2000). "Étude des échanges électroniques sur internet et intranet: forums et courriers électroniques", 5^{es} Journées Internationales d'Analyse Statistique des données textuelles, JADT 2000, *Lexicometrica*, Numéro spécial, 2000, disponível em <http://www.cavi.univparis3.fr/lexicometrica/jadt/jadt2000/tocJADT2000.htm>

BEAUVOIS, M. (1996). "Write to speak: The effects of electronic communication on the oral achievement of fourth semester French students", in J. MUYSKENS (Ed.), *New Ways of Learning and Teaching: Issues in Language Program Direction*, Boston, Heinle and Heinle, pp. 93-115.

BEAUVOIS, M. (1997). "Computer-mediated communication, Technology for improving speaking and writing". M. BUSH (Ed.), *Technology-Enhanced Language Learning*, Lincolnwood, National Textbook Company, pp. 165-184.

BELISLE, R. (1996). 'E-mail activities in the ESL writing class', *The Internet TESL Journal*, Vol. 2,

nº. 12, <http://www.aitech.ac.jp/~iteslj/>.

BENEDITO, Joviana (2002). *Que Língua@ Portugues@ no ch@t da Internet?* (Antologia), Lisboa, Edições Colibri.

BENEDITO, Joviana (2003). *Dicionário da Internet e do Telemóvel*, Lisboa, Centro Atlântico.

BERMOND, Daniel (2000). “L’écriture sera transformée”, *Lire*, avril 2000, http://www.lire.fr/enquete/284_006342J.asp, consultado em 26 de Março de 2001.

BERTHO-LAVENIR, Catherine e Frédéric **BARBIER** (2003). *Histoire des médias: de Diderot à Internet*, Paris, Armand Colin.

BIBER, Douglas (1992). “Applied Linguistics and Computer Applications”, GRABE, William & Robert B. KAPLAN, (Org.s), *Introduction to Applied Linguistics*. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, pp. 255-278.

BIESENHBACH-LUCAS, Sigrun e WEASENFORTH, Donald (1998). “The Appropriateness of E-Mail in Composition Instruction: A Linguistic and Rhetorical Analysis”, Véronique DARLEGUY, Alex DING, e Maria SVENSSON (eds.). *Les Nouvelles Technologies Educatives dans l’Apprentissage des Langues Vivantes: Reflexion Théorique et Applications Pratiques*. Lyon, France: Centre de Ressources en Langues, disponível em <http://www.insa-lyon.fr/Departements/CDRL/appropriateness.html>, em 25 de Março de 2003.

BOISVERT, Anne-Marie (1999). “Littérature électronique et hypertexte”, *Magazine électronique du CLAC, Montréal* http://www.larevuedesressources.org/article/php?id_article=28, consultado em 26 de Novembro de 2004

BONINI, Adair (2000). “Entrevista por E-Mail: Pragmática de um Género (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do género”, *Revista de Letras*, Fortaleza - CE, v. 22, nº. 1-2, pp. 5-13, <http://br.geocities.com/adbonini/entrevista.htm>, consultado em 12 de Novembro de 2002

BONNAFUS, Simone e Patrick **CHARAUDEAU**, (1996). “Les Discours des Médias”, *Le Français dans le Monde, Numéro Spécial, Les Discours, Enjeux et perspectives*, juillet, pp.39-45.

BONNEVILLE, Luc (2001), “Temporalité et Internet: réflexion sur la psychologie du temps à la lumière des pratiques domiciliaires”, <http://www.composite.uqam.ca/2001/articles/bonnev.html>, consultado em 12.04.2002.

BOSTAD, F. (1994). “What happens to writing when texts in “a world on paper” are replaced by messages in “virtual space”?”, *Nordic Association for Semiotic Studies, Workshop on text and Discourse*, <http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/Finn/Finn1.html>, consultado em 12.01.2003.

BRENDEL, Claudia (2003). “Absence or Presence: E-mail and identity”, <http://trace.ntu.ac.uk/incubatuion/level2/speakers/posters/brendel.htm>, consultado em 23.09.2003.

BRETON, Philippe (1997a). “Démagogie électronique”, le 24 octobre.

BRETON, Philippe (1997b). “Si Loin, Si Proches”, le 12 décembre.

BURTON, M. e MAITLAND, P. (1995). “The effect of electronic mail on traditional postal services”, *Working Papers in Communication, Technology and Culture*, 4, disponível em <http://www.indelta.com/working/burmai95.txt>, consultado em 19.03.2004.

CABEDO, Amélia (2002). “Epistolas en la red”, <http://www.mestrada.net/forodebate.htm>, consultado em 2 de Março de 2003.

CASTELLS, Manuel (2004). *The Internet Galaxy. Reflections on the Internet, Business and Society*, Oxford, Oxford University Press, [2001], *A Galáxia Internet. Reflexões sobre a Internet, Negócios e Sociedade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (2004). *Das tabuinhas ao hipertexto*, Lisboa, Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura.

CICOGNANI, A. (1998). “On the Linguistic Nature of Cyberspace and Virtual Communities”, *Virtual Reality*- 3, London, Spring-Verlag, pp. 16-24.

CLEMENT, Jean (2001). «L'écriture électronique: comment la technologie modifie l'écriture», in *Du livre papier au livre électronique, Ve forum des Bibliothèques de Seine-et-Marne*, Conseil Général de Seine-et-Marne, 2001, http://www.lire.fr/enquete/284_006338J.asp, consultado em 26 de Março de 2003.

COLIN, Jean-Yves e Florence MOURLHON-DALLIES (2004). “Du courrier des lecteurs aux forums de discussion sur l'Internet: retour sur la notion de genre”. *Les Carnets du CEDISCOR*, n.º 8, pp. 113-139.

COLLOT, Milena e Nancy BELMORE (1996). “Electronic Language, a New Variety of English”, Susan C. HERRING (ed.) *Computer Mediated Communication, Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*, Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Company, pp. 13-28.

CRYSTAL, David [2001] *Language and Internet*, Cambridge, Cambridge University Press, edição espanhola, (2002), *El lenguaje e Internet*, Madrid, Cambridge University Press.

CRYSTAL, David (2005). *La Revolución del lenguaje*, Madrid, Alianza Ensayo.

CUSIN-BERCHE, Fabienne (1999). “Courriel et genres discursifs”, Jacques ANIS (dir.). (1999), *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermes Science Publications, pp. 31-55.

CUSIN-BERCHE, Fabienne e F. MOURLHON-DALLIES (2000). “Le débat autour des OGM sur Internet: entre parole citoyenne et parole savante”, *Les Carnets du CEDISCOR*, n.º 6, pp. 113-126.

DANET, Brenda (1997a). “Talk to you soon: Literacy, Letter-Writing and The Language of Electronic Mail” comunicação apresentada na conferência “*Attending to Technology: Implications for Teaching and research in the Humanities*”, University of Maryland, College Park, <http://atar.mscc.huji.ac.il/~msdanet/email.htm>, consultado em 23 de Setembro de 2003.

DANET, Brenda (1997b). “Playful Expressivity and Artfulness in Computer-mediated Communication”, “General introduction”, in *Play& Performance in Computer-mediated Communication*, JCMC, Department of Sociology and Anthropology, Department of Communication and Journalism, Hebrew University of Jerusalem, Vol. 1, N.º 2,

<http://jcmc.indiana.edu/vol1/issue2/genintro.html>

DANET, Brenda (1998). “Computer Mediated Communication”, P. BOUISSAC, (ed.), *Encyclopedia of Semiotics*. Oxford, Oxford University Press, disponível em <http://atar.msc.huji.ac.il/~msdanet/cmc1htm>., consultado em 21. 11. 2004.

DANET, Brenda e Susan C. **HERRING** (2003). “Introduction: The Multilingual Internet”. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 9 (1), <http://jcmc.indiana.edu/vol9/issue1/intro.html>, consultado 26 de Março de 2004.

DAVIS, Boyd e Jeutonne **BREWER** (1997). *Electronic Discourse: Linguistic individuals in virtual space*. New York, State University of New York Press.

DEJOND, Aurélia (2002). *La cyber@ngue française*, Tournal, La Renaissance du Livre.

DEROCHE-GURCEL, L. (1996). “Cyberespace: le retour de la sociabilité?”, *Communications & Langages* n°. 107, pp. 21-32.

DUFOUR, Arnaud e Solange **GHERNAOUTI-HELIE** (1995). *Internet*, Paris, Presses Universitaires de France.

EPPERSON, K. L. (1995). “Patterns of Social Behavior in Computer-Mediated Communication”, Universidade de Rice, Departamento de Sociologia, http://www.eff.org/Net_culture/Misc/web_social_behavior.paper, consultado em 23.10.2002.

ERICKSON, Thomas (1999). “Persistant conversation: An Introduction,” *Journal of Computer-Mediated Communication*, 1999, vol. 4 (4), <http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/ericksonintro.html>, em 15.10.2005.

ERICKSON, F. e J. **SCHULTZ** (dir.) (1982). *The Counselor as Gatekeeper: Social Interaction in Interviews*, New York, Academic Press.

ERNOTTE, Philippe (1999). “Un vocable n’a pas de vocation: « Mél » ou les infortunes de la vertu terminologique », *Francité, Revue de la Maison de la Francité*, n°.24, <http://www.synecdoc.be/francite/rev24/mail.html>., em 12 de Fevereiro de 2004.

ESCOLA, Marc (s/d). “Cliquez, c’est posté”, http://www.fondationlaposte.org/article.php?id_article=55, em 5.3. 2004

ESCOLA, Marc (s/d). “Qui m’écrit?” http://www.fondationlaposte.org/article.php?id_article=129

ESS C. (ed.) (1996). *Philosophical Perspectives on Computer-Mediated Communication*, Albany NY, State University of New York Press.

FEENBERG, A. (1989). “The written world: On the theory and practice of computer conferencing”, in R. MASON e A. KAYE, *Mindweave: communication, computers and distance education*, Oxford, Pergammon Press, pp. 22-39, <http://www.icdl.open.ac.uk/mindweave/chap2.html>, em 23 de Fevereiro de 2003.

FERRARA, K., B. H. **RUNNER** e G. **WHITTEMORE** (1991). “Interactive written discourse as an

emergent register”, *Written Communication*, Vol. 8 -1, pp. 8-34.

FIDALGO, António (1996). “Os novos meios de comunicação e o ideal de uma comunidade científica universal”, *Oração de Sapiência* proferida em 30 de Abril, por ocasião do X Aniversário da Universidade da Beira Interior.

FRAISSARD, Guillaume (2000). “Trois questions à Jacques Anis”, <http://www.lemonde.fr/article/0,5987,3208-287077-00.html>, consultado em 4 de Março de 2003.

FULK, J. e G. **DE SANCTIS** (1995). “Electronic Communication et Changing Organizational Forms”, *Organizational-Science*, nº. 6, pp. 337-349.

GAINS, J. (1999). “Electronic mail - a new style of communication or just a new medium?: An investigation into the text features of e-mail”. *English For Specific Purposes*, Vol. 18, nº. 1, pp. 81-101.

GARTON, L. e B. **WEELMAN** (1995). “Social Impacts of Electronic Mail in Organizations: a Review of the Resaerch Litterature”, B.R. **BURLESON** (dir.), *Communication Yearbook* 18, Thousands Oaks, Sage.

GATES, Bill, Nathan **MYHRVOLD** e Peter **RINEARSON** (1995). *The Road Ahead*, New York, Viking Penguin, na tradução francesa de Guy Fargette e Michèle Garène *et alii.*, *La route du futur*, Paris, Robert Laffont.

GHERNAOUTI-HELIE Solange e Arnaud **DUFOUR** (1999). *De l'Ordinateur à la Société d'Information*, Paris, Presses Universitaires de France.

GHIGLIONE, R. *et alii.* (1986). *L'homme communicant*, Paris, Armand Colin.

GHITALLA, Franck (1999). “NTIC et nouvelles formes d'écriture”, *Communications & Langages* nº. 119, pp. 91-106.

GIMENEZ, J. C. (2000). “Business e-mailcommunication: Some emerging tendencies in register”, *English for Specific Purposes* nº. 19, pp. 237-251.

GOBIN, Marie (2002). “Avez-vous des messages?”, http://www.lire.fr/enquete/284_006339J.asp, consultado em 26 de Março de 2003

GOBIN, Marie (2003) “Parlez-vous cyber?”, http://www.lire.fr/enquete/284_006340J.asp, consultado em 26 de Março de 2003.

GÓMEZ, André (1998). “El boom de las cartas, o la búsqueda del outro”, <http://www.tercera.cl/diario/1998/09/01/80.html>, 14 de Fevereiro de 2001.

GONZALEZ-BUENO, Manuela (1998). “The effects of electronic mail on Spanish L2 discourse”, *Language Learning and Technology*, Vol. 1, nº. 2, <http://polyglot.cal.msu.edu/llt/vol1num/article3/default.html>, 7 de Novembro de 2001.

GOODWIN, C. (1979). “The Interactive Construction of a Sentence in Natural Conversation”, **PSATHAS**, G. (dir) *Everyday language - Studies in Ethnomethodology*, New York, Irvington Publishers, pp. 97-122.

GRATADOUR, Jean-Rémi (2001). “En lisant, en s’écrivant”, *Cahiers de l’Institut de recherches et prospective postales: réseaux, postes, territoires*, <http://www.irepp.com/travaux.cfm?id6>, disponível em 14 de Abril de 2004.

GRATADOUR, Jean-Rémi (2002). “La Correspondance Électronique”, http://www.fondationlaposte.org/article_format_texte.cfm, consultado em 26.11.2003

GRATADOUR, Jean-Rémi (2003). “Les Correspondances à l’âge de l’Internet», *TDC (Textes et Documents pour la Classe)*, n.º. 859, septembre, pp. 18-21.

GUEDON, Jean-Claude (2001). *Internet, le monde en réseau*, Paris, Édition Découvertes, Gallimard Techniques.

GUILLOUX Véronique, Claire **GUAZENTE** e Michel **KALIKA** (2000). “Grandeurs et limites de la communication électronique: analyse d’un cas de projet de recherche de marketing”, Centre de Recherche Économique Pure et Appliquée, Université de Paris IX, Dauphine, *Colloque AFM, Cahier de Recherche* n.º. 56, pp. 1-18.

HARRISON, Sandra (1997). “Maintaining the Virtual Community: Use of Politeness Strategies in na E-Mail Discussion Group”, comunicação apresentada no *Tenth Annual Writing and Computers Conference*, University of Brighton, UK, apud **BARON**, Naomi, 2000.

HARRISON, Sandra (1998). “E-mail discussions as conversation: moves and acts in a sample from a listerserv discussion”, <http://viadrina.euv-frankfurt-o.de/~wjournal/harrison.htm>, *Linguistik Online*1, 1/98, consultado em 14 de Maio de 2003.

HERRING, Susan C. (ed.) (1996). *Computer-Mediated Communication: Linguistic, Social, and Cross-Cultural Perspectives*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.

HERRING, Susan C. (1996a). ”Introduction”, Susan C. **HERRING** (ed.), *Computer-Mediated Communication: Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, pp. 1-10.

HERRING, Susan C. (1996b) “Two variants of an electronic message schema”, Susan C. **HERRING** (ed.), *Computer Mediated Communication, Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*, Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Company, pp.81- 108.

HERRING, Susan C. (1996c). “Linguistic and critical analysis of computer-mediated communication: some ethical and scholarly considerations”, *The Information Society*, 12, pp.153-168.

HERRING, Susan C. (1996d). “Posting in a different voice: gender and ethics in computer-mediated communication”. C. **ESS** (ed.), *Philosophical perspectives on computer-mediated communication*. Albany, State University of New York Press.

HERRING, Susan C. (1998) “Gender Differences in Computer Mediated Communication: Bringing Familiar Baggage To The New Frontier”, <http://www.cpsr.org/cpsr/gender/herriong.txt>, consultado em 12 de Setembro de 2001.

HERRING, Susan C. (1999). “Interactional coherence in CMC”, *Journal of Computer-Mediated Communication*, vol 4(4). <http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>, consultado em 15 de Outubro 2005.

HERRING, Susan C. (2000). “Gender differences in Computer Mediated Communication: Findings and implications”, *Computer Professionals for Social Responsibility Journal* (18 (1). 13 <http://www.cpsr.org/publications/newsletters/issues/2000/Winter2000/herring.html>, consultado em 12 de Setembro de 2003.

HERRING, Susan C. (2001). “Computer-mediated discourse”, D. SCHIFFRIN, D. TANNEN, e H. HAMILTON (eds.), *The Handbook of Discourse Analysis*, Oxford, Blackwell Publishers, pp. 612-634.

HERT, Philippe (1999). “Quasi-Oralité de l’Écriture Électronique et Sentiment de Communauté dans les Débats Scientifiques en Ligne”, *Réseaux* n.º. 97, pp. 1-49.

IVANOVA, Nadia (1999). “Courrier électronique : renaissance du genre épistolaire?”, disponível em <http://perso.wanadoo.fr/greenadine/mailomanie/expose1.html>, consultado em 12.09.2004.

JAUREGUBERRY, Francis (1999). “Le Moi, le Soi et Internet”, *Sociologie et Sociétés* Vol. XXXII. 2, pp.136-152.

JEANNERET, Yves e Emmanuël **SOUCHIER** (2002). “La communication médiatisée est-elle un “usage”?”, *Communications & Langages* n.º. 132, juillet, Paris, Armand Colin, pp.5-29.

JOHANSSON, S. (1991). “Time change, and so do corpora”, K. AIJMER e B. ALTENBERG (ed.s), *English Corpus Linguistics*, London, Longman, pp. 307-308.

JONES, S. G. (edit.). (1995). *Cybersociety. Computer-Mediated Communication and Community*, London, Sage Publications.

JONSSON, Ewa (1997). “Electronic Discourse. On Speech and Writing on The Internet”, D. Course on English, Luleå University of Technology, Department of Communication and languages, <http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>, consultado em 5 de Novembro de 2003

KANFER, Alaina (2004). “It’s a Thin World: The Association between Email Use and patterns of Communication and Relationships”, National Center for Supercomputing Applications, University of Illinois at Urbana-Campaign, http://archive.ncsa.uiuc.edu/edu/trg/info_society.html, consultado em 27 de Abril de 2005.

KLEIN, Annabelle (2001). “Les Pages Personnelles comme nouveaux lieux de soi, entre espace public et espace privé. Comment se sentir chez soi sur Internet?”, *Actes du Colloque La Communication Médiatisée par Ordinateur: Un carrefour de problématiques*, Université de Sherbrooke, 15 e 16 mai 2001: <http://grm.uqam.ca/cmo2001/klein.html>, consultado em 22 de Fevereiro de 2002.

KORENMAN, Joan e **WYATT**, Nancy (1996). “Group dynamics in an e-mail forum”, *Computer Mediated Communication, Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*, Susan C. HERRING (dir.), Amsterdam /Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 225-243.

KREEFT PEYTON, J. (1986). “Computer networking: Making connections between speech and writing”, *ERIC/CLL News Bulletin*, Vol. 10, n.º. 1, pp. 5-7.

KROONENBERG, N. (1994). “Developing communicative and thinking skills via electronic mail”, *TESOL, The Internet Journal*, Vol. 4, pp. 24-27.

KURKI, Katriina (2002). “L’expression des émotions dans la communication écrite médiée par ordinateur – le cas des forums de discussion usenet”, disponível em <http://www.Helsinki.fi/romaanisetkielet/transka/rtf/kurki.pdf>, pp. 1-8.

LABBE, Hélène e Michel **MARCOCCIA** (2005a). “Communication numérique et continuité des genres: l’exemple du courrier électronique”, *Texto! (revista on line)*, Setembro 2005, vol X. n.º. 3, disponível em <http://revue-texto.net/Inedits/labbe-Marcoccia.html>, consultado em 5 de Outubro de 2005.

LABBE, Hélène e Michel **MARCOCCIA** (2005b). “Tradition épistolaire et médias numériques: du billet au courrier électronique”, A. Betten & M. Dannerer (ed.s.), *Dialogue Analysis IX – Dialogue in Literature and the Media Selected papers from the 9 th LADA Conference*, Salsburg 2003, Tübingen, Niemeyer, vol. 2, pp. 281-292.

LAN LI (2000a). “E mail style: rebelling against Standart English?”, *Australian Style*, 8/2, pp. 1-3, disponível em <http://www.shlrc.mq.edu.au/style/dec2000.htm>, consultado em 27 de Fevereiro de 2005

LAN LI (2000b). “E-mail: A challenge to standart English?”, *English Today*, 64 (16,4), pp. 23-29.

LATOUR, B. (1993). *La clef de Berlin et d'autres leçons d'un amateur de sciences*, Paris, La Découverte.

LAUREL, Brenda (1993). *Computer as a theater*, New-York, Allison & Wesley.

LAWLEV, Elizabeth Lane (1999). “The Sociology of Culture in Computer-Mediated Communication: An Initial Exploration”, <http://www.itcs.com/elawley/bourdieu.html>, consultado em 7 de Novembro de 2001.

LEA, M. (ed.) (1992). *Contexts of Computer-Mediated Communication*, New York: Harvester Wheatsheaf.

LEJEUNE, Philippe (2000). “*Cher écran ...*” *Journal personnel, ordinateur, internet*, Paris, Éditions du Seuil.

LETERRE, Thierry (1998a). “Il faut de tout pour faire le Net”, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/980508/tri980508.html>, consultado em 8 de Maio.

LETERRE, Thierry (1998b). “Ces mots qui s’en “mel””, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/multisauv/tribune/art/tri971114.html> consultado em 14 de Novembro 1999.

LETERRE, Thierry(1998c).“Les Rixes de l’Esprit”, le 6 mars 1998, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/980306/tri980306.html>

LETERRE, Thierry (1999). “Lettres Ouvertes”, le 4 juin, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/980306/tri980308.html>

LEVISALLES, Natalie (1999a). “L’Ordinateur a-t-il un sexe?”, le 16 avril, Levisalles, Natalie, “Pêlemail”, <http://www.liberation.com/multi/cahier/articles/sem99.03/cah990115a.html>, consultado em 8 de Fevereiro de 2000.

- LEVISALLES**, Natalie (1999b). “Pêl-mail”, <http://www.liberation.com/multi/cahier/articles/sem99.03/cah990115a.html>, consultado em 8 de Fevereiro de 2000.
- LEVY**, Pierre (1995). *Qu'est-ce que le virtuel?*, Paris, Éditions La Découverte.
- LICKLIDER**, J.C. R., Robert W. Taylor (1968). “The Computer as a Communication Device”, *Science and technology*.
- LUFF**, P., G.N. **GILBERT** e **FROHLICH** (dir.) (1990). *Computers and conversation*, London, Academic Press.
- LUND**, C. (1998). “The presence of others: voice, audience and e-mail”. disponível em <http://leahi.kcc.hawaii.edu/org/icon98/paper/lund.html>, consultado 14 de Junho de 1999.
- LUNDSTROM**, Phoenix (1995). “Synchronous Computer-Mediated Communication: Will Internet Talkers Improve the Communicative Competence of ESL/EFL Students?”, disponível em <http://FTP:ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/mesters/paper>, consultado em 20.11. 2004.
- LUZZATI**, D. (1991). “Oralité et interactivité dans un écrit Minitel”, *Langue Française* n°. 89, pp. 99-109.
- MABILLOT**, Vincent (2003). “Les proximités de l’interactivité”, *Communications & Langages*, n°. 138, Dezembro, pp. 105-128.
- MABRITO**, M. (1991). “Electronic mail as a vehicle for peer response: Conversations of high- and low-apprehensive writers”, *Written Communication*, Vol. 8, n°. 4, pp. 509-532.
- MAC LUHAN**, M. (1967). *La Galaxie Gutenberg face à l'ère électronique. Les civilisations de l'âge oral à l'imprimerie*, Paris, Mame.
- MAC LUHAN**, M. (1968a). *Message et massage*, Paris, Pauvert.
- MAC LUHAN**, M. (1968b). *Pour comprendre les médias*, Paris, Le Seuil.
- MAHO**, J. (1965). “Mass media, élèves et instituteurs à la campagne”, *Communications*, n° 5, pp. 94-99.
- MANGENOT**, François (1998). “Classification des apports d’Internet à l’apprentissage des Langues”, ALSIC - Apprentissage des Langues et systèmes d’Information et de Communication, vol. 1, n°. 2, pp. 133-146, <http://alsic-univ-fcomte.fr/Num2/mangenot/default.htm>, consultado em 4 de Junho de 2001
- MANGENOT**, François (2005). “Écriture collective par forum sur le Web: un nouveau genre d’écrit”, <http://www.interddisciplines.org/defispublicationweb/papers/3/version/original>, consultado em 4.10.2005.
- MARCOCCIA**, Michel (2000a). “Les Smileys: une représentation iconique des émotions dans la communication médiatisée par ordinateur”, C. PLANTIN, Marianne DOURY, e Véronique TRAVERSO (ed.s), *Les émotions dans les interactions communicatives*, Lyon, ARCI – Presses Universitaires

de Lyon, pp. 249-263.

MARCOCCIA, Michel (2000b). “Construction de la relation interpersonnelle dans la communication médiatisée par ordinateur”, disponível em http://www-sig.utt.fr/web_rech/idc/fiche.idc?Iname=194, consultado em 27 de Junho de 2001.

MARCOCCIA, Michel (2000c). “La représentation du non-verbal dans la communication écrite médiatisée par ordinateur, *Communication & Organization*, n.º. 18, pp. 265-274.

MARCOCCIA, Michel (2001). “Communication médiatisée par ordinateur: émergence du ‘cadre’ dans les échanges par messagerie et dans les forums de discussion” <http://w3-tech.univ-troyes.fr/ba>, consultado em 27 de Junho de 2001.

MARCOCCIA, Michel (2003a). “La communication médiatisée par ordinateur. Problèmes de genre et typologie”, *Journée d’Études: Les genres de l’Oral*, Université Lyon 2, 18.04.2003, disponível em http://icar.univ-lyon2.fr/Equipe1/actes/Journee_Genre/Marcoccia_CMC_genres.doc

MARCOCCIA, Michel (2003b). “La politesse dans les forums de discussion: règles externes, manifestations discursives et commentaires métacommunicatifs”, in M. BONDI, S. STATI (ed.s), *Dialogue Analysis 2000 – Selected Papers from the 10th IADA Anniversary Conference*, Bolonha 2000, Tübingen, Max Niemeyer, pp. 315-326.

MARCOCCIA, Michel (2003c). “Les communautés en paroles: l’apport de la sociolinguistique interactionnelle à l’étude des communautés virtuelles”, Université de Technologie de Troyes, 31 octobre.

MARCOCCIA, Michel (2004a). *Synthèse du Colloque. La Communication électronique. Approches Linguistiques et anthropologiques*, Maison des Sciences de l’Homme, Paris, 5 e 6 de Fevereiro 2004 (texto não publicado, apenas distribuído aos participantes).

MARCOCCIA, Michel (2004b). “L’analyse conversationnelle des forums de discussion : questionnements méthodologiques”, *Les Carnets du CEDISCOR*, n.º8, pp. 23-38.

MARCOCCIA, Michel, Nadia GAUDUCHEAU e Hassan ATIFI (2005). “Les manifestations des émotions dans les forums de discussion”, *Journée d’études Émotions et Interactions en ligne*, ICAR-ENS -LSH, Lyon, 17 mars 2005.

MARCOTTE, Jean-François (2001). “Interactions en Réseaux et Communautés Virtuelles”, *Actes du Colloque La Communication Médiatisée par Ordinateur: Un carrefour de problématiques*, Université de Sherbrooke, 15 e 16 mai 2001, <http://grm.uqam.ca/cmo2001/marcotte.html>, consultado em 22 de Abril de 2002.

MARTY, Nicole (2001). “Les textos, un danger pour l’orthographe?”, http://www.enseignants.com/mag/article.asp?num_r bq=3&num_art=571, consultado em 6 de Fevereiro de 2003.

MAURIAC, Laurent (1998a). “L’e-mail, Lettre Suprême”, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/980206/enq980206a.html>, consultado em 6 de Fevereiro de 2004.

MAURIAC, Laurent (1998b). “La Poste Défiée par l’E-Mail?”,

<http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/sem98.45/cah981030.html>, consultado em 30 de Outubro 2004.

MAURIAC, Laurent (1998c). “L'E-mail, Lettre Suprême”, <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/980206/enq980206a.html>, consultado em 19 Junho de 1999.

MCLUHAN, Marshall (1967). *La Galaxie Gutenberg Face à l'ère électronique*, Montréal, HMH.

MELANÇON, Benoît (1999a). “Affinités Express”, le 11 juin 1999

MELANÇON, Benoît (1999b). “Quelle différence avec la Lettre? Le Fétichisme”.

MENEZES, Inês (2002a). “Internet: Admirável mundo novo”, *Revista XIS Ideias para mudar* n.º. 178, 2 de Novembro, pp. 8-9.

MENEZES, Inês (2002b). “Internet: Uma nova patologia? *Revista XIS Ideias para mudar* n.º. 178, 2 de Novembro, pp. 12-13.

MERIDA, G. J. e **PREUDENT**, L. F. (1984). “...an langaj kréyol dimi-panaché...: interlecte et dynamique conversationnelle”, *Langages*, 74, juin, p. 31-46.

MERZ, M. (1998). “Nobody can force you when you are across the ocean – face to face and e-mail exchanges between theoretical physicists”, C. SMITH, J. AGAR (dir.), *Making Space for Science: territorial Themes in in the Shaping of Knowledge* (Science, Technology, Medicine in Modern History), London, Macmillan.

MILLERAND, Florence (2001). “Le courrier électronique: artefact cognitif et dispositif de communication”, *Actes du Colloque la Communication Médiatisée par ordinateur: un carrefour de problématiques*, Université de Sherbrooke, 15 et 16 mai 2001, <http://grm.uqam.ca/cmo2001/millerand.html>, consultado em 22 de Abril de 2002.

MITCHELL, William J. (1995). *City of Bits. Space, Place, and the Infobahn*, Cambridge e Londres, MIT Press.

MONDADA, Lorenza (1999). “Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion. Une approche conversationnelle de l'interaction sur Internet”, *ALSIC, Apprentissage des langues et des Systèmes d'Information et de Communication*, Vol. 2, n.º. 1, juin 1999, pp. 3-25, <http://alsic.u-strasbg.fr/num3/mondada/default.htm>, em 18 de Março de 2003.

MONDADA, Lorenza (2001). “Pour une linguistique Interactionnelle”, *Marges Linguistiques*, n.º. 1, Mai 2001, <http://www.marges-linguistiques.com>.

MONDADA, Lorenza, (1998). “Ressources Linguistiques et Accomplissement du tour de parole: Pour une Linguistique Interactionnelle”, Comunicação apresentada à *6th International Pragmatics Conference*, Reims, Jullho, não publicada.

MORAN, Charles e G. E. **HAWISHER** (1998). “The rhetorics and languages of electronic mail”, I. **SNYDER** (Ed.), *From page to screen. Taking Literacy into the Electronic Era*, Londres, Routledge, pp. 80-101.

- MOULARD**, Cécile (2005). *Mail connexion. La conversation planétaire*, Paris, Éditions Au Diable Vauvert.
- MOURLHON-DALLIES**, Florence e Jean-Yves **COLIN**, (1995). “Les Rituels énonciatifs des réseaux informatiques entre scientifiques”, *Les Carnets du CEDISCOR* 3, pp. 161-172.
- MOURLHON-DALLIES**, Florence e Jean-Yves **COLIN** (1999). “Des discalies sur l’Internet”, Jacques **ANIS** (dir.) *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermes Science Publications, pp. 13-31.
- MULGAN**, Geoff (1998). *Connexity*, London, Editions Vintage.
- MURRAY**, D. (1985). “Composition as conversation: The computer terminal as *medium* of communication”, ODELL, L. e D. GOSWAMI (eds.). *Writing in Nonacademic Settings*, New York, The Guilford Press, pp. 203-228.
- MURRAY**, D. (1987). “Computer-mediated communication as a tool for language learning”, *TESOL Newsletter*, Vol. 6, pp. 13-14.
- MURRAY**, D. (1988). “The context of oral and written language: A framework for mode and medium switching”, *Language in Society*, Vol. 17, pp. 351-73.
- MURRAY**, D. (1991). “The composing process for computer conversation”, *Written Communication*, Vol. 8, n.º. 1, pp. 35-55.
- MURRAY**, D. (1995). *Knowledge Machines: Language and Information in a Technological Society*, Harlow, Longman.
- NAGEL**, P. (1999). “E-mail in the virtual ESL/EFL classroom”, *The Internet TESL Journal*, Vol. 5, no. 7, <http://www.aitech.ac.jp/~iteslj/>, consultado em 21 de Novembro de 2003.
- NASCIMENTO**, Susana (2001). “Para uma Compreensão Sociológica das Identidades na CMC”, <http://www.bocc.ubi.pt>, em pdf, pp. 1-13.
- NEGRETTI**, R. (1999). “Web-based activities and SLA: A conversation analysis research approach”, *Language Learning and Technology*, Vol. 3, n.º. 1, pp. 75-87, <http://polyglot.cal.msu.edu/llt/vol3num1/negretti/default.html>.
- NEGROPONTE**, Nicholas (1993). *Being Digital*, New York, Alfred A. Knopf, *L’Homme Numérique*, Paris, Robert Lafont. (1995).
- NOBILE**, Nicolás (2000). “Escritura electrónica y nuevas formas de subjetividad”, <http://www.hipersociologia.org.ar/papers/Nobilesp.html>, consultado em 16 de Maio de 2001.
- NOBLIA**, Maria Valentina (1998). “The Computer-Mediated Communication, A New Way of Understanding The Language”, <http://www.sosig.ac.uk/iriss/papers/paper22.htm>, consultado em 12 de Setembro de 2001.
- OLIVEIRA**, José Manuel Paquete (1998). Prefácio à obra de Gustavo Cardoso *Para uma Sociologia do Ciberespaço. Comunidades Virtuais em Português*, Oeiras, Celta Editora.

- ONG, W. (1982). *Orality and literacy: The Technologizing of the Word*. London, Methuen.
- PAGE, Marie (2000). *L'e-mail futé, guide du parfait utilisateur*, Paris, Éditions d'Organisation.
- PANCKHURST, Rachel (1997). "La Communication 'médiatisée' par ordinateur ou la communication 'médiée' par ordinateur?", *Terminologies Nouvelles* n°. 17, décembre, pp. 56-58.
- PANCKHURST, Rachel (1998a). "Analyse Linguistique du Courrier Électronique", *Communication, Société et Internet, Actes du Colloque GRESICO* (Groupe de Recherches Société Information et Communication de l'Ouest), Université de Bretagne-Sud, 10 et 11 septembre, Paris, l'Harmattan, pp. 48-60.
- PANCKHURST, Rachel (1998b). "Marques typiques et ratages en communication médiée par ordinateur", Nicolas GUEGUEN e Laurence TOBIN (ed.s), *Communication, société et internet, Le Gresico – Groupe de Recherche Société, Information et Communication de l'Ouest*, Université de Caen, pp. 31-43.
- PANCKHURST, Rachel (1999). "Analyse linguistique assistée par ordinateur u courriel", Jacques Anis (dir.), *Internet, communication et langue française*, Paris, Hermes Science Publications, pp. 55-71.
- PARKS, Marcolin R. (1996). "Making Friends in Cyberspace", *Journal of Computer Communication*, 1 (4), <http://jcmc.indiana.edu/vol1/issue4/parks.html>, em 12 de Maio de 2005.
- PATTERSON, Katharine (1997). "Designing an Epistolary Corpus on Victorian Women Writer's Letters: Challenges and Opportunities", <http://www.chass.utoronto.ca/epc/chwp/patter/>, consultado em 21 de Outubro de 2003.
- PATTERSON, Katharine (1999). "The Anna Jameson and Her Friends Database": Mapping Anna Jameson's Associative Links with the Victorian Intellectual Community", <http://www.chass.utoronto.ca/epc/chwp/patterson>, consultado em 27 de Junho de 2001.
- PENICAUT, Nicole (1998). "Courrier Électronique: les nouvelles Lettres de Madame de Sévigné", <http://www.liberation.fr/multi/cahier/articles/981026/art981029b.html>.
- PINTO, Casimiro (2004). "A comunicação Mediada por Computador. O exemplo do IRC", *Revista Textos de la Cibersociedad*, 6, <http://www.cibersociedad.net>, consultado em 12 de Janeiro de 2005.
- PISTIOLESI, Elena (2000). "Strategie di simulazione del parlato nello scambio dialogico delle chat", <http://www.uniduisburg.de/FB3/SILFI/SILFI2000/abstracts/papers/Pistolesi.html>, consultado em 14 de Fevereiro de 2004.
- POMBO, Olga, António GUERREIRO e António Franco ALEXANDRE (ed.) (2006). *Enciclopédia e Hipertexto*, Lisboa, Edições Duarte Reis.
- PORTILLO, E e J. HARTZA, (2001). "Los sujetos ante el mundo digital", *Archipiélago*, 23, pp. 21-26.
- POSTEGUILLO, Santiago (2003). *Netlinguistics, Language, Discourse and Ideology in Internet*, Castelló de la Plana, Universitat Jaume I.

- PRADO COELHO**, Eduardo (2002). “SMS, O Fio do Horizonte”, Espaço Público, *Jornal Público* 12 de Junho, p.5
- PROULX**, Serge e Guillaume **LATZKO-TOTH** (1999). “La Virtualité comme catégorie pour penser le Social: L’Usage de la notion de Communauté Virtuelle”, *Sociologie et Sociétés* Vol. XXXII.2, pp. 99-122.
- RABANAL**, Rodrigo (2000). “El género epistolar electrónico”, <http://www.lanacion.com.a/00/05/18/003.htm>, consultado em 14 de Fevereiro de 2004.
- RAPP**, Lucien (1998). *Le Courier électronique*, Paris, Presses Universitaires de France.
- RICE**, R. E. e **LOVE**, G. (1983). “Electronic message systems in the university: A description of use and utility”, *Journal of Communication* 33 (1), pp. 131-152.
- RICE**, R. E. e **LOVE**, G. (1987). “Electronic love: Socioemotional content in a compute-mediated communication network”, *Communication Research* 14, pp. 85-108.
- RICHAUDEAU**, François (2001). “Des langages par e-mails incorrects ou fonctionnels? Une mode ou l’avenir?”, *Communication & Langages* n.º. 130, décembre, pp.14-29.
- RIPA**, Yannick (2003). “Laissez parler les petits papiers”, le 3 avril, <http://www.liberation.fr/imprimer.php?Article=100709>, consultado em 8 de Abril de 2003.
- RODRIGUES**, Félix Augusto (2002). “A Brief Genre-Based Study of Electronic Mail”, http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2nac_sum.html
- ROSSETTI**, P. (1998). “Gender differences in e-mail communication”, *The Internet TESL Journal*, Vol. 4, n.º. 7, <http://www.aitech.ac.jp/~iteslj>, consultado em 19 de Outubro de 2003.
- ROWSTON**, Kevin e Marie **WILLIAMS** (2000). “Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide Web. *The Information Society*, 2000, vol. 16, n.º. 3, pp. 201-216, <http://crowston.syr.edu/papers/genres-journal.html>
- SAINT-PIERRE**, Madeleine (1998). “Une Approche Pragmatique-Cognitive de l’Interaction Personne/Système Informatisé”, *ALUSIC*, Vol. 1, n.º 1, pp. 27-36, <http://alsic.u-strasb.fr/Num1/stpierre/default.htm/eading1>, consultado em 5 de Fevereiro de 2002.
- SCHIELDS**, R. (edit.). (1996). *Cultures of Internet. Virtual Spaces, Real Histories, Living Bodies*, London, Sage Publications.
- SCHLIEBEN-LANGE**, Brigitte (1998). “Les hypercorrectismes de la scripturalité”, *Cahiers de Linguistique Française: Le Discours Écrit: Qualité(s), Spécificités et Acquisitions, Actes du VIIème Colloque de Pragmatique*, Genève Faculté de Lettres, Université de Genève, pp. 255-273.
- SCHÖNBERGER**, Klaus (1999). “Courier électronique et environnement privé”, <http://barthes.ens.fr/cvolloque99/schonberger.html>, consultado em 12 de Junho de 2001.
- SEARA**, Isabel Roboredo (2003). “Oral features in an electronic epistolary corpus”, First International Conference on Internet and language, Santiago Posteguillo, Elena Ortells, José Ramón, Alicia Bolaños & Amparo Alcina (Ed.s), *Internet in linguistics, translation and literary studies*,

Castelló, Universitat Jaume I, pp. 303-325.

SHEPHERD, Michael e Carolyn **WATTERS** (1998). “The evolution of cybergenres”, *Proceedings of the Thirty-First Annual Hawaii International Conference on System Sciences* (HICSS '98), vol.II, pp. 97-109.

SNYDER, I. (1996). *Hypertext: The Electronic Labyrinth*. New York, New York University Press.

SNYDER, I. (1998). *From page to screen: Taking Literacy into the Electronic Age*. London, Routledge.

SORIANO, Paul (2002). “Écrivez-lui!”

http://www.fondationlaposte.org/article_format_texte.cfm, consultado em 23.11.2002.

SOUZA, Ricardo Augusto de (2000). O “chat em língua inglesa: interações na fronteira da oralidade e da escrita”, *Dissertação de mestrado*, Faculdade de Letras da Universidade Federal Minas Gerais, <http://www.lettras.ufmg.br/vera/htm>, consultado em 22 de Abril de 2002.

STANDAGE, Tom (1999). *The Victorian Internet*, New Haven, Phoenix Press.

STANDFORDT, P. (1999). “Getting the message”, *The Sunday Times*, 4.07.1999, Culture.

STRENSKI, Helen (1995). “Electronic Epistolarity: E-Mail as Gift Exchange”, Comunicação apresentada no Fourth Annual Cultural Studies Symposium, Kansas University, Manhattan KS on “Western Humanities, Pedagogy & The Public Sphere”, March 11., <http://eee.uci.edu/facultt/strenski/kansas.html>, consultado em 27 de Junho de 2002.

SULER, John (1998). “E-mail communication and relationships”,

<http://www.rider.edu/suler/psyber/psyber.html>, consultado em 18 de Dezembro de 2003.

TORRES i VILATARSANA, Marta (1999). “Els xats: entre l’oralitat i l’escriptura”, *Els Marges* n.º. 65, pp.113-126, <http://www.ub.es/lincat/marta.torres/articles/art-emot.html>, consultado em 22 de Fevereiro de 2002

TORRES i VILATARSANA, Marta (2001a). “L’Analyse du discours Médiatisé par Ordinateur: L’apport de la Linguistique à la Société de l’Information”, *Actes du Colloque La Communication Médiatisée par Ordinateur: Un carrefour de problématiques*, Université de Sherbrooke, 15 e 16 mai 2001. <http://gm.uqam.ca/cmo2001/torres.html>, consultado em 22 de Fevereiro de 2002.

TORRES i VILATARSANA, Marta (2001b). “Funciones pragmáticas de los emoticonos en la comunicación mediatizada por ordenador”, *Textos de la Cibersociedade*, <http://cibersociedad.rediris.es/torres/pragma.html>, consultado em 6 de Fevereiro de 2003.

TOUSSAINT, Yves (1992). “La parole électronique”, *Esprit*, novembre, pp. 127-140.

TURKLE, Sherry (1989). *O segundo eu: os computadores e o espírito humano*, Lisboa, Editorial Presença.

TURKLE, Sherry (1995). *Life on the Screen. Identity in the Age of Internet*. New York, Simon & Schuster.

TURKLE, Sherry (1997). *A vida no ecrã: a identidade na era da Internet*, Lisboa: Relógio de Água.

VAN DIJK, T. A., *Bibliography Discourse Analysis of News in The Media*, <http://www.hum.uva.nl/teun/news-dis.htm>, consultado em 3 de Julho de 2001.

- VANDERDORPE**, Christian (1999). *Du papyrus à L'Hypertexte: Essai sur les mutations du texte et de la lecture*, Paris, La Découverte.
- VELKOVSKA**, Julia (2002). “Converser par écrit. Écriture électronique et formes de relation dans les webchats”, disponível em <http://www.jm.u-psud.fr/~adis/rubriques/p/jdoctic/velkovsk.pdf>
- VELKOVSKA**, Julia (2004). *Les formes de la sociabilité électronique: Une sociologie des activités d'écriture sur Internet*, thèse soutenue à l'EHESS. Paris, École de Hautes Études en Sciences Sociales.
- VIOLI**, Patrizia (1996). “Electronic dialogue between orality and literacy. A semiotic approach”, Trodheim, Institutt for Anvendt Sprakvitenskap, <http://www.hf.ntnu.no/anv/avs696/Articles/prague7Praga.html>, consultado em 14.10.2001.
- VIRILIO**, Paul (1995). *La vitesse de libération*, Paris, Galilée.
- WERRY**, Christopher C. (1996). “Linguistic and Interactional Features of Internet Relay Chat”, *Computer Mediated Communication, Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives*, Susan C. HERRING, Amsterdam /Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 47-63.
- WETHEREL**, Margaret, Stephanie **TAYLOR** & Simeon J. **YATES** (eds), *Discourse as Data: A guide for analysis*, London, Sage/The Open University
- WIENER**, Norbert (1954). *Cybernétique et Société*, Paris, UGE.
- WILKINS**, H. (1991). “Computer talk: Long-distance conversations by computer”, *Written Communication*, Vol. 8, n.º. 1, pp. 56-78.
- WILSON**, Andrew (1993). “A pragmatic device in electronic communication”, *Journal of Pragmatics*, vol. 19, n.º. 4, Abril 1993, Amsterdam, North Holland, pp. 389-393.
- WOLTON**, D. (1999). *Internet et après? Une théorie critique des nouveaux médias*, Paris, Flammarion.
- YATES**, Simeon J. (2000). “Computer-Mediated Communication- The futur of the letter?”, D. BARTON & N. HALL (eds), *Letter writing as a social practice*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 233-251.
- YATES**, Simeon J. (2000). “Researching Internet Interaction: Sociolinguistics and Corpus analysis”, Margaret WETHEREL, Stephanie TAYLOR & Simeon J. YATES (eds), *Discourse as Data: A guide for analysis*, London, Sage/The Open University, pp. 93-146.
- YONGYAN**, Li (2000). “Surfing e-mails”, *English Today* 16:4, pp. 30-40.
- YUS**, Francisco (2001). *Ciberpragmática, El uso del lenguaje en Internet*, Barcelona, Editorial Ariel.
- ZIV**, O. e (1996). “Writing to work: How using e-mail can reflected technological and organizational change”, S. HERRING (ed.), *Computer-Mediated Communication. Linguistic, Social and Cross Cultural Perspectives*, Amsterdam, John Benjamins, pp. 243-264.